HISTORIA
DE
PORTUGAL
RESTAURADO,

OFFERECIDA
AO ILLUST.mo E EXCELLENT.mo SENHOR

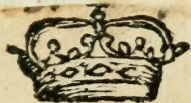
D. JOSEPH MASCARENHAS,

DO CONSELHO DE SUA MAGESTADE, SEU MORDOMO MOR, Presidente do Desembargo do Paço, IV. Marquez de Gouvea, VIII. Conde de Santa Cruz, XI. Senhor das Villas de Lavre, Estepa, Santa Cruz, e Lagens, Senhor das Ilhas de Santo Antaõ, Flores, e Corvo com todas as suas jurisdicçoens, Alcaide mòr dos Castellos, e Villas de Mertola, Monte mór o novo, Grandola, e Alcarcere do Sal, Commendador nas Ordens de Christo, e Santiago, &c.

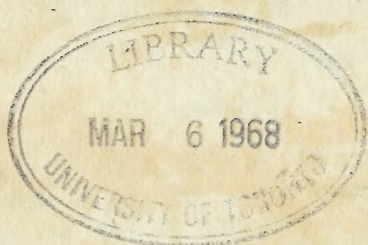
ESCRITA POR

D. LUIZ DE MENEZES,

CONDE DA ERICEIRA, DO CONSELHO DE ESTADO DE SUA Magestade, seu Vedor da Fazenda, e Governador das Armas da Provincia de Traz os Montes, &c.

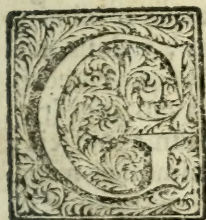
PARTE PRIMEIRA.
TOMO II.

LISBOA,

Na Officina de DOMINGOS RODRIGUES, aos Anjos.

MDCCLI.
Com todas as licenças necessarias.
A custa de Luiz de Moraes, Mercador de Livros, morador á Praça da Palha.

Anno 1643.

HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO

LIVRO VII.

SUMMARIO

OVERNA D. Joaõ de Sousa de Traz os Montes: entra em Galiza; destroe muitos lugares. Governa a Beira segunda vez D. Alvaro de Abranches: queima alguns lugares. Noticia da ruina do Conde Duque. Prizaõ de D. Pedro Bonete, effeito della. Morte de Francisco de Lucena. Manda ElRey sahir Armada a correr a costa, torna a recolherse com pouco effeito. Passaõ Ministros ao Congresso de Munster. Noticia das embaixadas. Restaurase o Maranhaõ. Perdese Angola. Varios encontros de Ceilaõ com os Holandezes, que remataõ felicemente. Ajuntase o ex-

Anno 1643.

ercito em Alentejo. Ganha Mathias de Albuquerque Montijo. Retiraſe, e no campo daquella Villa o buſca o Barað de Molinguen com o exercito de Caſtella. Daſe batalha: perdem-na os Caſtelhanos. Encontros varios depois da batalha. Junta hum grande exercito o Marquez de Torrecuſſa. Sitia Elvas: defende a Mathias de Albuquerque com grande valor: retiraſe o exercito de Caſtella.

Succeſſos de Traz os Montes que governa D. Joað de Souſa.

NOMEOU ElRey por Governador das Armas da Provincia de Traz os Montes a D. Joaõ de Souſa da Silveira, que com grande opiniaõ exercitava em Alentejo o Poſto de Meſtre de Campo. Entregoulhe a Provincia Rodrigo de Figueiredo de Alarcaõ, que ElRey chamou a Lisboa por injuſtas queixas que os Povos daquella Provincia lhe fizeraõ do procedimento de ſeus irmãos: porque ainda que com algumas circunſtancias excedéraõ a regularidade conveniente, naõ foraõ os exceſſos de qualidade, que mereceſſem taõ aſpera demonſtraçaõ, como tirar ElRey o poſto a Rodrigo de Figueiredo, merecendo o ſeu zelo, e valor differente recompenſa. Tanto que D. Joaõ de Souſa chegou a Villa Real, primeiro, e viſtoſo Lugar daquella Provincia, teve aviſo de Chaves que o inimigo ajuntava em Monte-Rey doze mil Infantes, e dous mil Cavallos com intento de attacar aquella Praça. Pareceolhe que era encarecimento dos que receavaõ o golpe: porém repetindoſe por varias partes a meſma noticia; partio para Chaves, entrou na Praça, e animou os moradores, que eſtavaõ com grande receyo do perigo que os ameaçava. Mandou logo tomar lingua, e conſtou da confiſſaõ de alguns priſioneiros, que as Tropas eſtavaõ juntas, e a Infantaria marchava de todas as partes. Com eſta noticia chamou D. Joaõ algumas Companhias da Ordenança; guarneceo, e preparou a Praça o melhor que lhe foy poſſivel: e o inimigo conſtandolhe deſta prevençaõ, ſuſpendeo a entrada. D. Joaõ de Souſa antes de ſaber que ſe havia deſvanecido, como o inimigo ameaçava

çava todos os lugares da fronteira, mandou correllos, e prevenillos por ſeu filho D. Manoel de Souſa, aſſiſtido do Sargento mór Aſcenſo Alvares Barreto ſoldado de conhecida reputaçaõ. Fizeraõ elles toda a diligencia por guarnecer os lugares mais perigoſos, e voltáraõ para Chaves. D. Joaõ querendo averiguar a cauſa do inimigo ſuſpender a entrada, mandou tomar lingua, e para facilitar eſte intento, deu 300 Infantes, e 50 Cavallos a Aſcenſo Alvares Barreto, e a D. Manoel de Souſa, com ordem que ſe emboſcaſſem no lugar de Villarelho, deſtruido na Raya pelo inimigo, que adiantaſſem os 50 Cavallos a hum mato viſinho da Atalaya do Torraõ, aonde todos os dias vinha huma Tropa a deſcobrir a campanha. Correſpondeo o ſuceſſo á diſpoſiçaõ, porque chegando a Tropa com pouca cautella, a carregáraõ os 50 Cavallos, e lhe tomáraõ 23. Conſtou dos ſoldados priſioneiros, que o poder que ſe havia unido era menor do que ſe publicára, e que ja eſtava dividido. Com eſta noticia determinou D. Joaõ executar a ordem que ElRey lhe tinha mandado, de entrar em Galiza para diverſaõ dos progreſſos de Alentejo: e com eſte intento paſſou a Bragança, e com o mayor ſegredo, que lhe foy poſſivel, ajuntou 800 Infantes, e 60 Cavallos, e marchou contra o Lugar de Pedralva, cinco leguas de Bragança, e ſendo ſentidos, ſe recolhéraõ os Galegos a hum reducto de faxina, que haviaõ levantado fóra do Lugar: porém naõ ſe dando por ſeguros nelle, ſe retiráraõ a outro de pedra, e cal, que tinhaõ dentro da Villa no adro da Igreja, a que ſe atacava a fortificaçaõ. D. Joaõ de Souſa repartio a Infantaria em tres Corpos, e quando marchava para o aſſalto ao reducto, appareceo alguma gente do inimigo, que havia ſahido a ſoccorrer Pedralva da Puebla de Senabria, huma legua diſtante, que ſervia de Praça de Armas. Ordenou D. Joaõ que marchaſſem a ſe oppor a eſta gente duas Companhias de Infantaria, e os 60 Cavallos, e com o reſto do poder continuou a empreza, entregando a execuçaõ della a Affonſo Alvares. Inveſtíraõ os ſoldados o reducto, e animoſamente o entráraõ. Os defenſores, deixando 40 mortos, ſe retiráraõ á Igreja,

Anno 1643.

Aſcenſo Alvares, e D. Manoel de Souſa derrotaõ hũa Tropa.

Ganha ... de ... Pedralva.

Anno 1643.

ja, e das freſtas della ferîraõ alguns ſoldados noſſos. Eſtimulados os mais deſte damno avançáraõ a porta, e entendendo os de dentro que a levavaõ, ſe rendêraõ 160 que a defendiaõ. Os da Puebla ſe retiráraõ ſem intentar o ſoccorro, e D. Joaõ mandou ſaquear, e queimar Pedralva; e depois de arruinados os reductos, ſe retirou para Bragança. Dentro de poucos dias paſſou a Miranda, nove leguas diſtante, para ver aquella Cidade, e acodir ao reparo della. Logo que chegou, teve noticia que o inimigo ſahira de Monte-Rey, e marchava para entre Douro, e Minho com 15 Companhias de Infantaria, e 400 Cavallos, para que unindo o poder de hum, e outro partido, ſe intentaſſe recuperar Salvaterra, que o Conde de Caſtello Melhor havia ganhado. Tanto que chegou eſte aviſo, paſſou D. Joaõ para Chaves, e paſſou ordens a todos os Capitães móres dos lugares viſinhos, para que ſe achaſſem naquella Praça com a gente que eſtava á ſua ordem. Accodîraõ ſó 800 homens de Mirandela, e 2000 do Conſelho de Barroſo. Com eſtes, e 500 Infantes pagos, 140 Cavallos, e duas peças de artilharia, entrou D. Joaõ de Souſa em Galiza pelo lugar de Meixedo, e avançou a Cavallaria a huma ſerra da outra parte do Valle de Salas, ſitio accommodado para obſervar todos os movimentos do inimigo. Feita eſta diligencia, entrou D. Joaõ com a Infantaria no Valle de Salas taõ fertil, e povoado, que em ſete leguas de terra que ſe contaõ de Meixedo a Monte Rey, havia mais de 40 lugares, que D. Joaõ deſtruhio, e ſaqueou, e ainda que alguns ſe defenderaõ, foraõ entrados á cuſta das vidas de 15 ſoldados noſſos, e muitas dos inimigos. Tres dias ſe deteve D. Joaõ, no fim delles ſe retirou para Chaves á viſta de Monte-Rey com a mayor preza, e o mayor deſpojo, que até aquelle tempo havia entrado em Portugal. Os Galegos tanto que ſouberaõ, que D. Joaõ havia chegado ao Valle de Salas, chamáraõ o ſoccorro que haviaõ mandado a Entre Douro, e Minho, e unidas as Tropas pagas á gente da Ordenança, entràraõ nos campos de Chaves. Chegou eſte aviſo a D. Joaõ de Souſa a tempo que tendo deſpedido a gente que havia convoca-

Entra em Galiza, e deſtroe muitos lugares.

do,

do, senaõ achava mais que com 400 Infantes, e 40 Cavallos. Mandou ao Tenente Manoel Peixoto de Azevedo com os 40 Cavallos a reconhecer o inimigo. Empenhouse elle de sorte nesta diligencia, que quando se quiz retirar, achou que estava cortado das Tropas Castelhanas. Reconhecendo o perigo, se resolveo valerosamente a salvar a Tropa, ou perderse pelejando. Com este generoso intento exhortou aos soldados, e achando em todos igual determinaçaõ, cerràraõ de sorte a Tropa, que parecendo todos hum só Corpo, logràraõ o privilegio da virtude unida. Romperaõ pelos inimigos às cutiladas, e pistoletaços, e perdendo só quatro soldados, à custa de muitas vidas, se retiràraõ a Chaves. O inimigo queimou oito lugares, os mais delles destruidos, tornando-os a povoar poucos moradores pelos interesses de alguns frutos. D. Joaõ de Sousa, naõ querendo que a ultima acçaõ fosse do inimigo, chamou com apertadas ordens a gente da Ordenança: porèm foy taõ mal obedecido, que donde esperava 2000 homens, lhe naõ vieraõ cento, dando os Povos por desculpa, que naõ podiaõ pagar decimas, e assistir na guerra. Com a noticia desta desordem se valeo o inimigo della: entrou sem opposiçaõ pela parte de Monte Alegre, queimou alguns lugares, e retirouse com grande preza. O mesmo fez outro Troço pela parte de Bragança, mas em huma, e outra entrada perdeo muitos soldados que matàraõ os lavradores, defendendo as familias, e as casas. Vendo D. Joaõ de Sousa a Provincia taõ opprimida, determinou recompensar com igual damno dos Lugares do inimigo, o que os nossos padediaõ. Mandou Ascenso Alvares Barreto com 600 Infantes, e 200 Cavallos a queimar o Lugar de Lubiaõ, cinco leguas da Raya. Estavaõ alojadas nelle sete Companhias pagas: porem naõ lhe valendo a resistencia, foy o lugar entrado, e saqueado, sinalandose D. Manoel de Sousa nestas, e nas mais emprezas com particular valor. Deste lugar passaraõ a outros cinco, que tambem entràraõ, e retiràraõse sem avistarem as Tropas inimigas. Dava grande cuidado a D. Joaõ de Sousa a repugnancia que os Povos mostravaõ de

Anno 1643.

Retirada valerosa de Manoel Peixoto.

Entradas do inimigo com bõ successo.

Satisfação que D. João tomou dos Galegos.

Anno 1643.

accodir às occasioens que se offereciaõ, cançados do continuo exercicio da guerra: porém resolveose a naõ apertar com elles, considerando o muito que padeciaõ, que podia ser mais perigoso em huma Provincia aberta o seu enfado, que util o seu castigo. E para que de todo naõ ficasse sem recompensa o damno que o inimigo occasionava àquella Provincia, ordenou a todos os Capitães móres que elegessem nos seus districtos Capitães, e que entregasse a cada hum delles 50 mosqueteiros, com os quaes pudessem entrar em Castella, ora unidos, ora separados, todas as vezes que lhes parecesse conveniente; e que toda a preza, que trouxessem, lhes concedia ElRey livre para a repartirem entre si igualmente. Esta disposiçaõ foy muito util; porque em varias partes daquella fronteira recebeo o inimigo grande damno: porèm naõ se deve imitar este exemplo, podendo bastar qualquer attençaõ dos contrarios para destruir corpos taõ distinctos, e mal disciplinados, que leva a embiçaõ da preza a perigos que ignora por falta de experiencia da guerra, que forçosamente padecem os que a naõ tem por officio. Acabouse em Traz os Montes a deste anno com huma entrada que fez D. Manoel de Sousa com 300 Infantes, e 30 Cavallos: queimou hum lugar rico de 160 visinhos com morte de 70, e retirouse pondo fogo a algumas Aldeas. E naõ pareça excesso o que se tem referido, e referirà ao diante das Provincias de Traz os Montes, e Entre Douro, e Minho dos muitos lugares que de huma, e outra parte se destruhiaõ: porque a abundancia destas Provincias he de qualidade, que raras vezes se acha valle nem monte que naõ tenha cultura, ou povoaçaõ, e muitos destes Lugares se destruhiaõ, e logo se tornavaõ a povoar, cobrindose a pouco custo as paredes que se naõ arruinavaõ, porque era mais facil aos moradores exporemse a segunda, e terceira desgraça, que deixarem de fabricar as terras, que lhe serviaõ de unico alimento.

A instancia dos Povos da Provincia da Beira nomeou ElRey segunda vez a D. Alvaro de Abranches por Governador das Armas della. Nos primeiros dias de Abril

che-

chegou a Coimbra, onde comprou alguns cavallos para remonta das Tropas, e passou logo a visitar todas as Praças, procurando que ficassem bastecidas o melhor que era possivel. Dilatouse nesta occupaçaõ até o mez de Julho, e neste tempo lhe chegou a ordem delRey, que se repartio por todas as Provincias, para entrar em Castella com o mayor poder que lhe fosse possivel. Prevenio mil Infantes, e cem Cavallos, publicando que os mandava de soccorro ao exercito de Alentejo, e entregou esta gente ao Tenente de Mestre de Campo General Fernaõ Telles Cotaõ com todas as prevençoens necessarias para huma interpreza. Deolhe ordem que marchasse, com o mayor silencio que lhe fosse possivel, a attacar a Villa de Alcantara situada junto do Tejo da outra parte do rio, sendo preciso passarse a ella por huma grande ponte, que o inimigo havia fortificado. Partio Fernaõ Telles da Guarda, e seguio-o D. Alvaro com 2000 Infantes, e 300 Cavallos. Fernaõ Telles foy alojar a Penamacor, chegou a Proença, e depois de passar o rio Touroens, vadeou o Elges, por levar pequena corrente. Tanto que cerrou a noite, tendo andado algumas leguas por dentro de Castella, erráraõ as guias o caminho, e quando amanheceo se acháraõ muito distantes de Alcantara. Vendo desvanecida a interpreza, foraõ de parecer os Capitaens, que se destruissem alguns lugares abertos do inimigo. Naõ se accomodou Fernaõ Telles com esta opiniaõ, e retirouse para Salvaterra. D. Alvaro, que se havia adiantado da gente que levava, com 400 Infantes, e 200 Cavallos para esforçar a empreza de Alcantara, tendo aviso do máo successo de Fernaõ Telles, se resolveo a incorporar toda a gente, e entrar com ella a queimar alguns lugares. Assim o executou em Pedralvas, e Estronilhos. Chegou á vista de Alcantara, e vendo que lhe naõ era possivel attacar a fortificaçaõ da ponte, porque pedia mayores prevençoens, e mayor dilaçaõ da que permittiaõ as poucas muniçoens, e mantimentos que levava se retirou, custandolhe muito trabalho deter a furia dos soldados, que determinavaõ investir sem ordem a fortificaçaõ da ponte. No caminho castigou rigorosamente os moradores de Pedralvas

Anno 1643.

Successos da Beira, que torna a governar D. Alvaro de Abranches.

Desvanecese a interpreza de Alcantara.

Anno 1643.

dralvas por haverem morto quatro soldados nossos a sangue frio. Alojou em Segura, passou a Monsanto; e poucas horas depois de chegado, teve noticia que o inimigo havia entrado pelo termo do Sabugal, mas com pouco effeito. Querendo satisfazerse, mandou Bernardo Pereira Governador de Monsanto com 300 Infantes, e 60 Cavallos a interprender o Castello de Payo. Marchou elle por Naves-Frias sem ser sentido, mas chegou a Payo depois de amanhecer: saqueou, e queimou o lugar, e parecendolhe impraticavel investir o Castello, havendo o inimigo ganhado muitas horas para se prevenir, resolveo retirarse; porém com pouco acordo mudou de opiniaõ, e mandou aos soldados arrimar as escadas que traziaõ ao Castello. Obedecéraõ elles, mas com taõ máo successo, que sendo rechaçados se retiráraõ, deixando-as arrimadas. Recolheose Bernardo Pereira trazendo alguns feridos sem poder remediar esta desordem. Neste tempo teve D. Alvaro noticia que o inimigo fabricava hum grande alojamento no Castello de Alvergaria, hum dos melhores daquelle districto. Deliberouse a intentar a conquista do Castello, ajuntou 6000 Infantes, 400 Cavallos, e duas peças de artilharia, e com este poder sahio do lugar da Nave a 29 de Agosto, antes de cerrar a noite. Quando amanheceo chegou a Alvergaria; entrou na Villa, que era de 300 visinhos com pouca resistencia, e por dentro das casas chegáraõ os soldados junto do Castello. Estava tambem guarnecido, que os Castelhanos naõ quizeraõ cerrar as portas, por mostrar que desprezavaõ o assalto. Jugáraõ as duas peças contra a muralha com pouco effeito, respondiaõ os Castelhanos com sete; atirava de huma, e outra parte a mosquetaria, e vendo hum Capitaõ Francez chamado Mongroy que era sem fim continuar daquella sorte o attaque, se deliberou a investir a porta do Castello que estava aberta. Acompanharaõ-no alguns soldados, e a quasi todos, entrando nelles Mongroy, custou a vida a resoluçaõ. D. Alvaro, reconhecendo que fora intempestivo o empenho que havia tomado sem levar as prevençoens necessarias, se resolveo a se retirar: repugnaraõ-no os Officiaes, e gente nobre da Pro-

Entra D. Alvaro em Alvergaria.

Provincia, offerecendose a dar o assalto ao Castello. D. Alvaro, tendo por impossivel conseguir a empreza, se retirou, depois de obrigar algumas Tropas do inimigo que marchavaõ de soccorro ao Castello, a fazerem o mesmo. Aquartelouse em Alfayates com a gente que levava, e entendendo que o inimigo podia fazer alguma entrada, a deteve 20 dias; porém a mais della se licenciou por falta de mantimentos. Pouco tempo depois do máo successo desta jornada, mandou D. Alvaro de Abranches a Lourenço da Costa Mimoso com 400 Infantes, e 80 Cavallos a correr a campanha de Alcantara. Aguardava-o o inimigo com mayor poder: retirouse, chegandolhe a tempo esta noticia de o poder executar. Na mesma noite que chegou, o mandou D. Alvaro queimar Moralejo, Lugar de 200 visinhos, duas leguas da Cidade de Coria, e cinco de Salvaterra. Marchou Lourenço da Costa por entre Salvaterra, e Penagarcia: entrou-o, e queimou-o, e retirandose com grande despojo, achou no caminho 300 Infantes, e 80 Cavallos do inimigo, que o esperavaõ; pelejou com elles, e obrigou-os a se retirarem com morte de alguns soldados. No mesmo tempo entrou em Castella Popolinier Francez de naçaõ Commissario da Cavallaria com cem Cavallos, e 50 Dragoens pela parte de Ribacoa: queimou seis lugares abertos, e retirouse com grande preza. O inimigo, sabendo que D. Alvaro estava em Almeida com pouco poder, veyo correr aquella campanha com 200 Cavallos: sahio D. Alvaro acompanhondo-o 60, e alguma Infantaria, e obrigou os Castelhanos a se retirarem. Passados estes pequenos encontros, veyo ordem delRey a D. Alvaro para que marchasse a Alentejo a se unir ao exercito que entrou em Castella aquelle Outono. Ajuntou D. Alvaro de Abranches para este effeito mil Infantes pagos, mil da Ordenança, e 300 Cavallos, e sahio de Alfayates, deixando nas Praças a guarniçaõ da gente da Ordenança, que lhe foy possivel unir. Chegando ao Sabugal, onde determinava nomear quem ficasse em sua ausencia governando aquella Provincia; teve aviso, que chegára a Freixo de Espada á cinta hum Clerigo Portuguez, que affir-

Anno 1643.

Retirase da expugnaçaõ do Castello.

Queimase Moralejo, e outros successos.

Anno 1643.

affirmava, se prevenia o Duque de Alva para attacar Almeida, tanto que elle sahisse da Provincia: verificouse por outras vias esta noticia, e pareceolhe a D. Alvaro bastante motivo para desistir da jornada de Alentejo. Voltou para Villar Mayor, e o inimigo com este aviso despedio a gente da Ordenança que juntára; mas com algumas Tropas pagas entrou em Portugal, e retirandose com grande preza. Seguio a retaguarda o Mestre de Campo D. Sancho Manoel (que havia chegado de Lisboa livre das calumnias que lhe embaraçavaõ a assistencia do seu posto) tirou a preza aos Castelhanos, e fez retirar as Tropas com algum damno. Sem outro successo digno de memoria se passou na Provincia da Beira até o fim de Novembro. E como neste tempo, depois de rendida Villa-Nova del Fresno, se havia retirado o nosso exercito, mandou o Conde de Santo Estevaõ 1500 Infantes, e 300 Cavallos á ordem do Duque de Alva, desejando que por aquella Provincia, como mais aberta, se conseguisse alguma facçaõ de importancia. Chegou este aviso a Sebastiaõ Cardoso Juiz da Alfandega de Salvaterra, e juntamente de que todas as Tropas do inimigo se preveniaõ para entrar por aquella parte: communicou esta nocicia a Fernaõ Telles Cotaõ, que governava Salvaterra, e logo deraõ conta a D. Alvaro de Abranches, e fizeraõ prevenir todas as Praças visinhas. Quando o aviso chegava a Segura, appareciaõ as Tropas do inimigo. Constava a guarniçaõ do Castello de cem soldados pagos, e alguns moradores, mas com tanta falta de muniçoens que poucas horas poderiaõ defenderse. Constando a Sebastiaõ Cardoso o perigo do Castello de Segura, se offereceo valerosamente a Fernaõ Telles para lhe introduzir algumas muniçoens. Naõ era razaõ divertirse taõ generoso intento, e deixando Fernaõ Telles á sua disposiçaõ o soccorro, escolheo Sebastiaõ Cardoso 32 Cavallos de 50 que estavaõ em Salvaterra, e repartindo-lhe pelas garupas as muniçoens que puderaõ levar, marchou com elles, fazendo circulos pelos caminhos mais encubertos. Chegou de dia á vista do Castello, e sem dilaçaõ cerrando a Tropa, rompeo com tanto valor por algumas do ini-

Sebastião Cardoso soccorre com valor o Castelo de Segura.

inimigo, que se lhe oppozeraõ, que perdendo só tres soldados entrou no Castello. Esperavaõ-no fóra delle 50 mosqueteiros: porque tanto que deraõ vista da sua resoluçaõ, sahiraõ a facilitarlhe o caminho. Os Castelhanos vendo o Castello soccorrido, e desbaratadas com o novo Defensor algumas intelligencias que tinhaõ dentro delle, se retiráraõ sem outro effeito.

Anno 1643.

Naõ foraõ este anno os successos politicos menos para escrever, que os militares. No principio delle succedeo em Madrid a ruina do Conde Duque de Olivares, que como teve tanta parte nos negocios de Portugal, naõ he apartarnos da historia, particularizar as circunstancias desta materia, tomando os principios da fortuna do Conde Duque, para ficarem mais claros os motivos da sua desgraça. Chegou a Madrid D. Gaspar de Gusmaõ Conde Duque de Olivares depois da morte de seus pays D. Henrique de Gusmaõ, e D. Maria Pimentel, e de seu irmaõ mais velho D. Jeronymo de Gusmaõ. Achou primeiro mobil dos negocios da Corte o Duque de Lerma colhendo no occaso de Filippe III os ultimos rayos da sua luz. Era voz commua, que persuadido o Conde Duque de caracteres Magicos, a que indignamente se havia applicado, vaticinando a ElRey visinha a morte, se resolvéra a solicitar por todos os caminhos a valia do Principe, e a procurar, empenhando toda a destreza, a aura da Corte. Para conseguir hum, e outro intento, concorriaõ na sua pessoa os mayores requisitos: porque a disposiçaõ era gualharda, a discriçaõ excellente, a liberalidade grande, achando nos cabedaes que herdou de seu pay, dilatados meyos de exercitar esta virtude. E avaliando-a pelo mais certo caminho de alcançar a valia dos Principes, que ordinariamente se governaõ mais pela informaçaõ dos que lhe assistem, salariados de quem por mais preço os compra, que pelo merecimento daquelles em quem empregaõ a sua affeiçaõ, e a que entregaõ no seu peito a sua Monarquia. Começou o Conde a pôr em pratica estas idêas com singular destreza, e mayor fortuna: porque naõ fazia acçaõ; de que lhe naõ resultasse grande louvor, nem despeza, de que se lhe naõ seguisse ma-

Ruina do Conde Duque, de que se dà noticia.

yor

Anno 1643.

yor utilidade. Galanteava no Paço a D. Ignez de Sumniga e Velasco, filha do Conde de Monte-Rey sua prima com irmaã, e depois sua mulher, e conseguia daremlhe o primeiro lugar, assim no dispendio, como no acerto de todas as funçoens do galanteo. E no mesmo tempo deste exercicio se soube introduzir de sorte entre a desuniaõ do Duque de Lerma, e seu filho o Duque de Uzeda, nos quaes a ambiçaõ derogando as leys da natureza, havia intronizado o absoluto, e infelice imperio da inveja: porém a igualdade da valia de ambos lhes facilitava partirem entre si a Monarquia. Concertado o Principe D. Felippe para casar em França, alcançou o Conde Duque o que mais anhelava, que era ser nomeado por Gentil homem da sua Camera. Tanto que entrou nella, começou a grangear de sorte a vontade do Principe, facilitandolhe os exercicios de que só se pagaõ os primeiros annos, e suave prizaõ a que voluntariamente os Principes se entregaõ, que reconhecendo o Duque de Lerma o seu espirito, e receando o seu artificio, pertendeo apartalo da Corte com a offerta da Embaixada de Roma, mayor lugar do que mereciaõ os seus poucos annos. Penetrou elle facilmente que a origem desta fortuna era querer o Duque que elle se perdesse, e neste sentido fazendo jactancia de merecer de 24 annos hum dos mayores lugares daquella Monarquia, para se livrar de taõ decoroso embaraço, recorreo ao Duque de Uzeda, segurando-lhe o seu patrocinio ser idea de seu pay apartalo da Corte, conseguio por este caminho ficar livre da Embaixada de Roma. Vendo o Duque de Lerma desvanecido este intento, lhe pedio que trocasse a chave dourada da Camera do Principe pela delRey. Repulsou elle descubertamente esta pratica, e soube com muita destreza introduzir no coraçaõ do Principe a sua fineza. Multiplicou o Duque de Lerma as diligencias, ora intentando a força, ora tentando a manha; porêm sempre prevaleceo a industria do Conde Duque: e querendo ferir pelos mesmos fios, soube accrescentar de maneira a discordia entre os dous Duques, pay, e filho, que sendo efficaz instrumento Fr. Luiz de Aliaga Confessor delRey,

ten-

tendo ja o Duque de Lerma o Capello de Cardeal (que grangeou para retiro da desgraça que o ameaçava) se resolveo ElRey com espanto universal a mandalo sahir da Corte. Depois da desgraça do Duque de Lerma, logrando toda a valia o Duque de Uzeda, passou ElRey a Portugal, e voltando para Madrid, acabou a vida. Achava-se neste tempo o Conde em Sevilha, para onde havia passado com o fim de accrescentar os empenhos da sua casa, para sustentar os appetites do Principe que corriaõ por conta dos seus cabedaes, semeando-os como bom lavrador em terra nova com a certeza de se lhe multiplicarem os frutos. Havia deixado, assistindo em seu lugar ao Principe, a D. Balthazar de Sumniga seu tio, que o amava com affectos de pay. Era hum dos mais acreditados Ministros daquelle tempo, e as suas virtudes lhe haviaõ grangeado a prieminencia de Ayo do Principe. Com todos estes requisitos caminhou D. Balthazar a introduzir no animo do Principe a inclinaçaõ do Conde, e de todo ficou segura com a sua industria. Vendo D. Balthazar, que a doença delRey o conduzia á morte, mandou chamar o Conde a Sevilha: chegou com brevidade, e constandolhe que o Dugue de Lerma, tendo noticia da morte delRey caminhava para a Corte, obrigou ao Principe a que passasse ordem que se retirasse, a que elle sem replica obedeceo. Morto Filippe III tomou posse da Coroa seu filho Filippe IV. a 31 de Março do anno de 1621, e no mesmo dia da Monarquia de Hespanha o Conde Duque de Olivares. A primeira diligencia que fez para estabelecer o seu Imperio, foy lançar da Corte o Duque de Uzeda, o Confessor delRey defunto; e todas as pessoas obrigadas por beneficios a este partido. Introduzio na Camera delRey, e lugares mayores todos seus parentes, e aliados, e a estas politicas ajuntou todas as que podiaõ servirlhe de segurança, naõ perdoando, por sustentar o seu poder, a quantos excessos enfraquecéraõ aquella Monarquia, como largamente referem todas as historias deste tempo.

Anno 1643.

Sahe da Corte o Duque de Lerma Cardeal.

Entra na valia de Filippe IV. o Conde Duque.

Chegou o anno de 1642, e levando o Conde Duque infelicemente ElRey á guerra de Catalunha, ficou

Anno 1643.

cou a Rainha governando em Madrid com grande aceitaçaõ de ſeus Vaſſallos, reconhecendo todos os muitos quilates da ſua prudencia, que atè aquelle tempo lhe naõ deixáraõ manifeſtar as prizões que lhe havia lançado a tyrannia do Conde, e Condeça de Olivares ſua Camereira mòr. Foy eſte o primeiro eclipſe que teve a valia do Conde Duque: porque a Rainha com a liberdade de governar reconheceo todos os paſſos do labyrintho daquella Corte, e tanto que ElRey voltou de Catalunha, lhe manifeſtou quanto havia alcançado neſta materia. Moſtroulhe com evidentes provas, que das malicioſas politicas do Conde ſe originaraõ os graves damnos daquelle Imperio. ElRey, fazendo reflexaõ na prudencia que a Rainha havia moſtrado no tempo que governou, começou a dar mais credito ás ſuas propoſiçoens, e a Rainha, vendo que o fogo achava materia, lhe applicou novos incentivos. Aviſou occultamente á Duqueza de Mantua (que eſtava detida em Ocanha por ordem do Conde Duque, porque receava que ella fallaſſe a ElRey nos ſucceſſos de Portugal) que vieſſe á Corte com o pretexto de naõ poder tolerar o mào trato que padecia, que era de ſorte, que chegava, a ſuſtentarſe das eſmolas dos Conventos. Naõ dilatou a Duqueza dar eſta ordem á execuçaõ, chegou a Madrid, facilitoulhe a Rainha audiencia delRey a pezar da induſtria do Conde. Fez a ElRey hum largo diſcurſo, em que lhe moſtrou claramente, que os exceſſos, e erros do Conde Duque foraõ quaſi total cauſa da ſeparaçaõ de Portugal, e entregoulhe varios papeis, e cartas da ſua letra, que juſtificavaõ eſta verdade. Ouvio ElRey a Duqueza com grande attençaõ, e a eſta noticia ajuntou a Rainha outra diligencia naõ menos efficaz, que foy huma carta que fez vir do Emperador para ElRey. Preſentoulha o Marquez de Giena ſeu Embaixador naquella Corte, e continha dilatadas provas que faziaõ ao Conde Duque author de todas as deſgraças de Heſpanha. Vacilava com todos eſtes combates o animo delRey: porém naõ ſe acabava de reſolver, ligado da aſtucia do Conde Duque. Com a noticia deſte primeiro movimento pedio elle licença a ElRey para ſe retirar para hum Lugar ſeu chamado Loeches:

A Rainha he inſtrumento da ſua ruina.

A Duqueza de Mantua informa ElRey do que ignorava.

Carta do Emperador.

ches : ElRey lhe respondeo , que continuasse como de antes no exercicio do governo. Porém crescéraõ os combates , e rendeoſe a fortuna do Conde envelhecida, e cansada da subsistencia de tantos annos. Naõ foy menos poderosa a diligencia que fez D. Anna de Guevarra , a quem ElRey devia o alimento dos primeiros annos , e que sempre estimára por muito zelosa do seu credito , e utilidade. Lancou-a o Conde Duque da Corte por ser dependente do Duque de Lerma , e havia por ordem da Rainha voltado a ella : presentouse diante delRey , e pediolhe que a ouvisse. Deteveſe elle , que hia a entrar no quarto da Rainha , e expoz ella com efficazes razoens o perigoso estado da Republica , e mostrou cóm evidentes provas , que o Conde Duque era fonte de todas as desgraças , ora lançando da Corte por odio os melhores Ministros para o governo , ora fazendo por capricho caminhar os exercitos a total ruina : que o remedio de tantos males era resolverse Sua Mageſtade a ser Atlante de si mesmo , porque apartando o Conde Duque da sua assistencia , e tomando conhecimento dos negocios , os reduziria a conveniente fórma , e cessaria a murmuraçaõ de seus Vassallos , que com triste silencio entendiaõ , que da sua omissaõ procedia a desgraça do seu Imperio , reduzido a tanto aperto , que de florecente estado em que seu pay o deixára , havia o Conde Duque apartado delle o Reino de Portugal com todas as suas dilatadas conquistas ; que Catalunha estava quasi toda perdida , Sicilia , e Milaõ vacilantes , Flandes mal seguro , e todos os Reinos arriscados : porque os cabedaes estavaõ extinctos , os grandes desterrados , e os Povos descontentes, Agradeceo ElRey a D. Anna a verdade , zelo , e resoluçaõ que tivera , e ajuntandose a estas diligencias outras muito efficazes , veyo ElRey a tomar a ultima determinaçaõ a 17 de Janeiro. Escreveo de sua propria maõ hum escrito ao Conde Duque , em que lhe dizia , que o aperto daquella Monarchia o obrigava a tratar pessoalmente do governo della , e que por este respeito lhe concedia a licença , que lhe havia pedido para se retirar da Corte , dandose por bem servido da sua pessoa. Attonito o Conde Duque desta resoluçaõ,

Anno 1643.

Diligencia de D. Anna de Guevara ama delRey.

Ultima resoluçaõ delRey.

Anno 1643.

luçaõ, remetteo o mesmo escrito delRey à Condeça sua mulher, que se achava naquelle tempo em Loeches. Tanto que ella recebeo este aviso, partio para Madrid em huma Carroça. Chegou pela meya noite, e cuberta de assombro, e de lagrimas, communicou com o Conde seu marido a desgraça de ambos. Intentáraõ desvanecela com varias diligencias, e achando cortada a estrada Real, e os attalhos defendidos se sujeitou o Conde Duque a seguir o caminho de Loeches, que só achava desembaraçado. A 25 de Janeiro entrou em huma Carroça, levando comsigo o Padre Ripalda seu Confessor, e caminhou para Loeches seguido de muitos parentes, e amigos seus, mas naõ consentio que algum delles lhe fallasse, nem no caminho, nem depois em Loeches, tratando de mostrar ao mundo que se entregava todo aos exercicios espirituaes. Tanto que partio de Madrid, chamou ElRey a Conselho de Estado, e disse que havia concedido licença ao Conde Duque para se retirar, que elle por varias vezes lhe havia pedido, e expoz largamente a resoluçaõ que tomára de se dedicar ao governo de seus Reinos, e a emendar os desconcertos que os arruinavaõ. Foy grande a satisfaçaõ de toda a Corte, assim do retiro do Conde Duque aborrecido até dos que havia beneficiado, como da disposiçaõ que ElRey mostrava para tratar do governo: porèm duroulhe pouco tempo a ElRey este virtuoso zelo, tornando facilmente aos primeiros, e antigos habitos. O Conde Duque naõ assistio muito tempo em Loeches, porque lhe chegou ordem para se retirar para Toro, a que elle sem replica obedeceo. ElRey querendo dar a entender, que o Conde Duque se retirára por sua vontade, continuou nove mezes em mostrar à Condeça sua mulher as mayores apparencias de agrado, deixando lograrlhe todas as prerogativas da occupaçaõ de Camereira mór, e o mesmo favor mostrava a D. Henrique de Gusmaõ Gentilhomem da sua Camera, declarado por filho bastardo do Conde Duque, levando-o a esta extravagancia a morte de sua filha unica D. Maria de Gusmaõ, de pouco tempo casada com o Marquez de Toral. Casou o Conde Duque a D. Henrique de Gusmaõ com D. Joanna de

Retirase o Conde a Loeches.

Passa a Toro.

de Velaſco filha do Condeſtable de Caſtella, e para conſeguir eſte matrimonio, eſcandaloſamente repudiou D. Henrique a D. Iſabel de Anverſa mulher de humilde condiçaõ, e baixo trato, e diſſimulou a Nobreza de Caſtella a affronta que padecia, por liſongear o Conde Duque. Porque naõ ſó ſe viaõ nelle todas eſtas deformidades, ſenaõ que ſe tinha por indubitavel, que D. Henrique naõ era filho do Conde Duque, por haver naſcido de huma mulher que tratava com varias peſſoas no meſmo tempo em que o Conde a communicava, e por eſte reſpeito ſe havia criado D. Henrique, a quem chamavaõ antes D. Juliaõ, em caſa de D. Franciſco Valcazel Alcaide de Corte, aſſiſtindo nella em muito humildes exercicios, de que o tirou o deſordenado capricho do Conde Duque para o fazer ſeu herdeiro, e o levantar á grandeza, que neſte tempo lograva. Naõ contentes os emulos do Conde da ſua deſgraça, e de terem lançado dos lugares mayores os ſujeitos que havia introduzido nelles, receando que as diligencias da Condeça, e de D. Henrique foſſem poderoſas para abrandar o animo delRey ſempre inclinado ao favor do Conde, vieraõ a conſeguir, ſendo Fr. Joaõ de Santo Thomás Confeſſor delRey o principal inſtrumento, eſtando ElRey em Saragoça, que a dous de Novembro ſe deſſe ordem ſua á Condeça para ſahir de Madrid, e a D. Henrique de Saragoça, levando a Condeça comſigo a D. Joanna de Velaſco mulher de D. Henrique, digno emprego de toda a laſtima; porque havia conſentido por força naquelle caſamento, e via deſvanecida até a apparencia da grandeza de ſeu marido, ficandolhe ſó a baixeza do ſangue de que fora gerado. O Conde Duque veyo a morrer em Toro no anno de 1645, e paſſando por Madrid para Loeches o ſeu corpo, onde era o ſeu enterro, eſtando o Ceo claro, e o Sol ſereno, ſe cobriraõ de nuvens, e creſceo de ſorte em hum inſtante a tempeſtade, que com terremotos poucas vezes viſtos cahiraõ muitos rayos. Interpretáraõ maliciosamente os Caſtelhanos que o demonio, com quem murmuravaõ que o Conde Duque tratára em vida, determinava por divina Providencia tomar poſſe do ſeu corpo morto, e

Anno 1643.

Filho ſuppoſto do Conde Duque.

Morte do Conde prodigioſa.

Anno 1643.

para fundar este discurso, traziaõ á memoria os excessos das Religiosas de S. Placido examinados pelo Tribunal do Santo Officio, e outros desconcertos, que pertendiaõ buscar para confirmaçaõ destes mal fundados juizos, querendo offender morto o mesmo que idolatraraõ vivo. E com estes, e outros semelhantes desenganos se naõ cança a ambiçaõ dos homens de procurar a valîa dos Principes, vendo que os que melhor livraõ, naõ escapaõ de testemunhos desta qualidade: e se acaso acontece serem estas vozes verdadeiras, vejaõ o fruto que se colhe da fortuna da valîa. Foy D. Gaspar de Gusmaõ Conde Duque de Olivares homem de pouca sinceridade, de grande soberba, vaidade sem limite e de nenhum agradecimento. O seu engenho era elevado, e perspicaz, mas taõ extravagante, e caprichoso, que naõ se contentando ja mais de opinioens alheas, destruhia sempre as subtilezas proprias. Fallando, era eloquentissimo, e escrevia com grande artificio, e discriçaõ. Havia estudado o que bastava para se tingir de todas as sciencias, mas nenhuma professava com singularidade. A grande experiencia do governo lhe dava presumpçaõ para dizer, que tinha na cabeça as regras Militares, e Politicas de todo o mundo. Era na apparencia dos negocios facil, na conclusaõ difficultosissimo: mas conservou sempre a virtude de se naõ deixar corromper do interesse, antes do seu proprio cabedal accodia muitas vezes aos apertos da Monarquia. Deixavase tratar de todos os pertendentes, e para ter tempo de assistir ás audiencias, se levantava todos os dias huma hora ante manhaã, sendo a primeira acçaõ ouvir Missa a que commungava. Mas a frequencia dos Sacramentos que em todos he virtude, parecia nelle pelos excessos da vida, sacrilegio. Fallava a ElRey tres vezes no dia, pela manhaã, depois do jantar, e á noite. Nestas horas lhe dava conta dos negocios, de que lhe resultava contentamento, encobrindolhe os successos que lhe podiaõ causar enfado. Com esta, e outras artes governou o Conde Duque taõ absolutamente a Monarquia de Hespanha 22 annos, que até aquelle tempo se naõ havia conhecido nella Ministro com mayor poder: porém justificando

Juizo do Conde Duque.

ficando o proverbio, de que naõ ha no mundo felicidade ſegura atè o fim da vida, veyo a acabala em hum deſterro, deixando com as ſuas acçoens pouco applaudida na poſteridade a ſua memoria.

Anno 1643.

A meſma fatalidade do Conde Duque, ſenaõ com mayor poder, padeceo em Portugal com mayor caſtigo Franciſco de Lucena, prezo na Fortaleza de S. Giaõ pelas cauſas de que temos dado noticia. Continuavaõ Franciſco Lopes de Barros, e Chriſtovaõ Mouzinho a devaſſa de ſuas culpas; e achavaõ taõ pouco fundamento nas que lhe arguhiaõ, que ſeus amigos com eſta noticia o aguardavaõ reſtituido, naõ ſó ás primeiras occupaçoens, mas a mayor favor delRey conhecidamente inclinado ao ſeu grande merecimento: porém hum novo ſucceſſo deſvaneceo todas eſtas eſperanças. Aſſiſtia em Elvas o Conde de Obidos governando as Armas da Provincia de Alentejo, e recolhendoſe huma partida que havia mandado tomar lingua a Badajoz, encontrou hum moço que vinha daquella Cidade, prezo, e examinado, acharaõ que ſervia a D. Pedro Bonete Ajudante de Tenente do Meſtre de Campo General, filho de hum Catalaõ, e huma Portugueza, que depois da Acclamaçaõ delRey havia paſſado de Catalunha para eſte Reino, onde havia nacido. Levaraõ os ſoldados da partida eſte moço ao Conde de Obidos, que reconheceo logo na ſua perturbaçaõ a ſua malicia: apertando-o, declarou que havia paſſado a Badajoz com humas cartas de ſeu amo para D. Joaõ de Garay, e D. Luiz de Lencaſtre, e que entendia que tratava com elles entregarlhes o Forte de Santa Luzia que eſtava governando. Feita eſta confiſſaõ, mandou logo o Conde de Obidos prender D. Pedro Bonete, e accreſcentouſe à certeza da ſua culpa paſſar a Elvas de Badajoz hum Holandez, e obrigandoſe do bom trato que recebeo do Conde, lhe entregou huma carta que trazia de D. Joaõ de Garay para D. Pedro, que confirmava nas circunſtancias a confiſſaõ do ſeu criado. Deraõ tratos a D. Pedro: porém naõ querendo declarar nelles o ſeu delicto, foy recolhido á prizaõ, aonde entrou a fallarlhe D. Joaõ da Coſta, e o perſuadio a que confeſſaſſe, o que elle fez com mais induſtria

Prizaõ de D. Pedro Bonete.

Sua Confiſſaõ.

Anno 1643.

duſtria que verdade. Diſſe, que ſervindo em Cataluñha, o chamára o Marquez de Inojoza, que governava as Armas daquelle Eſtado, e que o mandára vieſſe a Portugal trazer hum maço de cartas a D. Joſeph de Menezes Governador da Fortaleza de S. Giaõ, e que por ſatisfaçaõ do ſeu trabalho lhe dera dous mil e quinhentos eſcudos, e huma cadêa de ouro, e que com eſte cabedal paſſára á Arrochela em companhia de outros ſoldados Portuguezes, e que antes de ſe embarcar lhe diſſera hum delles, chamado Manoel de Azevedo, do Habito de Santiago, que trazia tres cartas, huma do Conde Duque, outra de Diogo Soares, a terceira de Affonſo de Lucena, e todas para ſeu pay Franciſco de Lucena; que ſe embarcáraõ, e que chegando elles a Lisboa, entregára a D. Joſeph de Menezes o maço que trazia, e que D. Joſeph o mandára ſervir a Elvas, advirtindolhe que naõ aceitaſſe poſto, porque na Primavera ſeguinte o havia de ajudar a huma facçaõ de muita importancia, a qual era, conforme elle entendèra, entregar a Fortaleza de S. Giaõ aos Caſtelhanos: que pouco tempo depois de haver chegado a Elvas, por varias vezes dera noticia a D. Joaõ de Garay de tudo o que julgàra conveniente á Coroa de Caſtella, e que antes da ſua prizaõ, fingindo que hia a Eſtremôz, paſſára a Madrid, onde dera conta á Rainha, que governava em auſencia delRey, de tudo o que havia obrado, e que de preſente tratava com D. Joaõ de Garay de lhe entregar o Forte de Santa Luzia; e que para ſatisfazer eſta promeſſa havia ganhado ſete ſoldados, que nomeou. Foraõ eſtes logo prezos, e dentro de pouco tempo ſoltos, juſtificando facilmente a ſua innocencia. D. Joaõ da Coſta deu conta ao Conde de Obidos da confiſſaõ de D. Pedro Bonete, e conſiderando o Conde a importancia deſta materia, ordenou a D. Joaõ que paſſaſſe a Lisboa a dar a ElRey conta della. Tomou D. Joaõ a poſta, chegou a Lisboa a 9 de Janeiro, fallou a ElRey, que depois de diſcurſar a gravidade deſte caſo, ſe reſolveo a mandar prender D. Joſeph de Menezes, conſiderando, que em materias deſta qualidade, os que eſcapaõ de dilinquentes, naõ pódem deixar de ſer deſgraçados;

dos; porque pezaõ mais com alguns Principes os males que podem resultar à sua Monarquia que os testemunhos que se podem levantar a seus Vassallos: sendo tal a fragilidade humana, que nem he seguro o bom procedimento; dependendo o credito proprio da vontade alhea. Tomada esta resoluçaõ, mandou Pedro Vieira da Silva, que havia succedido na occupaçaõ de Secretario de Estado a Francisco de Lucena, chamar D. Joseph de Menezes á Secretaria da parte delRey. Quando chegou, o estava aguardando D. Antaõ de Almada, e D. Luiz seu filho; entretiveraõno até chegar Fructuoso de Campos Barretto Corregedor do Crime da Corte, que o levou em hum coche prezo ao Limoeiro. Na mesma tarde foraõ prezos Christovaõ de Mattos de Lucena irmaõ de Francisco de Lucena, seu filho Martim Affonso, e dous criados seus. Manoel de Azevedo, que D. Pedro Bonete havia referido, estava na cadea por outro crime: recolheraõ-no á casa do segredo, e prenderaõ Francisco Dornelas da Camara, author dos boas successos da Ilha Terceira, naõ tendo mais culpa que ser amigo de Francisco de Lucena: exemplo muito digno de se ponderar, porque naõ bastáraõ para qualificar as acçoens de Francisco Dornelas, nem obrar as mayores finezas, nem vencer os mayores perigos; e passando de militar a cortezaõ, alcançando na amizade do mayor Ministro para os ouvidos delRey, a melhor informaçaõ do seu procedimento, bastou hum taõ leve, e remoto accidente, para destruir as bem fundadas, e merecidas disposiçoens da sua fortuna. Taõ perigoso he o officio de soldado, que passadas as occasioens em que os Principes necessitaõ do seu prestimo, naõ ha alicerse taõ firme, que os segure da menor tempestade. Poucas horas antes de chegar a Lisboa D. Joaõ da Costa havia ElRey mandado a Pedro de Mendoça á fortaleza de S. Giaõ com ordem para soltar Francisco de Lucena, por se lhe naõ provar alguma das culpas, porque o capituláraõ. Levou Pedro de Mendoça a D. Luiz de Noronha cunhado de Francisco de Lucena, e por ter com elle estreita amizade naõ dilatou a jornada da Fortaleza de S. Giaõ. ElRey, tanto que chegou a noticia da confissaõ de D. Pedro Bonete, mandou para S. Giaõ a Jorge de Mello General das

Anno 1643.

Prizão de D. Joseph de Menezes, e de outros.

Anno 1643.

Galés, levando comſigo a Eſtevaõ Leitaõ de Meireles Corregedor do crime da Corte, com ordem para que Pedro de Mendoça lhe entregaſſe Franciſco de Lucena. E para que eſtas diſpoſiçoens ſe executaſſem ſem embaraço ordenou ElRey a D. Alvaro de Abranches, que marchaſſe para S.Giaõ com tres Companhias de Infantaria. Todas chegáraõ de noite á viſta da Fortaleza. Ao romper da manhaã eſcreveo Jorge de Mello ao Tenente que a governava, Antonio de Barros Cardoſo, dizendolhe que trazia ordem delRey para elle lhe entregar a Fortaleza, e que em quanto ſe dilataſſe, naõ permitiſſe, que ſahiſſe da prizaõ Franciſco de Lucena. Levou eſta ordem Pedro Ferraz Capitaõ de huma das Galés, e entrando na Fortaleza, a entregou ao Tenente. Reſpondeolhe, que tinha outra delRey em contrario daquella, e que determinava executala primeiro. Chegou neſte tempo Pedro de Mendoça, e ſem preceder algum exame, prendeo Pedro Ferraz, e vendo chegar á Fortaleza a Infantaria, lhe perguntou que gente era aquella, e quem a governava. Reſpondeolhe que D. Alvaro de Abranches, que ſe achava em Lisboa, e Jorge de Mello. E inferindo deſta noticia, obrigado da paixaõ de ver baldada a ſua diligencia, que a inimizade que os dous tinhaõ com Franciſco de Lucena, os obrigára a eſte exceſſo, diſſe ao Tenente que mandaſſe aceſtar contra elles a artilharia, porque eraõ inimigos da conſervaçaõ do Reino, e queriaõ deſtruilo. Advertiolhe Pedro Ferraz que aquelles fidalgos vinhaõ por ordem delRey, e que a cauſa deſta novidade fora deſcobrirſe, depois delle partido de Lisboa, huma perigoſa conjuraçaõ. Ficou Pedro de Mendoça muito confuſo com eſta noticia, e chegando neſte tempo Jorge de Mello, lhe abriraõ a porta. Deu a ordem delRey ao Tenente, e prendeo logo o Corregedor da Corte a Franciſco de Lucena, e entrando com elle no coche em que hia, o trouxe para o Limoeiro. Jorge de Mello ficou na Fortaleza, D.Alvaro, e os mais voltáraõ para Lisboa. Antes que Franciſco de Lucena chegaſſe ao Limoeiro, ſe divulgou pelo Povo o ſeu novo delicto, concorreo com tal furia ſobre a carroça em que hia, que lhe tiráraõ a vida, ſe a naõ defendéra

Prizão no Limoeiro de Frãciſco de Lucena.

huma

huma Companhia que levava de guarda, para a perder com mayor afronta. O Povo continuando a furia começada, se alterou de sorte contra a Nobreza, que foy necessario a ElRey grande diligencia, para o applacar.

Anno 1643.

Alterase o Povo

Prezos todos os que D. Pedro Bonete havia denunciado, e havendo elle chegado ao Limoeiro, mandáraõ os Ministros de Justiça pôr a tormento a D. Joseph de Menezes, sem lhe valerem os privilegios da innocencia, da idade, e do valor. Ordenàraõlhe que se despisse os Ministros que lhe assistiaõ, fallandolhe por vós. Elle cheyo de espirito os reprehendeo, dizendo, que ElRey seu Senhor naõ mandava que usassem com elle de termos indignos à sua qualidade; e que se os tratos que lhe davaõ eraõ para confessar o que naõ fizera, que inutilmente despendiaõ o tempo, porque em Castella os padecèra, negando o que havia feito: que ElRey naõ tinha Vassallo mais leal que elle, como em muitas occasiões mostràra, e justificaria até o fim da vida. Naõ lhe valeo a constancia que mostrava: puzeraõ-no a tormento, e padeceo sete tratos taõ asperos, que lhe chegaraõ os cordeis aos ossos, de que a carne que ficou pegada ao potro se desunio, buscando refugio na causa do tormento, por naõ padecer o rigoroso effeito que lhe occasionava. Vendo que naõ confessava, nem estava capaz de mayor rigor, o deixàraõ os Ministros de Justiça, e vindo a curallo os Cirurgioens, julgando que seriaõ inuteis os remedios, o achàraõ taõ vigoroso, que naõ só sarou dos tratos dentro de poucos dias, mas ficou os annos que viveo sentindo menos achaques da gotta, dos que até aquelle tempo o maltratavaõ. E parece que foy providencia, pagando-lhe Deos o soffrimento, com que padeceo tantos tormentos sem culpa. No mesmo dia levàraõ tratos dous criados de Francisco de Lucena, e naõ constou da sua confissaõ circunstancia que pudesse justamente aggravar o seu delicto. Da mesma sorte foy posto a tormento Manoel de Azevedo, que era o que D. Pedro Bonete havia dito que trouxera as cartas para Francisco de Lucena. Tres vezes o puzeraõ no potro, as duas negou atè apertarem os cordeis, e tanto que chegavaõ a mal-

Valor de D. Joseph de Menezes no tormento mais rigoroso.

Anno 1643.

Confissaõ suspeitosa.

maltratallo, dizia que queria confessar; em lhos afrouxando affirmava que padecia sem culpa. Porêm vendo ultimamente que naõ achava nesta astucia remedio, disse, que era verdade que elle dera a Francisco de Lucena as tres cartas no mez de Mayo antecedente, estando ElRey na quinta de Alcantara, que as cartas vinhaõ todas em hum maço, em que discordou do que D. Pedro havia confessado. E instandolhe, como soubera as pessoas para quem vinhaõ? Respondeo, que lho havia dito o Conde Duque. O dia seguinte vindo os Ministros de Justiça ratificar a confissaõ para a fazer juridica, duvidou Manoel de Azevedo de tomar juramento: porèm jurou ameaçado com segundos tratos, mostrando em todos os actos, que o temor dos tormentos o havia obrigado a confessar o que naõ fizera. O que mais aggravou os indicios contra Francisco de Lucena, foy huma noticia authentica que deu o Padre Francisco Mansos Religioso da Companhia de Jesus, que naquelle tempo havia chegado de Castella, que assegurou ouvir em Madrid, que Francisco de Lucena se correspondia com o Conde Duque. Ajuntouse mais aos autos huma carta que ElRey mandou aos Juizes delles, com hum Decreto que declarava ser a pessoa que a escrevera de grande confidencia. Dizia a carta; que em Madrid se espantàraõ os Ministros daquella Corte de naõ entrar Francisco de Lucena na conspiraçaõ do Arcebispo de Braga: e advirtia-se nella com apertadas instancias, que se dissesse a ElRey que se naõ fiasse de Francisco de Lucena. Com estas, e outras provas de pouca consideraçaõ foy processada a causa de Francisco de Lucena; e no mesmo tempo em que se continuava o processo, fugíraõ da cadêa Dom Pedro Bonete, e Antonio Coelho: porèm foraõ colhidos por fortuna do Carcereiro, a quem ElRey havia mandado dizer de sua justiça. Recolhidos á prizaõ, os puzeraõ a tormento. Disse D. Pedro, que Antonio Coelho lhe havia communicado que encobrira na confissaõ dos tratos que lhe deraõ, haver trazido cartas de Castella a seu amo Francisco de Lucena, e que lhe ouvira dizer, que se tivera seu filho em Portugal, havia de fazer

Indicios que recrescerão.

zer huma grande facçaõ. Deraõ segundos tratos a Antonio Coelho, e confessou nelles com a confissaõ de D. Pedro, que foy a ultima ruina de Francisco de Lucena. Os dous, e Manoel de Azevedo foraõ sentenceados a arrastar, e enforcar. D. Pedro quando lhe léraõ a sentença, fez huns embargos, e declarou que tudo quanto havia dito em Elvas era falso, assim em se communicar com D. Joaõ de Garay, como em trazer cartas a D. Joseph de Menezes: que lhe levantàra este testemunho, por lhe parecer que com esta noticia naõ sò alcançaria liberdade, senaõ huma grande mercê, e que por ser affilhado de D. Joseph se lembrára primeiro delle que de outra pessoa. Manoel de Azevedo tambem disse, que para morrer sem escrupulo declarava, que naõ trouxera carta alguma de Castella a Francisco de Lucena, e que se o havia dito, fora obrigado da dor dos tormentos. Executouse em ambos a sentença, e Antonio Coelho se livrou da morte por perder o juizo. Francisco de Lucena foy remettido à Mesa da Consciencia por ter o Habito de Christo: relaxaraõno, e vindo a perguntas diante dos Juizes, naõ confessando cousa alguma do que lhe perguntàraõ, o puzèraõ a tormento: porém era taõ debil, e de tantos annos, que no primeiro trato lhe deu hum accidente de qualidade que sem outro exame o recolhéraõ á prizaõ. Entendendo os Juizes que as provas, que estavaõ examinadas, eraõ bastantes para o sentencearem á morte, a 22 de Abril lhe lançáraõ a sentença com os fundamentos seguintes. „ Que o Reo sendo Vassallo delRey, e seu Secre„ tario de Estado, havia communicado por cartas os ini„ migos da sua Coroa, das quaes cautelosa, e fraudulen„ tamente mostrava a ElRey as que lhe parecia, enco„ brindo outras que lhe prejudicavaõ; e que com este tra„ to dobre havia dado occasiaõ a que os inimigos desta Co„ roa lhe cõmetessem a destruiçaõ da vida, e do Reino „ delRey: e que havendose provado que estas cartas lhe „ foraõ dadas; as encobria pertinazmente, havendo elle „ dito a ElRey, que de Castella lhe faziaõ esta propos„ ta: e que juntamente se provava acharemse nas mãos „ de alguns Ministros de Castella papeis de grande impor„ tancia

Anno 1643.

Retratase D. Pedro Bonete.

Sentença de Francisco de Lucena.

Anno 1643.

,, tancia, e inſtrucçoens de embaixadas, que ſó do Reo ,, como Secretario de Eſtado ſe fiavaõ: e que por preſun- ,, çoens muito evidentes ſe entendia, que elle por antigo ,, odio que tinha ao Infante D. Duarte; lhe dilatára o avi- ,, ſo que ElRey lhe mandàra fazer para ſe paſſar de Ale- ,, manha a eſte Reino, por querer dar tempo aos Caſtelha- ,, nos, para o prenderem, como ſuccedeo. E que por eſtas ,, culpas o julgavaõ por traidor, comprehendido no crime ,, de leza Mageſtade, e o ſentenceavaõ á degolar em pra- ,, ça publica. Leoſelhe a ſentença, e antes de commun- gar depois de ſe haver confeſſado, com grandes demonſ- traçoens de Chriſtaõ proteſtou, que naõ havia delin- quido na culpa porque o condenavaõ. Foy degolado a 28 de Abril, e ficou no juizo dos que o naõ ſentenceáraõ á morte, muito duvidoſa a ſua culpa. Foy ſucceſſo digno de grande reparo degolarem a Franciſco de Lucena com hum cutelo, que por curioſidade indiſcreta havia trazido de Madrid, em memoria de haverem degolado com elle a D. Rodrigo Calderaõ, grande valido do Duque de Lerma, e offerecendoſe eſte cutelo para degolarem o Duque de Caminha, a que havia fomentado a morte, naõ logrando aceitarſelhe aquella offerta, lhe vieraõ a cortar a cabeça com o meſmo cutelo, trazendo na ſua fragilidade o ultimo golpe da ſua vida. D. Joſeph de Menezes eſteve no Limoeiro até o anno ſeguinte. Mandou ElRey ſolta-lo, e entregou-o a ſeu ſobrinho o Conde de Cantanhede com permiſſaõ de que viveſſe naquella Villa. Nella aſſiſtio em quanto viveo. No diſcurſo deſte tempo o mandou ElRey chamar para ſe tornar a ſervir delle. Reſpondeo, que tratava de aſſiſtir ſó a quem dava igualmente os premios, e os caſtigos, e que elegia a mais propria reſoluçaõ á ſua grande deſgraça; porque como ſenaõ podia fazer venturoſo, e ſabia ſer honrado, determinava emendar com o conhecimento proprio os erros da fortuna. Martim Affonſo de Lucena, e Chriſtovaõ de Matos, aquelle filho, eſte irmaõ de Franciſco de Lucena, foraõ logo ſoltos, e com elles os ſeus criados. Foy tambem ſolto Franciſco Dornelas da Camara, dando-o por livre os Juizes de todas as calumnias arguidas por ſeus inimigos, e ſem

Execução della.

Soltaſe D. Joſeph, e naõ quer mais ſervir.

Soltãoſe os mais, Franciſco Dornelas ſe retira á Ilha.

sem querer aceitar satisfaçaõ, se embarcou para a Ilha a aliviar no theatro da sua gloria a falsidade da sua culpa.

Anno 1643.

A estes, e outros accidentes de grande consideraçaõ accodia o animo delRey com igual constancia, desmentindo no acerto de todas as acçoens algumas apparencias exteriores, que os demasiadamente zelosos lhe condemnavaõ. Levantouse neste tempo grande controversia entre os Ministros sobre se haver de prevenir a Armada, ou pouparse esta despeza. Diziaõ os desta opiniaõ, que as prevençoens de Castella naõ obrigavaõ a se fazerem dispendios anticipados; e que quando ellas se adiantassem, seria tanto mayor o poder que os Castelhanos trouxessem, que naõ seria possivel, que a nossa Armada buscasse a de Castella fóra da barra, e que dentro della era melhor defensa a das Fortalezas do rio, e Fortins que se podiaõ levantar na marinha com o dinheiro que se havia de gastar inutilmente nas prevençoens da Armada. Discursavase pela parte contraria, que a mayor defensa de Portugal era sustentar huma Armada poderosa, que andasse de Veraõ correndo a Costa, e de Inverno estivesse prompta no rio para accodir a qualquer accidente: porque medindose como era razaõ, as disposiçoens da defensa pelo intento da conquista, constando que os Castelhanos determinavaõ entrar a hum mesmo tempo com hum Exercito, e huma Armada a buscar Lisboa, para que experimentasse o Reino a ferida no coraçaõ, e assim, como o corpo com as acçoens vitaes, ficasse cadaver para a defensa; que parecia necessario, que de iguaes, e semelhantes disposiçoens se compozesse a resistencia: porque fiar a segurança do rio de Lisboa dos tiros incertos da artilharia das Torres, seria indisculpavel confiança, e que os Fortins, em que se dizia que se gastasse o dinheiro, que se havia de applicar à Armada, naõ poderiaõ ser taõ defensaveis, que naõ fossem primeiro ganhados, que investidos do exercito que marchasse por terra: e que assim ser ella necessaria na occasiaõ proposta, ou para pelejar fóra da barra, ou para defender o rio, naõ era materia de questaõ; e que neste sentido, mari-

Opinioens sobre haver Armada.

nheiros,

Anno 1643.

nheiros, ſoldados, baſtimentos, artilheiros, armas, e municiçoens ſempre era preciſo que eſtiveſſem promptos, porque ſenaõ ajuntaõ de repente: e que eſtando feita eſta prevençaõ, que he todo o diſpendio das Armadas, quanto mais util era empregar a noſſa, que ſuſpendela; porque de navegar podia colher intereſſes que contrapezaſſem os cabedaes diſpendidos, e de naõ ſair do rio ſe podia temer, que os ſoldados ſem uſo, e os marinheiros ſem exercicio, ſe achaſſem inuteis quando chegaſſe a occaſiaõ de ſerem neceſſarios. Que fazendo-ſe a conta com os cabedaes, ElRey podia armar quarenta navios, unindo aos de que era ſenhor outros eſtrangeiros: e que eſta Armada naõ ſó era capaz de pelejar com a de Caſtella, que ſe podia conſiderar menos poderoſa, pela coſtumada deſattençaõ dos Miniſtros daquella Coroa, varias vezes experimentada, mas que ſerviria de ſuſtentar as alianças dos Principes confederados, indiſſoluvel quando lhe reſulta mayor intereſſe das ſuas Monarquias: e que de Portugal naõ podiaõ eſperar outro mayor, que o ſoccorro de huma Armada poderoſa nas occaſioens em que neceſſitaſſem della: e que eſta politica era taõ neceſſaria, que a perſuadiaõ os manifeſtos dos meſmos Caſtelhanos, nos quaes para diſſuadir os Principes de Europa da aliança de Portugal, tomavaõ por fundamento, moſtrarem, que os Portuguezes nem para ſe defender tinhaõ forças baſtantes. E que ultimamente com a Armada ſe ſeguravaõ as frotas, e ſe facilitava o commercio, e que ſem ella por todas as partes; e por todos os diſcurſos ficava duvidoſa a defenſa do Reino. ElRey prudentemente ſeguio eſta ultima opiniaõ: porém naõ lhe parecendo que era neceſſario tanto poder como de 40 navios, mandou ſair Antonio Telles de Menezes com 9 grandes, onze pequenos, dous de fogo, e dous barcos longos. Era Almirante Coſme do Couto, e todas as prevençoens da Armada foraõ bem ajuſtadas, adminiſtrando-as a boa diſpoſiçaõ do Marquez de Montalvaõ Védor da fazenda da repartiçaõ dos Armazens, que ſempre havia ſido de parecer que a Armada ſahiſſe. A 29 de Julho ſahio Antonio Telles pela barra fóra. Era o Regimento que levava, que

Reſolve ElRey fazer Armada.

que andasse 25 leguas ao mar do Cabo de S Vicente, e que estendendo os navios em 35, e 36 gráos, aguardasse nesta altura a frota de Indias de Castella. Porem ella tendo anticipado aviso de Cadiz, se encostou á Costa de Africa, e embocou o Estreito sem ser vista dos nossos navios. Nove dias assistirão nesta altura; passados elles os apartou huma tormenta mais de 80 leguas: desgarrouse hum dos barcos longos, e encontrou oito navios de França, de que vinha por Cabo Montanhi, que havia comboyado o Bispo de Lamego: deu o barco noticia da nossa Armada, aguardáraõ elles, e ao outro dia se uniraõ todos. Disse o Cabo da Esquadra a Antonio Telles, que havia dado vista da Armada de Castella o dia antecedente, e que andava para embocar o Estreito. Com este aviso intentou Antonio Telles persuadir ao Cabo da Esquadra, que se incorporasse com elle, e que fossem buscar a Armada de Castella, e se escusou, dizendo, que naõ trazia ordem para pelejar, e que o seu regimento era, que se incorporasse com a sua Armada, que se achava no mar Mediterraneo, como fez depois de quatro dias. Despedidos os Francezes, e vindo Antonio Telles na volta do Cabo de S. Vicente, encontrou dous navios que mandou seguir até Cines para onde fugîraõ: achou que eraõ Amburguezes, e mandou largallos, lembrado de 20 da mesma naçaõ que o anno antecedente havia trazido a Lisboa com armas para Castella, e fazendas de contrabando, os quaes ElRey mandou largar, naõ sem suspeita de que os Mestres compráraõ a alguns Ministros a sua liberdade. Andando Antonio Telles velejando na altura que se lhe havia ordenado, lhe chegou ordem delRey para se recolher, por ter noticia que a frota de Indias era entrada nos portos de Castella. Recolheose Antonio Telles, e ficou correndo a Costa Cosme do Couto com 6 navios, aguardando a frota do Rio de Janeiro, com a qual entrou em Lisboa a 6 de Outubro.

Anno 1643.

Neste mesmo tempo mandou ElRey continuar as Fortificaçoens das Praças mais importantes do Reino, persuadido da prudencia de Mathias de Albuquerque. Desenhou elle huma plataforma no Terreiro do Paço, de-

Anno 1643.

terminando que corresse aquella obra pela marinha que se estende junto da Cidade: porém aquella despeza era mayor que a utilidade, e suspendendose a execuçaõ, porque o dinheiro faltava, assim por se desencaminhar por algũas vias, como pela pouca regularidade com que se cobravaõ as Decimas, priviligiandose os poderosos com grande clamor do Povo, que por esta causa veyo a padecer mayores tributos. ElRey teve noticia, que o Pontifice Urbano VIII. fazia diligencia porque o Emperador Fernando III, e todos os Principes da Christandade mandassem Embaixadores ao lugar que parecesse mais conveniente para se tratar da Paz universal, e se ajustou que o Congresso se fizesse em Munster, e Osnaburg, duas Cidades de Vestfallia, consideradas como huma só, por serem ambas Episcopaes, distante dez leguas huma da outra, e accommodadas pela abundancia de fructos daquelle Paiz. Ajustáraõ os Salvos conductos, que depois se negáraõ a alguns por interesses particulares do Imperio: e naõ podendo ElRey D. Joaõ conseguir ser admittido a este Congresso, e Dieta universal, pelo grande poder que ElRey Catholico sustentava em Roma, e no Imperio, se resolveo a mandar com os Embaixadores dos Principes aliados pessoas que assistissem na Dieta; querendo com esta industria dar côr ao impossivel de serem chamados a ella os seus Embaixadores. Tomada esta resoluçaõ, mandou ordem ao Doutor Rodrigo Botelho do seu Conselho da Fazenda, que assistia em Suecia, que passasse a Osnaburg com os Plenipotenciarios que a Rainha mandasse daquelle Reino. A mesma ordem foy a Luiz Pereira de Castro que estava em Pariz, e a Francisco de Andrade Leitaõ que assistia em Holanda, fazendolhe ElRey mercê a todos do Titulo de Dezembargadores do Paço. Passáraõ os dous a Munster com os Plenipotenciarios de França, e dos Estados, e a onze de Julho antes de haverem chegado os Plenipotenciarios de todos os Principes, que no anno seguinte, e ainda algum tempo mais adiante, se vieraõ a unir, se abrio o tratado da Paz. E como desta jornada naõ resultou a Portugal mais interesse, que algumas infroctuosas diligencias que se fizeraõ pela liberdade do Infante D.

Congresso de Munster.

Passão ao Congresso os Ministros de Portugal

Duar-

Duarte, applicando-as quanto lhe foy possivel o Doutor Christovaõ Soares de Abreu, que ElRey mandou a Osnaburg, depois de lhe constar que era morto naquella Cidade Rodrigo Botelho, ainda que este negocio durou muitos annos, ficaremos desobrigados de repetillo. Nomeou ElRey por Embaixador dos Estados de Holanda a Francisco de Sousa Coutinho, que o havia sido de Dinamarca, e Suecia: chegou a Holanda pouco tempo depois de partir Francisco de Andrade Leitaõ da Haya para Munster. O Conde da Vidigueira continuava a embaixada de França com grande acerto, e aceitaçaõ de hum, e outro Reino. No principio deste anno teve ElRey noticia que os Castelhanos fomentavaõ em odio de Portugal a uniaõ de França, avisou ao Conde da Vidigueira que divertisse esta negoceaçaõ, e procurasse liga offensiva, e defensiva entre as Coroas de Portugal e França. Conseguio o Conde a primeira diligencia, e naõ logrou a segunda: respondendolhe os Ministros de França, que ElRey queria conservar os seus aliados sem novidade, nem queixa, e que para a correspondencia que conservava com Portugal naõ eraõ necessarios mayores laços. Na mesma conferencia lhe negáraõ hum emprestimo de dinheiro que lhes pedio da parte delRey, mostrandolhe com evidencia que os Erarios estavaõ taõ exhaustos, que pedindo a Rainha de Inglaterra a ElRey seu Irmaõ trezentas mil libras emprestadas, lhe naõ pode differir, por naõ haver meyo de se poderem ajuntar. Offereceose neste tempo duvida entre os Ministros da Secretaria de França, e o Secretario da embaixada sobre o modo do tratamento entre os dous Principes, querendo alterar o escreverem-se por vós, como se havia ajustado nas primeiras conferencias. Diziaõ os Francezes, que este era o mais infimo trato das Naçoens Castelhana, e Portugueza, e que assim naõ parecia decente o continuarse; que os Reys de França por uso da naçaõ escreviaõ aos Reys de Polonia, e Dinamarca por vós, e elles lhe respondiaõ por Magestade; e que nesta fórma se deviaõ continuar as cartas de Portugal. Respondeo Antonio Moniz de Carvalho por ordem do Embaixador a esta proposta, que os mesmos fun-

Anno 1643.

Francisco de Sousa Coutinho Embaixador de Holanda.

Sucessos do Conde da Vidigueira.

Anno 1643.

fundamentos della parece que a convenciaõ: porque se o fallar por vòs entre os Portuguezes era o mais humilde estylo, como podia ElRey aceitallo, naõ havendo de responder na mesma fórma, como tambem em Portugal se praticava entre os amigos de mayor esféra: mas que por escusar duvidas, se escrevesse ElRey de França com ElRey de Portugal como o costumava fazer com ElRey Catholico, se naõ he que queria tratar peyor ao amigo que ao inimigo. Acháraõ os Ministros de França que naõ podiaõ replicar a esta reposta, e ajustouse que os dous Reys se escrevessem por Magestade, que era o estylo que se usava entre França, e Castella. Estas, e outras negociaçoens de amigavel, e util correnspondencia tratava em Pariz o Conde Almirante, quando sobreveyo a ElRey de França huma taõ grave enfermidade, que lhe tirou a vida a 14 de Mayo ás tres horas da tarde, no mesmo dia em que Ravilhac matou aleivosamente a seu pay Henrique IV. O dia seguinte ao da morte delRey entrou a Rainha, que elle havia nomeado antes da sua morte Regente do Reino, em Pariz com seu filho Luiz XIV., que hoje gloriosamente reina. Foy logo a Rainha, e o novo Rey ao Parlamento, onde se confirmou a Regencia suprema da Rainha com mayor authoridade da que ElRey lhe havia dispensado, ficandolhe por Adjuntos o Cardeal Julio Massarini, que ella declarou primeiro Ministro, o Principe de Condê, o Graõ Chanceller, o Duque de Longa Villa, Xavigni, e Boulher seu pay; e o Duque de Orlians irmaõ delRey foy declarado Tenente da Rainha, e Generalissimo de todos os Exercitos militares. O Embaixador foy logo fallar á Rainha, e lhe disse que esperava que Sua Magestade mostrandose, mais que irmaã delRey de Castella, mãy de seu filho, desvanecesse a opiniaõ que corria naquella Corte, de que havia de largar a amizade de Portugal, com tantos vinculos, e interesses communs estabelecida com aquella Coroa. Respondeo a Rainha, que dando credito mais ás experiencias que aos discursos, continuasse as conferencias dos negocios com o Cardeal Massarini. Assim o executou o Embaixador, mostrando a Rainha pelo tempo adiante toda a constancia

Ajustase a fórma de se escreverem os Reys

Morte delRey de França.

Falla o Conde Embaixador á Rainha Regẽte.

cia

cia necessaria ás utilidades daquella Coroa, e brevemente concedeo ao Conde Almirante os prisioneiros Portuguezes, que o Principe de Condè havia ganhado na memoravel batalha de Recroy, que perdeo D. Francisco de Mello Governador dos Estados de Flandes. Em Inglaterra, e Suecia se continuava a correspondencia com Portugal sem alteraçaõ nem novidade. Em Roma naõ melhoravaõ com as diligencias os negocios, e com menos attençaõ neste anno, pela differença que se levantou entre o Duque de Parma, e o Pontifice sobre o Senhorio de Castro, que a Igreja occupava, de que resultou unirem-se com o Duque de Parma alguns Principes de Italia, e entrarem armados com o pretexto da satisfaçaõ das offensas recebidas dos Cardeaes Barbarinos; Nepotes de Urbano VIII. Mas estas duvidas se concordáraõ brevemente com a restituiçaõ de Castro.

Anno 1643.

Guerra do Duque de Parma com o Pontifice.

No fim do anno de 1642 deixamos aos Portuguezes do Maranhaõ sitiando a Cidade de S. Luiz, onde se recolhèraõ os Holandezes obrigados dos máos successos que haviaõ padecido na campanha. Governava os nossos soldados Antonio Moniz Barretto, e tendo com grande instancia pedido soccorro ao presidio do Pará, lhe chegou a dous de Janeiro. Constava de 113 Portuguezes, e 700 Indios, governados huns, e outros pelos Capitaens Pedro Maciel, e Joaõ Velho do Valle. Adoeceo neste tempo Antonio Moniz Barreto, e foy eleito em seu lugar Antonio Teixeira de Mello, e naõ approvando todos esta eleiçaõ, se originou da discordia dilatarem o assalto da Cidade, reduzida por falta de guarniçaõ ao ultimo aperto. Foy a dilaçaõ taõ util aos Holandezes, que quando determinavaõ renderse, lhes chegou de Pernambuco hum navio, duas barcas, e cinco lanchas, em que vinhaõ 350 soldados da sua naçaõ, e outros tantos Indios, governados por Andresom, o mesmo Cabo que havia tomado Angola. Naõ quiz elle que lhe prejudicasse a dilaçaõ de tentar a fortuna, sahio logo da Praça com 600 Holandezes, e 800 Indios, investio primeiro com as casas em que estavaõ alojados 50 Portuguezes, e achando-os descuidados, os obrigou a largarem o posto: porém

Successos do Maranhaõ.

Anno 1643.

rém defenderaõno o eſpaço que baſtou para tomarem as armas os do quartel, e trincheiras, a que ſe retiráraõ, deixando tres mortos, e levando quatro feridos, Os Holandezes, entradas as caſas, avançàraõ com igual reſoluçaõ ás trincheiras que eſtavaõ para a parte do Carmo, mas achando valeroſa reſiſtencia em 40 Portuguezes, e poucos mais Indios que as defendiaõ, depois de durar o conflicto hora e meya, ſe retiráraõ, cuſtandolhe a ſortida 140 ſoldados. Paſſada eſta occaſiaõ, vendo os Portuguezes caſados a Cidade ſoccorrida, morto Antonio Moniz Barreto da doença que lhe ſobreveyo, e grande falta de muniçoens: ſe retiráraõ com ſuas mulheres, e filhos para o ſertaõ, e ficou de ſorte diminuida a gente; que Antonio Teixeira julgou que era preciſo retirarſe, e o executou a 25 de Janeiro. Os Holandezes animados com eſte ſucceſſo deitáraõ fóra da Praça 30 ſoldados, e 150 Indios com ordem que foſſem ſaquear o Engenho de Aragacî. Antonio Teixeira prevenindo eſte meſmo intento, ſe emboſcou no ſitio em que o anno antecedente foy desbaratado Sandalim. Chegáraõ a elle ſem cautella os Holandezes, de que era Cabo o Governador do Ceará, e ſendo inveſtido dos noſſos ſoldados, morrèraõ todos os Holandezes, e a mayor parte dos Indios. Antonio Teixeira mais alentado com eſte ſucceſſo, ſe aquartelou em o poſto de Marapi, ſeis leguas da Cidade, onde aſſiſtio mez e meyo ſem accidente de importancia. O Governador da Cidade naõ podendo vingarſe com as armas dos ſoldados, deſafogou a paixaõ nos rendidos que haviaõ ficado nella: deitou fóra cruelmente as mulheres roubadas, e deſpidas, e mandou entregar 25 ſoldados aos Tapuyas do Ceará, que brevemente os fizeraõ victimas da ſua brutalidade. Outros 50 mandou vender aos Inglezes ás Ilhas das Barbadas, mas o Governador informado deſta maldade, ordenou que os Portuguezes ſahiſſem em terra, a titulo de os comprar, e reprehendendo aſperamente aos Holandezes, poz em ſua liberdade os Portuguezes. Antonio Teixeira do ſitio em que eſtava alojado, mandou fazer duas entradas: huma, e outra ſe conſeguio com bom ſucceſſo, perdendo as vidas 30 Holandezes.

Sortida dos Holandezes.

Cruel reſoluçaõ dos Holandezes.

E piedoſa dos Inglezes.

dezes. Porém Antonio Teixeira vendo-se com grande falta de muniçoens, mudou de quartel, e passou á terra firme, e alojouse em Itapitapera: e naõ se dando nelle por seguro, resolveo, com o parecer dos mais, retirarse para a Cidade de Belem do Pará 150 leguas da Ilha. Querendo pôr por obra esta determinaçaõ chegáraõ do Parà algumas muniçoens, com as quaes mudou Antonio Teixeira de intento, e deliberou continuar a guerra, sem embargo de se retirarem sem sua ordem para o Pará os Capitães Pedro Maciel, e Joaõ Velho, levando comsigo parte da gente que haviaõ trazido de soccorro. No Pará os naõ quizeraõ justamente receber, condemnando a sua maldade, de que se origináraõ grandes dissençoens que depois se compuzeraõ. Antonio Teixeira ficando só com 60 Portuguezes, e 200 Indios, se resolvéraõ todos, por serem naturaes da terra, a vender caras as vidas aos Holandezes, determinando perdellas naquella difficil conquista. Com esta resoluçaõ dividio Antonio Teixeira esta gente em duas Companhias, de que fez Capitães a Manoel Carvalho, e Joaõ Vasco soldado de conhecido valor. Ordenou a Manoel Carvalho que passasse á Ilha com 40 Portuguezes, e cem Indios a fazer farinhas de mandioca para se sustentarem. Teve o Governador da Cidade esta noticia, mandou sair della 60 Holandezes, e 100 Indios: foraõ estes buscar Manoel Carvalho, o qual os recebeo com tanta resoluçaõ, que em pouco espaço os desbaratou, e voltando elles as costas, os seguio até perto da Cidade, aonde naõ chegaraõ vivos mais que dez Francezes, que o Governador mandou enforcar, dizendo que em outras occasioens haviaõ feito o mesmo, por naõ quererem pelejar contra os Portuguezes. Fez mais alegre este successo lograrse sem morrer soldado algum, podendo fazer grande falta em taõ pouco numero qualquer que perdesse a vida. Poucos dias depois desta occasiaõ, mandou Antonio Teixeira ao Alferes Manoel Dornelas com 30 Portuguezes, e 50 Indios buscar mantimentos á Ilha, e ja neste tempo havia chegado o alojamento ao rio que a divide da terra firme. Em passando o rio, soube o Alferes que os Holandezes haviaõ levan-

Anno 1643.

tado hum reducto em hum sitio por onde forçosamente havia de passar, e que o guarneciaõ 40 soldados. Prevenido com esta noticia; marchou com diligencia por lugares occultos, e antes que amanhecesse chegou ao reducto sem ser sentido: entrou o com facilidade, e degolou os Holandezes que achou dentro. Retirouse, e animáraõse todos de sorte com estas fortunas, que sabendo quatro Portuguezes que estavaõ 25 Holandezes em huma casa de hum Engenho, se resolveraõ a ganharlhe huma só porta que tinha, e defendendo tres que naõ sahisse algum dos que estavaõ dentro, e ajuntando o que ficava quantidade de lenha, rodeou com ella a casa, e pondolhe o fogo, ardeo com todos os Holandezes que estavaõ nella. Nesta forma de guerra continuaraõ até 13 de Junho, dia em que ouviraõ disparar muitas peças de artilharia na barra. Antonio Teixeira mandou logo o Alferes Joaõ da Paz com 8 Portuguezes, e 50 Indios embarcados em duas lanchas a averiguar a causa desta novidade: indo navegando encontràraõ huma lancha com 27 Holandezes, e duas peças pequenas de artilharia, investio a o Alferes, entrou-a, e rendeo-a. Mas este bom successo foy causa de grandissimo damno: porque o Alferes divertido com o alvoroço da victoria naõ continuou a jornada a que fora mandado, sendo motivo de se perder Pedro de Albuquerque, que era o que havia ordenado que se disparasse a artilharia; porque havendo partido deste Reino por ordem delRey a governar o Maranhaõ, levando em hum navio, em que deu à véla a 29 de Abril, Infantaria, muniçoens, mantimentos, e fazendas, chegando à barra da Cidade de S. Luiz, e naõ tendo noticia dos successos daquelle Estado, nem Piloto que lhe ensinasse os portos, mandou disparar a artilharia para que ao rumor della accodisse alguma pessoa que o informasse. Vendo que naõ conseguia effeito algum desta diligencia; poz a proa no Pará, e naquella barra se perdeo o navio, salvandose no batel Pedro de Albuquerque com 40 Portuguezes. Chegou brevemente a nova desta desgraça a Antonio Teixeira, porém naõ lhe fez perder o alento: antes avistando oito navios Holandezes o sitio em que

estava

Anno 1643.

Entrão os nossos hum reducto.

Perdese no Pará o navio de Pedro de Albuquerque.

estava alojado, e naõ se atrevendo a investillo, determinárao enganallo, mandando-o persuadir que se recolhesse á Cidade, onde governaria os Portuguezes sem oppressaõ alguma, nem dependencia. Respondeo a esta embaixada, que brevemente esperava alojarse na Cidade, lançando della hospedes taõ indignos de amizade, e de credito, e que as victorias passadas eraõ fiadores das esperanças futuras. Exasperados os Holandezes da resoluçaõ desta reposta, deraõ ordem que se naõ concedesse quartel a Portuguez algum: a mesma deu contra elles Antonio Teixeira, exceptuando os Francezes que assistissem daquella parte; que servio de os fazer mais suspeitosos com os Holandezes. Antonio Teixeira naõ mandou passar á Ilha algum dos seus soldados até o mez de Outubro, nem succedeo empreza de importancia. Obrigado neste tempo da falta de mantimentos, havendoselhe unido alguns Portuguezes, e Indios do sertaõ, passou com toda a gente à Ilha, mandando diante ao Sargento mór Agostinho Correa com a Companhia de Joaõ Vasco, o qual depois de colhidas as farinhas seguido de Antonio Teixeira investio o Forte do Calvario junto do rio Itapicurû, e achou-o sem guarniçaõ pelo haverem largado os Holandezes. Deste lugar mandou hum valeroso Indio, chamado Sebastiaõ com outros 36 Portuguezes, e deulhe ordem que puzesse fogo a alguns canaviaes junto da Cidade. Assim o executou, assaltando de caminho hũa lancha que estava varada em terra, em que havia 27 Holandezes, de que naõ escapou algum com vida. Os Holandezes da Cidade reconhecendo os damnos que recebiaõ na campanha, cerráraõ as portas, e crescendolhes por instantes o aperto, e o receyo, se acháraõ reduzidos á ultima desesperaçaõ; porque se acaso algum sahia da Cidade, logo era morto dos Portuguezes, e Indios, que nunca sahiraõ dos matos visinhos a ella. Estando nesta afflicçaõ, entrou no porto obrigado de huma tormenta hum navio nosso que fazia viagem para a Bahia: entráraõ nelle os Holandezes sem achar resistencia, e embarcandose em dous mais, de que senaõ haviaõ servido por estarem mal aparelhados, deraõ à véla para a Ilha de S. Christo-

Anno 1643.

Anno 1643.

Retiraõse os Holandezes entra Antonio Teixeira na Cidade.

vaõ, que habitávaõ naquella Costa, aonde chegàraõ com grande trabalho por falta de mantimentos, sendo só 300 os que se embarcáraõ, e mais de 1500 os que em varias occasioens lhe matou a nossa gente. Com grande contentamento recebeo Antonio Teixeira esta noticia; marchou logo para a Cidade que achou de todo desmantelada, e 14 peças de artilharia encravadas: porém os Holandezes naquellas ruinas deixàraõ o triunfo de Antonio Teixeira, e dos mais, que com tanto valor, e sofrimento sustentàraõ tres annos aquella guerra, sem mais soccorro que a gente do Parà que tornou a retirarse; e custandolhe muito sangue atè o mantimento de que se alimentávaõ, vieraõ a conseguir lançarem fora os Holandezes de huma das Conquistas de mayor utilidade que Portugal hoje cultiva. Quando os Holandezes deraõ principio a esta guerra, leváraõ para o Maranhaõ muitos Indios das partes donde naquellas costas tinhaõ Fortalezas: entre estes foraõ os de Ceará, e Camozins. Retiraraõse do Maranhaõ, e foraõ lançados no Comozins, que dista 70 leguas os Indios que escapàraõ da guerra, sem lhes dárem os Holandezes alguma satisfaçaõ. Escandalizados do mào trato com que os despediraõ, se juntàraõ com outros da mesma naçaõ, e avançàraõ hum reducto que os Holandezes guarneciaõ naquelle sitio, e colhendo-ossem prevençaõ, os degoláraõ a todos. O mesmo fizeraõ em outro reducto, dez leguas adiante, e animados destes successos se resolvéraõ a investir a Fortaleza de Ceará, que distava cem leguas deste sitio. Tomada esta determinaçaõ, marcháraõ com grande silencio, e chegando à Fortaleza sem serem sentidos, se embofcáraõ em hum mato visinho, aguardando a que se abrisse a porta. Os Holandezes pela segurança passada naõ temendo o damno presente, tanto que amanheceo, aberta a porta, saíraõ da Fortaleza quasi todos a negocear, como costumavaõ as utilidades da campanha. Naõ aguardáraõ mais tempo os Indios, avançáraõ com grande valor, ganharaõ a porta, e a Fortaleza, degolaraõ alguns Holandezes que acharaõ dentro nella, os que estavaõ fóra se renderaõ; e avisáraõ logo ao Maranhaõ a Antonio Teixeira, que mandasse

Degolaõ os Indios os Holandezes.

Ganhãose os mais reductos, e dase conta a El Rey, que faz merce aos que o serviraõ.

occu-

occupar aquellas Fortificaçoens que haviaõ ganhado, o que elle logo executou mandando prisidialas. Despachou com as novas de todos estes successos ao Capitaõ Joaõ Vasco para este Reino, aonde chegou a salvamento, e ElRey informado dos que melhor procederaõ nesta guerra lhes satisfez largamente o seu merecimento, igualando aos Indios com os Portuguezes, attençaõ que os deixou mais animados para conseguir novas emprezas. Estes foraõ os successos da America, sem que houvesse nos outros lugares acçaõ digna de memoria.

Anno 1643.

Foraõ menos gloriosos os de Africa, a que servio de theatro o Reino de Angola. Retirado Pedro Cesar de Menezes para a Fortaleza de Masangano, depois de perdida a Cidade de S. Paulo, de que distava 30 leguas, padecêraõ grandes enfermidades todos os Portuguezes que o acompanharaõ. Naõ ficou Pedro Cesar livre do contagio, adoecendo taõ gravemente, que chegou ao ultimo periodo da vida: porém livre deste perigo, experimentou outros naõ menos pezados. Tanto que convalesceo, ajuntou 260 Portuguezes, e 2000 negros, e foy fazer guerra a hum negro senhor de muitos vassallos, chamado Amochama, por se haver rebelado contra ElRey, a quem pagava tributo. Teve noticia Amochama do intento de Pedro Cesar, e fogio para Nabangongo, terra de hum vassallo delRey de Congo, a ajustarse com outros senhores de vassallos, a que chamaõ Sovas, os quaes unidos se ajustaraõ a fazerem guerra aos Portuguezes, com intento de os lançarem fóra daquelle Reino. Pedro Cesar tendo a empreza por difficultosa, mandou ordem ao Capitaõ Antonio de Abreu de Miranda, e ao Capitaõ Antonio Bruto com 300 Portuguezes, e 1200 negros que tinhaõ á sua ordem, se viessem encorporar com elle: porém só Antonio Bruto chegou com 150 Portuguezes, e alguns negros, por andar Antonio de Abreu occupado em outra guerra mais distante. Sahio Pedro Cesar de Masangano, e em seis dias chegou a Nabangongo: achou os negros em campanha resolutos a pelejar; avançou os, parecendolhe que era facil o desbaratallos, porem elles recebendo o choque

Successos de Angola.

Anno 1643.

com muito valor, matando o Alferes Joaõ Vieira, e alguns negros, obrigaraõ a nossa gente a que se retirasse para hum quartel que haviaõ levantado. Neste sitio determinou Pedro Cesar aguardar Antonio de Abreu para acabar com este soccorro a empreza começada. Os negros receando este successo mandàraõ pedir aos Holandezes que os ajudassem, e que em satisfaçaõ do soccorro lhes dariaõ 600 cativos; aceitáraõ elles o concerto; porém os Sovas antes de chegàrem se retiráraõ. Tendo Pedro Cesar esta noticia, mandou seguilos pelo Capitaõ André da Costa com alguns Portuguezes, e mil negros: tendo elle chegado a desbaratarlhe a retaguarda encontrou 150 Holandezes; que eraõ os que vinhaõ soccorrelos. Tanto que huns, e outros se avistàraõ, sem dilaçaõ se investiraõ: porèm cahindo das primeiras cargas morto André da Costa, voltáraõ todos os soldados. Seguiraõlhe os Holandezes o alcance, matàraõ muitos negros, e 30 Portuguezes, e ficáraõ 12 prisioneiros. em que entrou o Capitaõ Diogo Gomes Morales. Antonio Bruto recolheo os que escapáraõ, e se retirou para o quartel onde estava Pedro Cesar, Neste tempo havia elle recebido aviso de Cornelio Nicolant, que governava a Cidade de S. Paulo (a que os Holandezes haviaõ trocado o nome em o de Loanda) em que lhe dizia, que ElRey D. Joaõ havia feito pazes com os Estados. Esta noticia fez esquecer a todos a desgraça succedida, esperando por este meyo conseguir o socego que desejavaõ. Poucos dias depois chegou do Reino Antonio da Fonseca Dornelas com cartas delRey para Pedro Cesar, em que lhe dava noticia das pazes celebradas com Holanda: porèm advertialhe que naõ perdoasse a diligencia alguma por restaurar a Cidade de S. Paulo, ainda que fosse à custa de grande dispendio; e que se para este effeito lhe parecesse mudar de quartel, o fizesse, occupando o sitio que lhe parecesse mais accommodado. Deu Pedro Cesar esta ordem à execuçaõ, e foy o primeiro passo da sua ruina. Alojouse em o lugar de Gongo na foz do rio Bengo, quatro leguas de S. Paulo, e capitulou com os Holandezes que se dentro de nove mezes naõ tivesse nova ordem delRey, que largaria aquelle

Obrigão os negros a retirar os nossos.

Retirãolhes nossos com perda.

le posto, que a seu beneplacito occupava, e logo despedio hũa caravela em que dava conta a ElRey do perigoso estado daquelle Reino, e com grande instancia pedia que lhe mandasse successor, e para mayor segurança concordou com os Holandezes que no praso sinalado que havia de assistir naquelle sitio, haveria de huma, e outra parte amigavel correspondencia; e que se neste tempo viesse ordem dos Estados aos Holandezes para largarem a Cidade, o executariaõ sem replica, e que da mesma sorte chegando ordem delRey para largar o posto que occupava, se recolheria ao lugar do Sertaõ, que lhe fosse sinalado: e que se durando este praso naõ chegasse resoluçaõ a alguma das duas partes, elegeria qualquer dellas o partido que melhor lhe parecesse. Feita esta capitulaçaõ, começáraõ a corresponderse ambas as Naçoens com amigavel trato, que durou sem malicia atè que chegou por Governador da Cidade de S. Paulo hum Holandez chamado Hansmolt, o qual deu noticia, que vindo da Mina, e passando por S. Thomé achàra que os Portuguezes tinhaõ sitiado aos Holandezes na Fortaleza. Originouse deste aviso porse em pratica entre os Officiaes; se seria conveniente em satisfaçaõ do aggravo de S. Thomè (como se deste effeito naõ fora causa a sua maldade) attacarem huma noite o quartel em que estava alojado Pedro Cesar. Facilmente acharaõ razoens para córar esta infidilidade, porque faltandolhe a fé, e a honra, só tinhaõ por objecto o interesse, e vieraõ a ajustar darem á execuçaõ o intento da empreza. Teve Pedro Cesar anticipado aviso da fabrica desta maldade, e como o seu animo era livre de toda a cavilaçaõ, lhe pareceo que bastava mandar dizer ao Governador da Cidade, que lhe naõ era occulto o seu intento. Respondeolhe, que primeiro se acabaria o mundo, que faltasse a sua palavra, e reconheceo a sua malicia que desta forja lhe sahiria mais vigoroso o engano. Correspondeo o successo á disposiçaõ: porque Pedro Cesar com a sua reposta socegou o seu receyo, como se naõ fora capaz de enganar quem era inventor de se romperem as capitulaçoens sem causa. Neste tempo teve Pedro Cesar outra inferencia, que pudera acordalo do lethargo

Anno 1643.

Tregoas dos Holandezes com Pedro Cesar.

Anno 1643.

thargo em que o tinha ſepultado a ſua deſgraça. Aportou em S. Paulo hum navio Holandez, que havia feito preza em huma fragata noſſa, que navegava carregada de aſſucar da Ilha do Eſpirito Santo para Lisboa. Recorreo Pedro Ceſar ao remedio inutil de ſe queixar a Hanſmolt do exceſſo commettido contra as capitulaçoens aſſentadas entre o Reino, e Eſtados, pedindolhe a reſtituiçaõ da fragata. Reſpondeolhe que logo a mandaria entregar, ajuntando novas ſeguranças da firmeza da ſua palavra. E porque os ſeus enredos naõ tinhaõ mais campo para ſe diſſimularem, naquella noite, que ſe contavaõ 26 de Mayo, marchou com grande ſilencio, levando comſigo 300 Holandezes, e antes de amanhecer, chegou ao alojamento de Pedro Ceſar, e achando-o ſem trincheiras, nem ſentinellas; o penetrou com pouca reſiſtencia. Morreraõ logo 40 ſoldados, em que entraraõ o Sargento mór Manoel de Medella, o Capitaõ Antonio Bruto, Joaõ Pegado da Ponte Capitaõ dos moradores da Cidade, e Pedro de Gouvea Leite: ficou priſioneiro Pedro Ceſar com algumas feridas, e 187 ſoldados, ſalvandoſe alguns que fugiraõ para o Sertaõ. Importou aos Holandezes o ſaco mais de 600 mil cruzados em ouro, e prata, fóra muitas fazendas, e eſcravos. Retiràraõſe para a Cidade, e embarcáraõ os priſioneiros em hum taõ pequeno navio, que com difficuldade cabiaõ nelle, e com taõ poucos mantimentos, que lhe foy forçado recolheremſe a Pernambuco, onde foraõ tratados humanamente do Conde Nazau, moſtrando que ſentia o exceſſo commettido em Angola, e brevemente os remeteo á Bahia, e a Lisboa. Os que eſcapáraõ do conflicto, ſe retiraraõ a Maſangano, e elegeraõ por ſeus Governadores Bartholomeo de Vaſconcellos Antonio Teixeira, e Joaõ Zuzarte, aos quaes os Holandezes mandaraõ hum Embaixador deſculpandoſe do ſucceſſo paſſado. Vendo elles eſta demaſia prenderaõ o Embaixador, e todos os que o acompanhavaõ, e procederaõ com grande cautella, temendoſe de outro engano, como o que tinhaõ padecido. Paſſado algum tempo, achandoſe neceſſitados de alguns mantimentos, que naõ podiaõ conſeguir ſem o trato dos Holandezes, ſe ajuſtou

Rompem o quartel, e a palavra os Holandezes.

o com-

o commercio, de que se originou poderem os Portuguezes, que entravaõ na Cidade, communicarse com Pedro Cesar, que estava prezo na casa do governo: ajustaraõ com elle livrallo da prizaõ. Tiveraõ ordem, e commodidade para o tirar occulto entre os negros que costumavaõ sair a trabalhar, e pondo-o em huma rede o levaraõ com grande brevidade ao porto de Tombo, que fica no rio Coanza 12 leguas da Cidade, onde estava numa lancha prevenida, que o levou em quatro dias a Malangano, achando fidelidade em ElRey das Pedras, e alguns Sovas visinhos, que o ajudaraõ a sustentarse no governo que logo lhe entregàraõ até o tempo que adiante veremos.

Anno 1643.

Livraje da prizaõ Pedro Cesar

Deixámos no fim do anno antecedente na India correndo a Costa de Choromandel a Armada que o Viso-Rey havia mandado a segurar as nossas Praças, de que era Cabo Domingos Ferreira Behago. Teve elle noticia que os Holandezes determinavaõ sitiar S. Thomé: accodio áquella parte, chegou a Negapataõ, e achou que os Holandezes sitiavaõ a Povoaçaõ com sete navios. Domingos Ferreira acompanhado de D. Alvaro de Attaide atracou hum delles, e depois de pelejarem tres horas, lhe lançaraõ tanto fogo que o deixaraõ, por entenderem que ficava perdido, e passaraõ a atracar os outros navios. Os Holandezes que estavaõ debaixo da cuberta do que se avaliava por perdido, tanto que se viraõ desembaraçados, sahiraõ com valor, e diligencia a apagar o fogo, que só andava em cima da cuberta. conseguiraõno, e tornáraõ a compor o que acharaõ desbaratado. Advertida esta novidade por Domingos Ferreira, mandou com grande diligencia tornar a investir o navio; porèm com successo mais adverso, porque huma bala de artilharia que o navio disparou, acertando no payol da polvora de hum dos que o seguiaõ, voou miseravelmente, perdendo e toda a gente que levava, e neste tempo lhe accodiraõ algumas lanchas que com reboques o livraraõ, ainda que muito desbaratado, do ultimo perigo. A esta desgraça se segio outra, indo se a pique hum navio que vinha maltratado da viagem. Domingos Ferreira sem outro effeito se fez á véla para S. Thomè, e encontrando na viagem

Successos da India.

huma

huma náo Holandeza que vinha de Palcate, a seguio com tempo contrario, e chegando por disgraça sua a tiro de artilharia; lhe acertou huma barreta pelos peitos, de que chegando a S. Thomè, depois de lhe escapar a nào, veyo a perder a vida. Foy muito sentida a sua morte, por ser soldado de merecida reputaçaõ. Succedeolhe D. Alvaro de Attaide, que no discurso desta viagem o havia acompanhado com muito valor. A Armada invernou em S. Thomè, aonde o Viso-Rey a mandou refazer, para assistir na defensa daquella Cidade, e dos mais lugares que tinhamos naquella Costa. Os Holandezes, dos sete navios que pelejaraõ com Domingos Ferreira, fizeraõ aviso aos moradores da Cidade de Negapataõ que a despejassem logo, pois conheciaõ, que nem tinhaõ defensa, nem podiaõ esperar soccorro. Os da Cidade consultaraõ o aperto a que estavaõ reduzidos, e conhecendo que era impossivel defenderse, offereceraõ aos Holandezes ametade de todos os bens que logravaõ, segurandolhes que os deixariaõ ficar no socego de suas casas. Aceitaraõ os Holandezes o partido, desembarcaraõ 600, e alojandose nos Conventos da Madre de Deos, e S. Francisco, aguardaraõ fortificados a satisfaçaõ da promessa dos moradores. Alguns dos mais principaes da Cidade vieraõ buscar os Capitães, e lhes propuzeraõ a sem razaõ com que os maltratavaõ, quando era sem duvida que entre os Estados, e ElRey se havia celebrado huma solemnissima Tregua: porèm que para satisfaçaõ da despeza que haviaõ feito, quizessem contentarse com onze mil patacas, que logo lhes mandariaõ entregar. Aceitaraõ elles esta segunda offerta, respeitando a Armada de Domingos Ferreira, e naõ se podendo ajuntar todo o dinheiro que se lhes havia promettido, levaraõ em refens a hum dos do governo, e ao Reitor da Companhia. Livres deste trabalho os de Negapataõ, lhes sobreveyo outro mayor: porque o Nayque com quem confinavaõ, usando de huma industria, de que outras vezes se tinha valido, lhes pedio satisfizessem o dispendio que havia feito em os soccorrer. Sendo falsa esta proposiçaõ, e achando nos moradores da Cidade justa resistencia, intentou profanar as Igrejas, e abrir as

Morte de Domingos Ferreira Beliago a que succede D. Alvaro de Attaide.

Entrão os Holandezes em Negapatão.

as ſepulturas, imaginando que, conforme o eſtylo gentilico, havia de achar nellas algum theſouro. Exaſperados os de Negapataõ deſta exorbitancia, ſe puzeraõ em defenſa, de que reſultou ſitiar o Naique a Cidade, e apertala com aſſedio, e aſſaltos continuos. Vendo os moradores o perigo em que ſe achavaõ, mandaraõ pedir ſoccorro ao Viſo-Rey, implorando o ſeu favor com a humildade de que coſtumaõ uſar os que dependem de mercê alhêa: porque nos annos antecedentes haviaõ deſobedecido varias vezes ás ordens do Viſo-Rey, e eraõ tidos por indomitos. Porém o Viſo-Rey conſiderando que a primeira razaõ era ſerem Portuguezes, e obrigandoſe juntamente delles ſe ſujeitarem a abrir huma Alfandega como a de Cochim, e da offerta que fizeraõ de 400 candins de arroz, para ajuda do ſuſtento da gente com que foſſem ſoccorridos, promettendo accodirem juntamente com as peſſoas, e fazendas ao trabalho de huma larga Fortificaçaõ, com que pertendiaõ ſegurarſe de novos accidentes; perſuadido deſtas razoens deſpachou logo huma galeota com ſeis peças de artilharia de bronze, quantidade de muniçoens, e hum engenheiro; e aviſou a Ceilaõ a D. Filippe Maſcarenhas, para que accodiſſe àquella Cidade com o ſoccorro que lhe foſſe poſſivel, o que elle logo executou. O meſmo fez D. Alvaro de Attaide com a gente da Armada que trouxe de S. Thomé. Com eſte ſoccorro ſe deu principio á Fortificaçaõ, e brevemente ſe puzeraõ em defenſa cinco Baluartes pela parte da terra, em que ſe plantaraõ 26 peças de artilharia, e a boca da barra defendiaõ dous pataxos, e quatro jaléas. Os ſoldados pagos eraõ 280, eſtes, e a gente da terra, que ſe lhe aggregou, governava D. Antonio Manoel de Menezes. O Nayque ainda que com a Fortificaçaõ vio mais difficultoſa a empreza do que imaginava, naõ deſiſtio della: porém apertado com varias ſortidas, em que perdeo muita gente, deſeſperado de conſeguir o ſeu intento, ſe retirou, e ficaraõ os ſitiados com menos moleſtia da que atè aquelle tempo tinhaõ padecido.

Anno 1643.

Sitia o Naique Negapataõ.

Fortificaſe Negapatão com ſoccorro.

Levanta o ſitio.

Com a perda de Malaca ficou muito difficultoſa a viagem da China, por ſer aquella Fortaleza a unica

eſcala

Anno 1643.

eſcala deſta dilatada navegaçaõ: mas ſendo preciſamente neceſſario ſoccorrer Macáo, pela importancia daquella Cidade, mandou o Viſo-Rey a Gomes Freire por Capitaõ de hum navio com ordem que navegaſſe por fòra da Ilha de Samatra a embocar pelos Eſtreitos de Sunda ou de Balle, confórme o tempo lhe deſſe lugar. Teve proſpera viagem atè a Linha, aonde achou hum temporal taõ rijo, que lhe foy neceſſario andar muitos dias naquelles mares, encontrou nelles com tres navios Holandezes que o obrigaraõ a ſe recolher a S. Thomè. Deſte porto paſſou ao de Jafanapataõ, como mais ſeguro, aonde ſe tornou a apreſtar para ſeguir a ſua dorrota. Teve melhor ſucceſſo huma galeota que o Viſo-Rey tambem deſpedio para Macào: chegou brevemente áquella Cidade, que achou em grande aperto por falta dos contratos do Japaõ, que de todo eſtavaõ cerrados; porem ſuſtentava-ſe com menos perigo, porque o poder dos Holandezes da Ilha Formoſa, que lhes ficava viſinha, ſe empregava contra os Preſidios que os Caſtelhanos tinhaõ naquella Coſta, ſummamente arruinados com notaveis terremotos, e volcães de fogo, que varias vezes haviaõ com grande damno experimentado. A Fortaleza que eſtava em mayor ſocego, era a de Moçambique, governada por Julio Moniz da Silva: por quem o Monomotapa, Emperador de toda a Cafraria, perſuadido das prègaçoens dos Religioſos de S. Domingos, ſe havia feito Chriſtaõ com outros muitos Vaſſallos ſeus, e profeſſava com os Portuguezes taõ eſtreita amizade, que ſegurava a ſua peſſoa com alguns ſoldados, que Julio Moniz lhe remetteo.

Convertese o Monomotapa.

Eſtando a India no aperto referido, chegou a Goà Pedro Boroel Embaixador de Antonio Vandamien Governador Geral das Provincias Unidas, que aſſiſtia naquelle tempo em Betávia. Foy recebido do Viſo-Rey com grande oſtentaçaõ, e pedindolhe Miniſtros para tratar os negocios a que vinha, lhe nomeou o Doutor Antonio de Faria Machado Inquiſidor da primeira Cadeira, e o mais antigo Conſelheiro de Eſtado, a Andre Salema tambem do Conſelho, e Vèdor da Fazenda, e a Joſeph

Embaixada dos Holandezes.

de

de Chaves Sottomayor Secretario de Eſtado. Começouſe a conferencia, e foy o ponto de mayor conſideraçaõ pretenderem os Holandezes que a Fortaleza de Gále em Ceilaõ dominaſſe, concluida a Tregoa, todas as terras adjacentes, allegando, que a poſſe em que eſtavaõ da Fortaleza lhes alargava o dominio a tudo o que lhe pertenceſſe: Allegavaſe contra eſta propoſiçaõ, que os capitulos da Tregoa, celebrada com Triſtaõ de Mendoça, naõ continhaõ eſta declaraçaõ, e que de preſente ſenhoreava eſtas terras o noſſo Exercito, que eſtava alojado nellas. Eſtas, e outras razoens, ainda que convencéraõ a Pedro Boroel, como naõ trazia ordem para concluſaõ alguma, pelo muito que os Holandezes deſejavaõ a guerra, depois de varios proteſtos, que de huma, e outra parte ſe fizeraõ, ſe deſpedio do Viſo-Rey, dizendo que ſe daria conta aos Eſtados, e com tres Pataxos ſe fez na volta de Ceilaõ, e tomou o porto de Gále a 8 de Mayo. Ao dia ſeguinte unindo 300 ſoldados que levava, aos da Fortaleza, ſahio em campanha: fez aviſo a D. Filippe Maſcarenhas a Ceilaõ, que diſtava 20 leguas; que as Tregoas eſtavaõ quebradas, e ſem eſperar repoſta ſua, marchou a buſcar a noſſa gente, que eſtava alojada na Aldea de Curaça, tres leguas de Gále: e deixou 50 ſoldados em Beligaõ para ſegurar as terras dos Candezes, que nos obedeciaõ. Na manhaã de 11 de Mayo deraõ viſta as noſſas ſentinelas do Exercito dos Holandezes, que ſe compunha de 400 da ſua naçaõ, e multidaõ grande dos Amigos que tinhaõ naquella Ilha. Teve prompto aviſo Antonio da Motta Galvaõ, que era Capitaõ mór da noſſa gente, recebeu-o eſtando á Miſſa com a mayor parte della, e parece que Deos, aceitando o ſacrificio, ajudou a juſtiça da noſſa cauſa. Animou Antonio Galvaõ os ſoldados com razoens fervoroſas, e com o exemplo: pegaraõ todos aceleradamente nas armas, e naõ prejudicando a preſſa à ordem, occuparaõ os poſtos convenientes, e enſinandolhe o valor a naõ temer os perigos ſahiraõ fóra das trincheiras, e como os Holandezes imaginavaõ achalos deſcuidados, lhes ſervio eſta cautela de confuſaõ: vendo-os com tanta ordem reſolutos. Reconheceo Antonio Galvaõ o receyo dos

Anno 1643.

Não ſe ajuſtão as duvidas.

Renovaſe a guerra com os Holandezes.

Anno 1643.

Rota dos Holandezes em Ceilaõ.

dos Holandezes, e entendendo que naõ podia lograr melhor tempo, os investio com tanto valor, que depois de larga resistencia, os derrotou totalmente, ficando a mayor parte delles mortos, e prisioneiros, e naõ escapando dos da Ilha mais que aquelles, que pela ligeireza se salváraõ. Houve entre os nossos soldados acçoens muito sinaladas. O Alferes Gomes de Carvalho, pertendendo os Holandezes tirarlhe da maõ huma bandeira, escolheo entregar primeiro a vida. O Capitaõ mór Antonio Galvaõ acompanhado de Ignacio Sarmento de Carvalho, Joaõ de Sepulveda, Lourenço Ferreira de Britto, Pedro de Sousa, Francisco Fajardo, e Manoel de Sousa Falcaõ, saindo os tres Capitaens ultimos com muitas feridas, fizeraõ acçoens dignas de immortal memoria. Por outra parte o Sargento mór Lazaro de Faria, Joaõ Gomes de Lemos, Manoel das Neves, Pedro de Faria, Fernaõ dos Santos, e Luiz Alvares de Azevedo naõ tiveraõ menor parte neste successo. Morrèraõ 22 soldados, e naõ eraõ os que pelejáraõ mais que 200. D. Filippe Mascarenhas com o aviso que teve de Pedro Boroel, ordenou a a Joaõ Alvares Bretaõ que marchasse com treze Companhias a soccorrer a Antonio da Mota Galvaõ. Ao mesmo tempo com aviso dos Holandezes marchava ElRey de Candia a soccorrellos, e encontrandose ambos no mesmo dia da victoria, naõ quiz ElRey de Candia experimentar a fortuna: retirouse para os seus lugares, e o Capitaõ Joaõ Alvares se encorporou com Antonio da Mota. Com este successo ficou Ceilaõ por algum tempo socegado, e Pedro Boroel solicitando a vingança no poder alheyo, partio de Baticalau para a Costa de Choromandel, e entrando na Fortaleza de Trangambar, pertendeo provocar ao Nayque de Tanjaor senhor das terras circunvisinhas de Negapataõ, que nos continuasse a guerra que havia começado, offerecendolhe na primeira monçaõ grande soccorro: porém o Nayque que havia experimentado a nossa resistencia, e ajustado pazes, naõ aceitou esta proposta, e Pedro Boroel se fez á vèla para Paliacati, aonde acabou a vida, perdendo os seus naturaes nelle hum grande opposto á nossa conservaçaõ. Chegou a Be-

à Betavia a noticia dos ſucceſſos de Ceilaõ, e o Governador Antonio Vandamien ſoccorreo promptamente Gàle, que o noſſo Exercito, a cargo de Antonio da Mota Galvaõ, de novo aſſediava. Animados os da Fortaleza com eſte ſoccorro, fizeraõ huma ſortida, e queimaraõ huma Aldea de 40 peſcadores naturaes da terra. Entre eſte deſaſocego accreſcentou o cuidado ao Viſo-Rey hum novo accidente que ſuccedeo em Cochim: porque havendo algumas razoens de queixa entre hum Portuguez, chamado Pedro Gomes, e o Regedor delRey daquelle Reino, lhe deu a morte. ElRey tomando por ſua conta a vingança deſte deſacato, ajuntou gente com intento de começar a guerra. Accodio o Viſo-Rey a taõ imminente perigo, e mandou àquella Ilha a Bernardo Moniz de Menezes, eſtimado por valeroſo, e prudente, com quatro navios, e deolhe ordem para que antes de ſe começar a guerra, procuraſſe todos os meyos de accommodamento com ElRey. Chegou elle a Cochim, e tratou eſte negocio com tanta prudencia, que conſeguio naõ ſó ficar ElRey ſatisfeito, mas renovar as pazes com taõ apertadas circunſtancias, que ficou eſtabelecida a amizade que ſempre teve com os Portuguezes. Neſte tempo entrou na barra de Murmugaõ huma nào Holandeza, que vinha da Perſia, obrigada de hum temporal: vinha carregada de riquiſſimos generos, e governada por hum Holandez Commendador da Perſia, o qual conſiderando o aperto em que ſe achava propoz ao Viſo-Rey, que elle havia chegado àquelle porto na fé da Tregoa que ſe dizia celebráramos com os Holandezes, e que ſe Pedro Boroel a havia quebrado, naõ era juſto que todos padeceſſem o ſeu erro; que aſſim lhe pedia quizeſſe largarlhe a náo, ou depoſitalla até elle ſer com Antonio Vandamien medianeiro da Tregoa. Entendendo o Viſo Rey, que naõ era razaõ por taõ pequeno intereſſe ficar com o eſcrupulo de poder ſer eſta a cauſa do deſaſocego daquelle Eſtado, conſentio na propoſta, e dando licença ao Commendador para paſſar a Betavia, ficando a náo depoſitada. Depois de paſſado algum tempo, chegou a Goa Embaixador de Betavia com propoſiçaõ de, que ametade das terras ſujeitas

Anno 1643.

Exceſſo de Pedro Gomes em Cochim.

Anno 1643.

jeitas a Gâle, celebrandose a Tregoa, ficassem depositadas atè novo aviso dos Estados, e do Reino. Considerando o Viso-Rey os inconvenientes desta proposta, naõ consentio nella, e ficou a guerra no estado em que estava de antes, e tratou o Viso-Rey de segurar as Praças, e fornecer as Armadas. Mandou huma de 20 navios para o Norte, de que era Capitaõ mór seu filho Luiz da Silva Tello; outra de 13 para o Cabo de Comorim, que governava Luiz Carvalho de Sousa, a da Costa constava de 14, á ordem de Bernardo Moniz de Menezes, e na Costa de Dio andava com 11 o Capitaõ mór Lopo de Barros. Igual numero trazia no Estreito de Ormuz D. Duarte Lobo, e com 12 estava prompto D. Alvaro de Ataide para accodir á parte em que mais se necessitasse do seu soccorro. Partiraõ neste anno para a India a náo Santo Milagre, de que era Capitaõ mór Joaõ Rodrigues Oussá, e Santa Margarida, governada por Pedro de Araujo de Azevedo, ambas chegaraõ a salvamento a Goa.

Anno 1644.

Successos de Alētejo.

Entrou o anno de 1644, e logo mostràraõ em Alentejo as prevençoens de huma, e outra parte, que havia de ser a guerra mais vigorosa, e melhor disputada, que a dos annos antecedentes. Mandou ElRey a Mathias de Albuquerque, que partisse de Lisboa, onde estava, a continuar o seu governo: passou elle logo para Estremôs, levando comsigo, alèm de outros aprestos, dinheiro para pagar aos soldados, e para remonta da Cavallaria, e certeza de se augmentarem os Terços de Infantaria com levas novas. Chegando a Estremôs, foy preparando com summa brevidade tudo o que julgou conveniente para conseguir os progressos da Campanha futura. ElRey Catholico, sentido das desgraças succedidas o anno antecedente, mandou retirar o Conde de Santo Estevaõ, e entregou o governo daquelle Exercito ao Marquez de Torrecusa, avaliado em Castella por hum dos melhores soldados, e de valor mais conhecido que serviaõ aquella Coroa. Sahio elle de Madrid com todas as ordens necessarias para ajustar o Exercito, e augmentar as Tropas. Tanto que chegou a Badajoz, determinou sem perder tempo acreditar a grande opiniaõ que havia adquirido: ajuntou

Chega a Badajoz o Marquez de Torrecusa.

1500

1500 Cavallos, e mil Infantes, e mandou interprender o Castello de Ouguella, de taõ pequena circunvalaçaõ; como temos mostrado. Naõ se achavaõ nelle mais que 45 soldados de guarniçaõ, de que era Capitaõ Pascoal da Costa. Chegou o inimigo, quando rompia a manhaã; e sendo sentido das sentinelas, se preveniraõ os da guarniçaõ para a defensa do Castello. Arrimáraõ os Castelhanos as escadas que traziaõ, e juntamente hum Petardo que levou a porta, que naõ puderaõ entrar os que a avançaraõ, e achando os que subiraõ valerosa resistencia, depois de tres horas de porfia se retiraraõ, deixando as escadas, e 20 soldados mortos, e levando muitos feridos. Teve em Estremôs Mathias de Albuquerque esta noticia, e brevemente passou a Elvas a dispor a satisfaçaõ. Mandou ao Tenente General da Cavallaria D. Rodrigo de Castro, que com 2500 Infantes, e 260 Cavallos fosse queimar a Villa de Montijo; e ao Monteiro mór, que marchasse com 800 Cavallos a dar calor a D. Rodrigo. Era Montijo de 800 fogos, rodeada de huma trincheira muito levantada: tinha de guarniçaõ quatro Companhias de Infantaria, e huma de Cavallos, fóra os Paizanos. Chegou D. Rodrigo a Montijo, e naõ obstando a defensa dos Castelhanos, entraraõ os nossos soldados as trincheiras, e começaraõ a saquear, e pôr fogo á Villa, quando apparecéraõ mil Cavallos do inimigo, que sahiraõ de Badajoz ao rebate. Retirou D. Rodrigo a Infanria, e chegando o Monteiro mór, marcharaõ formados a buscar os Castelhanos. Naõ querendo elles pôr o successo em contingencia, voltaraõ as costas, e sendo carregados das nossas Tropas levemente, por estarem muito distantes, passaraõ Guadiana, deixando alguns soldados mortos. Retirouse o Monteiro mór, e o Marquez de Torrecusa em contraposiçaõ deste successo mandou entrar hum grosso de Cavallaria pelo termo de Portalegre, que levou algum gado, naõ perdoando ás vidas dos miseraveis lavradores. Mathias de Albuquerque, querendo que os Castelhanos sentissem por todas as partes os fios das nossas espadas, ordenou ao Mestre de Campo D. Nuno Mascarenhas, Governador de Castello de Vide,

Anno 1644.

Intrepreza de Ouguella mal succedida.

Anno 1644.

de, que fosse queimar o lugar de Membrilho, nove leguas distante daquella Praça, abundante, rico, e de 400 fogos. Para este effeito mandou encorporar com elle o Tenente de Mestre de Campo General Diogo Gomes de Figueiredo, que levava 300 Cavallos, e alguns Dragoens. Com esta gente, a do seu Terço, e 150 Cavallos mais, marchou D. Nuno, e mandando de vanguarda Diogo Gomes, chegou ao lugar que entrou logo, saqueou, e queimou, com perda de sete soldados, e nove feridos, em que entrou o Capitaõ Ignacio Pereira de Aragaõ. Deste Lugar passou Diogo Gomes ao de Solorinho, que achou despovoado, e com grande despojo se tornou a encorporar com D. Nuno. Quando se retiravaõ; tomáraõ alguns Cavallos de humas Tropas que acodiraõ de Albuquerque. Passado este successo, logrou o Monteiro mòr outro de muita reputaçaõ. Soube que alojava em Villa-Nova de Barca-Rota D. Francisco de Vellasco Tenente General da Cavallaria Castelhana com 500 Cavallos. Ajuntou outros tantos, alguns Dragoens, e 600 Infantes, e marchou para Villa-Nova. Foy sentido antes de ter chegado, e D. Francisco de Vellasco montou com todas as Tropas, e occupou hum monte distante da Villa para a parte opposta da nossa marcha. O Monteiro mór, vendo baldada a occasiaõ de desbaratar estas Tropas, mandou ao Mestre de Campo Eustaquio Pique a reconhecer a Villa, e Castello: achou elle o Castello capaz de mayores prevençoens, e concordáraõ todos em attacar a Villa que era de 700 fogos, e huma das melhores daquelle districto. Assim se executou, e sendo mal defendida, foy facilmente entrada. Saquearaõna os nossos soldados, e puzeraõlhe o fogo, sendo as Tropas inimigas testemunhas deste damno, que naõ custou mais que a vida de hum soldado, e 16 feridos. Retirouse o Monteiro mòr para Alconchel, nove leguas distante, e dentro de poucos dias passou a Campo Mayor a se encorporar com Mathias de Albuquerque O qual, havendo gastado alguns dias em prevenir o que julgou necessario para sair em campanha, se resolveo a buscar caminho de desenganar a confiança do Marquez de Torrecusa.

Queima o lugar de Membrilho.

O Monteiro mór saquea Villa Nova de Barca Rota.

Passou

Paſſou de Elvas a Campo Mayor, onde ajuntou 6000 Infantes, 1100 Cavallos, e ſeis peças de artilharia, as muniçoens neceſſarias, e bagagens que levavaõ mantimentos para vinte dias. Governava a Cavallaria o Monteiro mòr, a Artilharia D. Joaõ da Coſta, Capitães Generaes de hum, e outro Troço. Eraõ Meſtres de Campo de nove Terços em que ſe dividia a Infantaria, Ayres de Saldanha, D. Nuno Maſcarenhas, Luiz da Silva Telles, Joaõ de Saldanha de Souſa, Franciſco de Mello, Martim Ferreira, Euſtaquio Pique, David Calem, e o Terço do Conde do Prado ſem Meſtre de Campo, por ſe achar naquelle tempo com ordem delRey levantando gente no Campo de Ourique. D. Rodrigo de Caſtro Tenente General da Cavallaria havia ficado doente em Elvas. Compunha as Tropas o Commiſſario Geral Gaſpar Pinto Peſtana, e ordenava a Infantaria o Tenente de Meſtre de Campo General Diogo Gomes de Figueiredo. Marchou eſte pequeno Exercito a Albuquerque com o intento de attacar aquella Praça, que conſta de tres mil viſinhos, e contada por ſegunda da fronteira de Caſtella. Prevenio eſte riſco o Marquez de Torrecuſa, e mandou para Albuquerque o Meſtre de Campo Joaõ Rodrigues de Oliveira com 600 Infantes, e tres Companhias de Cavallos. Chegando eſta noticia a Mathias de Albuquerque, deſiſtio da empreza, e marchou com o Exercito a Villar-delRey, lugar grande, e rico, que entrou facilmente, e depois de ſaqueado, lhe poz o fogo. O meſmo incendio padecéraõ a Puebla, e Roca de Manſanete, e deſtes lugares paſſou o Exercito a Montijo. Haviaõ os Caſtelhanos reparado as trincheiras, e eſtavaõ guarnecidas de 300 Infantes: porém penetraraõnas os noſſos ſoldados com o primeiro impulſo, e ſem padecerem grande damno, rendendoſe juntamente os Caſtelhanos que ſe recolheraõ á Igreja, e ás caſas do Conde de Montijo, unidas a ella. Foy muito grande o deſpojo, porque o lugar era o mais rico de toda a Eſtremadura. Naõ havia até eſte tempo apparecido na campanha alguma Tropa do inimigo: porém conſtou das linguas, que ſe tomaraõ em varias Praças, que o Marquez de Torrecuſa unia em

Anno 1644.

Queimaſe Villar delRey, e outros lugares.

Ganhaſe Montijo.

Anno 1644.

Badajoz as guarniçoens de Cavallaria, e Infantaria de toda a ſua Provincia, e que convocava todos os Paizanos que lhe era poſſivel, diſpoſiçoens que evidentemente inſinuavaõ as reſoluçoens de pelejar. Dous dias ſe deteve em Montijo Mathias de Albuquerque, levado da ambiçaõ da gloria que eſperava conſeguir, parecendolhe tambem aquelle ſitio accommodado para eſperar a batalha, ſe acaſo o inimigo o vieſſe buſcar a elle. Vendo que naõ conſeguia eſta idêa, poz o Exercito em marcha com a frente em Campo Mayor, de que diſta Montijo ſeis leguas, a 16 de Mayo, dia em que a Igreja celebrava a feſta do Corpo de Deos. A noite antecedente tocou o inimigo varias vezes arma, para obrigar os ſoldados a que a paſſaſſem com pouco ſocego, querendo ſegurar a victoria na ſua debilidade. O Marquez de Torrecuſa havia neſte tempo unido todas as guarniçoens pagas, e a ellas os Paizanos mais capazes dos Lugares viſinhos, e com huns, e outros prefez o numero de 6000 Infantes, e 2500 Cavallos. Alojouſe eſta gente em Lobon, lugar cinco leguas de Badajoz, e viſinho a Montijo, ſituado ſobre Guadiana, e parte diſpoſta para obſervar a diſpoſiçaõ, e movimento do noſſo Exercito. Houve entre os Cabos do Exercito de Caſtella differentes opiniões: porque alguns diziaõ, que marchaſſem à attacar Olivença, que conſtava haver ficado com pouca guarniçaõ, e que ſem duvida conſeguiriaõ a empreza, e na Praça grande reputaçaõ, e utilidade. Porém o Marquez de Torrecuſa de valor conhecido, e de natural precipitado, diſſe: que os rodeos fizeraõ ſempre as jornadas trabalhoſas; que elle viera á conquiſta de Portugal para livrar depreſſa a ElRey Catholico deſta opreſſaõ, e que ainda que os Miniſtros de Madrid trataváõ taõ pouco de guerra que importava tanto, que puxando elle em oito dias por todas as guarniçoens, e Paizanos com taõ efficazes diligencias, como requeria a tençaõ que ſempre tivera, que era buſcar por eſtrada direita o fim da jornada, intentando desbaratar o Exercito de Portugal, para reduzir á obediencia delRey ſem contradiçaõ todas as Praças da Provincia de Alentejo, lhe naõ fora poſſivel ajuntar mais que 6000 Infan-

Ajunta o Marquez o Exercito de Caſtella.

Reſolução do Marquez de Torrecuſa.

Infantes, e 1500 Cavallos: porém que ainda que este Exercito era pouco numeroso, excedia muito (confórme as intelligencias, e confissaõ das linguas que se haviaõ tomado) ao Exercito de Portugal, por constar só de 6000 Infantes, e pouco mais de 1000 Cavallos; sendo além deste excesso tanta a differença no valor, e sciencia militar de Cabos a Cabos, e de Soldados a Soldados, que antes de attacada a batalha, havia repartido na sua idêa as coroas da victoria. Ouviraõ todos os Officiaes Castelhanos, que se acharaõ neste Conselho, com grande satisfaçaõ o intento do seu General, desejando satisfazerse dos aggravos experimentados nas occasioens dos annos antecedentes: porém naõ deixou de os confundir, declarár o Marquez de Torrecusa que aquella gloria, que se havia de conseguir na victoria (que elle contava por indubitavel) a naõ queria para si, escusandose de naõ sair em campanha, e a dispensava ao Baraõ de Molinguen, que pouco tempo antes havia chegado àquelle Exercito a exercitar o posto de General da Cavallaria.

Anno 1644.

Encarrega o exercito ao Baraõ de Molinguen.

Tomada esta resoluçaõ, sahio de Badajoz com todos os Officiaes o Baraõ de Molinguen com ordem expressa do Marquez de Torrecusa de pelejar com o nosso Exercito. Chegou a Lobon, onde estavaõ alojadas todas as suas Tropas, e passou logo Guadiana á vista do nosso exercito, que marchava pela campanha igual, e desembaraçada. Era o Baraõ soldado valeroso, e pratico, e levava a D. Dionizio Gusmaõ General da artilharia, exercitando o Posto de Mestre de Campo General. Dividiraõ os dous a Infantaria em 9 corpos, e a Cavallaria em 34 esquadroens, e fazendo de toda esta gente huma só linha com duas peças de artilharia nos dous lados direito, e esquerdo da Infantaria, levando a fórma de hum meyo circulo, marcháraõ a attacar a batalha; porque chegando o Mestre de Campo D. Francisco de Luna, e Carcamo com nova ordem do Marquez para que pelejassem, se resolveo o Baraõ a naõ cansar a fortuna mais que com huma só experiencia: tomando juntamente por fundamento investir, com aquella grande frente, a frente, e os flancos do nosso exercito, suppondo-o

Fórma do Exercito de Castella.

desbaratado, tanto que o visse confundido. Taõ pouco credito conseguio naquelle tempo a nossa disciplina. Em quanto o Baraõ de Molinguen se detinha nestas disposiçoens, marchava Mathias de Albuquerque por aquella Campanha com grande vagar, porque levava o Exercito em batalha. Havia dividido a Infantaria em dez Corpos, e a Cavallaria em onze Batalhoens: com seis occupava o lado direito o Monteiro mòr, e com cinco o esquerdo o oCmmissario Geral Gaspar Pinto Pestana; entrando nelles 150 Cavallos Holandezes, governados pelo Capitaõ Piper. Entre as Tropas marchavaõ mangas de mosqueteiros, e as seis peças de artilharia occupavaõ os claros dos Terços da vanguarda: as bagagens hiaõ cubertas com os carros, e estes guarnecidos com 400 mosqueteiros. A Infantaria marchava em duas linhas, a da vanguarda era na marcha a retaguarda, porque o inimigo ficava daquella parte: caminhavaõ as carruagens na vanguarda do Exercito, para que voltadas as caras ao inimigo (como succedeo) ficassem na retaguarda delle. Aconselhàraõ alguns Officiaes praticos a Mathias de Albuquerque, que na consideraçaõ da inferioridade do poder, arrimasse o Exercito a hum bosque que lhe ficava pouco distante, e que sem duvida o ganharia antes que o inimigo chegasse. Porém elle, ou tendo por arriscado presumírem os muitos soldados novos que levava, que era receyo esta arte, ou entendendo que para vencer lhe naõ era necessario melhorar de sitio, naõ quiz usar do conselho, e continuou a marcha sem alterar o passo nem mudar a ordem. Eraõ nove horas, quando os Castelhanos chegáraõ à vista do nosso Exercito. Mathias de Albuquerque com aspecto constante, e bellicoso, com alentado espirito, e diligencia incomparavel, mandou fazer alto aos soldados, e que voltassem as caras aos Castelhanos: proporcionou os claros, compassou as fileiras, e perfilou as filas: cobrio com os carros o lado direito do Exercito, e parte da retaguarda, todo o mais corpo ficou descuberto, podendo ampararse dos mesmos carros: descuido que poz a victoria em contingencia. Guarneceo as bagagens, fez preparar a artilharia, e o tempo que o inimigo

Anno 1644.

Fórma da marcha do Exercito Portuguez.

Disposiçaõ para a Batalha.

go gastou em chegar a attacar a batalha, teve elle de animar aos soldados com as razoens seguintes. „ Privilegio antigo he da Naçaõ Portugueza naõ depender de incentivos para as acçoens grandes: porèm he necessario valerosos soldados, que vos lembreis da justiça com que coroastes o Principe a que obedecemos, e da tyrannia com que fomos tratados o tempo que nos domináraõ estes mesmos inimigos, que agora temos presentes. Pela primeira razaõ acharemos propicio ao Deos dos Exercitos, que além de assistir sempre á parte justificada, empenhou no Campo de Ourique a sua palavra na vossa defensa, e duraçaõ deste Imperio. A segunda vos obriga a que valerosos vos satisfaçaes dos aggravos 60 annos padecidos; e como a alma, e a honra igualmente saõ nos Portuguezes os dous pólos da vida, considerada a injuria, e presente a causa della, nem se póde escusar a batalha, nem duvidar da victoria. Esta he a mesma naçaõ, que nossos Antepassados sempre vencèraõ, e estes saõ os mesmos Castelhanos, de que nos annos proximos em todas as fronteiras temos triunfado. Vem elles a pelejar em huma só linha (temeridade nunca ouvida:) e a causa he, porque naõ puderaõ ajuntar mais que a gente que vedes. Peçovos que resistais o primeiro impulso, e segurovos que tereis vencida a batalha; porque naõ ficaõ ao inimigo reservas, donde se torne a formar a confusaõ deste primeiro impulso. Deve lembrarvos, que com igual Exercito, ao que temos no campo de Montijo, venceo o glorioso Rey D. Joaõ I. no campo de Aljubarrota a ElRey D. Joaõ I. de Castella, que trazia trinta mil homens. Reparay ultimamente em que o Marquez de Torrecusa fica em Badajoz, naõ tendo causa que o impossibilite, para se achar na batalha, mais que o temor de perdella. E se o General do Exercito inimigo vos confessa na imaginaçaõ a ventagem, como podereis vós deixar de conseguir na realidade a victoria. No successo de hoje consiste a conservaçaõ de nossas vidas, a liberdade da nossa Patria, e a opiniaõ da nossa Monarquia. Bem conheço do vosso valor, que antes acei-

Anno 1644.

Oraçaõ de Mathias de Albuquerque.

„ tareis

Anno 1644.

„ tareis morte infallivel, que vida afrontosa. E naõ vos „ peço que observeis as minhas acçoens, porque fio tanto do alentado espirito que a todos vos anima, que „ espero achar em cada braço vosso hum Conselheiro para o mundo, e para commigo: he tempo de acreditardes esta opiniaõ. A pelejar, valerosos Portuguezes, „ que o inimigo vem chegando: a pelejar, que he o mesmo que mandarvos a vencer. Naõ estava neste tempo ociosa a diligencia do Baraõ de Molinguen, porque em quanto marchava o seu Exercito com vagarosos passos a attacar a batalha, dizem que fallou aos seus soldados neste sentido. „ O antigo estylo, animosos soldados, „ de persuadir o valor com razoens eloquentes em semelhantes conflictos, perde hoje totalmente o exercicio: „ assim porque sendo nos Castelhanos vida o pelejar, e o „ vencer costume, como por serem os contrarios, que se „ nos offerecem, pequeno triunfo para os nossos braços. „ Com onze Batalhoens de Cavallaria, como divisamos, „ trazendo nós trinta e quatro, e com igual numero de „ Infantaria, se resolvem os Portuguezes a esperar a batalha na campanha raza: e tem taõ pouca noticia da arte militar, que tendo carros para cubrir os flancos, e „ a retaguarda, nos deixaõ para envestir desembaraçado „ o corno esquerdo. Esta desattençaõ que observo, me „ obriga a levar em huma só linha todo o Exercito: porque com esta estendida, e dilatada frente havemos de „ conseguir investir com tanto poder, e taõ furiosamente ambos os dous lados do Exercito dos Portuguezes, que sem duvida, ou fugiràõ as suas Tropas antes „ de avançarmos, ou se aguardarem seraõ desbaratadas, „ e ficará depois a Infantaria facil emprego dos nossos „ golpes. Nesta confiança vos dou desde logo as graças „ do felice principio com que me hospedais nesta Provincia, beneficio que espero remunerarvos, sendo com „ Sua Magestade Catholica verdadeiro mediator dos vossos interesses, depois de restaurado Portugal, infallivel consequencia da victoria que brevemente conseguiremos. Seguíme todos, antes que os Portuguezes arrependidos de aguardar a batalha nos façaõ, voltando

Oraçaõ do Baraõ de Molinguen.

„ as

„ as coſtas, menos glorioſa a victoria. Reſpondeo a eſtas razoens a noſſa artilharia carregada de balas de moſquete, e palanquetas com taõ furioſo impulſo; e taõ efficaz emprego, que penetrando todo o Corpo da Infantaria da primeira atè a ultima fileira, padecéraõ os Officiaes, e Soldados exceſſivo eſtrago. Naõ embaraçou eſta primeira deſgraça o ardor dos Caſtelhanos: porque tornandoſe a compor a Infantaria, depois de diſpararem as duas peças com pouco effeito, carregou o Baraõ de Molinguen com a Cavallaria do ſeu lado direito as noſſas Tropas do corno eſquerdo, que governava o Commiſſario Geral Gaſpar Pinto Peſtana, a que aſſiſtia o Capitaõ Piper com os 150 Holandezes; os quaes naõ tendo mais gloria que lograr que a da vida, a deſprezáraõ, voltando cobardemente as coſtas. Cegamente ſeguiraõ eſte exemplo as Tropas Portuguezas, e como hum deſatino arraſta outros mayores, naõ ſó deſampararáraõ todos o campo, ſenaõ que colhendo o coſtado do Terço de Ayres de Saldanha, o desbarataraõ, buſcando pelo centro delle caminho o ſeu temor. Teve o meſmo ſucceſſo o Terço de Martim Ferreira, porque os ſeus ſoldados novos, e pouco deſtros arvoraraõ as picas, conhecendo as noſſas Tropas, e com eſta bizonharia abrîraõ paſſo á ſua ruina. Os Caſtelhanos, reconhecendo a ſua fortuna, entráraõ com a Cavallaria pelo lugar que deſempararáraõ as noſſas Tropas, e ſeguindo as meſmas pizadas, penetráraõ os dous Terços, que ellas haviaõ desbaratado, e matando, e ferindo todos os que encontravaõ, foraõ buſcar a retaguarda das noſſas Tropas do corno direito, que naõ haviaõ ſido avançadas pela frente; porque o Tenente General da Cavallaria Caſtelhana D. Franciſco Vellaſco, e o Commiſſario Geral Pedro Pardo, que governavaõ as Tropas do corno eſquerdo dos Caſtelhanos, vendo o grande progreſſo que o Baraõ de Molinguen havia conſeguido, pelos ſeus paſſos intentàraõ alcançar a victoria, havendo tambem reparado nos carros que cobriaõ o noſſo coſtado direito. Porém as Tropas, que aſſiſtiaõ daquella parte, conſiderando a batalha perdida, porque viaõ a Infantaria rota, e a Cavallaria do corno eſquerdo retirada,

Anno 1644.

Principio da batalha.

Rompem os Caſtelhanos o corno eſquerdo.

Retiraſe a noſſa Cavallaria do corno direito.

Anno 1644

da, antes de receberem mayor damno, se resolveraõ a salvar as vidas, atropelando os Cavallos primeiro a propria opiniaõ que a terra alhêa que pizavaõ. Recolheraõ-se a hum bosque de Xevora, rio que lhe ficava visinho, para onde Gaspar Pinto se havia retirado. Os Castelhanos, vendo faltar a Cavallaria, a artilharia ganhada, e a Infantaria rota (porque a este tempo todos os nossos Terços se haviaõ confundido,) deraõ a victoria por conseguida, e huns occupados em despir mortos, outros em roubar as bagagens, se espalharaõ por toda a campanha. Fora desculpavel este seu engano, se fora possivel esquecermse da valerosa Naçaõ com que pelejavaõ, a qual neste dia cobrando nova vida, conquistou immortal gloria. Mathias de Albuquerque accodindo com invencivel valor a todas as partes, lhe mataraõ o cavallo. Vendo Henrique de Lamorlê, valeroso Francez, Capitaõ da sua guarda, o risco do seu General, defendendolhe a vida ás cutiladas, e desprezando gloriosamente a sua, se desmontou, e lhe deu o seu cavallo, cobrando depressa, e galhardamente outro. Montado Mathias de Albuquerque, se unio com o General da Artilharia D. Joaõ da Costa, o qual excedendo a todo o encarecimento, havia pelejado como destrissimo Capitaõ, e como soldado de valor incançavel discorria por todas as partes, unindo estes, e animando aquelles, e encontrandose com hum Capitaõ de Cavallos Castelhano se envestiraõ, matou-o ás estocadas, e recebeo das suas mãos huma grande cutilada na cabeça: querendo a fortuna, que o mesmo sangue servisse ao seu valor de esmalte, e de coroa. Tanto que se encontraraõ elle, e Mathias de Albuquerque, deliberaraõ restaurar o damno padecido, ou sacrificar as vidas a taõ glorioso empenho. Ajuntaraõse com os Mestres de Campo Luiz da Silva, Joaõ de Saldanha, Francisco de Mello, e Martim Ferreira, os quaes com valor extraordinario haviaõ pelejado, e com o Tenente de Mestre de Campo General Diogo Gomes de Figueiredo, que teve grande parte no successo deste dia, e tornáraõ a unir os Terços, compondo-se os Corpos que formavaõ dos soldados, de todos elles sem distinçaõ. Com esta gente, e

Desordem dos Castelhanos tendo por certa a victoria.

Perigo de Mathias de Albuquerque, e acçaõ gloriosa de Lamorlê.

Valor de D. Joaõ da Costa.

Mathias de Albuquerque, e os mais Cabos refazem o Exercito.

40

40 Cavallos de varias Tropas, que ajuntou Henrique de Lamorlê, avançou Mathias de Albuquerque, e os que o acompanhavaõ, com as espadas na maõ, contra os Castelhanos, que andavaõ divididos despindo mortos, e roubando carros: tornáraõ logo a restaurar a artilharia que haviaõ perdido, e fazendo-a D. Joaõ da Costa voltar brevemente contra o inimigo, jugou com maravilhoso effeito. Vendo os Castelhanos, que eraõ envestidos dos mesmos que julgavaõ sepultados, se assombraraõ de sorte, que depois de resistirem alguns menos occupados do receyo, foraõ todos desbaratados; e naõ dando a ira lugar á misericordia, negàraõ os nossos soldados quartel a todos os inimigos que encontravaõ. Marchàraõ com este furor depois de seis horas de conflicto, e obrigàraõ ao Baraõ de Molinguen a passar Guadiana com nove Tropas, e tres Terços, que pode ajuntar dos que fugiaõ, e com tanto desacordo se arrojàraõ os Castelhanos ao rio, que muitos levou a corrente. Eraõ tres horas da tarde quando se acabou a batalha. Mandou Mathias de Albuquerque tocar a recolher, formou os Terços, fez ajuntar os feridos, accommodou-os nos carros, e esteve formado na campanha até cerrar a noite; porque lhe naõ ficasse circunstancia alguma de victorioso. Em quanto durou a batalha, se havia ajuntado no bosque de Xevora a mayor parte da nossa Cavallaria, que se tinha retirado, e havendo entre os Officiaes votos que tornassem a buscar o inimigo, antes de tomarem resoluçaõ, ouviraõ disparar a nossa artilharia quando a recuperámos, e infelicemente, inferiraõ que era salva com que os Castelhanos cecelebravaõ a victoria. Obrigados desta supposiçaõ, detiveraõ o primeiro impulso, e mandaraõ oito Alferes a reconhecer a campanha da batalha; e como estes chegando ao Exercito viraõ conseguida a victoria, naõ tornaraõ a voltar, e as Tropas tardandolhe o aviso, se retiraraõ para Campo Mayor. Mathias de Albuquerque tanto que cerrou a noite, se poz em marcha, e mandou diante ao Mestre de Campo Joaõ de Saldanha com o seu Terço a segurar o porto de Xevora, onde Mathias de Albuquerque chegou na madrugada do dia seguinte, e achou en-

Anno 1644.

Restaurão a artilharia, e desbaratão os Castelhanos.

Retirase o Baraõ e passa Guadiana.

corporada

Anno 1644.

Perda dos Portuguezes.

corporada com João de Saldanha a Cavallaria, que havia voltado de Campo Mayor. Depois de algumas horas de dilaçaõ, marchou o Exercito para esta Praça, levando menos 900 soldados entre mortos, e prisioneiros. Os mortos de mayor posto, e qualidade foraõ os Mestres de Campo D. Nuno Mascarenhas, e Ayres de Saldanha, os quaes pelejaraõ largo espaço com valor insigne, e acçoens dignas de eterna memoria: Joaõ de Saldanha da Gamma Capitaõ de Cavallos, estimado em todo o Exercito pelo grande valor, e heroicas partes de que era dotado: Bartholomeo de Saldanha Capitaõ de Infantaria, Rodrigo Starch Capitaõ de Cavallos Holandez, e os Sargentos móres Jeronymo Ferrete, e Belchior do Crato, oito Capitães de Infantaria, e outros Officiaes. Os prisioneiros que leváraõ, logo que se começou a batalha, foraõ o Mestre de Campo Eustaquio Pique, os Capitães de Cavallos Fernaõ Pereira, e o Conde Francisco Fiasco Genovez, Manoel de Saldanha, Jorge de Mello, e D. Francisco de Almada Capitães de Infantaria; Nuno da Cunha, e Francisco Correa da Silva, que serviaõ de Soldados, com muitas feridas, e D. Diogo de Menezes Capitaõ de Cavallos: o qual antes de se começar a batalha, recebeo huma balla em huma perna que encobrio aos seus soldados, e envestio logo taõ valerosamente as Tropas inimigas, que rompendo com alguns soldados as que achou diante, veyo a cair com cinco feridas mortaes na retaguarda de todas, e ficando na campanha toda a noite entre os mortos, foy o dia seguinte despido pelos Paizanos de Lobon, e reconhecendo que estava vivo, o levaraõ em hum carro com excessiva molestia a Badajoz, onde o curáraõ com taõ pouco cuidado, que depois de hum anno que esteve na cadea da Cidade de Carmona, veyo a morrer em sua casa das feridas que recebeo na batalha. Os mais prisioneiros padecéraõ em Granada os excessos mais escandalosos, que em tempo algum se experimentaraõ entre Catholicos, prevalecendo o odio contra a piedade, e commiseraçaõ de que sempre foraõ dotados os Castelhanos. Perderaõ elles na batalha os Mestres de Campo D. Joseph de Pulgar, D. Francisco de

Morrem os Mestres de Campo Ayres de Saldanha, D. Nuno Mascarenhas, e outros Fidalgos.

Fidalgos, e Officiaes prisioneiros.

Perda dos Castelhanos, e armas que deixáraõ.

de Luna Corregedor de Badajoz, D. Diogo Giraldino Irlandez, e Joaõ Rodrigues de Oliveira Portuguez: nove Capitães de Cavallos, quarenta e cinco de Infantaria: outros muitos Officiaes, e mais de tres mil soldados. Fora mayor a perda, se a nossa Cavallaria voltára á batalha, como no bosque teve determinado. Recolheo Mathias de Albuquerque 4500 armas dos Castelhanos mortos, e dos que as largáraõ quando fugíraõ.

Anno 1644.

Esta foy a primeira batalha que depois da Acclamaçaõ os Portuguezes ganhàraõ aos Castelhanos: e consideradas as notaveis circunstancias della, merece ser celebrada por huma das mais insignes acçoens, que tem acontecido no mundo. Porque poucas vezes se tem visto ficar vencedor, Exercito, que no principio da batalha foy taõ desbaratado; e he certo que nem os nossos soldados souberaõ darlhe principio, nem os Castelhanos acabala, como depois confessou o Marquez de Torrecusa. De todos os que a ganhàraõ se referem tantas acçoens heroicas, que he impossivel o particularizalas, e basta o successo para elogio de qualquer dos vencedores. Chegou a nova da victoria a Lisboa, e mandou ElRey solemnizala com grandes festas; e repartindo as noticias pelas Naçoens, cobráram mayor reputaçaõ as suas Armas. O Marquez de Torrecusa naõ conseguio mayor alivio na desgraça que padeceo o Exercito que governava, que naõ se haver achado na batalha, e em adevinhar o futuro, colheo o fructo das experiencias militares, que em tantos annos de guerra havia grangeado. Applicouse com grande attençaõ a levantar Infantaria para tornar a formar os Terços, e a comprar cavallos para remontar as Tropas. Huma, e outra diligencia conseguio brevemente, acodindo com grande promptidaõ a remediar o damno p. decido. Vendose o Marquez com poder bastante para procurar alguma satisfaçaõ, ajunto 5000 Infantes, e 1800 Cavallos, e entregando-os ao Baraõ de Molinguen, o mandou que fosse queimar as Aldeas de Santo Aleixo, e Cafàra, visinhas á Praça de Moura. O Monteiro mór; que ja estava em Olivença, teve aviso de que o inimigo ajuntava poder: deu conta a Mathias de Albuquerque a quem ElRey

Chega a ElRey a nova da victoria, q̃ manda celebrar com demonstraçoens publicas.

Faz ElRey mercê a Mathias de Albuquerque do Titulo de Conde de Alegrete.

Anno 1644.

ElRey pela victoria alcançada havia feito mercê do Titulo de Conde de Alegrete. Havia elle de Campo Mayor passado a Elvas: tanto que recebeo esta noticia, despedio logo a D. Francisco de Sousa, ja naquelle tempo Conde do Padro, e a Diogo Gomes de Figueiredo com os seus Terços, e duas Tropas, a guarnecer Moura, fazendo primeiro aviso a D. Henrique Henriquez, que governava aquella Praça, do poder que o inimigo ajuntava, para que estivessem prevenidas todas aquellas que recebessem esta noticia. Quando ella chegou a Santo Aleixo, ja o inimigo vinha perto da Aldea, e naõ tiveraõ os moradores mais tempo para se prevenirem, que o que bastou para guarnecer a fraca trincheira, que a cercava, e hum pequeno, e mal defendido reducto que rodeava a Igreja. Achavaõse na Aldea 200 homens, que podiaõ tomar armas, governados pelo Capitaõ Martim Carrasco; e naõ estavaõ as Aldeas guarnecidas de Infantaria paga, porque o Conde de Alegrete havia mandado despovoalas, e passar a gente a Moura, ordem que elles naõ quizeraõ executar, fiados na resistencia que haviaõ feito ao inimigo. Chegou o Baraõ de Molinguen a Santo Aleixo a 12 de Agosto ao romper da manhaã: mandou logo avançar a trincheira, rebateraõ os defensores o primeiro impulso à custa de muitas vidas dos Castelhanos, mas arrimandolhe escadas por varias partes, foy entrada, e o Capitaõ se recolheo mal ferido com 60 homens ao reducto da Igreja. Avançou-o logo o inimigo; porèm foy com tanto valor defendido, que fazendo os Castelhanos para chegar com menos perigo, barbaro escudo das mulheres que acháraõ na Aldêa, ligadas por estreitos parentescos com todos os que defendiaõ o reducto, elles com desusada constancia atiravaõ sem piedade nem reparo, passandolhes as balas, que empregavaõ nas mulheres, primeiro os proprios coraçoens que os peitos dos inimigos. Experimentando os Castelhanos que lhe naõ aproveitava, esta impia astucia, arrimáraõ por tres partes mantas ao reducto, mas em quanto picavaõ a parede, as pedras das sepulturas, que de cima lançavaõ os defensores, lhe servia de instrumento para a morte, buscando estas os vivos

pa-

para matar, assim como outras esperaõ os que haõ de ser sepultados. Vendo os de Santo Aleixo que naõ podiaõ defender o reducto, se recolhéraõ à Igreja donde cerradas as portas fizeraõ nova resistencia: romperaõnas os Castelhanos com hum petardo, e subiraõ os poucos Paizanos, que estavaõ dentro, á torre dos sinos, e tecto da Igreja. Entrou nella o Baraõ, e passando á Capella mòr a guardar o Sacrario, lhe valeo esta devota attençaõ: porque os soldados, que andavaõ roubando o fato que estava na Igreja, sem repararem em alguns barris de polvora que havia nella, deraõ causa aprender o fogo em todos, cahio o tecto, e pereceraõ juntamente os Castelhanos que se achavaõ debaixo, e os Portuguezes que estavaõ em cima. Livrou Deos a piedade do Baraõ na abobada da Capella Mayor, ficandolhe para memoria do beneficio huma pequena ferida na cabeça. Constou que os Castelhanos perdéraõ 700 homens, e que os moradores de Santo Aleixo morrèraõ quasi todos. Desta Aldéa passou o Baraõ a Cafara: porém naõ tendo estes moradores tanto valor como os de Santo Aleixo, se renderaõ, promettendolhe os Castelhanos quartel que depois lhe negáraõ, matando muitos, e roubando todos; com que lhes fora menos caro perderem a vida com mais honra. O Baraõ de Molinguen, mandando recolher as Tropas, que havia despedido a correr os campos de Moura, e Serpa, se retirou a Badajoz. O Conde de Alegrete, logo que despedio o Conde do Prado para Moura, ajuntou com toda a brevidade a guarniçaõ das Praças visinhas, e passou ordem a toda a gente da Provincia para que se fossem encorporar com elle a Moura. Marchou para aquella Praça a buscar o inimigo; no caminho recebeo aviso de que era retirado, e voltou para Elvas, e logo ordenou ao Monteiro mór que com a Cavallaria, e Infantaria de Olivença fosse queimar Salvaleaõ, lugar grande, cinco leguas desta Praça. Assim o executou, e no mesmo tempo mandou o Conde de Alegrete a D. Joaõ de Sousa irmaõ do Conde do Prado, e a Diogo Gomes de Figueiredo, ambos feitos Mestres de Campo depois da batalha de Montijo, com os seus Terços, a queimar a Villa de S. Vicente, situa-

Anno 1644.

Ganha o Baraõ Sãto Aleixo depois de valerosa resistencia, e Cafara.

Queima o Monteiro mór Salvaleão.

da entre Valença de Alcantara, e Albuquerque, levando juntamente 150 Cavallos. Chegàraõ à Villa, que era grande, e rica, acháraõ os moradores com as armas nas maõs: porém naõ lhes valendo a reſiſtencia, foy a Villa entrada, e ſaqueada. Retiráraõ ſe carreando grande preza daquella campanha. Veyo buſcallos ao caminho o Governador de Albuquerque com 400 Cavallos, e hum Terço de Infantaria: inveſtio-os pela retaguarda, onde marchava D. Joaõ de Souſa; porèm elle rebateo taõ valeroſamente aquella reſoluçaõ, que fez retirar os Caſtelhanos, levando alguns feridos, e recolheo-ſe a noſſa gente a Alegrete ſatisfeita com os deſpojos do inimigo, do trabalho da jornada. Paſſáraõ alguns dias em que naõ houve mais occaſioens que algumas entradas pequenas de huma, e outra parte. Em huma que os Caſtelhanos fizeraõ pela parte de Campo Mayor com 60 Cavallos, procedeo valeroſamente o Capitaõ Manoel da Gamma: porque os enveſtio com 20 da ſua Companhia, e os obrigou a ſe retirarem, recolhendo-ſe com alguns priſioneiros, e duas ballas em hum braço. Soube neſte tempo o Conde de Alegrete, que ſe alojavaõ em Talavera, duas leguas acima de Badajoz, tres Companhias de Cavallos, as quaes coſtumavaõ a ſair com pouca cautella a qualquer rebate, na confiança de terem o ſoccorro pouco diſtante. Ordenou o Conde ao Monteiro mór, que ſaiſſe de Olivença a armar a eſtas Tropas com 600 Cavallos, e dous Terços de Infantaria governados pelo Meſtre de Campo Franciſco de Mello. Sahio de Olivença o Monteiro mór, e avançou o Capitaõ D. Franciſco de Azevedo com 200 Cavallos com ordem, que ſe emboſcaſſe no lugar mais viſinho a Talavera, que lhe foſſe poſſivel, e que ſaindo as Tropas provocadas de algumas prezas, que junto da Praça haviaõ de fazer poucos Cavallos, peleiaſſe com ellas, e que desbaratando-as, ſe podia retirar ſem perigo da Cavallaria de Badajoz, porque na ribeira de Valverde o ficava aguardando. Marchou D. Franciſco, e avançando o Tenente Franciſco Liotte com 20 Cavallos a pegar em algum gado que andava na campanha, ſairaõ a defendello as tres Tropas com 150, e o Tenente com muita

Anno 1644.

Ganhaſe S. Vicente.

Sahe de Olivẽça o Monteiro mór, manda D. Frãciſco de Azevedo armar às Tropas de Talavera.

muita deſtreza os veyo metter na emboſcada. Inveſtio D. Franciſco com tanta reſoluçaõ os Caſtelhanos, que voltáraõ as coſtas: ſeguio-os até Talavera, e tomou-lhes 120 Cavallos, entrando nos priſioneiros os Tenentes, e Alferes das Companhias. Brevemente chegou a Badajoz a noticia deſte ſucceſſo: mandou logo o Marquez de Torrecuſa ſair o Baraõ de Molinguen com 600 Cavallos, e ordenoulhe que marchaſſe direito á ribeira de Valverde, porto certo que haviaõ de buſcar as Tropas que haviaõ hido a Talavera. Marchou o Baraõ com toda a diligencia, mas primeiro chegou D. Franciſco a ſe encoporar com o Monteiro mór. Foy recebido com grande applauſo, e o contentamento embaraçou de ſorte a prudencia, que ſendo conveniente paſſarem logo o rio as Tropas, e Terços para ficarem livres de novo empenho, ſe detiveraõ com infelice curioſidade em examinar as ruinas de Valverde, e deraõ com eſta dilaçaõ tempo ao Baraõ de Molinguen a chegar á viſta dellas. Tocáraõ as da vanguarda vivamente arma, e o primeiro rebate introduzio de ſorte a confuſaõ, que havendo paſſado a ribeira o Terço de Franciſco de Mello, e parte do de Euſtaquio Pique, as Tropas, que eſtavaõ todas por paſſar o rio, fizeraõ alto com as caras nelle, e deixáraõ com a frente aos inimigos tres Companhias de paizanos montados em eguas que vinhaõ de retaguarda. Eſtes tanto que vîraõ que os Caſtelhanos chegavaõ perto, ſem haver reſpeito que os detiveſſe, paſſáraõ a ribeira, e fugiraõ para Olivença. Communicou a ſua deſordem tal embaraço nas outras Tropas, que eſpalhandoſe entre todas huma voz que dizia, que ſe retiraſſem a bom paſſo, lhe obedeceraõ com tanta preſſa, que naõ valendo o reſpeito do General, nem dos Officiaes, e Fidalgos, que quizeraõ detellos, á redea ſolta caminháraõ para Olivença. Naõ tardou o Baraõ de Molinguen em ſe valer deſte deſatino; carregou furioſamente: porém detido de algumas cargas que deu a Infantaria que eſtava no porto, ſobreveyo a noite, que ſervio de total remedio aos que fugîraõ: porque os Caſtelhanos ainda que paſſáraõ a ribeira em outro lugar, receando os accidentes, que coſtuma a originar o eſcuro,

Anno 1644.

Desbarata D. Franciſco as Tropas.

Chega o Baraõ de Molinguen cõ as Tropas de Badajoz.

Foge a noſſa Cavallaria.

Anno 1644.

e com a memoria fresca do sucesso de Montijo, naõ seguiraõ muito tempo o alcance. Fizeraõ prisioneiros 30 soldados de Cavallo, ficáraõ mortos outros tantos, e havendose recolhido a hum moinho o Sargento mór Joaõ Tavares com tres Capitães de Infantaria, os rendéraõ sem lhes fazer damno. Os prisioneiros, e os Capitães, que havia tomado D. Francisco de Azevedo, tinhaõ passado para Olivença antes que o inimigo chegasse. Ficou ferido o Visconde D. Diogo de Lima, que pelejou valerosamente, e Estevaõ da Cunha, quando resistiaõ com as mais pessoas de qualidade, e Officiaes, que detiveraõ com o Monteiro mór o primeiró impeto dos Castelhanos. Naõ foy a perda muito consideravel, mas a desordem fez esta occasiaõ muito desairosa, sendo grande o excesso que havia do nosso poder ao dos Castelhanos. Passado este succeso, teve o Conde de Alegrete noticia que o Marquez de Torrecusa intentava ganhar a ponte de Olivença, julgando por muito prejudicial a communicaçaõ desta Praça com as mais desta parte de Guadiana, e era este discurso taõ acertado, como depois de perdida Olivença experimentámos. O Conde de Alegrete determinou evitar este damno, e mandou para a Torre da ponte de Olivença ao Mestre de Campo D. Antonio Ortiz com 200 mosqueteiros, para dar calor a dous Fortins que mandou levantar; hum desta, outro daquella parte do Guadiana. Foy dar principio a esta obra o General da Artilharia D. Joaõ da Costa, e levou comsigo o Padre Joaõ de Cosmander, que desenhou o Fortim da outra parte do rio, e lhe deu principio. Porém estando a obra ja quasi levantada, sahio o inimigo de Badajoz com 2000 Infantes, e 1500 Cavallos, e como o Fortim naõ estava em estado de ter guarniçaõ que o defendesse, o arrazàraõ os Castelhanos, sem que D. Antonio Ortiz pudesse impedillo, porque tinha ordem para naõ sair de noite por algum accidente. O Conde de Alegrete resoluto a lograr o intento proposto, fez prevenir materiaes, e mandou 600 Infantes a D. Antonio Ortiz, dando ordem ao Monteiro mór para que lhe desse calor com a Cavallaria. Com estas prevençoens se acabou a obra.

Fortificase a ponte de Olivença.

Em

Anno 1644

Em quanto duravaõ os ſucceſſos repetidos, e outros de menos importancia preparava o Marquez de Torrecuſa todas as forças da Eſtremadura, a que unia novos ſoccorros que ElRey Catholico lhe mandava, por lhe haver vivamente propoſto a grande utilidade que podia conſeguir a ſua Coroa, formandoſe hum grande exercito para entrar em Portugal; porque naõ ſó ſeria facil ganhar com elle huma Praça importante, que levaſſe traz ſi a mayor parte da Provincia de Alentejo, ſenaõ que ſeria infallivel paſſaremſe para eſte exercito todos os Portuguezes mal ſatisfeitos do novo governo, e que ſó ſe detinhaõ em Portugal, por lhe faltarem meyos para poderem aſſiſtir em ſeu ſerviço: e que a eſta ſe juntavaõ outras muitas conſequencias politicas, que deſcobriria o tempo, depois de entrado o exercito nos Lugares de Portugal. Tratou o Marquez, para fazer viriſſimil eſta idêa, de publicar contra a ordem commua da guerra, naõ ſó o exercito que formava, mas outro muito mayor que encarecia. Tendo o Conde de Alegrete eſte aviſo, deu conta a ElRey, e promptamente ſe diſpuſeraõ todas as prevençoens, de que dependia a defenſa da Provincia de Alentejo. Tiveraõ ordem os Governadores das Armas de todas as Provincias do Reino, para terem prevenidos grandes ſoccorros; fizeraõſe levas de Cavallaria, e Infantaria, e partio de Lisboa a mayor parte da Nobreza, naõ querendo exceptuarſe nem aquelles a quem a idade diſpenſava o deſcanço de ſuas caſas. A actividade, e diligencia delRey conſeguio acharemſe em Alentejo no principio do Outono promptos todos os meyos da defenſa. Entrou o Inverno ſem haver da parte de Caſtella mais que algumas apparencias de ſahir o Exercito. Suppoz deſta dilaçaõ o Conde de Alegrete que haviaõ faltado ao Marquez de Torrecuſa os ſoccorros que eſperava, e que naõ ſeria poſſivel reſolverſe a ſahir em campanha no rigor do Inverno, ſujeitandoſe a padecer as incommodidades que experimentavaõ os exercitos, que cegamente ſe arrojaõ a navegar na terra depois de cahir dos Ceos a multidaõ das aguas. Aſſentando o Conde de Alegrete por infallivel eſta idêa, licenciou as Tropas, e dividio as guarniçoens

Prevençoẽs dos Caſtelhanos.

Prevençoes dos Portuguezes.

pouco antes dos ultimos dias de Novembro. Differio o arrependimento taõ poucas horas desta execuçaõ, que a 28 do mez referido passou o Marquez de Torrecusa a ponte do Guadiana em Badajoz com o Exercito de Castella, que se compunha de doze mil Infantes, e 2600 Cavallos: a Infanteria dividida em nove Terços, sete de Hespanhoes, hum de Italianos, outro de Irlandezes: a Cavallaria repartida em 36 Esquadroens: dous mil gastadores, 10 peças de artilharia, dous morteiros, o Trem necessario, e as bagagens convenientes. Marchou o dia seguinte este Exercito com a frente em Campo Mayor, fez alto junto ao rio Caya, aloiamento em que se deteve aquelle, e o seguinte dia, conseguindo na dilaçaõ reduzir o seu Exercito a toda a regularidade, e embaraçar as resoluçoens do Conde de Alegrete com a incerteza da sua determinaçaõ, detendo as guarniçoens de todas as Praças atè ver qual era elegida para ser sitiada. Naõ podia o Conde penetrar este designio, porque o Marquez de Torrecusa atè este tempo naõ tinha tomado a ultima resoluçaõ da empreza, a que se havia de arrojar. Mandou antes de sair em campanha reconhecer Olivença: porém naõ lhe parecendo desempenho capaz da palavra que havia dado a ElRey Catholico de conseguir grandes progressos, passou com o Exercito desta parte do Guadiana, ficando só a duvida entre Campo Mayor, e Elvas, porque o rigor do Inverno prohibia marchas mais dilatadas. Depois de grandes debates que houve no Conselho, deliberou o Marquez sitiar Elvas levado naõ só da reputaçaõ que esperava conseguir ganhando a Praça de Armas de seus inimigos, onde assistiaõ todos os Cabos do Exercito, e a mayor parte da Nobreza de Portugal, senaõ das muitas consequencias que levava comsigo o felice fim desta empreza; pois arruinandose esta muralha, ficava aberta, e sem defensa quasi toda a Provincia de Alentejo, principal segurança da Monarquia Portugueza. Tomada esta resoluçaõ, continuou o Marquez a marcha, e chegou a Elvas o primeiro de Dezembro, dia infausto para a Naçaõ Castelhana, sendo o mesmo em que quatro annos antes havia sido ElRey D. Joaõ acclamado Rey de Portugal. A Cidade de

Anno 1644.

Exercito de Castella.

Chega a Elvas o Marquez de Torrecusa.

de Elvas naõ fica de Badajoz mayor distancia que a de tres leguas: divide as duas Cidades o rio Guadiana, que naſce da Lagoa Ruidera no Reino de Granada, quatro leguas de Montiel, e com grande maravilha ſe ſepulta perto do lugar de Argamancilha, e correndo ſete leguas (ſegundo Alfeo) pelo centro da terra, ſe manifeſta outra vez junto a Doumiel, entra a regar as terras de Portugal, quando chega a banhar as muralhas de Badajoz, corta a Provincia de Alentejo, e perde o nome no mar Oceano, entre as Villas de Craſto Marim no Reino do Algarve, e a de Aya-monte do Reino de Andaluzia. Huma fertiliſſima campina cuberta de flores odoriferas, e abundante de ſazonados fructos ſe eſtende entre as duas Cidades: a de Elvas eſtá ſituada em huma eminencia, ſuave pela parte que olha a Badajoz, pela oppoſta que regaõ as aguas do pequeno rio Ceto, he quaſi inaceſſivel: paſſaõ de 300 as hortas, e pumares, que rodeaõ eſta Cidade, alimentados os fructos dellas de excellentes fontes. Todo o mais ſitio pouco menos de huma legua he cuberto de oliveiras. Conduzem magnificos, e cuſtoſos arcos do lugar da Amoreira, huma legua de Elvas, quantidade de agua, de que ſe alimentaõ mil fogos, todos recolhidos no ambito das muralhas. Quando o Marquez de Torrecuſa chegou a ellas, naõ havia mais que principios da Fortificaçaõ moderna, huma das melhores que hoje celebra Europa: ſó o Forte de Santa Luzia (de que ja démos noticia) eſtava em defenſa, porém naõ acabado. Quando chegarmos ao ſegundo ſitio deſta Praça, que foy de mayores conſequencias, moſtraremos a fórma da Fortificaçaõ. Achava-ſe o Conde de Alegrete com dous mil Infantes, no tempo que o inimigo chegou a aviſtar Elvas, dos Terços de Luiz da Silva, Joaõ de Saldanha, e Diogo Gomes de Figueiredo, que aſſiſtiaõ com elle. Depois de ſe aquartelarem os Caſtelhanos, entrou em Elvas pela parte do Moſteiro de S. Franciſco, que fica na eſtrada de Eſtremôs em huma eminencia pouco diſtante, o Tenente de Meſtre de Campo General Joaõ Leite de Oliveira, conduzindo 400 moſqueteiros com grande riſco, e louvavel valor. Ao Monteiro mór, que

Anno 1644.

Sua deſcripçaõ.

Anno 1644.

que estava dentro da Praça, mandou o Conde sahir com a Cavallaria, e mulas do trem, ficando só na Cidade os Capitaens D. Francisco de Azevedo, e Henrique de Lamorlê com as suas Tropas. Levava o General da Cavallaria ordem de encorporar em Villa-Viçosa os soccorros que ElRey mandasse, para que formado o Exercito se empregasse quando parecesse mais conveniente. A defensa de mayor importancia que segurava Elvas, eraõ as muitas pessoas da primeira qualidade do Reino que se achavaõ sitiadas. O Conde de Alegrete persuadido das animosas instancias do Conde Camareiro mòr, lhe formou hum corpo de 300 Infantes, com o qual desejava sinalarse, como sempre executou nas occasioens de mayor risco. Sobravaõ em Elvas mantimentos, e naõ faltavaõ muniçoens: a artilharia estava muito bem montada, e o trem abundava de artificios de fogo, e instrumentos de defensa. O Conde de Alegrete, antes que o inimigo chegasse a ganhar postos sobre a Praça, mandou ao Mestre de Campo Luiz da Silva, que avançando ao Sargento mór Joaõ de Amorim com 300 mosqueteiros até as ultimas tapadas dos Olivaes, lhe desse calor com o resto do Terço menos desviado da Praça. Era o intento offender as primeiras Tropas dos Castelhanos que viessem avançadas: porem elles desvanecéraõ a empreza, que pudera ser arriscada, naõ marchando por aquella parte, que era a que olha ao Forte de Santa Luzia, e vieraõ buscar hum sitio visinho da muralha chamado o Cazaraõ, que naquelle tempo naõ estava fortificado, que fica entre a porta de S. Vicente, e a de Olivença, olhando a campo Mayor. A porta da Esquina entregou o Conde de Alegrete ao Mestre de Campo Joaõ de Saldanha, a de Olivença a Diogo Gomes, a de S. Vicente a Luiz da Silva. Guarnecia cada hum delles a muralha do seu destricto; e a gente que sobrava, tinha sinalados os postos a que havia de acodir. O Marquez de Torrecusa mandou fazer alto ao Exercito, desviado do perigo da artilharia, e com hum grande Corpo de Cavallaria rodeou, e reconheceo a Praça naõ sem damno, porque a artilharia lhe matou alguns soldados. A tres de Dezembro intentou ganhar o outeiro do Cazaraõ, por

Reconhece o inimigo a Praça.

ser

ſer o ſitio mais viſinho á Praça, e ſem mais defenſa naquelle tempo que a de hum debil, e antigo muro. Luiz da Silva havia mandado occupar o alto do Cazaraõ com algumas mangas de moſqueteiros. Vieraõ eſtas carregadas dos Caſtelhanos, ſoccorreoas o Sargento mór Bento Maciel; mas como o poder do inimigo era muito ſupperior, vinha largando o poſto: porém Luiz da Silva mandando ſoccorrela pelo Sargento mór Diogo Sanches del Poço, valeroſo Caſtelhano, com trezentos moſqueteiros, tornàraõ a deſalojar ao inimigo, ſinalandoſe muitos Officiaes, e ſoldados com acçoens memoraveis. O Marquez de Toreuſa, fundando na conſervaçaõ daquelle poſto todo o bom ſucceſſo daquella empreza, reforçou os corpos de Infantaria, e ao calor de 400 Cavallos tornou a mandar que ſe occupaſſe. Haviaſe retirado por ordem de Luiz da Silva a noſſa Infantaria, conſiderando o riſco a que eſtava expoſta; e naõ tendo os Caſtelhanos oppoſiçaõ, occupáraõ aquelle poſto. Porém os noſſos ſoldados impacientes deſte ſucceſſo, tornàraõ a avançalos, e tres vezes os deſalojáraõ. Na ultima lhes acodío a Cavallaria, a que ſe oppoz o Capitaõ D. Franciſco de Azevedo com 80 Cavallos, e pelejou taõ valeroſamente, que obrigou as Tropas inimigas a ſe retirarem. Fez o meſmo a ſua Infantaria, que a noſſa deſalojou; e mandando Luiz da Silva tocar a recolher, ſe retiráraõ todos, trazendo D. Franciſco de Azevedo duas grandes, e glorioſas feridas: alguns ſoldados noſſos ſentíraõ o meſmo damno. Os Caſtelhanos tiveraõ conſideravel perda naõ ſó na contenda, mas da artilharia do Caſtello, que toda ſem ceſſar jugava contra elles, e de quantidade de barris de polvora ſeus, em que por deſcuido ſe pegou fogo. Aquella noite ſe fortificáraõ os Caſtelhanos no Cazaraõ. Amanheceo, e mandando o Conde de Alegrete reforçar a guarniçaõ daquella parte, ſahio Luiz da Silva a attacar as trincheiras do Cazaraõ, e repartindo as mangas de moſqueteiros em muito boa fórma, entregou a D. Fernando de Menezes hum Troço de Infantaria para dar calor ás bocas de fogo, aſſim por ter aſſiſtido ſempre nos lugares mais arriſcados, como por haver aprendido na guerra de Italia as melho-

Anno 1643.

Ataca o Cazaraõ.

Anno 1644.

res, e mais certas idêas militares. Henrique de Lamorlê dava calor com cem Cavallos á nossa Infantaria. Tanto que esta gente marchou contra a trincheira, sahio a Cavallaria inimiga com intento de cortalla: oppozselhe Lamorlé, e ajudado da artilharia do Castello, que fazia consideravel damno nos Castelhanos, os fez retirar, obrigados juntamente das cargas das bocas de fogo. Mandou o Conde de Alegrete recolher Luiz da Silva, naõ querendo que os Castelhanos com novos soccorros tomassem mayor resoluçaõ, e puzessem em contingencia o successo. Ficáraõ alguns soldados mortos, e Lamorlê ferido em hum braço. O dia seguinte vendo o Conde de Alegrete que o Marquez de Torrecusa applicava todo o cuidado a fortificar o Cazaraõ, e julgando por arriscados, e infructuosos os assaltos a peito descuberto, mandou caminhar com hum aproche para aquella parte, trabalho a que deu principio Cosmander assistido de D. Fernando de Menezes. Em adiantar huma, e outra obra se gastáraõ os dous dias seguintes sem mais contenda que a das armas de fogo. Ao sexto dia do sitio amanheceo hum reducto levantado contra o Forte de Santa Luzia com seis meyos canhoens, que começáraõ a jugar com pouco effeito, por ser a distancia grande, e mayor damno recebia o reducto da artilharia do Forte, porque lhe ficava superior. Houve alguns votos que persuadîraõ ao Conde de Alegrete a que retirasse a gente do Forte, e que o largasse ao inimigo: porém elle reconhecendo a importancia daquelle posto, se resolveo a empenhar a sua pessoa em sustentallo. Dissuadîraõno as instancias de todos os que se achavaõ situados deste valeroso intento, e mandou elle ao Mestre de Campo Diogo Gomes que marchasse com o seu Terço, e tomasse alojamento junto do Forte, e que nos dous lados delle levantasse duas meyas luas, em que pudesse jugar a artilharia, e que communicasse com huma linha o Forte com a porta de Olivença. Começada com grande fervor por Diogo Gomes esta obra, o aliviou do trabalho della o Marquez de Torrecusa: porque a sete de Dezembro á tarde começou a retirar a artilharia, e o dia seguinte, em que se celebra a festa da Conceiçaõ de N. Senhora, de

Resolve Mathias de Albuquerque sustentar o Forte de S. Luzia.

declarada por ElRey D. Joaõ naquelle mesmo dia Padroeira, e Protectora de Portugal, retirou o Exercito, e valendose do escuro da noite antecedente, encubrindo o ruido da marcha com repetidas cargas, quando amanheceo estava todo o Exercito fóra dos olivaes, levando de vanguarda a artilharia, e bagagens. Tomou o Marquez de Torrecusa esta resoluçaõ aconselhado de todos os Cabos, e Officiaes do Exercito, e da grande difficuldade da empreza; porque além do valor, e disciplina que reconhecia na guarniçaõ da Praça, constavalhe do grande soccorro que ElRey D. Joaõ lhe prevenia, e o seu Exercito naõ era taõ numeroso que pudesse cerrar o cordaõ sem muito perigo, por ser muito dilatada a circunvalaçaõ daquella Praça, embaraçando-o juntamente o rigor do Inverno, que naquelles dias sem piedade se havia manifestado. O Conde de Alegrete, ordenando primeiro que se descubrissem todos os olivaes, sahio da Praça com a guarniçaõ formada, mandou disparar repetidas vezes a artilharia, e mosquetaria, e ouvindo os Castelhanos estas alegres demonstraçoens de victoria, se recolhéraõ a Badajoz, e o Conde de Alegrete com solemne apparato mandou enterrar muitos corpos, que na campanha deixáraõ sem sepultura. ElRey tanto que lhe chegou a nova de que Elvas estava sitiada, nomeou por Mestre de Campo General do Exercito, que logo mandou prevenir, a Joanne Mendes de Vasconcellos, que por sua ordem assistia naquelle tempo em Olivença; e ordenou que todos os soccorros das Provincias, e as levas que de novo se lavantávaõ, se ajuntassem em Villa-Viçosa á ordem de Joanne Mendes. O General da Cavallaria desejou introduzirse em Elvas com algumas Tropas, esperando accrescentar com ellas o damno aos Castelhanos: porém o Conde de Alegrete o naõ quiz permittir, receando os damnos que os lugares abertos podiaõ receber, de que os livrava a assistencia da nossa Cavallaria em Villa Viçosa. Retirados os Castelhanos, e desvanecidas as idêas do Marquez de Torrecusa, se suspendêraõ os soccorros, e as levas que marchavaõ para o novo Exercito. Aquartelàraõse as Tropas da Provincia, e recolheraõsa para Lisboa os Fidal-

Anno 1644.

Retira, e o Marquez de Torrecusa.

Manda ElRey prevenir o soccorro á ordem de Joane Mendes.

gos.

gos, que valerosamente haviaõ assistido á defensa de Elvas, dando com este glorioso successo fim naquelle anno á guerra da Provincia de Alentejo.

Anno 1644.

HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO
LIVRO VIII.

SUMMARIO

UCCESSOS de Entre Douro e Minho Varios encontros em Traz os Montes, e Beira. Passa a França o Marquez de Cascaes por Embaixador extraordinario, e chega a Lisboa por Embaixador de França o Marquez de Roylhac. Dà principio em Pernambuco Joaõ Fernandes Vieira à restauraçaõ daquella Provincia. Restitue se Tangere à obediencia del Rey: Successos daquella Praça, e de Mazagaõ. Perdese em Ceilaõ a Fortaleza de Negumbo. Alteraçoens de Macào. Succede no governo da India D. Filippe

pe

Anno 1644.

pe Maſcarenhas. Paſſa de Entre Douro e Minho a governar Alentejo o Conde de Caſtello-Melhor. Intenta interprender Badajoz, e deſvaneceſe. Reſolve ElRey paſſar ſegunda vez a Alentejo. Sahe em campanha o Marquez de Lagañez: ganha o Forte, e ponte de Olivença. Levanta o Forte de Telena, e retiraſe ſem oppoſiçaõ do Exercito, que eſteve alojado entre os olivaes. Manda ElRey aquartelallo, e recolheſe a Lisboa. Varios encontros das Provincias de Entre Douro e Minho, Traz os Montes, e Beira. Noticia das embaixadas. Continùa em Pernambuco Joaõ Fernandes Vieira o intento da liberdade daquelles povos: ajunta gente. Procuraõ os Holandezes desbaratallo no ſitio das Tabocas, onde ſe alojou: rompe os com felice ſucceſſo. Chega da Bahia Andrè Vidal, desbarataõ ambos ſegunda vez os Holandezes. Continuaõ a guerra com notaveis progreſſos. Succeſſos de Tangere, e Mazagaõ. Entra em Goa D. Filippe Maſcarenhas de Ceilaõ, onde recebeo a nova de ſer Viſo-Rey daquelle Eſtado.

CONtinuava o Conde de Caſtello-Melhor o governo da Provincia de Entre Douro e Minho, e juntamente o trabalho da Fortificaçaõ de Salvaterra. Naõ dava o rigor do Inverno lugar ao Conde de ennobrecer com novas emprezas a gloria das que havia conſeguido naquella guerra: porém por naõ ter as armas ocioſas, mandou por Duquiznè armar a 40 Cavallos, que lhe inquietavaõ os gaſta-

Succeſſos de Entre Douro e Minho.

gastadores, que mandava cortar estacas em huma quinta visinha. Derrotou-os Duquiznè, e cativou entre outros prisioneiros ao Capitaõ Luiz da Vide de Andrade Portuguez com duas feridas. Tanto que o tempo deu lugar, mandou o Conde ao Capitaõ D. Joaõ de Sousa, a Antonio de Sousa de Menezes Governador de Melgaço, e ao Capitaõ Antonio Alvaro, que entrassem em Galiza com mil Infantes pagos, e da Ordenança, pela parte de Fiães, situada na Raya Seca. Deraõ elles a ordem á execuçaõ, queimaraõ quatro lugares, e tendo entrado o de Monte Redondo já reedificado, os envestio o inimigo com mayor poder. Resistîraõ valerosamente, fazendo retirar os Galegos, e ainda que varias vezes os avançáraõ no caminho, se recolheraõ sem damno. Poucos dias depois deste successo, mandou o Conde a Ruy Pereira Sotto Mayor, Capitaõ mór de Caminha, com 200 homens em barcos a attacar hum reducto, que o inimigo havia fabricado na barra de Caminha, e que o anno antecedente havia sido envestido sem effeito. Attacou-o Ruy Pereira nesta occasiaõ com melhor successo, porque o ganhou, e poz por terra sem opposiçaõ. O Conde de Castello-Melhor, naõ querendo passar o tempo com descanço, nem os dias sem lançar linha (com a differença que vay do vivo ao pintado,) passou de Salvaterra a Villa-Nova de Serveira, com intento de mandar investir a Villa da Barca de Gayaõ, que lhe fica defronte, povoada por 250 moradores, e guarnecida com 200 soldados. Era rodeada de trincheiras, que defendiaõ quatro peças de artilharia: a passagem do rio estava tambem fortificada. O Conde entregou ao Mestre de Campo Diogo de Mello Pereira 500 Infantes, com os quaes passou da outra parte do rio em barcos, que estavaõ prevenidos para este effeito. Chegáraõ ao romper da manhaã, e sendo sentido o rumor dos barcos da vigilancia das sentinellas, acodiraõ os Galegos a guarnecer as trincheiras do rio: porém tanto que foraõ investidos, as desempararaõ, e leváraõ temor para fazerem o mesmo as que rodeavaõ a Villa. Achando-as taõ mal defendidas, as entraraõ os nossos soldados: saquearaõ a Villa, e puzeraõlhe o fogo. Mandoulhes o Conde

Anno 1644.

Ganha Ruy Pereira hum reducto.

Depois a Villa da Barca.

re-

Anno 1644.

repetidas ordens para que se retirassem sem dilação, receando que o Marquez de Tavora Governador das Armas de Galiza acodisse de Tuy, onde assistia, que distava só duas leguas da Barca, com hum grande Troço de Cavallaria; e Infantaria com que se achava. Assim succedeo: porém quando chegou o soccorro, ja o damno era sem remedio, por haver Diogo de Mello com toda a gente, e despojo passado o rio. Vingouse o Marquez de Tavora em D. Diogo Bermudes que prendeo, Cabo da gente que defendia as trincheiras do rio, e em hum Ajudante que enforcou, merecido castigo do mal que procederão. Seguiose a esta entrada, outra que fez o Tenente de Mestre de Campo General Francisco de França, em que queimou Panguezes, e Freixo, lugares grandes, e interiores. O Marquez de Tavora, procurando a satisfação destes damnos, determinou queimar as povoaçoens de Lanhellas, Seiças, e Gandarem, situadas na ribeira do Minho entre Villa Nova, e Caminha, sem mais defensa que huma fraca trincheira, e sem mais guarnição que a dos moradores, governados por Antonio de Azevedo Capitão da Ordenança. O inimigo para divertir o nosso soccorro, armou quantidade de barcos em Tuy, na Guarda, e em Forcadella: os de Tuy puzerão os Galegos defronte de Valença, os de Forcadella de Villa-Nova, e os da Guarda entrárão com a maré pela barra de Caminha; e pondo a proa no Cáes, determinárão queimar alguns barcos que estavão junto a elle: porém offendidos de algumas balas de artilharia, desistirão da empreze. Os que avistárão as outras barras, não fizerão mais que disparar algumas roqueiras que trazião, e com esta apparencia descobrirão o seu intento ao Conde de Castello-Melhor; porque conhecendo que este ameaço insinuava outro progresso, mandou Duquiznê com 90 Cavallos, e ordenoulhe que marchasse pela ribeira do Minho abaixo, e soccorresse qualquer dos lugares que o inimigo investisse. Neste tempo havia sahido do lugar da Tamugem D. Luiz Olriseo Sargento mòr do Terço de D. Antonio Saa Vedra com mil Infantes escolhidos, que embarcou em sete barcaças, e outros muitos barcos, e com

Entrada dos Galegos.

grande

grande reſoluçaõ poz a proa em Lanhellas. Os morado-res vendo a viſinhança do perigo, determinàraõ entre-gar as vidas, ou ſegurar a defenſa. Com eſte intento, tanto que os primeiros Galegos ſaltaraõ em terra, os inveſtiraõ com tanto valor, que ainda que logo perdèraõ 25 homens; ſem diſiſtir da empreza avançaraõ ſegunda vez com todos os que haviaõ deſembarcado, e ajudados das bocas de fogo da trincheira de Lanhellas os obrigáraõ ás cutiladas a voltarem as coſtas. Seguiraõlhes com tanto ardor, que naõ ſe mitigando no rio, em que ſe meteraõ, fizeraõ encalhar dous barcos, e ainda que alguns quando pegáraõ nelles perderaõ as maõs, as dos outros os ſatisfizeraõ; e querendo os Galegos ſoccorrer os barcos, o naõ conſeguiraõ pelo grande damno que receberaõ das balas, que ſe diſparavaõ de Lanhellas. Retiraraõſe com perda (como ſe affirmou) de mais de 600 homens: ficaraõ 50 priſioneiros, entre elles hum Sargento mór, e quatro Capitaens de Infantaria. Depois de ſe retirar o inimigo, chegou Duquizné, e a ſua dilaçaõ fez aos Paizanos mais honrada a defenſa. O Conde, paſſado eſte ſucceſſo, mandou queimar alguns lugares de Galiza pelo Capitaõ Antonio de Abreu, que aſſiſtia em Melgaço: queimou a Villa de S. Joaõ dos Creſpos, e outras povoaçoens; e ainda que o inimigo juntou groſſo poder, ſe retirou ſem damno. O Marquez de Tavora pertendeo ganhar o Caſtello de Caſtro Laboreiro, juntou 4000 Infantes, e 200 Cavallos, e mandou attacar o Caſtello. Achavaſe dentro governando o Pedro de Faria com 25 ſoldados pagos: agregaraõſe a eſtes 200 Paizanos, e tendo anticipada noticia de que o inimigo marchava para aquella parte ſe deliberaraõ a defender o Caſtello, animados do proximo ſucceſſo de Lanhellas. Chegaraõ os Galegos, e inveſtiraõ por varias partes o Caſtello, mas experimentando a reſoluçaõ com que era defendido, ſe retiraraõ, deixando alguns mortos, e levando outros feridos. Neſte tempo determinou o Baraõ de Sabá (que havia chegado por Meſtre de Campo General do Reino de Galiza) fabricar hum quartel para ſeis Companhias de Infantaria, e huma de Cavallos no lugar de Peſqueiras, com tençaõ de impedir

Anno 1644.

Retiràoſe com perda.

Varios ſucceſſos.

Anno 1644.

pedir as entradas que os noſſos ſoldados continuamente faziaõ de Salvaterra, de que Peſqueiras diſtava meya legua. Tanto que o Conde teve eſta noticia, mandou ao Meſtre de Campo Diogo de Mello Pereira com 500 Infantes, e 50 Cavallos a deſalojar o inimigo. Executou elle eſta ordem com tanto valor, que marchando a noite de 17 de Mayo, e encontrando a Tropa inimiga, que ficava fóra do quartel que ſe fabricava, a inveſtìo, e derrotou. Os Infantes com eſte receyo ſe retiráraõ, e tanto que amanheceo, entrou Diogo de Mello o lugar ſem achar reſiſtencia: desfez todas as trincheiras, que eſtavaõ levantadas, e retirouſe para Salvaterra, trazendo alguns ſoldados de cavallo feridos. Naõ ceſſavaõ as armas de huma, e outra parte de continuar eſta fórma de guerra. Soube o Conde que o inimigo havia plantado huma peça de artilharia em o lugar de S. Bartholomeo, guarnecido com duas Companhias de Infantaria do Terço de D. Luiz de Viveros irmaõ do Conde de Fuen Saldanha, que eſtava com o reſto do Terço aquartelado nos lugares viſinhos. Recebiaõ deſta peça grande damno os barcos que paſſavaõ para Caminha, e por eſte reſpeito ordenou o Conde ao Tenente de Meſtre de Campo General Franciſco de França Barboſa que paſſaſſe com 300 Infantes a queimar o Lugar, e ganhar a peça de artilharia. Huma, e outra ordem executou valeroſamente, e ſem embargo da oppoſiçaõ que na retirada intentou fazerlhe D. Luiz de Viveros, tornou a paſſar o rio, trazendo a peça de artilharia, e os deſpojos do lugar. Paſſados alguns dias, derrotou o Capitaõ Antonio de Abreu duas Companhias de Infantaria pagas, que ſe alojavaõ nos lugares de Gorga, a que poz o fogo. Igual ſucceſſo teve o Sargento mór Luiz de Oliveiros Famel com outras duas Companhias de Infantaria, que ſe alojavaõ nas ruinas do lugar de Linhares. O Marquez de Tavora procurava naõ perder occaſiaõ de nos moleſtar com igual damno. Mandou fabricar no lugar de Atamuje quantidade de barcos grandes, determinando conſeguir com elles emprezas de importancia. Tanto que o Conde de Caſtello-Melhor teve eſta noticia, mandou a Franciſco de

Ganhaõ os noſſos hum lugar com hũa peça.

França

França com 500 Infantes, e a Rodrigo Pereira Sotto Mayor Alcayde mór, e Governador de Caminha com 400, e ordenoulhes que trouxessem ou queimassem todos os barcos que o inimigo fabricava Embarcáraőse, e divididos investiraő os dous lados da ponte de Atamuje: chegáraő ambos ao mesmo tempo, e fizeraőse senhores de 35 barcos que estavaő no rio, e aos mais que se fabricavaő em terra puzeraő o fogo. Animados deste bom successo, excedendo a ordem que levavaő, que era retirarem se, conseguida a empreza dos barcos, marcháraő a queimar alguns lugares daquelle districto. Deraő com este excesso tempo a D. Luiz de Viveros para unir toda a gente do seu Terço, á dos lugares visinhos, e ajuntar tres Batalhoens de Cavallaria, e com este poder veyo buscar a nossa gente. Tanto que Francisco de França, e Rodrigo Pereira reconhecéraő o perigo a que estavaő expostos, formáraő a Infantaria, e vieraő demandar os barcos. Naő lhes deu o inimigo lugar a se embarcarem, emvestio-os valerosamente; e foy de qualidade o empenho, que durou tres horas o conflicto, pelejandose com igual ardor de huma, e outra parte. Neste tempo havia a nossa gente com grande destreza perdido terra por ganhar a agua, e conseguindo-o, se embarcou a vanguarda. Cresceo o perigo aos que ficavaő na retaguarda, mas defendendose com grande valor, foraő os ultimos que se embarcáraő com a agua pela cinta, ajudados da mosquetaria dos barcos, o Capitaő de Aventureiros Antonio de Queirós Mascarenhas, que nesta, e nas mais occasioens se sinalou com particularidade, Pedro de Betancor, Joaő da Cunha, e os Capitães Pedro Rodrigues de Sousa, e Rodrigo Pereira que vieraő feridos, Ficaraő mortos 25 soldados, affogaraőse oito em hum barco que se voltou, e retiraraőse 30 feridos: porèm trouxeraő os 35 barcos do inimigo, e os despojos dos lugares que queimáraő. Sentio muito o Conde de Castello-Melhor esta desordem, e desejando emendala com melhor successo, mandou a Lopo Pereira de Lima Governador de Salvaterra com 500 Infantes, e ao Tenente Lanû valeroso Francez com 60 Cavallos, que se fossem embościar junto a huma quin-

Anno 1644.

Queimaő os barcos dos Galegos.

Retirăose com alguma perda.

Anno 1644.

quinta, meya legua de Salvaterra, onde o inimigo costumava adiantar as Tropas da sua guarda. Foraõ sentidos, e naõ sahiraõ os Galegos. Lanû vendo a jornada infructuosa, se adiantou tanto da Infantaria, que descuberto dos lugares visinhos do inimigo, sahiraõ delles alguns Cavallos, que fez retirar com facilidade. Encorporouse com a Infantaria, e querendo Lopo Pereira marchar para Salvaterra, reconheceo que o inimigo lhe havia cortado o passo com mil Infantes. Porque o tempo que se deteve na emboscada, teve o inimigo para unir as guarniçoens de Fornellos, Nossa Senhora da Luz, e outros quarteis visinhos, e naõ só se juntáraõ mil Infantes, e alguns Cavallos que vieraõ com elles, mas em soccorro destes vinhaõ marchando 600 Infantes. Vendo Lopo Pereira o perigo a que se expunha, se os dous Troços o attacassem ao mesmo tempo, investiu com o primeiro que lhe havia tomado o passo, e ajudado de Lanû levando todos os soldados as espadas na maõ, sem valer ao inimigo a ventagem do poder, foraõ rotos os mil Infantes, perdendo a vida 90, e Lopo Pereira se recolheo a Salvaterra, trazendo dous Capitaens, e hum Sargento prisioneiros, e só dez feridos dos seus soldados. Estimou o Conde este successo, como merecia o valor com que se conseguio. Sinalouse nelle, como em outras occasioens o havia feito, Diogo de Britto Coutinho Trinchante delRey.

Rompem os noslos os Galegos.

Desejando o Marquez de Tavora livrar os lugares de Galiza da oppressaõ que padeciaõ com as continuas entradas do presidio de Salvaterra, mandou levantar dous reductos na Chaã da Salgueira meya legua distante. Resoluto o Conde de Castello-Melhor a desvanecer este embaraço, ordenou ao Mestre de Campo Diogo de Mello Pereira, que com 500 Infantes, e 80 Cavallos marchasse a interprender estes reductos. Executou elle a ordem com tanta felicidade, que levando a vanguarda os Capitaens Antonio de Queirós, e Rodrigo de Moura Coutinho, ao romper da manhaã foraõ attacados, e rendidos os reductos, ficando mortos, e prisioneiros todos os Officiaes, e Soldados que os guarneciaõ. O mesmo successo tiveraõ quatro Companhias de Infantaria, que vieraõ

Ganhão huns reductos.

taõ de ſoccorros aos reductos, porque foraõ desbaratadas com pouca reſiſtencia. Seguioſe a eſte ſucceſſo mandar o Conde de Caſtello Melhor ao meſmo Meſtre de Campo Diogo de Mello com 700 Infantes a queimar os lugares que povoavaõ a margem do rio Minho pela parte do Valle de Ribarteme, que eraõ muitos, e ricos. E receando o perigo da retirada, por eſtarem alojados por aquelle diſtricto os Meſtres de Campo D. Gabriel de Queiròs, D. Benito de Abaldrez, e D. Franciſco de Valladares com os ſeus Terços, mandou fabricar na Villa de Valladares huma grande barca, porque o rio por aquella parte corre taõ alcantilado, que naõ podia ſuppor o inimigo, que por ella ſe retiraſſe a noſſa gente. Executou Diogo de Mello a empreza com grande damno daquelle diſtricto, e em quanto os tres Meſtres de Campo Caſtelhanos com 2000 Infantes o aguardavaõ na eſtrada de Salvaterra, onde ſem duvida ſuppunhaõ encontralo na retirada, paſſou elle a Valladares, na barca que eſtava prevenida, ajudado de huma maroma, toda a gente; e depois ſem mais oppoſiçaõ que a de alguns paizanos, reſiſtida com muito valor pelo Capitaõ Antonio de Abreu, ſendo o ultimo que ſe embarcou com huma bala por huma perna. Era ja entrado o Inverno, e tendo o Conde de Caſtello-Melhor noticia que o inimigo juntava gente contra a Provincia de Traz os Montes, e querendo ſoccorrela, por lhe conſtar que eſtava com pouco poder, mandou aos Capitaens de Cavallos Diogo de Britto Coutinho, e Antonio de Queiròs Maſcarenhas, que marchaſſem com as ſuas Companhias a ſoccorrer Chaves, e que no caminho fizeſſem diligencia por queimar Calvos de Rendi, Lugar do Reino de Galiza avaliado por muito rico. Era neceſſario ás Tropas caminharem ſette leguas por dentro de Galiza: porém facilitando o coſtume de vencer todas as difficuldades, entraraõ por Galiza, ganharaõ o lugar, puzeraõlhe o fogo, e paſſaraõ a Traz os Montes; e deſvanecendoſe a entrada do inimigo, voltaraõ para a Provincia de Entre Douro, e Minho.

Anno 1644.

Naõ foraõ eſte anno as emprezas das Provincias de Traz os Montes, e Beira taõ continuas, como havia ſuc-

 cedido

Anno 1644.

cedido nos antecedentes. Sustentava D. Joaõ de Sousa a guerra em Traz os Montes, trabalhando por conservar os moradores com pouco damno, e propondo o inimigo em alguns bolatins que se fizesse a guerra sem roubos nem incendios, D. Joaõ com ordem delRey (havendolhe dado conta desta pratica) deu principio a se observar esta acertada conveniencia de huma, e outra parte: porém o inimigo alterou logo tudo, o que estava tratado, queimando alguns lugares da Raya, e chegou a Cavallaria atè o lugar de Santo Estevaõ huma legua de Chaves. Entre elle, e o de Fayoens corre hũa eminencia, na qual mandou D. Joaõ de Sousa fabricar hum reducto, pertendendo segurar aquella fertilissima campina, de que Chaves se alimenta: porém naõ tendo o reducto artilharia que defendesse o lugar de Santo Estevaõ, que lhe ficava visinho, o saqueou o inimigo sem achar resistencia. D. Joaõ de Sousa para tomar satisfaçaõ deste damno, mandou seu filho o Mestre de Campo D. Manoel de Sousa com 350 Infantes, e 80 Cavallos queimar o lugar de Mayaldes, e outros seis, que lhe ficavaõ visinhos. Fez elle a jornada, e executou a ordem sem opposiçaõ. Teve o mesmo successo em outra entrada que fez, em que queimou cinco Lugares.

Successos de Traz os Montes.

Na Provincia da Beira succedèraõ de huma, e outra parte algumas entradas de pouca importancia. D. Alvaro de Abranches, que a governava, considerando arriscada a Praça de Salvaterra, pela pouca defensa da muralha antiga, se resolveo a fortificalla. Intentou o inimigo varias vezes impedir esta obra: porém sempre com máo successo. No mesmo tempo vieraõ 2000 Infantes, e 400 Cavallos a interprender o Rosmaninhal: porém achando valerosa resistencia, se retiráraõ levando alguns soldados feridos. D. Alvaro de Abranches mandou os Capitães Braz de Amaral Pimentel, e Christovaõ da Fonseca armar a huma Companhia que descubria a campanha em Ciudad Rodrigo: derrotaraõna, e degolaraõ alguns moradores. Naõ dilatáraõ os Castelhanos a vingaça: corrèraõ os campos de Idanha, e querendo defendello os moradores, degoláraõ 60. Em Almeida cahiraõ

Successos da Beira.

raõ 40 Cavallos nossos em huma emboscada, de que naõ escapou soldado algum, que naõ fosse morto, ou prisioneiro. D. Alvaro de Abranches, desejando recompensa destes máos successos, mandou ao Mestre de Campo D. Sancho Manoel com 800 Infantes, e 200 Cavallos entrar em Castella pela parte que confina com a Commarca de Castello-Branco. Fez a marcha pelo lugar da Genestoza, entrou, e queimou a Villa de Perozim, que era grande, e bem povoada, e acabou de destruir Penna Parda, que outra vez havia sido saqueada. Morrèraõ nesta entrada 150 Castelhanos da Serra de Gatta, que intentáraõ fazer opposiçaõ a algumas partidas nossas. As Tropas inimigas aguardavaõ D. Sancho em hum sitio estreito, entendendo que se havia de retirar pela mesma parte por onde havia entrado: porem D. Sancho tendo esta noticia, mudou a marcha, e no caminho degolou alguns paizanos que vinhaõ encorporarse com a gente paga, que o aguardava. Livre deste damno se retirou D. Sancho, trazendo os soldados satisfeitos do despojo dos lugares queimados.

Anno 1644.

No principio deste anno partio de Lisboa para França D. Alvaro Pires de Castro Conde de Monsanto, e Marquez de Cascaes, Titulo que ElRey lhe deu em satisfaçaõ desta jornada. Foy nomeado por Embaixador extraordinario á Rainha Regente Dona Anna de Austria, a lhe dar o pezame da morte delRey seu marido Luiz XIII. Sahio o Marquez pela barra a 12 de Fevereiro, e levou por Secretario da Embaixada o Doutor Manoel da Nobrega Dezembargador do Porto. Acompanhou o D. Diogo Fernandes de Almeida, Fernaõ Telles de Menezes, D. Garcia de Castro, e D. Joaõ de Castro seu filho natural, que fizeraõ a Embaixada mais luzida. O Maquez, sendo composto de grande espirito, e de muita generosidade, dispoz esta jornada com tanto luzimento, que deixou em França célebre a sua memoria. Chegou a Arrochela, e foy recebido com muita solemnidade. Partio logo para Pariz, veyo buscallo huma legua da Corte o Conde da Vidigueira Embaixador ordinario nella. Teve audiencia da Rainha a 20 de Abril. O dia antecedente

O Marquez de Cascaes Embaixador de França.

Chega a Pariz, tem audiencia.

Anno 1644.

mandou entrar em Pariz, a sua roupa acompanhada de toda a familia com tanta ordem, e manignificencia, que engrandeceo a Naçaõ, e authorizou a embaixada. Foy conduzido do Marichal de Berfê, e do Conde de Brulon Conductor dos Embaixadores. O Marquez foy com o Marichal em huma carroça, e o Conde da Vidigueira com o Conde de Brulon em outra, e toda a mais disposiçaõ daquella entrada correspondeo á solemnidade da vespera. Acabada a funçaõ, assistio o Marquez dous mezes em Pariz, sustentando a authoridade da casa, e grandeza do trato sem desigualdade. Deu á Rainha, e a El-Rey presentes de curiosidade, e valor, e com varias Damas teve acçoens de muita discripçaõ, e galantaria. No mez de Junho se despedio da Corte, e passou a Nantes, a aguardar embarcaçaõ para Portugal. Estando nesta Cidade, teve noticia que chegava a ella a Rainha de Inglaterra Henreeta Maria, filha de Henrique IV. Rey de França, e mulher do infelice Rey de Inglaterra Carlos I. Estava na Cidade de Exeter com tençaõ de passar a França a remediar com huns banhos huma grande indisposiçaõ que padecia. Os Parlamentarios de Inglatterra aborrecidos da verdadeira Fé Catholica que a Rainha fervorosamente professava, mandáraõ o Conde de Essex com hum Exercito a sitiar a Cidade. Teve a Rainha esta noticia a poucos dias depois de parir hum filho, e com grande segredo, e diligencia passou para a Cidade de Orsfod, onde se embarcou, e escapando de sete fragatas, que a seguîraõ se salvou em Brest, porto de Bretanha. Chegou a Nantes; sahio a recebella o Marquez tres leguas da Cidade, e havendo tido permissaõ dos Magistrados, fez adereçar com muita grandeza as casas em que a Rainha havia de assistir, e com grande asseyo, e abundancia de regallos hospedou toda a sua familia. Fez o dia mais alegre chegar nelle nova á Rainha delRey seu Marido haver vencido huma batalha aos Parlamentarios, em que matou 6000, e fez 4000 prisioneiros. O Marquez, depois de acompanhar a Rainha, lhe mandou hum magnifico presente. Partiose ella o dia seguinte, justificando ao Marquez com muitas palavras o seu agradecimento,

Hospeda o Marquez a Rainha de Inglaterra com grandeza

decimento,

decimento. Paſſados alguns dias chegou a Nantes o Marquez de Ruylhac, que a Rainha de França havia nomeado Embaixador de Portugal. Embarcouſe, mas foraõ os ventos taõ contrarios, que arribou a Bres com dous navios que levava muito mal tratados. Teve eſta noticia o Marquez de Caſcaes, mandoulhe offerecer hum navio Holandez, em que eſtava para ſe embarcar. Aceitou o de Roylhac a offerta, e unidos os dous Embaixadores ſe embarcáraõ para Portugal, e chegáraõ brevemente a Lisboa. Foraõ neſte anno dos negocios de mayor conſideraçaõ, que o Conde da Vidigueira tratou em França, os que tocáraõ á Dieta de Munſter, que já ſubſtanciamos, por naõ ſurtirem effeito algum: e havendo os Caſtelhanos divulgado em Pariz, que ganháraõ a batalha de Montijo, imprimio o Conde da Vidigueira a verdadeira Relaçaõ da Victoria, que as Armas delRey D. Joaõ glorioſamente conſeguíraõ, e desfez com a luz da verdade as ſombras com que os Caſtelhanos pertendiraõ eſcurecella. Foy eſta diligencia de grande utilidade: porque ſe inteiráraõ as Naçoens eſtrangeiras, aſſim das valeroſas acçoens dos Portuguezes, como do deſconcerto do odio dos Caſtelhanos. A Roma paſſou Nicoláo Monteiro, Miniſtro de toda a ſatisfaçaõ; levava poderes do Eſtado Eccleſiaſtico para repreſentar ao Summo Pontifice os damnos, que padecia toda a Religiaõ de Portugal com a falta de Prelados, e inſtrucçaõ delRey para a fórma em que os havia de aceitar, ſe ſe lhe concedeſſem, que era accommodarſe a tudo aquillo que o Summo Pontifice reſolveſſe, ſalvando ſó os antigos privilegios dos Reys de Portugal, de que em conſciencia naõ podia ceder, confórme às mayores opinioens dos mayores letrados deſte Reino. Era falecido a 29 de Julho Urbano VIII. a quem ſuccedeo Innocencio X porêm com a mudança do governo da Igreja naõ melhoráraõ os negocios de Portugal. Em Inglaterra continuava a commiſſaõ de ſuſtentar a aliança daquelle Reino com eſta Coroa, o Doutor Antonio de Souſa de Macedo, e naõ ſe offereceo accidente que a alteraſſe. Por Embaixador de Holanda havia ElRey mandado a Franciſco de Souſa Coutinho, que o havia ſido,

Anno 1644.

Chegão a Lisboa o Marquez, e o de Roilhac Embaixador de França.

Paſſa a Roma Nicoláo Monteiro.

Anno 1644.

Prudencia em Holanda de Francisco de Sousa Coutinho.

ſido em Suecia: e como era invencivel a ambiçaõ dos Holandezes, e as forças deſta Coroa ſenaõ podiaõ naquelle tempo medir com as daquelles Eſtados, diſpoz Franciſco de Souſa com admiravel politica, atalhar mayores damnos daquelles, que as conquiſtas deſte Reino, até o principio da ſua commiſſaõ, haviaõ padecido. E como neſte tempo começáraõ os moradores de Pernambuco a ſacudir o intoleravel jugo dos Holandezes, teve Franciſco de Souſa mais largo campo para exercitar a ſua deſtreza, atalhando por muitas vezes os ſoccorros, que a companhia Occidental prevenia para ſoccorrer Pernambuco, e ſocegar os levantados. Todas eſtas idêas politicas fomentava ElRey com grande aplicaçaõ, e maravilhoſamente regulava as diſpoſiçoens mais convenientes. Accreſcentavalhe o cuidado ſerlhe preciſo proceder contra alguns dos ſeus Vaſſalos: porém dando ouvidos a calumnias, muitas vezes ſe arrependia de proceder aceleradamente, mandando prender por crime taõ abominavel, como o de leza Mageſtade a alguns, que depois mandava ſoltar averiguada a ſua innocencia. Entràraõ eſte anno neſte numero o Marquez de Montalvaõ, e o Doutor Duarte Alvares de Abreu Dezembargador dos Aggravos da Caſa da Supplicaçaõ, e naõ prevalecendo brevemente a prova da ſua juſtificaçaõ acabàraõ as prizoens, ſe bem o Marquez com mayor trabalho; porque limando as calumnias deſta, e reſtituido aos ſeus poſtos, veyo a morrer infelicemente em outra, ſendo verdadeiro exemplar da inſtabilidade da fortuna. A Marqueza de Montalvaõ, cauſa total, como ſempre ſe entendeo, da ruina de ſeu marido, mandou ElRey recolher no Convento de Capuchas de Sacavem. O amor de ſeus filhos, que eſtavaõ em Caſtella, parece que a obrigava a amar pouco o ſocego de ſua caſa.

Morre o Marquez de Montalvaõ na priſaõ e a Marqueza ſe recolhe no Moſteiro de Sacavem

Acclamado ElRey D. Joaõ, e havendo ſucedido entre o Marquez de Montalvaõ, e o Conde de Nazáo, o que fica referido, mandaraõ os Governadores que ſuccederaõ ao Marquez de Montalvaõ por Embaixador ao Conde de Nazáo a Pedro Correa da Gamma Tenente de Meſtre de Campo General, aſſiſtido do Padre Franciſco de

Vi-

Vilhena da Companhia de JESUS, que havia sido causa da injusta prizaõ do Marquez. Pedro Correa assentou tregoa com os Holandezes, e retirou alguns soldados que andavaõ na Campanha de Pernambuco á ordem do Capitaõ Paulo da Cunha, fazendo muito consideravel damno aos Holandezes. Depois de ajustada a tregoa, convidou o Conde de Nazào, a comerem em sua casa, a todos os Officiaes que se achavaõ daquella parte. Entrava nelles o Capitaõ Paulo da Cunha pratico, e valeroso soldado. Havia o Conde de Nazáo promettido pela sua cabeça quinhentos florins, e Paulo da Cunha pela do Conde dous mil cruzados. Disselhe o Conde no banquete, que se espantava muito deste seu excesso? Respondeolhe, que mais razaõ de queixa podia elle ter: porque para hum soldado pobre naõ era possivel que valesse mais a cabeça de hum Principe que dous mil cruzados; e para hum Principe poderoso comprar a cabeça de hum soldado honrado, era pequeno preço o de quinhentos florins. Voltaraõse para a Bahia Pedro Correa, e os mais que estavaõ em Pernambuco, e chegou a governar aquelle Estado Antonio Telles da Silva, como ja dissemos. Os Holandezes depois da tregoa fizeraõ huma fortaleza em Segeripe del-Rey, e tomaraõ algumas caravelas nossas, alterando o tratado. Queixouse Antonio Telles desta desigualdade, mandou a D. Antonio Filippe Camaraõ, valeroso Brasiliano (que ja pelas suas acçoens havia merecido o Titulo de Governador dos soldados da sua naçaõ, e o Habito de Christo) que se alojasse na campanha de Segeripe com huma Tropa de Indios, e que continuasse a guerra na mesma fórma que antes da tregoa se executava. Cresciaõ por instantes as exorbitancias dos Holandezes, assim no mar como em terra: porque no mar naõ perdoavaõ a alguma preza, e na terra usavaõ de exquisitas industrias para roubar os moradores de Pernambuco; que obrigados da ultima necessidade, se haviaõ conservado na limitaçaõ de suas cazas, respeitando a fabrica das suas fazendas. O Conde de Nasáo excessivamente applicado ao seu interesse, ajudandose de Gaspar Dias Ferreira morador em Pernambuco, que com pouca attençaõ Catholica se arrojava cegamente

Anno 1644.

Tomão os Holandezes algumas caravelas, e faltão ao tratado.

cegamente á ambiçaõ politica, era o mayor inimigo dos cabedaes daquelles moradores. Fizeraõ elles por varias vezes queixa aos Estados de Holanda, de que resoltou coartarem a jurisdiçaõ, e diminuirem o ordenado ao Conde de Nasáo, e elle estimulado desta queixa se partio para Holanda no anno de 1643. Os moradores de Pernambuco entendendo que podiaõ melhorar do achaque, o aggravaraõ com o remedio, porque com a partida do Conde (ainda que ambicioso dos cabedaes, affeiçoado aos Portuguezes) cresceraõ de qualidade nos Holandezes as exhorbitancias, que naõ perdoando a genero algum de extorçaõ, arguhiaõ aos miseraveis moradores culpas fantasticas provadas com testemunhas falsas, e convencidos lhes tiravaõ as mulheres, os privavaõ das vidas, e se constituhiaõ senhores das fazendas. Hum delles chamado Joaõ Blar, com pretexto do socego, foy o mayor tyranno: porque passando com 300 soldados ao sertaõ, he impossivel referir a quantidade de maldades que executou. Porém pódem estas culpas ter o titulo de felices: porque foraõ causa da gloriosa restauraçaõ de Pernambuco. Vendo pois os Portuguezes que naõ era remedio da sua desgraça, accommodaremse a viver debaixo do tyranno jugo de Holanda: porque os bens da vida se extinguiaõ, e os escrupulos da alma, entre os erros da falsa doutrina de Calvino, se augmentavaõ; deliberáraõ antes de acabarem todos as vidas com infamia, intentarem conservallas, ou ao menos perdellas com gloria. Foy o primeiro que se animou a esta generosa resoluçaõ Joaõ Fernandes Vieira, que saindo da Ilha da Madeira, patria sua, com poucos cabedaes, os havia augmentado de sorte em Pernambuco, que era avaliado por hum dos mais ricos homens daquelle districto. Havia casado com huma filha de Francisco Berenguer, tambem natural da Ilha da Madeira, e que contava de muitos seculos nobre descendencia. Uniraõse ambos, e começáraõ a fulminar algumas máquinas, que foraõ desbaratadas com a falta de segredo; e retirando-se elles do perigo, obrigáraõ aos de hum Conselho de Holandezes, chamado Supremo (em quem os Estados transferîraõ o dominio de Pernambuco)

Anno 1644.

Tyrãnia dos Holandezes.

Noticia de Joaõ Fernandes Vieira.

buco) a darem conta a Antonio Telles, de que os dous eraõ perturbadores do socego da tregoa, como se elles algum dia a houveraõ observado. Como Antonio Telles tinha ordem expressa delRey para conservar, em quanto lhe fosse possivel, a uniaõ com os Holandezes, ainda que naõ ignorava os seus excessos, pelos conservar socegados, mandou ao Arrecife ao Mestre de Campo André Vidal de Negueiros pratico, e valeroso soldado. Chegou ao Arrecife, e quando os Holandezes deviaõ (para conseguir o fim pertendido) dissimular as suas exorbitancias com os que buscavaõ para mediatores da concordia, foy o Mestre de Campo o primeiro contra quem neste tempo fulmináraõ os seus excessos. Vendo elle que os lenitivos prejudicavaõ á enfermidade, julgou que o remedio della consistia nos cauterios. Concorreo com Joaõ Fernandes Vieira no intento de solicitar a liberdade, ainda que duvidoso dos meyos de se conseguir. Voltou brevemente para a Bahia, naõ colhendo mais fructo da sua jornada, que a informaçaõ que levava a Antonio Telles do falso trato dos Holandezes, e da tyrannia que padeciaõ os infelices moradores daquella Provincia. Joaõ Fernandes Vieira, e Francisco Berenguer, havendo retirado para o interior do mato as armas, muniçoens, e bastimentos que lhes foy possivel, colocando-as em parte segura, e tendo ganhado por parciaes da sua resoluçaõ muitos dos moradores daquelle districto, chegou segunda vez ao Arrecife o Mestre de Campo André Vidal de Negueiros no mez de Setembro deste anno que escrevemos de 1644 a tratar alguns negocios particulares: deulhe conta Joaõ Fernandes Vieira (que se havia dissimuladamente congraçado com os Holandezes) do estado da sua resoluçaõ, fundando as esperanças de conseguir a empreza, assim no descuido dos Holandezes, como nos poucos soldados, que naquelle tempo tinhaõ em Pernambuco, havendose embarcado os melhores com o Conde de Nasáo o anno antecedente. Julgou André Vidal a empreza, ainda que necessaria, muito difficil, considerando as muitas circunstancias que faziaõ aos Holandezes em Pernambuco naõ só poderosos, mas formidaveis:

Anno 1644.

Anno 1644.

porèm como a resoluçaõ era precisa calou os inconvenientes, que podiaõ murchar as esperanças que só reverdeciaõ entre a tormenta em que Pernambuco fluctuava. Escreveo Joaõ Fernandes Vieira por André Vidal a Antonio Telles a resoluçaõ que havia tomado, e declaroulhe por extenso todas as causas della, pediolhe soccorro, e protestoulhe, se lho negasse, todos os damnos que sobreviessem. Assinàraõ a carta as pessoas principaes confederadas na empreza, e voltou André Vidal para a Bahia com novos aggravos dos Holandezes do Supremo Conselho: porém primeiro que partisse reconheceo todas as Fortificaçoens que lhe foy possivel. Partio André Vidal: escreveo Joaõ Fernandes Vieira a D. Antonio Filippe Camaraõ, que estava alojado com os seus Indios em Segeripe delRey, e pediolhe que o soccorresse: a que elle se offereceo, approvandolhe muito a resoluçaõ que tomava. A mesma diligencia fez Joaõ Fernandes com Henrique Dias negro de taõ insigne valor, que depois de haver executado acçoens memoraveis na guerra antecedente, dandolhe com huma bala de mosquete na maõ esquerda, pedio que lha cortassem logo, como fizeraõ, dizendo, que mais queria arriscarse a morrer depressa, que a convalecer devagar, havendo tantas emprezas a que acodir. De que se infere, que naõ foy a maõ de Scevola mais luzido tiçaõ para o fogo, que a de Henrique Dias para o cauterio. Era Governador de todos os negros, e mulatos, a que se permittia assentar praça. Havia entre elles Officiaes, e Soldados de grandissimo valor. Tanto que recebeo a carta, respondeo a Joaõ Fernandes que logo marchava a soccorrelo, e que lhe dava sua palavra de naõ pôr nos peitos o Habito de Christo, de que ElRey lhe havia feito mercê, sem se restaurar Pernambuco. Antonio Telles, tanto que recebeo a carta de Joaõ Fernandes Vieira, lhe remetteo tres Capitães com sessenta soldados, declarando que lhos mandava para se defender dos Holandezes, por quanto romper a guerra era contra a ordem que ElRey lhe havia mandado. Depois de haver disposto Joaõ Fernandes com grande despeza, e summa industria tudo o que lhe pareceo conve-

Noticia de Henrique Dias.

conveniente para conseguir a generosa acçaõ que emprendia, prevaricáraõ Sebastiaõ de Carvalho, e Antonio de Oliveira, que sendo unidos por antigos interesses com os Holandezes, lhes descubrîraõ todas as disposiçoens dos confederados. Tratáraõ elles de se acautelar com este aviso; mas dissimulando havelo recebido, foraõ prendendo com outros pretextos alguns dos moradores. Avisados os mais com esta resoluçaõ, tratáraõ de prevenir o perigo, buscando o interior dos matos por sagrado, e unidos com Joaõ Fernandes Vieira começáraõ a tratar de defender as vidas, e libertar a Patria com acçoens taõ valerosas, como em seu lugar daremos noticia.

Anno 1644.

Reservey para este tempo o principio das noticias dos successos de Tangere, e Mazagaõ, por ser este o primeiro anno, em que as Armas dos Tangerinos se exercitáraõ, depois de subordinadas a esta Coroa, e eximidas do governo de Castella. E sendo esta materia de huma mesma substancia, me pareceo naõ separar os successos de Mazagaõ dos successos de Tangere. No fim do anno antecedente de 1643. entendendo os moradores de Tangere, que naõ era justo viverem separados da obediencia do seu Rey natural, confórmes nesta opiniaõ subîraõ ao Paço, depuzeraõ do governo ao Conde de Sarzedas, e o tiveraõ recluso com guardas em humas casas da Cidade. O Conde, que era composto de todas as virtudes que pódem ennobrecer hum Varaõ excellente, havia vacilado desde o dia que teve noticia da Acclamaçaõ até a hora que o depuzeraõ, no caminho que poderia achar para se eximir sem quebra da sua opiniaõ da homenagem que havia dado a ElRey de Castella da Praça de Tangere. E como o coraçaõ estava no seu Rey, e na sua Patria, desejava, ainda que o naõ descubria, o successo que experimentou; justificandose este seu affecto na pouca repugnancia com que se entregou à prizaõ com toda a sua familia: e reconheceo ElRey o seu animo com taõ pouca duvida, que passando brevemente a Lisboa, o recebeo com publicas demonstraçoens de alegria. fe'o Presidente da Camera, e occupou-o nos mayores lugares do Reino;

Successos de Africa.

Anno 1644.

no, como veremos. Os moradores de Tangere elegèraõ por Governadores atè ordem delRey ao Alcaide mór Andrè Dias da Franca, ao Juiz dos Orfãos Balthazar Martins de Lordelo, ao Capitaõ Francisco Lopes Tavares, e ao Escrivaõ do Almoxarifado Francisco Banha de Siqueira. Fizeraõ termo, assinandose as principaes pessoas da Cidade, e acclamàraõ ElRey com grandes demonstraçoens de contentamento. Recebeo ElRey esta nova, como merecia a qualidade della, e confirmou a nomeaçaõ do Alcaide mór, reconhecido do seu zelo, e afeiçoado ao seu valor. Na fe de que Tangere se conservava na obediencia delRey de Castella, haviaõ os Ministros daquella Coroa remettido a esta Cidade quantidade de roupas, e outros soccorros de que necessitava. Chegando esta noticia ao Governador sahio à porta da ribeira a receber o soccorro, que os Castelhanos lhe entregàraõ, sem ainda terem noticia de que Tangere se havia reduzido à obediencia delRey. O Governador logo que segurou as embarcaçoens, obrigou aos Castelhanos a acclamarem ElRey D. Joaõ, o que elles admirados de taõ novo successo, naõ duvidàraõ. Deu Andrè Dias conta a ElRey, que estimou este successo, pelo muito que se acreditava a fidelidade dos Tangerinos; e ordenoulhe, que desse passaporte aos Castelhanos. Sentíraõ elles muito o successo de Tangere, e procuràraõ tornar a reduzir esta Cidade à sua obediencia. Foy D. Lopo da Cunha o principal instrumento desta negoceaçaõ: passou a Ceuta, e procurou ajuntar quantidade de gente. Feito este esforço, teve intelligencia com os Mouros para lhe segurarem a passagem por terra de Ceuta a Tangere, e que ajudando-o com gente lhes deixaria livre o despojo da Cidade, com tanto que ella ficasse presidiada pelos Castelhanos, e ao mesmo tempo que o Exercito entrasse por terra, havia de atacar huma Armada a Cidade por mar. Todas estas disposiçoens se entendeo que eraõ communicadas com algumas pessoas da Cidade, que estavaõ dispostas a cooperar na entrega della. Descubrio este intento Jeronymo de Freitas de Siqueira, pessoa principal de Tangere: deu conta ao Governador, e foy taõ qualificado em todos o zelo, e amor

Confirma Andre Dias no governo de Tangere.

Acçaõ generosa de Andre Dias da Franca, e outros.

Anno 1645.

e amor da Patria, que havendo indicios que condenavaõ a hum filho do Governador, o prendeo, e remetteo a ElRey a Lisboa, e a seu exemplo fez o mesmo a outro filho seu o Capitaõ Francisco Lopes Tavares, e Jeronymo de Freitas a seu Irmaõ. ElRey lhes remunerou largamente esta fidelidade, e lhes tornou a remetter os prezos, fazendo a sua fineza prizaõ, e segurança dos seus delictos. D. Lopo da Cunha constandolhe, de que estava em Tangere descuberto o seu disignio, desistio da empreza, e separou a gente que havia unido para a conseguir. O Governador, depois de livrar a Cidade da industria dos Castelhanos, tratou de seguralа do formidavel poder dos Mouros visinhos. Sahindo hum dia com todos os Cavalleiros ao campo (que eraõ duzentos, quando chegavaõ a mayor numero,) e usando das cautelas que lhe ensinava a sua grande experiencia, mandou descubrir a serra por dous Atalhadores; e dandolhe noticia de que haviaõ achado o rasto dos Mouros, occupou o posto da Atalainha, a tempo que os Mouros, sem serem vistos; se haviaõ mettido com quinhentos Cavallos em huma ribeira, cuberta das nossas sentinellas, a que em Tangere, conservando o Idioma antigo, chamaõ Atalayas. Tendo occupado o sitio que desejavaõ, corréraõ á Cidade com intento de cortarem o Adail (que he o Cabo principal daquella Cavallaria) que estava com a mayor parte dos Cavalleiros mais avançada. Accodiolhe o Governador com o resto da gente, durou o conflicto largo espaço, e depois de perdidos oito Cavalleiros, e mortos alguns Mouros, se retiráraõ elles, e o Goverdador para a Cidade, sentido de naõ conseguir mayor progresso. Estava neste tempo separado o commercio dos Mouros, porque havia noticia de padecerem o contagio da Peste: porem naõ bastou toda esta separaçaõ, para evitar que o Alcaide mòr tivesse aviso de que os Mouros intentavaõ empreza grande contra Tangere. Mas foy esta noticia taõ confusa, que servio de lhe accrescentar o cuidado, sem averiguar a parte a que devia applicar o remedio. Augmentoulhe o desvelo acharemse na algibeira de hum Mouro morto de huma bala, em hũa das hortas que ro-

Anno 1645.

deraõ a Cidade, listas de todos os Almocadens, que respondem no barbaro exercicio militar dos Mouros a Capitães de Cavallos, e da gente de todas as Aldeas, naõ sò visinhas, mas das que ficavaõ mais distantes, que podia fazer Exercito muito numeroso. No mesmo tempo, passando hum barco de Tanger pela praya de huma destas Aldeas, viraõ os pescadores que hum Mouro lhes assenava que chegassem a terra: receáraõ fazelo, temendo algum engano, e o Mouro naõ lhe sendo possivel explicarse por outros termos, lhes fez repetidamente sinal, que abrissem os olhos. O Governador fazendo prudente reflexaõ em todas estas circunstancias, naõ perdoava a trabalho algum, assim nas sahidas do Campo para se executarem com toda a cautela, como na ronda de noite na Cidade. O cuidado, e o continuo exercicio lhe causáraõ huma grave doença que o reduzio ao ultimo periodo da vida. A sua doença facilitou o descuido, e por consequencia aos Mouros a empreza que intentavaõ. Uniraõse, e a noite de 16 de Novembro deste anno se juntáraõ em excessivo numero na serra visinha á Cidade, governados pelo Xarife Maximuda, a que assistia gente de Tetuaõ, e os Almocadens, Moçobâ, e Beneexe. Formavase o corpo da gente de Cavallaria, e Infantaria, confusa mas numerosa, sem ordem, e com grande valor. No quarto de Alva se arrimáraõ com silencio á muralha, e pondo duas escadas no baluarte do Caranguejo, junto à porta da Couraça, sendo o primeiro Moçobâ, subiraõ sem ser sentidos, e entráraõ sessenta dentro do baluarte. Deraõ vista de huma sentinella, antes que ella se precatasse do damno que a ameaçava, e querendo colhela ás mãos para que morresse sem rumor, tocou arma, e investio Francisco Soares, que assim se chamava o soldado, com o desigual numero de Mouros que o acomettia, e gritando ao mesmo tempo vivamente, Arma, deo lugar a que hum artilheiro desparasse huma peça, que foy o total remedio da Cidade, depois do favor divino; porque acordando todos os que tinhaõ proximo o ultimo sono, vieraõ buscando os postos anticipadamente sinalados. Entretando os Mouros occupáraõ huma Torre, e foraõ

baixan-

baixando ao corpo da guarda, e quasi chegáraõ a ganhar a porta dos Armazens, infallivel caminho de conseguir a empreza, que intentavaõ. Embaraçou-os o Alferes Pedro de Campos unido com alguns soldados, e moradores: porem como o numero era inferior aos Mouros ficáraõ neste primeiro encontro a mayor parte mortos, e feridos. O Adail Rui Dias da Franca reconhecendo que no Castello estava a origem do perigo, e que por aquella parte fora o assalto, buscou a porta para acodir com o remedio, assistido de toda a guarniçaõ. mas achandoa cerrada, conforme o estylo que se observava, cresceo em todos a confusaõ, e o receyo, e he certo que se fora mayor a dilaçaõ, seria infallivel a ruina. Abriose neste tempo a porta, e o Adail destro, e valeroso, antes que começasse a batalha, apellidou a victoria. Investiraõ todos com os Mouros, e rompendo as armas muitos daquelles barbaros peitos, foraõ levando-os mais pela rua acima, e ajudados por alguns dos moradores que vieraõ acodindo do posto das Curujas, apertáraõ taõ vivamente com os Mouros, que sem dar tempo a que acabassem de quebrar as portas da Cidade, muitos que andavaõ neste exercicio, querendo dar lugar a que os de fóra pudessem chegar a soccorrer os que estavaõ dentro, os obrigáraõ a se lançarem pela mesma muralha porque haviaõ subido, sendo o salto naõ menos perigoso que a contenda. Da queda, e dos golpes ficaraõ muitos Mouros sem vida; e acrescentou o estrago vir rompendo a manhaã, porque com a luz teve emprego a artilharia, e os mosquetes: mas este evitáraõ depressa os Mouros retirandose. Foy o seu erro naõ terem paciencia os primeiros que entraraõ no baluarte para aguardar a que subisse mayor numero, e naõ trazerem instrumentos que facilitassem com mais pressa romperemse as portas. Mas se Deos lhe permittira a arte, como lhes concede a multidaõ, difficil fora a conservaçaõ da Christandade. O Governador, querendo tirar forças do perigo, intentou levantarse; porém prevalecendo contra o valor a debilidade da larga doença; cahio desmayado, e o tornàraõ a lançar na cama a tempo que a noticia da victoria lhe servio de remedio. Attribuiraõna

Anno 1645.

Soccorre o Adail Rui Dias o Castello.

Desbarata os Mouros.

Anno 1645.

buiraõna os vencedores a N. Senhora da Conceiçaõ; a quem ſe encomendáraõ, e alguns levados da fè, affirmavaõ, que a viraõ pelejar em ſeu favor. Quatorze perderaõ as vidas, ficaraõ muitos feridos, o Adail pelejou com grande valor, os mais o imitáraõ. Franciſco Soares que eſtava de ſentinella, veyo a morrer das feridas que recebeo, e deve viver por gloria pelo ſinalado valor com que pelejou, dando tempo a que os mais da Praça ſe preveniſſem. Rematouſe eſte anno ſem outro ſucceſſo digno de memoria.

A Praça de Mazagaõ governava no anno de 40 Martim Correa da Silva, como havemos referido, quando demos noticia da pouca duvida que teve em acclamar ElRey, logo que lhe chegou aviſo de Lisboa, de que Portugal ſe havia felicemente reſtituido a ſeu legitimo Senhor. Entre as feſtas com que celebrou a acclamaçaõ delRey, foy a de mayor applauſo correr o Alcayde de Azamor os Cavalleiros daquella Praça até as portas della com 4000 Cavallos, e ſuſtentar Martim Correa a eſcaramuça junto da Praça com taõ bom ſucceſſo, que durando das ſete horas da manhaã até as quatro da tarde; melhorando ſempre de poſto, matáraõ 23 Mouros á cuſta das vidas de quatro Cavalleiros. Recolhido o Alcaide de Azamor com a noticia da acclamaçaõ delRey, mandou tambem celebrala com artilharia, e outras feſtas. Entrou o anno de 41 tornáraõ os Mouros a armar ás Atalayas que deſcubriaõ o Campo. Sahiraõ a ellas, o primeiro que ſe avançou, antes de ſer ſoccorrido o matáraõ: porém engroſſando o poder de huma, e outra parte durou o conflicto mais de duas horas, e nelle ſe ſinalou Henrique Correa da Silva, filho mais velho de Martim Correa. Ficáraõ alguns Mouros mortos, fizeraõſe outros priſioneiros. Neſte anno, e no de 42 houve outras occaſioens de menos importancia Succedeo a Martim Correa Ruy de Moura Telles: chegou a Mazagaõ a 6 de Outubro de 1643, e ſendo recebido de Martim Correa com muita urbanidade, naõ quiz aceitar o governo os dias que Martim Correa ſe deteve na Praça. Logo que deu principio ao governo della, o mandou viſitar o Alcaide de Aza-

mor

mor por hum Alfaqueque, estylo usado com todos seus Antecessores, como tambem avistarem a Praça, com o mayor poder que lhes he possivel juntar. A 23 de Novembro entrárao os Mouros no campo, e sairaõ os Cavalleiros, durou a contenda todo o dia, e como pelejáraõ debaixo da artilharia da Praça, receberaõ della os Mouros grande damno. Retiraraõse, e Ruy de Moura, querendo ter obrigados os visinhos mais poderosos, mandou hum grande presente a ElRey de Marrocos pelo Adail Francisco Telles de Loureiro, que tambem levava presentes de menos porte aos Alcaides de Marrocos. O de Azamor, a que chamavaõ Alefrem, sentido de que Ruy de Moura naõ tivesse com elle a mesma correspondencia, deteve o Adail, quando voltava para Mazagaõ, e lhe naõ deu licença para sahir de Azamor, se naõ depois de mnitos dias de máo trato; e como era taõ poderoso, que tinha á sua obediencia mais de trinta mil Cavallos, fez a Ruy de Moura taõ aspera guerra, que quasi o seu triennio se passou na Praça com grande aperto. E cresceo tanto nos Mouros a crueldade, que colhendo hum dia fóra da Praça hum menino de sette annos, o fizeraõ á vista della em taõ pequenos pedaços, que sendo muitos, naõ houve algum a que naõ coubesse parte da barbara preza. Em todo o tempo que durou o governo de Ruy de Moura, naõ houve em Mazagaõ successo digno de memoria.

Anno 1644.

Successos da India.

Os interesses da guerra da India naõ deixavaõ aos Holandezes, que assistiaõ naquelle Estado, accommodarse ás capitulaçoens da tregua celebrada em Holanda: e ainda que lhe haviaõ chegado repetidas ordens dos Estados, usavaõ de pretextos fantasticos para fazerem novas replicas; e como para se decidirem, era necessario todo o tempo que costuma gastar taõ dilatada viagem, começou este anno com mayores preparaçoens de guerra que todos os antecedentes. Appareceraõ na Costa de Ceilaõ 14 poderosos navios, e como com a gente que traziaõ, engrossava de sórte o presidio da Fortaleza de Gale, que se considerava aquella empreza impossivel, e arriscada á pouca gente que a sitiava, se resolveo Antonio da Mota Galvaõ, que a governava, a se retirar para Columbo. D. Filippe Mas-

 carenhas,

Anno 1644.

carenhas, tendo noticia que os Holandezes marchavaõ para aquella Praça, avisou com brevidade a seu irmaõ D. Antonio, (que assistia com outro Corpo de gente em Manicravarê) que com toda a diligencia se viesse encorporar com elle; e chegando primeiro que os Holandezes, lhe deu ordem para que unido com Antonio da Motta, se fortificassem em huma pequena Ilha fronteira a Negumbo, e sem mudarem de sitio, aguardassem que elle chegasse com outras Companhias Portuguezas, e 1500 Canarins que ficava ajuntando. Neste tempo saltáraõ os Holandezes em terra, e unidos com a guarniçaõ de Gále marcháraõ para o sitio em que a nossa gente estava, executando excessivas crueldades em todos os lugares por onde passavaõ. Esta noticia estimulou de sórte o animo de Antonio da Motta, que persuadio a D. Antonio Mascarenhas que sem aguardarem a que D. Filippe chegasse saissem com a pouca gente que tinhaõ a castigar os insultos dos Holandezes. Contradisseraõ alguns Capitães esta opiniaõ, mostrando a desigualdade do poder, e a desobediencia da ordem que tinhaõ, mas prevalecendo o primeiro intento, sem mais causa que huma paixaõ desordenada, sahiraõ aquellas poucas Companhias a buscar os Holandezes, e a poucos lances experimentáraõ que nas emprezas militares he muitas vezes taõ perigosa a temeridade como a cobardia. Foraõ facilmente rotos, e naõ lhe dando lugar o grande numero dos Holandezes a se tornarem a encorporar, ainda que espalhados se defendéraõ largo espaço, e se vieraõ alguns delles retirando a buscar o amparo da Fortaleza de Negumbo. Deu causa esta determinaçaõ á ultima infelicidade: porque abertas as portas da Fortaleza para os recolherem, tiveraõ opportuna occasiaõ os Holandedezes de entrarem por ellas, e sendo tanto mayor o numero a ganháraõ á custa das vidas de quasi topos os da campanha, e os da Fortaleza. Morréraõ nesta occasiaõ mais de 300 soldados Portuguezes, todos de valor insigne, sendo huma das perdas de mayor importancia a morte de Antonio da Motta Galvaõ, por haver grangeado com suas acçoens merecida estimaçaõ de todo o Oriente. Em igual gráo foy sentida a perda de D. Antonio

Resoluçaõ temeraria de Antonio da Motta.

Perde-se por desordem a Fortaleza de Negumbo.

Masca-

Mascarenhas, Fernaõ de Mendoça Furtado, Jeronymo da Silva, Francisco de Mendoça irmaõ do Conde de Val-de-Reys, Francisco de Sousa, e outros Capitães, e Officiaes. Chegou esta nova a D. Filippe Mascarenhas vindo em marcha para a Ilha, aonde suppunha que havia de achar a seu irmaõ, e a Antonio da Mota: retirouse para Columbo com a pena, e confusaõ que pedia aquelle infortunio. Tratou com todo o cuidado de fortificar Columbo, e fez aviso promptamente ao Viso-Rey, que despedio logo em soccorro de Ceilaõ 12 navios á ordem de Bernardo Moniz de Menezes com 200 Infantes Portuguezes, e alguns naturaes da terra, cinco mil Xerafins para se empregarem em mantimentos, e outros cinco mil para pagamento dos soldados, e 8500 para provimento da Armada. Pouco tempo depois deste soccorro, despedio o Viso-Rey outro, quasi da mesma importancia em oito navios, que foraõ á ordem de Francisco Pereira da Cunha: e foy muito util a brevidade destes soccorros pelo risco que sem elles podia correr Ceilaõ. Repartio D. Filippe a gente, e deu todas as ordens necessarias para os naturaes se livrarem do susto, e do perigo. Naõ foy o cuidado de Ceilaõ só o que apertou o Viso-Rey: porque no mesmo tempo sahio em campanha o Imamo Rey da Arabia com Exercito taõ copioso, que naõ era possivel numerallo. Avistou a Fortaleza de Mascate, e recolhendose a ella todos os Portuguezes a que tocava defendella, fazendo o mesmo os que assistiaõ em todas as que lhe eraõ adjacentes, deu esta prudencia animo ao Imamo para investir a Fortaleza de Soar, e achando-a sem a prevençaõ necessaria, a entrou, e levou cativos 37 soldados. Retirouse o Imamo, e recebendo o Viso-Rey este aviso, lhe chegou juntamente outro das alteraçoens da China, que os Tartaros reduzîraõ á ultima miseria. No tempo em que governava D. Sebastiaõ Lobo da Silveira se faziaõ as viagens de Manilha por conta da Fazenda Real, e já a Cidade tinha em Manilha tres Procuradores, para tratar de algumas utilidades do commercio, quando chegou a Manilha a noticia da acclamaçaõ. Corréraõ pelas ruas os poucos Portuguezes que lá se acha-

Anno 1644.

Soccorre o Viso-Rey Ceilaõ.

Sitio de Mascate.

Alterações de Macáo.

Anno 1644.

achavaõ, naõ reparando no perigo, a que os expunha o ſeu alvoroço. O Governador por atalhar eſta deſordem mandou lançar hum bando, pondo pena de vida, a quem fallaſſe na peſſoa delRey D. Joaõ: e chamou os Procuradores de Macáo, que eraõ Jacinto Guterres de Britto, Mathias Ferreira de Proença, e Manoel de Mattos de Siqueira, e lhes intimou que deſſem obediencia, como Procuradores de Macáo, a ElRey D. Filippe. Conſiderando elles o perigo a que ſe expunhaõ, e aos Portuguezes que viviaõ na Cidade com groſſos cabedaes, aſſinaraõ hum auto, em que Macáo ſe ſujeitava a ElRey de Heſpanha. O Governador fiado neſta diligencia, deu liberdade aos Portuguezes, para que com as ſuas fazendas ſe paſſaſſem a Macáo, e nomeou por Governador deſta Cidade a D. Joaõ Claudio, que moſtrou ao Governador o perigo a que o expunha; e paſſou com hum navio, e cincoenta Caſtelhanos a tomar poſſe do governo: partiraõ com elle dous navios com os Portuguezes, e chegando meya legua da Cidade, ſe adiantaraõ os tres Procuradores, e deraõ conta ao Governador de Macáo, D. Sebaſtiaõ Lobo da Silveira, da razaõ com que aſſináraõ o auto de obediencia, e que ſempre eraõ Vaſſallos delRey D. Joaõ. Vendo D. Joaõ Claudio, que os Portuguezes ſe tinhaõ apartado delle, mandou pedir hum ſeguro a D. Sebaſtiaõ, que lho mandou, obrigandoſe a lhe naõ fazer o menor damno; e deu logo conta ao Viſo-Rey da India, permittindo aos Caſtelhanos, que andaſſem livres pela Cidade. D. Sebaſtiaõ teve algumas deſconfianças com D. Joaõ Claudio ſobre a fórma dos tratamentos, e á inſtancia de alguns Portuguezes, a quem tinha ficado alguma fazenda em Manilha, mandou embargar vinte mil patacas, que os Caſtelhanos traziaõ, e as depoſitou no Collegio da Companhia; e intentou prender a D. Joaõ Claudio com o pretexto de que queria fugir. Oppozſe o Senado da Camara a eſta injuſtiça, e quiz que ſe obſervaſſe o ſeguro, mas D. Sebaſtiaõ marchou com a Infantaria, e huma peça de artilharia, e começou a bater as caſas, em que eſtavaõ os Caſtelhados; renderaõſe elles logo, proteſtando, que ſò queriaõ ſalvas as vidas: concedeolhas

Anno 1644.

cedeolhas o Governador, e confiscandolhes as fazendas os remeteo a Manilha, e a quatro dos principaes a Goa, donde o Viso-Rey D. Filippe Mascarenhas lhe fez toda a boa passagem, estranhando a D. Sebastiaõ o seu procedimento. Naõ foy só esta a alteraçaõ que houve no tempo de seu governo, porque por favorecer D. Sebastiaõ a huma de duas parcialidades, que intentavaõ fazer Escrivaõ da Camara, mandou disparar a artilharia das Fortalezas, e depois de muita confusaõ, e alguma ruina, foy preciso, que saissem os Padres da Companhia com o Santissimo Sacramento, para o aplacarem; e estes foraõ os successos da Cidade de Macáo, que ainda no extremo do dominio de Portugal, se conservou sempre com a mayor fidelidade, e resistio em outra occasiaõ aos interesses que os Castelhanos offereciaõ aos seus moradores, mandando por inteligencia de hum Gallego; que havia vivido naquella Cidade, hum navio com cartas aos principaes da terra, que todos sem as abrirem entregaraõ ao Governador, salvandose o navio do perigo que o ameaçava, com muy prompta diligencia. Lançaraõse fóra os Castelhanos authores daquella perturbaçaõ, e ficou a Cidade de todo pacifica com chegar a ella Luiz de Carvalho que vinha succeder a D. Sebastiaõ Lobo da Silveira. Ao mesmo tempo que chegou ao Viso-Rey a nova do socego de Macáo, entràraõ pela barra de Goa o Galeaõ S. Joaõ chamado Perola, de que era Capitaõ Antonio Cabral, S. Pedro governado por Antonio Rodrigues Chamiça, o Pataxo N. Senhora da Oliveira, e Santo Antonio entregue a Pedro de Lemos; e o Galeaõ Candelaria em que hia Luiz Velho, Cabo destes navios, que sahio de Lisboa a 22 de Abril, e chegaraõ a Goa a 5 de Outubro, perdendose na viagem na Ilha do fogo a naveta Santo Antonio de que era Capitaõ Amador Louzado, que tambem sahio de Lisboa naquella conserva. Luiz Velho entregou as vias ao Viso-Rey, e abertas, achou que ElRey nomeava por Successor do governo a D. Filippe Mascarenhas, que assistia em Geilaõ. Fezlhe aviso, e no fim do anno veyo a ter fim o seu governo, em que procedeo com a justificaçaõ que temos referido, e

Chegão as nãos do Reyno a Goa.

O Conde Viso-Rey entra em Lisboa.

fazendo

Anno 1644.

fazendo viagem para o Reino depois da chegada de D. Filippe, entrou a salvamento na barra de Lisboa. Neste mesmo anno mandou ElRey por Embaixador ao Emperador do Japaõ a Gonçalo de Siqueira, persuadido de Antonio Fialho Ferreira, e Gonçalo Ferraz, pessoas principaes da Cidade de Macáo, que haviaõ chegado a Lisboa a dar obediencia a ElRey em nome daquella Cidade, e a pedirlhe quizesse intentar abrirse commercio entre Macáo, e o Japaõ, por ser esta a mayor utilidade daquelle Povo. Deulhe ElRey dous navios, e nomeou por Capitaõ mór de hum Antonio Fialho Ferreira, e por Almirante Gonçalo Ferraz, os mesmos que haviaõ chegado de Macáo, e embarcouse o Embaixador Gonçalo de Siqueira com o Capitaõ mór. Partîtaõ de Lisboa a 29 de Janeiro, intentando passar á China sem tocar a India, navegaçaõ que até aquelle tempo senaõ havia intentado.

Gonçalo de Siqueira Embaixador do Japão.

Tanto que avistáraõ o Cabo da Boa Esperança, se fizeraõ na volta de Sueste até altura de 40 gráos; mas padecendo varias tormentas, se dilatáraõ muitos dias, e com ventos contrarios, e falta de mantimentos se acháraõ na altura de nove gráos, quinhentas leguas do Estreito de Sundâ. Vendose a gente dos navios desesperada do remedio, resolveraõ, para salvar as vidas, entrar no primeiro porto que topassem. O Piloto pouco advirtido cortou pelo meyo da linha Equinoccial, de que se origináraõ nos navios grandes enfermidades. Depois de varias fortunas, foraõ dar antes da Costa de Samátra em huma Ilha chamada de Barù, onde hospedando-os alguns negros, os tratáraõ depois como inimigos, e difficultosamente escapáraõ das suas mãos. Vieraõ a portar em Bitaõ, porto onde assistiaõ os Inglezes que os soccorréraõ, e lhe deraõ Piloto que os levou a Jacatarâ, em que assistiaõ os Holandezes que os hospedáraõ muito humanamente, e concertados os navios passáraõ a Goa: o que puderaõ ter conseguido em menos tempo, e com menos trabalho, senaõ quizeraõ penetrar mares naõ conhecidos, ancia natural dos Portuguezes intentar sempre ganhar fama vencendo difficuldades. De Goa passáraõ á China, e em Macáo se preparou Gonçalo de Siqueira para a embaixada do Japaõ.

paõ. Fez ſua viagem, e chegou a Entulho, que he huma Ilha pequena, ſituada na bahia da Cidade Nanguazaque. Logo que deu fundo, lhe tiráraõ o leme, e velas da nào, e o fizeraõ eſperar 40 dias por repoſta do Emperador, que o mandou partir, ſem querer aceitar a embaixada, perſuadido das negoceações dos Holandezes, e eſtimulado das malicias dos Idolatras, que haviaõ desbaratado a Chriſtandade, que o eſpirito, e diligencia dos Religioſos da Companhia de Jeſus tinhaõ erigido naquelle Imperio: voltou Gonçalo de Siqueira para Macào, padecendo o trabalho ſem conſeguir o intento a que ElRey o mandàra.

Não foy admittido, paſſou a Macáo.

Entrou o anno de 1645, e havendoſe retirado a Badajoz o Marquez de Torrecuſa nos ultimos de Dezembro do anno antecedente, e tendo dividido o Conde de Alegrete as Tropas da Provincia de Alentejo pelas guarniçoens a que eſtavaõ applicadas, e deſpedido os ſoccorros das outras Provincias que haviaõ accodido ao ſitio de Elvas, alcançou licença delRey para paſſar a Lisboa a facilitar alguns negocios, aſſim communs, como particulares. Ficou governando aquella Provincia Joanne Mendes de Vaſconcellos com o poſto de Meſtre de Campo General, que ElRey lhe havia reſtituido para a uniaõ do Exercito que ſe preparou com o intento do ſoccorro de Elvas. Logo que Joanne Mendes começou a governar, tratou com todo o cuidado de adiantar as Fortificaçoens; e para que negocio taõ importante tiveſſe a expediçaõ que convinha, mandou a Lisboa a Joaõ Paſcaſio de Coſmander repreſentar vivamente a ElRey eſta materia. Reſultou da ſua diligencia darlhe ElRey huma patente de Coronel, ſuperintendencia nos Engenheiros, e ordem para tirar dos lugares da Provincia que lhe pareceſſe os Officiaes, e Gaſtadores de que neceſſitaſſe. E para que os effeitos applicados ás Fortificaçoens foſſem mais promptos, mandou ElRey que ſe entregaſſem á ordem de Joanne Mendes, de Ruy Correa Lucas Tenente General da Artilharia em Lisboa, e de Coſmander, dando poderes a eſta Junta para diſpor tudo o que convieſſe ás Fortificaçoens, ſubordinando-a ao Governador das Armas: e re-

Anno 1645.

Succeſſos de Alentejo.

Anno 1645.

e resultou desta resoluçaõ adiantarem-se muito todas as Fortificaçoens das Praças de Alentejo. Passado algum tempo, se desunio esta Junta, e correo a supertindencia das Fortificaçoens pela pessoa que exercitava o posto de General da Artilharia daquelle Exercito. Tanto que começou a applacar o Inverno, se continuáraõ em Alentejo, sem acçaõ digna de memoria, nos primeiros mezes as hostilidades de huma, e outra parte. Ajustouse o troco de alguns dos Officiaes que ficàraõ prisioneiros na batalha de Montijo. Foy hum dos que vieraõ de Badajoz Bernardino de Siqueira Ajudante de Tenente de Mestre de Campo General; e por ser espiculativo, e intelligente deu noticia a Joanne Mendes de que o Marquez de Torrecusa applicava com grande diligencia as levas, e mais prevençoens para a campanha futura, porém que havia tido asperas controversias com o Baraõ de Molinguen General da Cavallaria, e que por este, e outros respeitos lhe tiravaõ o posto, e o mandavaõ governar a Provincia de Guepuscua, e que se affirmava lhe succedia o Marquez de Lagañes. Estas noticias remetteo Joanne Mendes a ElRey, que naõ dilatou repetidas ordens para novas levas, remontas, e outras prevençóes necessarias, e mandou a Alentejo dinheiro para se pagarem as Tropas Holandezas, porque alguns soldados dellas se haviaõ passado a Castella pela dilaçaõ do soccorro; e a este respeito lhes mudou Joanne Mendes o quartel de Campo Mayor para Estremôz, Praça por mais interior, menos arriscada a esta tentaçaõ. Representouse tambem a ElRey o grande prejuizo que se seguia de passarem os soldados a servir de humas Provincias a outras sem licença dos seus superiores. Para obviar este damno, mandou ElRey lançar hum bando com pena de vida, em que ordenava que todos os soldados ausentes das suas Companhias se recolhessem a ellas, tornando a dar alta naquellas em que primeiro houvessem aclarado praça; e ficou remediada esta confusaõ em utilidade de todas as Provincias. Ordenou juntamente que nenhum Official q̃ servisse nas fronteiras de Capitaõ de Cavallos para cima, pudesse passar á Corte sem licença sua: e com esta ordem ficou reprimi-

do

do o excesso que havia neste particular. Dispostas todas estas materias, como a Primavera vinha entrando, e os avisos de que o inimigo adiantava muito as suas prevençoens hiaõ crescendo, mandou ElRey ao Conde de Alegrete que se recolhesse a exercitar o seu posto: porém elle sentido da pouca attençaõ que se havia applicado ao seu grande merecimento, fez a ElRey huma proposta, assim sobre varias faltas do Exercito, como sobre algumas melhoras da sua casa. Nem a huma, nem a outra pretençaõ deferio ElRey, de que resultou largar o Posto, e nomear ElRey em seu lugar ao Conde de Castello-Melhor, persuadido dos bons successos que havia alcançado no governo da Provincia de Entre Douro e Minho. Foy este vicio da pouca presistencia que os Cabos tiveraõ nos Postos que occupáraõ, hum dos mais prejudiciaes que padeceo a nossa guerra; resultando da mudança delles muito perigosas consequencias: porque como hum dos principaes fundamentos para hum General acertar no governo do Exercito que lhe entregaõ, consiste no verdadeiro conhecimento dos Officiaes, e Soldados que lhe obedessem, para os empregar confórme a sua capacidade, e juntamente a inteira informaçaõ de todos os sitios da Provincia em que assiste, e as seguras intelligencias que entre os inimigos consegue, e estas disposiçoens se naõ alcançaõ em poucos annos de governo, todas as vezes que os Principes tiraõ com leve causa hum Cabo de hum Exercito, fazem de hum bom General hum máo Cortezaõ pelas suspeitas que concebem do seu aggravo, e constituem em seu lugar hum General insufficiente pela falta de experiencia com que entra no seu governo. Verdadeiro testemunho deste discurso foy a mudança proposta: porque tirando ElRey ao Conde de Alegrete de Alentejo, perdeo aquella Provincia hum pratico, e valeroso Capitaõ, e elegendo em seu lugar ao Conde de Castello-Melhor experimentou Entre Douro, e Minho com grave damno a falta da sua assistencia, e em Alentejo naõ tiveraõ taõ felice execuçaõ as suas disposiçoens como em Entre Douro, e Minho. Chamou ElRey para esta nova occupaçaõ ao Conde de Castello-Melhor a Lisboa no principio

Anno 1645.

O Conde de Castello-Melhor Governador das Armas de Alentejo.

cipio de Março, e passou a Alentejo em Abril seguinte.

Anno 1645.

No tempo que se dilatou em Lisboa, ordenou ElRey a Joanne Mendes de Vasconcellos, que reformasse algumas Companhias dos Officiaes que estavaõ prisioneiros em Castella, e que os Cavallos de que se compunhaõ as Companhias tivessem numeros differentes, pondose a marca de hum na do General, e seguindose os numeros nas mais que houvesse por sua ordem. Com esta arte se evitaraõ muitos inconvenientes, de que se seguia serem os Cavallos mais para a despeza que para o serviço. No mesmo tempo constandolhe a ElRey que a Praça de Villa-Nova del Fresno naõ era de utilidade alguma: e que a Infantaria que successivamente lhe entrava de guarniçaõ, se diminuia muito, mandou ordem para que se desmantelasse, retirandose primeiro a artilharia, e o mais que estava nella. Intentouse executar o que ElRey determinava; porèm dilatouse a execuçaõ atè o anno seguinte, em que teve effeito. Foraõ noméados para novas levas de Infantaria, e Cavallaria os Mestres de Campo Francisco de Mello, e Martim Ferreira: o primeiro foy ás Comarcas de Coimbra, e Esgueira, o segundo a Bèja, e Campo de Ourique.

Entra em Badajoz o Marquez de Lagañes.

Chegou o Conde de Castello-Melhor a Elvas, e poucos dias depois passou Joanne Mendes a Lisboa. O Conde continuou na fórma das ordens delRey a refórmaçaõ do Exercito, e as prevençoens para a campanha futura, que infallivelmente se esperava com a noticia de haver chegado a Badajoz o Marquez de Lagañes, promettendo ao seu governo grandes progressos, a informaçaõ que tinha da guerra de Portugal, e as experiencias adquiridas em taõ dilatadas occasioens, como no discurso da sua vida, em postos taõ superiores lhe haviaõ occorrido. Foraõ chegando a Alentejo as levas da Cavallaria, e Infantaria: e porque constou a ElRey que muitos Officiaes reformados se ausentavaõ, porque naõ podiaõ continuar o exercicio da guerra com os soldos de soldados razos, passou ordem para que se lhes pagasse a quarta parte dos soldos dos ultimos postos que haviaõ occupado, e com este remedio tornàraõ todos a aclarar

praça

praça. Achou o Conde de Castello-Melhor grande differença entre o Tenente General da Cavallaria D. Rodrigo de Castro, e os Mestres de Campo sobre as precedencias, quando se encontravaõ com Troço do Exercito sem Cabo superior. Avisou a ElRey, e foy a resoluçaõ que, quando se achassem juntos os Officiaes destes dous postos, se preferissem pela antiguidade das patentes. Foy esta determinaçaõ muito conveniente, porque obviou as desordens que costumaõ acontecer. Estas, e outras disposições semelhantes se encaminháraõ com tanto acerto no Exercito de Alentejo, que veyo a conseguir esta escola militar ser huma das melhores do Mundo. Pouco tempo depois de chegar a Elvas o Conde de Castello-Melhor, correraõ os Castelhanos Campo Mayor com 500 Cavallos: retiravaõse com grande preza, e sendo seguidos dos Capitães de Cavallos Manoel da Gamma Lobo, e D. Carlos Jordaõ, quando os Castelhanos passavaõ Xevora, os carregáraõ com 300 Cavallos, tomáraõlhes 80, e tiraraõlhes a preza. O Conde de Castello-Melhor intentou lograr em Badajoz melhor successo: mandou a D. Rodrigo de Castro armar ás Tropas daquella Praça com 800 Cavallos, e sahio de noite com 1500 Infantes a segurarlhe hum dos portos de Caya, que ficaõ visinhos a Badajoz. Amanheceo, vieraõ as Tropas da Guarda a descobrir a campanha, foraõ carregadas de 200 Cavallos nossos até a ponte de Badajoz, perdéraõ os Castelhanos alguns, e com receyo de mayor poder naõ sahiraõ da Praça as Tropas daquella guarniçaõ. Retirouse o Conde sem outro effeito. Passados alguns dias, tornàraõ os Castelhanos a entrar por entre Campo Mayor, e Elvas com 700 Cavallos, e corrèraõ os campos de Barbacena, e Santa Olaya, lugares distantes duas leguas de Elvas, e Campo Mayor. Accodio ao rebate a Cavallaria destas duas Praças, e ao tempo que chegou a unirse, se retiravaõ os Castelhanos com huma grande preza: seguìraõ as nossas Tropas a sua marcha, alcançàraõnos junto da Codiceira, e levando duzentos Cavallos menos, porque só de 500 constavaõ, os investìraõ, e obrigàraõ a largar a preza, e 60 Cavallos. O Conde de Castello-Melhor desejando

Anno 1645.

Resolvese a preferencia em postos iguaes pela antiguidade das patentes.

Tirase em Campo Mayor a preza aos Castelhanos.

Succede o mesmo na Codiceira.

do

Anno 1645.

do ſempre accreſcentar a ſua opiniaõ com acçoens ſingulares, depois de examinar as forças de Alentejo, o poder do inimigo, o eſtado das Fortificaçoens de Badajoz, a gente paga que a guarnecia, e ſuppondo todas as diſpoſiçoens ajuſtadas ao ſeu deſignio, determinou ganhar Badajoz por interpreza; e como eſta materia era taõ perigoſa, que entendella o inimigo antes de executada, era o meſmo que ſer o Conde Author da ſua ruina, deliberou fundar toda a maquina no ſeguro alicerce do ſegredo: porém ainda que a fabricou no ſitio mais ſolido dos grandes negocios, como naõ ha ſegurança contra a malicia dos homens, eſta prudente attençaõ lhe desbaratou (como ſe entendeo) a grande empreza que havia fabricado; porque alguns dos Officiaes que haviaõ de executalla, invejoſos de que o Conde a naõ communicaſſe mais que com o Meſtre de Campo Joaõ de Saldanha de Souſa, de que ſó a fiou, a deſvanecèraõ, podendo facilmente lográlla. Reſoluto o Conde a eſte intento, deu conta a ElRey quaſi ao meſmo tempo da execuçaõ, receandoſe juſtamente até dos Miniſtros a que ElRey podia communicar eſta matetia. Ordenou que toda a gente de Campo Mayor, e Olivença, ſahindo com o mayor ſilencio que foſſe poſſivel ſe encorporaſſe com elle a 27 de Agoſto ás oito horas da noite na ponte de Olivença. Neſte dia ſahio de Elvas com todas as prevençoens neceſſarias para conſeguir a interpreza. Entregou ao Meſtre de Campo Joaõ de Saldanha hum petardo, outro ao Meſtre de Campo Andrè de Albuquerque, a Luiz da Silva as eſcadas que ſe haviaõ de arrimar á muralha: paſſou Guadiana, e achou a Infantaria de Campo Mayor, e Olivença prompta a hora deſtinada. Unida eſta gente fazia o numero de 5500 Infantes, e 1200 Cavallos. Levava oito peças de artilharia, que ſendo inuteis para conſeguir a interpreza, foraõ inſtrumentos do mào ſucceſſo della: porque tanto que começaraõ a marchar, quebrando aos carros de humas as rodas, e de outras os eixos, (ſegundo ſe entendeo, mais por malicia, que por deſcuido) foy de qualidade a dilaçaõ de ſe concertarem, que amanheceo antes de chegar o Conde a Telena. E reconhecen-

do

do que faltava mais de huma legua por andar, fez alto: voltou para Elvas gravemente sentido, mais da causa do máo successo, que ainda de ver desvanecida a empreza; porque as consequencias da primeira pena destruhiaõ a esperança de restaurar a segunda; pois os que foraõ capazes de desbaratar este intento, o ficavaõ de destruir qualquer outro que o Conde fabricasse. Despedio da ponte de Olivença a D. Rodrigo de Castro com a Cavallaria a correr os campos de Xeres, de que conduzio a Olivença huma grossa preza. Os Castelhanos reconhecéraõ de sorte o perigo a que estiveraõ expostos, assim pela pouca guarniçaõ que havia em Badajoz, como por naõ terem noticia da marcha do Exercito, que ficaraõ todos os annos celebrando em acçaõ de graças com huma solemne Procissaõ o perigo de que Deos livrou aquella Cidade. Deu conta o Conde a ElRey do máo successo do seu intento, e passados dous dias, despachou outro correyo pela posta, persuadindo a ElRey por voto de Cosmander, que lhe permittisse interprender o Forte de S. Christovaõ, situado junto a Badajoz desta parte do Guadiana. Esforçava as suas razoens, dizendo, que a interpreza do Forte era facil de conseguir, e ganhado elle, facilissimo de conservar: porque os soldados que o guarneciaõ eraõ muito poucos, e fazendo ao mesmo tempo diversaõ pela parte da Cidade, com o receyo do perigo passado, acodiria toda a guarniçaõ ás muralhas della; e que conseguida a empreza do Forte, aquartelandose junto delle 7000 Infantes, e 1200 Cavallos que havia em Alentejo, ficava incontrastavel: e que unindose a este poder os soccorros de todas as Provincias, e a mais gente das levas que se preparavaõ, seria impossivel deixar de se ganhar Badajoz, de que resultaria a ElRey a mayor segurança do seu Reino, o mayor credito das suas Armas, e a melhor satisfaçaõ de França, que instantemente apertava se fizesse a Castella a guerra mais viva que fosse possivel. O voto do Conde, e o parecer de Cosmander mandou ElRey propor no Conselho de Guerra, em que assistia o Mestre de Campo General Joanne Mendes de Vasconcellos, que ainda estava em Lisboa. Foy o

Anno 1645.

Desvanecese a interpreza de Badajoz.

Anno 1645.

ſeu parecer, o do Conde de Alegrete, e D. Joaõ da Coſta, ſujeitos de que ſe fazia naquelle tempo merecida eſtimaçaõ, que a interpreza de S. Chriſtovaõ poderia ſer facil, porém que a empreza de Badajoz era difficultoſa; porque o rigor do tempo havia de ſer poderoſo inimigo, e que as noſſas prevençoens naõ eſtavaõ tanto adiante que ſe pudeſſe fazer dellas inteira confiança: Que os Caſtelhanos ſe achavaõ muito ſuperiores em Cavallaria, e que eſte obſtaculo podia difficultar de ſorte os combois de que continuamente neceſſitava o Exercito, que era eſte damno quaſi irremediavel; e que ſuppoſtos eſtes inconvenientes, ſeria ſem fructo a interpreza de S. Chriſtovaõ: e que neſte ſentido, o que ſó convinha era adiantaremſe com todo o calor as prevençoens da campanha futura, e que tanto que entraſſe a Primavera, para ſatisfaçaõ de França ſe fizeſſem continuas entradas por todas as Provincias; porque deviamos contemporizar com os Principes aliados, ſem arriſcar a noſſa conſervaçaõ. Seguîraõ os mais Conſelheiros eſte parecer: approvou-o ElRey; fezſe aviſo ao Conde de Caſtello-Melhor: porém elle naõ ſe ſatisfazendo deſta reſoluçaõ, e levado do deſejo que ardia no ſeu animo de conſeguir grandes emprezas, ordenou a Coſmander que foſſe a Lisboa repreſentar peſſoalmente a ElRey a importancia da empreza de Badajoz, e a facilidade com que ſe podia conſeguir. Mandou ElRey ajuntar os Conſelheiros de Guerra, e deu ordem a Coſmander, que lhes propuzeſſe todas as razoens que lhe havia referido, reſolvendo juntamente que os Conſelheiros votaſſem diante de Coſmander, que em taõ ſubida eſtimaçaõ eſtava a ſua capacidade. Junto o Conſelho, propoz Coſmander largamente o ſeu parecer: porém nenhum dos Conſelheiros mudou de opiniaõ, e todos ſe referiraõ ao que haviaõ votado no Conſelho antecedente ſobre eſta materia; e Joanne Mendes accreſcentou em hum largo papel as razoens que ſe lhe offereciaõ para ſe naõ intentar Badajoz, principalmente começando o ſitio pelo Forte de S. Chriſtovaõ. Eraõ ellas taõ ſolidas, e o papel taõ bem fundado, que ſe paſſára os olhos por elle, quando depois (como veremos)

ſe

seguio o mesmo que nesta occasiaõ contradisse, pudèra facilmente convencerse a si mesmo, e evitar os gravissimos damnos que acontecèraõ. E naõ se duvide da verdade solida de todas estas materias: porque escrevo com todos os originaes diante, assim dos votos assinados da propria maõ dos Conselheiros, como das resoluçoens firmadas por ElRey. Conformouse ElRey com o parecer do Conselho, e obrigado de alguns achaques que padecia, passou a tomar os banhos das Caldas da Rainha, 14 leguas de Lisboa, e saudavel remedio para differentes enfermidades: ficou entregue o governo á Rainha, que naõ ignorava os preceitos essenciaes de exercitallo. Cosmander voltou a Alentejo com o Mestre de Campo General Joanne Mendes de Vasconcellos, e brevemente cresceraõ de qualidade as noticias das preparaçoens que o Marquez de Lagañes fazia para sair em campanha, que se trocáraõ as idèas de conquistadores em prevençoens para naõ sermos conquistados. O Conde de Castello-Melhor, tendo ratificado por varias partes este aviso, fez toda a diligencia por unir poder que bastasse para a opposiçaõ dos Castelhanos, e achou na Provincia taõ pouca gente, e tanta falta de outros instrumentos, que veyo a conhecer a difficuldade de sitiar Badajoz, como antes pertendia. As noticias das prevençoens dos Castelhanos mandou o Conde a Lisboa, e a Rainha as remetteo logo ás Caldas a ElRey com huma apertada consulta do Conselho de Guerra das prevençoens que eraõ necessarias para resistir ao Exercito dos Castelhanos. Passou ElRey ordem para se executar tudo o que parecia ao Conselho, e nomeou por Mestre de Campo General da Corte junto a sua Pessoa ao Marquez de Montalvaõ, que pouco tempo antes com o verdadeiro testimunho da sua fidelidade havia limado os ferros, em que o tinha posto a calumnia de inconfidente. E depois mandou ElRey levantar Tropas em Lisboa, porque lhe veyo aviso de que era chegada a Cadiz a frota de Indias, e que os Castelhanos se achavaõ com huma Armada muito poderosa, circunstancias todas de tantas consequencias, que accrescentavaõ justamente o cuidado delRey, e de seus Ministros. Para a de-

Anno 1645.

Nomea ElRey o Marquez de Montalvaõ Mestre de Campo General da Corte.

Anno 1645.

a defensa de Setuval nomeou ElRey o Conde do Prado com titulo de Governador das Armas; e para que as execuçoens fossem mais effectivas, passou ElRey das Caldas a Lisboa no fim do mez de Setembro. Nestes mesmos dias amanheceo sobre Ouguella hum Troço do Exercito dos Castelhanos. Havialhe entrado poucas horas antes soccorro de Campo Mayor, remettido por André de Albuquerque, que governava aquella Praça. Esta noticia obrigou aos Castelhanos a se retirarem, e na sua retaguarda degolàraõ as Tropas de Campo Mayor huma Companhia de Infantaria, que por descuido haviaõ deixado os Castelhanos de guarniçaõ de huns moinhos. Este leve accidente de se retirarem os Castelhanos da interpreza de Ouguella, fez esfriar as prevençoens que ElRey com grande calor adiantava: porque o seu animo o inclinava a naõ baldar as despezas, e algumas vezes lhe foy muito prejudicial esta politica. Porèm chegando da prizaõ de Badajoz a Elvas Fernaõ Sanches, Tenente da Companhia de D. Vasco Coutinho, e segurando que brevemente sahiria o Marquez de Lagañes com grande Exercito, tornou ElRey a applicar os soccorros de Alentejo, e a prevenir a defensa de Lisboa. E para que os soccorros marchassem mais promptamente para Alentejo, passou ElRey a Aldea Galega, de que resultou partir para Elvas a mayor parte da Nobreza do Reino. Foy hum dos que marchou a servir nesta campanha D. Fernando de Menezes, a quem ElRey havia feito mercê do Titulo de Conde da Ericeira, naõ lhe divertindo a jornada o estar concertado para casar no Paço com Dona Leonor Filippa de Noronha, filha de Fernaõ de Saldanha de Sousa, e de Dona Joanna de Noronha, nem deixar em sua casa no ultimo parocismo, de que acabou a vida, seu irmao D. Diogo de Menezes, que havendo chegado da prizaõ da Cidade de Cremona, em que padeceo excessivo trabalho, assim pelo aperto, e estreiteza com que foy tratado, como pelas feridas que recebeo na batalha de Montijo, que naõ faràraõ em Castella, nem tiveraõ remedio em Portugal; acabando nelle taõ singular valor, e taõ excellentes virtudes, que me dilatára em mayor

Retiràose os Castelhanos de Ouguella com perda de huma Companhia.

Passa ElRey a Alentejo.

mayor elogio, se o muito parentesco me naõ obrigára a recear a calumnia de alguns, que condemnaõ, cubrindo-se da capa da apparancia, sem sondarem o centro da razaõ. Passou tambem neste tempo a Alentejo D. Joaõ de Menezes, que havia fugido de Castella, e servido em Flandes com grande opiniaõ. De todas as partes chegáraõ soccorros a Elvas, Praça em que se ajuntava por ordem delRey o Exercito. Neste tempo sahio em campanha o Marquez de Lagañes com 12000 Infantes, 3000 Cavallos, dez peças de artilharia, trem, e bagagens necessarias. A 25 de Outubro marchou de Badajoz, e fez alto á vista da ponte de Olivença, e Forte de Santo Antonio, que lhe ficava visinho. Sem dilaçaõ começou a bater o Forte, e o pequeno Castello da Ponte; e como hum, e outro era de taõ facil conquista, se lhe renderaõ passados dous dias. Tratou logo o Marquez de os desmantelar, e minando a mayor parte dos arcos da ponte, intentou difficultar a communicaçaõ de Olivença. Esta resoluçaõ deu motivo a que entendesse o Conde de Castello-Melhor, que os Castelhanos sitiavaõ Olivença, e tratou de soccorrella com a mais gente, e municoens, que lhe foy possivel. Em quanto os Castelhanos se detiveraõ no quartel da ponte, era muito arriscada a marcha de Estremoz a Elvas; porque em todas as seis leguas que ha de distancia de huma a outra Praça, se offerecem sitios capazes de encobrir muitas Tropas. Esta difficuldade se devia vencer com a cautella de descubrirem os valles differentes partidas, e coroarem os montes sentinellas, a que dessem calor algumas Tropas: porèm faltando-se a todas estas essenciaes diligencias, sahiraõ de Estremoz 400 Infantes da Comarca de Evora, governados pelo Sargento mór Joaõ da Fonseca Barreto, e chegando á venda da Alcaraviça, duas leguas distante de Estremoz, avistáraõ 600 Cavallos Castelhanos, que haviaõ marchado a noite antecedente com intento de correr aquella estrada. Era o Sargento mór taõ pouco costumado a semelhantes conflictos, que tanto que deu vista dos Castelhanos, se perturbou de sorte, que podendo occupar huma tapada com parapeito taõ levantado, que pudèra

Anno 1645.

Exercito de Castella governado pelo Marquez de Lagañez.

Ganha o Forte, e Ponte de Olivença.

Anno 1645.

dèra livrallo do perigo, se a guarnecéra, naõ só deixou de occupalla, mas sem fazer alguma resistencia entregou aos golpes das espadas dos Castelhanos quasi todos os soldados que levava à sua ordem. E ainda o seu desatino cooperou em mayores, e mais infelices circunstancias: porque se houvera guarnecido a tapada, pouco espaço que se defendera, bastára para chegar a tempo D. Rodrigo de Castro, que de Elvas havia passado a Villa-Viçosa, duas legoas de Alcaraviça, com 700 Cavallos, que unidos aos 400 Infantes puderaõ castigar a temeridade dos Castelhanos, penetrarem com taõ pouco poder os nossos lugares. Retiraraõse elles satisfeitos de conseguir huma das mayores ventagens, que na campanha lagráraõ nesta guerra. E como a infelicidade he grande mestra da cautella, mandou o Conde de Castello-Melhor ter grande vigilancia naquella estrada, e ElRey sentido deste successo ordenou ao Mestre de Campo General, que passasse a Estremoz a receber, e exercitar as levas novas, e a remetellas a Elvas com segurança. Passou elle logo a Estremoz, e dentro de poucos dias chegou áquella Praça ElRey das Ilhas de Maldiva, Senhor de grande riqueza, e muitos Vassallos no Estado da India, que havia passado a Lisboa a pedir soccorro a ElRey contra hum Irmaõ seu, que violentamente lhe havia occupado o Reino, e chegando no tempo desta campanha, se achou obrigado a assistir no Exercito. Joanne Mendes o tratou com grande respeito, e ordenou que se observassem com elle todas as ceremonias que na guerra se costumaõ fazer aos Cabos mayores, advertencia que ElRey lhe agradeceo muito. O Conde de Castello-Melhor havia neste tempo puxado pelas guarniçoens das Praças, que naõ receavaõ ser invadídas por ficarem cubertas com o nosso Exercito, que ja se compunha das Tropas de Alentejo, levas, e soccorros das Provincias, e aquartelouse dentro dos olivaes de Elvas, que deraõ nome á campanha deste anno. Porèm como o Exercito era pequeno, e o receyo de muitas Praças igual, naõ achava o inimigo mayor opposiçaõ, que a de lhe tocarem Arma por varias partes de noite, e de dia; e saindo D. Rodrigo de

Rompem os Castelhanos 400 Infantes.

ElRey de Maldiva serve no Exercito de Portugal.

Cas-

Castro com mil Cavallos, e 500 Mosqueteiros a dar calor a huma das partidas, a que tocou esta diligencia, foy carregada por algumas Tropas do inimigo, que entrando na emboscada com pouca cautella, perdeo noventa Cavallos. Huma destas partidas passou alèm de Badajoz, e fez prisioneiro o Conde de Izinguen, que vinha a servir no Exercito com o Posto de Tenente General da Cavallaria. Foy remetido a Lisboa, e largo tempo lhe durou a prizaõ na Torre de Belem. O Marquez de Lagañes, em quanto se dilatou em minar os arcos da ponte, mandou mil Cavallos a Villa-Viçosa, que degoláraõ alguns paizanos, e roubáraõ os montes dos lugares visinhos, e sem outro effeito digno de memoria se retirou para Telena a cinco de Novembro, naõ levando bastante satisfaçaõ dos cabedaes despendidos naquelle Exercito, porque a empreza da Ponte, e Forte era taõ facil, que com as guarniçoens das Praças se pudera executar, tanto que as aguas do Inverno difficultassem a passagem do Guadiana; e o prejuizo, que recebemos na difficuldade da communicaçaõ de Olivença, remediouse com quatro barcas que se puzeraõ em Geromenha; e o tempo mostrou depois que naõ foy a falta da Ponte a causa de se perder Olivença. Fez alto o Marquez de Legañes com o Exercito em Telena, e parecendolhe que era conveniente naõ ter desoccupado aquelle sitio, fez levantar nelle hum Forte que poz em defensa em doze dias. No ultimo mandou dous mil Infantes, e mil Cavallos a desmantelar a Atalaya da Terrinha, huma legua distante de Telena, outra de Elvas. Estava nella de guarniçaõ hum Alferes com quinze soldados, e tinhaõ dentro quantidade de granadas: com ellas, e com os mosquetes se defenderaõ muitas horas, e depois do Alferes ferido, e parte dos soldados mortos, se renderaõ os mais a partido de os naõ matarem, podendo justamente tirarlhes as vidas o Marquez de Lagañez, por haverem pelejado á vista de hum Exercito, aguardando para se renderem que lhes assestassem duas peças de artilharia. Com esta pequena facçaõ se retiráraõ os Castelhanos a Badajoz. Neste tempo havia crescido o nosso Exercito, e estavaõ

Anno 1645.

Prizaõ do Conde de Izinguen.

Levantase o Forte de Telena.

Rendese a Atalaya da Terrinha e retirase o Marquez.

Anno 1645.

as carruagens promptas, e todas as mais prevençoens dispostas para poder marchar: porèm a uniaõ entre o Conde de Castello-Melhor, e Joanne Mendes naõ era muita, e as idêas diversas de hum, e outro fomentavaõ, naõ só os soldados persuadidos das suas dependencias, mas os cortezãos obrigados da perneciosa inclinaçaõ de incitar controversias. Destas dissençoens se originou duvidar Joanne Mendes entrar no Conselho com os Titulos, entendendo que lhes devia preceder, prerogativa que elles lhe naõ queriaõ permittir; e nem o Conde de Castello-Melhor se resolvia a deliberar esta duvida, porque entre as muitas virtudes que lograva, carecia da actividade necessaria nos Cabos supremos, porque levado da urbanidade do animo, desejava deixar a todos satisfeitos. Conhecido este natural da arrogancia dos soldados, se licenciaraõ de sorte, que commettèraõ no tempo que o Conde esteve em Alentejo gravissimos insultos. Joanne Mendes tomando por pretexto ir receber as levas, que chegavaõ, conforme a ordem que tinha delRey, passou de Elvas a Estremoz; e o Conde de Castello-Melhor tomou por expediente dar conta a ElRey do poder com que se achava, e pedirlhe resoluçaõ da empreza que havia de intentar, para desempenho do que os Castelhanos haviaõ obrado, e para se tirar mayor fructo das despezas que se tinhaõ feito, que defender a Provincia. Offereceose ao Conde de Castello-Melhor para ir fazer esta proposta a ElRey o Conde Camareiro mòr, que se achava (como em todas as antecedentes) nesta campanha. Aceitoulhe a offerta, persuadido a que ElRey se ajustaria ao parecer do Camareiro mòr, que era, que o Exercito se empregasse em alguma grande facçaõ, desejo que o Conde de Castello-Melhor summamente abraçava. Partio de Elvas pela posta o Camareiro mòr, chegou a Monte mòr o novo, Villa a que ElRey se havia adiantado, e propondo esta materia no Conselho de Guerra, foraõ na consulta os pareceres muito differentes, e ElRey considerando a desuniaõ dos Cabos, e o rigor do tempo, naõ quiz que o Exercito se empenhasse em empreza alguma. Mandou dividillo, e passou de Monte mòr a Setu-

Desuniaõ dos nossos Cabos.

Manda ElRey alojar o Exercito, e se retira a Lisboa.

a Setuval a ordenar a fortificaçaõ daquella Praça, deteve-se poucos dias, e entrou em Lisboa a 18 de Setembro. Neste tempo havia o Marquez de Lagañes, depois de chegar com o Exercito a Badajoz, mandando hum Troço de Cavallaria, e Infantaria a interprender Geromenha, na confiança do descuido dos soldados daquella guarniçaõ, vendo retirado o seu Exercito, e taõ visinho o nosso: porèm achando os Castelhanos que investîraõ a Praça grande vigilancia nos soldados, e moradores della, se retiràraõ, deixando alguns mortos, e levando outros feridos. O Conde de Castello-Melhor estimulado do desejo que tinha de conseguir alguma empreza, mandou ao Mestre de Campo D. Sancho Manoel (que havia por ordem delRey trocado o Terço da Beira com Diogo Gomes de Figueiredo em Alentejo) interprender Alcantara com dous mil Infantes, e algumas Tropas, a que se haviaõ de unir outras da Beira: porém tomando lingua, e sabendo que o inimigo estava avisado, naõ deixou de chegar á Villa, mas sem algum effeito, porque para conquistalla era necessario mayor força. O mesmo successo teve em Valença, que tambem quiz interprender. Estes intentos de huma, e outra parte sem execuçaõ foraõ o remate da campanha, e despedidos os soccorros, e aquarteladas as guarniçoens, se dividíraõ os Exercitos.

Anno 1645.

O Conde de Castello-Melhor, que governava a Provincia de Entre Douro e Minho no principio deste anno que continuamos, tendo noticia que ElRey determinava mandallo governar as Armas de Alentejo, naõ quiz intentar em Entre Douro e Minho empreza alguma, por naõ deixar nas mãos da fortuna, que com tanto imperio dominava as acçoens militares, a contingencia do ultimo successo: porque sendo infelice podia dislustrar os muitos que havia conseguido com grande opiniaõ; e a ser prospera, hum successo mais lhe naõ melhorava a reputaçaõ pela ter segura. Chegoulhe em Março a ordem para passar a Alentejo, mandandolhe ElRey que entregasse a Provincia ao Mestre de Campo Diogo de Mello Pereira, por ter mostrado em muitas acçoens valor, e prudencia. Do seu Terço fez ElRey mercê a Francisco

Anno 1645.

Successos de Entre Douro e Minho que governa Diogo de Mello Pereira.

cisco de França Barbosa Tenente de Mestre de Campo General, e Diogo de Mello com o exercicio de Governador das Armas ficou comendo o soldo de Mestre de Campo. Logo que tomou posse do governo, mandou fazer algumas entradas em Galiza, ainda que de pouca importancia, todas com máo successo. A este respeito lhe ordenou ElRey que as suspendesse. O mesmo fizeraõ os Galegos: porque supposto que se achavaõ com mayor poder, estavaõ cansados das muitas hostilidades dos annos antecedentes, e o desejo do socego precedia ao damno que podiaõ occasionar aos nossos Lugares. Diogo de Mello Pereira tendo negocios da sua Religiaõ a que acodir, pedio licença a ElRey para passar a Malta: concedeolha, e mandou de Lisboa ao Mestre de Campo Francisco de França com huma carta para Diogo de Mello, e inclusa ordem para lhe entregar o governo. Partio Francisco de França de Lisboa, e porque naõ era amigo de Diogo de Mello, passou a Monçaõ sem lhe fallar, e mandando abrir na Camara daquella Villa a carta que levava delRey, se meteo de posse do governo, dandolhe principio com algumas exhorbitancias. Tanto que Diogo de Mello teve noticia do que Francisco de França havia obrado, e dos excessos que continuava, deu conta a ElRey, queixando-se de Francisco de França. ElRey que naõ costumava soffrer desordens, escreveo huma carta a Francisco de França, reprehendendo-o asperamente, e ordenou a Diogo de Mello que continuasse o governo, atè que chegasse áquella Provincia Governador das Armas, e logo nomeou para esta occupaçaõ ao Conde de Sarzedas, em quem concorriaõ todas as qualidades dignas deste lugar, e de outros mayores. Aceitou elle o Posto, e estando prevenido para partir a exercitallo, soube que ElRey queria fazer com a sua Pessoa huma escusada prevençaõ, que era mostrarlhe desejava que elle passasse a Entre Douro e Minho sem a sua familia, e que esta ficasse em Lisboa. Tanto que o Conde de Sarzedas teve noticia deste intento delRey, levado da generosa, e justa desconfiança, desistio do governo de Entre Douro e Minho. Conhecendo ElRey a justificada razaõ da sua queixa,

Naõ aceita o Conde de Sarzedas o governo de Entre Douro e Minho.

xa; desejou persuadillo a que acceitasse o governo com as condiçoens que quizesse: porèm naõ foy possivel vencello, porque o achaque da desconfiança dos Vassallos honrados difficilmente pode remediallo o poder dos Principes. Durou esta controversia de Junho atè Novembro, tempo em que ElRey desenganado de vencer a constancia do Conde de Sarzedas; nomeou em seu lugar a D. Joaõ da Costa, porèm nem esta eleiçaõ teve effeito, como adiante veremos. Em quanto duráraõ estas duvidas, naõ succedeo em Entre Douro, e Minho acçaõ digna de memoria.

Anno 1645.

No mesmo socego passou este anno a Provincia de Traz os Montes. Continuava o governo della D. Joaõ de Sousa, e conhecendo quanto convinha o alivio dos Povos para tolerarem as despezas, e se accomodarem os damnos da guerra, moderou as entradas, por naõ incitar os Castelhanos a vingança. Logrou quasi totalmente o intento, porque o inimigo suspendeo o damno que costumava fazer aos nossos lugares, para que os seus naõ experimentassem o castigo que costumavaõ padecer: e confórmes as idèas de huma, e outra parte, passou todo o anno de 1645 sem contenda, nem hostilidade. D. Alvaro de Abranches que deixámos governando a Provincia da Beira, desejando por interesses particulares largar aquella assistencia, o conseguio; e nomeou ElRey em seu lugar a D. Fernando Mascarenhas Conde de Serem, Titulo de que pouco tempo antes havia tomado posse. Recebeo a patente a 26 de Fevereiro, e chegando D. Alvaro a Lisboa, partio o Conde para a Beira no principio de Março. Achou governando a Provincia ao Mestre de Campo D. Sancho Manoel; e logo no mez de Abril seguinte succedeo a troca que fez do Terço com Diogo Gomes de Figueiredo, que a solicitou a respeito de antigas dependencias que tinha do Marquez de Montalvaõ, e do Conde de Serem. Logo que o Conde tomou posse do governo, reformou alguns Officiaes indignos, e proveo os seus postos em Soldados benemeritos. Visitaraõno os Castelhanos, correndo os lugares de Villa Tropim, e Malpartida: sahiraõ de Almeida cem Cavallos, que go-

O Conde de Serem Governador das Armas da Beira.

Anno 1645.

governava o Capitaõ Ruy Tavares de Britto, resolveo-se a lhe tirar a preza que levavaõ; investio-os, e depois de larga contenda, se retiráraõ os Castelhanos, deixando a preza, e alguns Cavallos. Ficou morto o Capitaõ Ruy Tavares, e alguns soldados feridos: deu ElRey a Companhia a seu filho Gaspar de Tavora. O inimigo considerando o damno que poderiaõ receber os nossos lugares, se fabricassem hum Forte em o sitio de Castelejo, por ficar entre Ciudad Rodrido, e Val de la mula, intentou esta obra: porém o Conde Marichal, prevenindo o damno que podia resultar àquella Provincia, ajuntou gente em Almeida, e obrigou aos Castelhanos a desistirem da empreza começada. Poucos dias depois, teve aviso que os Castelhanos ajudados das Tropas da Estremadura, sitiavaõ Salvaterra, e começavaõ a bater a muralha. Achava-se o Conde na Cidade da Guarda, e logo que recebeo esta noticia, passou a Penamacor, e ajuntou alguma Infantaria, e 150 Cavallos, que governava Rozan Commissario Geral, e fazendo pouca dilaçaõ foy alojar a Idanha, sitio em que ficava mais prompto para soccorrer Salvaterra, e neste quartel se foy ajuntando toda a gente da Provincia da Guarda. Havia despachado hum correyo a ElRey, em que lhe pedia soccorro, e com a mesma diligencia ordenou ElRey que marchasse de Alentejo o Mestre de Campo Gaspar Pinheiro Lobo com o seu Terço, e duzentos Cavallos. E avisou ElRey ao Conde de Castello-Melhor, que tendo noticia de que os Castelhanos remetiaõ da Estremadura mais Tropas a Salvaterra, a este respeito fosse engrossando as da Beira com mayores soccorros; e que constando que o Marquez de Lagañes passava ao sitio de Salvaterra, elle fizesse a mesma jornada com toda a gente que lhe sobrasse das guarniçoens das Praças. O Conde de Castello-Melhor tanto que recebeo esta ordem, mandou marchar Gaspar Pinheiro com o seu Terço, e 200 Cavallos, e preveniose para executar tudo o mais, que ElRey lhe mandava: porèm antes de Gaspar Pinheiro se encorporar com o Conde de Serem, levantou o inimigo o sitio de Salvaterra, e empregou as Tropas em varias entradas, de que resul-

Levantase o sitio de Salvaterra.

resultou consideravel damno aos moradores daquella Provincia. Desejou o Conde que Gaspar Pinheiro se detivesse nella para se poder oppor ao inimigo com forças iguaes: porém ElRey, tanto que lhe constou que os Castelhanos haviaõ levantado o sitio de Salvaterra, mandou retirar a Gaspar Pinheiro para Alentejo, por crescerem as noticias, de que o Marquez de Lagañes sahia em campanha. O Conde de Serem fez com toda a brevidade reparar as muralhas de Salvaterra, e guarneceo-a de gente, mantimentos, e muniçoens bastantes para se livrar do proximo receyo. Os Castelhanos como haviaõ engrossado por aquella parte o poder, repetîraõ as entradas, e com mais frequencia pela Idanha: perdéraõ em huma dellas quarenta Cavallos. Para melhor defensa daquella campanha, reparou, e guarneceo o Conde de Serem os lugares de Alcanfores, e Zebreira, que estavaõ despovoados. Resultou desta prevençaõ grande utilidade aos lavradores, e lugares abertos daquelle districto: porém ordenandolhe ElRey que soccoresse com as Tropas, e Infantaria, que pudesse escusar, a Provincia de Alentejo, e naõ lhe permittindo que marchasse com este soccorro como elle pertendeo, ficou com grande desigualdade defendendo aquella Provincia, por faltarem della 200 Cavallos, e 500 Infantes, que passáraõ a Alentejo á ordem do Commissario Geral Joaõ de Raozan. Este Troço de Cavallaria, e Infantaria teve por Cabo naquella campanha ao Mestre de Campo Diogo Gomes de Figueiredo. Para remediar a falta desta gente guarneceo o Conde de Serem os lugares mais importantes com a Infantaria da Ordenança, e fez retirar aos lavradores para o centro da Provincia. Com esta diligencia, e continuo cuidado, com que o Conde se applicou a se defender, naõ foraõ muito consideraveis os damnos que neste tempo padeceo a Provincia da Beira.

Anno 1645.

Ao mesmo tempo que ElRey dava calor á guerra, fomentava as negoceaçoens fora do Reino. Servialhe de grande embaraço continuar na Corte a assistencia do Embaixador de França o Marquez de Roylhac: porque além de ser vario, leve, e ambicioso, circunstancias

Acçoẽs do Marquez de Roilha.

Anno 1645.

cias que o faziaõ pouco plausivel, naõ só confundia os negocios do seu Reino, senaõ que por qualquer interesse descompunha, e embaraçava as materias mais importantes de Portugal. E chegou a tanto excesso a sua inconstancia, que propoz ao Duque de Guiza a interpreza de Moçambique, representandolhe os interesses do resgate do ouro, e pediolhe que alcançasse da Rainha Regente meyos para elle ser executor desta extravagancia. Era a proposta taõ futil, e elle taõ facil, que se desprezou em França como merecia, assim por este respeito, como pela verdade com que aquella Coroa tratou sempre as conveniencias de Portugal. Naõ podendo o Embaixador conseguir este desordenado intento, succedeo que chegáraõ a Lisboa seis Holandezes da Bahia com a noticia de se haverem levantado os moradores de Pernambuco, e affirmavaõ que Antonio Telles da Silva fomentava este impulso. Determinou ElRey occultar os seis Holandezes, porque naõ fossem enganosamente occasiaõ de algum desabrimento com os Estados de Holanda. Preveniraõ elles este intento, e retiraraõse a casa do Embaixador de França. Foy buscallos o Consul de Holanda, para se informar do Estado das revoluçoens de Pernambuco, e fazendo o exame na presença do Marquez de Roylhac, elle lhe estranhou muito naõ acabarem os Estados de lançar fóra os Portuguezes de todas as conquistas do seu Dominio; e aconselhoulhe que em satisfaçaõ dos aggravos que recebiaõ no Brasil, interprendessem a Villa de Setuval, que lhe seria muito util pelo interesse do sal, e muito facil pela pouca prevençaõ que os Portuguezes tinhaõ para remediar este accidente. Constou a ElRey tudo o que o Marquez fulminava: porèm attendendo á reciproca correspondencia de França, e á ligeira condiçaõ do Embaixador, dissimulou culpas taõ repetidas, como contra elle constavaõ, porque a naõ ser obrigado destes forçosos respeitos, justamente, e sem offensa da Coroa de França, pudèra castigallas: pois a immunidade dos Embaixadores naõ deve estenderse a mais que a naõ se offender a sua innocencia; porqu se houvera privilegio que isentára de castigo a sua malicia, fora o mesmo

Qualidades, q devem ter os Embaixadores.

mesmo que constituirem os Principes Vassallos estrangeiros com imperio mais absoluto que a sua grandeza, e com braço mais poderoso que a sua soberania. A isençaõ dos Embaixadores he defendida com authoridade dos seus Principes, que se transfórmaõ nelles, quando os elegem para as embaixadas, para que os negocios que com elles se assentarem, sejaõ inviolavelmente guardados, e para que as naçoens estrangeiras os respeitem, e venerem como as suas proprias pessoas. Nesta consideraçaõ elegem sempre os Principes para as embaixadas os Vassallos de virtudes mais excellentes, por se naõ arriscarem ao desar de mandarem a Reinos estranhos os seus retratos com manchas disformes; e da mesma sorte que costumaõ a romper as estatuas, e pinturas que lhe naõ saem parecidas, devem sepultar os Embaixadores que lhe naõ sairaõ ajustados ás Leys da razaõ, aos verdadeiros dictames da politica, e aos infalliveis axiomas da honra. E naõ só he justo que sejaõ executores deste castigo, mas he necessario que senaõ offendaõ, de que provada a culpa a padeçaõ os Embaixadores das mãos dos Principes a que offenderaõ: porque se nesta parte se deixarem vencer da apparencia da reputaçaõ, ficaràõ expostos a experimentarem cada dia profanado o decoro, e offendida a Magestade. Constando á Rainha de França o indigno procedimento do Marquez de Roilhac, o mandou brevemente recolher a Pariz, e foraõ poucas as occupaçoens que depois desta conseguio. O Conde da Vidigueira continuava em França a sua funçaõ com excellente procedimento, e lograva a estimaçaõ dos Ministros daquella Corte. Sustentava a uniaõ desta, e daquella Coroa a pezar dos vaticinios, que haviaõ prognosticado, que o animo da Rainha inclinado aos interesses da sua naçaõ havia de prejudicar muito aos negocios de Portugal. Achando-se hum dia o Conde em huma conferencia com o Cardeal Massarino, lhe disse o Cardeal, que o Nuncio Apostolico lhe havia communicado que entendèra dos Ministros de Castella, que se ElRey D. Joaõ quizesse largar a pertençaõ de Portugal, que ElRey de Castella o deixaria governar o Reino de Sicilia com Titulo de

Anno 1645.

Anno 1645.

Reposta do Cõde da Vidigueira ao Cardeal Massarino.

de Rey. Respondeolhe o Conde, que estas sutilezas dos Castelhanos, como mereciaõ mais o nome de fabulas que de politicas, só deviaõ servir para entreter o discurso ás horas ociosas: que ElRey seu Senhor esperava defender o seu Reino na fé de que o favor divino assiste sempre á parte mais justificada; e que naõ mendigava alheyos dominios, quando herdára de seus esclarecidos Avós tantos Vassallos, e Reinos, que tendo principio na parte em que nasce o Sol, terminavaõ na em que morre. Dividiose a pratica, ficando o Cardeal com util idéa da firmeza dos animos dos Portuguezes, e da segurança que prognosticava para a duraçaõ desta Monarquia.

Os negocios de Roma caminhavaõ infelicemente, e quanto mais corria o tempo a favor dos Castelhanos, tanto mais caducavaõ as resoluçoens, que podiaõ ser uteis a Portugal. O Embaixador de Castella, que assistia naquella Corte, naõ se satisfazia só com esta ventagem; e entendendo que as espadas Castelhanas poderiaõ (cortando os peitos Portuguezes) conseguir em Roma por mais livres, o que naõ alcançavaõ na fronteira de Portugal por menos activas, sem mais causa que esta paixaõ desordenada, saindo da Igreja de Nossa Senhora do Populo Nicoláo Monteyro Prior de Sodofeita, que assistia em Roma aos negocios de Portugal, e havendo entrado em huma Carroça Domingo da Paixaõ, o investio huma Tropa de Castelhanos, e Napolitanos, e dando huma carga de pistolas, lhe matáraõ hum dos Cavallos da Carroça. Lançouse della o Prior, e hum pajem seu já taõ mal ferido, que cahio morto. Vendo o cocheiro o perigo do Prior, naõ só o defendeo com a espada na maõ, senaõ que conhecendo que naõ bastava para o livrar da morte, deliberou fazerlhe escudo da propria pessoa, e recebendo nella todos os golpes que os contrarios tiravaõ, á custa de muitas feridas deu tempo ao Prior a se recolher em huma casa, livre do perigo, em que perecera, a naõ ser resguardado de auxilio superior. Acodiraõ alguns Portuguezes, e Italianos á casa em que Nicoláo Monteiro se havia recolhido, leváraõno ao seu aposento, e alguns lhe aconselháraõ que se

Assaltaõ os Castelhanos em Roma Nicoláo Monteiro.

saiſ-

saisse de Roma: o que elle naõ quiz fazer, dizendo, que a justiça do Summo Pontifice era taõ igual, que o segurava de segundo encontro. O Summo Pontifice, como se compunha de natural severo, e inclinado á justiça, vendo indignamente profanado o respeito devido a sua Suprema dignidade, mandou que em termo de tres horas saisse de Roma o Conde de Siruela Embaixador delRey Catholico; e naõ revogou a determinaçaõ, por mais instancias que lhe fizeraõ os Cardeaes da facçaõ de Hespanha: e o Principe Ludovisio ordenou juntamente, que se puzessem editaes em que dava por bandidos todos os aggressores, e promettia grandes premios aos que appresentassem as suas cabeças. Porém este favor do Summo Pontifice naõ se estendia a mais que a pretender que se conservasse o seu respeito: porque tratandose no mesmo tempo em Consistorio da nomeaçaõ dos Prelados das Igrejas de Portugal, que tanto necessitavaõ de Pastores, resolveo, que a nomeaçaõ fosse de motu proprio, e só dispensaria em eleger os sujeitos que ElRey apontasse, e da mesma sorte as pensoens que se puzessem nas Igrejas, se dariaõ ás pessoas que ElRey quizesse, mas sem se expressar que se concediaõ á sua instancia. A instrucçaõ de Nicoláo Monteiro naõ lhe dava lugar a admittir esta proposta: porque ElRey aconselhado dos mayores Letrados do Reino, e de muitos de Sorbona, naõ podia em consciencia aceitar Bullas, em que naõ viesse nomeado como Rey de Portugal: mas era tanto o seu zelo Catholico, que chegava a consentir em que o Papa, quando declarasse que á instancia sua concedia os Bispos, dissesse que sem prejuizo de terceiro; porque desta sorte satisfazia o Summo Pontifice o escrupulo que tomava por fundamento para negar as Bullas como ElRey as pedia, que era dizer, que em quanto se naõ ajustasse paz ou tregoa entre Castella, e Portugal, naõ podia conceder Breves com clausulas em prejuizo delRey de Castella ultimo possuidor do Reino de Portugal. Nicoláo Monteiro vendo o máo successo daquelles negocios, e havendo tido ordem delRey para solicitar o patrocinio do Duque de Parma, e procurar a correspondencia, que era justo ter com

Anno 1645.

Manda o Pontifice sair o Embaixador de Castella.

Resolve o Papa conceder os Bispos de motu proprio.

Naõ se admittem.

Sae de Roma Nicoláo Monteiro.

Anno 1645.

com ElRey, em razaõ do parentesco que havia entre os dous, sahio de Roma com este intento, e chegando a Módena, soube que o Duque era partido a Veneza. Porém passou depressa a Parma, por ter noticia que naõ estava seguro dos Castelhanos em Módena. Avisou a Veneza ao Duque de Parma da commissaõ que trazia: porém o Duque se excusou da visita, e entendeose que fora por naõ prejudicar ao direito, que pretendia ter á Coroa de Portugal. Voltou Nicoláo Monteiro a Roma, e logo que chegou, soube que os Castelhanos haviaõ mandado vir de Napoles hum homem facinoroso, chamado Julio Pazalla, com gente para o prenderem, e levarem a Napoles. Tal era o poder dos Castelhanos em Roma, que emendavaõ hum excesso com outro excesso. Communicou o Prior de Sodofeita esta materia a Monsiur de Gramonvile Embaixador de França, que com grande attençaõ lhe procurou promptamente todos os meyos de segurança, e defensa. Conseguio a audiencia do Summo Pontifice, e depois de huma conferencia muito larga, naõ alcançou outra resoluçaõ, mais que dizerlhe o Summo Pontifice, que quando as duas Coroas se ajustassem, tomariaõ fórma as duvidas que se offereciaõ nos negocios de Portugal. Antonio de Sousa de Macedo continuava a assistencia de Inglaterra com igual correspondencia, ainda que a controversia que havia entre ElRey; e o Parlamento, cadadia se augmentava, e perturbava todas as materias publicas, e particulares.

Os negocios de Holanda eraõ os que davaõ mayor cuidado a ElRey, porque a uniaõ deste Reino com aquella Republica era precisa, e perigosa; Precisa: por naõ dividir as forças que contendiaõ com o formidavel poder de Castella; Perigosa: porque os Holandezes usavaõ da capa da amizade para cubrir as desordens da sua ambiçaõ, e mais conseguiaõ na paz dissimulada, do que puderaõ conquistar na guerra aberta. Entre estas difficuldades fluctuava na Haya Francisco de Sousa Coutinho com grande prudencia, e havendo ajustado as differenças da India começou a contender com os embaraços do Brasil. Recebeo varios avisos delRey da alteraçaõ dos moradores

dores de Pernambuco, e os mesmos chegáraõ aos Estados. Deraõ no principio pouco cuidado: porém Francisco de Sousa ponderando os poucos cabedaes da Companhia Occidental, e quanto nos convinha ferir aos Holandezes pelos mesmos fios (com a differença de quererem elles conquistar o alheyo, e nós restaurar o proprio) ao mesmo tempo dissuadio aos Estados da suspeita que começavaõ a conceber, de que por ordem delRey fomentava Antonio Telles da Silva Governador do Brasil o levantamento de Pernambuco, e persuadia a ElRey a que com todo o calor applicasse a guerra dissimulada em todas as conquistas, em que eraõ contendores os Holandezes, e alentasse os animos belicosos dos moradores de Pernambuco. Foy esta destreza taõ util; como adiante iremos referindo, por mais que ElRey por guardar a paz se escusava, de admittir semelhantes propostas.

Anno 1645.

Deixámos no fim do anno antecedente a Joaõ Fernandes Vieira retirado aos matos de Pernambuco, prevenindose para que com a chegada de D. Antonio Filippe Camaraõ, e Henrique Dias, e com os soccorros que da Bahia aguardava, romper a guerra aos Holandezes. Verdadeiramente pequeno cabedal para empreza taõ difficil: porque determinava restaurar Pernambuco, que o poder de Castella, e Portugal unidos naõ puderaõ defender, nem recuperar das mãos dos Holandezes, só com os poucos moradores que se lhe quizeraõ aggregar, sem artilharia, sem armas, sem muniçoens, e com poucos mantimentos, na contingencia delRey se dar por mal servido da sua resoluçaõ, obrigado do empenho em que o embaraçava na difficuldade de sustentar a guerra a duas naçoens taõ formidaveis como a Castelhana, e Holandeza. Porém animado das exorbitancias dos Holandezes, e com fé verdadeira de que Deos havia de castigar taõ graves insultos, abraçou valerosamente o intento de emprender a restauraçaõ de Pernambuco, e elegeo por auspicio felice dia de Santo Antonio, para dar principio ao rompimento da guerra. Foraõ avisados os do Supremo Conselho, que governavaõ no Arrecife, desta sua determinaçaõ,

Elege Joaõ Fernandes Vieira romper a guerra dia de Santo Antonio nosso protector.

minaçaõ, e anticiparemſe a dividir em Tropas todos os ſoldados daquelle preſidio, com ordem que de improviſo prendeſſem a Joaõ Fernandes Vieira, e todos os mais daquelle diſtricto que foſſe poſſivel. Naõ teve effeito eſta diligencia, porque Joaõ Fernandes Vieira, e os que o acompanhavaõ, eſtavaõ prevenidos, e com ſentinellas avançadas em lugares competentes, que o aviſáraõ a tempo que puderaõ retirarſe para o interior do mato, e chegando o aviſo em occaſiaõ que eſtavaõ celebrando a feſta de Santo Antonio em huma Igreja deſta invocaçaõ, víraõ varios ſinaes, que podendo ſer acaſo, tiveraõ por milagroſos, e animáraõſe com eſtes vaticinios a proſeguir a guerra que intentavaõ contra os Hereges. Os Holandezes fizeraõ outra ſurtida, e prendendo alguns dos moradores, os caſtigáraõ aſperiſſimamente. Feita a execuçaõ, mandáraõ os do Conſelho pôr editaes, em que perdoavaõ a todos os delinquentes, reſervando os Authores da conjuraçaõ, e punhaõ talha de mil florins a quem lhes preſentaſſe a cabeça de Joaõ Fernandes Vieira. Naõ tardou elle em tomar ſatisfaçaõ do aggravo: porque mandou fixar outro edital em varias partes, em que prometia oito mil cruzados á peſſoa que lhe trouxeſſe qualquer das cabeças dos que governavaõ no Supremo Conſelho. Eſcreveo a todos huma carta, em que largamente referia as grandes tyrannias que haviaõ uſado naquella Provincia, e ſegurava as eſperanças de as caſtigar como mereciaõ. O primeiro lugar que ſe declarou contra os Holandezes, foy o de Pojuca no inteiror do mato. Confederaraõſe todos os moradores delle, e matando huma noite alguns ſoldados Holandezes que o guarneciaõ, ſe fortificáraõ o melhor que lhes foy poſſivel, tratando de entregar primeiro as vidas que as liberdades. Os do Conſelho eſcrevèraõ a Antonio Telles, queixandoſe deſta reſoluçaõ; e ao meſmo tempo tornáraõ a intentar prender Joaõ Fernandes Vieira. Teve elle aviſo, e eſcapou mudando de ſitio; e havendoſelhe aggregado mais gente, prefez o numero de 900 homens, e determinou com elles pelejar na primeira occaſiaõ que ſe lhe offereceſſe. Alguns, havendoſelhe abatido o primeiro fervor, recean-

Anno 1645.

Editaes contra Joaõ Fernãdes

Via do meſmo eſtylo.

receando o perigo, e cansados dos muitos trabalhos que padeciaõ, quizeraõ amotinarse. Vendo Joaõ Fernandes Vieira que esta podia ser a sua ultima ruina, acodio a atalhar a desordem, antes que tivesse principio, convocou os que julgava por cabeças de tumulto, e a estes, e aos mais fez huma dilatada Oraçaõ, em que lhes mostrou „ as extorçoens, aggravos, e tyrannias, com que os Ho„ landezes os haviaõ tratado, a gloria que podiaõ espe„ rar de conseguir aquella empreza, a pouca esperança „ de outro remedio, a grande parte que a elle lhe cabia „ na fazenda que desprezava por intentar a liberdade da „ Patria; e ultimamente que aquelles que naõ fazen„ do caso da honra, quizessem deixallo, podiaõ desde „ logo passarse aos Holandezes. Tiveraõ tanta força estas razoens, que fizeraõ mudar de opiniaõ todos os que vacilavaõ, e prometteraõ uniformente de derramar atè a ultima gotta de sangue no intento da liberdade pertendida. Accrescentoulhe o animo a noticia infallivel de que dentro em poucos dias teriaõ por companheiros a Henrique Dias, e Camaraõ com os negros, e Indios que governavaõ. Estando neste alvoroço, chegou a Joaõ Fernandes Vieira aviso do Arrecife, aonde conservava importantes intelligencias, que Henrique Hus, Cabo da Infantaria Holandeza, marchava com novos soccorros a buscallo para o prender. Retirouse para hum sitio, a que deo nome de Braga hum natural daquella Cidade, que nelle vivia: aquarteloușe em hum monte chamado das Tabocas, e segurou o quartel com alguns reparos, ajudado do Sargento mór Antonio Dias Cardoso, pratico, e valeroso soldado. Chegou Henrique Hus com 1500 Holandezes ao alojamento que Joaõ Fernandes Vieira havia deixado, e achando baldado o seu designio, lhe foy seguindo a pista, e fez alto junto ao rio Tapucurá. Deraõ as sentinellas, que Joaõ Fernandes Vieira tinha avançado, aviso do sitio em que o inimigo estava, e mandou elle com toda a brevidade adiantar o Capitaõ Domingos Fagundes com 40 soldados, e deolhe ordem que por entre o mato entretivesse o inimigo, procurando quanto lhe fosse possivel

Anno 1645.

Oraçaõ de Joaõ Fernandes Vieira para socegar os animos inquietos.

Saem os Holandezes contra Joaõ Frz. Vieira.

Anno 1645.

trazer aos Holandezes a hum ſitio em que havia diſpoſto quatro emboſcadas. Domingos Fagundes achou ainda os Holandezes da outra parte do rio, e de ſorte lhe pleyteou a paſſagem do váo, que a conſeguiraõ á cuſta de muito ſangue. Paſſado o rio, formou Henrique Hus a gente que levava, em hum pequeno campo que havia antes do monte; em que Joaõ Fernandes Vieira eſtava formado. Marchou logo com muita reſoluçaõ a attacar o monte, e tanto que começou a ſubir a elle, padeceo o damno das emboſcadas que eſtavaõ diſpoſtas, ſitio a que Domingos Fagundes o veyo encaminhando. Retiraraõſe os Holandezes achandoſe peyor tratados do que eſperavaõ. Joaõ Fernandes Vieira determinou inveſtillos na deſordem da primeira retirada: porém foy com prudencia advertido, que na conſervaçaõ da fórma em que eſtava conſiſtia a ſegurança da victoria. Deteve o impulſo, e foy ſoccorrendo todos os lugares perigoſos. Tornáraõ os Holandezes a inveſtillos, e deſalojáraõ algumas mangas que eſtavaõ mais avançadas. Com eſte effeito vieraõ ganhando terra dentro do Tabocal, que era muito difficil de romper pelos agudos, e duros eſpinhos que produzem as canas, que deraõ eſte nome áquelle ſitio. Vendo os Holandezes a difficuldade que achavaõ em paſſar adiante, aſſim pela aſpereza do caminho, como pelo valor dos defenſores do alojamento, lançáraõ algumas mangas encubertas com ordem que attacaſſem a noſſa retaguarda; mas acháraõ eſta deſtreza premeditada, e foraõ com grande perda rebatidas. Durava o conflito mais do que ſofriaõ as poucas muniçoens com que os Portuguezes pelejavaõ, ſendo ſó 200 as armas de fogo que tinhaõ. Eſta deſconfiança obrigou a alguns a duvidarem do ſucceſſo, e a tratarem de ſalvar as vidas, porèm como haviaõ implorado o favor divino, e a contenda era contra os Hereges, a meſma deſordem produzio a mayor utilidade. Porque encontrando os que fugiaõ algumas mangas Holandezas, que vinhaõ encubertas penetrando o mato, foy de ſorte o receyo, que os Holandezes tiveraõ do encontro, entendendo que eraõ ſentidos, que fugindo dos que fugiaõ, lhes deraõ animo para os ſeguirem;

rem; e depois de mortos muitos dos que alcançaraõ, voltáraõ a encorporarse com os que pelejavaõ no monte. Os Holandezes naõ desmayàraõ com as desgraças experimentadas, e pondo o ultimo esforço, investiraõ furiosamente por todas as partes que lhes foy possivel: mas sendo rechaçados com igual valor, voltáraõ as costas; e seguindo os a nossa gente, foraõ totalmente desbaratados, e a naõ serem amparados da noite, que sobreveyo, naõ puderaõ escapar alguns as vidas que mereciaõ igual castigo. Mas naõ foraõ muitos os que voltáraõ ao Arrecife. Foy este successo por todas as circunstancias de grandes consequencias: porque os Holandezes eraõ 1500, e haviaõse-lhe aggregado 800 Indios, chamados Pitugares, todos destros, bem armados, e assistidos de Officiaes muito praticos. Achavase Joaõ Fernandes Vieira com 1200 homens, sem mais armas de fogo que 200 com poucas muniçoens, e menos disciplina. Depois de cinco horas de profiado combate, ficou victorioso, perdendo só oito homens, em que entràraõ o Capitaõ Joaõ Paes Cabral, o Alferes Joaõ de Matos, e o Capitaõ Mathias Ricardo. Ficàraõ 32 feridos, e todos os mais muito gloriosos. Joaõ Fernandes Vieira depois de agradecer geralmente o valor dos que se acháraõ no conflicto, deu com generoso coraçaõ liberdade a cincoenta escravos seus, que o haviaõ ajudado com bom procedimento. As armas dos rendidos foy pela falta dellas o despojo mais estimado, e todas estas circunstancias accrescentàraõ a resoluçaõ da empreza. Henrique Hus com os que mais escaparaõ, se retirou pelos lugares de S. Lourenço, e dos Apopucos, e aos moradores que nelles se conservavaõ, fiados no salvo conducto do Supremo Conselho, roubáraõ, e atormentàraõ com generos exquisitos de crueldade. Joaõ Fernandes Vieira despedio soccorro a alguns lugares, e com o resto da gente marchou para o sitio de Gorjahû, aonde chegàraõ D. Antonio Filippe Camaraõ, e Henrique Dias, que foraõ recebidos com geral contentamento. Ajustàraõ todos marchar para a Villa de Santo Antonio do Cabo, com intento de interprender hum reducto que nella havia com guarniçaõ Holandeza. Foraõ sentidos antes de che-

Anno 1645.

Retiraõse os Holandezes desbaratados.

Vingaõse nos innocentes os Holandezes.

Anno 1645.

chegarem, e os Holandezes receando o assalto fugîraõ para a Fortaleza de Nazareh, que lhes ficava visinha. Sem resistencia entrou a nossa gente na Villa, e Reducto, e na mesma manhaã chegou áquelle lugar o Mestre de Campo Andrè Vidal de Negreiros com a Infantaria que Antonio Telles havia promettido aos Holandezes para socego dos Portuguezes de Pernambuco. Tanto que Andrè Vidal se avistou com Joaõ Fernandes Vieira, lhe disse, que vinha prendello da parte de Antonio Telles Governador daquelle Estado, e socegar os moradores daquella Provincia, para que vivessem em paz com os Holandezes, em quanto ElRey lhes naõ ordenava o contrario. Respondeolhe Joaõ Fernandes Vieira com grande constancia, que tambem elle, e todos os que o acompanhavaõ vinhaõ prendello em os seus braços, para que os ajudasse a se defenderem das tyrannias daquelles Hereges, e a sahirem do cativeiro mais aspero, que atè aquelle tempo se havia padecido no mundo, e que na fé de ser este o mayor serviço que podia fazer a Deos, e a ElRey, lhe protestava que o ajudasse a conseguir a empreza que havia intentado; e que se acaso, o que elle naõ cuidava, tomasse differente resoluçaõ, estava deliberado a pelejar com todo o mundo pela defensa da fè, pelo serviço delRey, e pela liberdade da Patria. Respondeolhe André Vidal que elle estava informado das exorbitancias, e infidelidade dos Holandezes, que fossem alojarse para tomarem resoluçaõ do que mais conviesse ao estado em que se achavaõ aquelles negocios.

Chega André Vidal com soccorro da Bahia.

Razões de João Fernandes Vieira.

Marcháraõ todos para o sitio de Moribueca, que fica para a parte do Arrecife. Pouco espaço depois de chegarem, veyo aviso a Joaõ Fernandes Vieira, que os Holandezes andavaõ saqueando a Varzea, sitio em que estava a mayor parte da sua familia, e fazenda, e levavaõ prezas algumas mulheres principaes, em que entrava D. Antonia Bezerra, segunda mulher de seu sogro Francisco Berenguer. Logo que Joaõ Fernandes teve este aviso, penetrado de justo furor, e abrazado de generosa colera, disse aos que lhe assistiaõ: Vamos, senhores, acodir por nosso credito, por naõ escurecermos com

com a nossa omissaõ as heroicas acçoens de nossos Antepassados. Abraçaraõ todos o mesmo parecer, e sem que pudesse detellos a prudencia de André Vidal, marcharaõ a buscar os Holandezes. Vendo elle, que naõ podia impedir esta resoluçaõ, formou os seus soldados, e seguio a Joaõ Fernandes Vieira com intento de remediar, como lhe fosse possivel, os excessos que acontecessem. Marcharaõ todos com excessivo trabalho, por estar toda a campanha cuberta de agua: fizeraõ alto á meya noite, e havendo descançado pouco tempo, lhe pareceo a Joaõ Fernandes, que Santo Antonio por sonhos o exhortava a acodir pela honra de Deos. Levado deste impulso, que o successo fez parecer divino, se levantou, e com grande diligencia fez pegar aos soldados nas armas, e brevemente chegou ao rio Capivarive. Na marcha os Capitães que hiaõ avançados, encontráraõ alguns Holandezes, e Indios que andavaõ raubando huns engenhos, e depois de averiguarem que Henrique Hus estava alojado em huma casa forte, que ficava pouco distante, lhes naõ perdoáraõ as vidas, merecedoras deste castigo pelos insultos que haviaõ commettido. Hia rompendo a manhaã, e parecendo difficil vadear o rio, venceo Joaõ Fernandes Vieira a difficuldade, sendo o primeiro que passou da outra parte com a agua por cima dos peitos. Este exemplo imitáraõ os mais, e ligados huns a outros, para resistirem todos á força da corrente, com as armas, e muniçoens na cabeça superáraõ a agua, e conserváraõ para a contenda que appeteciaõ ardentes os materiaes do fogo de que necessitavaõ, e enxugando depressa a agua dos vestidos o que levavaõ nos peitos, que o amor das mulheres prisioneiras assoprava, e o valor disposto a libertallas accendia, marcháraõ diligentes a buscar os Holandezes. Seguravase Henrique Hus com duas sentinellas: colheraõnas os que hiaõ avançados, e ainda que huma dellas teve lugar de tocar arma, ouvindo a Henrique Hus, que estava comendo (exercicio nesta naçaõ irracional por muito continuo) sem prevenir que podiaõ as sentinellas ficar mortas, nem mandar averiguar a causa do rebate, fiado só no engano de lhe naõ

Anno 1645.

Marchão os nossos contra os Holandezes.

tra-

Anno 1645.

trazerem aviſo, continuou o banquete, e com eſte deſcuido deo tempo a Joaõ Fernandes Vieira para chegar áquelle ſitio ſem ſer ſentido. Deraõ os Holandezes viſta da noſſa gente, e conhecendo imminente o perigo, pegàraõ ſem ordem nas armas: mas como eraõ exercitados, e deſtros ſe formáraõ depreſſa fóra da caſa em que eſtavaõ, de que ſe valeraõ para lhes ſegurar a retaguarda. O Sargento mòr Antonio Dias Cardoſo poz em ordem os ſoldados, exhortou-os, e repartio os poſtos com advertencias neceſſarias em ſemelhantes conflictos; e para que o ſoccorro que podia vir do Arrecife, lhe naõ prejudicaſſe, entregou cem moſqueteiros ao Capitaõ Domingos Fagundes, com ordem que occupaſſe aquella eſtrada, aſſim para eſte fim, como para evitar a retirada dos Holandezes que fugiſſem, em caſo que foſſem desbaratados. Camaraõ, e Henrique Dias puzeraõ tambem em ordem a ſua gente, e todos ao meſmo tempo attacàraõ aos Holandezes: receberaõ elles a primeira carga com grande eſtrago, e chegando neſte tempo André Vidal, ſe acháraõ obrigados os Holandezes a ſe recolherem à caſa forte. Ganhàraõ os noſſos huma Hermida que eſtava viſinha, e com repetidas cargas (que paſſavaõ facilmente as paredes, por ſer debil a materia de que eraõ fabricadas) fizeraõ grande damno aos Holandezes. Tomàraõ elles por eſcudo as mulheres que levavaõ priſioneiras, e pondo-as as janèllas, ceſſou a bateria, temendo os que tiravaõ mais os golpes das que receavaõ ferir, que as proprias feridas. Neſta ſuſpenſaõ mandou André Vidal hum tambor, e logo o Alferes Joaõ Baptiſta, que levava huma bandeira branca, com ordem que diſſeſſe a Henrique Hus que ſe rendeſſe, e que tudo ſe accomodaria a ſeu contentamento, porque elle havia chegado da Bahia com ordem do Governador daquelle Eſtado para ſocegar os moradores daquella Provincia. Reſpondéraõ os Holandezes com huma carga, de que morreo o Alferes que levava o recado, e matáraõ o cavallo a André Vidal. Eſte deſconcerto acendeo de novo os animos dos ſoldados, continuáraõ furioſamente as cargas, e avançando a quantidade de lenha que eſtava junta para a fabrica daquelle Enge-

Engenho, desprezando o perigo das balas que os Holandezes tiravaõ, meteraõ a lenha debaixo da casa forte do Engenho, e puseraõ-lhe o fogo. Vendo os Holandezes que os ameaçava a ultima ruina, sahio Henrique Hus á janella, pedio quartel, concedeoselhe: porque a ira dos Portuguezes naõ passa da contumacia dos inimigos. Sahiraõ os Officiaes com armas, os soldados sem ellas, e os Indios por haverem sido traidores a seu legitimo Senhor, foraõ degolados: mas eraõ taõ valerosos, que muitos delles venderaõ caras as vidas. Joaõ Fernandes Vieira lembrou a Henrique Hus alguns ameaços que lhe havia feito antes desta ultima desgraça: respondeolhe que desse graças á sua boa fortuna. André Vidal, que era prudente, e sabia usar das occasioens com prevençaõ dos futuros, e procurava com toda a destreza que ElRey tivesse o interesse, e a culpa fosse dos conjurados, diante de Henrique Hus estranhou a Joaõ Fernandes Vieira o procedimento que havia tido, e ameaçou-o com o castigo que Antonio Telles por ordem delRey lhe havia de dar. Respondeo Joaõ Fernandes, que todos os tormentos que padecesse por mandado do seu Rey, e do seu General, sofferia voluntariamente, com tanto que fossem arrezoados. Morrèraõ nesta occasiaõ seis soldados nossos, e ficáraõ trinta e cinco feridos, em que entrou o Capitaõ Domingos Fagundes, e Henrique Dias. Os rendidos se remettéraõ ao Arrecife. Andrè Vidal, confórme a ordem que trazia de Antonio Telles, determinou accommodar aquellas alteraçoens, e começando a dar principio a diligencias adequadas a este fim, lhe chegou aviso de como os Holandezes do Arrecife haviaõ mandado queimar as embarcaçoens em que viera do Brasil, e tinha deixado no porto de Tamandaré, quebrando a fé publica, e o concerto ajustado com Antonio Telles. Foy esta nova traiçaõ novo estimulo, e efficaz fundamento para se continuar a gloriosa empreza de Pernambuco: porque muitas vezes nos negocios do mundo saõ mais poderosos os males que a razaõ. Antonio Telles em satisfaçaõ da promessa que havia feito aos Holandezes, de socegar o rumor de Pernambuco, e castigar os culpados, man-

Anno 1645.

Rendese Henrique Hus, e os mais que o seguiaõ.

Queimaõ os Holandezes as embarcaçoens em Tamandarè.

Anno 1645.

mandou áquella Provincia os Meſtres de Campo André Vidal de Negreiros, e Martim Soares Moreno. Vieraõ em companhia de Salvador Correa de Sà, que navegava para eſte Reino comboyando a frota. Surgio no Arrecife, e com eſta ſó acçaõ deu grande ſobreſalto aos Holandezes, e alento aos moradores. Deſvaneceo a eſperança deſtes, e o temor daquelles hum aviſo que Salvador Correa fez aos do Conſelho, em que lhe ſegurava ſocego, e amiſade, e lhe dava parte de como os dous Meſtres de Campo haviaõ deſembarcado em Tamandaré. Em quanto Salvador Correa eſteve ſurto no Arrecife, tiveraõ os Holandezes com elle, e com os naturaes toda a boa correſpondencia: tanto que deu á vèla, armaraõ nove navios, e mandáraõ inveſtir oito que eſtavaõ no porto de Tamandaré. Era Cabo delles Jeronymo Serraõ de Paiva avaliado juſtamente por valeroſo, e pratico: achavaſe ſó com 200 ſoldados, e a gente do mar; mas entendendo que para caſtigo de traidores pequeno inſtrumento baſta, ſe preparou para a defenſa. Durou muitas horas o conflicto, no fim dellas cedendo o menor numero á mayor força nos queimaraõ os Holandezes dous navios, levaraõ o que ſervia de Capitanea, e hum pataxo: outro ſe fez à vèla, eſcapou pelejando, e foy dar a nova á Bahia. Os mais varáraõ em terra: Jeronymo Serraõ ficou priſioneiro com muitas feridas, depois de comprar a honra dellas á cuſta de muito ſangue dos Holandezes. Perderaõſe cem homens, os mais ſahiraõ a terra, e ſe ſalvàraõ no mato. O navio que chegou á Bahia, deu noticia a Antonio Telles deſte infelice ſucceſſo, e vendo elle que a diſſimulaçaõ multiplicava o damno, e o diſcredito, determinou buſcar caminho de remediar tamanhos males.

Sem penetrarem o brio da Naçaõ com que contendiaõ, augmentáraõ os do Supremo Conſelho as ordens, para ſe executarem nos moradores de todo aquelle diſtricto mayores crueldades das que atè aquelle tempo haviaõ padecido. Aos de Siranhaem mandáraõ tomar todas as armas que ſe lhe achaſſem: obedecéraõ alguns, porèm os mais as tomáraõ para ſe defenderem, perſua-

didos

didos de Hypolito de Verçosa, e chegando promptamente a ajudallos os Capitães Paulo da Cunha Souto Mayor, e Christovaõ de Barros, occuparaõ a Villa, e sitiaraõ a Fortaleza, que os Holandezes entregaraõ com pouca resistencia, entendendo que naõ podiaõ ser soccorridos, com condiçaõ, que se lhe desse liberdade para poderem recolherse ao Arrecife, o que se lhes permittio. Foy este successo logo que os Mestres de Campo desembarcaraõ: Andre Vidal adiantouse, e foyse encorporar com Joaõ Fernandes Vieira em Santo Antonio, Martim Soares Moreno marchou para o Pontal de Nazareth, e Cabo de Santo Agostinho. Havendo acabado Joaõ Fernandes Vieira, e Andre Vidal a empreza acima referida, lhes chegou, como fica apontado, a nova do successo de Tamandaré. Incitandose todos de arrezoada colera, achou Joaõ Fernandes Vieira occasiaõ propria de dizer a Andre Vidal, que era tempo de acabar de conhecer a cavilaçaõ, e desordenado procedimento dos Holandezes, e que os desconcertos presentes podiaõ testimunhar as maldades passadas, e insinuar as futuras: e que assim obrigado daquelle damno, e deste receyo, de novo protestava dispender os cabedaes, e o sangue na empreza começada. Andre Vidal reconhecendo a certeza desta proposiçaõ, confirmou com grande fervor este juramento, e o mesmo fizeraõ todos os mais que se acharaõ presentes. Nesta concordata os achou hum Embaixador que os do Supremo Conselho mandaraõ a Andre Vidal, estranhandolhe ser o fim com que havia chegado áquella Provincia, por ordem de Antonio Telles, socegar os movimentos della, e experimentarse haveremlhe occasionado mayores escandalos, dando calor ás emprezas mais importantes. Pedialhe juntamente quizesse remeterlhe Henrique Hus, e os tres Officiaes, que estavaõ prisioneiros, que entregariaõ em seu lugar a Jeronymo Serraõ de Paiva, que se achava no Arrecife. Respondeolhe Andre Vidal, que a mayor destreza dos offensores era anticiparemse a mostrarse aggravados: Que deviaõ lembrarse naõ só das mortes, roubos, e injurias tyrãnamente executadas nos lugares Sagrados, e moradores daquella Provincia, senaõ do intento cavilo-

Anno 1645.

Proposta dos Holandezes a André Vidal.

Reposta de André Vidal.

Anno 1645.

ſo com que perſuadiraõ a Antonio Telles mandaſſe aquella Infantaria a Pernambuco, para executarem nos navios ſurtos em Tamandarê a traiçaõ que ja haviaõ conſeguido, com intento de que a falta de embarcaçoens foſſe cauſa de que todos os que como amigos vinhaõ a ajudallos, pereceſſem como inimigos: e que com eſtas experiencias, perſuadido da defenſa natural, proteſtava de procurar a mayor ſatisfaçaõ a taõ repetidos aggravos: e que em caſo que o ſeu Rey caſtigaſſe eſta reſoluçaõ teria a morte por glorioſa, acabando a vida em offenſa de aleivoſos Hereges: que em quanto á reſtituiçaõ dos priſioneiros, naõ podia referirlhes pelos haver remettido á Bahia. Deſpedido o Embaixador, tratou André Vidal, ſem attender a alguma outra conſideraçaõ, de continuar a guerra. Neſte tempo havia chegado ao Pontal de Nazareth Martim Soares Moreno com o ſeu Terço, e achando que os moradores aſſediavaõ ao largo a Fortaleza, que os Holandezes com groſſa guarniçaõ occupavaõ, tendo noticia das injurias que haviaõ padecido, facilmente ſe perſuadio a acompanhallos. Reſtringio mais o ſitio da Fortaleza, que era das melhores que os Holandezes tinhaõ em Pernambuco, e mandou ao Capitaõ Paulo da Cunha, que foſſe dizer a Theodoſio Eſtrate Governador da Fortaleza, que ſe reſolveſſe a entregarſe, pois naõ eſperava ſoccorro, e naõ quizeſſe experimentar os ultimos eſtragos da guerra. Theodoſio Eſtrate (que havia communicado na Bahia a Antonio Telles, indo por Embaixador entre outros que mandaraõ os do Supremo Conſelho de Pernambuco, que era Catholico Romano, e deſejava livrarſe da impiedade da ſua Naçaõ) reſpondeo em publico a Paulo da Cunha com arrogancia militar, que para ſe defender naõ neceſſitava de ſoccorro: porém em ſegredo lhe diſſe, que mendaſſe Martim Soares chamar a André Vidal, e que tanto que elle chegaſſe, voltaſſe Paulo da Cunha com ſegunda embaixada, e que promettia traçar a fórma mais ſegura de entregar a Fortaleza. Deſpedioſe Paulo da Cunha com eſta repoſta, e Martim Soares fez promptamente aviſo a Andrè Vidal. No meſmo inſtante em que lhe chegou, conſiderando a importancia da empreza,

Sitio da Fortaleza do Pontal.

preza, naõ dilatou a jornada. Ficou Joaõ Fernandes Vieira lançando hum tributo em todos os que o ſeguiaõ, que voluntariamente acceitaraõ, reſpeitando generoſamente a utilidade commua. E he notavel prova da fidelidade, e conſtancia Portugueza, ſuſtentarſe eſta guerra os muitos annos que durou, ſem diſpendio algum da fazenda Real. Chegou Andre Vidal a encorporarſe com Martim Soares, e logo fizeraõ aviſo a Theodoſio Eſtrate: porém como naõ repararaõ em que havia de ſer Paulo da Cunha o mediator do ajuſtamento, reſpondeo Theodoſio Eſtrate a quem lhe levou o recado, que negocios de tanta importancia ſenaõ tratavaõ ſenaõ com Officiaes de guerra, que voltaſſe Paulo da Cunha para haver de reſponder á propoſta que ſe lhe fizeſſe. Aſſim ſe executou. Entrou Paulo da Cunha na Fortaleza, propoz publicamente a Theodoſio Eſtrate a difficuldade que tinha para ſe defender, e que aſſim deviaõ acceitar varias conveniencias, que para ſe render ſe lhe apontavaõ. Replicou elle a eſta pratica publica, e buſcando lugar para fallar a Paulo da Cunha em ſegredo, lhe diſſe, que convinha ao ſeu credito ſolicitar os meyos de naõ parecer culpado: que logo atacaſſem os Meſtres de Campo hum Forte ſituado ſobre a barra, que elle havia deſtituido de todo o genero de defenſa: que ganhando o Forte, lhe prohibiſſem tomar agua de huma fonte que corria entre o Forte, e a Fortaleza: e que logo vendoſe ſem agua, e ſem caminho para ſer ſoccorrido, entregaria a Fortaleza ſem diſcredito. Voltou Paulo da Cunha, e referindo eſta diſpoſiçaõ aos Meſtres de Campo, ſe executou ſem dilaçaõ, e ſe conſeguio facilmente. Tornou Paulo da Cunha á Fortaleza acompanhado do Capitaõ Joaõ Gomes de Mello, e do Auditor Franciſco Bravo da Silveira, e todos intimáraõ a Theodoſio Eſtrate, ſe ſe naõ rendeſſe, a ultima ruina. Havia elle reduzido com a deſeſperaçaõ do ſoccorro a alguns Soldados, e Officiaes á ſua opiniaõ, e depois de engenhoſas controverſias, dando refens, entregou a Fortaleza, que guarneciaõ 270 ſoldados. Foy a capitulaçaõ ſahirem livres com a ſua roupa, e pagarſelhes todo o ſoldo que a companhia geral de Holanda

Anno 1645.

Entregaſe a Fortaleza.

Anno 1645.

da lhes devia. Importou este pagamento nove mil cruzados, que Joaõ Fernandes Vieira remeteo logo a Andre Vidal. Os Holandezes rendidos, huns passáraõ a servir neste Reino, outros ficaraõ continuando naquella guerra contra os seus naturaes. No dia que se entregou a Fortaleza, chegou à barra hum barco do Arrecife com soccorro de gente, e mantimentos; e fazendoselhe entender que a Fortaleza naõ estava entregue, ficou rendido. Acharaõse nella dez peças de bronze, muitas armas, e muniçoens, que foraõ de grande utilidade. Andrè Vidal depois de se deter na Fortaleza cinco dias, deixando nella ao Mestre de Campo Martim Soares, voltou para a Varzea a se incorporar com Joaõ Fernandes Vieira, levando comsigo a Theodosio Estrate, e aos Officiaes que quizeraõ ficar servindo naquella guerra. Logo que chegou André Vidal, depois de darem todos a Deos solemnemente as Graças dos felices successos que haviaõ conseguido, se convocon hum Conselho, em que assistiraõ todos os Officiaes, e pessoas particulares de mayor authoridade: e depois de ponderado o estado daquelles negocios, e de se ventilar largamente a fórma em que a guerra se havia de continuar, assentàraõ, que dividindose em varios alojamentos, assediassem o Arrecife, e Cidade Mauricéa, tendo por infallivel, que se conseguissem tirar aos Holandezes as utilidades da campanha, poderiaõ lograr o intento de os lançar fóra de Pernambuco. Deose á execuçaõ esta idea, repartiraõse os postos: e os alojamentos, que ficàraõ mais visinhos, foraõ o de D. Antonio Filippe Camaraõ com os seus Indios, e o de Henrique Dias com os negros que governava, huns, e outros naõ só valerosos, mas destros, e scientes em todos os exercicios militares, effeitos que costuma produzir a capacidade, e industria dos Capitaens. A Henrique Dias servia de fosso o rio Capivaribe, e de atalaya huma torre de humas casas edificadas na margem delle. Assistiaõ na torre continuas sentinellas, e nos portos do rio mangas de mosqueteiros seguras com trincheiras, e estacadas. Os Capitaens que as governavaõ, estavaõ promptos aos avisos das sentinellas da Torre, e com varias sortidas assaltavaõ todos os

Disposições contra o Arrecife.

os que sahiaõ da Cidade. O mesmo exercicio tinhaõ os mais Capitães repartidos pelos alojamentos, que se lhe haviaõ sinalado. Andre Vidal, e Joaõ Fernandes Vieira visitavaõ todos os postos, e animavaõ os soldados ao preciso soffrimento de hum largo assedio. Alguns soldados montados a cavallo governava Paulo Brandaõ Soares, e repartia-os em sentinellas pelo districto da marinha. Chegou a ella huma embarcaçaõ governada por hum Piloto Portuguez, que a fez varar em terra: assaltaraõna os nossos soldados, fizeraõ prisioneiros os Holandezes que a guarneciaõ, e entre elles dous Judeos nascidos, e bautisados em Lisboa, e averiguandoselhes a traiçaõ contra a fé Catholica, e fidelidade Portugueza, foraõ condemnados á morte, e com felice inspiraçaõ reduzidos a confessarem a verdadeira Ley de Christo Senhor Nosso. Andre Vidal, e Joaõ Fernandes Vieira acompanhados de Theodosio Estrate, desejando tirar aos Holandezes todos os meyos de se valerem das commodidades da campanha, escolhendo os melhores soldados atacáraõ o Forte de Santa Cruz, situado entre o Arrecife, e a Villa de Olinda, em huma restinga de arêa, que divide do mar as aguas do rio Beberive. Antes do assalto, se rendeo o Cabo do Forte, obrigado das persuaçoens de Theodosio Estrate, e ficou servindo a ElRey com sessenta soldados. Guarneceo o Forte a Infantaria Portugueza. Acharaõse nelle seis peças de artilharia, quantidade de armas, e muniçoens; e foy depois de grande utilidade para se conseguir esta sinalada empreza. Seguiose a este successo outro naõ menos felice, rendendose a Fortaleza do Porto Calvo ao valor, e industria de Christovaõ Lins Capitaõ mór daquelle districto. Era de pouca idade, mas havia herdado o valor de seus Avôs, nobres Florentins; e determinando seguir o exemplo dos seus naturaes, com poucas armas, e menos disciplina, aconselhado de seu Tio Vasco Marinho Falcaõ, levantou toda a gente que lhe foy possivel, e resolveo sitiar aquella Fortaleza. Foy tanto a tempo esta deliberaçaõ, que achou a Fortaleza quasi exhausta de mantimentos, que os Holandezes que a guarneciaõ aguardavaõ por instantes do Arrecife. Na diligencia de

Anno 1645.

Rendese o forte de Santa Cruz.

Anno 1645.

prohibir que os recebessem, poz Christovaõ Lins a mayor vigilancia, e conseguio o seu cuidado o effeito que desejava: porque tendo aviso das sentinellas que occupavaõ o Porto das Padras, que havia entrado nelle hum barco do Arrecife carregado de mantimentos, e vinha navegando pelo rio Mangoaba, que naquella parte desemboca, marchou a envestillo, e encontrando-o em hum sitio taõ estreito, que assaltallo, entrallo, e rendello tudo se conseguio no mesmo tempo. Degolou os Holandezes, e triunfou dos animos dos soldados da Fortaleza, que livravaõ neste soccorro toda a sua confiança. Vendo o Governador della que com a falta dos mantimentos era impossivel conservarse, tratou de se render: porém mandou pedir a Christovaõ Lins, que lhe permittisse capitular com Capitaõ pago. Naõ duvidou elle de acceitar esta proposta, attendendo com generoso animo mais á utilidade publica, que ao capricho particular, cegueira que em varias occasiões tem prejudicado muito á Naçaõ Portugueza. Fez este aviso a Joaõ Fernandes Vieira, que lhe mandou o Capitaõ Lourenço Carneiro. Deraõse refens, e entregou a Fortaleza o Governador della Chan Florim com 150 soldados que a guarneciaõ, com artilharia, armas, e muniçoens.

Rendese a Fortaleza do Porto Calvo.

Em quanto succedéraõ os casos referidos, naõ estiveraõ ociosos os moradores do rio de S. Francisco, distante 60 leguas do Arrecife. Avisados da primeira resoluçaõ de Joaõ Fernandes Vieira, e de que a tyrannia dos Holandezes se estendia ao seu districto, por haver noticia que tinhaõ passado apertadas ordens, para serem prezas as pessoas mais nobres que habitavaõ aquelles lugares, se resolveraõ a segurar nas acçoens do seu valor a fortuna da sua liberdade. André da Rocha de Antas, e Valentim da Rocha foraõ os primeiros que acendèraõ os animos dos mais, propondolhe o perigo de todos. Uniraõse, e valendose de algumas armas que a sua industria havia encuberto ás diligencias, e rigorosas leys dos Holandezes, foy a primeira acçaõ que manifestou o seu designio, libertarem hum morador que os Holandezes mandáraõ prender por hum Sargento, e dez soldados, que no intento

Levantaõse os do rio de S. Francisco.

tento de defendello perdérão todos as vidas. Chegou esta noticia ao Governador da Fortaleza, que os Holandezes havião fabricado na margem do rio de S. Francisco, guarnecida naquelle tempo com 350 soldados: acodio o Governador promptamente ao desaggravo, lançou fóra da Fortaleza hum Capitão com 60 homens, com ordem que vingasse nas vidas dos moradores que encontrasse, as mortes do Sargento, e Soldados. Igual infelicidade experimentárão os que vinhão por executores do castigo: porque sem escapar algum, forão mortos todos. Huma, e outra resolução mostrou aos Portuguezes impossivel o remedio por meyo de concordia; e receando os soccorros do Arrecife, que sem duvida havião de engrossar o presidio da Fortaleza, recorrérão á Bahia, mostrando a Antonio Telles os aggravos, e tyrannias que havião padecido, pedindolhe que os soccorresse, e protestandolhe o infallivel perigo que os ameaçava. Chegou o aviso á Bahia, e Antonio Telles achando pretexto decoroso para tomar satisfação das insolencias dos Holandezes, na defensa natural, e forçosa, mandou ordem ao Capitão Nicoláo Aranha, que assistia em Rio Real por Cabo de tres Companhias, que marchasse com ellas a defender os moradores do Rio de S. Francisco dos excessos dos Holandezes. Executou elle a ordem com muita diligencia, e depois de vencer varias difficuldades que encontrou no caminho, fazendo-o quasi intratavel a aspereza do Inverno, chegou ao Rio de S. Francisco, e unindo-se com os moradores, que celebrarão a sua chegada com todas as demonstraçoens de alegria, começou a apertar o sitio da Fortaleza, impedindo que entrassem pelo rio alguns barcos que intentárão introduzirse nella; e experimentando todos os successos prosperos, estreitou o recinto de qualidade, que não podião os Holandezes sair fóra das Fortificaçoens sem experimentarem o ultimo perigo. Chegou aviso ao Arrecife do aperto em que estavão os sitiados, e despedirão hum navio, e duas barcaças a soccorrellos. Entrarão as tres embarcaçoens pela boca do Rio de S. Francisco, abundantissimo de aguas, que correm tão velozes, e furiosas, que se estendem quatro le-

Anno 1645.

São soccorridos e sitião a Fortaleza.

Anno 1645.

guas a fazer doces as do mar salgado, ficando em duvida se este effeito he propriedade da agua, se virtude da terra. Nicolào Aranha prevenido, e diligente se oppoz ao navio, e barcos com algumas lanchas que armou, e os Holandezes receando que fossem de fogo voltaraõ as vèlas para o Arrecife, e os sitiados desesperando de outro soccorro, e faltandolhe totalmente os mantimentos, renderaõ a Fortaleza, attribuindo a fé dos moradores este successo a alguns sinaes mysteriosos que authenticaraõ. Sahiraõ os rendidos, e ficàraõ na Fortaleza dez peças de artilharia de bronze, muitas armas, e muniçoens, que pela falta dellas era o despojo mais estimado. Arrazou Nicolào Aranha a Fortaleza, para tirar aos Holandezes a esperança de a recuperarem, e deixando os habitadores daquelle districto em liberdade, e socego, marchou com os seus soldados, e com os paizanos que o quizeraõ seguir, a se encorporar com Joaõ Fernandes Vieira, Andre Vidal, e Martim Soares que continuavaõ o sitio do Arrecife. Dos soldados Holandezes rendidos, que trouxe Nicolào Aranha, dos que vieraõ do Porto Calvo, e de outros que haviaõ sido prisioneiros, formou hum Terço Theodosio Estrate, e elegendo Officiaes da mesma naçaõ, o sustentou algum tempo, e a sua pessoa servio até o fim da guerra sem soldo, e com grande acceitaçaõ. O Terço era pago dos cabedaes dos moradores, contribuindo todos voluntariamente com as fazendas, e com as vidas para o fim pertendido de conseguirem a liberdade, e servirem a ElRey D. Joaõ, amado por fé dos Vassallos que lhe obedeciaõ nas mais remotas partes. Vendo pois os tres Cabos desta facçaõ, que lhes crescia o poder, e o valor dos soldados animados dos bons successos, determinàraõ augmentallos, solicitando novas emprezas. Ajustaraõ interprender o Forte das Cinco pontas, hum tiro de mosquete da Cidade Mauricéa, levantado na barreta, nome que lhe dava o sitio que occupava sobre o mar. Era a empreza de mais reputaçaõ que utilidade, pela difficuldade de conservar o Forte, em caso que se conseguisse, por ficar rodeado de todas as Fortificaçoens do inimigo. Desfez este embaraço hum mulato Portuguez,

Rendese a Fortaleza, e arrazase.

Theodosio Estrate forma hum Terço dos rendidos que pagaõ os moradores.

Anno 1645.

guez, que fugio para o Arrecife, depois de estarem os soldados prevenidos para o assalto. Guarneceraõ os Holandezes o Forte, e os nossos Cabos aconselhados da prudencia de Theodosio Estrate, se retiraraõ para os alojamentos, de que ja haviaõ sahido. O mesmo Theodosio Estrate, que desfez esta empreza, aconselhou outra mais util, que desvaneceo a desordem, e ambiçaõ, depois de a conseguir o valor. Foy de parecer que se interprendesse a Ilha de Itamaracá, unico provimento dos Holandezes, assim de bastimentos, como de agua. Approvaraõ todos esta opiniaõ, e depois de segurarem os alojamentos, de que ficou por Cabo Henrique Dias, escolhendo 800 homens, marcharaõ a executar a empreza premeditada. Chegaraõ a Iguaraçu, e acharaõ prevenidas todas as lanchas, e canoas necessarias para passarem a Itamaracá. Embarcaraõse, e encontraraõ no meyo do rio hum patacho Holandez com quatro peças de artilharia, e numerosa guarniçaõ, porque os Holandezes do Arrecife avisados de huma espia, mandaraõ com grande diligencia soccorrer a Itamaracà, pelo muito que lhes importava a conservaçaõ daquelle posto. Investiraõ as lanchas o patacho, que resistindo o primeiro assalto, foy entrado no segundo, e mortos todos os que o guarneciaõ. O tempo que durou o combate, tiveraõ os de Itamaracá para se prevenirem: mas naõ embaraçando esta difficuldade a resoluçaõ dos nossos Cabos, tiraraõ as quatro peças do patacho, puzeraõlhe o fogo, e continuaraõ a viagem. Chegaraõ a Itamaracá, saltaraõ em terra, e correndo impetuosamente á povoaçaõ, ganharaõ a trincheira, e investiraõ o Forte com tanto ardor, que montáraõ hum baluarte. Pediraõ os Holandezes quartel, cessou o combate, e os soldados entendendo que naõ necessitavaõ de mayor segurança, largaraõ a empreza, e corréraõ a saquear as casas da povoaçaõ. Vendo os Holandezes esta desordem, e incitados dos Brasilianos que receavaõ o castigo da sua traiçaõ, sahiraõ todos de improviso, e foy a sortida taõ furiosa, que difficultosamente lhe resistíraõ os Cabos, e Officiaes, e alguns soldados que se abstiveraõ da ambiçaõ do despojo. Estes, e os mais que vieraõ

Intentão tomar Itamaracá, e ganhão hũ pataxo.

Anno 1645.

Retirãose da empreza os nossos com perda, e desordem.

acodindo, obrigáraõ aos Holandezes a se recolherem ao Forte; e chegando aviso que do Arrecife se havia despedido segundo soccorro aos de Itamaracá, recolheraõ os feridos, e deixando oitenta mortos se retiraraõ com diligencia. Durou sete horas o conflicto, ficou ferido D. Antonio Filippe Camaraõ, Ascenso da Silva, e o Capitaõ Diogo de Barros, que morreo das feridas. Theodosio Estrate castigou severamente a desordem dos soldados Holandezes: com os Portuguezes se dissimulou; porque na guerra voluntaria em que naõ ha assistencia, nem dispendio dos Principes, devem ser menos rigorosos os preceitos militares. Tornaraõ os nossos Cabos no alojamento a occupar os seus postos, e julgando que era conveniente terem para qualquer successo algum receptaculo, levantaraõ hum Forte em huma eminencia, que dominava a Varzea, huma legua distante do Arrecife. Com grande brevidade deraõ fim à obra, que desenhou Theodosio Estrate: plantaraõlhe oito peças de artilharia das que haviaõ ganhado aos Holandezes, guarneceraõno, e com esta prevençaõ para qualquer infortunio infundiraõ novo alento nos soldados, que com tantas difficuldades continuaraõ esta empreza. Os Holandezes achandose com menos poder do que lhes era necessario para attacarem os nossos alojamentos, buscavaõ todos os caminhos de desbaratar a uniaõ dos sitiadores. O intento que julgaraõ mais util foy espalhar alguns escritos, em que prometiaõ perdaõ, e ventagens aos Holandezes que serviaõ no Terço de Theodosio Estrate, se lavassem as manchas das culpas passadas com alguma acçaõ em beneficio dos Estados de Holanda. Alguns prevaricáraõ, e começáraõ occultamente a fulminar emprezas com os do Arrecife em damno dos nossos soldados. Continuavaõ elles o sitio, estreitando, quanto lhes era possivel, as cõmodidades que os sitiados pertendiaõ tirar da campanha.

Attacão os Holandezes o alojamento de Hẽrique Dias, e se retirão com perda.

Os Holandezes quizeraõ ver se podiaõ arruinar por partes o poder dos sitiadores, e attacáraõ huma noite o alojamento de Henrique Dias: porém os negros que estavaõ vigilantes naõ só se defenderaõ, mas usando de prudente destreza, passáraõ alguns a aguardar os Holandezes na

reti-

retirada junto das portas do Arrecife, e conseguirão recolheremse poucos dos que sahirão á sortida. Acabada esta occasião, houve noticia que os sitiados com a falta de agua que padecião, a tiravão de noite do rio Beberive pela estrada da Carreira dos Mazombos. Armárão a esta saida os Capitaens Francisco Ramos, João Barbosa, e Manoel Soares Barbosa; e emboscandose por veredas occultas, attacárão os soldados que comboyavão os que levavão a agua, e depois de larga resistencia, os derrotárão, trazendo muitos prisioneiros, em que entravão negros que servião de premio aos Officiaes, e Soldados. Igual successo teve o Capitão Paulo da Cunha com os que sahião a fazer lenha, e com mayor damno derrotou dous Corpos de Infantaria. As diligencias dos Holandezes sitiados com os que servião no Terço de Theodosio Estrate, forão de tanta utilidade, que ganhárão os animos de alguns Officiaes, a que seguião 300 soldados, e todos havião dado palavra aos do Supremo Conselho, que fazendose da Praça huma sortida em dia sinalado, tanto que os nossos soldados começassem a pelejar, voltarião contra elles os Holandezes do Terço de Theodosio Estrate, julgando, que deste não esperado accidente poderia succeder a total ruina dos sitiadores. Não tinhão os nossos Cabos noticia alguma deste contrato; porém como erão prudentes, e advertidos, trazião continua vigilancia nesta gente, e ajudava-os com incorrupta fidelidade o seu Mestre de Campo. Augmentavase cada dia a desconfiança, reconhecendose o pouco vigor com que os Holandezes pelejavão nas occasioens que se offerecião. Trazião elles cintas brancas nos chapeos, que parecendo aos nossos soldados gala, era para os sitiados diviza, querendo escusarlhes o perigo das balas, e veyo a succeder deste concerto, que os que erravão o alvo acertavão a pontaria. Os nossos soldados mais por immitação, que por industria, tomárão aquella moda, e puzerão nos chapeos, as mesmas divizas, novidade que confundio muito os Holandezes da Praça: mas avisados de que era accidente, e não industria, continuárão o primeiro intento. Sahirão a nove de Novembro do Arrecife com 300 Holandezes, e quan-

Anno 1645.

Traição dos Holandezes.

Anno 1645.

Attacão os nossos quarteis.

quantidade de Indios, e pela parte da Fortaleza dos Affogados, se vieraõ emboscar á sombra das casas de hum Engenho. Sentio Henrique Dias o rumor da Infantaria, e dissimulando sem tocar arma, entendendo que era menos gente, se emboscou com os seus soldados aguardando aos Holandezes na volta que haviaõ de fazer á Praça: porém com diligencia avisou aos Governadores da parte a que caminhava o rumor dos inimigos, e do intento com que deixàra de tocar arma. Ao romper da manhaã mandou o Capitaõ Pedro Cavalcante, a quem tocava a guarda, bater as estradas: cortou o inimigo a partida, mas escapando hum soldado que tocou arma: acodiraõ ao rebate os Capitaens Pedro Cavalcante, e Joaõ Lopes Villafranca, que detiveraõ o primeiro impulso do inimigo. Socorreu-os o Capitaõ Paulo da Cunha, e todos sustentáraõ o posto atè chegarem os Governadores, a que seguiaõ dous mil Portuguezes, os 300 Holandezes ganhados pelos sitiados, e outros soldados Francezes, e Inglezes. Determinaraõ os Holandezes lograr nesta occasiaõ o concerto ajustado: porém Theodosio Estrate, havendo tido algumas inferencias que lhe parecéraõ dignas de cautela, lhes deu com permissaõ dos Governadores a vanguarda hum pouco avançados do mayor Corpo, e reservaraõ-se algumas mangas de mosqueteiros em opposiçaõ de qualquer designio que os Holandezes tivessem em nosso prejuizo. Os sitiados vendo que naõ sortia algum effeito da sua determinaçaõ, por naõ fazerem movimento os soldados de Theodosio Estrate, se arrependeraõ do empenho em que haviaõ entrado: porèm querendo vender caras as vidas, começaraõ a fazer valerosa resistencia. Foraõ soccorridos das guarniçoens dos Fortes visinhos, que tiveraõ cortado ao Capitaõ Paulo da Cunha: acodio-lhe o Sargento mór Antonio Dias Cardoso, e chegando gente de todas as partes, apertáraõ de forte com os Holandezes, que rotos os obrigaraõ a se retirarem ao amparo da Fortaleza dos Affogados. Seguindo-os a nossa gente sem fazer caso do damno que recebiaõ da artilharia da Fortaleza, mandou Andre Vidal tocar a retirar para escusar este perigo. Os Holandezes logo que se viraõ desembaraçados,

Retiràose com perda os Holandezes.

embaraçados, marcharaõ para o Arrecife. Porèm fugindo de hum perigo cahiraõ em outro mayor: porque Henrique Dias, que aguardava esta occasiaõ, sahio da embolcada, e com repetidas cargas multiplicou de sorte o damno ao inimigo, que os mortos, e feridos passaraõ de 300, naõ perdendo Henrique Dias mais que seis soldados, e recolhendo trinta feridos. Os Officiaes Holandezes do Terço de Theodosio Estrate, vendo que cresciaõ as suspeitas do seu designio, determinarão dous Capitães livrar as vidas do perigo que as ameaçava. Receberaõ o pagamento, que pontualmente se lhes fazia todos os mezes, e dizendo aos Governadores determinavaõ mostrar o seu agradecimento em huma notavel facçaõ que haviaõ premeditado, alcançaraõ licença para a executarem, e aguardando que baixasse a maré, subiraõ os dous Capitães com 130 soldados, que emboscaraõ junto do rio Beberibe, em hum sitio chamado o Buraco de Santiago, dizendo que infallivelmente haviaõ de cortar a gente que da Praça vinha tomar agua do rio áquella parte, por naõ terem outra por onde passar. Porèm logo que se viraõ seguros dos nossos alojamentos, marcharaõ para o Arrecife, tocando as caixas, e foraõ recebidos com grande alegria dos sitiados. Este successo deu grande cuidado aos Governadores, mas resolvendo sahirem por huma vez do perigo taõ manifesto, chamaraõ Theodosio Estrate, e havendo elle justificado a sua innocencia, se deu ordem para que toda a Infantaria Portugueza pegasse nas armas, e depois de examinados os quarteis dos Holandezes, em que se acharaõ evidentes sinaes da communicaçaõ que tinhaõ com os sitiados, desarmaraõ a todos os que haviaõ ficado, e os remetteraõ á Bahia em differentes Tropas, ficando unicamente servindo Theodosio Estrate, e o seu Sargento mór Francisco de Latour Francez. Os que passaraõ ao Arrecife, padeceraõ no principio grande embaraço, originado de huma industria da nossa parte: porque mandandose lançar hum escrito á porta da Fortaleza dos Affogados, em que se advertia aos do Conselho, que se naõ fiassem dos que haviaõ fugido, porque hiaõ só a persuadir aos do Arrecife a que desamparassem a Praça; ainda que

Anno 1645.

Descobrese a conjuração dos Holandezes, e se remettem á Bahia.

Industria dos nossos.

Anno 1645.

que a eſte eſcrito ſe naõ deu credito, fez prevenir aos do Conſelho, mandando eſpiar as acçoens, e praticas dos que ſe haviaõ paſſado áquella Praça. E conſtandolhe que dous ſoldados tinhaõ encarecido o bom tratamento que todos os Holandezes receberaõ entre os Portuguezes, os mandaraõ prender, e enforcar logo. Prenderaõ tambem os dous Capitães, e eſtando arriſcados a igual caſtigo, chegou noticia da expulſaõ dos Holandezes do Exercito, que acreditou os Capitães com os ſeus naturaes. Foraõ ſoltos, e os do Conſelho mandaraõ ſuſpender as ſortidas, e acabaraõ de juſtificar com eſta nova ordem, que as ſahidas antecedentes eraõ ſò na confiança de ſe rebellarem os que ſerviaõ no Terço de Theodoſio Eſtrate. Deſembaraçada das ſahidas dos Holandezes, continuava a noſſa gente o ſitio com menos trabalho, creſcendo cada dia o zelo, e a reſoluçaõ, aſſim dos tres Cabos, como dos Officiaes, e Soldados. Padeciaſe grande falta de muniçoens, a que accodio Antonio Telles da Silva com huma caravella que as conduzia, e chegou a ſalvamento ao Porto da Barra grande. A' competencia andavaõ todos os valeroſos moradores de Pernambuco eſtudando acçoens memoraveis. Arrojaraõſe dous a darem fogo a dous grandes navios, que ſurgiaõ no Porto do Arrecife. Naõ differio a execuçaõ do intento. Prevenîraõ artificios, entráraõ em huma jangada no rio Beberive de noite, ſaltaraõ em terra, tomaraõ a jangada aos hombros, paſſaraõ huma reſtinga de arêa, chegaraõ ao mar, e lançaraõna nelle junto do Arreciſe, arrimaraõſe aos navios, attearaõlhe o fogo, que levavaõ prevenido, ardeo hum, e por falta de vento ſenaõ communicou aos mais que eſtavaõ no porto. Acodiraõ os Holandezes do Arrecife, valeraõſe os dous valeroſos mancebos da confuſaõ dos barcos, tornáraõ a ſaltar em terra, e a tomar a ſua jangada ás coſtas, em que paſſaraõ ſegunda vez o rio Beberive: porém Joaõ Tavares de Muribeca, que era o que havia dado fogo a hum navio, naõ logrou a acçaõ ſem deſconto, porque huma ſentinella noſſa, ſentindo o rumor da jangada, tocou arma, e lhe acertou com huma bala em huma perna. Sarou da ferida, por merecer a em-

Acçaõ valeroſa de dous Portuguezes

preza

preza que havia executado vida mais dilatada. Ao trabalho continuo dos sitiadores succederaõ doenças contagiosas, de que muitos morrèraõ. Acodia a todos com grande fervor, e dispendio Joaõ Fernandes Vieira. Cessáraõ as doenças, e receando os Governadores os soccorros, que por horas os do Arrecife aguardavaõ de Holanda, despediraõ duas caravelas a Lisboa com aviso a ElRey do aperto em que ficavaõ, e trataraõ de reparar as Fortelezas de Nazareth do Pontal, e a da boca da Barra, e levantáraõ hum reducto no Porto de Tamanderè, para que servisse de defensa às embarcaçoens que viessem de Lisboa, e da Bahia. Quando era mayor o fervor de se accrescentar em todas as partes o trabalho, chegou ordem da Bahia para que os moradores de Pernambuco mandassem dar fogo a todos os seus canaviaes, entendendose que com esta execuçaõ se tiravaõ de todo as esperanças da utilidade desta guerra aos da Companhia de Holanda, e ficariaõ os moradores mais desembaraçados para a continuarem. Naõ approvou Joaõ Fernandes Vieira esta opiniaõ, entendendo que mal poderia durar aquella empreza, se faltassem aos moradores cabedaes para a sustentarem, naõ concorrendo ElRey como se experimentava com outros alguns. Porêm por se naõ discursar que o affeiçoava a esta parecer, ser elle o mais prejudicado, mandou dar fogo aos seus canaviaes, em que teve perda consideravel, e com este exemplo replicou com mais confiança a Antonio Telles, que louvando à sua generosidade como merecia, se accomodou com o seu voto, como era razaõ, e ficáraõ os moradores de Pernambuco livres do damno que os ameaçava, e com mais animo para continuarem o grande intento que haviaõ começado.

Anno 1645.

Queima João Fernandes Vieira os seus canaviaes com louvavel exemplo.

Dom Gastaõ Coutinho succedeo no Governo de Tangere ao Alcaide mór Andre Dias da Franca, que deixámos continuando esta occupaçaõ. Os bons successos que D. Gastaõ conseguio na guerra de Entre Douro e Minho, o habilitaraõ para este, e mayores empregos. Chegou a Tangere no mez de Abril deste anno que continuamos, e como levava gente, dinheiro, muniçoens, e manti-

Successos de Tangere que governa D. Gastaõ Coutinho.

Anno 1645.

e mantimentos, e lograva merecida opiniaõ de valeroſo, foy recebido com grande applauſo. A noite que deſembarcou, tomou logo noticia do poder dos Mouros, e querendo valerſe do ſeu deſcuido, determinou o dia ſeguinte alargar o campo, e em caſo que os Atalhadores examinaſſem que eſtava ſeguro, intentava paſſar adiante, e buſcar occaſiaõ de fazer felice o principio do ſeu governo. Sahiraõ os Atalhadores de noite, que he o coſtumado exercicio dos que tem eſte nome, e deraõ o campo por ſeguro. Amanheceo, montou D. Gaſtaõ com o Adail, e os Cavalleiros, que naõ paſſavaõ de 150. Avançáraõſe os batedores, a que chamaõ Atalayas, dandolhe calor huma partida, de que era Cabo Lopo Fernandes Lopes. Aos que tem eſta occupaçaõ, ſe dava nome naquella guerra de Cabos das Coſtas. Começando os Atalayas a deſcobrir o campo, ſahiraõ os Mouros da Calçadinha, pouco diſtante da Praça: carregaraõ elles os Atalayas, ſoccorreo-os Lopo Fernandes, e ſuſtentou com muito valor o impeto dos Mouros até chegar o Adail, a que ſeguia o General com todos os Cavalleiros Voltou Lopo Fernandes, e voltaraõ os Mouros as coſtas: o primeiro que Lopo Fernandes encontrou, foy o Almocadem Abraêm Moçobâ, de quem havia ſido eſcravo, e que tinha adiantado de ſorte a ſua opiniaõ com o ſeu valor, que era o ſeu nome o mais conhecido, e o mais receado daquelle tempo. Inveſtio com elle Lopo Fernandes ſem recear huma eſpingarda que o Mouro lhe tinha apontado, em que era deſtriſſimo, paſſoulhe o peito com a lança que levava na maõ, cahio o Mouro: perguntoulhe ſe era Moçabâ, com tençaõ de lhe dar a vida pelo haver tratado bem no cativeiro, reſpondeolhe que naõ, acabou de matallo, e com a morte do ſeu Cabo, perderaõ o animo os Mouros que eraõ muitos. Seguio os D. Gaſtaõ matoulhe 29, de que tocaraõ cinco a Lopo Fernandes: ficaraõ quatro Cavalleiros feridos. D. Gaſtaõ vendo o tempo opportuno, entrou algumas leguas pela terra dentro, fez huma groſſa preza, e para a deſigualdade com que naquella parte ſe pelejava ſe retirou com grande gloria. Porém foy eſta a primeira vez em que

Morte de Moçobâ.

Desbarata D. Gaſtaõ os Mouros, e faz huma preza.

á

á gloria de vencer prejudicou o despojo: porque padecendo naquelle tempo os Mouros o contagio da peste, os vestidos dos mortos, de que se valeraõ os vivos, começaraõ a ateálla em Tangere com taõ lastimoso estrago, que em seis mezes que durou, passaraõ os mortos de 1700, que he grande numero para povo taõ pequeno. Acodio D. Gastaõ com grande cuidado á prevençaõ deste damno, e soccorreo ElRey aquella Praça com muita diligencia, assim de gente como de remedios, e mantimentos, com que esta adversidade se suspendeo totalmente. Mazagaõ governava Ruy de Moura Telles, como havemos referido, e pelo aperto a que o reduzio o Alcaide de Azamor, naõ houve naquella Praça succeffo digno de memoria.

Anno 1645.

Ateàse a peste do despojo.

D. Filippe Mascarenhas preparouse para sair de Ceilaõ, como acima referimos, com a noticia de suceder no Governo da India ao Conde de Aveiras. Sahio da Bahia de Columbo nos primeiros de Janeiro deste anno que continuamos, buscando o Cabo de Comorim: achou o vento taõ contrario, e a corrente das aguas taõ furiosa, que faltando aos navios da Armada a força, e aos Pilotos, e Marinheiros a industria, com miseravel estrago deu á costa na Ilha de Calapetim, e Manarâ. Salvouse a gente, e D. Filippe partio para Jafanapataõ, e aguardou outra Armada que veyo de Goa a conduzillo áquella Cidade. Entrou nella no mez de Dezembro, foy recebido com muito applauso, e antre elle, e o Conde de Aveiras houve boa correspondencia até o Conde se embarcar para este Reino: successo poucas vezes experimentado naquella parte em semelhantes occasioens. O pouco que havia que escrever neste anno, referimos no antecedente por tocar ao Conde Aveiras, e pouca materia nos daráõ á historia os successos da India os annos que durou a Tregoa com os Holandezes. De Lisboa partíraõ este anno para a India seis embarcaçoens, o galeaõ Santo Antonio da Esperança, de que era Capitaõ Joaõ da Costa, a fragata N. Senhora dos Remedios governada pelo Capitaõ Manoel Luiz Appolinario, Santa Catherina, N. Senhora dos Remedios, N. Senhora da Estrella, e N. Senhora

Successos da India.

Chega a Goa o Viso Rey D. Filippe Mascarenhas.

Anno 1645.

ra de Guadalupe com Meſtres Capitães; e da India chegou o galeaõ S. Lourenço, por Capitaõ delle Joſeph Pinto Pereira. Os ſeis navios chegáraõ a Goa a ſalvamento, que foy grande remedio do aperto em que ſe achava aquelle Eſtado.

No fim deſte anno chamou ElRey a Cortes, e como o que reſultou dellas ſe ajuſtou no anno ſeguinte, por naõ interromper a ordem da hiſtoria, referiremos em ſeu lugar eſta noticia.

HISTO

HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO

LIVRO IX.

SUMMARIO

OVERNA a Provincia de Alentejo Joanne Mendes de Vasconcellos. Dispoem a sua defensa. Successos do seu governo. Elegese o Conde de Alegrete Governador das Armas. Ganha a Codiceira. Juntase o Exercito, attaca o Forte de Telena, e rende-o. Intenta retirase: attaca o inimigo o nosso Exercito na passagem do Guadiana: passa o rio com alguma perda. Intenta o Conde de Alegrete outros progressos, naõ se executaõ pela desuniaõ dos Cabos do Exercito. Manda

da a interprender Valença por D Rodrigo de Castro: abre brechas: assalta-a, e retirase. Divide o Conde de Alegrete o Exercito: passa a Lisboa, e acaba a vida. Successos do Minho, e Tras os Montes. Entra a governar esta Provincia segunda vez Rodrigo de Figueiredo. Governa a Beira o Conde de Serem. Interprendem os Castelhanos Almeida: retiraõse com perda. Sitiaõ Salvaterra com o mesmo successo. Passa D. Joaõ de Menezes a França com huma esquadra: ajuda a ganhar aos Francezes Porto Longon. Noticia das diligencias dos Embaixadores. Chama ElRey a Cortes dase melhor fórma ás contribuiçoens. Continuase a guerra de Pernambuco com grandes progressos. Accode Joaõ Fernandes Vieira com os seus cabedaes ás faltas do Exercito. Conjuraõse contra elle: ferem-no, e perdoa generosamente aos culpados. Chega ao Arrecife grande soccorro de Holanda, governado por Segismundo. Successos das Praças de Affrica, e noticia do Estado da India.

Anno 1646.

Successos de Alentejo.

O CONDE de Castello-Melhor, que governava as Armas na Provincia de Alentejo, logo que entrou o anno de 1646 começou a tratar com grande cuidado das fortificaçoens das Praças mais importantes, preferindo no trabalho a de Olivença, por insinuar a ruina da Ponte, effeito da campanha antecedente, que o empenho da futura seria attacar Olivença. Esta idea advertio juntamente a fortificaçaõ de Geromenha, posto de muito grande importancia, por dependerem da sua conservaçaõ muitos lugares de huma, e outra parte do Guadiana. Neste Exercicio, e na reconduçaõ dos Terços, e remontas da Cavallaria se empregou o Conde de Castello-Melhor até os ultimos de Fevereiro, tempo em que passou a Lisboa com licença delRey, que solicitou provocado de varios accidentes que o molestavaõ: porque além de sentir muito passar áquel-

áquella Provincia com ordem delRey o Doutor Jorge da Silva Mascarenhas a devassar do procedimento de todos os Cabos, e Officiaes do Exercito, naõ podia tolerar a sinceridade do seu animo a destreza de seus inimigos, supponde por verosimeis circunstancias que era o Mestre de Campo General Joanne Mendes de Vasconcellos Cabo desta parcialidade; e que naõ sò com a authoridade do Posto, senaõ com a sutileza do engenho havia grangeado grande sequito, e sabia facilmente persuadir as suas opinioens. Em ausencia do Conde de Castello-Melhor, que naõ voltou ao Governo das Armas da Provincia de Alentejo, ficou Joanne Mendes governando, e como cifrava todo o seu cuidado em dar a entender que na sua sciencia militar consistia a conservaçaõ do Reino, mysteriosamente distribuia novas ordens, e disposiçoens no Exercito, que como vozes de Oraculo eraõ veneradas, e applaudidas, assim por serem bem ponderadas, como pelo muito que naquelle tempo se carecia de inteira noticia dos preceitos militares. Joanne Mendes, logo que começou a governar, deu conta a ElRey da grande diminuiçaõ a que estava reduzido aquelle Exercito, e quanto convinha naõ se perder tempo nas prevençoens para augmentar os Terços, e Tropas. Resultou desta diligencia mandar ElRey ao Conde de Cantanhede levantar na Provincia da Beira 1500 Infantes, ao Conde Camareiro mór na de Entre Douro e Minho 1500 em Alentejo 1000 ao Porteiro mór Luiz de Mello, na Comarca da Estremadura a Thomé de Sousa 600, e no Reino do Algarve 400 ao Conde de Val de Reys, e leváraõ todos as listas dos soldados ausentes para os reconduzirem, e Officiaes dos Terços de Alentejo para que ajudassem, e conduzissem novas levas. A este mesmo passo se adiantáraõ outras prevençoens, mandando ElRey prohibir a Joanne Mendes conceder licença aos Officiaes, e Soldados para sairem daquella Provincia. E ordenoulhe, por satisfazer algumas proposiçoens dos Procuradores das Cortes, que no anno antecedente se haviaõ principiado em Lisboa, como havemos referido, que desse a huns artilharia para os seus lugares, a outros mais nume-

Anno 1646.

Governa Joanne Médes a Provincia.

Levas que se fazem no Reino.

Anno 1646.

rosa guarniçaõ de gente paga: porque ainda que conheciaõ que procuravaõ a sua incommodidade, antepunhaõ a defensa do Reino a qualquer molestia. E ElRey conhecendo este zelo, caminhava pela fineza de seus Vassallos com acertada politica, dispensandolhes como mercê o mesmo que como serviço podera comprarlhes, se os Portuguezes se valèraõ de exemplos dos subditos de outros Principes, que difficilmente se deixaõ reduzir a aceitarem guarniçoens, e alojamentos. Mas viveraõ sempre taõ ajustados com a ley da razaõ, que nem entre os soldados, e paizanos succedeo differença consideravel, nem os soldados por falta de pagamentos souberaõ o nome a motins, o mais prejudicial contagio dos Exercitos. O rigor do Inverno havia divertido as entradas das Partidas, e Tropas de huma, e outra parte, continuo exercicio da Provincia de Alentejo, e deixando no mez de Março tratarse a campanha, e vadearemse os rios, veyo o inimigo armar às Tropas da Ronda, que costumavaõ todos os dias sair da Praça de Elvas. A Cavallaria que se alojava em Badajoz, se uniraõ algumas Companhias dos quarteis visinhos, e juntos mil Cavallos se emboscáraõ no rio Caya na parte em que entra no Guadiana. Foy sentido o rumor das Tropas das vigias que de noite ficavaõ sobre os portos dos rios; vieraõ com diligencia dar parte a Joanne Mendes. Logo que amanheceo, mandou sair o Commissario Geral da Cavallaria D. Joaõ de Attaide com 400 Cavallos que assistiaõ em Elvas. Marchou elle, e empenhouse com taõ pouca cautela, que chegando á Attalaya da Terrinha, deu tempo ao inimigo a sair da emboscada, e a se avançar de sorte, que quando D. Joaõ se quiz retirar, foy preciso ser com tanta pressa, que se lhe deu nome menos decoroso. Misturáraõse os primeiros soldados Castelhanos com os ultimos de D. Joaõ, fizeraõ 40 prisioneiros, feriraõ sete; os mais valendose da boa diligencia, se salvaraõ em Elvas. Sentio Joanne Mendes tanto a pouca prudencia de D. Joaõ de Attaide; como o receyo dos soldados, e pedindo remedio a ElRey para attalhar este damno, resolveu ElRey que se passasse patente de Governador da Cavallaria a D. Rodrigo de Castro.

Recontro da Atalaya da Terrinha.

Governa a Cavallaria D. Rodrigo de Castro.

tro.

tro, com o mesmo soldo de oitenta mil reis cada mez que levava o Monteiro mór General della, que se havia desobrigado daquelle Posto a respeito da sua muita idade: e foy juntamente provido no Posto de Tenente General da Cavallaria D. Joaõ Mascarenhas, hoje Conde do Sabugal, que tinha chegado de Castella por França, e servido em Flandes de Capitaõ de Cavallos á ordem de D. Filippe da Silva General da Cavallaria daquelles Paizes, irmaõ segundo do Marquez de Gouvea; aprendendo naõ só na Campanha, mas na familiaridade da sua casa os melhores preceitos da sua doutrina militar, avaliados naquelle tempo no manejo da Cavallaria pelos mais infalliveis. No mesmo tempo nomeou ElRey por Capitaõ General da Artilharia de Alentejo ao Mestre de Campo André de Albuquerque, que governava Campo Mayor, por estar vago este Posto, pelo haver deixado D. Joaõ da Costa no anno de 1644 homiziandose, a respeito de huma pendencia que teve em Elvas com o Conde Camareiro mór, por huma leve desconfiança, de que o Conde sahio com huma grande ferida recebida, e dada com igual valor. A eleiçaõ de André de Albuquerque, ainda que foy muito acertada, por ser digno o seu procedimento de grandes occupaçoens, occasionou arrezoada queixa nos Mestres de Campo Luiz da Silva, Joaõ de Saldanha, e D. Sancho Manoel por serem mais antigos. Fez ElRey toda a diligencia pelos socegar: porém Joaõ de Saldanha veyo por esta causa a largar o Posto, e os dous naõ se deraõ por satisfeitos sem mayores occupaçoens, a que passaraõ dentro de pouco tempo.

Anno 1646.

D. Joaõ Mascarenhas Tenente General.

Andre de Albuquerque General da Artilharia.

Os Castelhanos depois do successo de Elvas, determináraõ queimar as barcas de Geromenha, querendo impedir facilitarem a communicaçaõ de Olivença. Naõ chegaraõ a conseguillo, pelas defenderem os soldados, e moradores daquella Praça. Tiveraõ melhor successo em hum comboy que tomáraõ antes de chegar a Olivença, levando 25 Cavallos que o seguravaõ. No mesmo tempo havia entrado toda a sua Cavallaria, e fazendo alto, junto da Serra do Bispo, duas leguas de Elvas, para a parte de Estremoz, com a mayor parte das Tropas,

Entrada, e preza dos Castelhanos.

Anno 1646.

pas, dividindo as outras pelos termos de Monforte, Veiros, e Fronteira, destruhiraõ aquella campanha, e recolheraõse com todo o gado, e roupa dos lavradores. Joanne Mendes achandose em Elvas inferior no poder sahio com a guarniçaõ da Praça a testimunhar o damno que os lavradores ficavaõ padecendo. Os Castelhanos depois de se recolherem a Badajoz, constandolhe por verdadeiras noticias a debilidade das nossas Tropas, desejavaõ valerse da occasiaõ, e a este fim se prevenîraõ. Constou a Joanne Mendes que fabricavaõ este intento, deu conta a ElRey, e pediolhe que se naõ dilatassem os soccorros daquella Provincia. ElRey desejou mandar segunda vez a governar as Armas de Alentejo a Martim Affonso de Mello, que se achava em Lisboa com pouco desejo de voltar ao Governo do Algarve. Dispozse Martim Affonso a obedecerlhe, e por este respeito nomeou ElRey por Governador do Algarve segunda vez ao Conde de Obidos, sem fazer caso de dar motivo com esta variedade, a que o mundo lhe condenasse ou a primeira, ou a segunda troca que fez destes dous sujeitos nestes mesmos postos: porque os Principes como pertendem ser arbitros da fortuna dos homens, aprendem da familiaridade com que a trataõ, a liberdade do seu poder. O Conde de Obidos passou ao Algarve, e Martim Affonso naõ governou este anno as Armas em Alentejo, porque ElRey lhe negou varias conveniencias que pedia em satisfaçaõ desta jornada. E temendo ElRey o damno que podia receber a Provincia de Alentejo, mandou applicar com grande calor as levas de Infantaria, e Cavallaria, e ordenou a Joanne Mendes que a todo o risco defendesse os lugares abertos, receando que os paizanos vendose taõ repetidamente mal tratados, tomassem alguma resoluçaõ difficil de remediar depois de declarada. Porém os Castelhanos naõ só se abstiveraõ do damno que ameaçavaõ, mas constou por huma carta do Baraõ de Milinguen, escrita a ElRey de Castella, que a diminuiçaõ das Tropas daquella Provincia era de qualidade que se achava com grande receyo das nossas prevençoens. E como era igual o temor de huma, e outra parte, naõ foraõ os progressos

Torna o Conde de Obidos ao Governo do Algarve.

gressos consideraveis. Só as Tropas da guarnição de Campo Mayor padeceraõ naquelles dias o damno de perderem 60 Cavallos, que lhe tomou o Baraõ de Molinguen, saindo ellas a hum rebate com pouca cautella. ElRey desejava muito adiantar aquelle anno os progressos das suas Armas, assim por satisfazer ás instancias de França, que vivamente apertavaõ por huma diversaõ de tanta importancia, que necessariamente debilitasse o poder de Catalunha, como por adiantar as pretençoens de Munster que padeciaõ pouca reputaçaõ. A este respeito elegeo por Governador das Armas da Provincia de Alentejo ao Conde de Alegrete, de quem justamente fiava os mayores acertos: aceitou elle a occupaçaõ, ainda que lhe dava grande cuidado ter por Mestre de Campo General a Joanne Mendes de Vasconcellos, descubertamente contrario aos seus designios, e opposto aos seus interesses. Joanne Mendes, antes que o Conde chegasse, ajuntou tres mil Infantes, e 800 Cavallos, e passou a Arronches com tençaõ de arrazar o Castello da Codiceira, que Martim Affonso de Melllo por falta de instrumentos naõ havia ganhado, quando foy áquelle lugar. De Arronches mandou Joanne Mendes adiantar ao General da Artilharia Andre de Albuquerque com mil Infantes, e 300 Cavallos. Chegou elle ao Castello, deu ordem que se arrimasse hum petardo á porta; naõ quizeraõ os Castelhanos aguardar o effeito delle, renderaõse dous Capitães de Infantaria com cem Infantes que o guarneciaõ. Joanne Mendes depois de rendido o Castello, chegou a elle, e parecendo a todos os Officiaes que chamou a Conselho, que naõ convinha presidiallo, por naõ espalhar tanto as guarniçoens, nem o sitio ser de grande importancia para a defensa dos lugares abertos daquelle districto pela visinhança de Arronches, e Portalegre que os cobriaõ, mandou minallo, e rebentando as minas, ficou ruina aquelle edificio. O mesmo se executou com as casas do lugar que estavaõ levantadas, tendose respeito só á Igreja que ficou sem damno. Levantouse nesta occasiaõ huma duvida entre D. Rodrigo de Castro, e D. Joaõ Mascarenhas sobre o lugar em que havia de marchar a Companhia de D. Ro-

Anno 1646.

O Conde de Alegrete Governador das Armas.

Ganhase, e arruinase o Castello da Codiceira.

Anno 1646.

Rodrigo, querendo elle que fosse no corno direito da Vanguarda, como era estylo, em quanto as Companhias da guarda do General naõ occupavaõ aquelle lugar: mas accrescentava D. Rodrigo, que o seu Tenente diante da Tropa havia de preferir aos Capitães pagos. Dizia D. Joaõ, com militar experiencia, que no lugar da Companhia naõ duvidava; porém que era necessario encorporalla com outra de Capitaõ, que sem aggravo dos outros se puzesse diante della. Incitados da questaõ largaraõ os dous algumas palavras, e por attalhar obras mandou Joanne Mendes prender a D. Joaõ Mascarenhas, que ainda que na duvida era o mais arrezoado, no excesso das palavras contra o seu Cabo havia sido o mais criminoso. Foy solto antes da Campanha por ordem delRey, depois de se ajustarem as amizades, e lhe mandou que tornasse a exercitar o seu Posto, que elle largou quando o prenderaõ. Retirouse Joanne Mendes a Elvas, e dentro de poucos dias marchou D. Rodrigo com 500 Cavallos, e outros tantos Infantes a queimar o lugar de Santa Martha 9 leguas de Olivença. Assim o executou, e deixando aquella Campanha destruida, deu volta a Elvas sem dar vista dos Castelhanos. Outros successos de menos importancia houve de huma, e outra parte, e Joanne Mendes por ordem delRey suspendeo as entradas, a respeito de achar na Campanha futura descançada a Cavallaria. Chegavase o tempo de sair a ella, e antes que o Conde de Alegrete partisse de Lisboa, mandou ElRey propor no Conselho de Guerra a empreza que se devia intentar, advertindo que havia de constar o Exercito de doze mil Infantes, e 2000 Cavallos com todas as prevençoens necessarias para a expugnaçaõ de qualquer Praça. Foraõ varios os pareceres dos Conselheiros: porque os muito orgulhosos queriaõ que se sitiasse Badajoz, e ao menos Albuquerque, ou Xeres; os mais ponderados votáraõ que se intentasse Alcantara, mais facil, e naõ menos util, pela separaçaõ que se conseguia dos dous partidos dos Castelhanos que o Tejo divide, e communica Alcantara, e pela uniaõ que grangeavaõ as nossas duas Provincias de Alentejo, e Beira, ganhada esta

Duvida dos Cabos mayores da Cavallaria.

Votos dos Conselheiros de Guerra.

Praça,

Praça: O Conde de Castello-Melhor, que estava segunda vez entregue da Provincia de Entre Douro e Minho, votava que por aquella parte se empenhasse todo o poder em damno de Galiza: porque a despeza seria muito menor, e que a utilidade era certa, e incomparavel. O Conde de Alegrete inclinavase á empreza de Badajoz, formando ElRey mayor Exercito do que promettia; e em caso que naõ pudesse augmentarse, seguia o parecer do Conde de Castello-Melhor. Vendo ElRey tanta diversidade de opinioens, se resolveo em senaõ resolver a seguir qualquer dellas, hum dos mais prejudiciaes erros dos Principes: porque a experiencia tem por muitas vezes mostrado, que em materias grandes, e pareceres diversos he mais util seguir o peyor, que naõ aceitar algum; porque o mal se se opera, tem remedio, e os negocios se se suspendem, como naõ tomaõ fórma, estaõ incapazes de execuçaõ. Obrem os Principes, e naõ parem, por naõ serem condemnados como as Estatuas de Mercurio, que paradas, e mudas nas estradas dos Gentios, pretendiaõ ensinar os caminhantes.

Anno 1646.

Ordenou ElRey ao Conde de Alegrete, que partisse para Alentejo, e que examinando as prevençoens dos Castelhanos obrasse com o Exercito as facçoens que fossem mais uteis, e menos arriscadas, idêa melhor para propor que para executar. Partio o Conde com esperança de patente de Capitaõ General, e com promessa, como elle entendeo, de que se havia de retirar para a Corte o Mestre de Campo General Joanne Mendes de Vasconcellos. Tanto que chegou a Elvas, instou por huma, e outra Capitulaçaõ: respondeo-lhe ElRey, que em quanto á patente de Capitaõ General, consideraria com mais vagar aquella materia, e que tirar o Posto a Joanne Mendes no principio da Campanha, era destruirlhe a opiniaõ; e que como se naõ lembrava de haver feito esta promessa, lhe ordenava, e pedia cedesse a paixaõ particular á utilidade publica. E accrescentava da propria letra grandes encomios do merecimento do Conde; advertindolhe que considerasse que era o tempo taõ entrado, que qualquer duvida que propuzesse nesta materia, seria descompor toda

Prudente resolução delRey.

Anno 1646.

a fabrica que eſtava prevenida. Rendeoſe o Conde a eſte preceito, e Joanne Mendes, a quem naõ foy occulta, como era razaõ, eſta repugnancia do Conde de Alegrete, elegendo caminho mais politico, e muito proprio para grangear a vontade delRey, eſcreveo de Eſtremoz huma carta ao Conde de Alegrete compoſta de offertas do ſeu animo, e proteſtos da ſua amizade. A copia deſta carta remetteu a ElRey, e na que lhe eſcrevia inſinuava ter noticia do que ElRey havia paſſado com o Conde de Alegrete; e que naõ baſtava eſte aggravo a lhe perturbar o animo do bem publico, e ſerviço delRey, que antepunha a todos os outros accidentes. ElRey ſe deu por taõ obrigado deſta artificioſa fineza de Joanne Mendes, que lhe eſcreveu huma carta de muito encarecidos agradecimentos. Ajuſtada eſta amizade por força (de que raras vezes reſulta verdadeira uniaõ) paſſou Joanne Mendes a Elvas, e conferindo o Conde de Alegrete com elle, com D. Rodrigo de Caſtro Governador da Cavallaria, Andre de Albuquerqne General da artilharia, o Coronel Coſmander, e D. Joaõ da Coſta, que havia paſſado a ſervir áquella Campanha ſem poſto, a empreza que havia de intentar o Exercito. Foy de parecer o Conde de Alegrete D. Joaõ da Coſta, e Coſmander, que ſe interprendeſſe o forte de S. Chriſtovaõ, e que em ſe conſeguir ſe colheria o fruto de ſe examinar o poder dos Caſtelhanos: porque ſendo taõ debil como ſe ſupunha, naõ ſeria difficil continuarſe o ſitio de Badajoz: e que em caſo que o Exercito de Caſtella foſſe mayor do que ſe imaginava, com airoſo principio ſe poderia paſſar á empreza de Albuquerque, Praça que promettia felice remate áquella Campanha, por ſerem debeis as defenſas, e grandes as conſequencias de ſe conſervar, em caſo que ſe ganhaſſe. Joanne Mendes, D. Rodrigo de Caſtro, e Andre de Albuquerque diziaõ, que julgavaõ por muito mais conveniente attacar primeiro o Forte de Telena: porque na defenſa daquelle poſto ſe examinava a menos cuſto o poder dos Caſtelhanos; e que para ganhar o Forte de S. Chriſtovaõ, era conveniente ſegurar primeiro aquelle paſſo do Guadiana. Huma, e outra opiniaõ era de gran-

Votos dos Cabos do Exercito.

de

de riſco, e pouca utilidade: porque o Forte de S. Chriſtovaõ era taõ difficultoſo de conſeguir, como depois moſtrou a experiencia, quando eſta repetida tentaçaõ veyo a ſer conſentida. E em caſo que neſta occaſiaõ ſe ganhaſſe, nem facilitava a empreza de Badajoz, por ſe interpor Guadiana entre o Forte, e a Cidade; nem ſegurava ganharſe Albuquerque, por ſer grande a diſtancia, e ficar intacta a Praça de Badajoz, de que haviaõ de ſair os ſoccorros para Albuquerque. Da meſma ſorte era inutil a empreza do Forte de Telena: porque ainda que ſe ganhaſſe, importava pouco para a conquiſta de S. Chriſtovaõ, por ſer o porto do Guadiana, que cobria, diſtante, e pouco neceſſario; e para ſer Telena conquiſta unica, era pouco util, e facil de reedificar. Mas a principal cauſa de ſe naõ unirem os pareceres, parece que era naõ eſtarem entte ſi muito conformes os animos dos que votavaõ. O mayor prejuizo que padecem as emprezas grandes: porque he muito difficultoſo acharemſe animos diverſos por paixoens particulares, que ſe ajuſtem a concorrer para o acerto do fim publico. O Conde de Alegrete, vendo dous pareceres com votos iguaes, elegeo o meyo de recorrer a ElRey para que decidiſſe eſta queſtaõ. Deulhe conta, e Colmander fez o meſmo, declarandolhe com zelo, e fidelidade, que a diverſidade dos pareceres naſcia da pouca uniaõ dos animos. ElRey reſolveo que juntos os Cabos, e Officiaes mayores do Exercito, examinadas as forças dos Caſtelhanos, ſe aſſentaſſe, e ſeguiſſe o que pareceſſe mais conveniente, querendo que os Cabos, e Officiaes mayores obrando por eleiçaõ propria, naõ deſcançaſſem na deſculpa de ſerem mandados. Com eſta ordem chamou o Conde de Alegrete a Conſelho, e prevalecendo a opiniaõ de ſe attacar o Forte de Telena, unidas as guarniçoens, havendo chegado a mayor parte dos ſoccorros das Provincias, a gente das novas levas, e as carruagens, paſſou o Conde de Alegrete Guadiana a 15 de Setembro com 7200 Infantes repartidos em dez Terços, de que eraõ Meſtres de Campo Franciſco de Mello de Torres, Franciſco Barreto, D. Manoel Maſcarenhas, D. Sancho Manoel, Martim Ferreira da Camara,

Anno 1646.

Sae em Campanha o noſſo Exercito.

Anno 1646.

mara, Diogo Gomes de Figueiredo, D.Francisco de Castello-Branco, Belchior de Lemos, D.Joaõ de Portugal que governava o Terço de Joaõ de Saldanha por haver ficado doente, e 1600 Cavallos, de que era Governador D. Rodrigo de Castro, e Tenente General D.Joaõ Mascarenhas. Passado o rio sem opposiçaõ dos Castelhanos, naõ differindo a execuçaõ do intento, attacou a Infantaria o Forte de Telena. Fizeraõse plataformas, e começáraõse aproches, e vendo os Castelhanos preparar escadas, e prevenir mantas, depois de persistirem tres dias, renderaõ o Forte, salvas as vidas de 250 Infantes que o guarneciaõ. E sendo a resoluçaõ do Conde de Alegrete desmantelallo, deu ordem ao General da artilharia (que havia assistido ao attaque do Forte com muito valor) que mandasse fazerlhe fornilhos, e attacados, se lhe desse fogo com diligencia. Começouse esta obra, e naõ estando ainda todas as minas acabadas de attacar, appareceo o inimigo com 29 Tropas de Cavallaria, e algumas mangas de mosqueteiros. O dia antecedente havia chamado o Conde de Alegrete a Conselho, e sem haver differença nos votos se assentou que o Exercito tornasse a passar Guadiana: porque era impossivel emprender o Forte de S. Christovaõ, tendo o inimigo em Badajoz, com os soccorros que lhe haviaõ chegado, o Exercito superior ao nosso. Tomada esta resoluçaõ, se poz o Exercito em marcha, e tendo passado Guadiana no porto das Mestras, tres Terços, e parte das bagagens, carregou o Baraõ de Molinguen, que mandava o Exercito de Castella em ausencia do Marquez de Lagañes, que havia passado a governar Catalunha, algumas Tropas nossas que estavaõ avançadas, observando a sua determinaçaõ. Foraõ estas logo soccorridas de todas as mais, e ajudadas da artilharia, e de algumas mangas de mosqueteiros, apertáraõ de sorte com as Tropas inimigas, que as obrigaraõ a voltar as costas segnindo-as valerosamente D. Joaõ Mascarenhas que as governava por estar D. Rodrigo de Castro com huma febre: porém moderandose, se veyo a achar no segundo conflicto. Recolheraõse os Castelhanos ao bosque da Corchoela, meya legua de Telena, sitio em que estava

Attaca o Forte de Telena, que se rende.

Retirase o Exercito, ataca o inimigo a Retaguarda.

tava formado o resto do seu Exercito. Ficàraõ na Campanha 90 Castelhanos mortos, e vieraõ alguns prisioneiros. Sinalaraõse nesta occasiaõ Joaõ Nunes da Cunha, e Thomê de Sousa, ambos soldados voluntarios. Retirados os Castelhanos, se recolhéraõ as nossas Tropas, e em quanto durou o conflicto, esteve o Conde de Alegrete, e os mais Cabos diante do Exercito distribuindo as ordens convenientes. Ao tempo que as Tropas chegáraõ, appareceo o Exercito do inimigo, saindo da Corchoela formado com 7500 Infantes repartidos em dez Terços, e 3500 Cavallos divididos em 42 esquadroens, e sete peças de artilharia. O Conde de Alegrere, tanto que reconheceo que o inimigo o buscava, mandou puxar pelos Terços, que haviaõ passado o rio, e intentou formarse ao calor do Forte que queria guarnecer, e plantar nelle artilharia, e com esta ventagem esperar a batalha, se o inimigo se resolvesse a attacala. Foy de contrario parecer Joanne Mendes, e André de Albuquerque, e com protestos, e vehemencia persuadiraõ ao Conde de Alegrete, que marchasse com o Exercito ao porto, que era sitio muito defensavel, e que da outra parte do rio podia aguardar a resoluçaõ dos Castelhanos com mayor segurança. Cedeo o Conde de Alegrete a esta opiniaõ contra o seu parecer, e contra o que convinha; porque além das ventagens que conseguia em formar o Exercito junto do Forte, estavaõ os Castelhanos taõ visinhos, que medidas as distancias, como era razaõ, primeiro que o nosso Exercito chegasse ao rio, haviaõ os Castelhanos de attacar a batalha com a ventagem de acharem o nosso Exercito em marcha, e por este respeito (como succedeo) multiplicaremse os coraçoens dos que investiaõ, e diminuiremse nos que se retiravaõ: porque o commum dos soldados raras vezes tem discurso util sem objecto facil. E assim se experimentou nesta occasiaõ, porque ainda que o fim dos Cabos fosse melhorar de posto, tanto que os soldados voltáraõ as costas ao inimigo que vigorosamente marchava, entendendo que era receyo, e naõ arte, muitos delles apressando o passo sem ordem passáraõ o rio. O Conde de Alegrete marchou a buscar o

Anno 1646.

Apparece o Exercito do inimigo.

porto,

Anno 1646.

porto, deixando toda a Cavallaria formada na Retaguarda do Exercito para resistir ás primeiras Tropas dos Castelhanos que se haviaõ avançado a entreter a nossa marcha, até chegar a sua Infantaria. Foraõ estas com perda por vezes rebatidas. Neste tempo havia o Conde chegado ao porto, e querendo fazer rosto aos Castelhanos que vinhaõ com todo o Exercito perto da nossa retaguarda, naõ achou para formar mais que tres Terços, que eraõ dos Mestres de Campo D. Sancho Manoel, Francisco de Mello, e Diogo Gomes de Figueiredo. Formáraõse estes valerosamente com as costas no porto, e cubriraõ os lados, e vanguarda de cavallos de friza ligeira, e defensavel fabrica, que ja por muito commua naõ necessita de explicaçaõ. Ao calor deste reparo multiplicáraõ as cargas as bocas de fogo, e rebatéraõ o inimigo que os attacava com impeto, e valor. Naõ foy grande o aperto em quanto a nossa Cavallaria sustentou o posto em que estava formada: porém depois que a mayor parte das Tropas, cedendo a honra ao receyo, voltáraõ indignamente as costas, e sem respeito dos Cabos, e Officiaes passáraõ o rio, humas pelo porto, outras pelo pego, foy mayor o risco dos Terços: porque os Castelhanos tanto que reconhecéraõ a confusaõ, e desordem do nosso Exercito, sem perder tempo attacáraõ com todo o poder que traziaõ. Porém os Cabos, Officiaes, fidalgos particulares, e alguns soldados de opiniaõ detivéraõ desorte o primeiro impulso dos Castelhanos, que Andre de Albuquerque teve tempo para fazer voar duas minas que arruináraõ os dous lados principaes do Forte, e Joanne Mendes, pelejando muitas vezes corpo a corpo com os inimigos, fez passar pelo porto os Terços: porém alguns soldados mais depressa do que convinha se lançáraõ ao rio, e os Castelhanos com mais prudencia da que deviaõ, deixáraõ de apertalos. O Conde de Alegrete havia acodido a todas as partes com grande diligencia, e valor; e logo que o Exercito acabou de passar o rio, o formou sobre o mesmo porto das Mestras, e do meyo dia até a noite jugou a artilharia, e mosquetaria de ambos os Exercitos, empregandose muitas balas nos soldados de huma, e outra parte

Attaca o inimigo a retaguarda

Passa o nosso Exercito o rio Guadiana.

te. Constou perderem os Castelhanos duzentos neste segundo conflicto, em que entrárão tres Sargentos móres, e sete Capitaens de Cavallos: dos nossos morrerão cento e vinte, e retirarãose oitenta feridos. Foy hum dos mortos o Capitaõ de Cavallos Manoel da Gamma, sentido geralmente, por ser dotado de grande valor, e de outras muitas partes. Morreu tambem Jorge de Mello dentro de poucos dias por lhe levar huma bala de artilharia a perna direita. Era filho segundo do Monteiro mór, e havia chegado pouco tempo antes da estreita prizaõ de Granada, tendo mostrado em todas as acçoens verdadeiros sinais de grande merecimento D. Joaõ Mascarenhas Tenente General da Cavallaria, vendo que naõ podia deter as Tropas da outra parte do rio, se apeou do cavallo, e tomou huma pica no Terço de Diogo Gomes, acçaõ de que lhe resultou grande louvor. O Capitaõ de Cavallos Gil Vas Lobo sustentou a sua Tropa livre do opprobrio das mais, e com grande valor passou Guadiana na retaguarda dos tres Terços. Naõ se achou nesta occasiaõ D. Joaõ da Costa por ficar em Elvas impedido de huma grave enfermidade. Procedeo nella com acçoens muito particulares D. Henrique Comptom filho do Embaixador delRey de Inglaterra, que assistia em Lisboa. Logrause nesta acçaõ a ventagem de se attacar, e render o Forte de Telena, a que chamavaõ S. Joaõ de Lagañes, em obsequio do Marquez que o havia fabricado o anno antecedente, à vista de hum Exercito superior ao nosso, carregarlhe as primeiras Tropas que attacáraõ, obrigando-as a voltarem as costas, sustentarem tres Terços hum porto, e passárem no sem damno consideravel, sendo combatidos de taõ desigual poder, ficar formado o Exercito, depois de passar a Ribeira, na margem della, sem lhe divertir a constancia a furia das muitas balas de artilharia que cahiraõ sobre elle. E parece infallivel, que se o procedimento da nossa Cavallaria naõ fora taõ desigual, e se o Exercito se formára ao calor do Forte guarnecido aomo o Conde de Alegrete intentava, que puderamos contar tambem esta entre as outras batalhas que depois vencemos.

Anno 1646.

Aquel-

Anno 1646.

Aquella noite veyo o Conde de Alegrete alojar o Exercito aos Olivaes de Elvas com a frente em Guadiana, e os Castelhanos se foraõ aquartelar junto a huma Atalaya, pouco distante de Badajoz, deixando em Telena algumas Tropas, e hum Troço de infantaria reparando as ruinas do Forte. O Conde de Alegrete mandou passar mostra ao Exercito, e achou que constava de 5400 Infantes, e 1200 Cavallos, causando esta diminuiçaõ os mortos, feridos, e ausentes. Deu conta a ElRey do pouco poder com que se achava, e do muito que havia crescido o Exercito dos Castelhanos, que impossibilitava as facçoens antecedentemente propostas de S. Christovaõ ou Albuquerque; e que nesta consideraçaõ era de parecer que o Exercito se aquartelasse na Ponte de Olivença para a reedificar, sendo possivel, e fabricar hum Forte real que a defendesse: e que posta esta obra em defensa, a ficasse Joanne Mendes continuando com dous mil Infantes, e 800 Cavallos, e que elle com tres mil Infantes, e 400 Cavallos marcharia a interprender Alcantara, ajudado do Conde de Serem, Governador das Armas da Provincia da Beira. Approvou ElRey esta opiniaõ, mas agradecendo ao Conde o intento da jornada, lhe ordenou que sendo possivel executarse, mandasse por Cabo da empreza Andre de Albuquerque, ou a D. Sancho Manoel. Naõ teve effeito esta idêa, porque chegou noticia ao Conde de Alegrete, que o inimigo se preparava para interprender huma das Praças visinhas, e que reedificava com grande diligencia o Forte de Telena. O Conde de Alegrete receando os intentos dos Castelhanos, mandou para Olivença ao Mestre de Campo D. Antonio Ortiz com o seu Terço, e para Campo Mayor a Martim Ferreira. O Baraõ de Molinguen levantou o quartel de Val de figueira (sitio em que estava aquartelado) e passou a ponte de Badajoz; e a novidade de se ver o Exercito alojado da parte de Portugal, fez reforçar o presidio de Campo Mayor: porém o fim dos Castelhanos era aquartelaremse entre Badajoz, e o Forte de S. Christovaõ, por terem mais seguros os soldados, que em grande numero se lhe ausentavaõ. Socegado o receyo deste movimento, passou

sou o Conde de Alegrete com o Exercito á ponte de Olivença com tençaõ de a reedificar, como ElRey lhe havia ordenado: porém achando a taõ arruinada, que era impossivel reparalla sem grande despeza, e dilatado tempo, passou a Geromenha a ajustar a Fortificaçaõ daquella Praça, e tornou a aquartelar o Exercito nos olivaes que havia deixado. Neste tempo meteo o inimigo duas partidas, huma entre Niza, e Montalvaõ, outra por Castello de Vide: ficáraõ de huma, e outta nas mãos dos paizanos cincoenta Cavallos. Tornou o Conde de Alegrete a instar a ElRey pela empreza de Alcantara: respondeolhe que chamasse a Conselho, e que seguisse o que concordasse a mayor parte dos votos; e que havendo grande variedade nos pareceres, remetesse ao Conselho de Guerra os votos por escrito. Havia o Conde de Alegrete antecedentemente representado a ElRey, que se naõ havia de conseguir facçaõ que se consultasse, porque conhecia dos animos de alguns dos Conselheiros que intentavaõ desacredita'lo: porém naõ querendo replicar á ordem delRey, chamou a Conselho, e depois de propor o que ElRey lhe ordenava, foy de parecer D. Rodrigo de Castro, D. Joaõ de Portugal, Belchior de Lemos, e Cosmander, que se passasse Guadiana, e se ganhasse outra vez o Forte de Telena: porque em se conseguir esta acçaõ, como se devia esperar, logravaõ grande credito as Armas delRey, mostrando ao mundo que os Castelhanos naõ podiaõ defender com hum Exercito hum Forte visinho da sua Praça de Armas, que com tanto empenho, depois de o haverem restituido, reedificáraõ; e que se os Castelhanos se resolvessem a pelejar, que por muitas inferencias se podia esperar a felicidade da victoria, emendandose os erros que se haviaõ commettido na occasiaõ antecedente. A este parecer se accommodou o Conde de Alegrete, accrescentando que o Forte depois de ganhado, se arruinasse de sorte que o inimigo conhecendo o muito que lhe custava conservallo, o naõ tornasse a levantar. Joanne Mendes, Andre de Albuquerque, e todos os mais se oppuzeraõ a esta opiniaõ, dizendo que naõ podia haver mayor imprudencia, que ir buscar

Anno 1646.

Votos dos Cabos.

Anno 1646.

buscar sem utilidade hum risco manifesto: porque o Exercito do inimigo excedia muito ao nosso no Corpo da Cavallaria, e que para passarmos Guadiana com o trem, e bagagens, era necessario dous dias, tempo bastante para o inimigo se aquartelar junto do Forte, successo que faria a empreza muito arriscada; e que marchar sem carretas, seria privarmonos da melhor fortificaçaõ do Exercito. E accrescentou Joanne Mendes com razoens apaixonadas, que esta nova empreza desacreditava totalmente a occasiaõ passada, e offendia a opiniaõ do Conde de Alegrete: porque se elle queria ganhar o Forte para o conservar, mostrava que havia errado em naõ seguir antes esta idêa, como se lhe havia proposto; e se era para o arrazar, porque o naõ executára quando fora senhor delle. Que na consideraçaõ do estado dos negocios presentes, era de parecer, que o Exercito se alojasse no outeiro de S. Pedro junto da muralha de Elvas, e que desta sorte se daria occasiaõ a que os Castelhanos desunissem o Exercito, e poderiamos ter lugar de interprender algumas das Praças remotas de Badajoz. Esta opiniaõ seguiaõ os mais dos Conselheiros, e o Conde de Alegrete sentio de sorte as razoens de Joanne Mendes, que escreveo a ElRey, pedindolhe que logo que o Exercito se aquartelasse fosse sua Magestade servido de mandar tirar devassa do que havia succedido o tempo que esteve em Campanha, apontando muitas testimunhas, que ouvîraõ o excesso com que Joanne Mendes o persuadîra a desamparar o Forte de Telena, tendo elle ja artilharia no alto delle, o Terço de Diogo Gomes formado, levantada huma trincheira pela frente, e lados, guarnecendo cavallinhos de friza a parte que faltava por abrir a trincheira; e que depois que se accommodou a se retirar, havia mandado abrir, e atacar minas em differentes partes do Forte, e que as que naõ obráraõ fora por se haver largado aquelle posto contra o seu parecer, havendo referido varias vezes a Joanne Mendes, e Andre de Albuquerque, quando lhe protestáraõ que se retirassem, que se o inimigo naõ vinha, que naquelle posto estavaõ bem; e que se vinha, nelle estavaõ melhor. Porém que ainda na força do conflicto

Justificase com ElRey o Conde de Alegrete.

flicto fizera voar as minas que baſtáraõ para derrubarem hum baluarte, e duas cortinas, que ficáraõ taõ arruinadas, que o inimigo trabalhando com dous mil homens em muitos dias, naõ as acabára de levantar. E que por concluſaõ o tempo havia moſtrado a ſua Mageſtade a razaõ, que elle havia tido na repugnancia de ſe accommodar a ſervir com Joanne Mendes.

Anno 1646.

Sentio ElRey muito eſtas differenças, vendo o prejuizo que dellas reſultava a ſeu ſerviço, e conhecendo a difficuldade de ſe conſeguir empreza alguma eſtando taõ deſunidos os animos dos Cabos, que a haviaõ de executar. Por eſte reſpeito mandou que o Exercito ſe aquartelaſſe junto a Elvas. Obedeceo o Conde de Alegrete, e neſtes dias ſe paſſáraõ a eſta parte alguns ſoldados dos Caſtelhanos que diſſeraõ, que o Baraõ de Molinguen partia para Madrid; por naõ querer eſtar às ordens do Conde de Foen Saldanha, que vinha ſucceder no governo ao Marquez de Lag ñes; que o Principe de Caſtella era morto com univerſal ſentimento de todos os Vaſſallos daquella Monarquia; que do Exercito havia ſaido o General da artilharia com mil Infantes, e mil Cavallos a interprender Salvaterra. Logo que chegou eſta noticia, a remetteo o Conde de Alegrete ao Conde de Serem, e diſpedio a D. Sancho Manoel, e D. Manoel Maſcarenhas com os ſeus Terços, e Affonſo Furtado de Mendoça com a gente da Beira, que havia trazido a Alentejo, prefazendo huns, e outros ſoldados Infantes o numero de ſette centos, e 300 cavallos que os comboyavaõ, ordenandolhes que com toda a diligencia marchaſſem a ſoccorrer Salvaterra. E chegandolhe aviſo do Conde de Serem que o inimigo ficava ſobre aquella Praça, deſpedio a D. Rodrigo de Caſtro com os Terços de Diogo Gomes de Figueiredo, D. Joaõ de Portugal, que ficou doente, Franciſco Barretto, e D. Franciſco de Caſtello-Branco, e 200 Cavallos; ordenandolhe que marchaſſe a Portalegre, e que ſe acaſo tiveſſe aviſo do Conde de Serem de que era neceſſario eſte ſoccorro á Praça de Salvaterra, paſſaſſe a ſocorrela; e que ſe em Portalegre naõ recebeſſe aviſo algum do Conde de

Diſcordia dos Cabos, ruina dos Exercitos.

Morte do Principe de Caſtella.

Anno 1646.

Serem, marchasse a interprender Valença; para que levava todas as prevençoens necessarias á ordem de Cosmander. Da jornada de D. Sancho Manoel, e dos mais que marcháraõ com elle para a Beira, daremos noticia adiante quando tratarmos dos successos daquella Provincia. D. Rodrigo entrou em Portalegre, e naõ achando aviso do Conde de Serem, passou a Valença, e chegou áquella Praça antes de amanhecer. Marchava de vanguarda o Mestre de Campo Francisco Barretto com 800 Infantes divididos em tres Corpos, e o Capitaõ Lanû Francez com hum petardo. Tocou ao Sargento mór Joaõ de Amorim avançar á porta de S. Francisco com 200 mosqueteiros. Cosmander, e Timblemans com outro petardo, escadas, e mais petrechos necessarios, avançáraõ a muralha pela parte em que havia hum Convento de Religiosas, e constava por intelligencias que estava hum portilho tapado de pedra, e barro. O Sargento mór Bernardino de Siqueira com duzentas bocas de fogo, e outro petardo marchou a attacar o Forte de Santiago. Todos investiraõ tres horas antes de amanhecer, e D. Rodrigo ficou em huma eminencia pouco mais de tiro de mosquete da Praça. Francisco Barretto chegou debaixo da muralha, parecendolhe que naõ era sentido, porque da Praça senaõ havia feito o menor rumor: achou os Castelhanos taõ prevenidos (por haverem tido aviso anticipado) que antes de se arrimar o petardo, recebeo huma carga de que lhe acertáraõ duas balas huma no cavallo outra no colete: mas permittio Deos livrallo para tirar a Provincia de Pernambuco das mãos dos Hereges. Teve peyor successo Joaõ de Amorim, que o feriraõ com outras duas balas, e a Bernardino de Siqueira acertaraõ com huma viga das que lançavaõ da muralha, que o maltratou muito. Deu outra no petardo que levava á sua ordem, que o desconcertou: o que hia entregue a Lanû, senaõ arrimou, por estar ferido de huma bala que lhe deu por huma perna. Só o de Timblemans fez grande effeito no portilho tapado de pedra, e barro, porque derrubou hum grande lanço de muralha. Porém como feriraõ Joaõ de Amorim, dilataraõse tanto os soldados que hiaõ á sua

Ataque de Valença.

ordem

Anno 1646.

ordem a investir a brecha, que perderaõ a empreza, porque Colmander antes de se arrimar o petardo, havia subido por huma escada ao alto da muralha, e reconhecendo que toda a gente da Praça estava repartida pelas portas, por este respeito incitava valerosamente aos soldados, que investissem a brecha antes que os Castelhanos accudissem a defendela. E se o executáraõ, sem duvida conseguiraõ a empreza: mas quando se resolveraõ a avançar, foy a tempo que a achàraõ tambem guarnecida, que duas vezes foraõ rebatidos. Francisco Barretto vendo que a sua gente, e a de Bernardino de Siqueira naõ podia ter emprego algum, por naõ haverem obrado os petardos accodio á brecha, e esforçou com grande valor o assalto, que por instantes era mais impossivel, por accodirem os defensores com grande diligencia a reparala. D. Rodrigo de Castro com a noticia deste successo; mandou de soccorro ao Mestre de Campo Diogo Gomes com o seu Terço: porêm quando chegou á brecha, estava atravessada com taboões, e vigas, e jugava della huma peça de artilharia, assistida da mayor parte da guarniçaõ da Praça, que accodiu ao perigo mais eminente. Vendo D. Rodrigo a empreza impossivel de conseguir, mandou aos Mestres de Campo que se retirassem. Sahiraõ os Castelhanos, e attacaraõ a Retaguarda dos que se retiravaõ. Resistiraõ a este impulso com muito valor os Capitaens Francisco de Britto Freire, Sancho Dias de Saldanha, e Christovaõ Pantoja. Retirouse D. Rodrigo para Castello de Vide. deixando setenta e cinco mortos, em que entráraõ o Capitaõ Joseph de Saldanha, moço de grandes esperanças, os Capitães Manoel Soares, e Domingos de Sousa. Retiraraõse oitenta e cinco feridos, hum delles Pero Jaques de Magalhaens que havia governado Olivença o tempo que durou a Campanha, e assistio nesta occasiaõ sem Posto, o Sargento mór Joaõ de Amorim, os Capitaens Francisco de Britto, e Joaõ Barbosa de Almeida, Francisco Sarmento, e Lanû. A noticia deste successo mandou logo D. Rodrigo ao Conde de Alegrete, que ainda presistia na Campanha com intento de embaraçar os soccorros que os Castelhanos poderiaõ mandar a Salvaterra

Retirase D. Rodrigo de Castro com perda.

Anno 1646.

terra, e de cubrir as Praças que podiaõ recear ser interprendidas. Ordenou juntamente que se recolhessem todos os gados da Provincia pela terra dentro. O Conde de Foen Saldanha, tanto que teve noticia do soccorro que havia passado á Beira, e da gente que estava em Castello de Vide, levantou o Exercito de Castella do Forte de S. Christovaõ, passou a Ponte de Badajoz com tres mil Infantes, e 500 Cavallos. Chegou ao Porto do Arieiro junto a Geromenha depois de amanhecer; e como foy mais tarde do que lhe convinha, fez alto, e naõ continuou a marcha para Villa-Viçosa, que era o intento desta jornada. Voltou a Badajoz, e como era entrado o mez de Novembro, aquartelou o Exercito. O Conde de Alegrete logo que lhe chegou esta noticia, despedio as carruagens, licenceou os soccorros, e dividio as guarniçoens; e vendo acabada a campanha, pedio licença a El-Rey para se recolher a sua casa. Concedeolha, e naõ logrou muito tempo o descanço della, acabando a vida opprimido de huma enfermidade, aggravada de repetidas sem razoens, ultimo periodo de muitos homens grandes do Mundo. Mereceo o Conde a opiniaõ que conseguio: porque era valeroso sem jactancia, entendido sem desvanecimento, liberal por natureza, domestico por costume, e prudente por experiencia. Logrou no Brasil, e em Portugal as valerosas acçoens que temos referido com menos encarecimento do que mereceraõ. Joanne Mendes de Vasconcellos ficou governando as Armas de Alentejo, e logo que partio o Conde de Alegrete, tratou com grande diligencia das fortificaçoens das Praças, e reconducçoens dos Terços. Neste tempo havia voltado D Sancho Manoel da Provincia da Beira, e achandose em Portalegre, entrou o inimigo por aquella parte com 80 Cavallos. Retiravase com huma grossa preza, sahio D. Sancho de Portalegre, alcançou os 80 Cavallos, tiroulhe a preza, e fez quasi todos prisioneiros. Este foy o ultimo successo deste anno, e esta foy a ultima campanha até a morte de Rey D. Joaõ: porque veyo elle a persuadirse, que era mais util para a defensa do Reino tratar das Fortificaçoens das Praças, e juntar cabedal pa-

Morte do Conde de Alegrete, e seu elogio.

Recontro de D. Sancho Manoel.

para o defpender quando os Caftelhanos fizeffem guerra, que formar Exercitos, de que naõ tirava intereffe confideravel, expondofe voluntariamente ao perigo de perder huma batalha, e arrifcar por confequencia todo o Reino. Efta politica delRey foy mais condemnada em quanto elle viveo, que depois da fua morte: porque naquelle tempo defejavaõ os animos bellicofos augmentar a opiniaõ com as acçoens militares, e efte defejo de gloria os perfuadia a abominar a falta da guerra; porém os que depois julgáraõ fem dependencia propria efte intereffe commum, entendéraõ que ElRey confiderára com difcurfo prudente o que convinha a fua confervaçaõ: e moftrou depois o effeito, que naõ tiveramos hombros para fuftentar tanto pezo como toleramos, fe naõ houveramos adquirido forças com o largo defcanfo de dez annos (que tantos corréraõ da campanha de Telena até a morte delRey, tempo em que começou a ultima, e mayor guerra) para a fuftentar doze annos que durou taõ vigorofa, e fanguinolenta, como efpero que refira a fegunda parte defta Hiftoria. Os dez annos que faltaõ para dar fim a efta primeira, naõ contém muitas acçoens militares, nem na Provincia de Alentejo, nem nas outras do Reino: porém naõ fahiremos da ordem propofta, dando, na fórma que até aqui temos feguido, conta de todas ellas, e a guerra das conquiftas muito digna de eterna memoria, fervirá de affumpto á curiofidade dos Leitores.

Anno 1646.

Determina ElRey naõ fair Exercito, e fortificar as Praças.

Continuava o governo de Entre Douro e Minho o Meftre de Campo Diogo de Mello Pereira; e até o mez de Mayo, tempo em que ufou da licença que ElRey lhe havia dado para paffar a Malta, naõ houve empreza digna de memoria: porque os povos, que eraõ os que faziaõ a guerra, entendiaõ que lhes refultava mayor conveniencia do focego. Mandou ElRey entregar a Provincia ao Meftre de Campo Francifco de França Barbofa, e logo que tomou poffe do governo, veyo o inimigo a armar a huma partida, que coftumava a defcubrir todos os dias a campanha de Salvaterra. Teve avifo Francifco de França, fahio com a guarniçaõ da Praça,

Succeffos de Entre Douro, e Minho.

 inveftio

Anno 1646.

investio os Castelhanos, e alcançou taõ bom successo, que se retiráraõ com grande perda. Tornou a continuar o socego, e no principio do Outono partio o Conde de Castello-Melhor de Lisboa a governar segunda vez aquella Provincia. Antes de chegar a Coimbra teve aviso de Francisco de França, de que o Marquez de Tavora havia saido em campanha com dez mil Infantes, e 600 Cavallos, e que começava a fabricar hum Forte junto a Salvaterra em o sitio da Lagea de Freixedo. Apressou o Conde a jornada, mas achou a Provincia taõ destituida de gente, que naõ pode impedir a obra do Forte, que servio de grande freyo a Salvaterra. Foy o Conde recebido em Entre Douro e Minho com geral satisfaçaõ de todos aquelles povos, merecida do acerto, e bom successo do seu governo antecedente: tratou logo de adiantar as Fortificaçoens das Praças principaes, e formou algumas Companhias de Cavallos de gente da Ordenança; e os mezes que durou este anno, gastou em compor a Provincia, sem alterar o socego em que estava, por se naõ arriscar a algum perigo, que pela falta de meyos julgava impossivel o remedio.

Successos de Traz os Montes.

A Provincia de Traz os Montes passou este anno com trabalho, e perigo: porque os povos molestados de acodirem continuamente ás fronteiras, pediraõ a ElRey nas ultimas Cortes que os desobrigasse desta oppressaõ, e que conformes os Procuradores de toda a Provincia offereciaõ o dinheiro necessario para se pagarem os soldados de que necessitasse a sua defensa. Concedeolhes ElRey este requerimento: porém espalhouse primeiro a concessaõ, do que se levantassem as novas levas; e constando a D. Joaõ de Sousa, que o inimigo ajuntava gente em Monte Rey, chamou as Ordenanças, e naõ achou quem acodisse a soccorrer Chaves. Entrou o inimigo com sete Tropas, e alguma Infantaria por Oiteiro Secco, destruhio muitos lugares, e roubou toda aquella campanha. E foy mayor o estrago, porque D. Joaõ de Sousa estava em Villa-Real impedido de huma enfermidade. Tornáraõ os Galegos a entrar pela parte de Bragança, e naõ achando naquella Raya a preza que procuravaõ, naõ de-

Entradas dos Galegos sem opposiçaõ.

deraõ quartel aos paizanos que encontráraõ. Governava Bragança Antonio de Almeida Carvalhaes, mandou 400 homens ao lugar de Comba de Balle, para onde o inimigo caminhava: obrigou-o este soccorro a desistir da empreza, e a se retirar. E como os Galegos entravaõ sem opposiçaõ, poucos dias depois vieraõ ao territorio de Barroso, e queimaraõ dous lugares. Quando se retiravaõ com a preza, sahîraõ 400 homens da Ordenança a tirarlha, como outras vezes haviaõ feito: armáraõ os Galegos a esta resoluçaõ, cahiraõ os paizanos na emboscada, e foraõ facilmente desbaratados. Depois destas entradas repetio o inimigo outras de menos importancia, e todas lograva por naõ achar opposiçaõ: porque os soldados pagos naõ cresciaõ, e as Ordenanças do Sertaõ usando do privilegio concedido em Cortes, deixavaõ padecer os lugares da Raya. ElRey obrigado das instancias de D. Joaõ de Sousa, e dos muitos achaques que o impossibilitavaõ a continuar o governo daquella Provincia, nomeou segunda vez por Governador das Armas della a Rodrigo de Figueiredo de Alarcaõ. Dilatouse elle alguns mezes em Lisboa, chegou a Traz os Montes em Setembro, e procurou quanto lhe foy possivel remediar os desconcertos daquella Provincia. Na confiança da desordem em que estava, se esforçou o poder do inimigo: juntáraõse os Mestres de Campo D. Francisco de Castro que assistia na Puebla de Siabra, e D. Francisco Geldres Corregedor, e Governador de Samora, e com 6000 Infantes, 400 Cavallos, e tres peças de artilharia entráraõ pelo termo da Villa do Oiteiro, pouco distante de Bragança, e assolando sem piedade tudo o que encontravaõ sem defensa, recebéraõ o mayor damno os lugares de Rio Frio, e Paſsô, e passaraõ á Villa de Oiteiro, que tambem destruhiraõ, achando-a despovoada, porque os moradores se recolhéraõ ao Castello que fica separado em lugar muito defensavel. Rodrigo de Figueiredo com as primeiras noticias de que o inimigo juntava gente, passou a Bragança, e naõ podendo resultar da diligencia que fez, pela contumacia dos povos, mais que 700 Infantes, e 110 Cavallos sahio de Bragan-

Anno 1646.

Retirase D. Joaõ de Sousa torna ao governo Rodrigo de Figueiredo.

Anno 1646.

ça, e adiantandose com duas Tropas o Commissario Geral Achin de Tamericurt Francez que servio muitos annos neste Reino com merecida opiniaõ de valeroso, sustentou huma escaramuça algumas horas junto ao Castello de Outeiro, de que as Tropas inimigas recebèraõ damno. Os Galegos passáraõ de Outeiro a queimar os lugares abertos: fizeraõ alto duas leguas de Bragança, e o dia seguinte intentaraõ passar o Rio Sabor pela ponte de Perada, e Porto das Arêas. Opposelhe Rodrigo de Figueiredo, e impediolhe este intento, que pudera ser muito prejudicial se o conseguiraõ: porèm pela outra parte do rio havia tantos lugares grandes, arriscados a serem destruidos, que Rodrigo de Figueiredo sem reparar no pouco poder com que se achava determinou defendellos na confiança de achar prospera a fortuna, que muitas vezes se poem da parte dos temerarios. Chamou o Commissario Geral, entregoulhe cem Cavallos, e 300 Infantes, e ordenoulhe que aquella noite investisse o alojamento dos inimigos, e a todo o risco executasse o mayor damno que lhe fosse possivel; e que se acaso se perdesse, que desculpado ficava, deixando por sua conta o empenho, e naõ o successo. Aceitou o Commissario os cem Cavallos divididos em duas Tropas, e deixou os 300 Infantes, dizendo que por melhor que fosse o successo, naõ podiaõ retirarse sem perigo infallivel. Huma das Tropas era do Commissario, e a outra de Manoel de Miranda Henriques. A' meya noite chegou o Commissario ao quartel dos Galegos sem ser sentido: rompeo huma Tropa, que estava de guarda, e penetrou o quartel taõ valerosamente, que matando, e ferindo os que sepultados no somno naõ receavaõ o damno que recebèraõ, e os que perturbados do temor naõ reparavaõ o perigo que experimentavaõ. Chegou á tenda do Mestre de Campo D. Francisco Geldres, e depois de romperem as nossas Tropas pelas vidas dos Capitães D. Carlos Altamirano, e D. Francisco Picaõ, entráraõ na tenda do Mestre de Campo, e o deixáraõ com huma estocada pela garganta, e penetrando com o mesmo furor todo o quartel, ficou em todos os lugares delle rubricado o seu valor

Rompe Tamericurt o quartel dos Galegos.

lor com o ſangue dos inimigos; e ſem mais perda, que ſeis ſoldados mortos, e outros tantos feridos, voltáraõ glorioſamente a ſe encorporar com Rodrigo de Figueiredo. O Commiſſario Geral fez neſta occaſiaõ tudo o que era obrigado, aſſim ao valor peſſoal, como ao cuidado de conſervar os ſoldados unidos. Manoel de Miranda o acompanhou valeroſamente, e o meſmo fez Bernardo Pereira de Berredo, e outras peſſoas particulares. Eſta reſoluçaõ, o damno que o inimigo recebeo, e a ferida de D. Franciſco Geldres livráraõ os lugares da Raya daquella Provincia do perigo que os ameaçava: porque o inimigo ſe retirou o dia ſeguinte, e Rodrigo de Figueiredo mandou ſoccorrer a Cidade de Miranda, que os Galegos batiaõ com algumas peças de artilharia, que jugavaõ de huma plataforma que levantaraõ da outra parte do rio Douro. Porém ainda que fazia algum damno ás caſas da Cidade, naõ ſe podia temer por aquella parte o perigo, porque o rio ainda que eſtreito, era impoſſivel de vadear. Rodrigo de Figueiredo, como o inimigo deſunio o Troço do Exercito, fez algumas entradas, que deſcontáraõ os damnos recebidos nos noſſos lugares, e todas as ſatisfaçoens da guerra vinhaõ a cair ſobre os pobres lavradores, e miſeraveis paizanos.

Anno 1646.

O Conde de Serem continuava o Governo da Provincia da Beira com grande aceitaçaõ de toda ella, porém com exceſſivo trabalho, por ſe lhe negarem os meyos de a defender: porque naquelle tempo, como ElRey reſolveo fazer a guerra em Alentejo, todos os cabedaes para aquella empreza, que foy melhor diſpoſta que lograda, ſairaõ das conſignaçoens applicadas a todas as Provincias. Tratou o Conde Marichal de adiantar a fortificaçaõ de Almeida, e de a reduzir a menor recinto daquelle que eſtendia o primeiro deſenho: mandou levantar hum Forte na Vermioza, que ſervio de grande defenſa a Caſtello Rodrigo, e fez derrubar hum arco da Ponte de S. Felices, para evitar as continuas entradas que o inimigo fazia por aquella parte. Vendo os Caſtelhanos que Almeida era ſegurança de toda a Provincia da Beira, intentáraõ ganhalla antes que a fortificaçaõ a difficultaſſe

Succeſſos da Beira.

cultaſſe

cultasse. Juntáraõ cinco mil Infantes, e 400 Cavallos, e a vinte e hum de Janeiro investiraõ aquella Praça. Governava-a Filippe Bandeira de Mello, e Pedro Gilles de S. Paulo engenheiro Francez que assistia ás fortificaçoens Tiveraõ aviso da marcha dos Castelhanos antes de chegarem á Praça, preveniraõse para a defensa della com tanto silencio, que quando os Castelhanos avançaraõ, entendendo que naõ eraõ sentidos, receberaõ taõ repetidas cargas, tantas granadas, e outros instrumentos deste genero, que foraõ obrigados a se retirarem com grande perda. O mesmo successo teve o Capitaõ Antonio Soares da Costa, que governava o Forte da Zibreira: attacaraõno os Castelhanos, e rebateo-os perdendo muitos delles as vidas. Voltáraõ a Ciudad Rodrigo, e brevemente se uniraõ algumas Tropas dà Estremadura ás daquelle partido: marcharaõ todas, determinando entrar em Portugal; porém chegando á Sarsa, e constandolhes que o Conde de Serem juntava gente, por haver tido aviso anticipado deste movimento, se retiraraõ, e voltaraõ para Badajoz as Tropas da Estremadura. O Conde de Serem tratava só da defensa da Provincia, assim por lhe faltar gente, e dinheiro como pelas differenças que teve com o Mestre de Campo David Caley, e com Joaõ de Rozan Commissario Geral da Cavallaria, porque fazendo elles grandes exorbitancias, e desordens, depois de muitos dias de prizaõ, os remeteo a Lisboa, e brevemente foraõ soltos, e com pouco exame absoltos das culpas passadas. No mesmo tempo adoeceraõ gravemente o Mestre de Campo Fernaõ Telles Cotaõ, e Pedro Mauricio Duquisnê, que governava as Tropas. Os Castelhanos juntaraõ na Sarsa 600 Cavallos das Tropas de Alentejo, marchando algumas de Badajoz para este fim, que se uniraõ ás daquelle partido, e com duas Companhias de Dragões, e 200 Infantes marcháraõ para o Sabugal. Correraõ todo o contorno, porém naõ acháraõ em que fazer damno, porque o Conde de Serem, que assistia em Castelbranco, avisado de algumas espias que trazia entre os Castelhanos, havia mandado prevenir todos os lugares daquella parte. Do Sabugal passáraõ os Castelhanos a investir a Al-

Anno 1646.

Retiraõse os Castelhanos da interpreza de Almeida.

Succede o mesmo no Forte da Zibreira.

Aldea de Quadrassaes: porém defendida pelos paizanos, naõ puderaõ entralla, e se retiráraõ levando alguns soldados feridos. Teve neste tempo principio a campanha de Alentejo, e no fim della intentáraõ os Castelhanos ganhar Salvaterra, como acima referimos. Passou de Badajoz por Cabo do soccorro D. Sancho de Mouroy a 22 de Outubro: chegaraõ a Salvaterra (unida a gente dos dous partidos) e entrando a Villa com pouca resistencia, sitiaraõ o Castello. Governava Salvaterra o Capitaõ Simaõ Fernandes de Faria: perdida a Villa, se recolheo ao Castello, que está fundado sobre o rio Elges em hum penhasco por dous lados inaccessivel: fica duas leguas de Segura lugar nosso, e todo o caminho he occupado de hum bosque que se continua atè Segura, guarnecendo a margem do rio, facilitando huma, e outra ventagem introduzirse por aquella parte soccorro em Salvaterra. Passados quatro dias, em que os Castelhanos experimentaraõ que as baterias naõ eraõ de algum effeito, por ser a muralha forte, e o qualibre das peças pequeno, determinaraõ dar hum assalto ao Castello, e prevenidos todos os instrumentos lhe arrimaraõ ao amanhecer escadas, e mantas: porém acharaõ taõ valerosa resistencia, que foraõ obrigados a se retirarem, deixando 200 soldados mortos, e levando outros tantos feridos. A esta desgraça succedeo a noticia de haverem chegado a Beira os Terços, e Tropas, que marcharaõ de Alentejo ao soccorro de Salvaterra, e que o Conde de Serem, junta toda a gente da Provincia, determinava por o ultimo empenho no soccorro daquella Praça. E naõ querendo experimentar o successo desta deliberaçaõ, se retiraraõ, havendo trazido para conseguir a empreza cinco mil Infantes, e mil Cavallos, de que levaraõ muitos menos. O Conde de Serem chegou a Salvaterra, e depois de reparar os damnos que os Castelhanos haviaõ feito, despedio os soccorros, e cessaraõ as hostilidades de huma, e outra parte.

Anno 1646.

Sitio de Salvaterra.

Retiraõse os Castelhanos.

Reconhecendo ElRey a industria, e poder de seus inimigos, naõ perdoava a diligencia alguma, que lhe parecesse caminhava ao fim da sua conservaçaõ. Determináraõ

Anno 1646.

terminaraõ os Francezes ſitiar Porto Longon na Ilha de Elba, e mandou a Rainha Regente pedir a ElRey ſoccorro de alguns navios, que ſe encorporaſſem com a ſua Armada. Paſſou elle ordem para ſe prevenirem ſeis, e huma caravela, e nomeou por General a D. Joaõ de Menezes, e por Almirante a Coſme do Couto. Sairaõ em Agoſto, chegáraõ a Tolon a cinco de Setembro com tres navios em que fizeraõ preza (hum Amburguez, e dous Francezes) que ſe julgou por boa, por levarem fazendas de contrabando, continuaraõ a viagem, e encorporados com a Armada de França, que governava o Marichal de Plecy ás ſomanas com o Marichal de Milharê, mudandoſe ſucceſſivamente no governo da Armada, e Exercito, ſahio D. Joaõ de Menezes em terra a reconhecer a Praça: acompanhou-o o Marichal de Milharê, que governava aquella ſomana, e foy exemplo celebre, que deraõ aos ſoldados de huma, e outra naçaõ, marcharem a eſta perigoſa diligencia em cadeiras aos hombros de homens, por ſe acharem ambos impedidos do achaque da gotta. Depois de tres mezes de ſitio ſe rendeo a Praça, e no ultimo aſſalto aſſiſtîraõ ſoldados Portuguezes, em que entrou Simaõ Correa da Silva, hoje Conde da Caſtanheira, e executáraõ todos acçoens muito valeroſas. Na Armada ſe haviaõ embarcado 1500 homẽs, e foraõ taõ bem aſſiſtidos dos refreſcos de França, que voltáraõ a Portugal ſem diminuiçaõ. No principio deſte anno conſeguio o Conde da Vidigueira licença delRey para voltar a ſua caſa. Partio de Pariz a ſete de Fevereiro, e deixou naquella Corte merecida ſatisfaçaõ do ſeu procedimento. Chegou a Lisboa, e ficou aſſiſtindo em Pariz o Secretario da embaixada Antonio Moniz de Carvalho com titulo de Reſidente. Continuava o Congreſſo de Munſter, e a Rainha de França querendo que ElRey ſoubeſſe a regularidade da fé com que tratava os intereſſes de Portugal, mandou ao Cardeal Maſſarino, primeiro Miniſtro daquella Coroa, que communicaſſe a Antonio Moniz de Carvalho a conferencia, que haviaõ tido os Plenipotenciarios de França, e Caſtella, ſobre os negocios de Portugal. Continhaõ as propoſtas delRey de Caſ-

Nomea ElRey D. Joaõ de Menezes por General da Armada que manda de ſoccorro a Porto Longon.

Ganhaſe a Praça com a ajuda do noſſo ſoccorro.

Volta o Cõde da Vidigueira da embaixada.

Propoſtas ſobre a paz geral.

Castella; protestar á Rainha de França, que a paz geral da Christandade dependia do seu alvedrio, e que assim lhe pedia se lembrasse do parentesco que tinhaõ, e da patria em que nascéra. Que a Rainha mandára responder, que as materias publicas naõ deviaõ sujeitarse a dependencias particulares. Que se ElRey Catholico seu irmaõ queria que se conseguisse em beneficio da Christandade a paz universal de Europa, que permittisse passaremse Salvos Conductos aos Embaixadores delRey de Portugal para poderem assistir naquelle Congresso: porque se a paz da Christandade havia de ser universal, como podia ser justo que em Portugal ficasse continuando a guerra? E que para este mesmo fim devia dar liberdade ao Infante D. Duarte prezo no Castello de Milaõ. Que o Conde de Pinharanda Embaixador de Castella se mostrára offendido de nomearem os Mediatores Rey de Portugal, que naõ fosse ElRey D. Filippe, a que se oppuzera Joaõ Contarine Mediator de Veneza, dizendo que a obrigaçaõ dos Mediatores era referirem fielmente as propostas de huns Principes a outros. Que ElRey de Portugal, como aliado de França, o nomeava aquella Coroa Rey absoluto, e independente; e que naõ queria ajustamento algum com a divisaõ de Portugal. Que os Castelhanos tornáraõ a instar, que sabiaõ claramente que nos Capitulos ajustados entre Portugal, e França se naõ celebrára aliança alguma. Que a esta proposiçaõ se lhe respondéra, que era impossivel terem noticia dos Capitulos secretos, costume ordinario nos tratados dos Principes: e que além deste argumento que concluhia, a presente resoluçaõ que França tomava, desfazia toda a duvida. E que naõ querendo os Castelhanos ceder a esta proposta, nem dar liberdade ao Infante, mandára a Rainha Regente que parasse a negoceaçaõ. Antonio Moniz de Carvalho deu á Rainha, e ao Cardeal as graças deste beneficio em nome delRey, que as repetio logo que recebeo este aviso. Levando Antonio Moniz ao Cardeal as cartas delRey, disse o Cardeal, que era de sorte a desigualdade do procedimento dos Castelhanos, que offendendo ElRey de Castella o Titulo que tinha de Catholico, offerecia aos Holandezes

Anno 1646.

Fineza da Rainha Regente de França.

Offerece ElRey de Castella aos Holandezes as nossas conquistas.

Anno 1646.

landezes as conquiſtas que dominava Portugal, ſe o ajudaſſem a reſtaurar eſte Reino; pois naõ era juſto que por intereſſes humanos ſe deixaſſe eſtender o Calveniſmo nos Imperios da Chriſtandade. ElRey conſiderando a utilidade que havia reſultado a ſeu ſerviço da aſſiſtencia do Conde da Vidigueira na Corte de Pariz, o tornou a mandar o anno que chegou a Lisboa a eſta commiſſaõ com novo Titulo de Marquez de Niza, e o lugar de Conſelheiro de Eſtado. Chegou a Arrochela a 31 de Dezembro, e paſſou logo a Pariz a continuar os importantes negocios que ſe tratavaõ entre as duas Coroas. Nicolào Monteiro, que aſſiſtia em Roma, alcançou licença delRey para voltar a eſte Reino; e foy nomeado, para continuar os negocios da Curia, o Padre Nuno da Cunha Religioſo da Companhia de JESUS, compoſto de muitas virtudes, e letras, dignas de grande eſtimaçaõ. Chegou a Roma no anno de 1647, e eſte que eſcrevemos eſtiveraõ ſuſpenſas todas as negoceações.

Torna o Conde a Frãça com o Titulo de Marquez de Niza.

Os negocios de Holanda todos ſe achavaõ em grande confuſaõ: porque os Holandezes coſtumados a conſeguir os ſeus intereſſes debaixo de pretextos diſſimulados antes das alteraçoens de Pernambuco, ſentiaõ muito entenderem que Franciſco de Souſa Coutinho uſava eſta meſma arte, e que pretendia ganhar tempo para que os Moradores de Pernambuco ajudados dos ſoldados da Bahia adiantaſſem os ſeus progreſſos. Franciſco de Souſa ſabia com grande prudencia valerſe das occaſioen mais opportunas: porém verdadeiramente proteſtava aos Eſtados, que ElRey naõ cooperava nos intentos de Pernambuco. Mas os Holandezes perſuadidos a que era induſtria eſta declaraçaõ, e levados do genio natural, ao meſmo tempo fomentavaõ novas emprezas em todas as conquiſtas, e ſoccorriaõ os Eſtados a Companhia Occidental, empreſtandolhe ſetenta mil florins, dandolhe tres mil Infantes, e nomeando Andreçon por Cabo da guerra de Pernambuco. E naõ podendo os da Companhia conſeguir licença, para ſe fazer preza em todos os navios Portuguezes que encontraſſem as ſuas embarcaçoens, a alcançaraõ ſó para reconhecer os navios mercantis,

Negocios de Holanda.

cantîs; e constando que eraõ de Pernambuco os poderem tomar por perdidos. E como as consciencias eraõ pouco ajustadas, contentaraõse com esta permissaõ, usando della para roubarem todos os navios que puderaõ alcançar, ainda que constasse que naõ eraõ de Pernambuco. E representando Francisco de Sousa esta difficuldade aos Estados, naõ pode conseguir fazerse outra declaraçaõ. Dilatouse o soccorro de Pernambuco, prohibindo a navegaçaõ o rigor do Inverno, e Francisco de Sousa procurando audiencia, pedio aos Estados quizessem consentir proporemse meyos de composiçaõ, e accomodamento. Teve reposta do Secretario Mos s, de como pelas declaraçoens que havia feito sua Magestade; naõ cooperava nas alteraçoens de Pernambuco, que naõ podia haver ajustamento, aonde naõ havia contenda: e que logo cessariaõ todas as duvidas chegando a Pernambuco a Armada que estava prevenida. Esta arrogancia dos Holandezes nascia, tanto do conhecimento do aperto em que estava Portugal, quanto do bom semblante que mostrava o Tratado de Munster, que tinhaõ com os Castelhanos, havendo conseguido nomear El Rey Catholico as Provincias Unidas por Provincias livres, e facilitaremse outras duvidas, sendo a ruina de Portugal para ambas as partes a melhor medianeira. Porque Castella com a uniaõ de Holanda suppunha que era facil a Conquista de Portugal, e Holanda com a paz de Castella julgava que era infallivel fazerse senhora do dilatado Imperio que os Portuguezes dominavaõ na America, na Asia, e na Africa. E Deos que julga justamente, livrou os Portuguezes destes concertos injustos. O Embaixador de França Monsiur de Thiolharia com a noticia destas negociaçoens protestou aos Estados, que as havia penetrado. Negàraõ elles esta proposiçaõ; e instou o Embaixador, que saisse o Exercito em campanha. Puzeraõ difficuldade, dizendo, que naõ tinhaõ dinheiro nem gente. A tudo satisfez o Duque de Orleans promptamente, mandandolhes sete mil homens, e trinta mil florins, de mais do dinheiro com que França costumava soccorrer os Estados todos os annos para sustentarem a guerra contra Castella. Esta mu-

Anno 1646.

Anno 1646.

mudança de politica dos Holandezes prejudicava muito aos interesses de Portugal: porèm Francisco de Sousa com soffrimento, e industria foy prevalescendo contra a cautella, e exorbitancia dos Holandezes; juntando a estas duas qualidades larga despeza com os Ministros mais importantes, que facilmente, e com pouco escrupulo se deixavaõ sobornar.

Successos de Inglaterra.

As alteraçoens de Inglaterra entre ElRey, e o Parlamento cresciaõ de qualidade, que naõ davaõ lugar a entender hum, e outro partido mais que no intento de prevalescer com a ruina do contrario, e sem alteraçaõ dos capitulos da paz se continuava a boa correspondencia com Portugal. Porèm ElRey vendo crescer o poder, e as desordens do Parlamento, e que sem attençaõ ou respeito algum quebravaõ a immunidade dos Embaixadores, abrindo os maços de cartas, em que suspeitavaõ que podia haver materia tocante aos seus interesses, como succedeo ao Embaixador de Veneza, e se quiz usar com Antonio de Sousa de Macedo, de que elle com muita industria soube livrarse, mandou retirallo, depois de haver feito por sua via largos soccorros a ElRey de dinheiro, e armas com tanto desinteresse, que naõ quiz admittir a pratica do casamento do Principe Carlos filho mais velho delRey de Inglaterra com a Infanta D. Joanna, assim pelos embaraços daquelle Reino, como porque estava destinado este casamento para a Infante Dona Catherina, hoje Rainha da Gram Bretanha.

Chama ElRey a Cortes.

No mez de Dezembro do anno antecedente, como fica referido, chamou ElRey a Cortes para dar melhor fórma ao governo do Reino, que padecia varios desconcertos, originados da dilaçaõ da guerra, que costuma a encontrar a direcçaõ mais ponderada, e acabandose as ceremonias costumadas, foraõ eleitos Procuradores de Lisboa D. Francisco de Faro, o Doutor Gregorio Mascarenhas Homem, Desembargador dos Aggravos da Casa da Supplicaçaõ. Divididos os Tres Estados succedendo varias consultas, assentáraõ que o numero da gente paga, que havia de guarnecer as fronteiras, fossem dezaseis mil Infantes, e quatro mil Cavallos, e que para

Assento das Cortes.

ra o pagamento deſtes ſoldados, e mais deſpeza da guerra, ſe obrigavaõ a contribuir com dous milhoens cento e cincoenta mil cruzados, os quaes haviaõ de ſair, hum milhaõ e ſetecentos mil cruzados, da Decima, e dos uſuaes, exceptuando Paõ, Vinho, Carne, Azeite, Calçado, e panos baixos, por ſerem os em que os pobres, e miſeraveis do Reino ficariaõ mais carregados: e que os quatrocentos e cincoenta mil cruzados, que faltavaõ para a ſatisfaçaõ da quantia referida, ſe tirariaõ do Real da agua de Lisboa, ſeu termo, e todo o Reino, do Direito novo da Chancellaria, e Caixas de aſſucar, bens confiſcados, e de auſentes, todas as ſobras do rendimento da Caſa de Bragança, e do que pareceſſe neceſſario accreſcentarſe de tributo ás Ilhas dos Açores, começando a contribuçaõ deſte anno de 1646. Com declaraçaõ que as Decimas ſeriaõ lançadas muito igual, e ajuſtadamente, ſem exceiçaõ de peſſoa alguma; e que com as Religioens, e mais Communidades ſe naõ faria em tempo algum avença ou concerto para deixarem de contribuir na fórma que os mais Eſtados: porque ſendo a cauſa, e neceſſidade juſta, e commua a todas as peſſoas que viviaõ no Reino, o devia tambem ſer a contribuiçaõ. E porque neſta fórma o Reino dava tudo o que lhe era poſſivel para as deſpezas da guerra, ſe lhe naõ pediriaõ contribuiçoens extraordinarias de graça; ſó ſendo neceſſarias para as occurrencias da guerra ſe lhe pagaria por ſeu juſto preço trigo, cevada, palha, carros, e trabalhadores: e que pelas Ordenanças naõ puxariaõ os Governadores das Armas, ſenaõ para defenſa das Provincias. E a eſtas ſe ſeguîraõ outras mais diſpoſiçoens, que prohibiaõ algumas extorçoens, e deſordens, que nas Provincias havia introduzido a liberdade da guerra. Que o Tribunal da Junta dos Tres Eſtados ſe eſtabeleceria de novo, para que por elle correſſe toda a adminiſtraçaõ do dinheiro dos povos. Para Miniſtros deſta Junta nomeou o Eſtado da Nobreza a Sebaſtiaõ Ceſar de Menezes Biſpo eleito do Porto, e a D. Alvaro de Abranches do Conſelho de Guerra: o Eſtado dos Povos a Thomè de Souſa Veador da Caſa delRey, e Ruy Correa Lucas Tenente

Anno 1646.

Forma das contribuiçoens.

Elegemſe Miniſtros da Junta dos Tres Eſtados.

N Gene-

Anno 1646.

General da Artilharia do Reino: o Estado Ecclesiastico a Pantaleaõ Rodrigues Pacheco Bispo eleito de Elvas, e a D. Pedro de Menezes Bispo eleito de Miranda. Ficáraõ ajustados outros negocios de muita importancia muito á satisfaçaõ delRey, e dos Povos. Coroou todas estas resoluçoens, o piedoso, e devoto zelo com que ElRey declarou nestas Cortes, que tomava por Padroeira, e Defensora dos Reinos, e senhorios de Portugal a Immaculada Conceiçaõ da Virgem Maria Senhora Nossa, sendo digno de reparo a observaçaõ que depois se fez, que no mesmo dia em que ElRey passou este Decreto havia firmado outro semelhante ElRey D. Affonso Henriques, em que tomava por Protectora do Reino a Nossa Senhora do Claraval, como se declara nas palvras do Decreto seguinte.

„ D. Joaõ por graça de Deos Rey de Portugal, „ e dos Algarves, daquem, e dalèm Mar, em Africa „ Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegaçaõ, e „ Commercio de Ethiopia, Arabia, Persia, e da In- „ dia &c. Faço saber aos que esta minha Provisaõ vi- „ rem, que sendo hora restituido por mercê muito par- „ ticular de Deos Nosso Senhor á Coroa destes meus Rei- „ nos, e Senhorios de Portugal, considerando, que o „ Senhor Rey D. Affonso Henriques meu Progenitor, e „ primeiro Rey deste Reino sendo acclamado, e levan- „ tado por Rey, em reconhecimento de taõ grande mer- „ cê, de consentimento de seus Vassallos, tomou por „ especial Advogadá sua a Virgem Mãy de Deos Senho- „ ra Nossa, e debaixo de sua sagrada protecçaõ, e am- „ paro lhe offereceo a todos seus Successores, Reinos, e „ Vassallos com particular tributo em final de feudo, e „ vassallagem. Desejando eu immitar seu santo zelo; e „ a singular piedade dos Senhores Reys meus predecesso- „ res, reconhecendo ainda em mim aventajadas, e con- „ tinuas mercês, e beneficios da liberal, e poderosa maõ „ de Deos Nosso Senhor, por intercessaõ da Virgem Nos- „ sa Senhora da Conceiçaõ. Estando hora junto em Cor- „ tes com os tres Estados do Reino, lhe fiz propor a „ obrigaçaõ que tinhamos de renovar, e continuar esta

„ pro-

,, promessa, e venerar com muito particular affecto, e
,, solemnidade a festa de sua Immaculada Conceiçaõ. E
,, nellas com parecer de todos assentamos de tomar por
,, Padroeira de nossos Reinos, e Senhorios a Santissima
,, Virgem Nossa Senhora da Conceiçaõ na forma dos
,, Breves do Santo Padre Urbano Oitavo, obrigandome a
,, haver confirmaçaõ da Santa Sè Apostolica, e lhe offe-
,, reço de novo em meu nome, e do Principe D. Theodo-
,, sio meu sobre todos amado, e prezado filho, e todos
,, meus Descendentes Successores, Reinos, e Vassallos
,, á sua Santa Casa da Conceiçaõ sita em Villa-Viçosa,
,, por ser a primeira que houve em Hespanha desta invo-
,, caçaõ cincoenta cruzados de ouro em cada hum anno,
,, em sinal de tributo, e vassallagem. E da mesma manei-
,, ra promettemos, e juramos com o Principe, e Estados
,, de confessar, e defender sempre (ate dar a vida sendo
,, necessario) que a Virgem Maria Māy de Deos foy con-
,, cebida sem peccado original, tendo respeito a que a
,, Santa Madre Igreja de Roma, a quem somos obriga-
,, dos seguir, e obedecer, celebra com particular Officio,
,, e Festa, sua Santissima, e Immaculada Conceiçaõ;
,, salvando porém este juramento no caso em que a mes-
,, ma Santa Igreja resolva o contrario. Esperando com
,, grande confiança na infinita misericordia de Deos Nosso
,, Senhor, que por meyo desta Senhora, Padroeira, e
,, Protectora de nossos Reinos, e Senhorios de quem por
,, honra nossa nos confessamos, e reconhecemos Vassal-
,, los, e tributarios nos ampare, e defenda de nossos ini-
,, migos com grandes accrescentamentos destes Reinos
,, para gloria de Christo nosso Deos, e exaltaçaõ de nossa
,, Santa Fé Catholica Romana, Conversaõ das gentes, e
,, Reducçaõ dos Hereges. E se alguma pessoa intentar
,, cousa alguma contra esta nossa promessa, juramento,
,, e vassallagem, por este mesmo feito sendo vassallo o
,, havemos por naõ natural, e queremos que seja logo
,, lançado fora do Reino; e se for Rey, o que Deos naõ
,, permitta, haja a sua, e nossa maldiçaõ, e naõ se con-
,, te entre nossos Descendentes, esperando que pelo mes-
,, mo Deos que nos deu o Reino, e subio á Dignidade

Anno 1646.

Anno 1646.

„ Real seja della abatido, e despojado. E para que em
„ todo o tempo haja certeza desta nossa eleiçaõ, pro-
„ messa, e juramento, firmada, e estabelecida em Cortes
„ mandamos fazer della tres Autos publicos, hum que
„ será levado á Corte de Roma, para se expedir a confir-
„ maçaõ da Santa Sé Apostolica, e outros dous, que jun-
„ tos á ditta confirmaçaõ, e esta minha Provisaõ se guar-
„ de no Cartorio da Casa de Nossa Senhora da Conceiçaõ
„ de Villa Viçosa, e na nossa Torre do Tombo. Dada
„ nesta nossa Cidade de Lisboa aos vinte e cinco dias do
„ mez de Março. Balthazar Rodrigues Coelho a fez
„ Anno do Nacimento de N. Senhor JESU Christo de
„ mil e seiscentos quarenta e seis. Pedro Vieira da
„ Silva a fez escrever. ElRey. E firmemente se pó-
de entender, que esta devota acçaõ de Rey foy a
mayor segurança das victorias, que depois se consegui-
raõ.

Sucessos do Brasil.

Deixámos Pernambuco o anno antecedente com
taõ prosperos successos, que com grande repugnancia lar-
o fio a esta guerra, quando a ley da historia me obriga
a referilla anno por anno em seu lugar. Celebrou a nossa
gente o primeiro dia deste anno que continuamos com
huma salva de artilharia, disparada do Forte Bom JE-
SUS, e conduzida da Fortaleza do Porto Calvo, que se
havia ganhado aos Holandezes. Foraõ os écos da artilha-
ria o primeiro aviso que elles tiveraõ no Arrecife da fa-
brica do Forte, de que naõ ficáraõ pouco confusos, re-
conhecendo o alento que tomavaõ os sitiadores na con-
fiança daquelle receptaculo. Governava as Armas Holan-
dezas Jorge Gasman em lugar de Henrique Hus: era Ge-
neral da Armada Jans Cornelirente Licthart, e no Supre-
mo Conselho assistiaõ Joaõ Bolestrater, e Henrique Co-
de: servia de Secretario de Estado Joaõ Balbeque. Todos
livrávaõ o aperto presente, que padeciaõ, na esperan-
ça futura do soccorro que aguardavaõ de Holanda. Os
sitiadores tambem sofriaõ grandes incommodidades: por-
que os mantimentos eraõ poucos, e a roupa menos. Es-
ta falta se remediou com duas caravélas, que chegáraõ
da Bahia carregadas de muniçoens, e vestidos comprados
com

com os cabedaes de Joaõ Fernandes Vieira. Surgiraõ no Pontal de Nazareth, e partiraõ do Arrayal a conduzir as muniçoens, e roupas Joaõ Fernandes Vieira, e Andre Vidal, e ficou entregue o governo ao Mestre de Campo Martim Soares Moreno. Tiveraõ os Holandezes noticia da ausencia dos dous Cabos, e querendo valerse desta occasiaõ, intentáraõ fabricar hum Forte entre as fortalezas das cinco Pontas, e Affogados, para desembaraçar a estrada dos assaltos de Henrique Dias, que presistindo em continua vigilancia, naõ dava lugar a que os soldados do presidio das fortalezas se cõmunicassem. Naõ quiz Henrique Dias que lograssem os Holandezes o seu designo, e tendo elles dado Principio á obra com toda a guarniçaõ da Praça, os investio de improviso, havendo marchado occulto pelo centro de hum mato visinho, e os obrigou a se retirarem com grande perda para as fortalezas. O estrondo da artilharia, que as fortalezas disparavaõ, avisou a Joaõ Fernandes Vieira, e Andre Vidal, e brevemente passaraõ o caminho de Nazareth ao Arrayal, aonde descançaraõ com a noticia do bom successo. Os Holandezes, vendo que Henrique Dias lhe embaraçava de dia o trabalho do Forte, o levantáraõ de noite com tanto silencio, que naõ foraõ sentidos das sentinellas, porque os Holandezes industriosamente naõ cessâraõ de disparar a artilharia das Fortalezas todo o tempo que durou a obra. Ficou o Forte fabricado hum tiro de mosquete da Fortaleza das cinco Pontas; e para que ficasse mais seguro de alguma interpreza, sahiraõ do Arrecife, e Fortalezas todas as guarniçoens a cortar o mato, que ficava mais vesinho ao Forte. Tocáraõ as sentinellas arma, acodio Henrique Dias com os seus soldados ao rebate, e segurando-o a espessura do mato, pratico nas veredas mais occultas delle, com repetidas cargas impedio aos Holandezes o trabalho em que andavaõ. Chegou o estrondo dellas aos alojamentos, marchou Joaõ Fernandes Vieira, e o Sargento mór Antonio Dias Cardoso com a gente que acháraõ mais prompta: chegáraõ ao lugar do conflicto a tempo, que eraõ taõ poucas as muniçoens que tinhaõ os soldados de Henrique Dias, que a se lhes

Anno 1646.

Levãtaõ os Holandezes hum novo Forte.

Anno 1646.

dilatar o ſoccorro, puderaõ padecer grande ruina. Os Holandezes, vendo que por inſtantes ſe accreſcentava a noſſa gente, voltáraõ as coſtas, deixando regada a campanha com o ſeu ſangue. Morrèraõ tres ſoldados de Henrique Dias, e ficáraõ quatro feridos, e levemente o Capitaõ Sebaſtiaõ Ferreira. Creſcia de ſorte a falta de mantimentos nas Praças dos inimigos, que obrigados della, ſe paſſavaõ muitos Holandezes aos noſſos alojamentos. De alguns delles ſe ſoube o bom ſucceſſo que D. Antonio Filippe Camaraõ havia alcançado poucos dias antes na Capitanía do Rio Grande, para onde havia marchado com o fim de caſtigar as inſolencias dos Indios Pitaguáres, e Tapuyas. Confirmou eſta noticia o Capitaõ Joaõ de Magalhães, que veyo da Paraiba por ordem de D. Antonio Filippe a trazer eſta nova, e a pedir ſoccorro de gente, e muniçoens. Logo que D. Antonio chegou ao Rio Grande, queimou algumas Aldêas dos Indios, que ſe haviaõ levantado: os que fugíraõ dellas, deraõ parte aos Holandezes dos preſidios das Fortalezas do Rio Grande, e Paraiba, e promptamente marcháraõ a buſcar a noſſa gente 500 ſoldados da ſua Naçaõ, 800 Pitaguáres excellentes moſqueteiros, e 200 Tapuyas, que uſavaõ de arcos, e flechas. Teve eſta noticia D. Antonio Filippe, e preveniose com ordem militar no ſitio de Canhahû em huma campina, que era forçoſa eſtrada dos Holandezes. Seguravaõ dous rios os lados deſte valle, entre hum, e outro levantou D. Antonio na frente huma groſſa trincheira com foſſo, e eſtacada, que guarneceo com a mayor parte dos ſeus ſoldados: e como o Rio Grande, que cubria hum lado, era invadiavel, guarneceo os poſtos do outro rio, que lhe ficava oppoſto, com 150 Tapuyas; e com 450 entre Portuguezes, e Pitaguáres deſtros, e valeroſos, aguardou o aſſalto dos Holandezes. Guarnecida a trincheira, animados os ſoldados, e diſtribuidas as ordens, tocáraõ arma as ſentinellas que eſtavaõ avançadas. Brevemente chegáraõ os Holandezes a aviſtar a trincheira, e com muita reſoluçaõ a avançàraõ. Foraõ varias vezes rebatidos, e o meſmo ſucceſſo tiveraõ os que buſcàraõ os portos do rio para o paſſarem. Durou muitas

Prevençoens de D. Antonio Filippe Camaraõ.

Attaque dos Holandezes.

muitas horas a contenda, e faltando na mayor força della polvora a alguns dos ſoldados que pelejavaõ, a pediraõ, appelidando os nomes de Santo Antonio, e S. Joaõ, ſeguindo a bem ponderada ordem que D. Antonio Filippe lhes havia dado, para que os écos da ſua falta nas vozes de que naõ tinhaõ polvora, naõ animaſſem aos inimigos. Foraõ ſoccorridos promptamente, e vendo os Holandezes a reſiſtencia inſuperavel, ſe retiraraõ deixando 80 mortos na campanha, e levando muitos feridos. Fez o meſmo D. Antonio Filippe para a Paraiba, e deſpedio o Capitaõ Joaõ de Magalhaens ao Arrayal a dar noticia deſte ſucceſſo, e a pedir ſoccorro como fica referido.

Anno 1646.

Retiraõſe com perda.

Conſultouſe eſta materia entre os noſſos Cabos, e aſſentouſe que marchaſſe com o ſoccorro o Meſtre de Campo André Vidal. Fez elle a jornada com quatro Companhias do Terço de Joaõ Fernandes Vieira, e duas de Henrique Dias. Joaõ Fernandes Vieira, naõ querendo que o inimigo conheceſſe a falta da gente que havia marchado, mandava tocar arma repetidas vezes por todas as ſuas Fortalezas. Tocou huma noite eſta diligencia a Henrique Dias, e chegando os ſeus ſoldados ao reducto novamente levantado, depois de darem algumas cargas, reconheceraõ que os Holandezes, que o preſidiavaõ, o haviaõ deſemparado, entráraõ nelle, e deſmantelando a parte que lhes foy poſſivel, ſe recolheraõ aos quarteis. Tornaraõ os Holandezes a reedificàlo, e guarneceraõno com mayor numero de ſoldados. Henrique Dias, que havia tomado eſta empreza por ſua conta, pedio licença a Joaõ Fernandes Vieira para attacar ſegunda vez o reducto ſó com os ſeus ſoldados: porque naõ queria que os brancos atribuiſſem ao ſeu valor, como coſtumavaõ, a gloria de todos os bons ſucceſſos: Conſeguida a licença, mandou paſſar o rio ao Sargento mór Paulo Dias S. Felice com quatro companhias, e ficou Henrique Dias dando ordem aos ſoccorros que julgaſſe neceſſarios para ſe conſeguir a empreza. Para mayor ſegurança della mandou Joaõ Fernandes Vieira tocar vivamente arma em varia partes, para que a confuſaõ di-

Anno 1646.

vertisse os soccorros do reducto, e com algumas companhias passou o rio para attalhar qualquer accidente que sobreviesse. Tanto que o silencio da noite (que os expugnadores parece que faziaõ mais escura) deu lugar a que se puzessem em marcha por entre o mato, foy o Sargento mór com pouco rumor chegando ao Forte: porém sentido de duas sentinellas, que os Holandezes tinhaõ avançado, tocáraõ arma, e os negros animosos, e destros naõ aguardaraõ outro sinal. Investiraõ as sentinellas que logo mataraõ, e com o mesmo impulso attacaraõ o Forte, cortaraõ parte das estacas que o rodeavaõ com machados que levavaõ prevenidos, entraraõ pelo portilho que fizeraõ, degolaraõ 25 Holandezes que defendiaõ a estacada, e com igual resoluçaõ investiraõ o fortim, e sem valer a resistencia dos Holandezes que o guarneciaõ, o ganharaõ; e só a quatro perdoaraõ as vidas, passando de cincoenta os que haviaõ morto. Ficou ferido o Sargento mór, e tres Capitaens, morreraõ oito soldados, e ficàraõ 24 feridos. A todos retiráraõ aos hombros, igualando ao valor a piedade. Neste tempo desejando os Holandezes restaurar parte dos damnos experimentados, intentàraõ ganhar por interpreza a Cidade da Paraiba, e encõmendáraõ esta empreza ao Governador do Forte do Cabedelo ajudado de huma Armada, que passava com soccorro ao Rio Grande. Preparou a gente, embarcou-a em quantidade de lanchas, navegou de noite o rio; e como toda a confiança consistia em naõ ser sentido, ouvindo tocar arma antes de lançar a gente em terra, fez voltar as proas para a sua Fortaleza. Chegou neste tempo á Paraiba o Mestre de Campo Andre Vidal de Negueiros, e incorporado com D. Antonio Filippe, tratáraõ de tomar satisfaçaõ deste intento dos Holandezes, antes que elles tivessem noticia de Andre Vidal ser chegado áquella Cidade. Informado dos praticos resolvèraõ marchar pelo sertaõ desviados do Forte de Santo Antonio quatro leguas distante da Cidade, e voltando sobre elles por caminhos occultos, se emboscáraõ junto a huma Hermida de Nossa Senhora da Guia, que ficava visinha ao Forte; e mandáraõ o Capitaõ Antonio

Ganha Henrique Dias com os seus negros o novo Forte.

Intentaõ os Holandezes interprẽder a Paraiba, e se retirão.

Ro-

Rodrigues Vidal, com 40 moradores praticos no terreno, que se descubrisse para obrigar aos Holandezes a que sahissem da Fortaleza na confiança de entenderem que naõ havia mayor numero. Succedeo a empreza como se dispoz: porque logo que os Holandezes vîraõ os 40 soldados, entendendo que desordenadamente vinhaõ a roubar, sahiraõ do Forte de Santo Antonio, e do de Cabedelo 220 soldados entre Holandezes, e Indios, e carregando furiosamente a nossa partida, naõ advertiraõ a destreza com que na retirada lhes insinuavaõ o lugar do perigo. Chegáraõ os Holandezes primeiro á emboscada que os Indios, e a ambiçaõ de quererem usurpar toda a gloria do successo, foy castigada com a sua total ruina. O mesmo damno padeceo a mayor parte dos Indios, naõ escapando os que se lançaraõ ao mar, que ficava visinho: porque os Indios do Terço de D. Antonio Filippe os seguîraõ, e lhes deixáraõ por sepultura o mesmo mar que buscáraõ por remedio. Entre os mortos se achou huma India que era conhecida por feiticeira, que se nomeava por Onça, e Tigre, senhora dos demonios, e inimiga mortal dos Portuguezes. Festejaraõ muito os Indios Catholicos a sua morte, desejada a respeito das suas grandes maldades. Morreo nesta occasiaõ o Sargento mór Francisco Cardoso do Terço de Martim Soares Moreno. Voltou Andre Vidal para a Cidade, e brevemente despedio para o Rio Grande a D. Antonio Filippe com a gente Portugueza, que havia trazido, e com os seus Indios, e Andre Vidal voltou para Pernambuco só com a Companhia de Antonio Gonçalves Tiçaõ.

Anno 1646.

Desbarata Andre Vidal os Holandezes.

Nestes dias sahiraõ oitenta Holandezes na Ilha de Itamaracâ com intento de colher mandioca: desembarcáraõ em Tejucupapo. Teve aviso Zenobio Achioli Capitaõ mór da gente miliciana daquelle districto, juntou trinta moradores, investio os Holandezes, degolou grande parte dos que saltáraõ em terra, os mais se retiráraõ sem levar o mantimento que procuravaõ. Como a falta de bastimentos que os Holandezes padeciaõ era grande, reforçàraõ o poder, e com 300 soldados da sua naçaõ, e grande numero de Indios desembarcàraõ em huma

Succede o mesmo em Itamaracá.

Anno 1646.

ma Ilheta chamada Tapesloca, naõ longe das Roças de Tejucupapo. Teve aviso Agostinho Nunes Sargento mór da Ordenança, mandou tocar arma, acodîraõ dous Capitães, e duzentos homens, marchàraõ com diligencia, emboscáraõse em hum sitio, que o inimigo necessariamente havia de buscar, e conseguiraõ o intento com taõ bom successo, que investindo aos Holandezes os derrotáraõ, ficando mortos, e feridos entre Holandezes, e Indios perto de duzentos. Conhecendose no Arrecife a difficuldade desta empreza, e multiplicandose a necessidade dos mantimentos, embarcou o General da Armada Jans Cornelizent Licthart toda a gente daquella guarniçaõ; e demandando a mesma Ilheta, com tanta diligencia saltou em terra, e carregou as lanchas da mandioca, que estava cortada nas roças, que havendo Andre Vidal chegado a Goyana de volta da Paraiba, e marchando com grande diligencia a buscar os Holandezes, lhe naõ foy possivel encontrallos em terra. Continuou a sua jornada, e chegando aos alojamentos, achou que o assedio se havia estreitado de sorte, que era grande a fome que padeciaõ os sitiados. Haviaõ acodido os do Supremo Conselho a este dáno com os remedios possiveis, e constandolhes que os Judeos tinhaõ sido grande parte do aperto que se padecia, por haverem recolhido todos os mantimentos para os venderem pelo mais alto preço, mandaraõ correr todas as casas, tiraraõ dellas os mantimentos que se acharaõ, depositaraõ nos em almazens publicos, e obrigaraõ aos Judeos a comprarem os mantimentos que lhe eraõ necessarios para seu sustento, pelos mesmos preços porque os haviaõ vendido. Naõ pode a sua custumada ambiçaõ tolerar esta justa sentença, intentaraõ amotinar o Povo: acodiraõ os soldados do presidio, e com a morte de sette cabeças da sediçaõ, teve socego o rumor. Naõ era menor a falta de bastimentos que se padecia entre a nossa gente, nem menos consideravel o damno que por este respeito se experimentava, porque os soldados obrigados da fome desemparavaõ os alojamentos, passandose os mais delles á Bahia. Hum, e outro prejuizo remediou Joaõ Fernandes Vieira: porque para a reconduçaõ dos sol-

Derrota Zenobio Achioli outra Tropa de Holandezes.

Alterase o povo por industria dos Judeos.

Remedea Joaõ Fernãdes Vieira as faltas do Exercito, e levanta mais hum Forte.

soldados escreveo a Antonio Telles da Silva as consequencias desta desordem, e reconhecendo-a remetteo logo a Pernambuco todos os soldados, e escravos que constou haverem fugido: os que se haviaõ ausentado para o reconcavo foy reconduzir Joaõ Fernandes Vieira, e na mesma jornada juntou quantidade de mantimentos que fez conduzir ao Exercito; e levantando hum Forte na barra de Tamandarê, que deixou presidiado, e guarnecido, voltou para o Exercito com merecido applauso da sua vigilancia, e actividade. O aperto que padeciaõ os Holandezes do Arrecife aliviavaõ os seus Cabos com a esperança dos soccorros que esperavaõ de Holanda. Sobre esta nova certa fundaraõ huma noticia falsa, fingindo duas cartas de que differaõ haverem recebido a copia, huma delRey para Francisco de Sousa Coutinho, em que lhe ordenava significasse aos Estados como se dera por muito mal servido da soblevaçaõ dos moradores de Pernambuco, e mandava ao Governador do Brasil que os castigasse severamente, e metesse de posse aos Holandezes de todos os lugares que se lhe tivessem usurpado: outra dos Estados para ElRey, que continha arrogancia, e ameaços. Chegou esta noticia aos alojamentos, e juntamente de que os Holandezes pretendendo ganhar tempo, que he o melhor medico das doenças perigosas do mundo, haviaõ espalhado, que todos os sitiados que fugiaõ para o Exercito eraõ horrendo mantimento na necessidade dos Indios. Achouse obrigado Henrique Dias a mostrar aos sitiadores que se havia penetrado este engano, escreveo huma carta aos do Supremo Conselho por excellente estylo, e conseguio naõ tornarem a repetir estas artificiosas diligencias, e continuaraõ os sitiados a se passarém ao Exercito. Trouxeraõ alguns delles a primeira noticia de que D. Antonio Filippe Camaraõ, com a gente que levara do Arrecife, havia entrado na Capitania do rio Grande, e que naõ deixara na Campanha sitio povoado de inimigos a que naõ puzesse o fogo, salvando as vidas só os que puderaõ recolherse á Fortaleza; e como naõ havia outro emprego, voltou para a Paraiba, e mandou para o Exercito quantidade de gado, em que havia

Anno 1646.

Artificio dos Holãdezes mal succedido.

via

Anno 1646.

via feito preza, que remediou a continua falta que se padecia de mantimentos. Os Holandezes que sentiaõ este damno com menos remedio, se resolveraõ a procurallo a todo o risco, embarcando em lanchas 600 homens, 400 Holandezes, e 200 Indios, á ordem do General da Armada. Mostrou elle que o intento era desembarcar em hum porto de Maria Farinha. Accodio ao rebate a gente daquelle districto, e os Holandezes logo que cerrou a noite, navegaraõ com toda a diligencia, e ao amanhecer desembarcaraõ no porto de Tejucupapo. Foraõ descubertos de duas sentinellas, e como todos os de Pernambuco estavaõ com o continuo exercicio ja praticos nas destrezas militares; ajustáraõ os dous soldados entre si, que sem tocar arma hum delles fosse dar aviso à Povoaçaõ de S. Lourenço que ficava visinha; e outro ficasse observando a marcha do inimigo. Era Sargento mór da Ordenança daquelle districto Agostinho Nunes que tanto que lhe chegou o aviso, juntou cém homens á ordem dos Capitaens Alvaro de Azevedo, Agostinho Leitaõ, e Paulo Teixeira, e recolheo-os em hum reducto mal formado, que tinha a melhor defensa em huma estacada forte. Dentro della recolheo toda a gente, e mantimentos que lhe permittio a brevidade, e com toda a diligencia despedio aviso aos Governadores que ficavaõ doze leguas daquelle sitio. Dos cem homens escolheo trinta á ordem de Manoel Fernandes, e ordenoulhe que por entre o matto com as espingardas fizessem ao inimigo o damno que lhes fosse possivel. Guarneceo os postos, animou os soldados, repartio as muniçoens, e fez lançar bando, em que prohibio com pena de vida que nenhuma mulher levantasse clamores, ou mostrasse temor do perigo. Neste tempo marchavaõ os Holandezes a toda a diligencia, e os trinta soldados seguros na espessura do mato, em que todos eraõ praticos, souberaõ valerse tambem das occasioens que especulavaõ, que antes dos Holandezes chegarem a atacar o reducto, lhe haviaõ morto cincoenta homens. Logo que deraõ vista delle, o investíraõ com grande resoluçaõ: porém naõ acharaõ menor resistencia. Continuáraõ o assalto, e havendo aberto hum portilho, por

Attacaõ os Holandezes Tejucupapo.

por onde começáraõ a entrar, naõ havendo soldados que o defendessem, por serem poucos, e pelejarem em differentes partes, as mulheres remediáraõ valerosamente este perigo, porque com dardos, e outras armas os tornáraõ a lançar fóra. Quando era mayor a força do conflicto, sahiraõ do mato os trinta soldados, e repetîraõ taõ vivamente as cargas, que os Holandezes entendendo que havia chegado mayor soccorro, largáraõ a empreza, e com grande pressa se retiráraõ para as lanchas, deixando setenta mortos, e levando grande numero de feridos. Retirados os Holandezes, chegàraõ varios soccorros, que a poderem marchar com mayor diligencia, fora infallivel naõ voltar algum dos inimigos ao Arrecife. Andre Vidal recebeo a nova do successo em Iguaraçû, aonde fez alto; e tendo aviso que o inimigo fazia segunda entrada, marchou a aguardallo, e conseguíra o seu intento, se hum cirurgiaõ Francez, que errando o caminho deu nas mãos dos Holandezes, os naõ avisàra do perigo a que hiaõ expostos. Voltou Andre Vidal para os alojamentos, e achou o Exercito novamente provido de todo o genero de mantimentos, effeito que resultou da diligencia de Joaõ Fernandes Vieira, que segunda vez correo o reconcavo, e tirou de todos os moradores tudo aquillo de que necessitava o Exercito. Reconduzio juntamente todos os soldados que andavaõ ausentes, e ficàraõ com este soccorro todos muito animados. Diminuhio este alento chegàrem da Bahia os Padres Manoel da Costa, e Joaõ Fernandes, Religiosos da Companhia de JESUS, com ordem delRey remetida a Antonio Telles da Silva, para que os Mestres de Campo Andre Vidal, e Martim Soares se retirassem para a Bahia com todos os soldados pagos, que andavaõ naquella guerra. Foy grande a confusaõ que causou em todos esta naõ esperada novidade: porém discursandose que se ElRey estivera inteiramente informado do estado daquella guerra, naõ era possivel mandar ordem tanto contra seu serviço, se resolvèraõ Joaõ Fernandes Vieira, e Andre Vidal a replicarem á ordem, e escrevèraõ a Antonio Telles, mostrandolhe as forçosas razoens da sua desobediencia, e o Mestre de Cam-

Anno 1646.

Retirãose com perda.

Manda ElRey retirar os Mestres de Campo, e soldados pagos.

Replicão à ordem.

Campo Martim Soares Moreno obrigado de alguns acha ques se partio para a Bahia.

Anno 1646.

Resolutos Joaõ Fernandes Vieira, e Andre Vidal em continuarem a guerra sem se deixarem vencer das difficuldades intrinsecas, e externas que a dilaçaõ da guerra por instantes fazia mayores, tratàraõ de melhorar com o valor dos seus braços os accidentes que pertendiaõ destruir a sua generosa resoluçaõ. Tiveraõ aviso que os Holandezes occupavaõ tres Portos, que baixando a maré, davaõ lugar a que os que assistiaõ na Ilha de Itamaracà, se communicassem com os da terra firme. Cada hum destes sitios occuparaõ com hum navio bem guarnecido, e artilhado, entendendo que seguramente podiaõ conseguir o fim pertendido de reduzir a Ilha de Itamaracà à sua obediencia. Fica esta Ilha em sete gráos, e dous Terços da linha Equinocial para o Sul: rodea a Ilha hum braço do mar, hum tiro de mosquete de largo: forma lhe duas barras, huma pela parte que entra, que he a principal, outra pela que sahe, aquella capaz de navios de 200 toneladas, esta só de barcos. Vendo os dous Governadores, que era preciso attalhar o intento dos Holandezes, escolheraõ 500 Infantes, e marcháraõ com duas peças de artilharia, e os mais petrechos que lhe pareceraõ necessarios, e em huma noite escura, e chuvosa chegaraõ ao Porto dos Marcos, que ficava eminente ao primeiro navio dos Holandezes. Cubertos com o mato fabricaraõ nelle huma plataforma, para jugarem nella as duas peças de artilharia. Embarcaraõse alguns soldados em lanchas: ao amanhecer começou a artilharia a jugar, investiraõ com o navio, foraõ os primeiros que chegaraõ a elle dous botes, de que eraõ Cabos o Alferes reformado Affonso de Albuquerque, e o Sargento reformado Francisco Martins Cachada. Teve o Alferes máo successo, porque huma bala dos Holandezes lhe meteo a pique o bote; o Sargento com insigne valor abordou o navio a taõ bom tempo que achou grande parte da guarniçaõ morta, e ferida das ballas da artilharia, que como jugava de taõ perto havia occasionado este damno. Entrado o navio, e escapando delle só oito Holandezes que se salvaraõ a nado, com

Descripção da Ilha de Itamaracà.

Ganhãose tres navios dos Holandezes.

com grande diligencia ſe embarcáraõ os dous Governadores em o batel que era grande, e navegàraõ a buſcar o outro navio ancorado em o ſitio de Taparica, ſeguindo a meſma ordem que haviaõ guardado na primeira empreza, deixando ardendo depois de deſpojado o navio rendido. O eſtrondo, o eſpectaculo, e o temor aconſelharaõ aos Holandezes do ſegundo navio, que naõ aguardaſſem o aſſalto: recolheraõſe a terra antes de chegar a noſſa gente, e deixáraõ ateado o fogo no navio, naõ querendo que os noſſos ſoldados ſe aproveitaſſem do ſeu deſpojo. Os Holandezes do terceiro fizeraõ a meſma diligencia; porem naõ conſeguîraõ que o navio ardeſſe, porque chegando a noſſa gente, ſe apagou o fogo. Salvouſe tudo o que havia dentro nelle, e retiraraõſe os noſſos ſoldados, deixando conſumido o navio do meſmo fogo de que o haviaõ livrado: porque a ambiçaõ dos homens naõ dura muito em utilizar o que determina deſtruir. Os Holandezes fugidos para a Ilha deraõ por toda ella rebate com tanto medo, que ateandoſe o temor em os que guarneciaõ alguns fortins, levantados em varios poſtos, os deſampararáraõ, recolhendoſe ao que tinhaõ na barra, a que chamavaõ de Oranje. Deu eſta noticia hum artilheiro que fugio para a noſſa gente: foraõ os Fortes entrados, e como todos ſe naõ podiaõ guarnecer, ſe arrazáraõ, e levantouſe hum com grande diligencia no Porto dos Marcos, que facilitava a communicaçaõ da Ilha com a terra firme. Aſſiſtio á obra o Sargento mór Antonio Dias Cardoſo, e deixando guarnecido o Forte com 200 Infantes, e 18 peças de artilharia que ſe achàraõ nos fortins do inimigo, ſe retirou com os Governadores para os alojamentos.

Anno 1646.

Levãtaſe hum Forte no Porto dos Marcos.

Era dequalidade o aperto que padeciaõ os Holandezes ſitiados no Arrecife, que quaſi eſtavaõ reduzidos á ultima deſeſperaçaõ, aſſim por falta de gente, como de mantimentos: porem naõ ſendo chegado o termo preſcrito de ſe livrar Pernambuco das hereſias de Calvino, e Luthero, deraõ fundo no porto tres navios de Holanda com gente, municoens, e baſtimentos, e nova certa de ſe ficarem apreſtando duas poderoſas Armadas,

Chegão aos Holãdezes tres navios com noticia de grande Armada.

com-

Anno 1646.

correndo fama que huma dellas havia de sujeitar a campanha de Pernambuco, e outra conquistar a Bahia. Tiveraõ logo os Governadores este aviso, e naõ só naõ desmayaraõ da empreza com a noticia do novo soccorro, senaõ que lhe servio esta nova de adiantar as prevençoens. Fortificaraõ os quarteis, proveraõ as Fortalezas, pagaraõ aos soldados, e armaraõ no Porto de Nazareth tres navios, que preparáraõ com os despojos dos que haviaõ rendido em Itamaracá, e em todas as acçoens deraõ assumpto á fama para eternizar as suas memorias: porque raras vezes tem acontecido fomentarse hum sitio taõ dilatado com taõ poucos meyos de se conseguir, que he necessario explicallos com dissimulaçaõ, por naõ arriscar o credito da verdade desta historia, que determino eternizar. Quasi no mesmo tempo que o soccorro dos Holandezes, entrou no Porto de Tamandarê huma fragata do Reino, e no Pontal de Nazareth duas caravelas com Infantaria, muniçoens, e armas. Foy geral o contentamento com que foy recebido este pequeno soccorro, que se accrescentou com a noticia de haverem pelejado com bom successo com duas náos Holandezas. Este novo alento foy occasiaõ de se applicarem com mais vigilancia as attençoens de todos os soldados, e trabalhavaõ de sorte, que naõ logravaõ os Holandezes acçaõ alguma, por mais que a premeditasse a prudencia, e intentasse segurallа o segredo. O Governador da Fortaleza dos Affogados sahio della com duas lanchas carregadas de mantimentos, e guarnecidas com trinta mosqueteiros: cahio nas mãos do Capitaõ Francisco Lopes Estrella, e dos soldados de Henrique Dias. Porém estes encontros ao passo que diminuhiaõ as forças do inimigo, debilitavaõ as nossas: porque como eraõ muito continuos, naõ podiaõ lograrse sem se dispender sangue, e gastaremse muniçoens. Repararaõ este damno com militar experiencia Joaõ Fernandes Vieira, e Andrê Vidal, levantando hum reducto, em cadahum dos alojamentos, rodeado com fosso, e estacada, para que com esta segurança ficasse sempre ao arbitrio dos seus soldados a eleiçaõ de pelejar. E para que naõ sucedesse acharemse com inferior numero ao dos inimigos;

Preparação dos nossos Governadores.

Soccorro do Reino.

migos, deraõ ordem, para que em partes diverſas, e competentes eſtiveſſem Companhias promptas, para que ſe naõ interpuzeſſe tempo entre o rebate, e o ſoccorro. O acerto das acçoens, e a felicidade dos ſucceſſos adiantàraõ de ſorte a opiniaõ de Joaõ Fernandes Vieira, que naõ podendo toleralla a ambiçaõ de alguns que com inveja o ſeguiaõ, determinàraõ tirarlhe a vida, avaliando por mais util entregar a Patria à maldade de ſeus inimigos que determinavaõ deſtruilla, que à virtude do ſeu natural, que pertendia libertalla. Era a conjuraçaõ entre dezanove daquelles em que com mayor attençaõ os beneficios de Joaõ Fernandes Vieira ſe haviaõ empregado. Naõ foy o trato taõ occulto que naõ tiveſſe elle por varias vezes noticias infalliveis do ſeu perigo: apontaraõlhe os nomes dos conjurados, a parte em que o eſperavaõ para lhe darem a morte, e os inſtrumentos que preveniaõ para a executarem. Fiado na igualdade do ſeu animo, e no virtuoſo objecto das ſuas acçoens, deſprezou todos os aviſos. Ultimamente pertendeo André Vidal abrir os olhos ao ſeu deſcuido, moſtrandolhe evidentemente o riſco certo da ſua vida, reſpondelohe que ſe admirava muito de que coubeſſe tambem na ſua prudencia o engano deſtas illuſoens fantaſticas. E ſem terem força taõ vigoroſas advertencias, para lhe introduzirem no animo a menor cautella, ſaindo do ſeu Engenho o primeiro dia de Junho, deixandoſe levar dos cuidados da ſua obrigaçaõ, que naõ devem ter ocioſo o eſpirito dos que governaõ, ſe adiantou da Companhia da ſua guarda, e tendo caminhado ſó hum tiro de peça do lugar de que partira, lhe ſairaõ de hum denſo canaveal tres Mamalucos, que pondo ao roſto outras tantas eſpingadas, e buſcando a mira por alvo o ſeu peito, as diſpararaõ ao meſmo tempo. Huma ſó tomou fogo, que com duas ballas lhe paſſou de parte a parte o hombro direito. Naõ lhe ſervio de embaraço a ferida, para deixar de procurar a vingança, arrojou o cavallo contra os agreſſores, porém achouſe embaraçado com os vallados que cercavaõ o canaveal, que o cavallo naõ pode vencer. Chamados dos écos do tiro chegaraõ diligentes os ſeus

Anno 1646.

Conjuração de João Fernãdes Vieira.

He ferido de huma balla.

O ſol-

Anno 1646.

ſoldados, e vendo derramado o ſangue do Capitaõ que veneravaõ, penetraraõ furioſos o canaveal, e brevemente deſcubrîraõ o Mamaluco author da ferida: acharaõ-lhe nas mãos a eſpingarda, com que havia atirado, e por ella foy conhecido hum dos conjurados, por lha haver dado Joaõ Fernandes Vieira no principio da guerra. Os dous que erràraõ o tiro, ſahiraõ com tanta diligencia pela outra parte do canaveal, que naõ foraõ achados. A primeira noticia deſte ſucceſſo cauſou nos quarteis tanta perturbaçaõ, que pudera augmentarſe a ruina, ſe a ferida naõ dera lugar a Joaõ Fernandes Vieira, a que peſſoalmente ſocegaſſe o rumor. Tratouſe com tanta attençeõ do remedio della, que brevemente ſe reſtituhio Joaõ Fernandes Vieira á primeira ſaude, e para juſtificar que fora valor, e naõ imprudencia, o deſprezo dos aviſos que teve do perigo da ſua vida, elegeo taõ generoſo caminho por recompenſa do ſeu aggravo, que ſe ſatisfez com chamar os conjurados, e moſtrarlhes de roſto a roſto o erro da ſua aleivoſia, o delirio da ſua determinaçaõ e a ingratidaõ do ſeu procedimento, reconhecendo que he mayor caſtigo para a naçaõ Portugueza a affronta que a morte. Bem neceſſario foy melhorar Joaõ Fernandes Vieira, para ajudar com o ſeu zelo, e experiencia aos ſeus naturaes a reſiſtir o novo poder que chegou ao Arrecife, taõ formidavel, que deixou ſatisfeitas as eſperanças dos ſitiados.

Perdoa generoſamẽte aos conjurados.

Deu fundo naquella barra Segiſmundo Vaneſchop General de huma groſſa Armada, em que vinhaõ embarcados quatro mil Infantes, que conduzia Jacob Eſtacourt; hum, e outro Cabo de valor, experiencia, e conhecidos naquella guerra, por haverem aſſiſtido nella os annos da primeira conquiſta; e por eſte reſpeito eſcolhidos em Holanda para eſta empreza, entendendo que eraõ igualmente capazes de reduzir com o entendimento, e com as mãos a contumacia dos ſitiadores. Logo que deſembarcaraõ, fizeraõ exame de todos os ſucceſſos antecedentes, e com arrogancia arguîraõ a froxidaõ dos ſitiados, dizendo, que aquelles meſmos homẽs que elles conhecèraõ na guerra paſſada, naõ era poſſivel que foſſem capa-

Chega aos Holandezes grande ſoccorro com a peſſoa de Segiſmundo.

capazes de conseguir tantas victorias, sem haver concorrido para a sua felicidade o pouco animo dos vencidos. Remeteraõ os sitiados ás experiencias futuras o credito do seu procedimento, dizendo que depressa conheceriaõ os novamente chegados, que se antes contenderaõ com gente bizonha, agora haviaõ de pelejar com soldados destros, e valerosos, que naõ só eraõ capazes de conservar o proprio, se naõ tambem de conquistar o alheyo. Naõ differio muito a conferencia da execuçaõ: porque com todo o calor se animaraõ os soccorridos, e os que os soccorreraõ a negociar com a força, e com a arte o fim daquella empreza. A noticia destes novos contendores poz em grande cuidado os nossos Cabos: porèm como haviaõ cultivado o animo, para receber sem sobresalto estes, e outros mayores accidentes, tratáraõ mais de ponderar a opposiçaõ que de temela; e com prudente discurso deraõ ordem, que se recolhessem aos quarteis os soldados das guarniçoens da Paraiba; Goyana, e outras partes menos importantes, e juntamente os moradores destes districtos, para que unidas as forças, e desemparada a Campanha; nem os Holandezes achassem o poder dividido, nem as terras cultivadas. Executouse pontualmente esta ordem, e ficàraõ os alojamentos mais seguros, por melhor guarnecidos. A cinco de Agosto fez Segismundo a primeira sortida, sahio do Arrecife com 1200 Infantes com determinaçaõ de levar por interpreza a Villa de Olinda. Marchou por aquella lingua de area que a natureza dispensou para a communicaçaõ por entre o rio, e o mar. Fortificavase este passo com huma trincheira, que defendia o Capitaõ Antonio da Rocha Damas: acodio elle promptamente a defendella, e aggregandoselhe o Capitaõ Braz de Barros que governava Olinda, e os Capitães Joaõ Soares de Albuquerque, e Sebastiaõ Ferreira com 180 soldados, naõ se satisfazendo só com a gloria de defender aquelle posto, passaraõ o rio pela parte do Buraco Pequeno, e sem reparar na desigualdade do poder, investìraõ com tanta ordem, e tanto valor os Holandezes, que os obrigaraõ a voltar as costas, e a buscar o amparo do Forte do Perre-

Anno 1646.

Reforção os Governadores os quarteis.

Attaca Segismundo Olinda.

Anno 1646.

Retirase ferido, e com perda de dous assaltos.

xis. Tornouse a formar Segismundo, e segunda vez intentou romper a trincheira animado do novo soccorro que lhe chegou do Arrecife. Aguardou a nossa gente que Segismundo chegasse, e tornárao a investilo com a espada na maõ, depois de haverem empregado a primeira carga, e de sorte acertárao os gòlpes, que ferido Segismundo tornárao os Holandezes a buscar o abrigo da Fortaleza. Queria Segismundo vingar a ferida, e escurecer o opprobrio duas vezes padecido, com terceira resoluçaõ de morrer ou vencer: porém reconhecendo que de todos os quarteis vinha accodindo gente ao rebate, sendo o primeiro que chegou Joaõ Fernandes Vieira, mudou de intento, e recolheose ao Arrecife. Logràraõ os Capitães, que se haviaõ achado nesta empreza, merecido applauso, do bem que haviaõ procedido nella. Passados poucos dias, mandou Segismundo tentar segunda vez a interpreza da Villa de Olinda: porém achando os que a attacáraõ igual resistencia, se tornàraõ a retirar com grande damno. A noite seguinte a esta sahiraõ da Fortaleza dos Affogados mil Infantes com ordem de investîrem o quartel, pela parte chamada do Aguiar. Emboscáraõse sem rumor; porém antes de se descubrirem foraõ vistos das sentinellas que sahiraõ a reconhecer o campo. Tocàraõ arma, accudìraõ ao rebate os Capitães Antonio Borges o Choa, e Francisco de Abreu com as suas Companhias, e com taõ boa ordem sustentaraõ o combate, que deraõ tempo a que chegasse por huma parte D. Antonio Filippe Camaraõ, pela retaguarda os Capitães Cosme do Rego de Barros, e Francisco Berenguer de Vilhena, e logo Joaõ Fernandes Vieira, e todos a hum tempo fizeraõ largar o campo aos Holandezes. Retiraraõse para o amparo da Fortaleza dos Affogados, porem naõ lhe valendo a defensa da artilharia, foraõ valerosamente investidos, e rotos com tanto estrago, que alguns que entenderaõ escapar lançandose ao fosso, se affogáraõ nelle por ser largo, e de grande altura. Foy taõ pouco o damno que recebeo a nossa gente, que se podia contar por milagroso este successo, pelejando primeiro com numero taõ desigual, e depois descubertos aos golpes das muitas ballas de artilharia

Attacaõ os Holãdezes o quartel, e se retiraõ com o mesmo successo.

que

que contra ella diſparou a Fortaleza. Convalecido Segiſmundo da ferida, buſcou novo caminho de reſtaurar o damno padecido: ſahio do Arrecife com quatro mil Holandezes, e quantidade grande de Indios, paſſou o vào dos Affogados, e fèz alto em hum ſitio do Paço de Franciſco Barreiros, nome que coſtumaõ dar os de Pernambuco ás caſas em que recolhem o aſſucar. Trabalhou Segiſmundo por levantar hum Forte neſte ſitio, e emboſcou dous mil homens, e quantidade de Indios, com ordem que aguardaſſem os que acudiſſem ao rebate do alojamento da Barreta, meya legua diſtante daquelle diſtricto, e que depois de os desbaratarem, ganhaſſem, e fortificaſſem aquelle poſto. O Capitaõ Franciſco Lopes, que o guarnecia, tomando melhor acordo, naõ quiz ſair delle, determinando defenderſe debaixo do reparo da ſua trincheira com ſeſſenta ſoldados, e alguns moradores que o acompanhavaõ. Amanheceo, e naõ tendo mais noticia do inimigo, que o rumor que as ſentinellas perdidas haviaõ ouvido de noite, mandou deſcubrir a campanha por hum Cabo com trinta ſoldados, e juntamente fez aviſo aos quarteis pedindo ſoccorro. Chegaraõlhe 400 Infantes, e ao meſmo tempo os ſoldados, que haviaõ ſaido a deſcubrir a campanha, ſem noticia alguma dos inimigos. Com eſta ſegurança ſe tornáraõ a voltar para os quarteis os 400 Infantes, e pouco tempo depois de ſe retirarem apparecèraõ os Holandezes. Naõ deſmayou Franciſco Lopes, ainda que ſe arrependeo de haver deſpedido taõ depreſſa o ſoccorro. Avançàraõ os Holandezes eſte poſto, porèm achando valeroſa reſiſtencia, naõ quizeraõ repetir os aſſaltos, por naõ darem lugar a que chegaſſe a gente dos quarteis. Ao meſmo tempo entráraõ no Engenho de S. Bartholomeo, e prendèraõ Fernaõ do Valle, de quem era o Engenho, e Franciſco Bezerra que neſta má occaſiaõ acertou de ſer ſeu hoſpede. Tendo noticia os noſſos Governadores do poſto que os Holandezes haviaõ fortificado, reſolvèraõ arrazar o alojamento da Barreta por inutil, e arriſcado, e ordenáraõ ao Capitaõ, Franciſco Lopes, que retiraſſe a guarniçaõ para a fralda dos montes Gararapes, e que neſte ſitio ſe fortificaſſe,

Anno 1646.

Anno 1646.

tendo sempre dous cavallos promptos para avisar pela posta aos Governadores de qualquer movimento que os inimigos fizessem. Segismundo, que com todo o cuidado buscava caminho de melhorar o seu partido, sahio do Arrecife com a mayor parte da guarnição, e marchou a saquear a povoação da Jangada, quatro leguas distante do Arrecife, pela meya noite. Teve aviso o Capitão Francisco Lopes deste movimento, e esquecido da ordem que se lhe havia dado, não fez aviso aos Governadores, como devia, de que resultou entrarem os Holandezes a povoação, saquealla, e queimalla com grande estrago dos moradores que havia nella. Accudio Francisco Lopes ao rebate, e alguma gente dos quarteis, porèm tão tarde, que não derão vista mais que da retaguarda do inimigo. Andou mais diligente D. Antonio Filippe Camarão, e conseguio alcançar os Holandezes, e obrigallos a se retirarem à Fortaleza da Barreta; e vendo Segismundo do alto della a muita gente que vinha chegando dos quarteis, celebrou com demonstraçoens publicas o grande perigo de que havia escapado.

Trazia elle ordem de Holanda para intentar a interpreza da Cidade da Bahia. A este fim adiantava com grande calor, e segredo as prevençoens da Armada, e para divertir os pensamentos alheyos do intento desta preparaçaõ, mandou ao Sargento mór Andrezon, com huma esquadra dos mayores navios, a levantar hum Forte na Barra de S. Francisco, e sendo, como era, preciza esta obra, ficava util á dissimulaçaõ da empreza da Bahia. Para conseguir a jornada com menos cuidado dos sitiados determinou levantar hum Forte entre a Villa de Iguaraçu, e a Ilha de Itamaracá, sitio muito conveniente para evitar os nossos progressos, e segurar as entradas dos seus soldados. Sahio de noite do Arrecife, e marchou com tanto silencio que quando o sentiraõ o Capitaõ Francisco Barreiros, e outros que acodiraõ ao rebate, foy a tempo que os Holandezes estavaõ cubertos de terra que haviaõ levantado, ajudada da faxina, e sacos que levavaõ prevenidos. Intentaraõ os nossos Capitaens investir os Holandezes com pouca ordem;

Levantão outro Forte.

mas

mas como era taõ desigual o partido, reriraraõse com alguma perda, e poz Segismundo em defensa, sem outro embaraço, o Forte que havia começado. Deu grande cuidado aos nossos Cabos esta nova obra, e querendo que por algum caminho os Holandezes a avaliassem por infructuosa, sahio dos quarteis o Mestre de Campo André Vidal com mil Infantes, e foy correr a Campanha da Paraiba com intento de a destruir, e recolher os gados que nella traziaõ os Holandezes. Alojavaõse 300 Indios entre as Fortalezas que os inimigos tinhaõ naquelle districto, guardavaõ o gado, e as suas familias; e determinando André Vidal investillos, antes de ser sentido, por lhes naõ dar lugar a se retirarem com os gados ao abrigo das Fortalezas, duvidaraõ os Capitaens do perigo da empreza, e o tempo que durou a contenda, tiverão os Indios de se retirarem com as familias, e gados para junto das Fortalezas; e ficando baldada a jornada, foy grande o enfado de André Vidal, parecendolhe que esta negligencia seria julgada por menos cabo da sua actividade. Havia neste tempo suspendido Segismundo a continuiçaõ das sortidos, attendendo só à prevençaõ dos navios da Armada para a empreza da Bahia, de que daremos conta a seu tempo por succeder nos ultimos de Dezembro esta sua disposição. E como os nossos Governadores a não havião penetrado, andavão com toda a vigilancia segurando os lugares que julgavaõ mais arriscados, e fomentando quanto lhes era possivel engrossar o Exercito assim de gente, como de muniçoens, e bastimentos.

Anno 1646.

Deixamos governando a Cidade de Tangere a D. Gastaõ Coutinho livre do contagio da peste que havia padecido, e da mesma sorte tinha cessado na Berberia, dando lugar a que se corresse o campo com menos receyo. Sahio D. Gastaõ da Cidade no principio deste anno com a noticia de estarem emboscados nos pumares Mouros de pé: mandou investillos, retiraraõse, mataraõ alguns os nossos Cavalleiros, tomarãolhe huma bandeira. E vendo D. Gastão que não havia no campo Cavallaria, que os soccorresse, mandou a mesma noite o Adail, que se

Successos de Africa.

Anno 1646.

se emboscasse na Ribeira com trezentos Cavalleiros: amanheceo, e correndo por hum districto, a que chamaõ as Lombas altas, achou tanto gado, que se veyo retirando com huma grossa preza. Accodirão de Angera alguns Mouros, que investindo varias vezes a retaguarda da nossa gente, lhe dilatavão a marcha. Lopo Fernandes Lopes que naõ era costumado a soffrer molestia dos Mouros, pedio ao Adail alguns Cavallos para armar aos que os seguiaõ, entendendo seria facil desbaratallos, na supposiçaõ de trazerem cansados os cavallos da larga jornada que haviaõ feito, e parecendolhe que o Adail se ajustava com esta proposta, investio com os Mouros acompanhado só de outro Cavalleiro chamado Joaõ Dias Rodrigues. Bastàraõ os dous para obrigarem os Mouros a voltarem as costas: e vendo que o Adail os naõ soccorria, se retiraraõ, trazendo Lopo Fernandes hum braço passado com huma balla: porém confessava que era menor a molestia da ferida, que a pena de naõ lograr a occasiaõ, por lhe negar o Adail o soccorro que lhe havia pedido. Retirouse o Adail, e poucos dias depois determinou D. Gastaõ occupar a Serra com guarda dia, que se festejava muito naquella Praça, por ser o em que se valiaõ com mais largueza da commodidade do campo. Sairaõ de noite os Atalhadores como he costume, e querendo povoar o sitio do Salto, lhe sairaõ quatro Mouros, e ao mesmo tempo 50 a outros dous Atalhadores que estavaõ no posto do Outeiro: ficou hum cativo, os tres perderaõ os cavallos, e se salvaraõ na Serra. Porèm sem embargo de tantas difficuldades, e do perigo que podia correr toda a gente da Praça, occupando a Serra sem estar descuberta, entrou nella D. Gastaõ, e recolhendose á Praça tudo o de que necessitavaõ os moradores, teve aviso que da Serra sahiaõ alguns Mouros de pé com intento de cativarem os que se desunissem do corpo principal. Mandou D. Gastaõ investillos, e duvidando obedecerlhe alguns dos Cavalleiros, foy o primeiro que se arrojou aos Mouros Lopo Fernandes Lopes taõ mal convalescido das feridas que lhe haviaõ dado na occasiaõ antecedente que ainda as trazia abertas: investio valero-

samente

famente com os Mouros, e atravessando com a lança o Almocadem que os governava, ao mesmo tempo lhe disparou huma espingarda, e acertandolhe as ballas em o mesmo braço esquerdo que trazia ferido, lho fizeraõ em pedaços. Livrou o D. Gastaõ do ultimo perigo, sendo o primeiro que o soccorreo, e que valerosamente avançou aos Mouros com tanta resoluçaõ, que os fez voltar as costas, e seguindo os atè o mais espesso do mato, mortos huns, e feridos outros, se retirou com risco manifesto, porque acodindo quantidade de Mouros tiravaõ por entre o mato sem damno, pelos defender de serem avançados a aspereza do sitio. Querendo D. Gastaõ ser o ultimo que se retirasse, fazendose voluntariamente alvo dos tiros tão distincto que levava na cabeça hum chapeo branco com hum sintilho de diamantes, e nos hombros hum capote de escarlata, o não consentio Francisco Tavares de Araujo. occupando a sua retaguarda; e ordenandolhe D. Gastão que se retirasse, o não quiz fazer, dizendo que importava menos a vida de hum Cavalleiro que a de hum General. Recolheose D. Gastão com dous Cavalleiros feridos, e foyse apear a casa de Lopo Fernandes Lopes: assistiolhe à cura da ferida, e recolheose com justo sentimento de ver que era força cortarem o braço a hum dos mais valerosos Cavalleiros daquelle tempo. Continuarão algumas occasioens de menos importancia, e em huma dellas ficou captivo Sebastião Gomes natural de Alenquer. Logo que o fizerão prisioneiro lhe perguntarão se era bom ser Mouro: obrigado do sobresalto, e levado da ignorancia, respondeo que sim, a que se seguio poremlhe hum barrete vermelho na cabeça, que era o sinal que costumavão usar com os que infelicemente trocavão a verdadeira Fè de JESU Christo, pela enganosa ley de Mafoma. Desta sorte o levarão diante de Mahamet Bembucar, e perguntandolhe elle se queria ser Mouro, respondeo constantemente, que nunca lhe entrára no animo (Catholico, e valeroso,) tão indigna determinação: que pela Fè de Christo estava prompto para dar a vida entre os tormentos mais asperos. Indignado o Mouro o mandou atar a hum páo, e acanavear

Anno 1646.

vear pelos rapazes: durou o tormento dilatado tempo; e nelle invocando os Santissimos Nomes de JESUS, e Maria, acabou gloriosamente a vida, para viver eternamente gozando a coroa de Martyr na Bemaventurança; como piamente se pòde entender. Era de 21 annos, chamava-se seu pay Affonso Gomes, e ambos naturaes da Villa de Alenquer. No fim deste anno entrou a governar Mazagaõ D. Joaõ Luiz de Vasconcellos, e acabou o governo de Ruy de Moura Telles, como temos referido.

Anno 1646.

Morre pela fé Sebastião Gomes.

O Estado da India governava D. Filippe Mascarenhas, e como se havia ajustado a tregoa com os Holandezes, conforme as Capitulaçoens de Tristaõ de Mendoça, depois de haverem interessado tudo o que pudèraõ conseguir debaixo do pretexto de simulada dilaçaõ, naõ houve acçaõ militar digna de memoria. Padeceo só a India a desgraça de que estando na barra de Goa entre as Fortalezas Murmugaõ, e Aguada tres Armadas ancoradas, que se haviaõ recolhido no fim de Abril, que naquelles Antipodas he o principio do Inverno, havendo assistido o veraõ do anno antecedente, huma no mar do Norte, outra no do Sul, e Cabo de Comorim, a terceira no do Canarà com o effeito ordinario de conduzir as Cafilas, entre estas Armadas estava ancorada huma náo caravèla, em que hia embarcado Antonio Vaz Pinto por General para a China, que costumava assistir na Cidade de Macáo. Haviaõ as Armadas de ir comboyalo até fora das Ilhas de Maldiva, a respeito dos Paraôs dos Cossarios Malavares, que costumaõ naquelle tempo recolherse aos seus postos de Bargarê, Motungue, e Cunhale; e sem haver alteraçaõ nos mares, nem annuncio de tormenta, ficando o General, e toda a gente das Armadas embarcada para haver de dar á véla, ao romper da manhaã se levantou de repente hum vento Sul taõ furioso, que de 45 navios de remo, de que constavaõ as tres Armadas, naõ escapou navio, nem pessoa alguma: e o General da China querendo, por se livrar do perigo do vento dentro na barra, buscar o mar por remedio, fazendose á vela achou nelle a sepultura com todos os mais soldados que hiaõ embarcados em sua companhia. Foy esta desgraça com ra-

Successos da India.

Naufragio repentino em que se perde a Armada da India.

razaõ ſentida de todo o Eſtado da India, aſſim pela laſtima do ſucceſſo, como pelas conſequencias delle. Eſte anno partîraõ para a India o galeaõ S. Lourenço, e nelle Luiz de Miranda Henriques por Capitaõ mór, a náo Noſſa Senhora da Atalaya, Capitaõ Antonio de Camara de Noronha, as caravelas Noſſa Senhora de Nazareth, e Santa Thereſa.

Anno 1646.

HIS-

Anno 1647.

HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO

LIVRO X.

SUMMARIO

OLTA a governar a Provincia de Alentejo Martim Affonso de Mello: retirase Joane Mendes para Lisboa. Fazem os Castelhanos prisioneiro o Engenheiro Cosmander, e ajusta-se a servir ElRey de Castella. Successos de Entre Douro e Minho, e Traz os Montes. Divide ElRey a Provincia da Beira em dous Partidos. Entrega hum a D. Rodrigo de Castro,

Anno 1647.

tro, outro a D. Sancho Manoel. Varios encontros de ambos os Partidos. Declara ElRey o Principe D. Theodosio Duque de Bragança, e Principe do Brasil. Descobre-se huma conspiraçaõ contra a vida delRey, e castiga-se. Diligencias que se fazem em Roma sem execuçaõ. Determinaõ os Estados de Holanda soccorrer Pernambuco: diverte o soccorro o Embaixador Francisco de Sousa Coutinho Passa Segismundo do Arrecife á Bahia: fortifica-se em Taparica. Passa ao soccorro da Bahia Antonio Telles de Menezes com huma Armada. Prosperos Successos de Pernambuco. Continua o sitio do Arrecife. Retira-se Segismundo da Bahia. Chega o Conde de Villa-Pouca com a Armada depois de retirados os Holandezes: toma posse do governo. Successos das Praças de Africa, e noticia do Estado da India. Persuadidos de Cosmander interprendem os Castelhanos Olivença: entraõ hum baluarte Defende valerosamente a Praça D. Joaõ de Menezes: retira-se o Marquez de Laganes que governava o Exercito. Successos das Provincias de Entre Douro e Minho, Traz os Montes, e Beira. Nasce o Infante D. Pedro. Noticias das embaixadas. Manda ElRey governar o Exercito de Pernambuco a Francisco Barreto. Prendem-no os Holandezes, e livra-se da Prizaõ: Ganha a batalha dos Guararapes. Salvador Correya vay governar ao Rio de Janeiro: intenta restaurar o Reino de Angola, e consegue-o com grande valor. Successos das Praças de Africa, e noticias da India. Varios encontros das Provincias de Alentejo. Entre Douro e Minho, e Traz os Montes que governa o Conde de Atouguia, e dos Partidos da Beira. Dá ElRey casa ao Principe D. Theodosio Prizaõ, e morte delRey de Inglaterra.

A PRO-

Anno 1647.

Successos de Alẽtejo.

A PROVINCIA de Alentejo, que com a auſencia do Conde de Alegrete ficou entregue ao Meſtre de Campo General Joanne Mendes de Vaſconcellos, ſe achava taõ deſtituida de Infantaria, e Cavallaria, e eſte Corpo taõ diminuido de reputaçaõ, que foy neceſſario a Joanne Mendes applicarſe com grande cuidado a tratar ſó da defenſa da Provincia, vendoſe com o poder quebrantado para ſe animar á conquiſta das Praças de Caſtella. E neſte ſentido avaliando por muito importante o ſitio de Ouguela, deu ordem a que ſe fortificaſſe, e applicou juntamente com grande calor a fortificaçaõ de Campo Mayor: porque ſem a ſegurança deſta Praça, era inutil o trabalho que ſe empregaſſe em Ouguela. E aſſim neſtas, como nas mais Praças luzio muito a boa diligencia de Joanne Mendes, porque ElRey lhe mandou aſſiſtir com ſomma conſideravel de dinheiro. E para que os effeitos applicados para eſte fim ſe naõ divertiſſem, deu a ſuperintendencia delles a Martim Affonſo de Mello do ſeu Conſelho de Guerra, e aviſou Joanne Mendes que a Martim Affonſo ſê deſſe conta de tudo o que tocaſſe a eſta expediçaõ. E naõ era eſte o melhor caminho de ſe aperfeiçoarem as fortificaçoens das Praças, porque a correſpondencia dos dous ſe tratava com idéas muito diverſas; ainda que o zelo do ſerviço delRey os fazia ceder a todas as paixoens particulares. Ajuſtou no meſmo tempo ElRey huma contenda, que ſe levantou entre o General da Artilharia Andre de Albuquerque, e o Engenheiro mór Coſmander, ſobre a juriſdicçaõ dos poſtos, no que tocava ás fortificaçoens. Sahio Coſmander com a iſençaõ que pertendia, e pagou depois mal a ElRey todos os favores que lhe fez o tempo que o ſervio. Diſpoſta eſta materia, vendo Joanne Mendes a pouca Cavallaria daquella Provincia, e a muita que era neceſſaria para a ſegurar das continuas partidas que os Caſtelhanos metiaõ, chegando até os lugares mais interiores, prejudicando continuamente aos miſeraveis paizanos, formou algumas Companhias de Cavallos da Ordenança com Officiaes eſcolhidos

Anno 1647.

lhidos pelos Governadores das Armas, obrigandose ElRey a dar mantimentos aos cavallos, e aos soldados só paõ de municaõ. Todas estas bem fundadas ordens destribuhia Joanne Mendes, quando ElRey nomeou segunda vez por Governador das Armas do Exercito de Alentejo a Martim Affonso de Mello. Com esta noticia pouco agradavel para Joanne Mendes pedio licença a ElRey para passar á Corte. Concedeolha, e ficou governando a Provincia o General da Artilharia Andre de Albuquerque. Nomeou ElRey juntamente Tenente General da Cavallaria de Alentejo a D. Francisco de Azevedo, em lugar de D. Joaõ Mascarenhas, que naõ tornou a exercitar aquelle posto, e Commissario Geral, por morte de Alexandre Vanarte, a Achim de Tamericurt, que exercitava o mesmo posto na Provincia de Traz os Montes. Logo que Andre de Albuquerque tomou posse do governo, marchou o inimigo com toda a Cavallaria, e fez alto com a mayor parte della, entre Elvas, e Geromenha, as mais Tropas entráraõ divididas atè Borba, e Landroal: recolheraõse com grande preza, e 25 Cavallos de algumas partidas pequenas que encontráraõ. Andre de Albuquerque com o primeiro rebate sahio de Elvas com 900 Infantes, e 300 Cavallos, governados pelo Commissario Geral D. Joaõ de Ataide: fez alto huma legua da Praça, e reconhecendo a desigualdade do poder, se retirou a Elvas. Fez o mesmo o inimigo com a preza a Badajoz. Andre de Albuquerque desejando a satisfaçaõ deste enfado, ordenou a Henrique de Lamorlê, que com as Tropas de Campo Mayor, e algumas de Elvas, fosse armar ás que se aquartelavaõ em Albuquerque. Executouse a ordem com taõ bom successo, que trazendo-as huma partida nossa ao lugar da emboscada, as derrotaraõ totalmente, tomando-lhe 120 cavallos, ajudando a conseguir este successo a disposiçaõ dos Capitães de Cavallos Joaõ da Silva de Sousa, e Henrique de Figueiredo. Voltou Joanne Mendes a Elvas, e dentro de poucos dias entrou o inimigo com algumas Tropas de Badajoz pela parte de Olivença: quando se retiravaõ com a preza que haviaõ feito, sahiraõ de Olivença os Capitães Luiz Gomes de Figueiredo,

Nomea ElRey Governador das Armas Martim Affõso de Mello. Retirase á Corte Joanne Mendes.

Governa entretanto o General da Artilharia Andre de Albuquerque.

Derrota Henrique de Lamorlê as Tropas de Albuquerque.

gueiredo, e Antonio Jaques de Paiva com 200 Cavallos, e investiraõ com tanto valor a retaguarda das Tropas inimigas, que lhe tiráraõ a preza, ficandolhe sessenta prisioneiros.

Anno 1647.

Chegou neste tempo a Elvas Martim Affonso de Mello: foy recebido de toda a Provincia com grande contentamento, por se haverem persuadido os povos que na sua direcçaõ consistia a sua defensa. Na mesma occasiaõ deu ElRey o Terço, que havia sido de Francisco de Mello (que por queixa da falta de premio se retirou a sua casa) a D. Diogo de Lima Visconde de Villa-Nova de Cerveira, e a Manoel de Mello entregou o governo da Praça de Moura, formandolhe hum Terço (de que juntamente era Mestre de Campo) de varias Companhias soltas que guarneciaõ Serpa, Nondar, Çafara, e Santo Aleixo. Joanne Mendes, como se naõ accommodava a servir com Martim Affonso de Mello, alcançou licença para voltar a Lisboa. Governava as Armas de Castella o Baraõ de Molinguen General da Cavallaria, em ausencia do Conde de Fuen Saldanha que passou á Corte, e naõ voltou ao Exercito. Juntou o Baraõ as Tropas dos quarteis visinhos, e com 1200 Cavallos veyo armar à Cavallaria de Elvas, suppondo achar só a guarniçaõ ordinaria da Praça: porém succedeo, quando se tocou arma, haverem entrado em Elvas a passar mostra as Tropas de Campo Mayor, e Olivença. Sahiraõ ao rebate 800 Cavallos, e tres Terços de Infantaria: mandou Martim Affonso de Mello a Andre de Albuquerque que marchasse com as Tropas, e deulhe por ordem que investisse os Castelhanos, se os achasse desta parte dos rios Guadiana ou Caya, suppondo que como os Castelhanos naõ podiaõ prevenir o accidente de achar em Elvas as Tropas de Campo Mayor, e Olivença, naõ deviaõ trazer poder com que naõ podessemos pelejar. Mandou Andre de Albuquerque ao Commissario Geral D. Joaõ de Attaide avançado com quatro Tropas, e deulhe ordem que se achasse o inimigo desta parte de qualquer dos rios o investisse, que elle sem falta o soccorreria. Chegou a ordem a D. Joaõ a taõ bom tempo que achou o inimigo só com parte das

Entra Martim Affonso em Elvas.

 Tropas

Anno 1647.

Desordem das Tropas, e castigo dos Officiaes.

Tropas desta de Caya. D. Joaõ a naõ executou, dizendo que entendéra que a ordem que Andre de Albuquerque lhe mandára, fora de que avançasse as Tropas inimigas, se todas estivessem desta parte do rio: como se naõ fora mais facil tomar a parte, que o todo. Vendo esta omissaõ Antonio Jaques de Paiva, puchou pela sua Companhia, e passando pelas tres que levava o Commissario investio valerosamente com os Castelhanos: porém como o poder era taõ pequeno, carregado das Tropas da vanguarda inimiga, se veyo retirando ás tres que naõ havendo imitado o exemplo de investir, seguíraõ este. Voltáraõ as costas, fizeraõ o mesmo as que estavaõ com Andre de Albuquerque, sem elle poder detellas, e fugîraõ todos com tanto desacordo, que o inimigo que os carregava com todo o poder, por haver passado o rio o Baraõ de Molinguen, lográra a facçaõ sem controversia, a naõ fazer alto á vista da nossa Infantaria, que estava formada junto á Atalaya da Terrinha: porque com a suspensaõ dos Castelhanos se detiveraõ os nossos soldados, e teve tempo Andrè de Albuquerque de os tornar a formar, e de os unir á Infantaria. Naõ quizeraõ os Castelhanos buscar juntos, os que naõ seguiraõ desbaratados: retiráraõse levando 40 Cavallos, e a nossa gente se recolheo a Elvas. Pagàraõ os culpados o desacordo com que procedéraõ, porq̃ Martim Affonso q̃ em grande utilidade do serviço delRey, naõ costumava perdoar semelhantes delictos, prendeo D. Joaõ de Attaide, remeteo-o a Lisboa, e tirou os postos a outros Officiaes, tendo apertadas ordens delRey para proceder com todo o rigor contra os culpados. Chegou a mesma a Jorge da Silva Mascarenhas, que ainda estava em Alentejo, Usou desta occasiaõ Martim Affonso para reduzir a Cavallaria a melhor fórma: lançou fóra della os Officiaes, e soldados inuteis, e compola com outros melhores, e deu a execuçaõ a pratica que Joanne Mendes havia começado da Arca, e Contrato: porque governando Joanne Mendes teve principio esta utilissima disposiçaõ, e veyo a lograr-se em tempo de Martim Affonso de Mello em grande credito de ambos, pelos interesses que resultàraõ ao serviço del-

Rey;

Rey; e defensa do Reino. Das condiçoens deste contrato demos noticia antes de entrar a escrever os successos da guerra. Todas as mais occasioens que succederaõ neste anno na Provincia de Alentejo, foraõ de taõ poucas consequencias, que naõ saõ dignas de memoria. Deu só justo cuidado a infelicidade de levar huma partida dos Castelhanos prisioneiro ao Coronel Engenheiro mór Joaõ Paschasio Cosmander. Vinha de Estremoz para Elvas, entendendo que estava seguro, despedio o comboy antes de entrar nos olivaes, e a poucos passos que havia caminhado, encontrou huma partida de Castelhanos, que o fez prisioneiro. Despedio logo o Conde de S. Lourenço hum correyo pela posta a dar conta a ElRey, que sentido deste successo, como era justo, lhe ordenou offerecesse aos Castelhanos o Conde de Singuen em troco de Cosmander, e procurou por todas as vias mostrar a Cosmander o muito que estimava a sua pessoa, e o sentimento que lhe ficava da sua prizaõ. Porèm nem estas, nem outras diligencias prevaleceraõ contra a industria dos Castelhanos: porque conhecendo quanto lhes importava reduzir á sua devoçaõ o grande espirito de Cosmander, todo envolto nas nossas politicas, senhor absoluto dos segredos das nossas Praças, do genio dos Ministros, e da sufficiencia dos Cabos, applicáraõ as diligencias mais exquisitas, e os meyos mais extraordinarios, com o fim de lograrem a bem fundada idea de o reduzirem a ser parcial dos seus interesses. Vacilou muito tempo Cosmander entre os beneficios de Portugal, e as promessas de Castella. Contra a sua constancia applicáraõ os Castelhanos novos arbitrios, cresciaõ as dadivas, os regalos, e as assistencias; e naõ perdoáraõ ao suave encanto da illicita conversaçaõ, e industriosas persuaçoens de algumas Damas da Corte (para onde logo o passáraõ,) entendendo que no coraçaõ em que entra o amor, que he cego, perde o vigor o entendimento, que he Argos. Porèm ainda que fossem grandes as conveniencias, naõ podia ser licito este artificio com hum Religioso. A todos estes combates resistio Cosmander, e veyo a renderse por caminho extraordinario, quando menos o imaginava. Assistialhe, para o segu-

Anno 1647.

He prezo Cosmander.

Anno 1647.

ſegurar, hum Sargento com huma Eſquadra de ſoldados: porfiando hum dia ſobre o direito, e defenſa de Portugal, tratou Coſmander taõ aſperamente ao Sargento, que ſe achou elle obrigado a tomar ſatisfaçaõ, e dando lhe na cabeça com o ferro da alabarda, lhe fez huma grande ferida. Os Caſtelhanos eſtimàraõ o caſtigo da contumacia, que conſideravaõ em Coſmander, por deſcobrirem novos meyos de ſe valerem da ſua aſtucia. Multiplicàraõ os regalos, e as aſſiſtencias dos mayores Miniſtros, e peſſoas principaes da Corte, e vieraõ com eſte ultimo esforço a conſeguir o ſeu deſejo. Sarou Coſmander da ferida, e adoeceo da infidelidade; reduzioſe a ſervir ElRey de Caſtella, e brevemente, como veremos, experimentou o caſtigo da ſua ingratidaõ.

Ajuſtaſe a ſervir ElRey de Caſtella.

O Conde de Caſtello-Melhor continuava o governo da Provincia de Entre Douro e Minho, attendendo a conſervalla com a menor oppreſſaõ dos povos que lhe era poſſivel; e como todo o diſpendio da guerra ſahia dos ſeus cabedas, e todas as emprezas ſe conſeguîraõ á cuſta do ſeu ſangue, naõ queria opprimillos na conquiſta, parecendolhe neceſſario reſervallos para a defenſa; Mas deſejando que as Armas naõ eſtiveſſem de todo ocioſas, determinou interprender hum Forte, que os Galegos haviaõ levantado pouco diſtante de Salvaterra, chamado de Freixendo. Deu conta a ElRey deſta reſoluçaõ: approvoulha, advertindolhe que tentaſſe primeiro o eſtado das fortificaçoens da Cidade de Tuy: porque ſeria mais util, e de mayor reputaçaõ eſta, que aquella empreza. Mas nem huma, nem outra ſe executou, naõ querendo ElRey na contingencia do ſucceſſo ſe entraſſe em taõ grande empenho. Neſte tempo tendo o Conde de Caſtello-Melhor noticia que o Conde de Santo Eſtevaõ Governador das Armas de Galiza ſahia de Tuy a viſitar os Fortes de Filhaboa, e Freixendo com 1500 Infantes, e 400 Cavallos, mandou ſair de Salvaterra ao Meſtre de Campo Franciſco de França Barboſa com 450 Infantes, e que occupaſſe hum poſto junto do rio Minho, chamado das Maleitas, diſtante de Salvaterra hum tiro de moſquete, taõ defenſavel que na deſigualdade de hum, e

Succeſſos de Entre Douro e Minho.

outro

outro poder facilitava á nossa gente o bom successo. E ordenou ao Ajudante da Cavallaria Labarta que com vinte Cavallos investisse as sentinellas do inimigo, e que se acaso fosse carregado de mayor poder, se retirasse ao abrigo da Infantaria, para que o inimigo das ballas que ella lhe atirasse, recebesse algum damno. Executou Labarta a ordem, e correspondeo o effeito á disposiçaõ: porque logo que Labarta investio as sentinellas, o carregáraõ cinco Batalhoens ajudados de algumas mangas de mosqueteiros. Haviaõ saido com Francisco de França cem soldados Holandezes, estes cegos do temor, logo que viraõ o inimigo, voltaraõ as costas: seguîraõ este exemplo alguns soldados Portuguezes, retiraraõse a Salvaterra, e Francisco de França com os que lhe ficaraõ repetio as cargas de sorte que os Galegos, depois de porfiada diligencia, se retiraraõ com algum damno, ajudando a Francisco de França a Tropa do Capitaõ Diogo de Brito, que sustentou muitas horas a escaramuça. Havia neste tempo passado em hum barco a Galiza o Capitaõ Gomes Correa Pereira com a sua Companhia de Infantaria a armar a alguns Galegos que costumavaõ descer ao rio: deu vista das Tropas inimigas, e elegeo para se defender hum sitio pouco seguro. Mandoulhe ordem Francisco de França que se quizesse encorporar com elle: naõ quiz obedecer, e retirouse a taõ máo tempo, que poucos Cavallos do inimigo bastáraõ para o derrotar, e lhe tirar a vida. ElRey naõ approvou ao Conde de Castello-Melhor o empenho em que poz esta Infantaria, havendo tido anticipada noticia do poder que traziaõ os Galegos: porém elle desculpavase com a fortaleza do sitio que mandou occupar; e dizia que era credito das Armas deste Reino aguardar sempre ao inimigo fóra das Praças, para que nunca parecessemos conquistados. Mas esta doutrina he melhor para repetida, que para executada: porque os accidentes militares naõ devem sujeitarse a mais leys que ás da razaõ, tocando regullalos aos Cabos que governaõ, que devem applicar toda a prudencia a saber usar das occasioens que a fortuna lhes offerece.

Anno 1647.

Anno 1647.

Successos de Traz os Montes.

A Provincia de Traz os Montes, que governava Rodrigo de Figueiredo de Alarcaõ teve poucas occasiões em que se alterasse o socego que igualmente de huma, e outra parte se havia abraçado como interesse commum. Alguns encontros que succederaõ foraõ de taõ pouca importancia, que naõ merecem lugar na historia. Rodrigo de Figueiredo attendeo com grande cuidado á fortificaçaõ de Chaves, e levantou na Provincia alguns Cavallos, que voluntariamente davaõ os moradores mais ricos, de que formou duas Tropas da Ordenança. Intentou o inimigo fazer hum Forte em Villarelho, ultimo lugar nosso, que fica visinho a Chaves: oppozse Ruy de Figueiredo a esta determinaçaõ, e a divertio facilmente. No fim deste anno alcançou licença delRey para passar a Lisboa: concedeolha, ordenandolhe que deixasse entregue a Provincia a Francisco de Sampayo, Governador das Villas, e lugares da Torre de Moncorvo, e muito merecedor de grandes empregos. Deixou tambem exercitando o posto de Commissario Geral da Cavallaria a Henrique de Lomorlê que servia de Capitaõ de Cavallos na Provincia de Alentejo, em lugar de Achim de Tamericurt que havia passado áquella Provincia com o mesmo posto de Commissario Geral.

Successos da Beira.

O Conde de Serem, depois do inimigo se retirar de Salvaterra da Beira, applicou todo o cuidado a segurar aquella Praça pedio a ElRey 500 Infantes da Provincia de Alentejo para reparo das muralhas, e outras óbras convenientes. Logo se lhe remettèraõ, e á instancia do Conde mandou ElRey repartir pelos moradores da Villa quantidade de paõ, para que pudessem cultivar as terras, e refazeremse do damno que haviaõ padecido. Nesta disposiçaõ, e em outras muito convenientes á defensa daquella Provincia se exercitou o Conde de Serem os primeiros mezes deste anno, e ameaçado de perigosos accidentes, que puzeraõ em contingencia (com a prizaõ de seu Pay) a reputaçaõ da sua casa, pedio licença a ElRey para largar o Posto, e se recolher á Corte, Concedeolha ElRey; ordenandolhe que primeiro dividisse aquella Provincia em duas partes: porque havia deter-

minado que houvesse nella dous Governadores das Armas suppondo que resultaria desta separaçaõ, ficar a Provincia melhor defendida, na consideraçaõ de ser muito dilatada. Para o governo das Armas das Comarcas da Guarda, Pinhel, Lamego, e Esgueira nomeou ElRey a D. Rodrigo de Castro, que ultimamente havia occupado o Posto de Governador da Cavallaria do Exercito de Alentejo: e ao Mestre de Campo D. Sancho Manoel fez Governador das Armas das Comarcas de Castel-branco, Viseu, e Coimbra, ficando á ordem de D. Rodrigo a Praça do Sabugal, que era da Comarca de Castel-branco: porque a Raya se naõ podia dividir em outra fórma. Distinou ElRey para a guarniçaõ das Praças que tocavaõ a D. Rodrigo, 1400 Infantes pagos, e 300 Cavallos: e para as que pertenciaõ a D. Sancho 200 Cavallos, e 1100 Infantes. Estas guarniçoens se multiplicàraõ depois que a guerra foy mayor: neste tempo em que apertava pouco, tratava ElRey com grande prudencia de naõ fazer mayor despeza que aquella que lhe parecia precisamente necessaria; considerando juntamente que as Ordenanças sempre estavaõ promptas para acodirem às occasioens que se offereciaõ. Feita esta repartiçaõ partio o Conde de Serem para Lisboa, e chegou á Beira D. Sancho Manoel primeiro que D. Rodrigo de Castro. E nós continuáremos a historia, dando conta dos successos destes dous Partidos, fazendo separaçaõ entre hum, e outro, e seguindo na fórma proposta á Provincia de Traz os Montes, o que tocou a D. Rodrigo, ficando ultimo o governo de D. Sancho Manoel.

Anno 1647.

Divide ElRey a Provincia da Beira entre D. Rodrigo de Castro, e D. Sancho Manoel.

Chegou D. Rodrigo á sua Provincia, e com grande actividade dispoz tudo o que julgou conveniente para a defensa della. Obrigou todos os moradores de cabedal a que tivessem cavallos, que reduzio a Companhias da Ordenança, como nas outras Provincias com ordem delRey se havia executado. Os Castelhanos, querendo experimentar a força das disposiçoens de D. Rodrigo de Castro, entráraõ com algumas Tropas pela parte de Alfayates: oppoz-se-lhe D. Rodrigo, e obrigou as Tropas a se retirarem, deixando alguns cavallos. Sem

Anno 1647.

interpor dilaçaõ, desejando mostrar aos Castelhanos o acerto das suas idéas, deliberou ganhar o Forte de Galegos, quatro leguas distante de Almeida, e menos de duas de Ciudad Rodrigo: juntou 600 Infantes pagos, 2500 da Ordenança 160 Cavallos, e tres peças grossas de artilharia. A 23 de Agosto sahio de Almeida, e foy alojar a Val de la mula. Havia mandado duas partidas examinar se era sentido em Ciudad Rodrigo ou no Forte de Galegos; recolheraõse segurando naõ haver movimento algum que impedisse a jornada, e que só na estrada da Vimiosa, lugar nosso, se achára pista que parecia de 400 Cavallos. D. Rodrigo considerando que era impossivel alcançallos, e na confiança de deixar as Praças guarnecidas, e recolhidos os gados, continuou a marcha, e chegou ao Forte ao dia seguinte ás tres horas da tarde. Adiantouse a reconhecello, e vendo que era muito capaz de se defender, mandou com diligencia levantar huma plataforma 400 passos da muralha: porém experimentando que ficava distante, tanto que cerrou a noite a mandou fabricar visinha á estacada, que rodeava o Forte. Amanheceo fortificado, e jugando hum morteiro com pouco damno dos defensores por rebentarem no ar as mais das bombas. Começou a jugar a artilharia, mas experimentando D. Rodrigo que a brecha naõ poderia estar capaz de assalto com a brevidade que elle pertendia, por ser a muralha terraplenada, e chegandolhe aviso, que o inimigo entràra com 700 Cavallos, e mil Infantes pelo termo de Castello Rodrigo, e que tomando lingua, e constandolhe que o Forte de Galegos estava sitiado, se tornàra a retirar, e puchava a Ciudad Rodrigo todas as guarniçoens das Praças, para soccorrer o Forte mudou acertadamente de opiniaõ, e chamando a Conselho propoz, que elle julgava por sem duvida, que a guarniçaõ de S. Felices havia de acodir a Ciudad Rodrigo, porque era a mais numerosa, e a de melhor qualidade; e que nesta consideraçaõ podiaõ tirar da difficuldade da empreza do Forte de Galegos o interesse de ganhar S. Felices, muito mais importante para a opiniaõ, e muito mais util para os soldados. Approvàraõ todos este

Intenta D. Rodrigo o Forte de Galegos, e se retira.

te discurso: mandou D. Rodrigo desfazer as plataformas, e retirar a artilharia; e deixando rodeado o Forte de sentinellas de Cavallo para que naõ pudessem avisar a Ciudad Rodrigo, mandou para Almeida a artilharia, por lhe naõ ser necessaria, comboyada com dous Terços da Ordenança, de que eraõ Mestres de Campo Braz Garcia Mascarenhas, e Luiz de Brito Saraiva, e marchou para S. Felices com 1200 Infantes, e 120 Cavallos. Fez alto pouco espaço em Villar de Serro, e continuando a marcha lhe trouxeraõ prisioneiros tres soldados de Cavallo, os quaes confessáraõ que marchavaõ com mil Infantes que passavaõ de S. Felices para Ciudad Rodrigo, e que haveria duas horas que atravessáraõ aquella estrada. Que na tarde antecedente haviaõ tambem marchado de S. Felices para Ciudad Rodrigo 700 Cavallos, em que entravaõ tres Tropas de Badajoz; que na Praça ficáraõ 300 Infantes pagos fóra os paizanos, que seriaõ mais de 800. Com esta noticia apressou D. Rodrigo a marcha, e chegou a S. Felices, quando rompia a manhaã, huma partida que levava avançada: fez prisioneiros alguns paizanos que justificaraõ a confissaõ das primeiras linguas, accrescentando que dentro da Praça estava D. Antonio Isasse, que governava as Armas daquelle partido, e que havia chegado àquella Praça a prevenir o soccorro do Forte de Galegos. Fez D. Rodrigo grande diligencia por naõ dilatar o assalto: porém naõ havendo chegado a retaguarda da Infantaria, foy preciso deterse até as nove horas, e veyo a dar tempo a D. Antonio Isasse para se prevenir, ainda que com grande receyo pela muita gente que lhe faltava. Separou D. Rodrigo 400 Infantes em quatro Corpos, e ordenou aos Capitães que investissem por outras tantas partes para obrigar aos Castelhanos a que se dividissem, e elle com a Cavallaria, e o resto da Infantaria marchou a buscar a porta. Avançaraõ os Capitães com tanta resoluçaõ, que entráraõ a trincheira, e o Capitaõ Jorge de Abreu ganhando a porta a abrio. Mandou D. Rodrigo entrar por ella ao Capitaõ de Cavallos D. Francisco Naper, que deu grande calor aos que pelejavaõ dentro da Villa. Foy logo em seu seguimento, e aca-

Anno 1647.

Ganhase, e quasi mase a Villa de S. Felices.

Anno 1647.

acabou de desbaratar os Castelhanos que com porfiada defensa resistiaõ. Retiraraõse alguns para o Castello que ficava quasi separado da Villa, sendo hum delles D. Antonio Isasse. Saquearaõ a Villa os nossos soldados, que depois de recolherem grande despojo, puzeraõ fogo a mil e duzentos fogos, de que a Villa constava. Acharaõse mortos 150 Castelhanos, e alguns se queimáraõ nas casas que pertenderaõ defender: no assalto morréraõ dez soldados, em que entrou o Capitaõ Joaõ Antonio; ficáraõ 17 feridos, entre elles o Capitaõ Pedro da Costa. Sinalouse nesta occasiaõ o Tenente de Mestre de Campo General Diogo Sanches del Poço, Castelhano de naçaõ, e casado em Portugal, D. Pedro, e D. Diogo de Almeida, e Simaõ Correa da Silva, hoje Conde da Castanheira; e os mais Officiaes, e Soldados procederaõ com muito valor. D. Rodrigo se retirou sem embaraço por ficar S. Felices seis leguas de Ciudad Rodrigo, parte em que estava junto todo o poder dos Castelhanos, e conseguio grande credito nesta empreza, pelo acerto com que a soube dispor. Pouco tempo depois deste successo, mandou D. Rodrigo o Tenente Antonio Ferreira com oitenta Cavallos emboscarse entre Ciudad Rodrigo, e o Forte de Galegos: naõ foy sentido, derrotou hum comboy de Infantaria, fez prisioneiro hum Sargento mór, e tomou trinta cavallos. Com igual fortuna, e mayor effeito armou o Commissario Geral da Cavallaria Rozan a algumas Tropas do inimigo junto a Grinaldo: tomou setenta cavallos sem damno algum, e obrigou os mais a se retirarem, salvando as vidas nos lugares visinhos. Animado D. Rodrigo destes successos, ajuntou 800 Infantes, e 150 Cavallos, entrou nos lugares junto a Ciudad Rodrigo, queimou alguns abertos, e destruhio toda aquella campanha, sem achar quem lhe fizesse resistencia. Depois de recolhido a Almeida, teve D. Rodrigo aviso de que ausentandose D. Antonio Isasse, ficára governando as Armas dos Castelhanos o Mestre de Campo D. Francisco de Herrara, soldado de grande opiniaõ. Para resistir a suas primeiras disposiçoens se prevenio D. Rodrigo, e resultou da sua vigilancia derrotarem as nossas Tropas hum

Outros successos prosperos.

huma groſſa partida do inimigo junto a Valdelamula, fazendo priſioneiros todos os ſoldados que vinhaõ nella.

Anno 1647.

Entra D. Sancho na ſua Provincia.

Quaſi ao meſmo tempo que D. Rodrigo de Caſtro, chegou D. Sancho Manoel a governar o ſeu partido. A noticia que havia adquirido na guerra de Flandes, Italia, e Alemanha, e o conhecimento que tinha dos lugares daquella Provincia o habilitavaõ para aquella occupaçaõ, e lhe pronoſticavaõ a felicidade do ſeu governo. Poucos dias depois de haver chegado, teve aviſo; que o inimigo havia entrado com cem Cavallos pelos lugares fronteiros a Safra; e que ſe retirava com huma groſſa preza. Deſpedio com brevidade ao Capitaõ Gaſpar de Tavora com cem Cavallos, e outros tantos moſqueteiros: marchou elle com taõ boa diligencia, que alcançou os Caſtelhanos antes de ſahirem de Portugal. Inveſtio-os, e derrotou os: parte deixou mortos, os mais ficàraõ priſioneiros: retirouſe tornando a recuperar a preza. O cuidado de D. Sancho deteve alguns mezes as entradas dos Caſtelhanos, e a pouca gente com que ſe achava, lhe detinha o deſejo de entrar em Caſtella. Tendo noticia de que o inimigo juntava gente, e convocava Tropas de Alentejo, ſuppondo que poderia intentar a empreza de Salvaterra, ſe metteo naquella Praça, e tratou com grande cuidado de a fortificar, e baſtecer. Reſultou deſta diligencia deſvanecerſe a determinaçaõ dos Caſtelhanos, e ficou aquelle Partido por algum tempo ſocegado.

O Capitaõ Gaſpar de Tavora desbarata hũa Tropa dos Caſtelhanos.

ElRey, ſabendo regular as diſpoſiçoens pelos tempos declarou eſte anno Principe do Eſtado do Braſil a ſeu filho o Principe D. Theodoſio, e foy ſeparando o rendimento da Caſa de Bragança para alimentos da Caſa do Principe. Quando tomou eſta reſoluçaõ, foy o primeiro que deu noticia della ao Principe, D. Manoel da Cunha Arcebiſpo de Lisboa, e Capellaõ mór; diſſelhe, uſando da fraſi commũa de ſer o Braſil outro Mundo deſcuberto, que lhe dava o parabem de o ver Principe do outro Mundo. E como o Arcebiſpo era velho, amarelo, e magro, reſpondeolhe o Principe com agudeza, e deſcripçaõ, de que era dotado, que ſó hum embalſemado lhe

Declara ElRey o Principe D. Theodoſio Duque de Bragança, e Principe do Braſil.

Anno 1647.

lhe podia trazer ſemelhante nova. Mas com tudo lha agradeceo por eſtylo mais ſerio, com a veneraçaõ com que coſtumava tratar os Prelados da Igreja. Porém ao paſſo que ElRey tratava da defenſa, e remedio do ſeu Reino, diſpunhaõ os Miniſtros de Caſtella a ſua ruina, naõ perdoando a diligencia alguma, ainda que foſſe merecedora do mayor vituperio. E a naõ ſerem as virtudes delRey dignas do auxlio divino, conſeguiriaõ eſte anno o mais abominavel inſulto a que podia chegar a malicia humana. Fugio para Madrid Domingos Leite, natural de Lisboa, eſcrivaõ da Correiçaõ do Civel da Corte; e naõ ſendo de humilde naſcimento, era de taõ prejudicial animo, que tendo intervençaõ para ſe offerecer aos mayores Miniſtros delRey de Caſtella, depois de varias propoſtas, ajuſtou com elles que elle ſe obrigava a matar ElRey D. Joaõ na parte em que elle menos ſe receava, e em que com mais confiança podia eſtar ſem receyo do perigo. Recebendo por eſta taõ perniciosa offerta o Habito de Chriſto, outras mercês, e groſſos cabedaes, partio de Madrid acompanhado de Manoel Roque, no mez de Mayo chegou a Lisboa, alugou humas caſas na rua dos Torneiros, e dellas foy inſenſivelmente alugando todas as que ſe continuavaõ até huma pequena praça, que fica nas coſtas da Igreja de S. Nicoláo. Feita eſta diligencia, e preparadas varias eſcopetas carregadas com balas ervadas de venenos taõ efficazes, como depois ſe experimentáraõ nos que ſe acháraõ nas meſmas caſas que havia alugado, eſtas moradas de caſas communicou humas com outras, e diſpoſta toda eſta maliciosa maquina aguardou dia de Corpo de Deos (que cahio eſte anno a vinte de Junho) em que ElRey coſtumava com devoto zelo acompanhar a prociſſaõ do Santiſſimo Sacramento; intentando ao tempo que ElRey com toda a Nobreza chegaſſe ao meyo da rua dos Torneiros, huma das mais eſtreitas de Lisboa, empregar qualquer das eſcopetas; e ſe acaſo lhe erraſſe fogo, outra das que havia preparado. E para que o effeito do golpe foſſe ſem duvida, havia feito na parede freſtas com pontarias oppoſtas para ſegurar o tiro, ou pela frente, ou pelas eſpaldas delRey. Atalhou toda eſta

Offereceſe Domingos Leite a matar ElRey.

deter;

determinaçaõ a divina Providencia, que naõ quiz permittir que ElRey encontrasse a morte no caminho mais proprio da eterna vida, considerado na assistencia de Christo Sacramentado: porque Domingos Leite, apparecendo ElRey taõ perto da pontaria, que fora sem duvida a execuçaõ do golpe, se lhe representou na pessoa delRey (como depois confessou) huma taõ soberana Magestade, que desalumbrado da luz que imaginava, perdeo a pontaria, e continuando com a mesma diligencia pela segunda fresta, tornou a experimentar o mesmo effeito. Passou ElRey livre de taõ manifesto perigo, e Domingos Leite cerradas as portas de todas as casas que havia alugado, foy buscar ao Mosteiro de Nossa Senhora da Graça a Manoel Roque, que o esperava montado em hum cavallo, com outro de redea. Caminhou para Madrid, aonde forjando varias desculpas, e admittindolhas os Ministros de Castella, como arriscavaõ poucos cabedaes em segundo intento em que esperavaõ conseguir taõ relevantes consequencias, tornàraõ a mandar Domingos Leite com ordem mais serrada de naõ faltar ao que havia promettido. Partio de Madrid para Lisboa, e no caminho descobrio a Manoel Roque o seu intento, ja confiado na sua amizade: porque na primeira jornada lhe havia dito, como elle depoz, que a determinaçaõ com que vinha a Lisboa, era de matar sua mulher, que lhe naõ merecia levantarlhe este testimunho. Porém os malfeitores sempre costumaõ dissimular os seus dilictos com outros mayores. Manoel Roque conhecendo com melhor discurso a indigna execuçaõ a que caminhava, e apartado de Domingos Leite com o pretexto de alugar casas, se adiantou da Povoa de D. Martinho, tres leguas de Lisboa. Logo que entrou nesta Cidade deu conta a ElRey que promptamente mandou alguns Ministros de justiça á ordem de Luiz da Silva Telles, de quem ElRey justamente fiou materia taõ importante. Chegou elle á estalajem da Povoa, aonde Domingos Leite estava, e entrando nella só com valeloſa resoluçaõ o prendeo, e fazendoselhe perguntas depoz o seu dilicto, e examinadas as casas que havia alugado se acharaõ nellas as escopetas, e vasos de pe-

Anno 1647.

Perturbale na execuçaõ por favor divino.

Torna Domingos Leite a Madrid.

Descobrese a conjuraçaõ.

Anno 1647.

Castigase Domingos Leite.

peçonha. Foy fentenceado a enforcar, cortandolhe primeiro as mãos no pilourinho, e o feu corpo dividido em quartos, ficou muitos dias por teftimunho da fua infamia, e do labéo em que cahiraõ os authores della, principaes inftrumentos das defgraças da Monarquia de Hefpanha: pois faõ fempre confequencia da ruina dos Reinos os intentos injuftos dos Principes, e de feus Miniftros. ElRey mandou em todo o Reino render as graças de beneficio taõ finalado, e a Rainha com devoto zelo enfinado do feu agradecimento, deu ordem a que fe levantaffe no lugar em que Domingos Leite havia intentado executar o feu perverfo defignio, hum Convento dedicado ao Santiffimo Sacramento, e o mandou occupar por Religiofos Carmelitas Defcalços, que hoje fe vê acabado com fumma perfeiçaõ, e no retabolo da Capella mòr a infignia do Santiffimo Sacramento acompanhada del-Rey, e da Nobreza na fòrma em que coftuma ir na prociffaõ do Corpo de Deos.

Acção de graças.

ElRey tornou a mandar efte anno por Embaixador de França ao Marquez de Niza, como havemos referido, e entregou trezentos mil cruzados á fua ordem em pimenta, e outros generos, alcatifas, e outras coufas preciofas da India, para deftribuir como lhe pareceffem mais conveniente: e juntamente lhe deu ordem para offerecer ao Cardeal Maffarino o Arcebifpado de Evora, e outros bens Ecclefiafticos, ou para elle, ou para feu irmaõ o Arcebifpo de Ayx: porque ElRey com a fumma prudencia, de que era dotado, ponderava os intereffes que refultavaõ á fua Coroa da uniaõ de França. Levou o Marquez ordem para tratar com o Cardeal o cafamento do Principe com a filha mais velha do Duque de Orleães. O Cardeal approvou efte intento, e affim o mandou fegurar a ElRey por Francifco Lanier, affiftente em Lisboa aos negocios de França, porém fem mais poderes que tratar dos foccorros que aquelle Reino podia dar a ElRey: porque querendo obrigallo o Conde de Odemira Vèdor da Fazenda da repartiçaõ da India, e do Confelho de Eftado, a quem ElRey remeteo Francifco Lanier para a conferencia dos negocios de França, a tra-

Tratase o cazamento do Principe D. Theodosio com a filha do Duque de Orleães.

a tratar da liga formal, ou ſegurança de que ElRey entraria na paz ou tregoa de Munſter, ſempre ſe apartou deſta pratica, dizendo que ſenaõ eſtendiaõ a tanto os ſeu poderes. O Marquez de Niza communicou ao Cardeal, que ElRey eſtava deliberado a comprar aos Holandezes todas as Praças, que occupavaõ no Braſil. Approvou o Cardeal de ſorte eſta determinaçaõ, que ſegurou ao Marquez que ſe a ElRey lhe faltaſſe dinheiro para o effeito deſta compra, a Rainha de França havia de vender as ſuas joyas para o ajudar a conſeguilla. Havia levado tambem o Marquez ordem delRey para fomentar a revoluçaõ de Napoles: porèm os Caſtelhanos entendendo que o Principe de Galiano podia ſer Author deſte deſignio, o attalharaõ, prendendo o Principe no Caſtello de Napoles. ElRey naõ podendo vencer no Congreſſo de Munſter a paz ou a tregoa de Caſtella, deſejava a aliança de França: porem os Francezes, ſem ſe concluir o Congreſſo, dilatavaõ a deliberaçaõ deſte negocio, e Lanier a quem o Cardeal havia commettido os poderes deſte ajuſtamento, como eraõ reſtrictos a condições certas, com deſtreza dilatava toda a concluſaõ que era conveniente a ElRey. E como os pretextos eraõ poucos, chegou a valerſe o Cardeal até de hum muito remoto: porque obrigando ElRey aos Religioſos de S. Domingos a jurarem a Immaculada Conceiçaõ da Virgem Puriſſima, mandou o Cardeal eſtranharlhe eſta novidade. Porém antepondo ElRey a devoçaõ de Noſſa Senhora a todas as politicas humanas, naõ alterou o que havia determinado. O Cardeal ſe moſtrou ſentido, demonſtraçaõ de que ElRey fez pouco caſo. O Marquez de Niza, entendendo que a politica dos Francezes era fazerem paz com Caſtella, e mandarem quantidade de Tropas a Portugal, para aliviar França do pezo dos ſoldados, e prejudicar a Caſtella por parte mais ſenſitiva, moſtrava ao Cardeal, que ElRey naõ havia de aceitar tantas Tropas, como os Holandezes haviaõ feito: porque os Povos de Portugal naõ podiaõ conſentir mayor oppreſſaõ no ſoccorro que na guerra. O Cardeal deſejava por ſeus intereſſes que continuaſſe em França a guerra de Caſtella, mas diſſimulava-o com grande arte,

Anno 1647.

Pretextos de França para não concluir a liga.

por

Anno 1647.

porque quasi todos seus inimigos desejavaõ a paz, sendo os principaes o Conde de Briana Secretario de Estado, e Monsiur de Avaux Védor da Fazenda, que tinhaõ grande parte no governo, e nesta materia eraõ muito poderosos, porque a seguia a Rainha Regente. Dizia o Cardeal, que os Francezes com errada politica naõ costumavaõ olhar mais que para o tempo presente, e que esta condiçaõ hereditaria os persuadia a desejar a paz de Castella, sem reparar nos inconvenientes que depois de concluida, se lhe havia de seguir, sendo o mayor de todos desampararse a conservaçaõ de Portugal, em que Castella com menos custo de França tinha o mayor inimigo. A Rainha com o desejo da paz, quando se chegava a este ponto, dizia, que ella naõ podia passar pelo escrupulo de que França defendesse humà causa injusta, porque o Reino de Portugal (como ella queria suppor) pertencia a seu Irmaõ ElRey de Castella. Esta duvida desfez o Cardeal, mostrando com a verdade claramente á Rainha, que ElRe y seu Irmaõ fora possuidor intruso do Reino de Portugal, e o Principe de Condê com o grande desejo q̃ tinha de que durasse a guerra em França favorecia com grande empenho os interesses deste Reino. E quando em Munster se chegava a tratar destas materias com o Embaixador de Castella, que era o Conde de Penharanda, lhe prometiaõ os Francezes que se ajustassem tregoa com Portugal por trinta annos, largariaõ o Ducado de Lorena ao Duque que estava despojado delle por ElRey de França; e como os seus delictos foraõ em beneficio delRey de Castella, havia tomado a sua protecçaõ. A Rainha Regente de França, e ElRey passàraõ a Corte a Amiens. Seguiò-os o Marquez de Niza, e tendo o Marquez huma conferencia com o Cardeal, lhe segurou que França chegára a prometer aos Castelhanos quebrar a paz que tinha com o Turco em grande damno de Castella, porque viesse na tregoa com Portugal, e que nem esta offerta bastára para os persuadir. E communicando o Marquez ao Cardeal a duvida que ElRey tinha em entregar Pernambuco aos Holandezes, foy de parecer que se lhe concedesse por naõ arriscar todo o Reino, dizendo, que para se edificar

Proposta de França na Dieta a favor deste Reino

hum

hum grande edificio era neceſſario cortarſe muita terra. Porém Deos (excedendo a ſua Providencia a todos os juizos humanos) diſpoz eſta materia com mayor miſericordia. O Cardeal como governava o Reino de França ſó para os ſeus intereſſes, faltava ordinariamente á fé, e á palavra, que dava aos Miniſtros dos Principes. Inteirado ElRey deſte procedimento, naõ quiz mandar ſegundo anno Armada a França, ſem que primeiro ſe ajuſtaſſe a liga; e o Marquez de Niza deſenganado de que Portugal naõ havia de entrar na paz, nem na tregoa de Munſter, e que ſem a ultima deliberaçaõ do Congreſſo, França naõ queria conceder a liga, pedio ao Cardeal, no ſentido de que Portugal havia de ficar ſuſtentando ſó a guerra de Caſtella, e Holanda, tres milhões em dinheiro cada anno, quatro mil Cavallos, dez mil Infantes, e quinze navios. A Rainha lhe mandou offerecer, pelo Marichal de Villa Roy, tres mil Infantes, e mil Cavallos pagos com o dinheiro de França, em caſo que ſe ajuſtaſſe a paz de Caſtella. Replicou o Marquez: diſſelhe o Marichal, que como ſe naõ ſatisfazia, pediſſe ao Cardeal audiencia. Aſſim o executou, e conſeguindo-a, lhe ſegurou o Cardeal a ſua boa vontade, e por expreſſas palavras lhe diſſe, que era neceſſario entenderem os Caſtelhanos que os Portuguezes na ultima deſeſperaçaõ haviaõ de meter os Mouros em Heſpanha, e o meſmo diabo; e que ſe naõ offendeſſe o Marquez deſta propoſiçaõ, porque eraõ infinitos os exemplos que a juſtificavaõ, por ſer licito aos Principes uſarem para ſua defenſa de qualquer apparencia das mais arrojadas reſoluçoens. O Marquez lhe reſpondeo, que ElRey fundava a ſua confiança no favor divino, e que o ſeu intento era eſtender a Fé, naõ extinguilla. Mas como todas eſta conferencias eraõ ſem concluſaõ, determinou ElRey, por atalhar todos os ſubterfugios do Cardeal, mandar a França tres navios de guerra, de que foy por Cabo Joaõ de Siqueira Varajaõ, a ſe encorporarem com a Armada daquella Coroa. E para que os negocios pudeſſem tomar melhor fórma, depois de varias conferencias que houve entre os mayores Miniſtros, mandou a França o Padre Antonio Vieira da Companhia

Anno 1647.

Propoſta do Marquez de Niza ſobre o ſoccorro.

Manda ElRey tres navios a França, e o Padre Antonio Vieira.

Anno 1647.

panhia de JESUS, ſujeito em quem concorriaõ todas as partes neceſſarias para ſer contado pelo mayor Prègador do ſeu tempo: porèm como o ſeu juizo era ſuperior, e naõ igual aos negocios, muitas vezes ſe lhe deſvanecèraõ por querer tratallos mais ſubtilmente do que os comprehendiaõ os Principes, e Miniſtros, com quem communicou muitos de grande importancia. Chegou a Pariz a tempo que a Rainha de França havia mandado paſſar a Napoles o Duque de Guiza com huma poderoſa Armada, de que reſultou tomarem melhor cor os negocios de Portugal em Munſter. Porèm ſervia de grande embaraço para ſe uſar dos accidentes favoraveis, a controverſia, que havia entre Luiz Pereira de Caſtro, e Franciſco de Andrade Leitaõ, que neſte tempo tinha creſcido de ſorte, que o Marquez de Niza aconſelhou a ElRey, que os mandaſſe retirar para ſuas caſas a deſcançar do muito que haviaõ trabalhado hum contra o outro, e que ficaſſe Criſtovaõ Soares de Abreu aſſiſtindo ſó aos negocios do Congreſſo, por ſe naõ haver ajuſtado o intento que ElRey teve de mandar por Plenipotenciario a Munſter D. Luiz de Portugal, Neto do Prior do Crato D. Antonio, que aſſiſtia em Holanda. As revoluçoens de Napoles obrigáraõ aos Francezes, e Caſtelhanos a accreſcentar os Exercitos. Governava o de França o Marichal de Gaſion, o de Caſtella em Flandes o Archiduque Leopoldo. Em Catalunha naõ foraõ favoraveis os ſucceſſos a França. porque o Principe de Condé, havendo ſitiado ſegunda vez Lerida, lha defendeo com o meſmo valor que da primeira Gregorio de Brito valeroſo Portuguez, de que lhe reſultou immortal gloria. Eſta confuſaõ, e variedade de ſucceſſos faziaõ ao Marquez de Niza creſcer humas vezes, diminuir outras nas eſperanças da liga: porém entendendo que ſe difficultava, deſejava verſe aliviado daquelle trabalho, o que ElRey lhe naõ quiz permittir. Mas o Marquez naõ faltando em circunſtancia alguma do que tocava a ſua obrigaçaõ, ſem perdoar ao diſpendio dos Cabedaes proprios, mandou a Anvers aſſiſtir com dinheiro ſeu á mulher, e filhos de D. Felis Pereira Portuguez, qne os Caſtelhanos haviaõ degolado em Brucellas, por

Manda ElRey retirar os Miniſtros de Munſter.

Sitio de Lerida.

D. Felis Pereira morre degolado por fiel ao ſeu Rey.

por averiguarem que persuadia aos Portuguezes que serviaõ ElRey de Castella em Flandes, que se passassem a Portugal, e por lhe haverem achado em sua casa, quando o prenderaõ, hum retrato delRey D. Joaõ; e entregou a vida com taõ valerosa constancia, que disse quando lhe quizeraõ cortar a cabeça, que elle naõ morria por traidor, porque nunca havia tido por seu Rey a ElRey de Castella, pois só o era ElRey D. Joaõ o Quarto de Portugal; e que esperava na misericordia divina que havia de ver o mundo em ElRey D. Joaõ, e na sua Descendencia estabelecido hum dilatado Imperio.

Anno 1647.

Em Roma negoceava o Padre Nuno da Cunha com grande zelo, e trabalho a reducçaõ dos Cardeaes contrarios a este Reino, e a benevolencia do Summo Pontifice. Porèm todas as diligencias eraõ baldadas, porque era mayor a negoceaçaõ dos Castelhanos. Resolveose a dar hum papel na maõ do Summo Pontifice, que ElRey lhe havia mandado para este effeito, em que se continhaõ as razoens seguintes: „ Que Deos Nosso Senhor „ havia restituido ElRey á posse do Reino de Portugal, „ chamando-o naõ só o direito da herança do Infante „ D. Duarte seu Visavô, senaõ tambem as leys do Reino, „ em que naõ entrára com violencia (como em outro „ tempo succedera a Filippe segundo, sem attender ao „ que lhe escrevera o Summo Pontifice Gregorio XIII.) „ mas chamado pelos Tres Estados do Reino, que tiráraõ „ da posse a Filippe quarto Rey de Castella por este res„ peito, e juntamente por quebrar o juramento com que „ prometteo guardar os foros, e privilegios de Portugal. „ E que sem embargo de achar o Reino quando entrára „ na posse delle, desarmado, e pobre, por haverem os „ Castelhanos levado tudo o que era de valor, e estima„ çaõ, havia resistido a traiçoens muitas vezes intentadas „ contra a sua Pessoa, e aos Exercitos que procuráraõ a „ invasaõ do Reino, ficando sempre as suas armas victo„ riosas sem dependencia de soccorro de algum Principe „ estrangeiro. Que desta experiencia podia Sua Santidade „ colligir a enganosa segurança, com que os Castelhanos „ promettiaõ a conquista de Portugal, se a paz univer-

Memorial do Padre Nuno da Cunha ao Pontifice.

Anno 1647.

„ ſal ſe celebraſſe ſem eſte Reino entrar nella. Porèm
„ que os Caſtelhanos tinhaõ por mais util, e por mais de-
„ coroſo fazer a paz com os Holandezes Hereges, e ſeus
„ Vaſſallos, que com Portugal livre, e Catholico. E
„ que para ſe juſtiſicar com Sua Santidade, declarava,
„ que em caſo que ElRey Catholico naõ quizeſſe admit-
„ tir os juſtos meyos de accommodamento, que elle eſ-
„ tava prompto para haver de acceitar, que tomava a
„ Deos por teſtimunha, de que em caſo que lhe naõ baſ-
„ taſſem os ſoccorros de França, com quem profeſſava
„ inſeparavel amizade, que era força valerſe para ſua de-
„ fenſa das armas dos Suecos, e Inglezes, com profun-
„ do ſentimento de ver ao meſmo tempo arder Heſpanha
„ em guerra, e em heregia, quando ſó deſejava empre-
„ gar o valor de ſeus Vaſſallos, e deſpender os ſeus the-
„ ſouros contra hereges, e infieis, eſpirito herdado de
„ ſeus glorioſos Anteceſſores. Que como filho obediente
„ da Igreja, logo que fora acclamado Rey de Portugal,
„ mandára o Biſpo de Lamego do ſeu Conſelho de Eſta-
„ do a dar obediencia ao Summo Pontifice Urbano VIII.,
„ e que depois de hum anno de aſſiſtencia em Roma nem
„ huma audiencia pudera conſeguir. Que mandando de-
„ pois o Eſtado Eccleſiaſtico de Portugal com beneplacito
„ ſeu o Prior de Sodofeita Nicoláo Monteirò Biſpo eleito
„ de Portalegre, a tratar do provimento dos Biſpados,
„ que a hum, e outro intentáraõ os Caſtelhanos tirar de
„ dia a vida nas ruas principaes de Roma, ſem attender á
„ veneraçaõ, e reſpeito que ſe devia guardar na preſen-
„ ça do Summo Pontifice. E que determinando mandar o
„ Marquez de Niza por Embaixador a Sua Santidade, por
„ ſenaõ arriſcar a ſegunda diſgraça mandára pedir a Sua
„ Santidade licença para o poder fazer por Gremon Ville
„ Embaixador de França; que Sua Santidade o naõ per-
„ mittîra, ſendo que elle naõ pertendia mais favor, que
„ dar obediencia como Principe Catholico ao Vigario de
„ Chriſto. Que ſem embargo de todas eſtas experiencias,
„ reſtituîra a Authoridade á Sè Apoſtolica, e a ſeus Miniſ-
„ tros a juriſdicçaõ, que totalmente ſe lhe havia tirado
„ por ordem delRey de Caſtella, depois de prezo o Biſ-

„ po

Anno 1647.

„ po Castracane Colleitor Apostolico, parecendolhe justo
„ dar satisfaçaõ do crime que naõ mandàra fazer; e orde-
„ nàra que se observassem as censuras que antes foraõ des-
„ prezadas, e que os Ministros Reaes se sujeitassem ao
„ Auditor do Vicecolleitor, e lhe pedissem absolviçaõ;
„ e antes desta diligencia naõ permittîra que lhe fallassem,
„ nem que exercitassem os seus officios, e havia delibera-
„ do que se restituissem ao Colleitor, em caso que tornas-
„ se, os bens Ecclesiasticos que os Castelhanos usurpáraõ
„ às Igrejas, e as escrituras, e papeis que tomàraõ ao
„ Colleitor; e que mandàra cessar as demandas sobre este
„ particular, e que se pagasse à Sè Apostolica o que da
„ esmola da Bulla da Cruzada estava applicado à fabrica
„ de S. Pedro de Roma, que de muitos annos antes senaõ
„ pagava. E que nenhuma destas finezas era poderosa a
„ obrigar a Sè Aostolica a conceder Bispos às Igrejas de
„ Portugal, que era só o que com ancia, e cuidado dese-
„ java. Que a Sua Santidade havia Christo Nosso Senhor
„ entregue a cura das Almas; e que todo o defeito, e dam-
„ no que padecessem as do seu Reino por falta de Pastor,
„ cahia sobre a consciencia de Sua Santidade: e que este
„ prejuizo das Almas por falta de Pastores se estendia com
„ lamentavel ruina ao larguissimo Dominio da Coroa de
„ Portugal na Asia, na Africa, e na America, deixando-
„ se em muitas partes de administrar os Sacramentos por
„ falta de Parochos. Que os Summos Pontifices costumá-
„ raõ sempre decidir os negocios de mayor importancia
„ em Consistorio publico ou particular, e que naõ ha-
„ vendo materia de mayor pezo, nem de consequencias
„ mais relevantes, por ser utilidade sua se naõ tratava. E
„ que naõ sabia a causa a que pudesse attribuir esta de-
„ monstraçaõ: porque entendia que naõ poderia haver
„ Cardeal algum, que aconselhasse a Sua Santidade ser
„ melhor deixar perder tantas Almas sem Pastor, que per-
„ mittirlho por nomeaçaõ sua concedida aos Reis seus An-
„ tecessores. Principalmente havendo determinado o Con-
„ cilio Tridentino, que para o provimento dos Bispados
„ precedesse a nomeaçaõ dos Reis ou dos Possuidores dos
„ Reinos. Que ElRey de Castella como Catholico, senaõ

Anno 1647.

„ poderia queixar de que Sua Santidade executasse a „ determinaçaõ do Concilio. Que Sua Santidade naõ costumava ser Juiz nos litigios dos Reinos, e que Filippe „ segundo fora o primeiro que praticára, e seguira esta „ opiniaõ, quando tomára a injusta posse de Portugal. „ E que os Summos Pontifices Predecessores de Sua Santi„ dade naõ costumavaõ attender mais que ao bem das Al„ mas; parecendolhes justo, como Vigarios de Christo „ na terra, ser Pays communs de todos os Catholicos. E „ que Sua Santidade seguia com elle taõ diverso cami„ nho, que nem como Rey, nem como filho o tratava; „ e que podendo segurar que nem com o pensamento ha„ via delinquido contra a Sé Apostolica, usava com elle „ aquella mesma aspereza, que pudera usar com hum „ Principe infiel, ou herège. E que se lhe multiplicava „ o sentimento depois de conhecer o zelo, e experien„ cia com que Sua Santidade administrava a justiça no „ seu felice Pontificado. Que só o Estado temporal da „ Igreja tinha em Italia dependencia delRey de Castella, „ que o Espiritual naõ era menos obrigado á Monarquia „ Portugueza, por exceder a todas no zelo do augmen„ to da Fé Catholica, levando-a com grande dispendio, „ e trabalho ás mais remotas partes do mundo, e na vene„ raçaõ, e obediencia da Igreja. Que o Papa Clemente „ VII. perdéra o Reino de Inglaterra por lhe parecer pre„ ciso accommodarse ao dictamen do Emperador Carlos „ V., e que passado pouco tempo o mesmo Emperador fi„ zera pazes com Henrique VIII. Rey de Inglaterra, e „ sem attençaõ ao favor antecedente do Pontifice, deixá„ ra perder naquelle Reino a Fé Catholica, e naõ tratára „ de que se restituissem a Igreja os bens Ecclesiasticos que „ os hereges lhe haviaõ usurpado. Que o Papa Clemente „ VIII. recebèra no gremio da Igreja a Henrique IV. Rey „ de França, e lhe chamàra Rey de Navarra, sem atten„ der ás diligencias, e contradiçoens de Filippe II., e de „ seus Ministros. Que era certo que elle naõ havia de ne„ gar a obediencia á Sè Apostolica, nem ao Summo Pon„ tifice, nem consentir heregia, nem scisma nos seus „ Reinos, como a naõ admittîraõ os Reys Portuguezes

„ seus

„ ſeus Antepaſſados: porém que ſe na falta de Biſpos,
„ depois de conſultar, como lhe era preciſamente neceſ-
„ ſario, os Miniſtros Eccleſiaſticos, e Seculares nas ma-
„ terias pertencentes á Igreja, ſe originaſſe da liberdade
„ militar, commercio, e trato com hereges, e infieis al-
„ gum ſucceſſo menos decente, e util á Igreja (o que
„ Deos naõ permittiſſe) que eſperava que naõ caiſſe a
„ culpa ſobre a ſua conſciencia; pois naõ era elle a cauſa
„ de naõ haver Biſpos, nem de faltar Nuncio Apoſtolico,
„ e Miniſtros Eccleſiaſticos, que pudeſſem reſiſtir aos
„ males que ſobreviеſſem. Que na extrema neceſſidade lhe
„ ſeguravaõ grandes Letrados, que ſeguramente podia
„ obrar como ſenaõ houveſſe acceſſo, e recurſo à Sé
„ Apoſtolica, e que faltandolhe eſte, como verdadeira-
„ mente ſuccedia, tocava neſte caſo aos Cabidos, por
„ nomeaçaõ ſua eleger Biſpos, como antigamente ſe fa-
„ zia em Heſpanha, e ainda ſe obſervava em algumas
„ partes. Que Sua Santidade ſe naõ poderia deſcontentar
„ deſta reſoluçaõ, quando conhecendo que elle poderia
„ uſar de todos eſtes remedios, naõ tratava de deferir
„ ás ſuas juſtas pertençoens. E que ſe por ultima reſo-
„ luçaõ Sua Santidade antepuzeſſe os intereſſes de Caſtel-
„ la á ſua juſtiça, que determinava juſtificarſe com todos
„ os Principes Chriſtãos, para que em nenhum tempo ſe
„ lhe puzeſſe a culpa de qualquer damno que ſuccedeſſe.
Todas as razoens referidas penetràraõ ſummamente o animo do Pontifice, e com mayor vigor a ultima concluſaõ do papel: porque naõ achava facil repoſta à propoſiçaõ de ſer licito aos Cabidos elegerem Prelados nomeados por ElRey: faltando como faltava recurſo à Sé Apoſtolica. Mas deſte embaraço o livrou o Tribunal do Santo Officio deſte Reino: porque eſpeculando com fé pura o mais intimo das materias Eccleſiaſticas, naõ permittio que eſta opiniaõ ſe puzeſſe em pratica; e conſtou que diſſera o Summo Pontifice, chegandolhe eſta noticia, que a Inquiſiçaõ de Portugal o livrára de hum grande cuidado, attalhando huma propoſiçaõ que elle naõ eſtava reſoluto a decidir. ElRey era taõ Religioſo, e Catholico, que entendendo que eſte podia ſer o caminho de conſeguir a per-

Anno 1647.

Reſolução Catholica delRey.

Anno 1647.

pertençaõ dos Bispos que tanto desejava, cedeo do intento, só por saber que o naõ approvava a Inquisiçaõ, havendo muitos Letrados dentro, e fóra do Reino, que se animavaõ a sustentalla. E naõ bastáraõ todas estas demonstrações Catholicas para conseguir em tres Pontificados, que alcançou em sua vida, esta pertençaõ.

Continuava Francisco de Sousa Coutinho a embaixada de Holanda com muito grande, mas util trabalho: porque verdadeiramente só á sua prudencia, vigilancia, e negoceaçaõ deveo este anno ElRey a conservaçaõ de Pernambuco. Porque os Estados de Holanda exasperados com os màos successos de Pernambuco, e soberbos com a paz ajustada com ElRey de Castella, deliberàraõ soccorrer com os mayores cabedaes a Companhia Occidental. Preparàraõ huma Armadá de 30 navios com gente, muniçoens, e bastimentos, e declaráraõ a Francisco de Sousa que estavaõ deliberados a romper a guerra a Portugal em todos os seus Senhorios: porque assim como elles estavaõ obrigados pelo tratado feito com ElRey ao soccorrerem, quando necessitasse das suas Armas, da mesma sorte devia ElRey escusarlhes taõ repetidas occasioens de queixas. Vendo Francisco de Sousa os embaraços que havia para vencer taõ perigosas difficuldades, sabendo que ElRey naõ tinha meyos para resistir a força de taõ perigosos inimigos, nem vontade de entregar Pernambuco; sem embargo de lho aconselharem muitos, e grandes Ministros, fundados na razaõ de que muitas vezes se entrega hum braço aos instrumentos da Cirurgia, por se conservar o corpo dependente daquella desuniaõ. Porém este parecer, ainda que ElRey o naõ seguia, naõ o condenava, e Francisco de Sousa era o que vinha a padecer toda esta irresoluçaõ: porque os Holandezes destros nas sutilezas politicas pediaõ taõ prompta conclusaõ, que lhes naõ prejudicasse a dilaçaõ, consumindo as esperanças sem effeito o tempo, e a monçaõ que lhes era necessaria para partir a Armada. Vendose Francisco de Sousa metido em taõ grande aperto, deliberou presentar hum memorial aos Estados, em que dizia que elle tinha ordem delRey para tratar da restituiçaõ de Pernambuco, e que

Determinaõ os Holandezes soccorrer o Brasil.

aſſim lhes pedia quizeſſem ouvillo a tempo que pudeſſem evitar a deſpeza que faziaõ com taõ poderoſa Armada; quando ſem ella podiaõ conſeguir o meſmo para que a apreſtavaõ. Naõ deferiraõ os Miniſtros dos Eſtados a eſte memorial, dizendo que era ſó a fim de dilatar os apreſtos da Armada. Pedio Franciſco de Souſa promptamente, e com grande efficacia Commiſſarios para reſolver eſta materia; foraõlhe concedidos: e vendo que a Armada partia ſem duvida, valendoſe de algumas firmas em branco, que tinha delRey, prometeo aos Eſtados a reſtituiçaõ de Pernambuco, e com grande brevidade deu conta a ElRey do que havia executado ſem ſua ordem, pedindolhe em premio dos ſeus ſerviços, que logo o mandaſſe prender, e ſe foſſe neceſſario lhe cortaſſe a cabeça para ſatisfaçaõ dos Eſtados: porque ſó deſta ſorte ſe poderia reparar o juſto ſentimento com que ficariaõ, vendo quebrada a palavra que lhes havia dado. Reſultou deſta arrojada deliberaçaõ dilatarſe a Armada de Julho até Dezembro. Neſte tempo vendo os Holandezes que Pernambuco ſenaõ reſtituhia, mandaraõ ſair a Armada: porém como era na força das tormentas do Inverno, tres vezes que a Armada intentou a viagem arribou, e na ultima ſe recolheo aos Portos de Zelanda, e ficáraõ livres os de Pernambuco do grande perigo que os ameaçava. ElRey eſcreveo aos Eſtados grandes diſculpas fundadas na deſobediencia dos moradores de Pernambuco, fazendolhes preſentar as apertadas ordens que lhes mandára, e que elle naõ podia fazer mais, que mandarlhes intimar eſte preceito, e naõ lhes remetter ſoccorro algum de Lisboa. Que ſe alguns ſoldados da Bahia os acompanhavaõ, era por ſenaõ poder evitar paſſarem pelo Certaõ a aſſiſtirem naquella guerra. E que neſte ſentido ſe dava por muito ſatisfeito, e tinha por muito juſta a guerra que os Eſtados lhe faziaõ: porém que naõ era razaõ que por eſta cauſa a rompeſſem em outra parte, quando elle naõ havia faltado na correſpondencia de bom amigo em todas aquellas acçoens que eſtiveraõ ſubordinadas ao ſeu poder. Eſta carta delRey remediou muito a promeſſa artificioſa de Franciſco de Souſa, ficando toda a culpa lançada ſobre

Anno 1647.

Induſtria generoſa de Franciſco de Souſa.

Anno 1647.

fobre a conſtancia dos Governadores da guerra de Pernambuco: e ainda que ſentidos, e queixoſos, admirárañ os Holandezes a grande prudencia de Franciſco de Souſa. ElRey poſto que a naõ agradeceo, eſtimou muito a ſua reſoluçaõ pela utilidade que reſultou a ſeu ſerviço: mas deixou de gratificalla, por naõ dar exemplo a outros de prometter em ſeu nome o que naõ podia ſatisfazer; ſendo a palavra naõ ſó nos Reys, ſenaõ nos particulares laço indiſſoluvel, que naõ deve cortar a eſpada nem deſatar a induſtria. A Companhia Occidental tinha de cabedal cento e ſeſſenta toneis de florins, que ſaõ da noſſa moeda cinco milhoens e meyo: porém os intereſſes eraõ poucos em quanto durava a guerra; e eſte era o fundamento que ElRey tinha para o que deixava obrar, e para entender que os Holandezes queriaõ algum ajuſtamento com elle por via de compra. Os meyos para ſe conſeguir eſte negocio apontou a ElRey Gaſpar Dias Ferreira aſſiſtente em Pernambuco em hum dilatado papel. Mandou ElRey examinallo pelo Conde de Alegrere, Marquez de Montalvaõ, e o Doutor Franciſco de Carvalho Conſelheiro da Fazenda. Approvárañ tratarſe da compra pelos meyos mais ſuaves que foſſe poſſivel, apontando os direitos do ſal, e varios tributos no Braſil, e Angola. Os papeis que continhaõ eſtas propoſiçoens, mandou ElRey ver pelo Padre Antonio Vieira, que reduzio com grande elegancia toda eſta materia a cinco pontos. O primeiro, como ſe havia de introduzir a pratica da compra. O ſegundo, que Praças haviamos de receber dos Holandezes, em que fórma, e q̃ preço lhe haviamos de dar por ellas. Terceiro, de q̃ effeitos ſe havia de tirar eſte dinheiro. Quarto, com que fiança ſe havia de ſegurar em quanto correſſem os praſos. Quinto, que compoſiçaõ havia de haver nas duvidas dos homẽs de Pernambuco. A todos eſtes pontos ſatisfez com muito prudentes, e bem conſideradas razoens, que como naõ chegàraõ a effeito, naõ he neceſſario exprimillas

Propoemſe meyos de ſe ajuſtar com os Holandezes a compra das Praças do Braſil.

Parecer do Padre Antonio Vieira.

As guerras civis de Inglaterra naõ davaõ lugar á ſe alterarem as negoceaçoens externas, e aſſim continuava a correſpondencia entre eſta, e aquella Coroa, fazendo ElRey apertadas diligencias por ſuſtentar no Trono

no à ElRey de Inglaterra, indignamente opprimido da maldade dos seus Vassallos. E como as perturbações cada dia eraõ mayores, suspendeo ElRey mandar Ministro áquella Coroa, e em Lisboa era Embaixador delRey de Inglaterra D. Henrique Coton. Em Suecia assistia Joaõ de Guimarães, e propoz ajustar a liga entre este, e aquelle Reino com novos capitulos: e foy esta industria grande torcedor para os Francezes attenderem com mayor cuidado aos negocios de Portugal.

Anno 1647.

Deixámos os Governadores da guerra de Pernambuco contendendo com os Holandezes do Arrecife, que pelejavaõ com mayor desafogo depos de lhes haver chegado o soccorro que conduzio Segismundo. No principio deste anno, intentou Andre Vidal, contra o parecer de Joaõ Fernandes Vieira, ganhar o Forte da Barreta: escolheo a melhor gente, levou duas peças de artilharia, levantou terra, pertendeo desembocar o fosso; porém achando quantidade de agua no aproche que determinava abrir, e dilatandose mais do que era necessario para conseguir o seu intento, tiveraõ os Holandezes tempo de introduzir soccorro no Forte, e recebendo Andre Vidal esta noticia, se retirou deixando nove soldados mortos, e trazendo 24 feridos. Neste tempo havia Segismundo acabado de prevenir a Armada com que intentava ganhar a Bahia. Sahio do Arrecife nos ultimos dias de Janeiro, mandando pôr a proa no rio de S. Francisco, para dissimular melhor o intento da viagem da Bahia. Aportou na Barra daquelle rio, forneceo a Armada do que lhe era necessario, e encorporada com a esquadra do Sargento mór Andreson, que havia mandado adiantar com o intento que acima referimos, se fez á vela, e brevemente chegou á barra da Bahia. Porém receando a empreza da Cidade, surgio na Ilha de Taparica, que lhe fica defronte, tres leguas distante, e com grande diligencia levantou hum Forte, e quatro Reductos em outras tantas eminencias visinhas ao Forte; e a Armada se estendeo com tal ordem, que toda a praya daquelle distiricto ficava descuberta aos golpes da artilharia dos navios. Antonio Telles da Silva, achandose opprimido com aquella

Successos do Brasil.

Entra a Armada Holandeza na Bahia fortificase em Taparica.

naõ

Anno 1647.

naõ imaginada visinhança de inimigo taõ poderoso, fortificou com toda a diligencia a passagem de Taparica para a Cidade, parecendolhe que desta sorte ficaria naõ só defendido, mas q̃ obrigaria os Holandezes a largarem aquelle posto, reconhecendo a pouca utilidade que tinhaõ em conservallo. Durou poucos dias nesta acertada determinaçaõ, e molestado das entradas que os Holandezes faziaõ por terra, e do effeito com que embaraçavaõ entrarem por mar embarcações, e mantimentos na Bahia, determinou desalojallos do posto que haviaõ occupado. Chamou a Conselho os Officiaes mayores, e propondolhes a sua resoluçaõ, foraõ de contrario parecer os Mestres de Campo Francisco Rebello, Joaõ de Araujo, Theodosio Estrate, e o Sargento mór Ascenso da Silva, dizendo: que a Infantaria para o assalto erà pouca: que os Holandezes estavaõ fortificados em tal fórma, que naõ podiaõ recear escalada; e que para sitiar o Forte com ordem, e disposiçaõ militar, havia poucos instrumentos. Naõ se deixou persuadir Antonio Telles deste acertado parecer, e mostrando que fora inutil o tempo que gastára em lhe pedir conselho, estando resoluto a naõ querer seguillo, lhes ordenou que ao romper da manhaã seguinte attacassem o Forte. Marcháraõ todos com 1200 Infantes, e sendo sentidos muito tempo antes de chegarem acharaõ os Holandezes taõ bem prevenidos, que recebèraõ ao mesmo tempo as cargas da artilharia, e mosquetaria da Armada, Reductos, e Forte. Contrastou o valor todos estes impossiveis, mas naõ pode vencer a difficuldade de tirar estacas, e passar fossos a peito descuberto, sem instrumentos nem mais artificio, que o perigo infallivel sem esperança alguma de bom successo. Durou entre os nossos soldados a constancia, sem embargo de verem mortos, e feridos mais de quinhentos, até que acertou huma bala em Franscisco Rebello que os governava. Cahio morto, e vendo os mais Officiaes o desatino em que persistiaõ, se retiráraõ com a perda referida. Ficou morto o Capitaõ Antonio Gonsalves Tiçaõ, e veyo ferido o Sargento mór Ascenso da Silva, e outros muitos Officiaes. Antonio Telles vendo o máo successo desta empreza, que pudera

Mãda Antonio Telles attacar o Forte contra a opiniaõ dos Mestres de Campo.

Retiraõse com grande perda.

dera

dera antever a menos custo, despachou aviso a ElRey do justo cuidado em que ficava, e das consequencias que se podiaõ seguir de persistirem os Holandezes no posto de Taparica que haviaõ occupado. Logo que chegou aviso a Lisboa, passou ElRey promptamente ordem para se soccorrer a Bahia. Apparelháraõse doze navios, embarcouse Antonio Telles de Menezes Conde de Villa-Pouca General da Armada, levou por seu Almirante Luiz da Silva Telles com patente de Mestre de Campo General, depois de sahir a gente em terra, e seu irmaõ mais velho D.Fernando Telles de Faro com o posto de Mestre de Campo, e D.Luiz de Almeida, depois Conde de Avintes, com o mesmo posto, que nesta occasiaõ, como em todas, procedeo com muito valor. E destes doze navios, depois de acabada a empreza da Bahia, se haviaõ de apartar cinco à ordem de Salvador Correa de Sá e Benavides, que naquelle tempo sahio nomeado Governador do rio de Janeiro, e Capitaõ General do Reino de Angola. Levava ordem para soccorrer aquelle Reino, cavilosamente usurpado pelos Holandezes, depois de desbaratado Pedro Cesar de Menezes debaixo da confiança da sua amizade. Navegou a Armada apercebida de tudo o que era necessario para conseguir taõ difficil empreza, e primeiro que ella partisse, tiveraõ os Holandezes noticia em Holanda, e Pernambuco, do fim para que se aparelhava. Os do Supremo Conselho do Arrecife, receando que a voz da Armada navegar à Bahia fosse suposta, e verdadeiro o intento de ir dar fundo naquelle porto (diversaõ taõ util na certeza da pouca gente que Segismundo havia deixado naquella Praça, que conseguindose esta só empreza, se acabava de todo a guerra da America) fizeraõ apertados avisos a Segismundo, pedindolhe, que desmantelando os Fortes que havia levantado, se retirasse a soccorrer aquella Praça, pois conhecia que perdida ella, ficava infructuosa a nova conquista a que dava principio com taõ insuperaveis difficuldades. Davaõlhe juntamente conta do continuo cuidado, e grande aperto em que os tinhaõ posto os sitiadores: porque logo que tiveraõ noticia da jornada que Segismundo havia feito para a Bahia,

Anno 1647.

Manda ElRey soccorrer a Bahia por Antonio Telles de Menezes.

Anno 1647.

hia trataraõ com grande vigilancia de usar do tempo, em que as forças dos sitiados estavaõ taõ diminuidas. Souberaõ os Governadores que os Holandezes que habitavaõ as Fortalezas da campanha do Rio Grande, se aproveitavaõ della sem receyo algum, reedificando engenhos, plantando canaveaes, recolhendo mandioca, e legumes, e multiplicando a creaçaõ dos gados, tudo em grande utilidade dos sitiados do Arrecife. A attalhar este damno sahio dos quarteis o Sargento mór Antonio Dias Cardoso com 300 Infantes do Terço de Joaõ Fernandes Vieira: chegou áquelle districto, e destruindo quasi totalmente tudo o que os Holandezes haviaõ fabricado daquella banda, se retirou com 200 prisioneiros, e huma grande preza. Reconhecendose a utilidade desta iornada, e que podia ser mais proveitosa, se o poder fosse mayor, marchou o Mestre de Campo Andre Vidal com 800 Infantes para o Ceará Merim, lugar situado ao Norte do Rio Grande, e correndo toda aquella campanha, a deixou desbaratada, depois de mortos setenta Holandezes. Retirouse com muitos prisioneiros, e escravos, e tanto gado que satisfez a falta que nos quarteis se padecia. Em quanto Antonio Vidal esteve fóra dos quarteis, fizeraõ os sitiados algumas saidas, todas com máo successo. E querendo Joaõ Fernandes Vieira reprimir esta ousadia, deu ordem para que de todos os quarteis saissem varios Capitães a horas repartidas por turnos, e que incessantemente tivessem os sitiados com as armas nas mãos, e juntamente saissem de dia em differentes partidas, e batessem as estradas com tanta vigilancia, que naõ pudessem os sitiados tirar da campanha utilidade alguma. Executouse esta bem fundada ordem com tanto cuidado, que reduzio os sitiados a grande aperto, que se augmentava com o temor da vinda da Armada. Chegou aos quarqueis o Mestre de Campo Andre Vidal, e dandolhe conta Joaõ Fernandes Vieira de tudo o que havia succedido na sua ausencia, lhe communicou huma idêa com que andava de levantar hum Forte, em opposiçaõ de outro que os Holandezes haviaõ fabricado em defensa da Cidade Mauricéa, chamado da Asseca, em huma lingua de arêa que a natu-

Desbarata Antonio Dias Cardoso os Holandezes no Rio Grande.

Obra o mesmo Andrè Vidal no Ceará.

natureza deixou descuberta entre as aguas do mar, e a corrente do rio Beberive. Approvou Andre Vidal este intento, e com grande segredo, e diligencia elegéraõ sitio conveniente entre o arvoredo da margem do rio, e mandando continuar o desasocego dos sitiados, os tiveraõ taõ divertidos, que começandose o Forte nos primeiros de Outubro, naõ tiveraõ noticia delle, senaõ em seis de Novembro, dia em que a artilharia começou a jugar contra a Cidade Mauricéa, Arrecife, e Barra; que todas estas partes descubria, e prejudicava o novo Forte. Sahiaõ os nossos soldados desta fortificaçaõ, a que dèraõ nome da Bataria, com mais confiança, e a este passo se augmentava a confusaõ, e receyo dos Holandezes entre os assaltos que se davaõ em todos os postos exteriores. Foy de mayor effeito o do paço do Conde de Nasau, situado na entrada da Cidade Mauricéa. Tinha duas Companhias de guarda, que naõ pudèraõ resistir á furia dos soldados: degoláraõ a mayor parte dellas, e saqueado o paço, se voltáraõ para os quarteis sem perda alguma. Neste tempo chegou Segismundo com toda a frota, havendo largado o Forte, e os Reductos de Taparica antes de chegar a nossa Armada, naõ querendo experimentar os effeitos da sua resoluçaõ. Animou os sitiados, e prometteo-lhes satisfaçaõ dos damnos padecidos, que executou taõ mal, como veremos nos successos do anno seguinte.

Anno 1647.

Levãtaõ os nossos hũ Forte contra a Cidade Mauricéa.

Assaltaõ o paço do Conde de Nasau.

Retirase Segismũdo da Bahia, volta a Pernambuco.

O Conde de Villa-Pouca chegou à Bahia oito dias depois dos Holandezes haverem desmantelado a fortificaçaõ de Taparica: porém naõ desamparou aquelles mares, e tornando a dar vista da Bahia com oito navios, mandou o Conde de Villa-Pouca levar as ancoras aos da sua Armada, que estavaõ mais lestes. Foy o primeiro que sahio Frey Pedro Carneiro Cavalleiro da Ordem de Malta, Capitaõ de Mar e Guerra da náo Rosario. Acompanhava-o D. Affonso de Noronha filho segundo do Conde de Linhares, que havia passado de Castella a este Reino, achandose com seu pay em Madrid no tempo da Acclamaçaõ, de muito pouca idade, illustrando nelle todas as boas partes que a sua grande qualidade requeria. A seu exemplo se haviaõ embarcado muitos soldados de valor.

Chega à Bahia o Conde de Villa-Pouca.

Lo-

Anno 1647.

Queimase a nâo Rosario cõ morte de D. Affonso de Noronha, e outros Fidalgos.

Logo que o navio ſahio fóra da barra, o atracáraõ duas fragatas Holandezas, e depois de dilatada contenda, ſe ateou o fogo na polvora da náo Roſario, e pereceo ſem remedio. Levou a pique huma das fragatas com que eſtava atracada; na outra ſe pegou o fogo, e conſumio de ſorte tudo o que havia nella que deu á coſta o caſco, ſem ſe poder tirar delle utilidade alguma. Os navios S. Bartholomeo, e S. Pedro de Amburgo, de que eraõ Capitães Franciſco Brandaõ, e Luiz Ribeiro, ſeguîraõ a Fr. Pedro Carneiro. Franciſco Brandaõ Capitaõ de S. Bartholomeo, logo que ſahio da barra, rendeo hum patacho Holandez. Soccorreraõno os outros navios, atracáraõ Franciſco Brandaõ, e depois de pelejar muitas horas valeroſamente o mataraõ; e entrado o navio, depois de mortos muitos ſoldados, o renderaõ. Luiz Ribeiro naõ chegou a pelejar, e ficou ſujeito á calumnia dos que condemnáraõ a ſua omiſſaõ, ſem lhe valer a deſculpa de ſer o navio muito zorreiro. Os mais navios naõ ſairaõ, naõ ſem culpa do deſcuido dos Officiaes. O Conde de Villa-Pouca tomou poſſe do governo, e Antonio Telles da Silva ficou aſſiſtindo na Bahia todo o tempo que o Conde governou: e parecendo prevençaõ eſta ſua demora para augmento dos ſeus cabedaes, veyo a ſer fatalidade, como veremos: que aſſim ſe coſtuma a enganar na inconſtancia do mundo o limitado juizo dos homens. Os cinco navios deſtinados para o ſoccorro de Angola deſpedio Antonio Telles nos ultimos de Dezembro, com ordem de ſe encorporarem com Salvador Correa no Rio de Janeiro, confórme á que tinha delRey. O ſucceſſo que tiveraõ, referiremos em ſeu lugar.

Rendeſe aos Holandezes S. Bartholomeu.

Toma poſſe do Governo o Conde de Villa-Pouca.

Succeſſos de Africa.

D. Gaſtaõ Coutinho, que continuava o governo de Tangere, trabalhava quanto lhe era poſſivel por moſtrar aos Mouros o grande valor de que era dotado. Achavaſe na cama no principio deſte anno com huma grande ferida na cabeça, que lhe fez huma taboa cahida do tecto de huma caſa. Sahio ao campo o Adail, e antes de o acabar de deſcubrir, carregáraõ os Mouros as Atalayas com 900 Cavallos, e no primeiro impulſo matáraõ Balthazar Fernandes Ponce, e leváraõ cativos Domingos

gos Fernandes, e Francisco Gomes: recolheo o Adail os mais Cavalleiros, e começou a sustentar a escaramuça com grande valor. D. Gastaõ naõ podendo tolerar na cama as vozes da contenda, se levantou, e montando a cavallo sahio ao campo, e infundido novo valor nos que pelejavaõ, fez retirar os Mouros, e ficou senhor do Campo. Porèm o trabalho, e as armas lhe aggraváraõ de sorte a ferida da cabeça, que chegou aos ultimos termos da vida, dignamente empregada em guerra taõ virtuosa: Estando ainda mal convalecido, appareceo defronte da Bahia de Tangera huma grande Armada de Castella, que governava D. Joaõ de Austria, que constava de 47 navios, e grande numero de embarcaçoens pequenas. Levantouse D. Gastaõ, fez preparar a artilharia, e recolheo debaixo della tres navios que estavaõ ancorados no porto: mandou formar os Cavalleiros na praya, e entre elles alguns mosqueteiros. Veyo-se chegando a Armada, dando mostras de querer lançar gente em terra; jugou muitas horas a artilharia de huma, e outra parte; e vendo os Castelhanos a boa disposiçaõ com que a Cidade determinava defenderse, se retiráraõ sem outro effeito. Pouco tempo depois deste successo, teve D. Gastaõ noticia que alguns Mouros haviaõ entrado no nosso campo: mandou sahir o Adail dandolhe ordem que os carregasse até hum outeiro visinho da Praça; e para que naõ succedesse alguma desordem, se mandou levar ao campo em huma cadeira. Quando o Adail chegava ao poço do Gilete, deu vista dos Mouros taõ pouco distantes, que investindo-os, fez hum prisioneiro, e cahindo outro morto, os seguio, excedendo a ordem que levava do General. Recolheraõse os Mouros até Benemagrás aonde ficavaõ seguros. O Adail parecendolhe occasiaõ opportuna, sem fazer aviso ao General, passou a Ribeira que divide o campo de Tangere da Berberia, e entrou duas leguas pela terra dentro sem mais effeito que perder alguns cavallos do grande calor, e trabalho que tiveraõ. Os Mouros voltáraõ outra vez ao campo de Tangere, e vendo no outeiro alguns Cavalleiros, os investiraõ, e mataraõ logo Antaõ de Lordelo Juiz dos Orfáos, e Luiz

Anno 1647.

Chega a Armada de Castella a Tangere, e se retira.

Anno 1647.

Rebello de Moraes Procurador da Cidade: leváraõ prisioneiro hum Cavalleiro, Retirados os Mouros, chegou o Adail, e D. Gastaõ depois de o reprehender asperamente, o teve suspenso do exercicio do seu posto, que lhe tornou a restituir, passada a justa paixaõ que teve da sua desordem. Havia D. Gastaõ comprado hum Mouro chamado Asus, que lhe dava avisos das partes onde podia fazer algumas prezas, e das entradas que os Mouros determinavaõ fazer no campo de Tangere. Descubrio o Governador de Tetuaõ este concerto, prendeo o Mouro, e querendo castigallo lhe perdoou, por lhe prometter (fiado no credito que tinha conseguido com D. Gastaõ) que lhe entregaria todos os Cavalleiros de Tangere. Pareceolhe ao Governador verdadeira esta sua offerta, e mandoulhe que viesse dar parte a D. Gastaõ, que em Tangere Velho estavaõ dezasete Cavallos; para que enganados com esta noticia, cahissem em huma emboscada de 900 Cavallos, e quantidade de Infantaria, que introduzio sem ser sentido em posto conveniente. Veyo Asus a Tangere, e mudando por auxilio particular a resoluçaõ, deu parte a D. Gastaõ de tudo o que lhe havia sucedido; e lhe declarou que queria ser Christaõ; e como era dia de Santo Agostinho, tomou o nome do Santo, e o apellido de Coutinho por ser seu padrinho D. Gastaõ, que o fez Almocadem, e servio com grande valor, e fidelidade todo o tempo que lhe durou a vida. O Governador de Tetuaõ desenganado de que Asus naõ voltava, se retirou arrependido de se haver fiado delle. O mais tempo deste anno naõ houve em Tangere acçaõ digna de memoria.

Castiga D. Gastaõ o Adail pela sua desordem.

Embarcado Ruy de Moura Telles para Lisboa, como havemos referido, começou a governar a Praça de Mazagaõ D. Joaõ Luiz de Vasconcellos, e advertido da experiencia passada poz grande cuidado em grangear o animo de Alefrem Alcaide de Azamor, para que com menos desconfiança da que teve com Ruy de Moura lhe desse mais lugar de sair ao campo, quasi unico remedio dos moradores daquella Praça. Mandou a Alefrem hum grande presente, outro a ElRey de Marrocos, e por Embaixador

Governa Mazagaõ D. Joaõ Luis de Vasconcellos.

baixador Manoel Alvares Romeiro, hum dos principaes Cavalleiros de Mazagaõ. O Alcaide de Azamor ſem embargo da amizade contrahida com D. Joaõ, correo até a Praça com tres mil Cavallos: fez D. Joaõ varonil reſiſtencia, pelejando das nove horas da manhaã até as tres da tarde: e ſendo preciſo retirarſe, o executou com tanto ſocego, que ſervio de exemplo aos ſeus Cavalleiros.

Anno 1647.

Succeſſos da India.

O Naique de Madurê tinha na India com D. Filippe Maſcarenhas boa correſpondencia, aſſim por utilidade ſua, como porque D. Filippe uſava do ſeu poder em varias occaſioens neceſſarias á boa direcçaõ do ſeu governo. Contra eſte Naique ſe levantou hum Vaſſallo ſeu, a que vulgarmente chamaõ o Rey do Maravâ, a quem os naturaes nomeaõ Teverê, cujo domicilio he toda a Ilha de Remanancor, ſitio conhecido de toda a gentilidade do Oriente, por haver nelle hum celebre Pagode, ou Idolo de Ramâ, venerado com romagens continuas de todos os idolatras. Era o Teverê feudatario do Naique de Madurê. Fiado no ſitio defenſavel por natureza, negou o tributo que coſtumava pagar ao Naique, naõ querendo reduzirſe a varias inſtancias. Formou o Naique hum Exercito, de que era General hum Bramane, chamado Ayen, marchou com elle, e reconhecendo a difficuldade da paſſagem da terra firme para a Ilha, a quem divide o Canal de Santa Cruz, ainda que eſtreito muito perigoſo, pela furia dos ventos, e correntes, mandou pedir a D. Filippe Maſcarenhas em nome do Naique o quizeſſe ajudar naquella empreza, de que ſe offereceo a pagar os cuſtos nos dias da peſcaria do aljofar, que por antigo contrato, celebrado entre os Portuguezes, e o Naique, lhe tocavaõ a elle. Partio a Armada, chegou á Ilha, e vendo o Teverê que havia lançado gente em terra, e que ao meſmo tempo paſſava da terra firme á Ilha o General Ayen por huma ponte que com grande trabalho havia fabricado ſobre o Canal, determinou ſalvar a vida; vendo que lhe naõ valia a oppoſiçaõ que havia feito, recolhendoſe dentro do Pagode, e querendo que lhe ſerviſſe de ſagrado o idolo profano, o naõ reſpeitou o Ayen com ſer Bramane, que coſtumaõ a ſer os mais religioſos

daquella gentilidade, ajudado das inſtancias dos Portuguezes, que faziaõ verdadeiro deſprezo daquella falſa, e abominavel eſtatua. Reconhecendo o Teverê eſta reſoluçaõ, ſe entregou a partido, e levando-o prezo diante do Naique, lhe reſtituhio o ſeu governo com ſegurança de fidelidade, e de mayor tributo. A Armada ſe recolheo com juſta ſatisfaçaõ do ſeu trabalho. Partîraõ eſte anno para a India as náos Candelaria, Capitaõ Domingos Antunes; Santo Antonio da Eſperança, Capitaõ Balthazar de Almeida; e as náos Santo Milagre, Capitaõ Miguel Jorge Grego; e Bom JESUS, Capitaõ Mathias Figueira, que ſe perderaõ ambas na altura de Moçambique.

Anno 1648.

Succeſſos de Alẽtejo.

O cuidado com que o Conde de S. Lourenço ſolicitava a melhora das Tropas da Provincia de Alentejo, multiplicava de ſorte as utilidades do ſerviço delRey, que as Armas, e a ſua diligencia reſplandeciaõ igualmente nas emprezas, e nos ſucceſſos dellas. Mandou no principio deſte anno armar com algumas Tropas a huma que os Caſtelhanos alojavaõ em Valença. Cahio ella na emboſcada, e de ſeſſenta ſoldados de que ſe compunha, voltáraõ poucos ao ſeu quartel. Chegou neſte tempo a Badajoz D. Diogo Mexia Marquez de Lagañes, eleito por ElRey D. Filippe, para emendar no ſegundo governo da Eſtremadura o pouco que havia conſeguido no primeiro. Acompanhavaſe de toda a ſua familia, determinando diſpor muito de aſſento a conquiſta de Portugal. Correſponderaõ as prevençoens aos merecimentos do Cabo, e os Caſtelhanos publicáraõ por todo o mundo a noſſa ruina: como ſe ja tiveraõ colhido o fructo de eſperanças taõ pouco cultivadas, que por naõ eſtarem nem ainda verdes, naõ mereciaõ eſte titulo. Ao paſſo deſtas noticias diſpunha o Conde de S. Lourenço a noſſa defenſa, e prevenia a igualdade do animo delRey com todos os aviſos que lhe chegavaõ; de que reſultava multiplicaremſe as levas de Cavallaria, e Infantaria, e encaminharemſe utilmente todas as prevençoens. O Meſtre de Campo General Joanne Mendes de Vaſconcellos, que eſtava alojado em Elvas, paſſou a aſſiſtir em Eſtremoz,

Torna ao governo das Armas o Marquez de Lagañes.

a dar

a dar ordem á divisaõ das levas, e distribuiçaõ das muniçoens, que chegavaõ áquella Praça em grande quantidade: porque do cuidado em que entráraõ os Ministros da Corte com a nova eleiçaõ do Marquez de Lagañes, se compoz o provimento das Praças da Provincia de Alentejo, e a distribuiçaõ das ordens, e postos, de que muito se necessitava. Nomeou ElRey para Governador da Praça de Oliveaça a D. Joaõ de Menezes do seu Conselho de Guerra, e nesta Praça, e nas mais da Provincia se adiantáraõ as fortificaçoens, mudandose as guardas ao segredo de muitas, com o receyo da chave mestra dellas, que Cosmander havia entregue aos Castelhanos juntamente com a fidelidade. Para Capitaõ General da Cavallaria de Alentejo, elegeo ElRey a D. Joaõ Mascarenhas, e ao posto de Tenente General da Cavallaria passou Manoel de Mello, que exercitava o Mestre de Campo. Mas esta mudança durou poucos dias tornando a continuar o seu posto com o governo de Moura. Mandou ElRey dividir a Cavallaria em Tropas de Couraças, e Arcabuzeiros: formáraõse algumas de Dragoens, que duráraõ pouco, avaliandose o seu exercicio em Alentejo por inutil, por haver naquella Provincia poucos montes, e menos rios, e na campanha rasa ser mais arriscado que necessario o exercicio dos Dragoens. Em quanto se adiantavaõ as prevençoens de huma, e outra parte, mandou o Marquez de Lagañes onze Tropas, que se compunhaõ de 600 Cavallos, pela parte de Albuquerque, com o fim de saquearem a campanha que corre daquelle districto até Marvaõ, e comprehende Arronches, Portalegre, Castello de Vide, e outros Lugares. Teve o Conde de S. Lourenço anticipado aviso desta marcha, e promptamente ordenou ao Commissario Geral da Cavallaria Achim de Tamericurt, que com dez Tropas de Elvas, e Campo Mayor, que montavaõ pouco mais de quatrocentos Cavallos, seguisse a marcha dos Castelhanos, e pelejasse com elles em qualquer sitio em que os encontrasse. Executou Tamericurt este preceito com tanto valor, e felicidade, que alcançando os Castelhanos no termo de Portalegre com huma grossa preza que haviaõ feito, os invesṫio

Anno 1648.

Disposiçoẽs para a cãpanha.

Desbarata Tamericurt as Tropas de Castella.

Anno 1648.

tio com as dez Tropas, e naõ lhe dando lugar a larga resistencia os desbaratou, e seguindo os até cerrar a noite, fez duzentos prisioneiros, em que entravaõ muitos Officiaes, fóra os que ficáraõ mortos na campanha. Naõ passáraõ de vinte os soldados mortos das nossas Tropas, e outros tantos feridos. Procedeo com particularidade D. Pedro de Alencastre, e Joaõ da Silva de Sousa, que tambem ficáraõ feridos.

O enfado deste successo applicou mais o animo do Marquez de Lagañes, e deliberou dar à execuçaõ a empreza que trazia permeditada, e que a authoridade do parecer de Cosmander lhe havia facilitado. Poucos dias antes tinha este chegado a Badajoz com grandes beneficios, e mayores promessas delRey Catholico, a quem havia segurado dar principio á conquista de Portugal com a interpreza de Olivença, que a sus industria suppunha irremediavelmente conquistada. Para conseguir este intento dispoz o Marquez de Lagañes todas as prevençoens que lhe pareceraõ convenientes, e a vinte de Junho amanheceo sobre Olivença com hum Exercito que se compunha de oito mil Infantes, e tres mil Cavallos, attendendo todos com obediencia, e veneraçaõ às ordens de Cosmander, idolo a que determinavaõ dedicar a gloria daquella empreza. Dividio elle a gente, e repartio os postos, mandando que avançassem por quatro partes, e destinou para si huma porta na estrada cuberta, por onde sahiaõ os soldados a trabalhar. Avançáraõ os Castelhanos valerosamente, animados das promessas do Marquez de Lagañes, e do natural valor de que he composta aquella naçaõ, tantas vezes formidavel a todo o mundo. Antes de serem sentidos, montáraõ dous baluartes, e neste tempo tocáraõ arma as sentinellas. Acodiraõ os soldados dos corpos da guarda visinhos, e alguns moradores, que sustentaraõ com tanto valor o primeiro impeto dos Castelhanos, que deraõ lugar a poderem acudir aos postos a que estavaõ destinados, todos os mais de que se compunha a guarniçaõ da Praça. D. Joaõ de Menezes logo que ouvio o rumor se levantou da cama, e tomando huma espada, e huma rodela, e a primeira roupa que encontrou;

Atacaõ os Castelhanos Olivẽça.

Acçaõ valerosa de D. João de Menezes.

controu, ſahio á rua, e achou pelejando poucos ſoldados ſeus com muitos Caſtelhanos, Animou elle os defenſores com tanto valor, e efficacia que chegando naquelle tempo mayor numero, apertáraõ de ſorte com os Caſtelhanos, que os obrigáraõ a voltar as coſtas com tal deſacordo, que naõ atinando com os lugares em que haviaõ deixado as eſcadas ſe precipitaraõ dos baluartes, buſcando cegamente a morte de que fugiaõ. Mas como naõ eraõ ſó eſtes os que eſtavaõ dentro da Praça, creſcia por inſtantes o perigo, e de tal ſórte que ja a artilharia que eſtava nos baluartes haviaõ os Caſtelhanos voltado em algumas partes contra a Praça, e eraõ muitos os mortos, e feridos. E havendo tres golpes aberto outras tantas bocas no peito de D. Joaõ de Menezes, com privilegio da fama, para que publicaſſem igualmente o ſeu valor, o ſeu juizo, e a ſua ſciencia, lhe naõ ſervio de embaraço o muito ſangue que derramava, porque a hum meſmo tempo o achavaõ os ſeus ſoldados pelejando, e diſtribuindo as ordens convenientes em todos os lugares aonde era mayor o conflicto. Durou o perigo até que rompeo a manhaã. Neſte tempo chegando Coſmander a executar a idêa de quebrar a pequena porta da eſtrada cuberta, em que fundava a mayor ſegurança da empreza, obſervou da muralha hum paizano a ſua diligencia, e paſſando do diſcurſo brevemente á execuçaõ, empregou em Coſmander taõ felicemente huma balla, que cahio do cavallo, ſem lhe dar lugar a morte ao arrependimento do ſeu erro: caſtigando-o a juſtiſta divina na primeira acçaõ de ingrato que executou contra Portugal, por haver offendido a fé publica, e os beneficios particulares. Morto Coſmander, como era o eſpirito daquella empreza, ceſſáraõ totalmente todos os movimentos do Corpo do Exercito; e naõ valendo ao Marquez de Lagañes deſmontar a Cavallaria para dar calor ao aſſalto, veyo a ceſſar de todo o vigor dos que ſubiaõ com o precipicio dos que baixavaõ; e querendo o Marquez que pareceſſe ordem o que reconhecia temor, mandou tocar a recolher. Retiraraõſe todos os que puderaõ cubrir o receyo com a maſcara da obediencia, e ficando a Praça cuberta de ſangue, o foſſo de

Anno 1648.

Morte de Coſmander.

Retiraſe o Marquez de Lagañes com grande perda.

Anno 1648.

de mortos, e a campanha de feridos, se recolheo o Marquez de Lagañes a Badajoz, abatidas as esperanças da conquista de Portugal. Foy taõ igual o valor dos defensores de Olivença, que nem póde a historia encarecellos todos com a distinçaõ que merecem, nem particularizar huns, sem offender a outros: os mortos naõ passaraõ de cento, os feridos foraõ mais. A muitos satisfez ElRey a fineza com que procederaõ, e a D. Joaõ de Menezes escreveo a carta seguinte, que me pareceo trasladar para louvor delRey, e credito de D. Joaõ. „ D. Joaõ de Menezes amigo. Eu ElRey vos envio muito saudar. O „ Conde de S. Lourenço Governador das Armas desse Ex„ ercito, dandome conta do bom successo com que se re„ chaçou o inimigo, intentando ganhar essa Praça por „ interpreza, me diz juntamente que recebestes tres feri„ das naquella occasiaõ por satisfazerdes melhor ás obri„ gaçoens de quem sois, e do que deveis á grande, e par„ ticular confiança, que para as mayores, e mais arris„ cadas occasioens de meu serviço fiz, e faço de vosso „ zelo, e valor. E ainda que podeis ter grande gloria de „ que as tres feridas que recebestes, foraõ na defensa da „ Praça, que estava á vossa conta, com tanto credito, e „ reputaçaõ de minhas Armas, e do nome Portuguez, „ me pareceo dizervos, que fora muito mayor o conten„ tamento que tive deste felice successo se o naõ diminui„ ra a pena das vossas feridas, de que fico com grande „ cuidado. Mas espero com o favor de Deos que haveis „ de cobrar brevemente a saude que vos desejo. Para as„ sistir á vossa cura, parte logo o mayor Cirurgiaõ que „ se achou nesta Corte: e com tudo o mais que vos for „ necessario se vos accudirá sem falta alguma, porque „ igualmente desejo a vida de hum Vassallo como vós, „ que a conservaçaõ dessa Praça, e ainda de todo o Rei„ no. E podeis estar certo que sempre terey particular „ lembrança dos vossos merecimentos para vos fazer a „ mercê que nesta, e em outras occasioens me tendes „ merecido. Escrita em Lisboa a 23 de Junho de 1648.

Carta delRey a D. João de Menezes.

A estas palavras com que ElRey costumava louvar seus Vassallos, ajuntava muito sinaladas mercês: e com estas

pru-

prudentes attençoens acabou de fazer invencivel a Naçaõ Portugueza. Depois deste successo, intentaraõ os Castelhanos outras emprezas, todas com infelicidade, e receberaõ consideravel perda em hum grande comboy que lhe tomaraõ junto a Albubuerque as Tropas de Campo Mayor. Vendo o Conde de S. Lourenço que os Castelhanos andavaõ desanimados, determinou provocar ao Marquez de Lagañes a tomar satisfaçaõ das offensas recebidas, e experimentar se podia tirar do seu arrojamento mayor utilidade. Convocou 1500 Cavallos governados por D. Joaõ Mascarenhas General da Cavallaria, que ja exercitava o novo posto, e dous mil Infantes á ordem de Andre de Albuquerque; e com esta gente entrou em Castella. Chegáraõ as partidas avançadas até Talavera, duas leguas além de Badajoz por Guadiana acima. Fizeraõ grande preza, e retiráraõse á vista de Badajoz. Porém vendo que o damno recebido naõ estimulava ao Marquez de Lagañes a restaurallo, se retirou o Conde de S. Lourenço com a gloria do intento, e com a pena de o naõ haver executado. As aguas do Inverno mitigáraõ de todo o fogo da guerra. O Conde de S. Lourenço pedio licença a ElRey para passar a Lisboa a tratar de alguns interesses da sua casa. Naõ pode conseguilla, suavisando ElRey a pena de lha negar com a honra de lhe escrever, quanto importava a seu serviço a sua assistencia naquella fronteira. Continuou o Conde com esta ordem o seu governo sem a assistencia de Joanne Mendes de Vasconcellos: porque depois de haver repartido em Estremoz as levas de Cavallaria, e Infantaria, havia voltado a Elvas, e succedendo entre elle, e o Conde repetidas differenças, fomentadas por alguns Officiaes, que attendendo mais à conveniencia particular que ao interesse publico fundavaõ a sua fortuna na mudança dos Cabos mayores. Sahio Joanne Mendes de Elvas sem consentimento do Conde, passou a Lisboa, e logo que ElRey soube o que havia succedido, o mandou prender na Torre Velha, reclusaõ em que esteve até o tempo que adiante referiremos: julgando-o ElRey por mais culpado que ao Conde de S. Lourenço, assim por varias informaçoens que mandou tirar,

Anno 1648.

Entra o Conde de S. Lourenço em Castella.

Prisão de Joane Mendes.

rar,

Anno 1647.

rar, como por fazer inferencia da ſua ſem razaõ das duvidas que havia tido com os Condes de Alegrete, e Caſtello-Melhor: porque quem ſe arroja a contender com muitos, naõ póde juſtificarſe com todos.

Succeſſos do Minho, e Traz os Montes.

Na Provincia de Entre Douro e Minho naõ houve eſte anno acçaõ digna de memoria. Aſſiſtia nella o Conde de Caſtello-Melhor com tanto deſejo de a conſervar ſem damno, que qualquer intento do inimigo desbaratava a ſua prevençaõ, e tendo por mais util a conſervaçaõ que a conquiſta, deixava lograr aos Povos com deſcanço os frutos que cultivavaõ.

Rodrigo de Figueiredo, que continuava o governo das Armas da Provincia de Traz os Montes, paſſou a Lisboa no principio deſte anno, e ficou governando a Provincia Franciſco de Sampayo, Governador da Comarca da Torre de Moncorvo, atè o mez de Mayo, tempo em que voltou Rodrigo de Figueiredo a continuar o ſeu governo. Trouxe ordem delRey para levantar mil ſoldados, que haviaõ de paſſar a reencher os Terços de Alentejo. Trabalhando neſta diligencia teve noticia que os Galegos determinavaõ interprender Monte Alegre. Prevenioſe com tanto cuidado, que ficou baldada a deſpeza que para eſte fim haviaõ feito. Tinha pedido ſoccorro a Entre Douro e Minho: mandoulhe o Conde de Caſtello-Melhor os Capitaens de Cavallos Diogo de Britto Coutinho, e Antonio de Queirós Maſcarenhas com as ſuas Companhias. Entráraõ por Galiza, e ſem receber damno algum chegáraõ a Traz os Montes: quando voltaraõ foy pela meſma eſtrada, e ſem achar reſiſtencia, puzeraõ fogo a alguns lugares abertos.

Succeſſos do Partido de Almeida.

D. Rodrigo de Caſtro Governador do Partido de Almeida teve no principio deſte anno hũa grave enfermidade. Concedeolhe ElRey licença para ſe ir curar a Montemór o novo, e ficou toda a Provincia entregue a D. Sancho Manoel. Voltou brevemente D. Rodrigo, e como entre elle, e D. Sancho naõ houve reciproca correſpondencia, queixouſe a ElRey de achar diminuidas as Tropas do ſeu Partido, e damnificados os Lugares abertos com algumas entradas que o inimigo havia feito. Po-

rém

rem o damno era taõ pouco, que pudera diſſimularſe, ſe naõ cahira no animo de D. Rodrigo fogoſo, e apaixonado, Logo que chegou a Almeida, tirou aos Caſtelhanos huma grande preza que levavaõ daquelle contorno, e tomoulhe alguns cavallos. Teve ordem del Rey para levantar 1500 Infantes dos lugares do ſeu diſtricto: remetteo-os a Alentejo para onde foraõ deſtinados, com muita brevidade; e no meſmo tempo, e com igual diligencia mandou a Alentejo outros 1500 homens das Comarcas de Eſgueira, e Coimbra o Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes, a quem ElRey encomendou eſta commiſſaõ. Voltou D. Rodrigo a Almeida, e conſtandolhe que o inimigo juntava gente em Ciudad Rodrigo, mandou ao Tenente Manoel de Almeida com 40 Cavallos tomar lingua áquella Praça: ſucedeolhe derrotar huma Tropa que coſtumava ſair de guarda; e conſtando dos priſioneiros, que ſe havia deſvanecido o intento dos Caſtelhanos, paſſou D. Rodrigo até o fim deſte anno ſem outro movimento, que lhe perturbaſſe o ſocego, com que queria conſervar a Provincia, em quanto ſenaõ tornavaõ a encorporar nella os ſoccorros, que havia remettido a Alentejo.

Anno 1648.

Succeſſos do Partido de Ribacoa.

Deu principio eſte anno D. Sancho Manoel ao governo do ſeu Partido, juntando a Cavallaria, e Infantaria, e marchando a emboſcarſe junto á Villa de Cilheiros. Havendo entrado no lugar da emboſcada deraõ viſta de alguns paſſageiros: mandou D. Sancho reconhecellos pelo Tenente Domingos Martins, puzeraõſe em defenſa, matàraõ o Tenente, e retiraraõſe para a Villa. Deſiſtio D. Sancho da empreza, vendo que era ſentido, e tendo noticia por algumas intelligencias que Alcantara eſtava com pouca guarniçaõ, pedio licença a ElRey para interprender aquella Praça. Concedeolho, porque no meſmo tempo recebeo huma carta, que ſe tomou em Alentejo a hum correyo Caſtelhano, de D. Simaõ de Caſtañizes Governador de Alcantara para o Marquez de Lagañes, em que lhe pedia ſoccorro, encarecendolhe a pouca guarniçaõ que havia naquella Praça. Juntou D. Sancho toda a gente do ſeu Partido, e parte da Cavallaria, e Infantaria

Anno 1648.

Intenta D. Sancho a interpreza de Alcantara, e se retira.

taria de D. Rodrigo de Castro, e marchou para Alcantara: porèm naõ correspondendo o successo ao intento, foy sentido antes de chegar, e achou taõ poderosa resistencia, que se retirou sem mais effeito que deixar arruinada huma parte da grande ponte, que naquella Villa està levantada sobre o Tejo, e communica as duas Provincias de Alentejo, e Beira. Retirado D. Sancho, deu ordem a se levantarem 1500 Infantes, que marcháraõ a Alentejo; e tendo noticia que o Baraõ de Molinguen passava a Alcantara, e fazia algumas prevençoens, accodio com grande diligencia a segurar todas as Praças que avaliava por mais arriscadas; e crescendo as prevençoeus em Ciudad Rodrigo, se poz em marcha para soccorrer D. Rodrigo de Castro: e tendo aviso que o movimento dos Castelhanos se havia desvanecido, marchou com duzentos Cavallos, e outros tantos mosqueteiros ao Porto de Santa Maria, e logo que o occupou, despedio o Commissario Geral Bartholomeu de Vasconcellos, que havia sucedido a Pedro Mauricio Duquisnè, e passou com o mesmo posto á Provincia de Alentejo, com 150 Cavallos aos Lugares da Calçadinha, e Gixo nos campos de Coria, com ordem que pegasse em toda a preza que lhe fosse possivel, e que ao romper da manhaã estivesse encorporado com elle. Sentiraõ alguns paizanos o rumor da Cavallaria, tocáraõ arma, e baixaraõ da Serra de Gata 400 Mosqueteiros, e 40 Cavallos, e vieraõ buscar o Porto, que D. Sancho havia occupado. Intentáraõ desalojallo attacandolhe os dous costados, e a retaguarda: porém os nossos soldados pelejaraõ com tanto valor, assistidos de D. Sancho, do Mestre de Campo Joaõ Fialho, e dos mais Officiaes, que depois de larga contenda foraõ os Castelhanos desbaratados, ficando mortos, e prisioneiros a mayor parte dos Infantes. O Commissario se encorporou com D. Sancho com huma grossa preza, e todos se retiraraõ a Penamacor. D. Sancho passou a Lisboa a buscar a sua familia: ficou governando o seu Partido o Mestre de Campo Joaõ Fialho, e elle voltou a Penamacor nos ultimos dias deste anno que escrevemos.

A igualdade do animo delRey, o seu zelo, e pieda-

piedade Catholica pagava a Providencia divina com multiplicadas felicidades: neste anno a 26 de Abril nasceo o Infante D. Pedro, hoje Principe Regente deste Reino, (por desprezar mayor Titulo) em quem a natureza empregou todos os dotes que costuma repartir em beneficio dos que intenta fovorecer, e a quem o Ceo reservou para clausula, e remedio da gloria de Portugal. Bautizou-o D. Manoel da Cunha Bispo de Elvas, Arcebispo eleito de Lisboa, e Capellaõ mór: foy seu Padrinho o Principe D. Theodosio, sua Madrinha a Infanta Dona Joanna, e celebrado o seu nacimento por muitos dias com magnificas, e lustrosas festas.

Anno 1648.

Nascimento do Infãte D. Pedro.

A guerra de Europa com as revoluções de França, e Napoles crescia com grandes progressos, hora a favor de Hespanha, hora em utilidade de França, e destes accidentes usava com grande prudencia o Marquez de Niza em beneficio da sua Patria. Porém a pouca firmeza das promessas do Cardeal Massarino naõ o deixava segurar nas esperanças da liga, que era o fim pertendido delRey. O Cardeal, entendendo que o Congresso de Munster se separava, mostrou que se ajustaria a liga: porém havendo o Padre Antonio Vieira feito ao Cardeal mais largas promessas das que o Marquez entendia que convinhaõ, introduzio no animo do Cardeal mayores forças para naõ conceder a liga, sem ElRey lhe entregar em cauçaõ duas Praças maritimas, que tivessem portos capazes de ancorar Armadas grandes. E estendiaõse a tanto os poderes do Padre Antonio Vieira, e estava taõ introduzido o receyo em alguns Ministros delRey, que foy necessario ao Marquez de Niza com memoravel constancia resistir com tanta vehemencia a algumas promessas exorbitantes, que o Padre Antonio Vieira determinava fazer ao Cardeal, que lhe disse, que antes havia de deixar cortar as mãos, que firmallas. E elegendo caminho menos perigoso, offereceo ao Cardeal a Cidade de Tangere pela conclusaõ da liga. Porém como as idêas do Cardeal eraõ taõ inconstantes, quando estas proposiçoens se entendia que estavaõ mais seguras, se desvaneciaõ. Recolheose neste tempo a Pariz o Duque de Longa Villa

Constancia do Marquez de Niza nos negocios de França.

Ple-

Anno 1648.

Plenipotenciario do Congresso de Munster, por se haver quasi separado a respeito de se ter ajustado a paz entre ElRey de Castella, e os Estados de Holanda, que se firmou a 30 de Janeiro. Este successo tornou a introduzir no Marquez a confiança da liga, parecendolhe que Portugal seria olhado do Cardeal com mayor attençaõ a respeito da dilaçaõ da guerra de França. E tendo noticia que em Napoles estavaõ prisioneiros dos levantados o Duque de Tursis, e seu sobrinho o Principe de Avelo, conseguio offerecellos França a Castella a troco do Infante D. Duarte. Mas eraõ de balde todas estas negoceaçoens, porque a infelicidade do Infante naõ deixava attender aos Castelhanos mais que á sua ruina. O Cardeal mudou de Proposiçaõ, e mandou prometter ao Marquez pelo Conde de Briana Secretario de Estado seis mil Infantes de soccorro, durando a guerra com condiçaõ que ElRey desse a França todos os annos cento e sessenta mil cruzados, e que a este respeito cederia da pretençaõ das Praças maritimas. O Marquez naõ quiz aceitar a proposta de entregar dinheiro, sem se firmar a liga: e vendo tanta variedade em todos os negocios, pedio a ElRey com grande instancia licença para se voltar a sua casa. E para concluir este intento, que muito desejava, e dar conta a ElRey do estado dos negocios de França, mandou a Lisboa o Residente Antonio Moniz de Carvalho, e ficou em seu lugar Christovaõ Soares de Abreu, que para este effeito passou a Pariz de Osnebruc, aonde assistia. O Marquez por instantes lhe crescia o desejo de se partir de França: porém ElRey conhecendo quanto convinha a sua assistencia naquelle Reino, lhe ordenou que o naõ fizesse. Obedeceo elle, ainda que com grande violencia. E vendo que o ajustamento da liga estava difficil de conseguir, aconselhou a ElRey com prudentes razoens que acceitasse os soccorros que França lhe offerecia; e impugnou com grande vigor entregarse aos Holandezes a Fortaleza de S. Joaõ da Foz no Porto, em cauçaõ da paz. Neste tempo tornáraõ os Castelhanos a recuperar Napoles, pela imprudencia do Duque de Guiza que a governava. Foy elle prezo, e mandado para Gaeta; ficando baldadas todas as ma-

Desfazse o Congresso de Munster, de que só resulta a paz de Castella, e Holanda.

Nova proposta do Cardeal.

Impugna o Marquez a entrega de S. Joaõ da Foz aos Holandezes.

Recuperão os Castelhanos Napoles, e prendem o Duque de Guiza.

maquinas dos Francezes, e mais perigosa a defensa de Portugal. Com este successo foy necessario á Rainha Regente reforçar os Exercitos, e achandose destituida de cabedaes, e pouca disposiçaõ nos povos para novos tributos, mandou o Duque de Orleães á Camera dos Contos de Pariz, e violentamente impoz todos os tributos que lhe parecèraõ necessarios. Alterouse o povo de sorte, que foy investida a casa do senhor de Meri executor dos tributos. Entendendo a Rainha que podia attalhar este dãno com severidade, ordenou que o Parlamento de Pariz fosse ao Paço apé, com advertencia que fizessem a jornada de dous a dous. Logo que estiveraõ juntos, deu a todos huma asperissima reprehensaõ, e querendo responder a ella o Presidente do Parlamento, o mandou sair do Paço, sem querer ouvillo. Avaliáraõ esta demonstraçaõ os do Parlamento por taõ grande affronta, que sem rebuço começáraõ a alterar o povo. Pertendeo a Rainha arrependida attalhar com termos suaves este movimento: porém estavaõ os animos taõ exasperados, que naõ lhe valeo nem derrogar muitas ordens rigorosas que havia passado, nem a mediaçaõ do Duque de Orleães, e cada dia crescia com mais força a perturbaçaõ. O Marquez de Niza conhecendo que deste novo accidente se podia seguir a paz de Castella, e França, avisou ElRey que era necessario com todo o cuidado tratar da fortificaçaõ das Praças do Reino: porque da guerra civil de França, que justamente se podia recear, era a consequencia da paz de Castella com aquella Coroa. As alteraçoens de França perturbáraõ todos os negocios politicos. Partiose de Pariz para Holanda mal satisfeito o Principe de Gales, hoje Rey de Inglaterra. Temperou os movimentos de Pariz a fortuna do Principe de Condê: porque a 19 de Agosto ganhou ao Archiduque Leopoldo a batalha de Lands. Derrotoulhe toda a Infantaria, fez prisioneiros 1500 Cavallos, e seis mil Infantes, tomou quarenta peças de artilharia, e toda a bagagem. Entre os prisioneiros de qualidade, e grandes postos, foy hum o Baraõ de Bec Mestre de Campo General de Castella; e o Archiduque avaliou por grande fortuna salvarse em Dorlans. O Marquez de

Anno 1648.

Alteraçoens de França.

Prudente advertencia do Marquez.

Batalha de Lãds vẽcida pelo Principe de Condé.

Anno 1648.

de Niza naõ perdia occasiaõ de se valer destes movimentos: teve ajustada a liga por dous milhoens e meyo, pagos em doze annos. Porèm ElRey dilatou tanto o responderlhe, que quando lhe chegou a resoluçaõ, ja naõ foy admittida, por attender a Rainha mais ás conveniencias da paz, que ás disposiçoens da guerra. E até os soccorros, que havia promettido ao Marquez, lhe negou, tomando por pretexto naõ lhe entregar ElRey hum Francez que tinha prezo, pelo colher convencido em muitas maldades, e intentos contra a vida delRey de França, Rainha, e Cardeal. Parece que castigou Deos esta inconscia da Rainha, porque crescèraõ de sorte as revoluçoens de Pariz, que foy precizo sair a Corte daquella Cidade para S. Germain. Fez o Marquez de Niza a mesma jornada, e intentando o Parlamento que o Cardeal partisse para Italia, a Rainha o naõ consentio. E querendo temperar esta repugnancia, aliviou o Reino de tributos, que importavaõ trinta milhoens de livras; e ficando só outros trinta, se avaliava por muito pouco cabadal, para sustentar a guerra de Flandes, Catalunha, e Italia. Acommodáraõse com esta resoluçaõ as duvidas do Parlamento: voltou ElRey a Pariz com grande alegria do povo. O Cardeal, levantandose entre elle, e o Duque de Orleães nova discordia, recorreo ao Marquez de Niza, porque necessitava muito de dinheiro, e segurandolhe o ajustamento dos soccorros de França, dando ElRey o tempo que durassem cento e setenta mil cruzados cada anno. Fez o Marquez a ElRey aviso, permittiolhe licença para voltar a sua casa. Porém mudando ElRey de resoluçaõ, tornou a mandallo deter. O Marquez exasperado escreveo a ElRey que se partia no mez de Fevereiro do anno seguinte, como executou, justamente molestado do grande trabalho que havia padecido sem ajustamento algum, pela variedade que houve naquelle tempo dos successos de França.

Sahe a Rainha de Pariz, e torna ajustandose com o Parlamẽ.

Sae o Marquez de Pariz.

O Padre Nuno da Cunha continuava a assistencia dos negocios de Roma, ajudado da industria, e actividade de Fr Manoel Pacheco Religioso da Ordem de Santo Agostinho: porém a disposiçaõ dos animos dos Ministros do Summo

Successos de Roma.

Summo Pontifice se deixava taõ difficilmente penetrar da justiça deste Reino, que de todos os accidentes usavaõ em seu damno. Chegáraõ a Roma dous Capuchos, hum Castelhano chamado Fr. Angelo de Valença, e outro de Italia, cujo nome era Fr. Joaõ Francisco Romano: vieraõ estes dous Religiosos do Reino de Congo com titulo de Embaixadores delRey daquelle Reino, que os mandou a darem obediencia ao Summo Pontifice, e pediolhe quizesse concederlhe Bispos, e Missionarios, para que de todo se naõ extinguisse o verdadeiro conhecimento da Fé Catholica entre aquella gentilidade. O Summo Pontifice fez grande estimaçaõ desta embaixada, e achou nos parciaes de Castella engenhosa acceitaçaõ desta idêa, por ser este o caminho mais proprio de se derrogarem os privilegios delRey de Portugal nas suas Conquistas. Foraõ os Capuchos recebidos do Sũmo Pontifice em publica audiencia como Embaixadores, e depois de ouvidas as suas propostas, resolveo com o parecer da Congregaçaõ de Propaganda Fide, que se nomeasse hum Arcebispo, e dous Bispos, e trinta Missionarios Castelhanos, e Italianos; e que entre os Prelados, e Religiosos se repartisse huma larga ajuda de custo, e que fossem embarcar a qualquer dos portos de Castella que elegessem: porque confórme a ordem delRey de Castella, que Fr. Angelo ja trazia prevenida, achariaõ embarcaçaõ prompta com todas as commodidades que eraõ precisas para taõ larga viagem. Oppozse o Padre Nuno da Cunha a esta resoluçaõ, mostrando que o Reino de Congo fora a primeira conquista dos Reys de Portugal, continuada taõ felicemente em utilidade da extensaõ da fé Catholica, como justificavaõ os maravilhosos progressos conseguidos pelos Portuguezes em serviço da Igreja na Africa, na Asia, e na America, merecendo pelo zelo, e dispendio com que trabalháraõ na vinha do Senhor, os privilegios, e isençoens concedidos pelos Summos Pontifices que succedéraõ na Cadeira de S. Pedro de mais de duzentos annos áquella parte; e que naõ podia haver razaõ que anullasse tantos Breves, taõ justamente concedidos. Naõ prevalecéraõ estas razoens. E como naõ foy possivel derrogarse

Anno 1648.

Nomea o Papa Bispos para Congo.

Oppoemse o Padre Nuno da Cunha sem effeito aos Missionarios.

Anno 1648.

esta resoluçaõ, passando tanto adiante, que atè se nomearaõ muitos Bispos para a India, fez o Padre Nuno da Cunha promptamente aviso a ElRey, que com esta noticia se lhe accrescentou o sentimento do máo successo das pertcaçoens que tinha em Roma, que com tanto soffrimento continuava desde a sua felice Acclamaçaõ. Deliberou mandar a Roma o Doutor Manoel Alvares Carrilho, para que se conhecesse, que naõ faltava com todas aquellas diligencias, que podiaõ justificallo por filho obediente da Igreja. Partio Manoel Alvares com instrucçaõ de continuar em Roma os requerimentos pela direcçaõ do Padre Nuno da Cunha, valendose das mesmas razoens que o Padre Nuno da Cunha havia representado a Sua Santidade, que jà ficaõ referidas; e accrescentando a igualdade, e reverencia com que ElRey procedia em todas as materias Ecclesiasticas, comprovando esta proposiçaõ com varios exemplos, e mostrando os gravissimos damnos que por instantes se multiplicavaõ com a falta de Bispos, assim em Portugal, como em todas as Conquistas. E sendo hum dos principaes faltar no Reino Nuncio, pela confusaõ em que se achavaõ os feitos, e despachos da Legacia, e perturbaçaõ das terceiras instancias, e materias graciosas, pertendesse que Sua Santidade concedesse a jurisdiçaõ necessaria a hum dos Prelados deste Reino com titulo de Visitador: porque desta sorte podiaõ cessar de algum modo os inconvenientes que se experimentavaõ, e attalharse o repetido escandalo que davaõ aos Seculares as contendas que quasi todos os Religiosos dos Conventos deste Reino tinhaõ sobre a eleiçaõ dos seus Prelados. E sobre tudo levava recomendado a expediçaõ das Bullas dos Bispos, em que consistia o fundamento de todas as duvidas, e o desembaraço de todos os accidentes. Porque álem das difficuldades, que antecedentemente se haviaõ experimentado, naõ era neste tempo a menor acharse a Coroa de França com a mesma pertençaõ para o provimento dos Bispados de Catalunha. Porque ainda que as negoceaçoens do Embaixador de França a respeito de Portugal pareciaõ mais faceis, por ser interesse proprio, ficava mais duvidosa a deliberaçaõ do Summo Pontifice, e

Manda ElRey a Roma Manoel Alvares Carrilho.

Proposta q̃ faz ao Papa.

com

com melhor cor para a naõ querer tomar nesta materia, podendo responder a França, que naõ era possivel defirir-lhe, em quanto a mayor parte do Principado de Catalunha estivesse à obediencia delRey Catholico; e a Portugal, que sem defirir a França, naõ podia deliberar taõ importante negocio. Que em quanto aos Bispos, e Missionarios declarados para o Reino de Angola, devia representar a Sua Santidade, que no descubrimento dos Reinos de Angola pelos Portuguezes, havendo celebrado os Reys delles com os da Coroa de Portugal contrato de uniaõ, e irmandade, e recebido por sua intervençaõ a agua do Bautismo, durando esta correspondencia atè que poucos annos antes da Acclamaçaõ delRey, por algumas desconfianças entre ElRey de Congo, e os Governadores de Angola, se separou este Rey dos Cõmercios dos Portuguezes, e em odio seu havia chamado aos Holandezes, e os tinha ajudado a ganhar, e sustentar a Cidade de Loanda em gravissimo prejuizo da Religiaõ Catholica. E que sendo huma das Capitulações daquella uniaõ assistir na Corte de Congo o Bispo de Angola, e os Conegos na Sé fabricada á custa dos Portuguezes, e o Bispo, e Conegos nomeados pelos Reys de Portugal, sem alteraçaõ atè aquelle tempo, fazendo Portugal no seu sustento larguissima despeza, naõ parecia razaõ que Sua Santidade privasse a ElRey de posse taõ bem merecida, nomeando Prelados, e Missionarios de outras naçoens, que naõ era possivel subsistirem: porque naõ era facil a outra naçaõ alguma, mais que a Portugal, sustentar hum Exercito em campanha para reprimir a ousadia com que os Gentios ordinariamente quebrantavaõ os foros Ecclesiasticos. E que era certo, que se ElRey de Congo se apartasse totalmente da uniaõ de Portugal, que sem duvida lhe havia de fazer justa guerra, de que se vinha a originar naõ poder ter effeito a nomeaçaõ dos Bispos, e destruirse a propagaçaõ da Fé, resultando todos estes embaraços, e novidades em interesse dos Holandezes, que usavaõ de toda a cavilaçaõ para se fazerem senhores do Reino de Angola, de que era certo havia de resultar, extinguirse de todo naquella parte a Religiaõ Catholica Romana, e estenderse

Anno 1648.

a falſa doutrina de Calvino. Com eſta inſtrucçaõ chegou Manoel Alvares Carrilho a Roma, e achando os meſmos impoſſiveis que haviaõ encontrado todos os Miniſtros que ElRey tinha remetido com ſemelhantes commiſſões, veyo ſó a divertirſe a jornada dos Biſpos, e Miſſionarios com a noticia da reſtauraçaõ da Cidade de Loanda, e total expulſaõ dos Holandezes, executada eſte anno por Salvador Correa de Sá, como em ſeu lugar referiremos.

Anno 1648.

Suſpēdeſe a nomeaçaõ dos Biſpos de Congo.

Franciſco de Souſa Coutinho paſſava em Holanda com grande trabalho: porque os Holandezes vendo fruſtradas as eſperanças de ficar Pernambuco á ſua obediencia, e inutil a deſpeza que haviaõ feito na Armada do anno antecedente, naõ davaõ credito a propoſiçaõ alguma de Franciſco de Souſa. Porèm elle com muita induſtria, e larga deſpeza ſuſtentou a paz de Holanda em Europa, util, e neceſſaria a Portugal por todos os reſpeitos politicos. No Congreſſo de Munſter, que ainda durava, aſſiſtia com pouco effeito o Doutor Luiz Pereira de Caſtro. Em Suecia João de Guimarães, que ſuſtentava a boa correſpondencia que ſempre continuou eſta com aquella Coroa. O meſmo ſe obſervava em a de Inglaterra com a aſſiſtencia de Antonio de Souſa de Macedo, attento, como era juſto, aos progreſſos das Armas daquelle Reino, que por inſtantes ſe declaravaõ mais contra ElRey a favor dos Parlamentarios. Naõ ſe deſcuidava ElRey D. Joaõ em fomentar, como era juſto, o partido delRey de Inglaterra pelos meyos que lhe era poſſivel: porque encommendou ao Marquez de Niza, e a Franciſco de Souſa Coutinho que fizeſſem diligencia para que chegaſſem ás mãos delRey de Inglaterra ſomas conſideraveis de dinheiro, o que elles por muitas vezes conſeguìraõ por intervençaõ de Antonio de Souſa de Macedo: e da meſma ſórte quantidade de armas, de que ElRey diſſe que neceſſitava. Porém nem eſte, nem outros ſoccorros foraõ poderoſos para livrar aquelle infelice Principe da ultima, e mayor deſgraça que obſervou em algum outro tempo o inconſtante theatro do mundo.

Soccorre ElRey D. João o de Inglaterra.

Em quanto na Europa ſuccedèraõ os caſos referidos, continuavaõ na America os valeroſos ſoldados de Per-

Suceſſos do Braſil.

Pernambuco o memoravel ſitio do Arrecife, multiplicandoſe nelles com os dias o animo, a conſtancia, e a ſciencia militar que ſó ſe adquire com o exercicio da guerra. No principio de Janeiro deſte anno que continuamos, chegou noticia aos Governadores de que a Armada, de que era General Antonio Telles, havia ancorado na Bahia, ſem determinaçaõ de animar a glorioſa empreza da reſtauraçaõ do Arrecife. Eſte deſengano, que pudera ſer deſmayo aos ſitiadores, lhes ſervio de novo incentivo: porque tirando mayores eſtimulos da infelicidade, começáraõ a gloriarſe, de que Deos naõ queria repartir o triunfo daquella empreza mais que com elles, que á cuſta de tanto ſangue, e de tanto trabalho lhe haviaõ dado principio. E para moſtrarem aos Holandezes que executavaõ o meſmo que entendiaõ, mandáraõ a Henrique Dias com o ſeu Terço, e algumas Companhias do Terço de D. Antonio Filippe Camaraõ ao Rio Grande; e foy tal o ſegredo, e velocidade com que marchou, que primeiro que o rumor, ſentîraõ as feridas os moradores daquelle diſtricto. Foy grande o eſtrago, e o incendio, e alguns dos que eſcapáraõ, ſe recolheraõ ao ſitio das Guraíras, que os Holandezes haviaõ fortificado, e guarnecido, ſuppondo que era incontraſtavel por eſtar rodeado de huma grande lagoa. Quanto mayor parecia a difficuldade da empreza, tanto mayor foy o deſejo em Henrique Dias de a conſeguir. E como os ſeus ſoldados examinavaõ a ſua vontade para a executar, contraſtando os mayores perigos, paſſáraõ a lagoa com a agua pelos peitos á prima noite, rompèraõ a eſtacada; e ſem valer a oppoſiçaõ dos inimigos, entráraõ as trincheiras, e degoláraõ todos os Holandezes do preſidio (eſcapando ſó o Governador, e cinco ſoldados em huma canoa,) e naõ perdoáraõ a peſſoa alguma das muitas que de todos os ſexos, e idades ſe haviaõ recolhido áquelle ſitio. Naõ ſe deteve nelle Henrique Dias, marchou para o Engenho de Cunhaû, que tomava o nome do ſitio em que eſtava fabricado. Occupavaõno os Holandezes, e haviaõſe fortificado nelle. Quiz o ſeu Cabo defenderſe, naõ tiveraõ os ſoldados tanta reſoluçaõ: entregáraõſe a Henrique

Anno 1648.

Ganha Henrique Dias as fortificaçoens do Rio Grande com morte, e prizão dos Holandezes.

Anno 1648.

Dias, ſalvas as vidas. Mandou elle arraſar as trincheiras; e retirouſe para os quarteis com muitos priſioneiros, e deſpojos. Alguns mezes antes, conſiderando ElRey o duvidoſo empenho em que eſtava, embaraçado com a guerra de Pernambuco, conhecendo quanto por huma parte lhe importava naõ romper com os Holandezes em Europa, e ponderando por outra os intereſſes que ſe lhe ſeguiriaõ de os lançar da America, reſolveo mandar a Pernambuco com o poſto de Meſtre de Campo General a Franciſco Barreto de Menezes, que na guerra de Alentejo havia occupado os poſtos de Capitaõ de Cavallos, e Meſtre de Campo com merecida opiniaõ de valeroſo, prudente, e pratico no exercicio militar. Embarcouſe em Lisboa em hum de dous navios pequenos com trezentos ſoldados governados por Filippe Bandeira de Mello, Tenente de Meſtre de Campo General, e com quantidade de muniçoens, e armas, navegou até a altura da Paraba, aonde o aguardava huma eſquadra Holandeza. Franciſco Barretto, ainda que conheceo a deſigualdade do partido, ſe diſpoz para a defenſa: porèm naõ podendo prevalecer contra tantos inimigos, foy rendido, ferido, e priſioneiro, depois de mortos parte dos ſoldados que o acompanhavaõ. Levaraõno os Holandezes para o Arrecife, e as duas embarcaçoens: e pondo grande cuidado, e vigilancia na ſegurança da ſua peſſoa, naõ puderaõ conſeguir detello todo o tempo que lhes era preciſo, para naõ padecerem o damno que lhes cauſou o ſeu valor, e a ſua induſtria. Porque depois de haver tentado varias vezes ſem effeito, fugir da prizaõ em que eſteve nove mezes, veyo a alcançar liberdade por intervençaõ de hum moço Holandez chamado Franciſco de Brâ, filho do Official a que o entregaraõ os do Supremo Conſelho. Facilitoulhe a ſahida da prizaõ, e do Arrecife, e affeiçoado á cortezia, e bom termo de Franciſco Barreto, deixou por ſeu reſpeito a caſa de ſeus pays. Mas como naõ ſabia o caminho do Arrecife para os quarteis, foy grande a difficuldade com que conſeguiraõ chegar a elles, rompendo por matos, pantanos, e rios. A treze de Janeiro entrou Franciſco Barreto nos quarteis; foy recebido com

Manda ElRey Franciſco Barreto por Meſtre de Campo General do Braſil.

He prezo dos Holandezes.

Livraſe da prizão, e entra nos quarteis.

com grande alvoroço, e querendo mostrar o seu agradecimento, poz todo o cuidado em remunerar a fineza do seu conductor. Porque nos animos generosos costumaõ ser mais pezados os beneficios que os aggravos; porque os beneficios nem sempre se pódem satisfazer, e os aggravos sempre se pódem perdoar.

Ann. 1648.

Logo que Francisco Barreto chegou aos alojamentos, se divulgou infallivel noticia de que os Holandezes aguardavaõ por instantes no Arrecife huma grossa Armada, que havia sahido de Holanda a soccorrer os sitiados. Francisco Barreto, Joaõ Fernandes Vieira, e Andre Vidal unidos a caminhar ao fim da liberdade pertendida, depondo todos os outros respeitos, e interesses, fundamento infallivel para se conseguirem acçoens grandes, e generosas, trataraõ de procurar todos os caminhos de resistir a poder taõ formidavel. Mandaraõ á Bahia o Capitaõ Paulo da Cunha a solicitar com Antonio Telles de Menezes, Conde de Villa-Pouca, soccorro de gente, e municoens: escreveraõlhe, representandolhe as razoens que os fazia dependentes deste soccorro. Chegou Paulo da Cunha á Bahia, e naõ pode conseguir do Conde de Villa-Pouca mais que algumas esperanças dilatadas, que mais serviraõ de desconfiança que de remedio, e o posto de Sargento mór do Terço de Andre Vidal, com que voltou a Pernambuco; aonde havia chegado a Armada de Holanda, com 44 navios, em que se embarcaraõ nove mil Infantes, fóra a gente do mar; prevenidos de grande quantidade de municoens, e bastimentos, e tudo o mais que era necessario para conseguir taõ ardua, e taõ importante empreza. Era General desta Armada Vangoch. Poucos dias depois de sahir dos portos de Holanda, padeceo huma grande tormenta, em que perdeo alguns navios. Com os mais chegou ao Arrecife a 17 de Março, e conforme a ordem que levava dos Estados, entregou a Infantaria a Segismundo, e occupou o lugar de Presidente do Supremo Conselho. Os nossos Governadores com o parecer de Francisco Barretto (que até aquelle tempo naõ occupava o posto de Mestre de Campo General, que dentro de poucos dias exercitou com ordem

Chega a Armada de Holanda a Pernambuco.

Anno 1648.

do Conde de Villa-Pouca, que em virtude da que havia recebido delRey, mandou declarar aos Governadores, que Francisco Barretto naõ havia com a prizaõ perdido a preminencia do posto) vendo os inimigos taõ visinhos, e o perigo taõ manifesto, fizeraõ recolher toda a gente que guarnecia os postos menos importantes. Mandaraõ alguns Officiaes com grande diligencia à reconducçaõ dos soldados ausentes, que com muita brevidade trouxeraõ ás suas Companhias. Da Paraiba se retirou D. Antonio Filippe Camaraõ, da Varzea Henrique Dias. E com toda esta prevençaõ naõ constava o Corpo capaz de pelejar mais que de 2200 homens divididos nos quatro Terços de Joaõ Fernandes Vieira, Andre Vidal, D. Antonio Filippe Camaraõ, e Henrique Dias. Segismundo na confiança do grande poder com que se achava, poz editaes no Arrecife, e fez espalhar papeis pela campanha, em que promettia grandes premios a todos os soldados, e escravos que se passassem ao seu Exercito, concedendo o mesmo aos moradores, dando-os por livres de todas as culpas commettidas contra os Estados. Naõ sortio effeito algum desta diligencia: antes responderaõ aos papeis com tanta arrogancia, e desprezo dos Holandezes, que Segismundo suppoz, que da Bahia havia chegado a Francisco Barreto (que ja occupava o posto de Mestre de Campo General) novo soccorro. E havendo exercitado a sua Infantaria, e ajustado todas as prevençoens necessarias, sahio em campanha a 18 de Abril com 7500 Infantes, quinhentos homens do mar, trezentos Indios, e Tapuyas, cinco peças de artilharia, muitas muniçoens, e mantimentos, que conduziaõ quantidade de escravos. Dividia-se a Infantaria em seis Regimentos, além do que estava á ordem de Segismundo. Eraõ seus Coroneis Brink, Vandenden Vander, Vanshals, Hauthain, Carpintier, e Aus, que ficou no Arrecife com mil Infantes, para que depois de saqueada a Varzea, se encorporasse com o Exercito. Segismundo marchou para a parte da Barreta, que guarneciaõ cem soldados á ordem do Capitaõ Bartholomeo Soares Canha, que com pouco exame, e menos advertencia sahio á campanha com oitenta soldados. Logo que ou-

Editaes dos Holandezes.

Exercito de Segismundo.

ouvio tocar arma pelejou valerosamente com algumas partidas de Holandezes que vinhaõ avançadas: porém vencido de mayor poder, mortos quasi todos os soldados que levava, ficou prisioneiro, e o seu Alferes rendeo sem opposiçaõ a Barreta a Segismundo.

Anno 1648.

Ganha a Barreta.

Francisco Barreto, tanto que recebeo aviso de que os Holandezes sahiaõ do Arrecife, chamou a Conselho os Mestres de Campo Joaõ Fernandes Vieira, André Vidal, e os Tenentes de Mestre de Campo General Filippe Bandeira de Mello (ja livre da prizaõ dos Holandezes) Antonio de Freitas da Silva, e os Sargentos mores, e Capitães de Infantaria. E depois de discursar o muito poder dos Holandezes, a pouca gente que tinhamos para o contrastar, o justo cuidado de arriscar a hum só ponto todo o remedio daquella Provincia; por outra parte a desconfiança de se conseguir algum soccorro, o risco de conquistarem os Holandezes pouco e pouco os muitos postos que estavaõ guarnecidos com pouca gente; se veyo a concordar que o caminho mais util, e mais generoso era o de pelejar com os Holandezes: porque ganhada a batalha, ficavaõ sem numero as consequencias da victoria, e perdida, só as vidas seriaõ despojo dos inimigos; porque sacrificando-as em serviço de Deos, e em defensa da Patria, ficaria immortal a gloria, a que só generosamente aspiravaõ. Animados com esta galharda resoluçaõ, e exhortando a todos Francisco Barreto com prudentes, e valerosas razoens, se puzeraõ em marcha, esperando que o valor dos seus braços supprisse a desigualdade do poder dos Holandezes, com quem determinavaõ pelejar. No Forte do Arrayal, ficou o Capitaõ Manoel Ribeiro, no da Battari Diogo Esteves Pinheiro. Ficou tambem guarnecida a Villa de Olinda, os mais alojamentos se desampararáõ. Marchou o Exercito para os montes Gararapes, nome que na lingua dos Gentios quer dizer estrepito de golpe, originandose do ruido que fazem as aguas do Inverno pelas concavidades daquelle sitio. Fica tres quartos de legua apartado do mar, duas do Forte da Barreta, onde os Holandezes estavaõ alojados, e distava tres dos quarteis que a nossa gente occupava.

Resolve Francisco Barretto com os mais Cabos pelejar.

Anno 1648.

pava. Para a parte do mar se estende huma campina raza, porèm quasi toda intratavel, a respeito das aguas que a cobriaõ, e só ao pè dos montes corre huma faixa de terra firme com cem passos de distancia na largura, ficando nos dous lados, em hum a povoaçaõ de Moribequa, em outro huma lagoa. Neste sitio, passados os montes, se formou Francisco Barreto, estendendo a gente tudo o que lhe foy possivel, com intento de deixar aos Holandezes menos campo em que pudessem pelejar: e nesta fórma ficou alojado na tarde de 18 de Abril. Tanto que cerrou a noite, mandou o Sargento mór Antonio Dias Cardoso com 20 soldados a observar os movimentos do inimigo, valendose para a brevidade dos avisos de alguns Cavallos de duas Tropas que governava o Capitaõ Antonio da Silva. Naõ fizeraõ os Holandezes aquella noite movimento algum. Na manhaã seguinte, que era Domingo de Pascoella, apparecèraõ formados no alto dos montes, e em toda a marcha veyo na vanguarda fazendo varias sortidas por entre os matos, o Sargento mór Antonio Dias Cardoso com os vinte Soldados, e quarenta Indios que se lhe aggregàraõ. Segismundo vendo a resoluçaõ com que a nossa gente aguardava a batalha, ainda que reconheceo o pouco numero della, receou o muito valor de que se revestia tantas vezes experimentado: porém entendendo justamente, que no bom successo daquelle dia se rematava todo o trabalho da guerra de Pernambuco, animou aos seus soldados com a certeza da victoria, e com as esperanças do premio; e dividida a Infantaria em nove esquadroens, marchou a buscar Francisco Barretto, que naõ havia estado ocioso, porque logo que os Holandezes appareceraõ no alto dos montes, dividio os seus soldados em tres corpos. Ficou na vanguarda o Mestre de Campo Andre Vidal, mandou attacar os dous lados pelos Mestres de Campo Joaõ Fernandes Vieira, D. Antonio Filippe Camaraõ, e Henrique Dias, e deixou quinhentos homens de reserva com as duas Tropas de Antonio da Silva para accodir com elles á parte que necessitasse de soccorro. Depois de formada a gente, com alegre semblante exhortou a todos a que mostrassem naquelle

Alojase nos Gararapes.

Resolve Segismundo attacar a batalha.

Disposiçaõ dos nossos.

quelle dia com ſinaladas acçoens o grande valor de que eraõ dotados, e a differença que faziaõ os Portuguezes nobres, Vaſſallos de hum Rey poderoſo, aos Holandezes humildes, ſubditos de huma Republica ſediciosa, pedindolhes que ſe lembraſſem dos aggravos que os havia obrigado a ſacudir o pezado jugo de Holanda, e os luſtroſos ſucceſſos com que haviaõ ſuſtentado por eſpaço de quatro annos a gloria daquella empreza, que no ſucceſſo daquelle dia ſe havia de eternizar, ou eſcurecer.

Anno 1648.

Exhorta Franciſco Barretto os Soldados.

Neſte tempo eſtavaõ os Holandezes taõ viſinhos, que ſem outra dilaçaõ todos os Officiaes, e Soldados ardentes, e valeroſos caminháraõ a buſcallos. Andre Vidal foy o primeiro que começou a pelejar: todos recebèraõ a primeira carga, e inveſtindo pela frente, e pelos lados com as eſpadas na maõ foy tal o effeito que produzio eſte impulſo, que totalmente desbarataraõ os eſquadroens dos Holandezes da vanguarda, matando, e ferindo grande numero delles. Havia Segiſmundo deixado dous eſquadroens de reſerva, e naõ chegando a eſtes o damno dos da vanguarda, todos os que fugiaõ buſcavaõ eſte reparo para ſe tornarem a refazer. Chegando a elles o Terço de Henrique Dias com pouca ordem, o carregaraõ com tanto impeto, que vendo Franciſco Barretto o riſco em que eſtava de ſer desbaratado, o mandou ſoccorrer com os 500 Infantes que havia deixado de reſerva. Os Capitaens pouco conſiderados achando caminho mais breve de chegar aos Holandezes naõ trataraõ de ſe encorporar com Henrique Dias, que ſabia melhor mandar, que elles obedecer. E reſultou deſta deſordem tanta confuſaõ, que poz em contingencia a victoria. Porque Henrique Dias naõ podendo ſuſtentar o poder dos inimigos, ſe veyo retirando, e cahindo para a parte em que a noſſa gente na confiança da victoria eſtava deſordenada. Seguiraõ muitos o exemplo dos ſoldados de Henrique Dias, e cobraraõ os Holandezes tanto animo, que tornáraõ a ganhar a artilharia, e muniçoens, que já haviaõ perdido. Franciſco Barretto accodio valeroſamente a remediar eſte damno, porque occupando a paſſagem de hum regato, obrigou os ſoldados que fugiaõ, a fazerem

Atacaſe a batalha.

alto;

Anno 1648.

alto; e tornando-os a formar ajudado de André Vidal, e Joaõ Fernandes Vieira, investiraõ segunda vez aos Holandezes, levando Andre Vidal a vanguarda. Porèm ainda que os rompeo com morte de muitos Officiaes, e Soldados, tornáraõ elles com mais acordo a formarse; e refazendose com grande sciencia de huma, e outra parte varios corpos, durou o conflicto mais de quatro horas, obrando os Mestres de Campo, os Officiaes, e Soldados maravilhosas acçoens. Ultimamente cederaõ os Holandezes, e retiraraõse a huma eminencia, deixando a campanha cuberta de mortos, e feridos: Francisco Barretto fez alto no lugar da contenda, julgando por arriscado apertar mais com os soldados, na consideraçaõ do muito que haviaõ trabalhado, e de naõ terem descançado, nem comido por espaço de 24 horas. Recolheraõse 33 bandeiras, em que entrava o Estendarte com as Armas de Holanda, e retiraraõse muitas armas, e outros despojos, que satisfizeraõ o trabalho dos soldados. Tanto que cerrou a noite, se retiraraõ os Holandezes para o Arrecife, ficando na campanha mais de mil mortos, em que entraraõ tres Coroneis. Ficou hum prisioneiro, e escapáraõ só dous, que foraõ Vanden Vander, e Brink, dezoito Capitaens, nove Tenentes, dezaseis Alferes. Retiraraõse 523 feridos, entrando nelles o General Segismundo, e outros muitos Officiaes. Ganhámos huma peça de artilharîa de bronze, perdemos oitenta soldados, entrando nelles quarenta que morreraõ no alojamento da Barreta, e ficaraõ 400 feridos. Porém foy de qualidade a vigilancia, e o cuidado de se lhe applicarem os remedios necessarios, que quasi todos convalesceraõ depressa. Nos mortos entráraõ o Capitaõ Joaõ Rodrigues, e o Alferes Manoel Francisco de Lemos. O procedimento dos Officiaes, e Soldados foy taõ igual, que todos foraõ dignos de particular louvor. Andre Vidal sustentou a mayor parte do recontro com valor insigne, Joaõ Fernandes Vieira procedeo com grande acordo, e bizarria, e da mesma sorte Henrique Dias, e D. Antonio Filippe Camarão. Francisco Barretto mostrou em todo o conflicto tanto valor, actividade, e prudencia, que ficáraõ todos os

Retirãose os Holandezes com muita perda.

Despojos da victoria.

Valor de Frãcisco Barretto, e dos mais Cabos.

os ſeus ſoldados dignamente ſatisfeitos de o terem por General, e lhe pronoſticáraõ mayores victorias. Marchou a occupar outra vez os alojamentos, entendendo que os Holandezes naõ haviaõ ficado capazes de os deſtruirem. Aſſim como imaginou havia ſuccedido: porém achou occupado o Forte da Barretra, que lhe naõ deu pequeno cuidado; e da meſma ſorte a Villa de Olinda. Determinou Franciſco Barreto reſtauralla, e na noite ſeguinte ordenou a Henrique Dias, que com o ſeu Terço, algumas Companhias de D. Antonio Filippe Camaraõ, e a Companhia de Antonio da Rocha Damas do Terço de Joaõ Fernandes Vieira, guiando eſta gente o Capitaõ Braz de Barros, que por haver governado antes da batalha a Villa de Olinda, eſtava pratico nas entradas della, que ao amanhecer inveſtiſſem a Villa, o que fizeraõ com tanto valor, que obrigáraõ a 600 Holandezes que a guarneciaõ a deſamparalla, deixando mortos 160, e levando muitos feridos. Recuperáraõſe cinco peças de artilharia, que ſe naõ puderaõ retirar, quando ſe retirou a guarniçaõ da Villa, pelo pouco tempo que houve para a prevençaõ da batalha. Ficou ferido o Capitaõ Matheus Fagundes, e cinco ſoldados. Franciſco Barreto mandou retirar os que haviaõ ganhado a Villa de Olinda, e desfazer o reducto, e trincheiras, parecendolhe a conſervaçaõ deſte poſto pouco conveniente. Os mais alojamentos prevenio, e poz em defenſa, como pedia a importancia da empreza que determinava continuar, e a pouca gente com que ſe achava. Segiſmundo mandou hum bolatim a Franciſco Barreto, pedindolhe que ſe ajuſtaſſe o troco de priſioneiros que ſe fizeſſem de huma, e outra parte, com o fim de recuperar os que haviaõ ſido prezos na batalha. Naõ admittio Franciſco Barreto eſta propoſta, e remetteo todos os priſioneiros á Bahia, entrando nelles o Coronel Kever, e outros Officiaes.

Anno 1648.

Reſtauraõ os noſſos a Villa de Olinda.

Retiraſe a artilharia, e deſmãtelaſe a fortificaçaõ.

Pede Segiſmũdo troco dos priſioneiros q ſe lhe nega, e ſe remetem á Bahia.

O enfado, e aperto, em que ſe achavaõ os ſitiados do Arrecife, aliviou em parte huma eſquadra de navios, que ſe haviaõ deſgarrado da Armada com a tormenta que teve, quando ſahio de Holanda no Canal de Inglaterra. Os Officiaes que vieraõ de novo condemnáraõ

com

Anno 1648.

com razoens demasiadas o pouco valor dos que se haviaõ achado na occasiaõ dos Guararapes. Teve esta noticia Segismundo, e querendo valerse desta confiança para conseguir algum bom successo, e quando naõ succedesse, castigar ao menos a vaidade dos que haviaõ chegado; deulhes ordem para attacarem huma noite o alojamento de Henrique Dias. Marcháraõ a esta empreza, e succedeolhes taõ infelicemente, que duas vezes foraõ rechaçados com perda de alguns Officiaes, e Soldados. Retiráraõse, e mandoulhes advertir Segismundo, que argumentassem das acçoens dos negros, o valor dos brancos, para naõ fallarem com tanta ouzadia no procedimento dos que lhe haviaõ assistido nas occasioens antecedentes. Perdeo Henrique Dias sete soldados, e retirou vinte e cinco feridos. E como deste alojamento recebiaõ os Holandezes, como mais visinho, o mayor prejuizo, mandou Segismundo tornar a attacallo com dous mil Infantes. Empregáraõ toda a resoluçaõ em conseguir a empreza, porèm com mayor damno foraõ rebatidos. E o mesmo successo tiveraõ outras muitas vezes que repetîraõ outros muitos assaltos. Era grande a falta que nos quarteis se padecia de gente, e mantimentos, e por este respeito foy recebido com grande alvoroço o Mestre de Campo Francisco de Figueiroa, que chegou da Bahia com trezentos Infantes, e quantidade de gado: porém diminuhio este contentamento a morte do Governador dos Indios D. Antonio Filippe Camaraõ, que acabou de enfermidade, e nelle hum soldado de grande valor, e espirito verdadeiramente Catholico, com tanta experiencia daquella guerra, que difficultosamente poderia haver outro mais pratico, nem de acçoens mais sinaladas. Segismundo Vanescop vendo que nas emprezas da terra naõ achava favoravel fortuna, e juntamente por aliviar os soldados do aperto que padeciaõ, se embarcou com elles em alguns navios da Armada. Navegou para a costa da Bahia, saltou em terra em varios lugares, e retirouse para o Arrecife com grande despojo, e abundancia de mantimentos. Francisco Barreto, ja pratico na doutrina daquella guerra, se foy dispondo para a continuar: o que executou nos

Mãda Segismũdo attacar Henrique Dias com novo soccorro.

Retirase com perda.

Tornão os Holandezes com mayor força, tẽ o mesmo successo.

Morte de D. Antonio Filippe Camarão.

nos annos seguintes com o acerto, de que em seu lugar daremos noticia, chamandonos outros successos de naõ menos importancia.

Anno 1648.

Já referimos como Salvador Correa de Sá partio de Lisboa com o titulo de Governador do Rio de Janeiro, e Capitaõ General do Reino de Angola com ordem de solicitar por todos os caminhos o remedio daquelle Estado. No mez de Janeiro deste anno chegou á barra do Rio de Janeiro, e achou nella Manoel Pacheco de Mello com cinco navios, que o Conde de Villa-Pouca, confórme a ordem que havia levado delRey, remettia a Salvador Correa para o intento da jornada de Angola, de que eraõ Capitaens Luiz Correa de Sũnica, Lourenço Barbosa da Franca, Alvaro de Navaes, Alonso Castelhano, e Almirante Balthazar da Costa Bilroro. Salvador Correa saltou em terra, e por ser dotado de animo intrepido, e espirito vigoroso, sem interpor dilaçaõ chamou a Conselho os Officiaes de Guerra, Ministros de justiça, e pessoas principaes daquella Praça: fallou a todos com efficazes razoens, mostrando nellas o fim para que ElRey o mandava, que era acodir á destruiçaõ do Reino de Angola, de que todas as Provincias do Brasil sujeitas a Portugal eraõ taõ prejudicadas, que quasi parecia impossivel sustentaremse, sendo os moradores do Rio de Janeiro, a quem tocava o mayor damno, e de quem El-Rey fazia a mayor estimaçaõ, fiando delles as disposições de taõ grande empreza. E que ainda que ElRey obrigado da paz, que tinha feito com os Holandezes, naõ mandava romperlhes a guerra, era certo que naõ devia condemnar tornarmos a fazernos senhores, sendo possivel, das mesmas Praças que os Holandezes nos tomáraõ, rompendo indignamente os capitulos da paz que ElRey queria observar. E que quando naõ conseguisse restaurar as Praças que os Holandezes haviaõ ganhado, que com levantar hum Forte na enseada de Quicombo, que era o que ElRey lhe mandava executar, abriria o passo para mais facil resgate dos negros, de que tanto todo o Brasil necessitava: approváraõ todos esta proposta, e concorrèraõ os naturaes com cincoenta e cinco mil cruzados de dona-

Chega Salvador Correa de Sá ao Rio de Janeiro.

Salvador Correa propõem a empreza de Angola.

Resolvese a empreza de Angola, contribuem os moradores.

donativo, promettendo assistir com o mais que faltasse: Salvador Correa vendo taõ bom principio naquella empreza, animouse a fretar seis navios, de que eraõ Capitães Joaõ Sermenho, Manoel Lopes Anginho, Gaspar Robin, Antonio Vaz de Oliveira, Francisco Fernandes Farna, e Clemente Martins, e a comprar quatro patachos á sua custa. Alistou 900 Infantes divididos em 22 Companhias: repartio pelos navios 600 homens do mar: metteolhes quantidade de muniçoens, e seis mezes de mantimentos: mandou dar crena aos navios, e partio para Angola a 12 de Mayo com quinze embarcaçoens, e no mesmo dia despachou para este Reino a frota com 25 navios. Seguio a viagem com tempos taõ rigorosos, que naõ pudèraõ os patachos acompanhallo, tomou terra em 18 gráos, delles voltou correndo a costa com boa viagem sempre com as chalupas em terra, usando de algumas commodidades, assim de agua, como de caça, e peixe. Chegou a Quicombo, e passou de noite por Benguela, porque os Holandezes naõ tivessem noticia da Armada: na enseada de Quicombo desembarcou, e reconheceo o sitio, em que o seu regimento lhe ordenava fizesse a fortificaçaõ. Passados cinco dias, chegou áquella enseada a Almiranta, e dous patachos, que se haviaõ desgarrado, ancorou com os mais navios em hum rio que corre pelo meyo da enseada, e no meyo delle está situada a Aldea do Sova Quicombo, que significa o mesmo que senhor daquella terra. O dia seguinte ao que chegou a Almiranta, se começou a revolver o mar dentro da enseada com tanta furia, que pareceo a todos sobrenatural: entrou a noite, e naõ havendo vento algum, e estando a Lua clara, se ouvio pedir da Almiranta soccorro, e no mesmo instante se foy a pique, sem se ver algum sinal della até o amanhecer, que na praya se achou hum pedaço do castello de proa, e 27 homens, mas delles se salvaraõ só dous, e perderaõse 360, naõ se achando origem alguma para succeder taõ lastimoso espectaculo: porque ao mesmo tempo deste successo estavaõ algumas chalupas fóra da enseada pescando, e nem sentîraõ vento, nem inquietaçaõ alguma. Mas vieraõ todos a reconhecer que era este

Anno 1648.

Prevenções para o intento.

Chega a Quicõbo Salvador Correa.

Perdese a Almiranta dẽtro no porto.

este hum dos juizos que a Divina Providencia naõ deixa penetrar á fragilidade humana. Salvador Correa naõ lhe quebrantou o animo este infelice accidente: chamou a Conselho, e propoz, que ainda que ElRey lhe mandava no seu regimento conservar a paz, parece que era na consideraçaõ dos Holandezes viverem sem desasocego contentes com o que haviaõ ganhado. Porém que depois de haver chegado áquelle porto, lhe constava por varias noticias, que os Holandezes faziaõ guerra aos Portuguezes que se haviaõ retirado pela terra dentro, e que neste sentido parecia justo soccorrel'os, e naõ deixar que perecessem ás mãos de inimigos taõ ambiciosos, que desprezavaõ a ley natural, e a fé publica, naõ guardando palavra, sociedade, nem correspondencia. Approváraõ todos o parecer de Salvador Correa, e unidos em huma só voz gritáraõ: „ Ou ganhar Angola, ou ao Ceo, desarreigando a heregia que ha sete annos semeaõ os Holandezes nestes lugares de verdadeira Christandade.

Anno 1648.

Resolução Catholica, e generosa de Salvador Correa, e dos q lhe assistião.

Mandou Salvador Correa embarcar a gente, fezse a Armada á véla; chegou á barra de Loanda, e naõ consentio que outro navio levantasse bandeira de Almiranta, para dar a entender que aguardava mais navios. Esta voz fez espalhar, e outras que caminhavaõ ao mesmo fim, mostrando a experiencia que todas foraõ uteis, porque os Holandezes se enganáraõ com ellas para se entregarem. Logo que chegou, mandou tomar lingua: trouxeraõlhe hum negro vassallo delRey de Congo, e examinado confessou, que os Holandezes andavaõ em campanha com trezentos Infantes da sua naçaõ, e tres mil negros vassallos delRey de Congo, e outros Sovas que dominavaõ o districto de sessenta leguas, que correm daquella Cidade até Masangano, lugar em que os Portuguezes assistiaõ de sorte opprimidos, que naõ seria possivel ter com elles communicaçaõ alguma. Vendo Salvador Correa com estas noticias justificadas as antecedentes, mandou a terra a Joaõ Antonio Correa Capitaõ de Infantaria, e seu Secretario, com ordem que dissesse da sua parte ao Governador da Cidade, que Sua Magestade o havia mandado a levantar hum Forte na enseada de Quicombo,

Proposta de Salvador Correa ao Governador.

Anno 1648.

combo, trinta leguas diſtante daquella Cidade, e outras trinta de Benguela, ſitio atè aquelle tempo ſeparado do Dominio dos Eſtados de Holanda, para que os Portuguezes, que eſtavaõ retirados pelo Certaõ, ſe pudeſſem cõmunicar com os que chegaſſem de Portugal, ſem alteraçaõ das pazes queElRey lhe mandava guardar inviolavelmente, na ſuppoſiçaõ de que elles as conſervavaõ: porém que achando eſta idêa totalmente encontrada, havendo faltado os Miniſtros dos Eſtados a todas as capitulaçoens ajuſtadas, com tanto exceſſo, que o ſeu Exercito andava em campanha ſujeitando os Sovas que ſeguiaõ a voz de Portugal, e opprimindo os poucos Portuguezes que havia em Maſangano, e nas Fortalezas de Cambambe, e Ambaca, com tanta exorbitancia que quaſi todos havia extincto a violencia das ſuas armas; por eſtes juſtos reſpeitos ſe achava obrigado a interpretar o ſeu regimento, rompendo a guerra, ainda que pela deſobediencia arriſcaſſe a ſua cabeça: e que havendo tomado eſta reſoluçaõ, naõ podia achar occaſiaõ mais opportuna q̃ aquella em que lhe conſtava, que a Cidade eſtava taõ deſtituida de gente que ſeria impoſſivel defenderſe: e q̃ por eſcuſar mortes, e incendios, lhes pedia quizeſſem logo entregarſe, que lhes ſegurava todos os partidos convenientes. Tomou eſta reſoluçaõ tanto de ſobreſalto aos Miniſtros dos Eſtados, que ſem exame nem outra diligencia recorreraõ ſó ao remedio de pedir a Salvador Correa oito dias de dilaçaõ para nelles reſolverem o que deviaõ fazer. Entendeo Salvador Correa que eſta demora era induſtria para conſeguirem chegarlhes a gente que andava em campanha, reſpondeolhes, que ſó dous dias lhes dava de praſo para ſe entregarem, ou padecerem o rigor das armas. Aceitaraõ eſta condiçaõ, e recolheraõ nos dous dias a gente que puderaõ juntar na Fortaleza do Morro de S. Miguel, que ſenhorea a Cidade, e o Forte de Noſſa Senhora da Guia que eſtá na marinha, capazes eſtas fortificaçoens de alojarem cinco mil homens por ſer aFortaleza do Morro muito dilatada. Na ultima hora do termo concertado tornou a mandar Salvador Gorrea o ſeu Secretario com ordem que ſe os Holandezes ſe rendeſſem, conſervaſſe na chalupa

lupa a bandeira branca que levava, e que se determinassem defenderse, a abatesse, e arvorasse outra vermelha. E por naõ perder tempo, em quanto foy o Secretario prevenio a Infantaria, que constava de 650 soldados, e 250 marinheiros: armou-a, e deu a todos vestidos novos, que generosamente levava prevenidos para aquelle dia, entendendo que os Generaes lograõ a fortuna de serem verdadeiros alquimistas, se sabem descubrir o thesouro de grangear os animos dos soldados que governaõ. Os Holandezes cobrando mais alento com os dous dias de prevençaõ, responderaõ, que elles estavaõ resolutos a se defenderem, e a castigar a ouzadia com que Salvador Correa determinava conquistallos O Secretario observando a ordem que levava, tanto que se embarcou, com esta reposta, abateo a bandeira branca, e arvorou a encarnada. Salvador Correa, que estava observando este sinal, deixando nos navios 180 homens, e muitos corpos fantasticos com chapeos nas partes em que melhor podiaõ ser vistos para mostrar mayor poder, mandou disparar huma peça, sinal para que as chalupas seguissem a em que elle se embarcava; e executando todos pontualmente a sua ordem, desembarcaraõ meya legua da Cidade, e naõ achando opposiçaõ, depois de se celebrar devotamente o sacrificio da Missa, montou Salvador Correa em hum cavallo que levava prevenido, e marchou diante dos seus soldados a ganhar hum Mosteiro que havia sido dos Padres Terceiros de S, Francisco, que fica em huma eminencia, que domina a marinha, e segurava a agua de Mayanga, para remedio do excessivo calor daquelle sitio. Os Holandezes com alguns negros mostraraõ quererse oppor a esta resoluçaõ: porém com pouca presistencia voltaraõ as costas, e Salvador Correa, ainda que o calor era insoportavel, por ser a marcha dilatada, e chegar áquelle posto á huma hora depois do meyo dia, naõ querendo perder occasiaõ taõ opportuna, foy seguindo os Holandezes, e entrando pela rua principal, que desemboca na Praça, em que està o Collegio dos Padres da Companhia, chegou a ella, e ganhando o corpo da guarda, e a casa dos Governadores, recebendo

Anno 1648.

Ultima reposta do Governador.

Sahe em terra Salvador Correa.

Ganha a Cidade, e occupa o Forte de Santo Antonio.

Anno 1648.

aviſo que os Holandezes haviaõ largado o forte de Santo Antonio, o mandou occupar, e achou nelle oito peças de artilharia, em que havia ſó duas encravadas. Com as ſeis, e quatro meyos canhoens, que mandou deſembarcar formou aquella noite duas baterias na Igreja Matriz, ſitio que fica paralelo á fortaleza do Morro de S. Miguel, dividindo as ſuas eminencias huma quebrada, accomodada pelos moradores para ſerventia da praya Logo que amanheceo, começaraõ a jugar as duas baterias com admiraçaõ dos Holandezes, por verem em poucas horas conſeguidas muitas operaçoens, de que argumentáraõ que era grande o poder: porèm a artilharia naõ fazia grande damno na muralha da fortaleza, por ſer de terra, e faxina a que olhava para aquella parte.

Bate a Fortaleza do Morro cõ pouco effeito.

Naõ ficou Salvador Correa ſatisfeito deſta experiencia, e menos de hum aviſo que recebeo de que os Holandezes haviaõ desbaratado os Portuguezes de Maſangano na campanha; e que os da Praça deſeſperados do remedio eſtavaõ reſolutos a ſe entregarem ao ſeu alvedrio. Vendo Salvador Correa reduzido á ultima extremidade todo o Dominio de Angola, determinou arrojarſe a huma acçaõ prudente, e valeroſa com apparencias de temeraria. Mandou preparar a gente, e inveſtir ao amanhecer a fortaleza do Morro de S. Miguel, e forte de Noſſa Senhora da Guia que com linhas de communicaçaõ ſe lhe unia: porque ainda que reconhecia a difficuldade da empreza pela capacidade das fortificaçoens, e por eſtarem guarnecidas com mil e duzentos Holandezes, Francezes, e Alemaens, e outros tantos negros Mixiloandas moradores da Ilha de Loanda, dous tiros de moſquete da Cidade, conſiderou que era mais facil perderſe no intento de taõ generoſa empreza, que retirarſe depois de exceder o regimento delRey deixando perdido totalmente o Reino de Angola. E pondo em Deos verdadeira confiança, ſe deu o aſſalto por differentes partes ao amanhecer. Porém como os defenſores eraõ tantos, as fortificaçoens taõ capazes, e os expugnadores taõ poucos, ainda que pelejaraõ valeroſamente foraõ rebatidos, deixando mortos 163 ſoldados, e retirando 160 feridos, em que entrou

Aſſaltaſe a Fortaleza, e retiraõſe os noſſos com perda.

trou Manoel Pacheco de Mello, e outros Officiaes. Salvador Correa, ainda que de animo intrepido, e resoluto, vendo este máo successo mandou tocar a recolher com intento de dar segundo assalto: porém os Holandezes obrigados da justiça Divina, entendendo que as caixas faziaõ sinal de segunda investida, sem mais causa que haverem perdido alguma gente no assalto, arvoraraõ huma bandeira branca, e mandáraõ hum trombeta a pedir seguro, para virem dous Capitães a ajustar as capitulações da entrega da Fortaleza, e do Forte de N. Senhora da Guia attacado a ella. Suspendeose o segundo assalto: sahiraõ os Capitães; mandou Salvador Correa outros dous para a Fortaleza com ordem que declarassem aos Holandezes, que se dentro de quatro horas se naõ ajustassem as capitulaçoens, continuaria a guerra, protestando naõ perdoar a vida aos que se obstinassem em continuar a defensa. Servio esta apparente arrogancia (pois era fundada só em quinhentos homens cansados do excessivo trabalho que haviaõ padecido, porque os mais eraõ mortos, e estavaõ feridos) de introduzir novo temor nos Holandezes, e rendidos sem consideraçaõ a este receyo, mandaraõ hum dos Eleitores com as capitulaçoens seguintes. Que elles sahiriaõ com bandeiras tendidas, e bala em boca, e quatro peças de artilharia, com as Armas da Companhia Occidental. Que poderiaõ dispor dos bens que tinhaõ em seu poder, e de ametade das muniçoens. Que se lhes dariaõ embarcaçoens sufficientes, e mantimentos para a sua passagem dos que tinhaõ nos seus Armazens. Que se soltariaõ os prisioneiros de huma, e outra parte. Que naõ se faria molestia, nem se diriaõ palavras injuriosas ás pessoas que houvessem seguido a sua parcialidade, em particular aos Mixiloandas moradores na Ilha de Loanda. Que os Holandezes, que andavaõ em campanha, querendo gozar das capitulaçoens, o poderiaõ fazer dentro do tempo que se lhes sinalasse, e que para este effeito os mandariaõ notificar. Approvou Salvador Correa estes capitulos, e accrescentou que se entendiaõ dentro de quatro horas; e que succedendo o contrario, ficariaõ sujeitos, assim os Holandezes, como os Reys, e Prin-

Anno 1648.

Capitulaçoens com q̃ os Holandezes entregão as Fortalezas de Angola.

Anno 1648.

Principes aliados com elles, ao rigor das armas, e que naõ poderiaõ usar dellas em toda a Costa, e Ilhas de Africa Austral, ainda que lhe chegassem novos soccorros. Todas estas condições acceitáraõ os Holandezes, e abrindo as portas sahiraõ da Fortaleza mil e cem Infantes Holandezes, Francezes, e Alemães, e quasi outros tantos negros; passáraõ pela nossa Infantaria que estava em ala. Admirados do pouco numero della, e com inutil arrependimento de se haverem rendido, se embarcáraõ em tres navios, que Salvador Correa lhes havia mandado aprestar sem artilharia, todos os Holandezes, excepto algũs Officiaes mayores que aguardáraõ a resoluçaõ dos que andavaõ em campanha. Chegou dentro de cinco dias, porque o aviso de que a Cidade estava entregue, os colheo em apressada marcha para lhe introduzir soccorro com 250 Holandezes, e 2000 negros governados pela Rainha Ginga, e outros Vassallos delRey de Congo. Naõ quizeraõ os Holandezes romper a capitulaçaõ, por mais que os alentáraõ a Rainha Ginga, e os Officiaes Vassallos delRey de Congo: sujeitáraõse ás condiçoens ajustadas com os da Cidade, e separandose delles os negros, que se resolveraõ a naõ acceitar as capitulaçoens, os desampararáraõ com palavras affrontosas. Marcháraõ elles para a enseada de Cassandamá, que fica fazendo a barra com a ponta da Ilha, porto que Salvador Correa lhes sinalou, por haverem desembarcado nelle os Holandezes, quando tomáraõ Angola, querendo que sahisse daquelle Reino a heregia pelos mesmos passos por onde havia entrado a inficionallo. Acháraõ as chalupas preparadas, que os introduzîraõ nos tres navios, em que os mais estavaõ embarcados, fizeraõse á véla, e Salvador Correa naõ querendo perder hum instante de tempo, por se naõ fiar, como Capitaõ experimentado, da inconstancia dos successos humanos, mandou preparar dous navios, que foraõ render a Praça de Benguela, tambem guarnecida pelos Holandezes. Entregáraõse sem resistencia, e logo que Salvador Correa recebeo esta noticia, havendo chegado os Portuguezes que estavaõ pelo Certaõ, que bastavaõ para guarnecer a Cidada, mandou preparar tres navios,

Os Holandezes saem das Fortalezas, e entra a nossa guarniçaõ.

Aceitão os Holandezes da cãpanha as capitulaçoens.

Rendese Bẽguela sem resistencia.

vios, e dous patachos com a mayor parte da Infantaria que havia trazido, e ordem que passassem á Ilha de S. Thomé a ajudar os moradores della a desalojar os Holandezes, que haviaõ occupado a Cidade com os enganos que temos referido. Porem naõ foy necessaria esta diligencia, porque os Holandezes que sahiraõ rendidos de Angola, passando por S. Thomè fizeraõ aviso aos da Cidade da desgraça que haviaõ padecido, e bastou esta noticia para largarem aquella Ilha com tanta brevidade, que deixàraõ na Cidade toda a artilharia, e a mayor parte das muniçoens. Os moradores vendo esta naõ imaginada felicidade, se fizeraõ senhores de tudo o que os Holandezes haviaõ largado, e mandàraõ aviso a Salvador Correa, agradecendolhe a fortuna que logravaõ por seu respeito. Com esta noticia mandou Salvador Correa os navios, que estavaõ preparados para S. Thomè, a Benguela a Velha, distante daquella Cidade trinta leguas para a parte do Sul, a Loango, e a Pinda, esta sessenta leguas ao Norte, aquella mais de cento, a desalojar os Holandezes que assistiaõ em feitorias tratando de seus interesses, e veyo a conseguir em dous mezes lançar os Holandezes de toda a Costa Austral de Africa, sem mais poder que novecentos homens com que sahio do Rio de Janeiro. Mas o que naõ acaba o coraçaõ de hum homem generoso, parece que naõ quer Deos concedello aos que emprendem acçoens grandes com menos animo, e mais poder. E muitas vezes tem mostrado a experiencia, que bastando hum só homem para conquistar todo o mundo, naõ puderaõ muitos defender huma Cidade.

Anno 1648.

Deixaõ S. Thomè.

Louvor merecido de Salvador Correa de Sá.

Livre Salvador Correa do cuidado dos Holandezes, tratou de castigar os delictos delRey de Congo, da Rainha Ginga, e dos Sovas seus aliados. E como a gente que tinha, era taõ pouca, se valeo de alguns Francezes que persuadio a que deixassem o serviço de Holanda. Com estes, os Portuguezes que andavaõ pelo Certaõ, e quantidade de negros Vassallos delRey de Dongo, que tinha a sua Corte no destricto da Fortaleza de Ambaca, aonde chamaõ as Pedras, sitio que era julgado por inexpugnavel até o anno de 1672 em que o contrastou o valor de

Anno 1648.

Francisco de Tavora Governador do Reino de Angola. Este Rey de Dongo, e o Jaga de Ambaca todos os sete annos que os Holandezes assistiraõ em Angola conservaraõ incorrupta fidelidade com os Portuguezes. Formado este Exercito, o entregou Salvador Correa á ordem de Bartholomeu de Vasconcellos, valeroso, e pratico naquella guerra, e que governava antes de chegar Salvador Correa a gente do Certaõ por commum consentimento de todos os moradores. Marchou Bartholomeu de Vasconcellos, e facilmente sujeitou ElRey de Congo, e os mais inobedientes. Porém como ElRey de Congo, era o que tinha mayor culpa, foy condẽnado na Ilha de Loanda, que entregou para se encorporar á Coroa de Portugal, e em outros tributos dos generos de mayor valor do seu Reino. Escapou só do castigo a Rainha Ginga, por se ausentar 300 leguas com o seu Exercito para dentro do Certaõ. He digna de memoria a extravagancia da sua vida. Havia sido filha de hum Rey poderoso de Angola, a quem foy cortada a cabeça no tempo que governava Fernañ de Sousa, por varios delictos commetidos contra a Coroa de Portugal. Estimulada deste aggravo, havendo sido primeiro bautizada, se fez salteadora, seguindo-a alguns vassallos, e criados de seu pay. Inventou, para engrossar o poder, a arte de assaltar as Aldeas, e lavradores, e depois de degolar os velhos, cativava os moços de boa disposiçaõ, e os obrigava a serem sequazes dos seus insultos; e da mesma sorte adquiria as moças de dezaseis até vinte annos, com ordem inviolavel que aquellas a que sucedesse estar proximas a ter sucessaõ, sahissem do alojamento, e logo que nascia a creatura, havia cachorros ensinados a despedaçala, e comela, trocandose com barbara gentilidade a ordem da natureza, servindo ao animal irracional o racional de alimento. Assim a Rainha, como os mais que a acompanhavaõ, usando ainda de mayor fereza, se sustentavaõ de carne humana; e era tanto o respeito que todos os negros daquelle Reino tinhaõ à Rainha, que sendo vencida em alguns encontros, naõ havia negro algum dos vencedores taõ ousado, que naõ deixasse antes lhe tirassem a vida, que levantar para ella

Marcha Bartholomeo de Vasconcellos a castigar os Principes negros.

Noticia da Rainha Ginga.

os

os olhos. E para mayor demonstração desta reverencia, todos em sua presença se lançavaõ de bruços. Era summamente valerosa, andava em trajo de homem, e neste mesmo habito lhe assistiaõ trezentas negras, e outros tantos negros com vestidos mulheris. Nestes seiscentos da sua familia era o mayor delicto a sensualidade, e com extravagante delirio os expunha ordinariamente ao perigo de desobedecerem ao seu preceito; e se acaso achava alguns delinquentes, todos eraõ degolados: depois de permanecer muitos annos nesta abominavel vida, conseguio por impulso superior acabala com notaveis demonstrações de arrependimento no gremio da Igreja. Bartholomeo de Vasconcellos fez grande diligencia por desbaratar este abominavel Exercito, e naõ pode conseguir mais que mandar a Rainha Ginga embaixador a Salvador Correa, pedindolhe paz, e commercio que elle acceitou, obrigado dos embaraços em que se achava. Recolheose Bartholomeo de Vasconcellos, deixando castigados os inimigos, e os amigos satisfeitos, e achou que Salvador Correa, igualando o animo catholico, e politico ao valor militar, havia reedificado Conventos, e Igrejas, fabricado Armazens, e quarteis, feito cinco galeotas para conduzirem mantimentos pelo rio de Coanca, e tres barcos para trazerem agua à Cidade, que carecia muito della. E com estas, e outras obras dignas de grande louvor, depois de recuperar aquelle Reino o conservou o tempo do seu governo com taõ acertadas disposiçoens, que servio esta direcçaõ de se perpetuar na obediencia desta Coroa com o socego, e utilidades que hoje gosa.

Anno 1648.

Pede a Rainha paz.

D. Gastaõ Coutinho continuava com bons successos o governo da Cidade de Tangere. No principio deste anno, mandando descubrir o posto do Facho Velho com cincoenta Cavalleiros, a que elle seguio com os mais, que passavaõ de duzentos, sahiraõ, a correr os cincoenta, 800 Cavallos Mouros, que estavaõ emboscados em o sitio da Attalainha, e outros tantos Infantes da Serra. Recolheo D. Gastaõ os cincoenta Cavalleiros sem perda, e sustentou o posto. Porém como os Mouros eraõ muitos, depois de unidos todos, chegàraõ atè junto da Cidade com

Successos de Africa.

Anno 1648.

com D. Gastaõ, que se veyo retirando: mas tornando a se formar no Revelim ao calor da Infantaria, foy grande a perda que receberaõ os Mouros da mosquetaria. Acharaõ dezoito mortos na campanha, fóra outros muitos que levaraõ feridos. Ficou da nossa parte só ferido Diogo Banha. Os Mouros se retiráraõ, tornou-os a seguir o General com resoluçaõ louvavel, ate os obrigar a se recolherem à Serra. Outras escaramuças teve D. Gastaõ com bom successo. Em huma esteve o Adail cortado de Cavallaria, e Infantaria, porèm rompendo com valor por entre os Mouros, se salvou sem damno. O pouco poder com que se resistia naquella Cidade a tanto numero de Mouros, naõ dava lugar a mayores progressos.

Sucessos da India.

Neste anno mandou D. Filippe Mascarenhas na India hũa Armada á Costa de Coromandel, de que era General D. Alvaro de Attaide, a soccorrer a povoaçaõ de Negapataõ, q̃ teve seu principio de alguns Portuguezes, que levados dos interesses da mercancia habitaraõ aquelle porto, a que se foraõ ajuntando alguns soldados velhos, cançados da guerra de Ceilaõ. Considerando estes a pouca segurança com que viviaõ entre os gentios, e advertidos juntamente de algũas visitas, que sem necessidade lhes fazia o Naique de Tanjaor, de quem era aquelle destricto, determináraõ fortificarse, valendose dos materiaes de hum Pagode pouco distante daquella povoaçaõ, chamado dos Chins. Oppozse a esta determinaçaõ o Naique. Compuzeraõna primeiro os Portuguezes, em quanto se dilatava hum aviso que fizeraõ a D. Filippe da pouca segurança com que assistiaõ naquelle porto. Chegou D. Alvaro a elle, e botando a gente em terra, assistio na povoaçaõ em quanto se continuava hum fosso, que fortificava aquelle posto da parte do Sul, defendido de hum braço de mar pela parte do Norte. Tendo o Naique esta noticia, juntou hum grande Exercito de seus Vassalos, a q̃ chamaõ Badagas, e mandou impedir a obra da Fortaleza. Teve D. Alvaro anticipado aviso, e porque era arriscado alojarse o Exercito na multidaõ de Pagodes que ha naquella parte, sahio D. Alvaro com 500 Infantes a esperar o Exercito fóra delles: Naõ duvidaraõ os gentios attacar a batalha, durou muitas horas

horas com grande calor. Fez o conflicto mais sanguinolento ganharem os Badagas o Estandarte, em que hia pintada a imagem de Christo crucificado. Restaurou-a com valeroso zelo o Capitaõ Simaõ Gomes da Silva, natural de Palma de cima, termo desta Cidade de Lisboa, e pondo-a em salvo com dezoito feridas, immortalizou a sua opiniaõ, e mereceo o favor Divino, sarando depois das feridas. Os Portuguezes animados com este exemplo, romperaõ os Badagas, ficando grande multidaõ mortos na campanha, e perdendo D. Alvaro 150 soldados, retirouse á Fortaleza, e depois de acabada, voltou para Goa. Cresceo neste anno a differença entre D. Filippe Mascarenhas, e D. Braz de Castro, e outros fidalgos daquelle Estado, os quaes tendo por natureza naõ viverem com muito socego, se lhe accrescentou a este natural a pouca urbanidade com que D. Filippe os tratava, faltandolhes com aquella cortezia de que devem usar os que governaõ, para serem mais respeitados, e melhor obedecidos. Estimulados deste desprezo, tomaraõ desusada, e imprudente vingança; formando huma estatua com insignias vituperosas, que amanheceo em Goa nas Portas de Mandovim defronte da casa do Viso-Rey. Enfadado justamente o Viso-Rey deste desconcerto, e desacato, procurou averiguar os authores delle. Prendeo parte dos delinquentes, que mandou prezos a este Reino, em que entrou Francisco de Sousa Chichorro, que morreo depois, voltando do governo de Angola. D. Braz de Castro, vendo taõ proximo o perigo, se ausentou para a terra firme, aonde andou todo o tempo que durou o governo de D. Filippe Mascarenhas. Até o ultimo anno do seu governo, que foy o de 1651 naõ houve acçaõ digna de memoria. Neste anno de 1648 partiraõ para a India o Galiaõ S. Roque, Capitaõ Antonio da Costa de Lemos; e Santa Catherina, Capitaõ Antonio Pereira, que arribou á Bahia.

Anno 1648.

Acção valerosa do Capitão Simão Gomes da Silva.

Vence D. Alvaro de Ataide os Badagas.

Differenças de D. Filippe Mascarenhas, e D. Braz de Castro.

Deixámos o Conde de S. Lourenço continuando o governo das Armas da Provincia de Alentejo com acerto, e felicidade. Constoulhe no principio deste anno, que haviaõ entrado em Badajoz algumas Companhias de Caval-

Anno 1649.

Successos de Alentejo.

Anno 1649.

Cavallos estrangeiros: mandou lançar varios papeis escritos em differentes linguas nos alojamentos, em que lhe constou que estavaõ aquarteladas, que continhaõ largas promessas a qualquer Official ou Soldado, que passasse a este Reino com o seu cavallo, prometendose, que se pagaria por seu justo preço. Foy esta diligencia de grande effeito, porque dentro de pouco tempo ficaraõ as Tropas estrangeiras muito diminuidas: porque observandose pontualmente com os primeiros soldados que se passâraõ, as promessas incluidas nos papeis, e conseguindo o Conde de S. Lourenço que chegassem ás mãos dos que ficavaõ, as cartas dos que primeiro fugîraõ, em que lhes davaõ parte do bom tratamento que receberaõ, vieraõ quasi todos a procurar igual utilidade. Os Castelhanos mandáraõ neste tempo hum bolatim, pedindo que se desse liberdade aos Officiaes atè o posto de Capitaõ de Infantaria, e aos soldados prisioneiros de huma, e outra parte. Acceitouse esta proposta, e teve effeito em utilidade de ambas. Entrou o mez de Abril, e começou a Primavera a facilitar as emprezas. Tiveraõ a dos Castelhanos infelice principio: porque chegando aviso ao Conde de S. Lourenço por huma intelligencia, que o Baraõ de Molinguen, que exercitava o posto de Mestre de Campo General, e General da Cavallaria do Exercito de Castella, convocava a Badajoz as Tropas divididas pelos quarteis, mandou recolher os gados, suppondo que em damno dos lavradores se fazia este movimento: e ordenou aos Commissarios Geraes Tamericurt, e Duquisnê, que marchassem a assistir em Villa-Viçosa com doze Companhias de Cavallos, considerando que esta Praça ficava em sitio disposto, para se acodir della a qualquer das partes por onde o inimigo entrasse. Logo que o Conde de S. Lourenço despedio os Commissarios, mandou varias partidas sobre Badajoz, e brevemente voltou huma dellas com aviso que os Castelhanos sahiaõ daquella Praça com muitas Tropas, e que caminhavaõ pela estrada de Albuquerque sem interpor dilaçaõ. Mandou o Conde montar quatro Tropas, que estavaõ em Elvas, e escreveo a Tamericurt que viesse incorporarse com el-

Soltãose os prisioneiros.

las

las entre as Villas de Fronteira, e Cabeça de Vide, sitio que ſuppoz que os Caſtelhanos haviaõ de buſcar, pela quantidade de gados que andavaõ nelle. Marchou Tamericurt logo que recebeo eſta ordem, com as doze Tropas, e encorporado com as quatro, fez alto entre Fronteira, e Cabeça de Vide. Poucas horas depois de haver chegado, ſoube que os Caſtelhanos vinhaõ rebanhando o gado de Fronteira com 600 Cavallos. Reſoluto a pelejar com elles, marchou para aquella parte, ſem reparar na deſigualdade do numero: porque as noſſas dezaſeis Tropas naõ levavaõ mais que 400 Cavallos. Pouco havia caminhado quando deu viſta dos Caſtelhanos, e conhecendo em todos os Officiaes, e Soldados igual deſejo de pelejar, aconſelhado do conſentimento commum, que coſtuma ſer o conſelheiro mais util das emprezas grandes, ſem mais dilaçaõ que aquella que lhe foy neceſſaria para compor as Tropas, inveſtio taõ valeroſamente as dos Caſtelhanos, que em breve eſpaço as derrotou totalmente, ficando mortos cento e vinte, e dobrado numero de priſioneiros, e feridos. Retirouſe Tamericurt com 400 cavallos. Perderaõ as vidas neſta occaſiaõ vinte ſoldados, em que entrou o Capitaõ Franciſco Latuche: vieraõ alguns feridos. Sinaláraõſe nella Tamericurt, e Duquiſnê, os Capitães de Cavallos Diniz de Mello de Caſtro, e Joaõ de Oliveira Delgado, Fernaõ de Meſquita, e os mais Officiaes. O Baraõ de Molinguen havia feito alto junto de Arronches com vinte e quatro Tropas, aguardando as que tinha mandado rebanhar o gado. Os que eſcaparaõ da rota, lhe deraõ aviſo della. Retirouſe a Badajoz, e brevemente largou o poſto. Succedeolhe no de Meſtre de Campo General D. Franciſco Tutavilla Duque de S. German Napolitano, e no de General da Cavallaria D. Alvaro de Viveros, que havia ſahido rendido do Caſtello da Ilha Terceira. O Conde de S. Lourenço tinha mandado entrar em Caſtella as Tropas de Campo Mayor, e Olivença, quando ſoube que todas as do inimigo marchavaõ para Arronches. Acháraõ eſtas Tropas alguns lugares abertos ſem defenſa, fizeraõ conſideravel damno. Deu o Conde conta a ElRey deſtes ſuc-

Anno 1649.

Rompe Tamericurt a Cavallaria de Caſtella.

O Barão de Molinguen larga o poſto a q̃ ſuccede D. Frãciſco Tutavilla.

ſucceſſos, e uſando da liberdade que com grande zelo profeſſava, lhe pedio patente de Tenente General da Cavallaria para Tamericurt, que logo lhe concedeo, e para Duquiſnê huma Comenda: e que declarava, que pedia huma das mais pequenas que eſtiveſſem vagas, porque as grandes bem ſabia elle q̃ as levavaõ os Cortezãos, e que naõ era coſtume daremſe aos ſoldados, em manifeſto prejuizo da defenſa do Reino. Deu eſte ſuceſſo grande alento às noſſas Tropas, aſſim por ficarem melhor remontadas, como porque começáraõ os ſoldados a reconhecer que vencia o valor, naõ o numero (axioma que ſem preſunçaõ lhes podia ſegurar as victorias.) Repreſentou juntamente o Conde de S. Lourenço a ElRey, quanto importava accreſcentarſe o numero da Cavallaria: porque a ventagem que os Caſtelhanos nos levavaõ neſte Corpo, era muito prejudicial á conſervaçaõ daquella Provincia. Reconhecendo ElRey o acerto deſta advertencia, e achando com os largos diſpendios os cabedaes muito diminuidos, naõ querendo apertar as fazendas de ſeus Vaſſallos, porque as guardava para a ultima extremidade (prevençaõ de Principe prudentiſſimo) mandou vender quatro mil cruzados de juro; e do dinheiro que reſultou, ſe compráraõ quantidade de cavallos, que augmentáraõ o numero aos das Tropas. E para que ellas ſe naõ diminuiſſem em utilidade dos Capitães, ordenou ElRey que naõ entraſſem partidas pequenas em Caſtella, e as groſſas naõ foſſem a empreza alguma ſem ordem expreſſa dos Governadores das Armas. Tendo o Conde de S. Lourenço augmentado as Tropas, e conduzido os Terços, e havendo o Marquez de Lagañes mandado arruinar tres Attalayas, que guardavaõ a campanha de Olivença, determinou tomar ſatisfaçaõ deſte pequeno damno; e mandando ajuntar toda a Cavallaria, e os Terços de Olivença, Elvas, e Campo Mayor, os entregou ao General da Artilharia Andre de Albuquerque, e lhe mandou interprender a Praça de Albuquerque, de que teve origem ſeu Appellido. Marchou elle a executar eſta ordem, e ſem reſiſtencia entrou no Arrabalde: porém achando grande oppoſiçaõ na Villa, e Caſtello, ſe retirou

Anno 1649.

Inſtancia livre do Conde de S. Lourenço a favor dos ſoldados.

rou depois de mandar pôr fogo ás casas do Arrabalde, trazendo os soldados satisfeitos dos despojos: O Conde de S. Lourenço fez reedificar as Attalayas, que o inimigo havia derrubado na campanha de Olivença. Assistia nesta Praça Andre de Albuquerque, e desejando derrotar huma Tropa que sahia de Badajoz a descubrir a campanha para aquella parte, mandou com este intento o Capitaõ Joaõ Homem Cardoso com cem Cavallos. Marchou elle em taõ máo dia, que acertou a ser hum, em que o Marquez de Lagañes com toda a sua familia sahia á caça. Vinhaõ descubrindo a campanha quinze Cavallos ao amanhecer, e davaõlhe calor sete Companhias. Sem dar vista dellas, investio Joaõ Homem os quinze Cavallos, os quaes como traziaõ taõ visinho o soccorro, naõ duvidáraõ pelejar. Acodîraõ brevemente as Tropas Castelhanas, derrotáraõ Joaõ Homem, tomaraõlhe 60 Cavallos, e fizeraõno prisioneiro. Foy tratado com tanta urbanidade, que a Marqueza de Lagañes, que tambem havia sahido á caça, o levou para Badajoz na sua carroça. Sentido o Conde de S. Lourenço deste successo, mandou armar a seis Tropas, que estavaõ de quartel em Talavera. Foy o Tenente General da Cavallaria Tamericurt por Cabo de novecentos Cavallos a esta empreza, e mandou pegar em algum gado que andava na campanha. Ao amanhecer disparàraõse em Talavera algumas peças de artilharia, que era o final concertado para acodirem ao rebate as Tropas de Badajoz. Vieraõ ellas com muita brevidade, e encorporadas com as de Talavera, sahiraõ a recuperar a preza, suppondo menos poder do que acharaõ. Naõ duvidou Tamericurt pelejar com todas, durou largo espaço a opposiçaõ dos Castelhanos: porém foraõ totalmente desbaratados, sem embargo de alguma confusaõ que houve entre as nossas Tropas, que poz o successo em contingencia. Perdéraõ os Castelhanos 250 Cavallos, naõ sem damno nosso, porque ficaraõ mortos quarenta soldados, em que entrou o Commissario Geral Luiz Gomes de Figueiredo, que dignamente havia conseguido a opiniaõ de valeroso. Trocouse em luto a alegria deste successo, chegando ordem delRey ao Conde de

Anno 1649.

Saquease o arrabalde de Albuquerque.

Desbaratão os Castelhanos as Tropas de João Homem Cardoso.

Satisfaz Tamericurt a perda q̃ tivemos com outra mayor do inimigo.

de S. Lourenço, para que mandasse fazer demonstrações de tristeza pela morte do Infante D. Duarte, que lastimosamente acabou no Castello de Milaõ, como já referimos. Esta ordem passou a todas as fronteiras, e era ElRey taõ attento ás commodidades dos soldados, que mandou de Lisboa repartir por todos os Officiaes os lutos de que se vestîraõ: e assim em Lisboa, como em todos os lugares principaes do Reino se fizeraõ grandes demonstraçoens de sentimento. Rematáraõse os successos da Provincia de Alentejo este anno com cincoenta Cavallos que o Tenente General Tamericurt tomou ás Tropas de Badajoz, sahindo a comboyar os paizanos que vindimavaõ algumas vinhas daquelle destricto, e parte delles, e das carruagens servîraõ de despojos aos nossos soldados. Alguns dias ficou Tamericurt com 26 Tropas na campanha, assistindo à fabrica de huma Attalaya, que levantou com o seu Terço o Mestre de Campo Gonçalo Vaz Coutinho (que havia succedido a Joaõ de Saldanha) em o sitio da Enxara desta parte de Caya, menos de huma legua de Badajoz.

Anno 1649.

Chega a Elvas a nova da morte do Infante D. Duarte.

Toma Tamericurt 50 Cavallos.

O Conde de Castello Melhor, que continuava o governo da Provincia de Entre Douro e Minho, mandou ElRey chamar á Corte pelo haver nomeado para o governo do Estado do Brasil. Ficou a Provincia entregue ao Mestre de Campo Francisco Peres da Silva, em quanto naõ chegou o Visconde D. Diogo de Lima, que ElRey nomeou por Governador das Armas della, assim por haver occupado em Alentejo o Posto de Mestre de Campo com procedimento digno da sua qualidade, como por ser em entre Douro e Minho senhor de muitos Vassallos. Chegou áquella Provincia, e achou taõ pouco viva a guerra, que quasi parecia que naõ havia differença entre as duas naçoens. Teve aviso que o Conde de Santo Estevaõ juntava gente em Tuy; e querendo mostrar o pouco que receava aquellas prevençoens, unio dous mil Infantes, e duzentos Cavallos, e com esta gente saqueou o Lugar de Bandeja, depois de alguma resistencia que os moradores fizeraõ. Acodiraõ os Galegos a soccorrer o lugar, e tendo noticia que estava destruido, marcharaõ sobre

Successos de Entre Douro e Minho q̃ governa o Visconde de Villa Nova.

bre Lindoso. Porém acharaõ-no taõ bem guarnecido, que se retiraraõ com algum damno. Multiplicouse no destricto de Crasto Laboreiro: porque querendo rebanhar o gado que nelle havia, lhe naõ deixaraõ conseguir este intento os nossos soldados, Tornou a continuar o socego de huma, e outra parte, e sendo necessario ao Visconde passar a Lisboa, lhe concedeo ElRey licença, e ficou a Provincia entregue a D. Francisco de Azevedo, que havia em Alentejo occupado o posto de Tenente General da Cavallaria. Exercitou o Governo, até que o Visconde voltou por huma carta delRey, em que lhe concedia todos os privilegios de Governador das Armas. Naõ alterou o socego em que achou aquella Provincia, porque o seu animo, ainda que valeroso, era prudente, e moderado.

Anno 1649.

Rodrigo de Figueiredo que governava a Provincia de Traz os Montes, fez deixaçaõ della no principio deste anno por algumas razoens particulares. Entregou-a ElRey a D. Jeronymo de Attaide Conde de Atouguia, em quem concorriaõ todas as virtudes que costumaõ ennobrecer os Varoens mais finalados. Passou a Traz os Montes com toda a sua familia, e chegando a Chaves começou prudentemente a dispor tudo o que julgou mais conveniente á defensa daquella Provincia. Achou que estava muito destituida de gente paga: procurou emendar esta falta com Auxiliares, e Ordenanças. Mas por mayor que seja o cuidado, nunca de soccorros semelhantes se tira a segurança conveniente; por serem só os soldados pagos a alma racional do corpo formidavel da guerra. Andando o Conde de Atouguia ajustando estas prevençoens, lhe chegou aviso de Miranda de que o inimigo juntava gente de Samora, e mais lugares visinhos, e que se faziaõ prevençoens taõ consideraveis, que insinuavaõ intentarse grande empreza. Achavase Bragança com 250 Infantes pagos, Miranda com huma Companhia, e a importancia destas duas Cidades era de qualidade, que pedia muito prompto remedio. O Conde de Atouguia, fiando sò do seu cuidado esta prevençaõ, passou com diligencia a Bragança: marchou logo a Miranda, e com

Sucessos de Traz os Montes q̃ governa o Cõde de Atouguia.

Anno 1649.

muita pressa guarneceo as duas Cidades de gente que convocou para este effeito, accodindolhe mais facilmente que a seus Antecessores, por ser naquella Provincia senhor de muitos Vassallos. Chegando ao inimigo esta noticia, se dividio a gente que estava junta, e ficou a Provincia livre do perigo que a ameaçava. Na ausencia do Conde de Atouguia governava a Praça de Chaves o Cõmissario Geral da Cavallaria Henrique de Lamorlê. Deixoulhe o Conde quando se partio, ordem expressa que conservasse o socego de todos aquelles Lugares abertos visinhos a Chaves, e naõ fizesse operaçaõ alguma mais que a que bastasse para defender aquelle destricto, em caso que o inimigo entrasse nelle. Porèm o Commissario pouco lembrado da obrigaçaõ de guardar este preceito, havendo sahido a hum rebate, e voltado delle com a Infantaria muito molestada, deliberou saquear o lugar de Uimbra, hũa legua de Monte-Rey. Sahio de Chaves com 220 Infantes, e noventa Cavallos, entrou o Lugar, saqueou-o, e pozlhe o fogo. Retirou algum gado, e os despojos do lugar, e podendo voltar sem perigo algum, deu voluntariamente tempo aos Galegos para juntarem 1500 Infantes, e 350 Cavallos; e sahindo de Monte-Rey a buscallo, o acharaõ como deseiavaõ formado na Veiga junto ao rio Tamaga. Como a ventagem era taõ excessiva, naõ duvidaraõ os Galegos investir a nossa gente, e sem muita resistencia a derrotaraõ. Retirouse Lamorlê com muitas feridas, ficáraõ mortos 140 Infantes, os mais foraõ prisioneiros, muitos delles feridos: dos novẽta Cavallos escaparaõ poucos. Chegou a Chaves esta noticia, e naõ havẽdo na Praça Official algũ capaz de a poder governar, acodio a remediar o perigo que a ameaçava o Védor Geral Joaõ Rodrigues de Oliveira: e constandolhe que Joanne Mendes de Vasconcellos assistia em huma quinta, cinco leguas de Chaves, lhe fez aviso do risco em que aquella Praça ficava. Acodio elle sem dilaçaõ, trazendo comsigo toda a gente que pode juntar nos lugares mais visinhos, com que a Praça ficou segura. E he sem duvida, que se os Galegos, usando da boa occasiaõ que tiveraõ, marcharaõ a buscalla depois de Lamorlê

Rompem os Galegos Lamorlê por desordem.

Joanne Mendes soccorre Chaves.

lê derrotado, naõ pudera defenderse, por naõ haver nella gente, nem Official algum que pudesse resistir. Achou esta noticia ao Conde de Atouguia em Bragança, passou com brevidade a Chaves, igualmente sentido da perda da gente, e da desobediencia do Commissario. Agradeceo como era justo a Joanne Mendes de Vasconcellos a diligencia com que acodio á segurança de Chaves; accrescentou o numero da Infantaria com novas levas, e as Tropas, mandando comprar quantidade de cavallos. Henrique de Lamorlê morreo das feridas: elegeo em seu lugar ElRey ao Capitaõ de Cavallos Domingos da Ponte Galego; e tendo o Conde de Atouguia segurado a Provincia despedio alguns soccorros dos que lhe haviaõ chegado das que ficavaõ visinhas, e mandou fazer varias entradas com bom successo depois de se lhe desvanecer a interpreza da Puebla de Senabria, que teve conseguida, e se divertio pelo muito tempo que em Lisboa se dilatou a ordem que o Conde esperava para a executar.

Anno 1649.

Successos da Beira do partido de D. Rodrigo.

D. Rodrigo de Castro voltou ao seu Partido, de que havia estado ausente pela sua enfermidade; e poucos dias depois de haver chegado a Almeida, passou á Cidade da Guarda com intento de dar confiança aos Castelhanos a seguirem algumas partidas, que mandou entrassem pelos seus Lugares sem receyo da sua assistencia naquella parte. Voltou brevemente occulto a Almeida, e sabendo que os Castelhanos haviaõ corrido as partidas que entràraõ, mandou ao Capitaõ D. Francisco Naper que marchasse com cem Cavallos a se emboscar no Porto do Assude do rio Agueda, duas leguas de Ciudad Rodrigo, e que mandasse huma partida pegar na preza que achasse junto daquella Cidade, e que ainda que os seguissem as quatro Tropas que havia nella de guarniçaõ, pelejasse com ellas, porque sendo taõ larga a carreira, conseguiria a ventajem de investir descançado aos que os buscassem sem alento nem fórma. Marchou D. Francisco com esta ordem, e correspondeo o successo ao intento: porque lançando dez Cavallos, que se avançàraõ até junto da muralha de Ciudad Rodrigo, os seguîraõ tres Tropas, de que era Cabo o Mestre de Campo D. Francisco de Her-

Anno 1649.

rera. Havia D. Francisco Naper occupado hum alto com alguns Cavallos para observar a resoluçaõ dos Castelhanos, e reconhecendo que seguiaõ a partida, baixou do monte a buscar a mais gente que estava no vale. Observáraõ os Castelhanos esta diligencia de D. Francisco, e deulhes mayor confiança, entendendo que os Cavallos do monte eraõ a reserva da partida que havia entrado, e que fugiaõ, reconhecendo que vinha carregada com mayor poder do que imaginavaõ. Neste tempo havia D. Francisco formado tres Tropas, e chegando os Castelhanos pouca distancia do posto em que estavaõ, sem dar tempo a que se compuzessem, os investio, e derrotou. Ficáraõ trinta mortos, em que entrou o Capitaõ de Cavallos D. Jeronymo Alemaõ, dos mais se retiráraõ poucos; custando só este successo algumas feridas que receberaõ tres soldados. D. Rodrigo de Castro accodio com a Infantaria que havia prevenido, mas a tempo que ja o inimigo estava desbaratado, e todos se retiráraõ para Almeida. Os Castelhanos buscáraõ na crueldade satisfaçaõ desta perda: porque colhendo partidas suas alguns paizanos nossos, os matáraõ sem lhe resistirem, e lhes puzeraõ cruelmente o fogo, servindo este espectaculo mais de incitar os animos daquellles de que haviaõ recebido a offensa, que de reprimillos. Sentiose D. Rodrigo por hum bolatim deste excesso, e vendo que continuava, resolveo ser author do remedio. Pedio a D. Sancho Manoel cincoenta Cavallos, e cento e cincoenta Infantes, e accrescentando-os á Cavallaria, e Infantaria do seu partido, marchou de Alfayates com 600 Infantes, e duzentos Cavallos a queimar o lugar de Sabugo, oito leguas de Alfayates, e duas de Ciudad Rodrigo. Foy sentido, logo que passou o rio Agueda, das sentinellas que os Castelhanos tinhaõ continuamente nos portos. Alguns Officiaes aconselháraõ a D. Rodrigo que se retirasse, na consideraçaõ da marcha ser taõ dilatada, que podiaõ os Castelhanos ajuntar tanta gente, que a retirada fosse muito difficultosa. Naõ quiz D. Rodrigo por taõ leve accidente deixar o empenho começado, continuou a marcha, chegou a Sabugo, entrou o lugar, saquearaõno os soldados, e pu-

D. Francisco Naper derrota as Tropas de Ciudad Rodrigo.

Impiedade dos Castelhanos.

D. Rodrigo ganha, e queima Sabugo, e se retira á vista do inimigo.

e puzeraõ fogo a trezentas casas, de que constava. D. Rodrigo fez alto algumas horas, e vindose retirando com grande preza, e despojo, o buscáraõ os Castelhanos. Formou D. Rodrigo a gente com resoluçaõ de pelejar, recearaõna os Castelhanos, retiraraõse, e chegandolhe mayor poder tornáraõ a voltar. Usou D. Rodrigo da primeira disposiçaõ de aguardar formado o intento dos Castelhanos: tornáraõ elles a voltar as costas, e recolheraõse ao Lugar de Bordaõ, e D. Rodrigo passou o rio Agueda sem embaraço. Poucos dias depois deste successo, ajustou D. Rodrigo com D. Sancho Manoel uniremse os dous partidos, e entrarem em Castella. Assim o fizeraõ por Ciudad Rodrigo: queimaraõ muitos lugares abertos, retiraraõse com grande preza, e depois de D. Sancho se recolher para a sua Provincia, vieraõ os Castelhanos correr Almeida. Oppozselhe D. Rodrigo, e retiráraõse sem algum effeito. O Marquez de Tavora, que governava as Armas de Ciudad Rodrigo, determinou varias vezes augmentar o poder, e sahir em campanha: porém todas se desvanecèraõ, constandolhe estarem os nossos lugares prevenidos. O partido de D. Sancho Manoel se conservou este anno sem hostilidades, desejando com prudencia conservar os lugares abertos.

Anno 1649.

Unese D. Sãcho com D. Rodrigo, e fazem grande per da.

Deu ElRey principio a este anno com plausivel resoluçaõ a todos seus Vassallos: porque reconhecendo no Principe D. Theodosio annos capazes de mayores exercicios, e mais prudencia que annos, lhe deu casa, separada do Paço, em hum quarto situado na Ribeira das Náos, que se communicou com o da Galè. Nomeou por seus Gentis-Homens da Camara a Henrique de Sousa Conde de Miranda, hoje Marquez de Arronches, a Fernaõ Telles da Silva Conde de Villar-Mayor, a Nuno de Mendoça Conde de Val de Reis, e a D. Gregorio de Castello-Branco Conde de Villa-Nova. Pouco tempo depois entraraõ a servir o Principe com este mesmo exercicio D. Luiz de Portugal Conde de Vimioso, Joaõ Nunes da Cunha, D. Thomaz de Noronha Conde de Arcos, e D. Joaõ Lobo da Silveira Conde de Oriola, e Baraõ de Alvito. A mais familia ficou separada da que servia a ElRey,

Poem ElRey casa ao Principe D. Theodosio.

Anno 1649.

Rey, ſem differença nas occupaçoens nem no numero. E como a grandeza delRey teve igualdade, começou (pela inveterada deſordem do mundo) a ter emulaçaõ, oppondoſe os animos de huma familia aos dictames da outra: porém a prudencia delRey, e a obediencia do Principe mitigava o ardor do eſpirito dos ſeus criados. Separou ElRey para o ſuſtento da Caſa do Principe todo o rendimento do Ducado de Bragança, e deulhe outras conſignaçoens, que excediaõ o computo que era neceſſario. O Principe, logo que teve mais largo campo, começou a moſtrar com mayores ventagens a ſingularidade das ſuas virtudes, e por inſtantes ſe augmentava em ſeus Vaſſallos o amor, e em ſeus inimigos o receyo. Aſſiſtia em todos os Conſelhos, ouvia a todos os pertendentes, e pezava de ſorte os negocios, e os requerimentos, que nem havia acçaõ deſacertada, nem parte queixoſa.

Virtudes do Principe.

Continuava o Marquez de Niza os negocios de França, e começaraõ com o novo anno novas revoltas do Parlamento de Pariz: e achando alguns Principes, mal ſatisfeitos do governo da Rainha, e da valia do Cardeal Maſſarino, diſpoſiçoens nos animos dos populares, por melhorar os ſeus intereſſes os accenderaõ de ſorte que ſoblevandoſe com deſordenada furia, obrigaraõ a ElRey a ſahir com toda a Corte de Pariz, cedendo a ſua grandeza aos deſconcertos de hum povo mal aconſelhado. Retirouſe ElRey a S. Germaen, e publicou o Parlamento hum Areſto contra o procedimento do Cardeal. Juntaraõſe Tropas de ambas as partes, governava as delRey o Principe de Condê, o de Conti as do Parlamento. O Marquez de Niza ſeguio a Corte, e os mais Embaixadores com permiſſaõ do Parlamento. Fallou o Marquez á Rainha, fezlhe grandes offertas da parte delRey, que ella agradeceo como pedia o aperto em que ſe achava, e naõ fez menor eſtimaçaõ de lhe ſegurar o Marquez que ElRey havia entregue a Lanier o Francez prezo em Lisboa pelas culpas acima referidas. Propoz elle á Rainha que ſe ajuſtaſſe o tratado dos ſoccorros, e a liberdade do Infante. Seguroulhe que brevemente lhe deferiria ao requerimento dos ſoccorros, e que na liberdade do Infante, ajuſtandoſe

Alteraçoens de França.

Diligencias do Marquez de Niza.

se a paz, naõ haveria duvida alguma. Da audiencia da Rainha passou o Marquez á do Cardeal: fezlhe as mesmas offertas, respondeolhe com grandes agradecimentos. Porèm chegando ao ajustamento do tratado dos soccorros se mostrou taõ alheyo da conclusaõ, que entendeo evidentemente o Marquez, que as demonstraçoens do Parlamento o haviaõ persuadido a desejar a paz de Castella, e a largar as conveniencias de Portugal. Brevemente reconheceo a certeza desta idea, publicandose communicaçaõ entre o Cardeal, e o Conde de Penharanda, que de Plenipotenciario do Congresso de Munster havia passado ao governo de Flandes. Porèm os Castelhanos, na confiança da guerra civil que suppunhaõ infallivel entre os Francezes, propuzeraõ taõ exorbitantes condiçoens de paz, e usàraõ de termos taõ indignos, mandando ao mesmo tempo tratar o Conde de Penharanda com o Cardeal, e o Archiduque Leopoldo com o Parlamento, que os meyos por onde intentàraõ fomentar a guerra, servîraõ para a conclusaõ da paz entre ElRey, e o Parlamento: porque abrindo os olhos os interessados de hum, e outro partido, se ajustàraõ todos na obediencia delRey, para todos se opporem ao inimigo commum. O Marquez, parecendolhe que era propria occasiaõ aquella de conseguir o tratado dos soccorros, fallou à Rainha, ao Cardeal, ao Duque de Orleãs, e Principe de Cendê. Valeose tambem da intervençaõ do Conde de Briana Secretario de Estado, sempre adicto aos interesses de Portugal. Mas sem lhe bastarem todas estas diligencias, nem a segurança de estar prompto o primeiro pagamento dos cento e sessenta mil cruzados, que estava ajustado que ElRey desse em cada hum anno pelos soccorros de 6000 Infantes, e 2000 Cavallos que os Francezes haviaõ offerecido, se resolveraõ a alterar este concerto, e o Marquez a sahirse da Corte, despedindose primeiro da Rainha, e mais Ministros, referindolhes nas audiencias que lhe deraõ, a justa queixa com que partia. Porèm interiormente estimou, com razaõ, desfazerse naquelle tempo o tratado: porque os animos de muitos Principes estavaõ taõ exasperados com o governo absoluto do Cardeal, que começàraõ

Anno 1649.

Prejuizo q̃ resulta aos Castelhanos das diligencias cavilosas.

Anno 1649.

çàraõ de novo a alterarſe, proteſtando naõ ſe ſujeitar à obediencia delRey ſem o Cardeal ſair daquelle Reino. E na certeza de continuar a guerra civil, eraõ pouco firmes as promeſſas delRey, faltandolhe meyos para ſatisfazelas, por ſe achar em tempo que dependia de ſoccorros alheos, por lhe ſerem neceſſarias todas as ſuas Tropas para ſe defender de ſeus inimigos. Deixou o Marquez aſſiſtindo aos negocios de França Chriſtovaõ Soares de Abreu com titulo de Reſidente: chegou a Lisboa com felice viagem: foy recebido delRey com pouca aceitaçaõ, por haver ſahido de França ſem ultima determinaçaõ ſua. Dilatou darlhe audienia: porém reconhecendo o fundamento das ſuas razoens, e a qualidade de ſeus ſerviços, lha concedeo, e o occupou, como merecia, nos mayores lugares.

Chega a Lisboa o Marquez, fica por Preſidente Chriſtovaõ Soares de Abreu.

Em Roma continuavaõ as pertençoens delRey com o Summo Pontifice o Padre Nuno da Cunha, o Doutor Manoel Alvares Carrilho, e Fr. Manoel Pacheco. Porém eſtavaõ os animos dos Miniſtros do Summo Pontifice taõ alheos de ſe perſuadirem da juſtiça delRey, que nem pudèraõ prevalecer as exactas diligencias que ſe fizeraõ com Dona Olympia, cunhada do Summo Pontifice, havendo moſtrado a experiencia que ſempre tinhaõ bom ſucceſſo os negocios politicos, que corriaõ por ſua conta. E ElRey ſendo perſuadido com varias opiniões de grandes letrados de toda Europa, que na falta de recurſo à Sé Apoſtolica, podia uſar dos meyos que acima ficaõ apontados, nunca acceitou outro caminho mais que o de uſar de ſupplicas, e humildes rendimentos à Igreja, de quem era inſeparavel filho.

Succeſſos de Roma.

Com grande trabalho continuava Franciſco de Souſa Coutinho a aſſiſtencia de Holanda: porque toda a injuſta ira dos Holandezes ſe deſafogava em moleſtia ſua; tratando-o com pouco reſpeito, e affirmando os Zelandezes que ſe o colheſſem, quando voltaſſe para Portugal, o haviaõ de lançar ao mar, porque naõ era juſto que houveſſe no mundo memoria de homem taõ enganoſo. Temperava elle todas eſtas demaſias com grande deſtreza, e de ſorte confundia as reſoluçoens que lhe prejudicavaõ,

Succeſſos de Holãda.

judicavaõ, que muitas vezes ſoavaõ a ſeu favor entre os Miniſtros dos outros Principes. Tanto coſtuma valer a hum Principe a ſufficiencia, e zelo de hum bom Vaſſallo. Naõ era eſta ſó a contradiçaõ que Franciſco de Souſa padecia, porque lhe dava mayor cuidado a pouca aceitaçaõ com que ElRey, e ſeus Miniſtros eſtavaõ do ſeu bom procedimento: porque como as ſuas diligencias pela gravidade das materias que tratava, naõ podiaõ ter effeito prompto, e as deſpezas era preciſo que foſſem largas, naõ ſe contrapezavaõ os cuidados preſentes com as eſperanças das utilidades futuras; e de ſorte creſcia em ElRey, e ſeus Miniſtros o embaraço, que por muitas vezes eſteve reſoluto, largarſe Pernambuco aos Holandezes, ponderandoſe que naõ podia Portugal ſuſtentar a guerra contra dous inimigos taõ poderoſos, como os Caſtelhanos, e os Holandezes: e com eſta commiſſaõ paſſou a Holanda o Padre Antonio Vieira. Porém o Ceo olhando, como ſua, para eſta cauſa, deu mais favoravel ſentença por eſte Reino. Os Holandezes vendo que Franciſco de Souſa naõ chegava a concluſaõ alguma, e ſó tratava de buſcar pretextos para ganhar tempo, o mandáraõ deſpedir, dizendo, que elles haviaõ por todos os caminhos procurado a conſervaçaõ da tregoa celebrada com Triſtaõ de Mendoça em 12 de Junho de 1641, e que experimentando tantas vezes a pouca fé com que eraõ tratados, ſe reſolviaõ a ſatisfazer com as armas os aggravos recebidos. Naõ ſe alterou Franciſco de Souſa com eſta reſoluçaõ: reſpondeo, que ſe partiria tanto que lhe chegaſſe ordem do ſeu Principe. E moſtrou claramente aos Eſtados, que ſendo elles os offenſores, ſe davaõ por offendidos, ſó porque determinavaõ dar cor a mayores exceſſos. Moſtroulhes tudo o que haviaõ executado em damno deſta Coroa depois da tregoa ajuſtada, e que eraõ taõ injuſtas as ſuas queixas, que naõ paſſavaõ de que ElRey lhes naõ ſujeitaſſe os moradores de Pernambuco, que elles com todo o ſeu poder naõ podiaõ extinguir. Os Eſtados ſoccorréraõ os da Companhia Occidental com duzentos mil florins, que empregados em muniçoens, e mantimentos remettèraõ ao Arreciſe, e aſſentàraõ

Anno 1649.

Anno 1649.

Preparações de guerra dos Holandezes.

raõ armar doze navios com 1800 ſoldados, que mandáraõ a aſſiſtir na Coſta do Braſil, e em Zelanda, e Midelburgh ſe preparáraõ vinte e cinco com ordem que ſe empregaſſem em fazer a Portugal todas as hoſtilidades poſſiveis. Franciſco de Souſa havendo tido ordem delRey para ſe partir de Holanda tanto que chegaſſe D. Joaõ de Menezes, que lhe havia nomeado por ſucceſſor, teve novo aviſo dos Eſtados que pediſſe nova carta de crença, para tratarem com elle importantes materias que de novo haviaõ ſobrevindo. Fez Franciſco de Souſa eſte aviſo a ElRey, que mandando ver no Conſelho de Eſtado eſta propoſta, foy reſoluto que D. Joaõ de Menezes partiſſe com brevidade, eſperandoſe da ſua negoceaçaõ mayores progreſſos. Porém atalhou a morte a ſua jornada, e acabou nelle hum varaõ merècedor de muito dilatada memoria, e Franciſco de Souſa ficou continuando a ſua Cõmiſſaõ atè o anno ſeguinte, aſſiſtido algum tempo do P. Antonio Vieira, que naõ pode conſeguir a jornada de Munſter com D. Luiz de Portugal, como ElRey havia determinado, pela ſeparaçaõ daquelle Congreſſo, entendendo ElRey que a authoridade da peſſoa de D. Luiz de Portugal, conhecido no mundo por terceiro Neto delRey D. Manoel, poderia remediar a falta de authoridade, e eſtimaçaõ com que aſſiſtiaõ no Congreſſo os ſeus Plenipotenciarios.

Morte de D. João de Menezes.

As guerras civis de Inglaterra creſcéraõ com tanto exceſſo, e a deſordenada furia dos Parlamentarios ſe augmentou com tanta demaſia, que ordenou ElRey D. Joaõ a Antonio de Souſa de Macedo que ſe retiraſſe da Corte de Londres, por naõ querer que Miniſtro ſeu foſſe teſtimunha do mayor delicto, e da mais execranda culpa que inventou (recorrendo por todos os ſeculos) a malicia humana: porque o infelice Rey Carlos Primeiro, depois de experimentar varias fortunas foy vendido por 400U livras eſterlinas aos Parlamentarios de Londres pelos Eſcocezes, que o haviaõ amparado, e paſſado de Eſcocia ao Caſtello de Hombiy, cincoenta leguas de Londres, com guardas do Parlamento, a quem diſſe, quando tomáraõ entrega da ſua peſſoa, que de melhor vonta-

Prizão delRey de Inglaterra.

vontade hia com os que o haviaõ comprado, do que ficaria com os que o tinhaõ vendido, tendo justamente pelo mayor o damno que se padece debaixo do poder dos ambiciosos. E tirado de Hombiy por ordem de Farfaix, o tyranno mais poderoso, e mais alentado que o perseguia; porque cioso do Parlamento, mandou romper as guardas que seguravaõ ElRey, e conduzillo a hum grande Exercito que governava, unido a Cromuel cavilloso, e destro, artifice nos primeiros annos de obras mecanicas, nestes de emprezas sediciosas, e malevolas: e depois de haverem feito guerra com esta resoluçaõ ao Parlamento, e alcançado delle tudo o que pertencéraõ, sendo a liberdade que promettiaõ a ElRey torcedor dos interesses de ambos, fazendose absolutos senhores da vontade do Parlamento, por haverem entrado sem resistencia com o Exercito dentro em Londres. E usando da pessoa delRey com tanta indecencia, e cavilaçaõ, que havendo elle recebido hum aviso secreto de que o queriaõ matar, entendendo alguns que fora artificio de Cromuel, lhe foy preciso fugir da prizaõ, só com hum confidente, para a Ilha de Vight, governada pelo Coronel Hamon, que o recebeo com generosa fidelidade, e pedindolho o Parlamento o naõ quiz entregar, parecendolhe juntamente que o Exercito de Farfaix sinceramente o defendia. ElRey podendo nesta occasiaõ sahirse daquelle Reino, o naõ quiz fazer, assim por se persuadir que as suas desgraças poderiaõ ter mudança, como por naõ dar armas a seus inimigos, sabendo que havia huma ley antiquissima, que desherdava os Reis de Inglaterra, que contra vontade dos povos saissem fóra dos limites do seu Reino. A esta Ilha mandáraõ os do Parlamento presentar a ElRey condições da paz impossiveis de conceder: refutou-as; e como este era o intento, mandáraõ imprimir hum manifesto infame contra a sua pessoa. Irritouse o Reino, e arrependeraõse os Escocezes de o haverem vendido, accusados da sua propria maldade: juntaraõ hum Exercito: entregaraõno ao Duque Familton: entrou em Inglaterra: oppozselhe Cromuel: deulhe batalha: venceu-o, e fello prisioneiro. Desembaraçado Farfaix desta opposi-

Anno 1649.

Anno 1649.

oppoſiçaõ mandou prender ElRey á Ilha em que aſſiſtia: conſeguio-o, e foy conduzido a Vindçor. Neſta confuſaõ de negocios abrogou a ſi todo o poder, animada de Farfaix, a Camara baixa de Londres, compoſta da gente mais vil de todo o Reino. Elegeraõ por Preſidente hum advogado reo de atrozes delictos, chamado Bradavu, e por fiſcal outro de ſemelhante naſcimento, e coſtumes por nome Cook. Reſolveo eſte Conciliablo citar ElRey como reo, determinaçaõ deteſtada até dos Presbiterianos, inimigos mortaes delRey. Porèm compadecendoſe todos da ſua deſgraça, nenhum ſe reſolveo a defendello: e prevalecendo ultimamente a maldade contra a juſtiça, e a ambiçaõ, e tyrannia contra o decoro Real, e Mageſtade ſagrada, appareceo ElRey em pê diante deſte abominavel ajuntamento; e refuzando com razoens infalliveis, e animo conſtante reſponder a cargos dados por Juizes incompetentes, ſendo Rey ſucceſſivo, e ſenhor abſoluto, foy recolhido á prizaõ: e trazido quatro vezes ào meſmo Acto, preſiſtio com animo igual, e generoſo em naõ reconhecer por Tribunal gente vil, e ſediciosa. E naõ achando em hum Reino taõ belicoſo Vaſſallo algum que ſe atreveſſe a defender a ſua cauſa, foy condemnado á morte, e dizia a ſentença. Porque Carlos Stuardo accuſado pelo povo de tyrannia, homicidio, e mà adminiſtraçaõ, como traidor, he reo de contumacia, e reo tambem deſtes delictos que ſe lhe impoem, ſeja o dito Carlos Stuardo condemnado á morte, e lhe ſeja cortada, e ſeparada a cabeça do corpo. Pronunciada eſta inaudita ſentença, ſeſſenta e ſete Juizes ſe levantaraõ em pé, em ſinal de a approvarem, os mais Juizes em que o Farfaix entrava, primeiro mobil de tantas maldades, ſe retiraraõ aquelle dia, naõ ſe atrevendo a ver a cara ao delicto, de que haviaõ ſido cauſa. Levaraõ ElRey para a prizaõ eſcarnecido, e ultrajado da vileza de ſeus Vaſſallos, e ſó lhe premittiraõ a aſſiſtencia do Biſpo de Londres, que lhe ſervio de inutil companhia, exortando-o a morrer confeſſando os erros da Igreja Anglicana. A noite antes da ſua morte lhe deraõ licença para ver ſeus filhos o Duque de

Sentença capital contra ElRey Carlos I.

de Gloſcheſter, e a Princeza Iſabel, ambos de pouca idade: e foy eſta piedade huma das mayores tyrannias que uſaraõ com elle, naõ podendo haver golpe mais ſenſitivo, que deixar a vida á viſta das prendas que ſe amaõ. Na manhaã que ſe contavaõ dez de Fevereiro, veyo buſcar ElRey a S. Jacome onde eſtava prezo hum Regimento de Infantaria. Entrou na prizaõ o Coronel Tominſſon, e diſſelhe que era hora de ſe executar a ſentença. Levantouſe ſem perturbaçaõ alguma, e reſpondeolhe: *Vamos em nome do Senhor á morte do mundo, e á vida do Ceo*, que pudéra alcançar, conforme a ſua paciencia, ſe ſe retratara dos erros que ſeguia. Marchou no meyo do Regimento, e chegou ao Cadafalſo, que eſtava levantado em a Praça Baſilica Branca viſinha ao Senado. Depois de huma larga Oraçaõ, em que moſtrou a ſua innocencia, e a tyrannia, e ambiçaõ dos authores da ſua deſgraça, a fez mayor proteſtando que morria nos hereticos erros com que fora creado. Pedio tempo ao verdugo (que impaciente procurava o fatal golpe) para rezar algumas oraçoens, que lhe naõ ſerviraõ mais que de dilatar a vida aquelle inſtante, e ſegurou que acabadas ellas, faria ſinal ao verdugo para a execuçaõ. Aſſim o fez, e foilhe cortada a cabeça mais infelice, que ſuſtentou no mundo Coroa. Achavaſe neſte tempo em Holanda o Principe de Gales, hoje Carlos Segundo, coroouſe na Aya no apoſento em que aſſiſtia. Todos os Miniſtros dos Principes que eſtavaõ naquella Villa, ſe ſepararaõ deſte Acto, ſó Franciſco de Souſa Coutinho com louvavel reſoluçaõ ſe achou preſente nelle com toda a ſua familia, de que ElRey ſe moſtrou taõ obrigado, que diſſe „ que a Coroa de Inglaterra naõ conhecera na „ ſua deſgraça beneficios iguaes aos da Coroa de Portu„ gal. Augmentou o ſeu agradecimento acharem na caſa de Franciſco de Souſa abrigo, e ſegurança dous Gentis-Homens ſeus, os quaes naõ tendo mais eſcolta que a de outros dous, entraraõ com valor intrepido em huma eſtalagem a que havia chegado por Inviado do Parlamento de Inglaterra Cook, que havia ſido fiſcal no proceſſo delRey defunto, e eſtando á meza rodeado de amigos, e criados,

Anno 1649.

Executaſe a ſẽtença.

Coroaſe na Aya Carlos II. a que aſſiſte o noſſo Embaixador faltãdo os mais.

Acção valeroſa de dous Inglezes e do noſſo Embaixador em os ſalvar.

Anno 1649.

criados, o mataraõ ás punhaladas, e ſahiraõ á rua ſem receber dãno: recolheraõſe a caſa de Franciſco de Souſa; eſcondeo-os de ſorte, que a pezar de exquiſitas diligencias q̃ os Holandezes fizeraõ, os paſſou a França, antepondo a razaõ de favorecer taõ nobre arrojamento, ao perigo que corria a ſua Caſa, ſe ſe deſcobriſſe que era receptaculo dos delinquentes.

Conſtancia da Rainha de Suecia em ſe nomear ElRey D. Joaõ nos artigos da paz com o Imperio.

Em Suecia aſſiſtia Joaõ de Guimaraens, e experimentava taõ igual correſpondencia na Rainha, e em ſeus Miniſtros, q̃ naõ quizeraõ celebrar a paz do Imperio ajuſtada em Munſter, ſem nomear expreſſamente a ElRey D. Joaõ, como Rey de Portugal, ſendo preciſa eſta declaraçaõ para ſe concluirem hum dos artigos das Capitulaçoens, e inſtando os Imperiaes (perſuadidos dos Caſtelhanos) em q̃ a Rainha mudaſſe de eſtylo, naõ alteraraõ os Suecos eſta reſoluçaõ com fè incorrupta á correſpondencia de Portugal. Exemplo que poucas vezes acontece nos Principes, por mais Catholicos, mais obrigados a eſtas Leys, e o Author de todas as do mundo coſtuma pagarſe tanto das virtudes moraes, que ſe deve eſperar que obrigado deſta, e das acçoens que a Rainha taõ heroicamente continua na aſſiſtencia da Corte de Roma, torne aquella naçaõ a ſe reduzir ao verdadeiro rebanho do gremio da Igreja.

HISTORIA

Anno 1649.

HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO

LIVRO XI.

SUMMARIO

ORMASE em Lisboa a Junta do Commercio. Sahe em Pernambuco a Campanha o Coronel Brink. Torna a pelejar Franciſco Barretto nos Montes Gararapes, e ganha ſegunda batalha aos Holandezes. Sahe a primeira frota da Junta do Commercio ao Braſil, e nella o Conde de Caſtello-Melhor a governar aquelle Eſtado. Breve noticia dos ſucceſſos das Praças de Africa

Anno 1649.

Africa, e Alentejo. Passa D. João da Costa por Mestre de Campo General do Exercito de Alentejo. Marcha com hum Terço de Cavallaria, e Infantaria. Avistase nas Dos Hermanas com as Tropas de Castella: retiraõse sem querer pelejar. Sucessos das Provincias de Entre Douro e Minho, e Traz os Montes. No Partido de D. Sancho derrotta João Fialho os Castelhanos. Tormenta da Armada de Antonio Telles com grande perda. Entraõ os Principes Palatinos em Lisboa. Chega à barra a Armada de Inglaterra: previne ElRey Armada em soccorro dos Principes: sahe a pelejar. Retirase a do Parlamento: depois de varios successos toma 15 navios da frota do Brasil. Successos das Embaixadas. Recontros em Pernambuco. Noticia das Praças de Africa, e da India. Progressos de Alentejo. Interpreza de Salvaterra. Passa a Elvas o Principe D. Theodosio encuberto: embaraça ElRey, e seus Ministros aquella assistencia, e obrigaõ ao Principe a voltar a Lisboa. Varias entradas das Provincias de Entre Douro e Minho, e Traz os Montes, e dos Partidos da Beira. Noticia das diligencias dos Embaixadores. Successos de Pernambuco, Praças de Africa, e India. Nomea ElRey o Principe D. Theodosio por Capitaõ General do Reino. Encontros felices em Alentejo. Successos de Entre Douro e Minho, e Traz os Montes que governa Joanne Mendes de Vasconcellos. Noticia das embaixadas. Continuase o sitio do Arrecife. Encontros das Praças de Africa. Morre D. Filippe Mascarenhas vindo da India, e o Conde de Aveiras indo governalla. Passa o Conde de Obidos por Viso-Rey àquelle Estado. Incita D. Braz de Castro o Povo de Goa: prende o Conde de Obidos, e toma o Governo. Chega o Conde de Sarzedas por Viso-Rey: prende D. Braz, e remet-

remette-o a Lisboa. Rompem os Holandezes a tregoa: ganhaõ em Ceilaõ a Fortaleza de Calaturè. Amotinase o povo de Columbo: depoem do governo a Manoel Mascarenhas Homem: elegem Governadores. Desbarata Gaspar Figueira de Serpa os Holandezes rompendolhes hum alojamento.

Anno 1649.

FLUCTUAVA Europa entre os accidentes que havemos referido, contendendo as Monarquias sobre a jurisdiçaõ de poucos lugares, sem attençaõ alguma ao risco de tantas vidas, ao valor de tantas honras, e á destruiçaõ de tantas fazendas, que excediaõ o preço dos mayores Imperios conquistados; podendo os Principes unidos sacrificar seus Vassallos mais virtuosamente, empregando-os na guerra contra os infieis, que sabendo valerse desta desuniaõ, se fazem pouco, e pouco senhores da Christandade, sendo ordinariamente as causas das guerras dos Principes Christãos taõ leves, que depois de cançados, e destruidos, vem a ajustar pazes, restituindose huns aos outros as Praças que conquistáraõ; e he grande desgraça que tantos Mestres da politica naõ saibaõ prevenir este damno. Mas a causa verdadeira he, que nunca os Principes conseguem ter Ministros que os sirvaõ com pura attençaõ ao bem commum, costumando governar os Reinos só por interesses particulares; livrandose desta calumnia os que fazem a guerra defensiva, obrigados da ambiçaõ dos conquistadores.

Sucessos do Brasil.

Em quanto pois contendiaõ as Armas de Europa, naõ estavaõ ociosos os soldados da America em Pernambuco. Havia chegado Segismundo, como dissemos, ao Arrecife, e alentado de sorte os animos dos sitiados, que começaraõ a maquinar novas emprezas. Francisco Barreto, ainda que com pouco poder, tambem se alimentava de grandes esperanças; porque da Bahia se lhe prometiaõ soccorros, e de Lisboa havia recebido aviso de ter ElRey ajustado com os homens de negocio a Companhia Geral á imitaçaõ da de Holanda, que hoje se conserva com

Formase em Lisboa a Junta do Commercio.

Anno 1649.

com o titulo de Junta do Commercio. Nesta se ajuntáraõ grossos cabedaes, e concedendolhe ElRey grandes privilegios, compraraõ, e fabricaraõ navios, fizeraõ huma Armada, ordenando ElRey com ley irrevogavel, que nenhuma embarcaçaõ passasse ao Brasil, nem viesse do Brasil para este Reino; senaõ em frota comboyada pela Armada da Companhia; resultando deste arbitrio grandes utilidades. E tirouse aos Holandezes o continuo interesse que tinhaõ nas caravèlas, e navios pequenos, que ordinariamente tomavaõ na carreira do Brasil. Em quanto estas utilidades se dilatavaõ, prevenia Francisco Barretto tudo o que julgava necessario para conseguir a grande empreza a que caminhava. Animava os sitiados o Coronel Brink, soldado de reputaçaõ, e que governava a gente de guerra, em ausencia ou impossibilidade de Segismundo. Fugìraõ dos nossos quarteis alguns Italianos, e seguráraõ a grande falta de gente, mantimentos, e pagas que havia nelles. Esta noticia deu mayor vigor aos pensamentos do Coronel Brink, e mais força ás instancias para se lhe conceder permissaõ de sahir á campanha a conseguir a facçaõ que intentava. Alcançou licença, deuse ordem para que se recolhessem todos os navios que andavaõ a corso, augmentouse a gente com a que andava embarcada. Teve grande cuidado Brink em exercitalla, e armou as vanguardas de partazanas, e chuços, dizendo que era defensa infallivel contra a vigorosa operaçaõ das espadas Portuguezas, que os soldados Holandezes com muita razaõ receavaõ. Chegou a noticia destas prevençoens a Francisco Barreto, e buscando primeiro com rogativas, jejuns, e confissoens de todos os soldados na Misericordia de Deos o mais certo soccorro, dispoz que se reconduzissem os soldados ausentes. Mandou reparar a ruina de algumas trincheiras, passou ordem ao Governador de Muribequa, para que fortificasse a ponte de S. Bartholomeo, que o inimigo podia buscar, se acaso intentasse passar o rio; e a todos os moradores que se alojavaõ fóra das trincheiras, cultivando as campanhas, se deu ordem que acudissem aos quarteis, que lhe ficassem mais visinhos, no mesmo instante que ouvissem tocar arma.

Prevençoens de Francisco Barreto com a noticia das q̃ faziāo os Holandezes.

A 18

A 18 de Fevereiro ſahio do Arrecife o Coronel Brink com cinco mil Infantes, ſetecentos gaſtadores, e ſeis peças de artilharia, que conduziaõ trezentos homens do mar. Formou eſta gente em doze Eſquadroens, e levava ſoltos trezentos Indios, e duas Companhias de negros, e com grande ſocego, e boa fórma marchou na volta da Barreta. Franciſco Barreto havia mandado que todas as noites ficaſſem ſobre a Praça algumas partidas: ouvíraõ o rumor no Arrecife da gente que ſe preparava para ſair, deraõ aviſo a Franciſco Barreto, mandou elle ajuntar a gente de todos os alojamentos, e pelas dez horas lhe eſcreveo Franciſco Barreiros Governador de Muribequa, que os Holandezes ſem fazer alto na Barreta, marchavaõ pelo caminho dos Gararapes. Chamou Franciſco Barreto a Conſelho, e propondo o empenho em que eſtavaõ, ſe reſolveo ſem controverſia, que ſeguiſſem os Holandezes, e pelejaſſem com elles; porque a verdadeira doutrina militar dos ſitiadores fora ſempre naõ eſcuſar as occaſioens do conflicto; e que no eſtado em que ſe achavaõ, ſe devia obſervar por mais forçoſas razoens, ſendo impoſſivel defenderemſe ſeparados, de poder taõ numeroſo de inimigos: que eſtando unidos, parecia temeridade a oppoſiçaõ que determinavaõ fazerlhes, porém que aquella guerra tinha os fundamentos taõ ſolidos, que começára, e continuava com o objecto em agradar a Deos, deſtruindo a heregia, e que eſta fé devia ſer ſegurança infallivel da victoria. Animados deſte diſcurſo ſe puzeraõ em marcha com dous mil e ſeiſcentos homens Portuguezes, Indios, e Minas. Levava a vanguarda o Meſtre de Campo Franciſco de Figueiroa com trezentos Infantes do ſeu Terço; ſeguiaõſe os Meſtres de Campo Andre Vidal com outros trezentos, e D. Diogo Pinheiro Camaraõ com trezentos e vinte Indios do ſeu Terço, e Henrique Dias com igual numero. Fazia a retaguarda o Meſtre de Campo Joaõ Fernandes Vieira com mil trezentos e cincoenta homens. As duas Tropas que governava o Capitaõ de Cavallos Antonio da Silva, naõ tinhaõ lugar certo, deſtinando-as Franciſco Barreto, para acodirem ao mayor conflicto. Os alojamentos ficáraõ guarnecidos na melhor fórma que foy poſſivel.

Anno 1649.

Sabe a campanha o Coronel Brink.

Reſolve Franciſco Barreto a pelejar.

Numero, e diſpoſiçaõ dos Portuguezes.

Anno 1649.

Pelas quatro horas da tarde chegou Francifco Barreto a hum dos montes Gararapes, chamado o Tireiro, nome que lhe daõ humas arvores que nelle fe criaõ. Havia o inimigo a efta hora occupado outros montes visinhos a efte, e guarnecido os vales que ficavaõ mais perto do boqueiraõ, em que na batalha paffada havia fido a mayor contenda. Obfervada a difpofiçaõ dos Holandezes, conferindo Francifco Barreto com os Meftres de Campo a fórma em que fe havia de dar a batalha, pareceo aos Meftres de Campo Andre Vidal, e Francifco de Figueiroa, que ufandofe do primeiro ardor dos foldados, fe inveftiffem logo os inimigos. Foy Joaõ Fernandes Vieira de contrario parecer, dizendo que os foldados cançados da marcha, ainda que tiveffem efpirito, naõ tinhaõ força; e que era neceffario que os Cabos attendeffem igualmente a huma, e outra operaçaõ; que fe devia fazer alto, defcançar aquella noite, aguardar os moradores de todo aquelle deftricto, que naõ haviaõ chegado, e que o Sol do feguinte dia lhes daria luz para fe determinarem na fórma em que haviaõ de bufcar os Holandezes: e que fe elles naõ variaffem a em que eftavaõ, elle feria de parecer que pela retaguarda fe attacaffe a batalha. Approvou Francifco Barreto efta opiniaõ, e os mais a feguîraõ por bem fundada. Continuando o intento propofto, marcháraõ para o Engenho Novo, e entre efte, e outro, que chamaõ dos Gararapes, ficáraõ alojados. Mandou Francifco Barreto fegurar todos os paffos que os Holandezes podiaõ bufcar para inveftir a noffa gente de noite, e ordenou aos Capitaens Francifco Barreiros, e Filippe Ferreira, que com as fuas Companhias tocaffem toda a noite arma aos Holandezes por varias partes, para que o defafocego os tivefle debilitados o dia feguinte. Naquella noite fe uniraõ á noffa gente muitos moradores, que eftavaõ efpalhados pela campanha, alguns delles montados, e todos com armas. Amanheceo, e appareceraõ os Holandezes formados no mefmo fitio em que ficaraõ o dia antecedente. Refolveo Francifco Barretto efperar, que elles fe abalaffem para os inveftir, e ordenou ao Capitaõ Antonio Rodrigues França, que ef-

Approvafe a opinião de Joaõ Fernandes Vieira.

tiveffe

tivesse avançado com duzentas bocas de fogo; observando o movimento que fizessem os Holandezes, e que naõ perdesse as occasioens que achasse de lhes fazer damno. Até a huma hora depois do meyo dia naõ fizeraõ os Holandezes mudança alguma do posto em que estavaõ. Neste tempo começaraõ a desocupar o alto dos montes, e Antonio Rodrigues França entendendo que se retiravaõ para a Barretta, avisou a Francisco Barretto. Esta noticia receberaõ os soldados com ardor, e alvoroço, e parecendolhes que na dilaçaõ de pelejar perdiaõ o triunfo da victoria com repetidas vozes pediraõ a batalha. Francisco Barretto querendo com grande prudencia valerse daquelle fervor, mandou tocar a investir. Havia hum tiro de mosquete de distancia entre hum, e outro poder, e observando Francisco Barretto os postos que occupavaõ os Holandezes, ordenou ao Mestre de Campo André Vidal, que com o seu Terço, e algumas Companhias de Joaõ Fernandes Vieira marchasse por huma meya ladeira a occupar o alto della. Davalhe calor o Mestre de Campo Francisco de Figueiroa com o seu Terço, e o Sargento mór Antonias Dias Cardoso com trezentos Infantes. O Mestre de Campo Joaõ Fernandes Vieira com oitocentos homens, seguido de D. Diogo Pinheiro Camaraõ, e Henrique Dias, avançou pelo razo do boqueiraõ; e o Mestre de Campo General Francisco Barretto, assistido de algumas Companhias pagas, e dos moradores da campanha, tomou lugar em todos os postos perigosos, e conseguio o intento, remediando ao mesmo tempo com grande valor, e industria accidentes muito diversos. As duas Tropas que governava Antonio da Silva, mandou de soccorro a André Vidal, porque na meya ladeira, antes de occupar o alto, se lhe oppuzeraõ os Holandezes. Quizeraõ elles ganhar outra vez os montes que haviaõ deixado, mas naõ lhe deu tempo o valor com que foraõ rebatidos. Joaõ Fernandes Vieira foy dos primeiros que começaraõ a pelejar: pertendeo ganhar o boqueiraõ, e achou que estava guarnecido com sete esquadroens, e duas peças de artilharia. Naõ o obrigou a grande opposiçaõ a largar o intento, antes valeroso, e resoluto, desprezando

Anno 1649.

Attacase a batalha.

Anno 1649.

prezando o perigo, e ajudado de algumas Companhias que occultas havia mandado attacar os inimigos pela retaguarda, depois de alguma opposiçaõ, e de perder o cavallo, e montar em outro, os rompeo, e lhes ganhou as duas peças de artilharia. Naõ estava neste tempo ocioso o Mestre de Campo André Vidal: porque achando na meya ladeira valerosa resistencia dos inimigos, lhe foy necessario valerse de todo o seu valor, e do soccorro de Antonio Dias Cardoso, e Antonio da Silva com as duas Tropas, hum pela vanguarda, outro pelo lado esquerdo, e do Mestre de Campo Francisco de Figueiroa pela retaguarda, para desbaratar os Holandezes, que valerosamente resistiaõ. Porèm cedendo á resoluçaõ dos nossos Officiaes, e Soldados, e ao valor com que Francisco Barretto em todas as partes dava a todos exemplo; voltaraõ as costas com grandissimo estrago. A esta hora havia ja ganhado Joaõ Fernandes Vieira o boqueiraõ, e subia a hum monte que lhe ficava visinho, em que estava formado hum Regimento, que defendia quatro peças de artilharia, e segurava as bagagens; posto a que se havia retirado o Coronel Brink. Vendo André Vidal, que seguia o alcance dos Holandezes, que naquella parte era mayor o perigo, marchou a soccorrer Joaõ Fernandes Vieira: porém antes que pudesse subir ao monte, se lhe oppoz no valle hum Regimento Holandez, que desbaratou depois de larga opposiçaõ. Vencido este perigo, entrou em outro mayor: porque os Holandezes que se haviaõ retirado, tornaraõ a refazerse, e com hum grosso esquadraõ investiraõ André Vidal, e puderaõ desbaratallo, a naõ ser soccorrido dos Capitaens Francisco Berenguer, Antonio Borges Uchoa, Matheus Fagundes, e Estevaõ Fernandes, que chegaraõ a taõ bom tempo, que o ajudaraõ a rebater este primeiro impeto. Porém chegando o Mestre de Campo Francisco de Figueiroa, que pelejou em todo o conflicto valerosamente, com a mayor parte do seu Terço, foraõ por aquella totalmente desbaratados. Joaõ Fernandes Vieira achando no monte valerosa resistencia, teve taõ bom successo, que tirou huma bala a vida ao Coronel Brink, e cededendo a este golpe

Morre o Coronel Brink.

pe todo o valor dos Holandezes, desempararaõ o campo, e deraõ lugar a que Joaõ Fernandes Vieira se encorporasse com Andre Vidal; e com os mais que estavaõ com elle, e juntos acabaraõ de ganhar a batalha, guiados pelo valor, e prudencia de Francisco Barretto. Seguiraõ aos Holandezes atè a fortaleza da Barreta, e durou o conflicto das duas horas da tarde atè as oito da noite. Naõ custou a victoria mais que 47 mortos, em que entraraõ o Sargento mór do Terço de André Vidal Paulo da Cunha, o Capitaõ Tenente de huma das duas Tropas Manoel de Araujo, e o Capitaõ Cosme do Rego de Barros. Sahiraõ feridos do Terço de Joaõ Fernandes Vieira os Capitaens Manoel de Abreu, Paulo Teixeira, Joaõ Soares de Albuquerque, Jeronymo da Cunha do Amaral, e Estevaõ Fernandes; do Terço de Andrè Vidal os Capitaens Manoel Antonio de Carvalho, e Joaõ Lopes. Henrique Dias teve huma leve ferida, e os soldados feridos passaraõ de 200 de que poucos deixaraõ de escapar pela grande vigilancia com que foraõ curados. Dos Holandezes ficaraõ mais de dous mil mortos na campanha: foy hum delles o Coronel Brink, que governava aquelle Troço de Exercito. Os feridos, e prisioneiros se contaraõ em mayor numero. Entre os feridos que se retiraraõ, foy o Coronel Guilherme Authynt, e entre os prisioneiros ficou o Governador dos Indios que serviaõ com os Holandezes Pedro Poty, que depois de dous annos de prizaõ veyo a morrer. Perderaõ os Holandezes o Estendarte general, e dez bandeiras, seis peça de artilharia, grande quantidade de muniçoens, armas, e mantimentos. O valor, e prudencia de Francisco Barreto foy taõ singular nesta occasiaõ, que merece eterno louvor. Os Mestres de Campo referidos, o Tenente General Filippe Bandeira de Mello, e os mais Officiaes, e Soldados se particularisáraõ com acçoens taõ sinaladas, que naõ he possivel individualas, nem encarecelas; e todos rematáraõ este felice successo com a melhor acçaõ, que foy renderem com publicas demonstraçóes a Deos as devidas graças desta victoria. Marchou Francisco Barreto para os quarteis, e ao dia seguinte lhe mandáraõ os do Supremo

Anno 1649.

Ganhase a batalha.

Mortos, e feridos da nossa parte.

Mortos, e feridos dos Holandezes.

Despojos da batalha.

Anno 1649.

Conſelho do Arrecife pedir licença para ſe enterrarem os mortos, que lhe concedeo. Como os Holandezes experimentáraõ perdas taõ conſideraveis, e Franciſco Barreto naõ tinha mais gente que aquella, que eſcaçamente baſtava para continuar o aſſedio, paſſou o reſto do anno de 49 ſem ſucceder de huma a outra parte acçaõ digna de memoria. Em 4 de Novembro deſte meſmo anno partio de Lisboa para a Bahia a primeira frota da Companhia Geral do Commercio do Braſil. Foy por General della o Conde de Caſtello-Melhor, que ElRey nomeou por Governador daquelle Eſtado: por ſeu Almirante Pedro Jaques de Magalhães, para voltar com a frota ao Reino. Chegou a altura de Pernambuco, deu grande cuidado aos Holandezes, de que ſe livráraõ, vendo que paſſava á Bahia, aonde chegou a ſalvamento. Os Holandezes tiveraõ grande ſentimento de ſaber a nova fórma que ElRey havia dado ao Commercio do Braſil, pela utilidade que perdiaõ nas muitas embarcações que todos os annos tomavaõ.

Paſſa na primeira frota o Conde de Caſtello-Melhor a governar o Braſil.

No governo da Cidade de Tangere deixámos a D. Gaſtaõ Coutinho, e continuou aquelle nobre exercicio de fazer guerra aos Mouros com muita acceitaçaõ de todos os Cavalleiros. No principio de Março de 49 ſahio ao campo; e depois de entender que eſtavaõ ſeguros os poſtos, começando os moradores a colher as utilidades da campanha de que viviaõ, correraõ os Mouros do ſitio da Boca do Fronteiro: e foy tanto de improviſo, que os Cavalleiros, e todos os que trabalhavaõ, ſe recolheraõ com grande deſordem. Intentou D. Gaſtaõ fazer roſto aos Mouros: mas achou taõ poucos Cavalleiros que o acompanhaſſem, que lhe foy neceſſario retirarſe com muita preſſa. Foy a confuſaõ mayor que o damno. Tornaraõſe a ajuntar os Cavalleiros perto da Praça, retiraraõſe os Mouros, e D. Gaſtaõ reprehendeo em publico, como merecia, aſperamente aquella deſordem. Pouco tempo depois, correraõ os Mouros da meſma parte: mas com peyor ſucceſſo, porque os Cavalleiros advertidos da reprehenſaõ do General, pelejaraõ valeroſamente, ajudados da Infantaria, de que os Mouros receberaõ conſideravel

Succeſſos de Tangere.

deravel perda. O ultimo ſucceſſo que D. Gaſtaõ teve em Tangere, foy em cinco de Junho: porque ſahindo ao campo pela porta da Traiçaõ, ordenou ao Adail que apparecendo os Mouros em qualquer parte que foſſe, os inveſtiſſe, que elle o ſoccorreria. Deſcobriraõſe ſeſſenta à cuſta da vida do Atalaya que os aviſtou: avançou o Adail, e depois de alguma reſiſtencia, os desbaratou: matou muitos trouxe outros priſioneiros, cuſtando as vidas de dous Cavalleiros chamados Gonçalo Barretto, e Domingos Dias. Sahiraõ neſte tempo da ſerra ſeis Mouros a cavallo, voltou ſobre elles o Adail, e facilmente lhe largaraõ o campo. Retirouſe D. Gaſtaõ, e acabou o ſeu governo a 20 de Novembro deſte anno. Procedeo nelle com o valor que fica referido; na Cidade fez algumas obras uteis: reformou as muralhas, abrio o foſſo, e aſſentou naquella Cidade a Redempçaõ de Cativos, que antes ſe continuava na Cidade de Ceuta. Foy o primeiro Redemptor o Padre Frey Henrique Coutinho Religioſo da Ordem da Santiſſima Trindade, que com louvavel zelo reſgatou muitos Cativos. Succedeu a D. Gaſtaõ D. Luiz Lobo da Silveira Baraõ de Alvito: chegou a Tangere a vinte de Novembro; e por eſtar D. Gaſtaõ doente, lhe entregou o governo na cama, e mandou receber ao Baraõ com grandes feſtas, e regallos. Porém naõ achando nelle a correſpondencia que lhe merecia, mal convaleſcido, e com tempo aſpero ſe embarcou para Lisboa, aonde chegou a ſalvamento. Começou o Baraõ a exercitar o ſeu governo, e deſejando darlhe principio com bom ſucceſſo, mandou o Adail Ruy Dias da Franca com 140 Cavallos aos Campos da Benaiſſa, aonde tomou quantidade de gado groſſo, e algumas eguas, No meſmo dia vieraõ os Mouros a armar ao Xarfe com cincoenta Cavallos, e deſcubrindoſe antes de ſe recolher o Adail, causáraõ grande confuſaõ na Cidade; porèm apparecendo ao meſmo tempo, ſe retiráraõ os Mouros, e elle ſe recolheo com a preza. Foy a ſervir com o Baraõ ſeu filho D. Franciſco Lobo da Silveira, e levou em ſua companhia ao Doutor Alberto Paes com ordem de viſitar as fronteiras de Africa, e ſindicar dos que as tinhaõ governado.

Anno 1649.

Fim do governo de D. Gaſtão, e principio em Tãgere da Redempçaõ dos Cativos.

Sucede no governo o Barão de Alvito.

Den-

Dentro de poucos dias teve com o Baraõ tal controversia, que se achou obrigado a se recolher a Lisboa com pouco effeito da sua jornada.

Anno 1649.

Os successos de Mazagaõ do tempo de D. Joaõ Luiz de Vasconcellos havemos referido. Neste anno naõ houve algum outro digno de memoria mais que a sua morte, que succedeo no mez de Mayo, podendo conta-la por muito felice, acabando a vida em gloriosa guerra contra infieis, e havendo merecido digno louvor no valor, e justiça com que procedéra. Deixou nomeados para Governadores daquella Praça, atè ordem delRey, a Gonçalo Barreto, que servia de Adail, a Antonio Diniz Barbosa, e ao Capitaõ Gaspar Rodrigues, pessoas authorisadas da mesma Praça. Duráraõ no governo quatro mezes, e chegando aviso a ElRey, nomeou Nuno da Cunha da Costa natural da mesma Praça, que tomou posse della por carta delRey atè nomeaçaõ do Governador, que succedeo no anno seguinte.

Morte de D. Joaõ Luiz de Vasconcellos.

O mesmo aconteceo no Estado da India; porque os Holandezes continuavaõ o socego sem alterar a tregoa, e D. Filippe Mascarenhas sustentou amigavel correspondencia com os Reys visinhos atè o fim do seu governo, que foy no anno de 1651.

Anno 1650.

O Conde de S. Lourenço continuava o governo das Armas da Provincia de Alentejo. Alcançou licença delRey no principio deste anno para ir a Lisboa, e ficou governando em sua ausencia o General da Artilharia Andre de Albuquerque. Tratou com grande cuidado das fortificaçoens das Praças, que he o principal objecto dos que fazem guerra defensiva. Andando nesta occupaçaõ, teve noticia que os Castelhanos faziaõ consideraveis prevençoens para a campanha futura. Fez prompto aviso a ElRey, de que resultou acodir com grande fervor a reparar o risco em que estava a Provincia de Alentejo. Passou apertadas ordens a todo o Reino, assim para se fazerem novas levas, como para que das Provincias se remetessem á de Alentejo os mayores soccorros que fosse possivel. Mandou ao Conde de S. Lourenço que voltasse a exercitar a sua occupaçaõ, e deu a Andre de Albuquer-

Successos de Alentejo.

que

que patente de General da Cavallaria, posto de que se havia escusado D. Joaõ Mascarenhas Conde do Sabugal, por se achar impedido com forçosos embaraços da sua casa. Nomeou ElRey juntamente por General da Artilharia a Rodrigo de Miranda Henriques, que havia sido Governador de Olivença. Chegou a Elvas o Conde de S. Lourenço, e tendo verdadeira informaçaõ de que as prevençoens dos Castelhanos eraõ menores do que haviaõ affirmado as noticias antecedentes, mandou o Commissario Geral Duquisnè armar às Tropas, que assistiaõ no quartel da Parra, com as de Olivença. Derrotou elle huma, de que tomou alguns cavallos. Neste tempo nomeou ElRey para Mestre de Campo General do Exercito de Alentejo a D. Joaõ da Costa, que havia sido General da Artilharia da mesma Provincia, em quem concorriaõ tantas virtudes, como temos referido com menos encarecimento do que merecèraõ. Havia ElRey primeiro resoluto que elle governasse a Provincia da Beira; porém socegadas algumas duvidas, que foraõ causa desta promoçaõ, e ficando os dous partidos da Beira outra vez entregues a D. Rodrigo de Castro, e D. Sancho Manoel, passou D. Joaõ da Costa a Alentejo nos primeiros dias de Mayo, havendose tambem escusado da occupaçaõ do posto de General da Cavallaria, para que ElRey o nomeou, pelo embaraço que lhe fazia o achaque da gotta, que se lhe augmentou de sorte, que veyo a tirarlhe a vida, merecedora de dilatada duraçaõ. Levou D. Joaõ da Costa em sua companhia a D. Luiz de Menezes Author desta historia. Havia saido do quarto da Rainha a servir o Principe D. Theodosio, e tendo seu irmaõ o Conde da Ericeira resoluto mandalo servir á Provincia de Traz os Montes com o Conde de Atouguia seu primo com irmaõ, ficou em Lisboa impedido de alguns achaques. Impaciente de descanço determinou passar á India com Joaõ da Silva Tèlo Conde de Aveiras, a segunda vez que foy governar aquelle Estado. Naõ quiz consentillo seu irmaõ por varios interesses da sua Casa, e baldados estes intentos, veyo a conseguir na doutrina de D. Joaõ da Costa a mayor felicidade. Apartouse com grande difficuldade da assis-

Anno 1650.

Nomea ElRey Andre de Albuquerque General da Cavallaria, e Rodrigo de Miranda da Artilharia.

A D. Joaõ da Costa Mestre de Campo General.

Anno 1650.

assistencia do Principe, por haver criado grandes raizes no affecto a communicaçaõ de nove annos, taõ continua, e venturosa, que nem pode encarecerse, nem a magoa saudosa deixa rhetorica para exprimirse. Logo que chegou a Elvas, assentou praça na Companhia do Mestre de Campo Antonio de Mello de Castro, que era da guarniçaõ daquella Praça. D. Joaõ da Costa começou a exercitar o seu posto com tanta sciencia, e actividade, que desbaratáraõ os seus verdadeiros axiomas alguns dogmas, que falsas, e fantasticas doutrinas haviaõ deixado naquelle Exercito. Neste tempo chegáraõ a Lisboa os Principes Roberto, e Mauricio, filhos do Conde Palatino, fugindo de Inglaterra da tyrannia de Cromuel, e occupou a barra a Armada do Parlamento, intentando que lhes naõ valesse o sagrado dos nossos portos. E resolvendo El-Rey heroicamente defendellos, mandou ao Conde de S. Lourenço que remetesse a Lisboa os Terços de Antonio de Mello de Castro, Manoel de Mello, e Martim Ferreira da Camara com 200 Cavallos á ordem do Commissario Geral Duquisné. Supprîraõ os Terços Auxiliares das Commarcas do Campo de Ourique, e Beja a falta desta gente: e os Castelhanos tendo noticia que se diminuhira a guarniçaõ das Praças, armáraõ ás Tropas de Olivença com toda a sua Cavallaria. Entrou de noite nos olivaes visinhos á Praça sem ser sentida, e saindo a descubrillos pela manhaã a Companhia do Capitaõ Joaõ Homem Cardoso (que ja estava livre da prizaõ de Badajoz) se achou cortado de muitas Tropas. Naõ desmayou elle com aquelle accidente naõ imaginado, fez cerrar bem a Tropa, e unindoselhe o Capitaõ Guilherme Lamier Francez, que marchava de retem, rompéraõ juntos valerosamente pelos Batalhoens inimigos, e voltaraõ para a Praça, sem receberem algum damno. Retiráraõse os Castelhanos para Badajoz. Passados poucos dias mandou o Conde de S. Lourenço a Tamericurt a armar da outra parte do Guadiana ás Tropas daquella Praça com 800 Cavallos. Sahiraõ as Tropas da ronda ordinaria de Badajoz, carregou-as Gil Vaz Lobo (que servia voluntario) com cincoenta Cavallos, de que foy por Cabo, até as portas da Praça,

Valerosa retirada de João Homem Cardoso.

Praça, a que se recolherão: tomou vinte, e todos se retirárão sem outro effeito. Tamericurt no dia seguinte derrotou duas Companhias de Cavallos, que passavão de Badajoz para Albuquerque. Na entrada do Inverno tornou o Conde de S. Lourenço a alcançar licença para vir à Corte, e ficou governando a Provincia de Alentejo o Mestre de Campo General D. João da Costa. Poucos dias depois de dar principio ao seu governo, soube por intelligencias que havia grangeado, que os Castelhanos juntavão algumas Tropas, e que estas ameaçavão a campanha de Castello de Vide, e Portalegre. Logo que recebeo este aviso, mandou marchar de Elvas o Capitão de Cavallos Lopo de Siqueira, e deulhe ordem, que examinasse o movimento que havia em todos os lugares de Castella visinhos a Castello de Vide, e a Portalegre. Depois de partido de Elvas Lopo de Siqueira, chegou aviso no mesmo dia a D. João da Costa do Mestre de Campo Gabriel de Castro Barbosa Governador de Castello de Vide, de que os Castelhanos entravão pelo Porto dos Cavalleiros do rio Sevér com Infantaria, e Cavallaria; e que segundo o caminho que levavão, parecia que marchavão para a Povoa. Sem dilação ordenou D. João da Costa ao General da Cavallaria Andre de Albuquerque, que com o resto das Tropas de Elvas, e com as de Campo Mayor marchasse a Portalegre a impedir os progressos que os Castelhanos intentassem, e em seu seguimento ao Mestre de Campo Gonçalo Vaz Coutinho com o seu Terço, para se encorporar com Gabriel de Castro, e ambos com o Ceneral da Cavallaria. Neste tempo ouvio Lopo de Siqueira (que havia chegado a Arronches) huma peça de artilharia, e averiguando que se desparàra em Castello de Vide, encorporou com as Tropas que levava a de D. Fernando da Silva, que estava de quartel em Monforte, e marchou para Portalegre, aonde achou aviso de Gabriel de Castro que os Castelhanos andavão rebanhando o gado do Crato, e Alpalhão, que marchasse na volta de Castello de Vide, e que meya legua daquella Praça o aguardava com o seu Terço, e a Tropa de Duarte Lobo da Gamma. Assim o executou, e encorporados

Anno 1650.

Volta á Corte Martim Affonso, governa a Provincia D. João da Costa.

Anno 1650.

porados antes de cerrar a noite, se emboscaraõ em o sitio do Melrisso, fazendo toda a diligencia por naõ serem sentidos dos Castelhanos. Mandou Lopo de Siqueira (logo que teve aviso das sentinellas que os Castelhanos chegavaõ) dous Alferes com quarenta Cavallos, com ordem que carregassem os batedores dos Castelhanos, e que sendo seguidos das mais Tropas, os soccorreria sem falta. Avançàraõ elles valerosamente, e mandou o Commissario Geral D. Joaõ Jacome Massacan, que governava as Tropas Castelhanas, que fizessem todas alto, naõ querendo permittir, com receyo da emboscada, que seguissem os quarenta Cavallos. Observou Lopo de Siqueira esta disposiçaõ, sahio da emboscada, e seguido das mais Tropas investio valerosamente com os Castelhanos. Antepuzeraõ elles o receyo à opiniaõ, e sem reparar quanto excediaõ as suas Tropas em numero às Portuguezas, por serem quatorze, e as nossas sete, voltàraõ as costas. Seguîraõlhe o alcance os nossos soldados atè cerrar a noite; fizeraõ 124 prisioneiros, ficàraõ muitos mortos, e tomàraõ 240 cavallos. Foy hum dos prisioneiros o Capitaõ de Cavallos D. Fernando de Godoy, e entre os mais alguns Ajudantes, Tenentes, e Alferes. Massacan escapou seguido de poucos Cavallos. Dos nossos soldados morreraõ oito, ficou passado por huma perna o Capitaõ de Cavallos Diniz de Mello de Castro, e levemente ferido Lopo de Siqueira. Todos os que se acharaõ nesta occasiaõ procedéraõ sem differença no valor, e disciplina militar. A preza que o inimigo levava, que era grossissima, se recuperou, e restituhio aos lavradores que a haviaõ perdido. Com este lustroso successo deu D. Joaõ da Costa principio ao seu governo; e desejando augmentar o terror nos inimigos, que se desvanece quando se gasta inutilmente o tempo em se celebrarem as fortunas conseguidas, marchou com dous mil Infantes, e mil e oitocentos Cavallos, quatro peças de artilharia, e deixando Campo Mayor na retaguarda, fez alto cinco leguas daquella Praça entre duas colinas chamadas Dos Hermanas, que ficavaõ quasi em igual distancia de Badajoz, e Albuquerque. Havia despedido diante o Tenente General da

Desbarata Lopo de Siqueira as Tropas de Castella.

Sahe o Mestre de Campo General a buscar o inimigo.

da Cavallaria Tamericurt com 600 Cavallos a faquear os lugares de Arroyo, e Malpartida, dandolhe ordem, que se retirasse taõ devagar com a preza, que os Castelhanos tivessem tempo de ajuntar as suas Tropas. Assim o conseguio; porque quando o Tenente General chegava a se encorporar com elle (que era ao amanehcer, trazendo dos dous lugares huma grossa preza) appareceraõ trinta e dous Batalhoens dos Castelhanos, governados pelo General da Cavallaria D. Alvaro de Viveros, e 800 Infantes tirados da guarniçaõ de Albuquerque. Logo que se deu vista dos Castelhanos, formou D. Joaõ da Costa a gente que levava com grande destreza, e summa actividade, e exhortando-a galhardamente a pelejar, marchou a buscar os Castelhanos, que coroávaõ huns montes, distantes hum tiro de mosquete do sitio em que estava. Porèm D. Alvaro de Viveros, ainda que trazia apertada ordem de pelejar, sendo nelle o temor preceito mais poderoso, voltou as costas, e retirouse a Albuquerque. Foy seguido das nossas Tropas com pouco effeito, e D. Joaõ da Costa se recolheo a Elvas com a gloria do intento: e o rigor do Inverno lhe divertio continuar outros mayores.

Anno 1650.

Retirase D. Alvaro de Viveros.

A Provincia de Entre Douro e Minho naõ deu este anno materia á historia. Voltou o Visconde a governalla de Lisboa, aonde o deixamos, e attendendo á conservaçaõ dos povos, e regularidade do governo da Provincia, soube que o Conde de Santo Estevaõ determinava entrar poderosamente na Provincia de Traz os Montes. Por divertir este intento, juntou o Visconde alguma gente, arruinou huma Atalaya, e fez cara a attacar o Forte de Filhaboa. Voltou o Conde de Santo Estevaõ a reedificar a Atalaya, e divertiose da deliberaçaõ de entrar em Traz os Montes. Depois deste successo, refuzando o Conselho de Grou pagar a ElRey o tributo, que este, e outros lugares de Galiza contribuiaõ por aquella parte, o mandou o Visconde queimar: e com este exemplo continuaraõ os mais sem alteraçaõ na paga do tributo. Naquella Provincia se passou o resto deste anno com igual socego de huma, e outra parte.

Successos de Entre Douro e Minho.

As

Anno 1650.

Sucessos de Traz os Monts.

As occasioens que o Conde de Atouguia teve em Traz os Montes, naõ foraõ tambem muito consideraveis: porque a Cavallaria era taõ pouca, que lhe naõ deixava usar do alentado espirito de que era composto. Havia mandado para Miranda 60 Cavallos á ordem do Tenente Joaõ Pinto: teve elle aviso que huma Tropa de sessenta Castelhanos entrára no lugar de Paradella, marchou com trinta a cortarlhe o passo. Avistou-os em Castella junto ao lugar de Fornilhos: investiu-os, e desbaratou os. Ficou prisioneiro o Capitaõ da Tropa D. Pedro de Benavides, o seu Alferes, e os mais dos soldados: parte delles ficaraõ mortos na campanha. E tornando a recuperar a preza, se retirou para Miranda. Os Galegos engrossaraõ os seus presidios com levas novas, e uniose a esta gente a da fronteira de Entre Douro e Minho. O Conde de Atouguia informado destas prevençoens se preparou para a defensa com grande actividade. Fez aviso a ElRey que ordenou a todas as Provincias visinhas, que o soccorressem com a mayor brevidade que fosse possivel. Acodiraõ os soccorros sem dilaçaõ, e chegaraõ primeiro que o Conde de Santo Estevaõ sahisse em campanha. Sahio elle de Monte-Rey com hum Exercito poderoso: porém constandolhe das prevençoens do Conde de Atouguia, queimou na Torre de Arvededo dous lugares que haviaõ outra vez sido destruidos, e tornouse a retirar sem fazer outro damno. Depois de desfeito o Exercito, sahiraõ de Monte-Rey 300 Cavallos, e 700 Infantes a correr a veiga, que banhada das aguas do rio Tamaga com deleitosa fertilidade continùa até Chaves. Tocáraõ arma as sentinellas da campanha, e o Conde de Atouguia, que costumava ser o primeiro que sahia aos rebates, montou a cavallo, e seguido de 180, e de 200 Infantes marchou com a brevidade que era necessaria para naõ descompor a fórma. Topou as primeiras Tropas inimigas, investio-as com grande valor, e derrotou-as facilmente; as mais se retiráraõ desordenadas para Monte-Rey: ficàraõ mortos, e prisioneiros alguns Officiaes, e Soldados. Retirouse o Conde de Atouguia com seis feridos, em que entrou o Capitaõ de Cavallos Antonio de Almeida Carvalhaes, que procedeo com muito valor.

Sahe em campanha o Conde de Santo Estevaõ cõ pouco effeito.

Sahe o Conde de Atouguia contra o inimigo, q se retira com perda.

D. Ro-

Anno 1650.

D. Rodrigo de Castro no partido da Beira que governava, se occupou no principio deste anno na assistencia de grossas levas de Infantaria, que remeteo a Alentejo para supprirem a falta que fazia naquella Provincia a gente que havia passado a Lisboa em opposiçaõ da Armada de Inglaterra. Recolheose D. Rodrigo para Almeida, e ajuntando logo que chegou duzentos e trinta Cavallos, e duzentos Infantes, fez sem opposiçaõ na campanha de Ciudad Rodrigo huma grossa preza. Quando voltou para Almeida, appareceraõ os Castelhanos com algumas Tropas que D. Rodrigo rebateo, e fez retirar. Passáraõ alguns dias que os Castelhanos naõ vieraõ tomar lingua, e fazendo D. Rodrigo reparo nesta suspensaõ por ser esta diligencia muito continua, constandolhe que a tomáraõ em Val de la mula, ordenou ás Praças mais visinhas que o dia seguinte ao amanhecer desparasse cada huma dellas tres peças de artilharia. Porque, entendendo que as disposiçoens antecedentes caminhavaõ a fazerem os Castelhanos alguma entrada, quiz prevenir os lugares abertos com este aviso. Foy o discurso taõ util, que marchando os Castelhanos com mil Infantes, e quatrocentos Cavallos, ouvîraõ o estrondo da artilharia huma legua de Miucella, lugar aberto, e só defendido de hum pequeno reducto, que presidiavaõ cem moradores de que o lugar constava. O aviso da artilharia os obrigou a pegar nas armas, e guarnecer o reducto, e alguns a defender a entrada do lugar. Sustentáraõ estes o posto largo espaço, e vendo que o naõ podiaõ defender, se retiraraõ para o reducto, em que tiveraõ melhor successo: porque durando o conflicto oito horas, os Castelhanos desenganados de poder conseguir a empreza, se retitàraõ, deixando alguns mortos, e levando muitos feridos. Com melhor successo fizeraõ depois desta outra entrada por entre Escalhão, e Matta de Lobos; porque depois de destruida a campanha, recolhendose com huma grossa preza, saindo D. Rodrigo a querer tirarlha, o naõ pode conseguir. Pedio elle no fim deste anno licença a ElRey para poder passar a Lisboa a curarse de algumas enfermidades, que padecia. Alcançou-a, e ficou em sua ausencia o partido

Successos da Beira.

Retiraõse os Castelhanos de Miucella com perda.

Passa D. Rodrigo de Castro á Corte, governa D. Sancho toda a Provincia.

Anno 1650.

tido, que governava, entregue a D. Sancho Manoel. D. Sancho, em quanto ſuccedeo o que referimos, trabalhava com grande cuidado por moleſtar os lugares dos Caſtelhanos. Fabricou huma Atalaya, para mayor ſegurança dos moradores dos campos da Idanha: fez logo huma grande preza, ſem lha poderem defender as Tropas inimigas, que o intentàraõ: paſſou a Viſeo, a deſpedir huma leva de gente para o Eſtado da India, deſta invencivel, e maravilhoſa naçaõ, que em taõ pouco eſpaço de terra produz homens, que naõ ſó a defendem dos poderoſos viſinhos que a rodeaõ, e que tantas vezes em vaõ intentàraõ conquiſtala, ſenaõ que ſe dividem a contender com varias, e bellicoſas nações na Aſia, na Africa, e na America, baſtando ordinariamente a noticia de que pelejàraõ, para a certeza de que vencêraõ.

Aſſiſtindo D. Sancho em Viſeo, vieraõ os Caſtelhanos com trezentos Cavallos correr a campanha de Penamacor. Sahio deſta Praça o Meſtre de Campo Joaõ Fialho com o ſeu Terço, e o Capitaõ de Cavallos Manoel Furtado com a ſuo Tropa. Adiantouſe eſte da Infantaria intempeſtivamente; inveſtiraõ-no os Caſtelhanos, mataraõno logo, e ao Ajudante da Cavallaria Franciſco de Figueiredo. Acodio Joaõ Fialho, retiràraõſe os Caſtelhanos, e foraõ os dous mortos geralmente ſentidos, por haverem ſervido com grande valor, e ſatisfaçaõ. Tomou a D. Sancho com melhor ſucceſſo; porque mandou ao Meſtre de Campo Joaõ Fialho com quinhentos Infantes pagos, e Auxiliares, e duzentos Cavallos a correr a campanha de Moraleja. Foy ſentido quando entrava, ſahiraõ os Caſtelhanos a buſcallo, e pelejou com tanto valor, e acerto, que os derrotou, depois de mortos cento, em que entrou o Meſtre de Campo D. Sancho de Monroy, que governava as Armas do partido contrario, e outros Officiaes. Recolheoſe com muitos cavallos, e grande reputaçaõ, ſem perder mais que dous ſoldados. ElRey lhe mandou dar por eſta occaſiaõ hum eſcudo de ventagem, e fez a meſma mercê aos Capitães de Cavallos Gaſpar de Tavora de Brito, Joaõ de Almeida Loureiro, e ao Sargento mór Antonio Soares da Coſta. E ſendo

Derrota Joaõ Fialho os Caſtelhanos.

Anno 1650.

ſendo taõ pouca deſpeza, com grande acerto coſtumaõ uſar os Principes deſtes eſcudos para defenſa dos ſeus Reinos. Os Caſtelhanos fizeraõ huma entrada depois deſte ſucceſſo com quatorze Tropas: mas retiráraõſe ſem algum effeito, pela vigilancia com que D. Sancho ſe acautelava. Porém eſtas Tropas uniraõſe a outras de Alentejo, e juntos mil Cavallos corrèraõ até Caſtello branco, e deſtruiraõ todo aquelle contorno. Fizeraõ alto na Moraleja, e como eſte Lugar ficava igualmente diſtante dos dous partidos, fez D. Sancho aviſo a D. Rodrigo de Caſtro (que convaleſcido dos ſeus achaques havia voltado de Lisboa para Almeida) do perigo que ameaçava a qualquer dos dous partidos. Veyo D. Rodrigo aviſtarſe com elle, e depois de conferirem o que era mais conveniente para igual defenſa, aſſentáraõ que D. Rodrigo com a gente do ſeu partido alojaſſe no Sabugal, ſitio donde mais facilmente podia acodir a D. Sancho, e receber o ſeu ſoccorro, ſendolhe neceſſario. Chegou D. Rodrigo ao Sabugal, e no dia ſeguinte teve aviſo que os Caſtelhanos marchavaõ pela parte de cima daquelle Lugar. Mandou promptamente eſta noticia a D. Sancho: e logo que lhe chegou, ſe poz em marcha, e em poucas horas ſe alojou no Lugar do Souto, cinco leguas diſtante. Conſtou aos Caſtelhanos deſta diligencia, e ajuſtamento dos dous Generaes, e conſiderando o perigo a que ſe expunhaõ, ſe depois de unidos os alcançaſſem, largaraõ a preza, e ſe retiráraõ com grande preſſa. D. Sancho por naõ baldar o trabalho continuou a marcha até Alcantara com 400 Infantes, e 150 Cavallos: fez paſſar quatro Tropas o Tejo por hum porto de que os Caſtelhanos ſe naõ receavaõ por ſer muito viſinho de Alcatanra, e ficou-o ſegurando com o reſto da gente. D. Simaõ de Caſtanhiſſas Governador de Alcantara naõ vendo a Infantaria, ſahio a cortar as Tropas, de que era Cabo Gaſpar de Tavora, com 300 Infantes, e trinta Cavallos. Gaſpar de Tavora ſem aguardar o ſoccorro da Infantaria, inveſtio com os Caſtelhanos, e totalmente os desbaratou; degolou muitos Infantes, e trouxe alguns cavallos, e as Tropas conduzîraõ a preza que acháraõ na campanha,

Unemſe os dous Generaes da Beira, e retirãoſe os Caſtelhanos.

Gaſpar de Tavora derrota humas Tropas.

Anno 1650.

com que D. Sancho se retirou sem encontrar outra opposiçaõ. Passados alguns dias teve aviso que Massacan, Governador da Cavallaria dos Castelhanos fronteiros áquelle partido, marchava com algumas Tropas na volta de Valença; mandou entrar cinco, governadas pelo Capitaõ Joaõ de Almeida a correr o districto da Calçadilha, que se une aos campos de Coria, e depois de fazer grossa preza, entrou no Lugar de Huelga, e rendendoselhe os moradores que se haviaõ recolhido a huma torre, queimou o Lugar, e com a preza veyo buscar a D. Sancho, que o aguardava com a Infantaria no porto de Silheiros. Retirouse, e passados poucos dias armou às Tropas da Carça com boa disposiçaõ; porèm naõ lhes resultou mais effeito, que correlas atè a Praça, e tomarlhes na retaguarda alguns cavallos.

O Capitão João de Almeida ganha Huelga.

Com infelice principio entrou a navegaçaõ deste anno; porque voltando do Brasil para este Reino Antonio Telles de Menezes, Conde de Villa-Pouca, com os navios da Armada, que haviaõ, pela occasiaõ referida, passado áquelle Estado, deixando entregue o governo delle ao Conde de Castello-Melhor, navegando para este Reino na mesma monçaõ Pedro Jaques de Magalhães General da frota da Companhia com dezoito navios de guerra, e oitenta mercantîs, se levantou huma tormenta na altura das Ilhas, e com tanta furia combateo o vento os navios da Armada, que unindose contra elles todos os elementos, desappareceo o galeaõ Santa Margarida, que governava o Capitaõ Chamissa, sem se saber a altura ém que se perdèra, com discredito dos Mathematicos; porque parece que huma só constelaçaõ naõ póde conduzir tantas creaturas a hum mesmo naufragio, e vem a ser só infalliveis os juizos Divinos. S. Pantaleaõ governado por D. Fernando Telles Mestre de Campo da Armada, se perdeo na Ilha de S. Miguel. Affogouse a mayor parte da gente, perdendose muitos Officiaes, e Soldados, que pelo seu merecimento fora grande fortuna salvaremse, e salvouse D. Fernando Telles, que pelo desconcerto das acçoens que executou, fora grande felicidade perderse. Porem os discusos humanos naõ saõ capazes de acertar na verda-

Tormenta da Armada de Antonio Telles de Menezes.

Perdese o galeaõ Santa Margarida.

Succede o mesmo a S. Pantaleão, e a S. Pedro de Amburgo.

verdade deſtas diſpoſiçoens Divinas. Deu tambem á coſta na meſma Ilha S. Pedro de Amburgo, de que era Capitaõ Franciſco de Sá Coutinho: ſalvouſe a mayor parte da gente, achando commiſeraçaõ na terra, tantas vezes ingrata á implacavel ancia com que a ſolicitaõ os navegantes. O navio Noſſa Senhora da Conceiçaõ, de que era Capitaõ Alvaro de Carvalho, e em que vinha embarcado Antonio Telles da Silva, deſarvorou das Ilhas para a terra, correndo com a tormenta ſe veyo perder na coſta de Buarcos; ſendo a prevençaõ de Antonio Telles, e a ſegurança com que havia diſpoſto paſſar a eſte Reino neſte navio, que julgava pelo melhor da Armada, aguardando largo tempo por eſta monçaõ, a que o conduzio á morte, que pudèra eſcuſar, ſe ſe naõ detivera no Braſil. Mas como as diſpoſiçoens dos homens naõ pódem encaminharſe com melhor acerto, e o ſucceſſo depende da vontade de Deos, naõ ſe deve condemnar em Antonio Telles a deſgraça como deſacerto; e he juſto ſentirſe acabar taõ depreſſa quem merecia pelas ſuas virtudes vida mais dilatada. O Conde de Villa-Pouca com os mais navios, e Pedro Jaques com todos os que trazia á ſua ordem, chegàraõ a Lisboa a ſalvamento, e começou a intereſſar a Junta da Companhia do Commercio a reſulta dos grandes cabedaes que havia deſpendido, e a animarſe o Eſtado do Braſil com a eſperança de conſeguir por eſte caminho a ſua liberdade. Sentio ElRey a deſgraça ſuccedida, e diverti-o ſe naõ mayor pena, mayor embaraço; porque entráraõ no porto de Lisboa o Principe Roberto General delRey da Grã Bretanha, e ſeu irmaõ Mauricio filhos do Conde Palatino, perſeguidos dos Parlamentarios depois do infelice ſucceſſo delRey defunto. Naõ baſtou toda a politica de alguns Miniſtros delRey para lhe deſviar o animo da juſta commiſeraçaõ, e amparo deſtes perſeguidos Principes, prevaleſcendo a generoſidade Real contra o temor das numeroſas Armadas do Parlamento. Permittio ElRey aos Principes o amparo do porto de Lisboa; porém naõ deliberou ElRey que pudeſſem vender as fazendas de tres navios mercantís do Parlamento em que haviaõ feito preza. E durando a contro-

Anno 1650.

Perdeſe o navio Conceição em q̃ morre com os mais Antonio Telles da Silva.

Chega a ſalvamento Antonio Telles de Menezes.

Entrão os Principes Palatinos em Lisboa.

Anno 1650.

versia sobre este ponto até vinte de Março (naõ havendo sido possivel aos Principes accommodar neste tempo os seus navios para sair de Lisboa, diligencia que ElRey, por atalhar o empenho que lhe sobreveyo, com prudente ponderaçaõ applicava) a vinte de Março appareceo em Cascaes a Armada de Inglaterra com quinze navios, de que era General Blac, pratico, e valeroso soldado.

Chega Blac com a Armada de Inglaterra.

Cresceo com esta novidade em ElRey, e seus Ministros a confusaõ, na Nobreza o desejo generoso de amparar os Principes, no povo, sem discurso, o receyo dos Parlamentarios, como mais poderosos. Chamou ElRey a Lisboa promptamente os Terços, e Tropas de Alentejo, que havemos nomeado; mandou prevenir todos os Lugares maritimos, nomeando para o governo de Peniche ao Conde da Ericeira, para o de Setuval o Conde do Prado, e a Cascaes passou com a mayor parte da Nobreza o Conde de Cantanhede. Vacillavaõ os discursos dos Ministros, e naõ se resolviaõ a determinar negocio de taõ relevantes consequencias; porque por huma parte era offender a fe publica, e a hospitalidade desamparar os Principes, depois de admittidos, e seguros na protecçaõ del-Rey; e por outra se devia attentar ao risco infallivel de quebrar com os Parlamentarios, contendendo em Europa com as forças de Castella, e na America com as de Holanda. Quando esta duvida parecia que estava mais difficil de decidir, amanheceo ás sombras dos discursos dos Ministros a luz do Sol da razaõ do Principe D. Theodosio; porque dilatando os rayos da sua doutina, em breve curso havia passado do Oriente ao Zenit, admirado de seus Pays, venerado de seus Vassallos, e estimado das Naçoens mais remotas. Eraõ as suas excellentes razoens respeitadas como vozes de Oraculo, e assistindo com ElRey, e a Rainha em hum Conselho de Estado pleno, referio estas eloquentes, e bem fundadas razoens.

Voto do Principe D. Theodosio.

,, Persuadome que julgaria superflua qualquer Va-
,, raõ prudente esta exhortaçaõ a hum Rey prudentissimo,
,, e a semelhantes Ministros em hum negocio manifesto.
,, Oxalá fora superflua! Mas cresceo tanto o Machavelis-
,, mo, que só os seus sequazes usuarpaõ o titulo de pru-

dentes

Anno 1650.

,, dentes. Porém deixando esta materia, tratemos do ne-
,, gocio que se propoem. Florecia ha pouco tempo o Sce-
,, tro Anglicano debaixo do imperio de Carlos I. dignissi-
,, mo Rey da Grã Bretanha, quando por varias causas da
,, antiga Religiaõ, e de mudar justamente o governo, se
,, levantou a furiosa discordia dos Parlamentarios. De-
,, pois de diversos, e duvidosos successos foy prezo o
,, Rey legitimo pelos subditos rebeldes, e no principio
,, do anno passado com horrivel desatino, extraordinario
,, furor, viperina raiva, nunca vista crueldade, em Lon-
,, dres, em hum theatro publico, sendo authores Far-
,, faix, e Cromuel. Oh cruel, e inaudita maldade! O
,, Rey da Grã Bretanha pagou com a cabeça as penas, que
,, os perfidos Vassallos mereciaõ, só com razaõ de ser pro-
,, prio a hum Rey taõ grande entregar a vida pelos deli-
,, ctos de seus subditos. Concluidos estes successos, todos
,, os Principes do mundo reconheceraõ a Carlos II. por le-
,, gitimo successor, e Rey de Inglaterra, o qual mandou
,, logo a esta Corte hum Enviado, chamado Lisla, que
,, offereceo cartas de Crença do seu Rey, nas quaes lhe
,, dava authoridade para tratar com ElRey de Portugal as
,, proposiçoens feitas em seu nome pelo Principe Roberto
,, seu sobrinho. Consultado este negocio, deliberou El-
,, Rey meu senhor responder a Lisla com a significaçaõ da
,, amizade assentada com todos os Inglezes, e que havia
,, de admittir livremente nos seus portos as náos daquel-
,, la naçaõ, sem distinçaõ alguma; e que poderiaõ ven-
,, der as prezas, e refazerse de qualquer damno, com de-
,, claraçaõ, que as que entrassem nos portos, ou fossem
,, delRey, ou dos que seguiaõ a causa do Parlamento,
,, lhes naõ seria licito sairem delles antes de passarem tres
,, dias. Com este concerto entráraõ no porto desta Cidade
,, os Principes Roberto General delRey da Grã Bretanha,
,, e seu irmaõ Mauricio, trazendo em sua companhia tres
,, navios mercantìs, tomados aos Parlamentarios, inten-
,, tando vendelos para sustentar os que os seguiaõ. Occa-
,, sionou este negocio grandes confusoens, pelo receyo
,, prevenido do Parlamento, e duráraõ estas duvidas até
,, o mez de Fevereiro passado. Neste tempo estando

Anno 1650.

,, apreſtados os Principes para navegar, appareceo a vin-
,, te de Março em Caſcaes a Armada Parlamentaria, que
,, conſtava de quinze navios; e Blac ſeu General decla-
,, rou por cartas que era o ſeu intento pelejar dentro do
,, porto de Lisboa com os Principes Roberto, e Mauri-
,, cio. Viſta maduramente eſta propoſta nos mais ſecre-
,, tos Conſelhos delRey meu ſenhor, ſe determinou por
,, votos de todos, que primeiro ſe impediſſe com ſuavi-
,, dade aos Parlamentarios taõ temerario intento; porém
,, que perſiſtindo nelle, com fogo, e ferro, ſe lhe reſiſ-
,, tiſſe a entrada da barra. Eſte he o facto, ó Prudentes,
,, Attençaõ, e perſeverança no deliberado, ſolicitos da
,, voſſa propria utilidade. Até onde chegará a voz da noſ-
,, ſa maldade, ſe ſe permittir a entrada da barra em tom
,, de guerra contra eſtes Principes? Em que parte ſe porá
,, em ſilencio? Na verdade aonde chegarem as acções dos
,, Parlamentarios, ahi ſoará a infamia dos Portuguezes.
,, Que diraõ as nações eſtrangeiras, quando ſe lhe pro-
,, puzer ſemelhante caſo? Aonde eſtá, ó Luſitanos, a
,, honra antiga, e o valor de voſſos progenitores? Por
,, temor quereis admittir a injuſtiça dentro de voſſos limi-
,, tes, e prezaisvos de exceder a todos em ſer magnani-
,, mos? Ja perdeis a antiga generoſidade de voſſos avôs?
,, Ja vos falta o brio, e ja ſe auſenta de vós a fidelidade?
,, Naõ vos envergonhais de entregar nas mãos ſacrilegas
,, dos rebeldes, dentro de hum rio fechado, huns Princi-
,, pes recebidos como amigos? He poſſivel, que ſendo os
,, primeiros na generoſidade, e fortaleza, queirais ſer os
,, primeiros, deſde o principio do mundo, que degene-
,, reis com taõ intoleravel permiçaõ. Pergunto: que juſ-
,, tas, e indignadas palavras lançarieis contra aqueles que
,, leſſeis nas hiſtorias antigas, que foraõ comprehendidos
,, em taõ grande maldade? Contra vós meſmos dais ſen-
,, tença condemnatoria, naõ attendendo á juſtiça. Por di-
,, reito natural, e gentilico ſe prohibe, que dentro dos
,, portos ſe naõ intente pelejar; e pelo divino ſomos obri-
,, gados a defender os hoſpedes. Verdadeiramente enten-
,, dendo que aquelle que ſe atrever a ſentir o contrario,
,, deve ſer com razaõ julgado por impio Machavelliſta.

Conhe-

,, Conheceis que os Parlamentarios saõ rebeldes, e por
,, hum vaõ temor determinais resistir á verdade conheci-
,, da, peccando contra o Espirito Santo, culpa de que
,, neste seculo naõ sereis perdoados, e no outro recebe-
,, reis castigos eternos? Affligisvos com o temor do po-
,, der dos Parlamentarios, que á manhaã se ha de desva-
,, necer, e grangeais por inimigos ElRey da Grã Breta-
,, nha, os Reys de França, Dinamarca, e Suecia, e pó-
,, de ser que provoqueis contra vós as Armas de Holanda.
,, Certo, que sereis dignos de vos reputarem por doudos,
,, se tal executardes: pois naõ será possivel acharemse
,, outros que sigaõ igual desatino. A prova desta verda-
,, de he evidente. Os Francezes tem denunciado guerra
,, aos Parlamentarios: ElRey de Dinamarca he primo se-
,, gundo delRey da Grã Bretanha: ajuda-o a Rainha de
,, Suecia com dinheiro, e armas; e he voz publica que
,, determina casar com o Principe Mauricio: os Holande-
,, zes tiveraõ muito tempo em sua companhia ElRey de
,, Inglaterra, e he notorio o estreito parentesco que tem
,, com o Principe de Oranje: clama o povo que se defen-
,, daõ os Principes que estaõ debaixo da sombra das azas
,, do nosso Rey Serenissimo; e que se naõ bastarem os
,, termos suaves, se defendaõ com ferro, e fogo. Quan-
,, do ouvistes que os Principes se detinhaõ contra vonta-
,, de do povo, o quizestes seguir; no negocio presente
,, naõ fazeis caso do seu voto, para mostrardes com evi-
,, dencia que obrais com paixaõ: fazendo esta opiniaõ in-
,, fallivel com a indigna reposta que destes ao Enviado
,, delRey de Inglaterra, que veyo tratar da paz; e que-
,, rendo admittir contra a sua Armada recolhida nos nossos
,, portos, a dos Parlamentarios. Quereis que vos diga o
,, que he isto? He arrojarvos a hum precipicio, por vos
,, livrardes de hum touro que vos investe. Naõ tendes que
,, temer os abominaveis Parlamentarios, porque vemos
,, manifestos todos os sinais que ameaçaõ a sua ruina;
,, sendo o primeiro o terrivel influxo das Estrellas, e
,, aquelle Cometa infausto, que appareceo em Londres,
,, que assim como prostou a grandeza de Carlos I, e o re-
,, duzio a hum funesto theatro, cortada, e dividida a ca-
,, beça;

Anno 1650.

Anno 1650.

,, beça, tambem significou que o Parlamento sem ella morrerá brevemente: e constará a qualquer Astrologo mediocremente douto, que com a certeza que pode haver nos discursos humanos quasi no anno de 1651 será diminuido o poder do Parlamento, e até o de 1655 entrará em Londres triunfante Carlos II. E tudo isto, que affirmo, consta com evidencia aos que tem observado o nascimento delRey, e da nova Republica, e a revoluçaõ dos annos do mundo. O segundo final foy hum grande terremoto, de que se originou huma terrivel tempestade no mar de Holanda contra a Armada dos Parlamentarios, que levou muitos navios apique, e a peste, que costuma succeder aos terremotos, affligio em Irlanda de tal sórte o Exercito de Cromuel, que naõ pode continuar a expediçaõ, que intentava. Plataõ observa a razaõ dos numeros septenario, e novenario, cujo quadrado saõ 49, e neste anno começou a tyrannia Anglicana: multiplicandose sete por nove, ficaõ 63, e deste numero tirandose o quadrado de sete, ficaõ 14. Busquese a raiz deste quadrado, achaselha menor de quatro. Tantos parece que durarà esta Republica. Deixo as intestinas causas da sua ruina, por serem a todos notorias: referirey só as palavras de hum politico accommodadas ao governo mixto, qual he agora o de Inglaterra. O Estado mixto (diz elle) perturba se naõ for temperado no modo que convem, como perturbaõ a harmonia da Musica algumas vozes dissonantes, se quizerem, e puderem mais que os outros, aquelles que naõ convem, se forem excessivas as causas que deviaõ ser moderadas, se elevadas as que deviaõ ser iguaes. Consideray, vos peço, que vozes ha mais dissonantes, que as dos Parlamentarios. Sendo infieis, pedem aos Inglezes juramento de fidelidade: mandaõ ao Summo Pontifice hũa ridicula embaixada, pedindolhe que ordene aos Hibernios se unaõ com elles, e que lhes concederáõ liberdade de consciencia. Pertendem do Serenissimo Rey de Portugal, contra o direito divino, natural, e das gentes, livre entrada neste porto, como inimigos contra os Principes Roberto, e Mauricio, dandolhe titulo de obra

,, juf-

Anno 1650.

,, justa: pratica vergonhosa de se dizer, quanto mais de
,, se executar. Estas tres vozes dissonantes se contem no
,, Tritono. O que indica que pouco mais durará de tres an-
,, nos a vida desta desordenada Republica. E neste sentido
,, vos amoesto naõ maculeis a honra dos Portuguezes
,, ategora inviolada; porque esta permissaõ prognostica
,, a vossa ruina. Para que naõ succeda, peço que se con-
,, fundaõ os Conselhos de Achitophel. Tudo experimen-
,, tay, mas elegey só o que for bom. Preponderay as
,, causas, attendey as occasioens, procuray a justiça. Vós
,, a admittis, estando pela parte dos Principes, e delRey
,, de Inglaterra, se naõ estais de todo sem juizo. E se naõ
,, podeis favorecer a causa mais justa, ao menos naõ a
,, desampareis; para que se naõ diga que intentais offen-
,, dela. Christo inculpavel perguntava: Que dizem de
,, mim os homens? E vós, que neste facto seguis o cami-
,, nho da maldade, naõ quereis considerar, que diraõ os
,, homens; naõ vos atemorizem as invençoens dos Parla-
,, mentarios: se se forem logo, succedernosha bem; se
,, quizerem permanecer, eu vos seguro que o mar, e o
,, vento os lancem dos nossos portos; porque a razaõ ha
,, de pelejar, pelo que se tem deliberado, e recta, e pru-
,, dentemente se considera tudo aquillo que com a justiça
,, se confirma. O contrario só se sustenta pelo impio Ma-
,, chavelismo. Quando alguem diz que obra com recta
,, razaõ todas as cousas, e naõ succedem conforme à ra-
,, zaõ, naõ se ha de passar adiante, mas perseverar no
,, que ao principio se decretou. O mesmo amoesta hum
,, prudentissimo Capitaõ, dizendo que em quanto hou-
,, ver a mesma razaõ, ha de perseverar immutavel, em
,, quanto durarem as mesmas causas; porque he sentença
,, de huma penna excellente; que o sabio deve considerar
,, huma, e outra parte da fortuna; e que saõ incertos os
,, successos, posto que sejaõ certos os conselhos. Com es-
,, tes fundamentos direy o que sinto. Com mil obsequios,
,, e termos suaves se devem abrandar os animos dos Parla-
,, mentarios, para que desistaõ do intento começado;
,, propostos conforme o direito commum, os concertos
,, celebrados ha pouco tempo entre as duas Coroas: por-
que

Anno 1649.

,, que ainda que elles se constituaõ successores do Reino
,, de Inglaterra, naõ nos toca decidir esta materia entre
,, os Parlamentarios, e ElRey; e assim fica só licito guar-
,, darmos os concertos feitos com ambos. Se com tudo
,, pertenderem entrar no porto contra nossa vontade, em
,, nenhum caso devemos deixarnos opprimir das suas ar-
,, mas, antes rebatellas; porque sempre foy justo impu-
,, gnar a força com a força, e depois nos fica tempo para
,, manifestar o excesso dos Cabos da sua Armada. E sendo
,, constrangidos à defensa natural, espero infallivel a vi-
,, ctoria. Isto he o que julgo mais conveniente, e nunca
,, me deixarey vencer de màs opinioens; porque só àquel-
,, las que forem boas, me saberey sujeitar. Phocion, suc-
,, cedendo felicemente hum negocio contra o que elle ha-
,, via persuadido, perseverou taõ constante no seu pare-
,, cer, que disse em huma elegante Oraçaõ, que se ale-
,, grava muito; porèm que o seu conselho fora mais bem
,, fundado, e mais prudente. E julgando o parecer con-
,, trario por mais felice, avaliou o seu voto por mais sa-
,, bio. As mesmas pizadas sigo; porque quando se naõ
,, conformem todos com a minha opiniaõ, succedendo
,, prosperamente a contraria, espero ser como Phocion,
,, julgando sempre o meu voto pelo mais bem ponde-
,, rado.

Tudo foy escrito pelo Principe na lingua Latina, em q̃ se mostra mais a sua elegancia.

Esta oraçaõ, e outros papeis elegantissimos, que eu tenho em meu poder da propria letra do Principe, persuadiraõ o animo delRey à protecçaõ dos Principes Palatinos. E depois de differentes propostas com o General Blac, presistindo elle na determinaçaõ de naõ valer aos Principes o sagrado do porto de Lisboa, mandou ElRey aparelhar huma Armada de treze navios de que fez General a Antonio de Siqueira Varajaõ, antigo, e valeroso soldado, e elegeo por seu Almirante a D. Pedro de Almeida irmaõ segundo do Conde de Avintes, que havia chegado da India por Capitaõ mór das nàos. Hiaõ por Capitaens de Mar, e Guerra, de Santa Cruz, Joaõ Saramenho, de S. Pedro, e S. Joaõ, Joaõ de Figueiredo Napoles; de Nossa Senhora da Natividade, D. Francisco de Sousa; de Nossa Senhora da Estrella, Jorge de

Segue ElRey o parecer do Principe, e aprestase a Armada.

Mes-

Mesquita; de Nossa Senhora da Conceição, Ignacio Gago da Camara; de S. Lourenço, Manoel Pacheco de Mello; de S. Francisco, Simaõ Correa da Silva; de S. Jorge, Manoel Lourenço; de S. Joaõ Baptista Manoel Alvares Galvaõ; da Candelaria, Francisco de Brito Freire; e de N. Senhora da Esperança, Sancho Dias de Saldanha. A Capitanea era Santo Antonio de Mazagaõ, a Almiranta Nossa Senhora da Luz. Todas as mais prevençoens corresponderaõ ao empenho desta empreza. Os Principes Roberto, e Mauricio alegres com este soccorro, dadas todas as ordens necessarias, e guarnecidos muitos dos seus navios com a Infantaria que havia chegado de Alentejo, sahiraõ as duas Esquadras a buscar a Armada do Parlamento a vinte de Julho, com ordem que naõ passassem alem dos Cabos; porque pelejando entre elles poderiaõ conseguir mayores ventagens. Os Parlamentarios, tanto que viraõ sair a Armada, levantáraõ as ancoras, e se fizeraõ ao mar; e sem outro progresso se tornou a recolher a Armada. E havendo algumas pessoas nella daquellas que costumaõ a fundar as esperanças da sua melhora na desgraça alhea, attribuiraõ ao descuido, e omissaõ de Antonio de Siqueira, recolherse a Armada sem peleiar, (que pudera conseguir como diziaõ) com muitas ventagens. Dando ElRey credito a esta murmuraçaõ, depoz Antonio de Siqueira do governo da Armada (aggravo de que elle se satisfez com a fineza de se tornar a embarcar por soldado de Francisco de Brito Freire,) e elegeo em seu lugar a Jorge de Mello, que conservava o titulo de General das Galès. Ficou por seu Almirante D. Pedro de Almeida. Dentro de poucos dias fizeraõ as duas Armadas segunda saida, naõ com melhor successo; porque ainda que os Parlamentarios, que haviaõ dado fundo outra vez na boca da barra, se fizeraõ logo ao mar, se levantou hum temporal taõ rijo, que espalhou toda a nossa Armada, de que alguns navios foraõ dar ao Algarve, e padecéraõ os mais delles grandes incommodidades pela falta de prevençoens, e mantimentos com que sairaõ do rio. Correndo tormenta encontrou D. Francisco de Sousa parte da Armada do Parlamento:

Anno 1650.

Retirase Blac, Recolhese a Armada q̃ governava Antonio de Siqueira.

Torna a sair governada por Jorge de Mello.

Derrotase a nossa Armada com a tormenta.

Morre D. Francisco de Sousa perdese o seu navio.

Anno 1650.

to; porém naõ reparando na grande desigualdade do poder, pelejou taõ valerosamente, que o navio se naõ rendeo em quanto elle teve vida, que acabou com a mayor parte dos que o acompanhavaõ. Teve melhor successo Manoel Pacheco de Mello; porque achandose na boca da barra entre a Armada do Parlamento, teve tanto acordo, que ligado o navio á ponta de huma espia, mandou a outra para terra, e desta sorte pelejou largo espaço com a artilharia, sem os Parlamentarios se atreverem a atracalo, com o temor de que usando da prevençaõ, que elles vîraõ que havia feito, obrigaria sem falta a darem á costa os que o atracassem. Socegada a tormenta, e dividida a Armada, deraõ os Parlamentarios vista da frota do Brasil, de que levàraõ quinze navios; e começando o Inverno a entrar com grande rigor, largàraõ os nossos mares, e desembaraçáraõ a sahida aos Principes, que seguîraõ a sua derrota, partindo com o devido reconhecimento dos grandes beneficios que receberaõ neste Reino: pois depoz ElRey (á instancia do Principe D. Theodosio) só por soccorrellos, muitos, e relevantes interesses politicos.

Defendese Manoel Pacheco cõ valor, e industria.

Tomão os Parlamentarios 15 navios da frota

Sahem os Principes.

Os negocios de França naõ tiveraõ este anno mudança. Assistia naquella Corte, depois de se ausentar della o Marquez de Niza, Christovaõ Soares de Abreu, como fica referido, e as alteraçoens daquelle Reino, que occasionou o demasiado poder do Cardeal Massarino, naõ davaõ lugar a mais negoceaçaõ, que a de sustentarse a amizade contrahida, e ajustada por tantas consequencias relevantes.

As diligencias de Roma haviaõ sido por todos os caminhos taõ infelices, que desenganado ElRey de que era impossivel conseguir o recurso que desejava, se dispoz a obedecer ao Summo Pontifice, como sempre havia executado, em todas aquellas materias, que naõ offendiaõ os privilegios da Coroa, que em consciencia estava obrigado a defender, confórme os pareceres dos mayores Letrados de toda Europa, e a usar de todas as instancias que em Roma lhe podiaõ ser permittidas: porém absteveſe das negoceaçoens, que entendeo podiaõ molestar

lestar

lestar ao Summo Pontifice. E como nesta materia naõ houve mudança, poucas vezes teremos occasiaõ de tratar della.

Anno 1650.

Francisco de Sousa Coutinho, por lhe naõ haver chegado ainda successor, continuava em Holanda os mais importantes negocios que neste tempo tocavaõ á Coroa de Portugal. Os Holandezes sentidos dos seus artificios, buscavaõ os caminhos mais extraordinarios para decifrar as suas proposiçoens, a que difficilmente se atreviaõ a dar credito. Para sairem desta duvida, ganhárão hum Capitaõ de Cavállos Francez por ser casado com huma Zelandeza, e o persuadîraõ a que intentasse corromper a fidelidade de hum Secretario de Francisco de Sousa tambem Francez, promettendolhe grande satisfaçaõ, se acaso conseguisse entregarlhe o Secretario as cartas que El-Rey lhe escrevia, para que examinadas, e tornadas a pôr no mesmo lugar, pudessem averiguar os termos a que podia chegar com as propostas de Francisco de Sousa a credulidade dos Estados. Tomou o Francez por sua conta a diligencia, obrigado das promessas que lhe fizeraõ: buscou o Secretario de Franscisco de Sousa, offereceolhe, confórme a commissaõ que trazia, larguissima recompensa. Disselhe que lhe daria moldes para falsificar as chaves, e que a importancia da materia era a melhor fiança do segredo, com que nunca podia perigar a sua reputaçaõ. Respondeo o Secretario, que o negocio que lhe propunha era taõ grave, que era necessario tempo para considerar nelle; que brevemente lhe daria a reposta. Logo que o despedio, procedendo como devia, deu conta a Francisco de Sousa: e vendo elle aberto o caminho, assim de tomar justa satisfaçaõ do engano que os Estados lhe queriaõ fazer, como de usar de novos artificios para impedir os soccorros do Brasil, deu ordem ao seu Secretario (depois de lhe agradecer, e remunerar a constancia da sua fé) para que respondesse ao Capitaõ, que o havia tentado, que persuadido das suas razoens, dandolhe chaves por moldes (que lhe entregou) se obrigava a lhe dar todas as cartas que ElRey escrevia a Francisco de Sousa. Contente desta reposta se partio o Capitaõ, e

Intentão os Holãdezes corromper o Secretario de Francisco de Sousa.

Descobre o Secretario o intento, usa d'lle o Embaixador em utilidade dos negocios.

Anno 1650.

o tempo que se gastou em se forjarem as chaves, empregou Francisco de Sousa em lançar sobre sinaes em branco, que tinha delRey, as ordens que podiaõ ser mais ajustadas aos seus intentos, e mais forçosas para persuadir aos Holandezes a darem credito ás suas proposiçoens. Vieraõ as chaves, entregáraõse as cartas; e foy taõ util este naõ imaginado accidente, que fez suspender huma Armada, que estava prevenida para o soccorro de Pernambuco.

Francisco de Sousa naõ attendia só aos cuidados que tocavaõ a sua commissaõ: porque conseguindo verdadeiras intelligencias de varias negoceaçoens que os Castelhanos faziaõ contra este Reino em todas as partes de Europa, alcançou que a Armada dos Parlamentarios, que esteve sobre a barra de Lisboa, fora fomentada pela diligencia dos Castelhanos; e que para segurar a empreza, haviaõ dado a entender aos Inglezes, que huma Armada que preveniraõ, e depois sitiou Porto Longon, era contra Portugal. Ao continuo trabalho, que Francisco de Sousa padecia em Holanda, sobreveyo hum accidente, que lhe poz em contingencia a vida, e a de toda a sua familia. Estando huma manhaã em sua casa com o Residente de França, succedeo que parando á sua porta hum cocheiro Holandez, que havia sido seu criado, lhe apontou por zombaria hum muchila Portuguez huma espingarda, perguntando se queria que lhe atirasse. Respondeolhe o cocheiro que sim, entendendo que estava descarregada. Disparou-a o muchila, ignorando que tinha huma carga de muniçaõ, ferio o cocheiro na cabeça, e rosto, e ao estrondo se ajuntou tanta gente, que sem mais causa que verem as feridas, investíraõ a casa de Francisco de Sousa. Resistio elle, e os seus criados o primeiro impeto, e mandou cerrar as portas. Cresceo a gente, e na força do combate foy soccorrido do Capitaõ da Guarda do Principe de Oranje com huma Companhia, e querendo soccegar os amotinados com palavras, cresceo o perigo; porque o fizeraõ retirar ás pedradas da janella, e começaraõ a bater com tanta furia as portas com hum mastro, que reconhecendo Francisco de Sousa que naõ

Amotinase o povo contra o Embaixador.

eraõ

eraõ capazes de resistir, mandou abrilas. Sahio contra a furia do povo o Tenente da Guarda com alguns soldados, fez retirar o tumulto, e recolheose com algumas feridas. Tanto que cerrou a noite, tornou o povo, com mayor furia: porém havendose reforçado a guarda de casa do Embaixador, e saindo a rebater o assalto dos amotinados, os maltratáraõ de sorte, que matando huns, e ferindo outros, os obrigáraõ a desistir de todo da empreza. Os Ministros dos Estados mandáraõ aconselhar a Francisco de Sousa, que sahisse alguns dias da Corte para divertir o desasocego do povo: porém elle respondeo, que o sucesso passado naõ fora accidente de qualidade, que o fizesse retirar de sua casa. Poucos dias assistio nella, porque a sete de Setembro chegou a Haya Antonio de Sousa de Macedo, que ElRey havia mandado succederlhe com titulo de Embaixador Ordinario. Francisco de Sousa passou brevemente à embaixada de França, como veremos, e os Estados tiveraõ duvida em receber Antonio de Sousa, sem mostrar ordem para concluir os ultimos capitulos da paz, assentada, como diziaõ, com Francisco de Sousa; e depois de varias questoens, foy admittido. Poucos dias depois de chegar áquella Corte, morreo nella o Principe de Oranje de bexigas.

Anno 1650.

Passa Francisco de Sousa por Embaixador a França, fica em Holanda Antonio de Sousa de Macedo.

Em Londres naõ havia Ministro delRey depois de se retirar daquella Corte Antonio de Sousa de Macedo: e assim tornaremos a buscar na America os sitiadores do Arrecife.

Com o felice successo da segunda victoria, ganhada nos montes Gararapes aos Holandezes, deixàmos em Pernambuco o Mestre de Campo General Francisco Barreto. Sentido Segismundo de tantos casos adversos, solicitava todos os caminhos de restaurar a perdida opiniaõ: e entendendo que a vigilancia dos sitiadores estaria menos activa, na confiança do pouco poder dos sitiados; ordenou que sahisse hum grosso de Infantaria a attacar o alojamento do Mendoça, que governava o Capitaõ Antonio Borges Uchoa. Antes de amanhecer chegàraõ os Holandezes ao alojamento; porèm acharaõ taõ differente vigilancia da que suppunhaõ, que encontràraõ antes de

Successos do Brasil.

Sortida dos Holandezes, que se retiraõ com perda.

Anno 1650.

de chegar às trincheiras o Capitaõ Antonio Borges com a ſua Companhia, e outras que ſe lhe aggregaraõ; porque prevenido do aviſo de duas ſentinellas que tinha ſobre a Praça, ſahio fóra das trincheiras a aguardar os Holandezes. Recebeo-os com taõ repetidas cargas, que facilmente os obrigou a voltarem as coſtas, deixando na campanha ſete mortos, e levando quantidade de feridos. Outras ſaidas fizeraõ os Holandezes de menos importancia, de 25 de Agoſto, em que eſta ſuccedeo, até ſete de Outubro, dia em que Segiſmundo mandou ſair toda a Infantaria da Praça com intento de ganhar o alojamento, a que dava nome de Aguiar o Capitaõ Manoel de Aguiar, que o governava, ſituado defronte da Fortaleza dos Affogados: e naõ podendo conſeguillo, roça lhe o mato, que ſe interpunha na diſtancia que havia de huma, e outra fortificaçaõ, para ficar deſembaraçada a viſta, e poder laborar a artilharia da Fortaleza contra o alojamento, de que os ſitiados recebiaõ muito damno pelas continuas emboſcadas que fazia o Capitaõ Manoel de Aguiar. Foraõ os Holandezes ſentidos das ſentinellas, recebeo os o Capitaõ fóra do alojamento, e fez nelles tanto eſtrago, que voltaraõ as coſtas, e ſe recolheraõ à Fortaleza dos Affogados arrependidos do intento. Suſpendèraõ alguns dias as ſaidas: a 15 de Dezembro uuîraõ a mayor parte das guarniçoens, e ſe emboſcaraõ de noite em hum mato junto ás ſalinas de Franciſco do Rego. Entendèraõ que naõ haviaõ ſido ſentidos; porém ſuccedeo pelo contrario, porque tendo aviſo os Capitães Antonio Ferreira Machado, e Appolinario Gomes Barreto, com a gente das ſuas guarniçoens inveſtíraõ os Holandezes, que eſtavaõ na emboſcada, e ainda que achàraõ veleroſa reſiſtencia, a ſuperáraõ, depois de durar o conflicto largo eſpaço, ſeguindo-os até as ſuas fortificaçoens. Morreo neſta occaſiaõ o Capitaõ Appolinario Gomes, ficaraõ alguns ſoldados feridos; os Holandezes levaraõ muitos mais, e deixaraõ na campanha quantidade de mortos. Faltava aos ſitiados o ſoccoro de Holanda, que havia tempo eſperavaõ, porque a induſtria de Franciſco de Souſa, e os poucos cabedaes da Companhia Occidental haviaõ ſuſ-

pendido

pendido as resoluçoens de Holanda, como fica referido. Era tambem de grande prejuizo aos sitiados a nova fórma que ElRey havia dado ao Commercio com a Companhia do Brasil: porque como todos os navios mercantìs navegavaõ em frota, haviaõ os Holandezes perdido as utilidades que tiravaõ das muitas prezas que faziaõ antes desta bem ordenada disposiçaõ. Achavase Segismundo embaraçado, naõ só destes inconvenientes, senaõ tambem da difficuldade de se valer dos fructos da campanha, pela continua vigilancia de Francisco Barreto, que lhe atalhava todos os caminhos que pertendia seguir para lograr o intento proposto. Reconhecendo que era pela parte da terra infructuosa toda a diligencia, embarcou quinhentos Infantes, com ordem que sahissem em terra no Rio de S. Francisco, e conduzissem a mayor preza que lhe fosse possivel. Deraõ à véla nos ultimos dias deste anno. Teve Francisco Barreto noticia do intento, e do numero da gente, e com toda a diligencia ordenou ao Sargento mór Antonio Dias Cardoso, que marchasse com quinhentos Infantes a impedir esta resoluçaõ. Chegou elle a tempo, que os Holandezes informados da sua jornada se haviaõ retirado sem preza alguma. O mesmo fez Antonio Dias; e Francisco Barreto, vencendo grandes difficuldades com generosa constancia, continuou o assedio.

Anno 1650.

Recontros de Tangere.

Deixámos governando a Cidade de Tangere ao Baraõ de Alvito. E como a conservaçaõ daquella Cidade consistia nos interesses que se tiravaõ da campanha, mandou aos Almocadens espiar a Mesquita, parte em que os Mouros com mayor descuido traziaõ quantidade de gados. Feita esta observaçaõ, se armáraõ seis barcos com sessenta homens, saltáraõ em terra, fizeraõ grossa preza, recolhéraõse pela praya, aonde os sahio a receber o Adail com a Cavallaria, e chegando até a Boca de Almargem, naõ foy visto dos Mouros que andavaõ no campo em grande numero, com que toda a preza chegou á Praça. Seguiraõse a esta outras entradas, de que estimulados os Mouros entráraõ com grande poder no campo de Tangere: correraõno depois dos nossos Cavalleiros o darem

Anno 1650.

por ſeguro, e querendo o Adail recolher a gente que eſtava dividida, o executou com grande trabalho. A confuſaõ accreſcentou o receyo, e ſeguidos os Cavalleiros dos Mouros, paſſáraõ da Tranqueira Nova á Tranqueira da Fome, e fazendo o Adail valeroſa reſiſtencia, lhe poz hum Mouro a lança nos peitos, e naõ podendo paſſarlhe o colete o derrubou do cavallo. Intentou cortarlhe a cabeça, e o executára, conforme o temor dos Cavalleiros, ſe lhe naõ acodira Joaõ Fernandes Caravela, e a ſeu exemplo alguns que o acompanharaõ. Livraraõ o Adail das mãos dos Mouros, e os fizeraõ retirar. Paſſados alguns dias, tomandoſe lingua na Meſquita, conſtou ao Baraõ que nos lugares de Greguiz, e Cacidnude traziaõ os Mouros quantidade de gado. Mandou ao Adail Ruy Dias da Franca com cento e cincoenta Cavalleiros, de que ſeu filho D. Franciſco Lobo levava a vanguarda, a que naquella guerra, ſegundo o idioma antigo, chamaõ dianteira. Entrou o Adail, e achou os Mouros taõ deſcuidados nos Aduares, que cativou alguns, e ſe retirou com huma groſſa preza.

Succeſſos de Mazagaõ.

Tambem deixámos governando a Praça de Mazagaõ a Nuno da Cunha, e como era pratico naquelle terreno, conſtandolhe que os Mouros padeciaõ grande falta de mantimentos, fez hũa entrada com todos os Cavalleiros, e chegando a alguns Aduares ſem ſer ſentido, matou mais de trezentos Mouros, e trouxe cativos quarenta e ſete. E foy de qualidade o aſſombro que os Mouros tiveraõ, vendoſe repentinamente aſſaltados, que conſtou que hum ſó dos Cavalleiros, que foraõ com Nuno da Cunha, matàra dezaſete. Recolheoſe com preza muito conſideravel, e dentro de poucos dias chegou áquella Praça D. Franciſco de Noronha com ſeu filho D. Marcos. Quiz D. Franciſco que D. Marcos tiveſſe a primeira doutrina em os Aduares dos Mouros; mandou-o com ſeſſenta Cavallos; e como os Mouros padeciaõ ainda a falta de mantimentos, os achou taõ deſanimados, que depois de mortos quantidade delles, e outros priſioneiros, ſe recolheo com huma groſſa preza, matando D. Marcos hum Mouro, e cativando outro, procedendo na entrada com valor, e prudencia.

D. Franciſco de Noronha governa Mazagaõ.

Du-

Durava na India o governo de D. Filippe Mascarenhas, e como era este anno o ultimo da tregoa dos Holandezes, começaraõ a mostrar o desejo que tinhaõ de romper a guerra, e determinaraõ occupar antes da tregoa acabada o Reino de Jafanapataõ, pela parte do Sul contracosta da Ilha de Ceilaõ. Mandou D. Filippe soccorrello com huma Armada, de que era Capitaõ mór D. Rodrigo de Monsanto, filho natural do Marquez de Cascaes. Deiva receose a noticia da guerra de Holanda, e retirouse D. Rodrigo sem mais successo que huma pendencia que teve com o seu Almirante Agostinho Ferreira, e com pouca causa lhe deu algumas cutiladas, de que o Almirante ficou aleijado, sendo soldado de valor, mas de fortuna infelice, pelo costume de se apartar do merecimento. Partiraõ este anno para a India o galeaõ S. Joaõ Evangelista, Capitaõ Joaõ da Costa. (Foy nelle embarcado o Conde de Aveiras, segunda vez eleito Viso-Rey daquelle Estado, sem embargo dos muitos annos, e achaques que padecia: fezlhe ElRey varias mercês, e entre ellas o Titulo de Marquez, chegando ao Estado, que naõ logrou por morrer na viagem.) O galeaõ S. Jorge, Capitaõ mór Luiz Velho; o galeaõ S. Francisco, Capitaõ Luiz Corte Real; N. Senhora de Nazareth, Capitaõ Antonio Barreto Pereira; e as caravelas N. Senhora de Nazareth, Capitaõ Antonio de Lemos; e S. Francisco, Capitaõ o Padre Manoel da Fonseca da Costa.

Anno 1650. Successos da India.

O Conde de Aveiras vay á India por Viso-Rey.

Entrou o anno de 1651, e governava as Armas na Provincia de Alentejo D. Joaõ da Costa, porque o Conde de S. Lourenço divertido com as occupaçoens politicas naõ voltou a governar as Armas até o anno de 1657, e quasi todo este tempo esteve aquella Provincia entregue á direcçaõ de D. Joaõ da Costa, que conseguio em todo o tempo do seu governo fiorecerem em Alentejo em seu inteiro vigor o valor, e a justiça: e supposto que pelo tempo adiante se lográraõ as mayores facçoens militares, a sua doutrina, e disposição foy a base que as segurou. Entrou a governar o anno antecedente ao que continuamos, com os bons successos que referimos: porém a falta de mantimentos originada da pouca diligencia dos

Anno 1651. Successos de Alentejo q governa o Mestre de Campo General D. Joaõ da Costa.

Aſſentiſtas, era de qualidade que para ſe ſuſtentarem as Companhias de Cavallos, foy preciſo retirarem ſe algũas de Elvas, e Campo Mayor para lugares interiores da Provincia. Alcançáraõ eſta noticia os Caſtelhanos, e animados da pouca oppoſiçaõ que conſideravaõ, ſahiraõ de Badajoz com 1200 Cavallos, e 600 Infantes, e levaraõ de Villa boim huma groſſa preza, naõ ſendo poſſivel impedirſelhe pela viſinhança de Badajoz, a que logo ſe recolheraõ. Era ardentiſſimo o eſpirito de D. Joaõ da Coſta, e naõ ſocegava ſem a ſatisfaçaõ dos mais leves accidentes que o moleſtavaõ. Fez melhorar a falta de mantimentos, e tendo noticia que na Villa de Salvaterra, ſituada huma legua da Cidade de Xerez, e ſeis de Olivença, eſtava alojado o Commiſſario Geral Joaõ de Rozales com algumas Tropas, ordenou ao General da Cavallaria Andre de Albuquerque, que com mil Cavallos, e oitocentos Infantes, que ſe tiraraõ dos Terços de Olivença, marchaſſe a ganhar Salvaterra, e que puzeſſe grande cuidado em que naõ ſahiſſem daquella Villa as Tropas que nella ſe alojavaõ. Em Olivença ajuntou Andre de Albuquerque as Companhias deſtinadas para a empreza, e continuou com tanto ſegredo a marcha até Salvaterra, que antes de ſer ſentido dos Caſtelhanos, haviaõ as noſſas Tropas occupado os poſtos convenientes, que impoſſibilitavaõ poderem ſair da Villa as Tropas Caſtelhanas. Com pouca reſiſtencia entrou nella a Infantaria, e com a meſma facilidade ganhou o Caſtello, que ſe levantava em hum ſitio pouco deſviado. Foy grande o deſpojo, porque a Villa conſtava de quatrocentos fogos. O Commiſſario Geral eſtava auſente, e ficáraõ ſó rendidos cem ſoldados montados de duas Companhias de Cavallos com dous Tenentes que as governavaõ. Cuſtou a empreza a vida a tres ſoldados noſſos. Retirouſe Andre de Albuquerque a Olivença, e algumas Tropas dos Caſtelhanos que acodiraõ ao rebate, naõ deraõ viſta mais que do incendio de Salvaterra. Foy eſta a primeira empreza em que ſe achou D. Luiz de Menezes, e recolheoſe levemente offendido em hum braço, effeito de alguma reſiſtencia que ao entrar das caſas da Villa fizeraõ os Caſtelhanos: e obrigado

Anno 1651.

Preza dos Caſtelhanos em Villa boim.

Ganha Andre de Albuquerque Salvaterra.

do do escrupulo da moderaçaõ que deve professar quem se acha forçado a escrever entre as acçoens commuas successos proprios, lhe pareceo advertir que a obrigaçaõ da historia o empenharà muitas vezes a alterar as leys da modestia, referindo as acçoens em que teve parte, como se lè em graves Authores antigos, e modernos.

Anno 1651.

Poucos dias depois de chegar a Elvas o General da Cavallaria, o tornou a mandar D. Joaõ da Costa com as Tropas de Elvas, e Campo Mayor a armar á Cavallaria de que constava o presidio de Badajoz. Costumava este Troço no principio da Primavera sustentarse da forragem do Rincaõ, sitio muito fertil entre os rios Caya, e Guadiana. Sahio de Elvas Andre de Albuquerque, e fez alto junto ao Forte de S.Christovaõ, encuberto com hum monte, chamado a Casa delRey, e D. Joaõ da Costa, que sahio de Elvas ao mesmo tempo, ficou junto ao rio Caya, huma legua de Badajoz; e havia ajustado com Andre de Albuquerque, que logo que as Tropas se apartassem daquella Praça lhe faria sinal para que sahisse a cortalas entre a Cidade, e Caya: porque Guadiana se naõ vadeava com as muitas aguas do Inverno. Os Castelhanos casualmente deixáraõ de sair aquelle dia á forragem, com que se livràraõ do perigo que os ameaçava. Só cahiraõ nelle vinte e cinco Cavallos, e algum gado, que D. Joaõ da Costa mandou restituir aos Conventos de Badajoz, de quem constou que era. Retirouse D. Joaõ da Costa, e mandou ordem a Manoel de Saldanha para armar ás Tropas da guarniçaõ de Albuquerque. Executou-a, e rompeo-as; porém em sitio taõ estreito, e visinho a Albuquerque, que lhe ficáraõ só vinte e cinco cavallos, e entre os soldados prisioneiros o Capitaõ D. Francisco Carassas. Continuava a falta de mantimentos, e por este respeito se achava incapaz de trabalho a mayor parte da cavallaria. Impaciente D. Joaõ da Costa deste forçoso embaraço aos seus disignios, buscou caminho de conseseguir com pouco empenho a utilidade de occasionar grande prejuizo ás Tropas inimigas. Constoulhe que os Castelhanos haviaõ mandado dar verde a quatrocentos cavallos aos prados de Medelhim, dezaseis leguas de Campo

 Mayor:

Anno 1651.

Mayor; deu ordem ao Capitaõ Manoel de Saldanha, que mandasse matar estes cavallos. Fiou elle do seu Tenente Francisco Lobo a difficuldade desta empreza; escolheo o Tenente dez Cavallos, e duas vezes que intentou a jornada, o obrigáraõ a retirarse partidas do inimigo que encontrou. Naõ desistio da empreza, e na terceira jornada logrou o fim pertendido. Guardava os cavallos do prado huma partida de quinze; rompeo-a o Tenente, e gastando a mayor parte do dia em matar os cavallos que andavaõ prezos, se retirou, deixando mortos quasi todos. No caminho encontrou huma partida de dezasete soldados, que fez prisioneiros; e na falta de remonta perdéraõ grande augmento as Tropas Castelhanas. Suppriraõna brevemente com grossas levas, e accrescentáraõ de sorte os aprestos, e dispośiçoens, lançando voz que o nosso Exercito sahia em campanha, que poz esta noticia em grande cuidado a D. Joaõ da Costa; porque a nossa Infantaria era pouca, os cavallos com a falta de mantimentos estavaõ inuteis, as fortificaçoens das Praças principaes pouco capazes, e totalmente faltas as Praças de bastimentos, que as obrigava a infallivel perigo em qualquer sitio que padecessem, por mais breve que fosse. D. Joaõ da Costa fez a ElRey apertados avisos do estado em que se achava aquella Provincia, e ponderada a importancia desta materia, por ordem delRey, pelos Conselheiros de Estado, e Guerra, achandose hum dia juntos, fizeraõ huma elegante consulta a ElRey, de que resultou mandar a Alentejo quantidade de dinheiro, e preveniremse soccorros taõ consideraveis, que se desvanecèraõ os aprestos dos Castelhanos, fundados na politica de entenderem justamente que nós intentariamos alguma diversaõ que embaraçasse o sitio de Barcelona, a que dava principio D. Joaõ de Austria filho illegitimo de Filippe IV, e que rendeo pouco tempo depois em grande damno da nossa conservaçaõ, sendo a persistencia da guerra de Catalunha huma das mayores seguranças de Portugal, e que com pouco fundamento deixamos de fomentar. Mas como Deos dispunha as nossas victorias por caminhos mais gloriosos, divertia os meyos da arte, para que só resplandecessem

Francisco Lobo mata muitos cavallos aos Castelhanos.

Sitio de Barcelona.

decessem nos Portuguezes as virtudes herdadas da natureza. Animadas com os novos soccorros as fronteiras de Alentejo, especulava D. Joaõ da Costa com grande vigilancia todos os movimentos dos Castelhanos, para proporcionar conforme as noticias as guarniçoens das Praças. Resultou desta diligencia tomarem muitos Cavallos as partidas que continuamente assistiaõ sobre as Praças de Castella. Huma que sahio de Moura de trinta Cavallos, teve mais glorioso que felice successo. Era Cabo delles o Alferes Estevaõ da Rocha, e achandose cortado de sete Batalhoens, se retirou a huma casa, que encontrou no campo arruinada com a falta de habitadores. Sitiaraõna os Castelhanos, offereceraõlhe quartel, que naõ quiz acceitar, avançaraõno, e rebateo-os: puzeraõlhe varias vezes fogo à casa, de todas o extinguio; e ultimamente levàraõ os Castelhanos os cavallos que ficàraõ desmontados em hum patio da casa, e o Alferes, e soldados com dous mortos, e alguns feridos se retiràraõ a Moura.

Anno 1651

Acção valerosa do Alferes Estevão da Rocha.

Entre estes, e outros encontros de pouca consideraçaõ deu fim o Outono, e quando começava a entrar o Inverno, em hum dos primeiros dias de Novembro amanheceo à Provincia de Alentejo o Sol mais util, e resplandecente que pudèra fertilizala, se a inveja, e ambiçaõ de lisongeiros politicos, em todos os seculos poderosa destruiçaõ das Monarquias, naõ conseguîra escurecelo. Entrou em Elvas o esclarecido Principe D. Theodosio sem mais companhia, que a de D. Luiz de Portugal Conde do Vimioso, e Joaõ Nunes da Cunha seus Gentîs homens da Camara. Deliberouse o Principe a esta jornada, só aconselhado do seu valor; porque vendo que entrava em dezoito annos, e que havia conseguido no breve periodo da sua florecente idade as melhores sciencias, e a mayor eloquencia das linguas mais estimadas, quiz que o respeitasse Marte armado na campanha, como sabio o venerava Apollo na Corte, e que as victorias que esperava conseguir dos Castelhanos, fossem as azas com que voasse a fama, a immortalizalo entre as Naçoens mais remotas. Alguns mezes antes havia o Principe intentado fazer esta jornada, de que teve aviso D. Joaõ da Costa, e para que ha-

Entra o Principe D. Theodosio em Elvas.

Anno 1651.

havia feito grandes, e occultas prevençoens; porém dilatou-a com o temor de que ElRey prevenido de alguma noticia a desvanecesse. Chegou a executala o segundo dia de Novembro. Tomou Joaõ Nunes da Cunha por sua conta a prevençaõ da jornada, sem receyo da indignaçaõ delRey, de quem era muito favorecido. O Conde do Vimioso, ainda que o Principe lhe havia anticipadamente communicado o seu intento, acompanhou-o com o traje de Cortezaõ, por mostrar a ElRey que cooperava na deliberaçaõ do Principe mais como criado, que como Conselheiro. Sahio o Principe do seu quarto, situado sobre o Tejo, passou a Aldea Galega, e tendo Joaõ Nunes da Cunha cavallos prevenidos, marchou com diligencia, e antes de chegar á Venda do Duque, achou o General da Cavallaria com dez Cavallos na venda, e a Tropa de Diogo de Mendoça, que bastava para segurança daquelle transito, naquelle tempo pouco arriscado. De Estremoz a Elvas aguardáraõ o Principe quinze Tropas, e na Fonte dos C,apateiros tres Terços de Infantaria, vista em que se lhe conheceo generoso alvoroço. Entrando na Cidade lhe offereceo as chaves Andre de Albuquerque, e o levou de redea debaixo de hum palio, D. Joaõ da Costa fazendo o Officio de Alcaide mór, em lugar do Conde de S. Lourenço. Foy universal o contentamento dos soldados, porque naõ havia algum taõ humilde, que se naõ imaginasse author de huma victoria. Sinalavase com razaõ entre todos D. Joaõ da Costa, considerandose Mestre de Campo General do seu Principe, e de tal Principe, fiando justamente das suas virtudes, que haviaõ de saber desempenhar as suas obrigaçoens. Naõ era D Luiz de Menezes o que menos applaudia a sua fortuna, vendo que começava a principiar o exercicio da guerra, com quem havia aprendido os primeiros rudimentos da doutrina politica, e a quem na assistencia inseparavel de oito annos devera os mayores favores. O dia seguinte à noite em que o Principe sahio da Corte, amanheceo nella grandemente confuso; porque chegando a ElRey a noticia da sua jornada, sentio a ausencia como Pay; e publicouse que a temera como Rey. Chamou a Conselho de Estado, foraõ

Forma com que he recebido o Principe em Alentejo.

Effeitos da jornada do Principe.

raõ varias as idéas dos Conselheiros, e os mais delles fundáraõ o seu voto no interesse que lhes resultava em se estender, ou diminuir a jurisdiçaõ do Principe; porém a conclusaõ foy que ElRey escrevesse a seu filho, mostrandolhe a queixa com que ficava de lhe naõ haver communicado o seu intento, para lhe mandar prevenir mais decorosa assistencia para a jornada. O Conde de Miranda, e o Conde de Arcos seguiraõ ao Principe com beneplacito delRey, e todos os mais de que se compunha a sua familia. O mesmo executou a mayor parte da Nobreza. O Conde de S. Lourenço, que ainda conservava o titulo de Governador das Armas de Alentejo, por naõ ter successor, intentou seguir o Principe, querendo em occasiaõ taõ luzida tornar a continuar o exercicio do seu posto. Naõ lho permittio ElRey. Entendeose, que levado da particular affeiçaõ que tinha á grande prudencia, e zelo de D. Joaõ da Costa, e que naõ quiz que entre o Principe, e D. Joaõ se interpuzesse outro poder. Com o novo exercicio começáraõ a resplandecer as virtudes do Principe, e mostrando a justiça guiada pelos caminhos da prudencia, igualava o ardor de soldado ao primor politico. Naõ achando occasiaõ de mayor emprego, ordenou a Andre de Albuquerque marchasse com a Cavallaria a armar ás Tropas de Badajoz. Executou elle a ordem, e conseguio correlas até as portas da Praça. Retirouse desta occasiaõ taõ mal ferido o Capitaõ de Cavallos Lopo de Siqueira, que brevemente acabou em Elvas a vida. O Principe informado do valor com que havia procedido em varias occasioens, o honrou com tantos favores, que se naõ tiveraõ poder para lhe restaurar a vida, tiveraõ virtude de lhe immortalizar a opiniaõ, de que os Principes com acçoens semelhantes costumaõ ser os mais proprios Chronistas. Passou o Principe a ver Villa-Viçosa, e voltou brevemente a Elvas; e o mesmo tempo que gastou nestes exercicios, dispendeo em persuadir a ElRey quizesse mandarlhe dinheiro para satisfazer as muitas pagas que se deviaõ aos soldados; porque parecia acçaõ indecente baldaremse ao Exercito as esperanças bem fundadas que havia concebido, de ser aquella occasiaõ mais propria de sair

Anno 1651.

Morte do Capitaõ de Cavallos Lopo de Siqueira.

ſair da eſtreiteza, em que até aquelle tempo paſſava. Mandou ElRey Antonio Cabide, Secretario da Caſa de Bragança, e criado de que muito fiava, a aſſiſtir ao Principe, ou a examinar (conforme ſe entendeo) os intentos a que caminhavaõ as ſuas acçoens. Levava quantidade de dinheiro, porém com ordem ſecreta que o naõ entregaſſe ao Principe, ſenaõ em caſo que elle reſolutamente ſe deliberaſſe a naõ voltar á Corte. Antonio Cabide, que deſejava muito conſervar em ſi os cabedaes delRey, obſervou a ordem ainda mais apertadamente do que ElRey lha havia dado; porque vendo que o Principe carecia até do cabedal que era neceſſario para ſuſtentar o eſplendor, e magnificencia de ſua caſa, naõ houve remedio para ceder ás repetidas inſtancias que o Principe lhe mandou fazer. E conſeguio voltar para Lisboa quaſi com todos os cabedaes que havia levado. De Villa-Viçoſa remeteo o Principe a ElRey dous porcos montezes que matou na tapada; parecendolhe eſta propria offerta para liſongear o ſeu genio, inclinado à caça das féras mais robuſtas, e com eſpecialidade às da tapada de Villa-Viçoſa. Reſpondeo ElRey a eſta offerta, que ſem a ſua companhia nada lhe era agradavel, e que o deſafiava para a guerra dos porcos de Salvaterra; que era juſto fazela nos boſques, em quanto era razaõ ſuſpenderſe nas fronteiras. Vendo o Principe que lhe naõ era poſſivel vencer a deliberaçaõ delRey por nenhum caminho, e que prevaleciaõ os que emulos da ſua grandeza achavaõ diſpoſiçaõ na vontade de ſeu Pay, para encontrar o ſeu diſignio, naõ podendo perſuadilo nem com diligencias, nem com razoens carinhoſamente deſpendidas em muito aloquentes cartas, determinou voltar a Lisboa com intento de facilitar peſſoalmente os embaraços, que a induſtria dos Miniſtros delRey (incentivo dos ſeus ciumes) haviaõ levantado. Com eſta idêa partio o Principe de Elvas os ultimos dias de Dezembro com taõ efficaz deliberaçaõ de voltar brevemente a continuar o exercicio da guerra, que me diſſe, fallandome na ultima deſpedida neſta, e em outras muito importantes materias, que a garganta (em que poz a maõ) tiveſſe cortada, ſenaõ voltaſſe a Elvas antes

Anno 1651.

Volta o Principe a Lisboa.

antes de entrar a Quaresma. Porém como he tal a fragilidade dos homens, que nem soffrem os vicios, nem tolerão as virtudes, amando só as acçoens que resultão em interesses proprios, ainda que pelas conseguir cortem pelas utilidades communas, succedeo que prevalecendo contra as generosas idêas do Principe as diligencias dos que se oppuzerão à sua grandeza, veyo a largar com a vida o empenho de voltar a Alentejo, como em seu lugar com implacavel magoa mais particularmente referiremos. Ficou D. João da Costa continuando o governo da Provincia de Alentejo; e foy o Principe tão satisfeito das suas virtudes, que não perdoava para encarecelas aos mayores encomios. Mas não durou muito este favor; porque como as redes, e enredadores das Cortes costumão ser tantos, que nem os filhos estão seguros das idèas dos pays, ainda que sejão Principes, e Reys, pois a arte maliciosa instituhio no mundo a ambição do Imperio mais poderosa que a natureza; não forão poucos aquelles, que sendo de condição semelhante, levantárão tão injusta cizania entre o Principe, e D. João da Costa, que deste principio se começàrão a tecer os grandes infortunios que experimentou, ainda que com algum intervalo, até o fim da vida.

Anno 1651.

A Provincia de Entre Douro e Minho parece que se poupava para sustentar a grande guerra que tolerou os ultimos annos della. Continuava o seu governo o Visconde de Villa Nova, conservando os povos com a prudencia que lhe insinuava o grande entendimento de que era dotado, cultivado muitos annos na Universidade de Coimbra com a sciencia Theologica, em que se formou Doutor. Constoulhe que os Galegos aquartelavão as suas Tropas nos lugares da Portela, e Vieira, nas occasioens em que se união os soldados daquelle destricto com os de Monte-Rey; e querendo tirarlhes esta commodidade; mandou queimar estes lugares pelo Tenente de Mestre de Campo General Luiz de Oliveiros Famel com oitocentos Infantes, e setenta Cavallos. Conseguio o intento sem resistencia alguma, e retirandose com grande preza; pertenderão os Galegos tirarlha. Fez alto com intento de pelejar;

Successos de Entre Douro e Minho.

Luiz de Oliveiros queima alguns lugares de Galiza.

Anno 1651.

leiar; porém os Galegos naõ querendo tentar a fortuna, o deixaraõ retirar ſem embaraço. Neſte tempo ſe haviaõ levantado os Fortes de Santiago de Aytona, Filhaboa, e Fiolhedo. Perſuadîraõ os Galegos aos moradores dos lugares abertos daquelle deſtricto, que tornaſſem a povoalos (por haverem quaſi todos ſido deſtruidos, depois que o Conde de Caſtello-Melhor tomou Salvaterra) porque o amparo dos Fortes os ſegurava de todo o perigo. Dando os paizanos credito ás perſuaçoens dos ſoldados, que neſta viſinhança fundavaõ o ſeu intereſſe, tornáraõ a habitar alguns deſtes lugares, e entre elles o de Gandarella, que era o de mayor povoaçaõ. Pareceolhe ao Viſconde preciſo deſvanecer eſte intento, mandou queimar Gandarella pelos Capitães de Infantaria Manoel de Barbeitos, e Vicente de Baſtos. Executáraõ elles a ordem ſem oppoſiçaõ, e os Galegos dos outros lugares com eſte aviſo os deſpovoàraõ. Tornàraõ os ſoldados dos Fortes a perſuadilos, e rodeàraõ com hũa trincheira os lugares de Tortoreos, Porto Pedroſo, Linhares, e Outeirinho. Parecendolhe eſta baſtante defenſa, ſe deixaraõ enganar. Desbaratoulhes o Viſconde a ſegunda confiança: mandou inveſtir eſtes lugares, foraõ entrados, e totalmente deſtruidos: com que os ſoldados dos Fortes naõ puderaõ conſeguir a utilidade da viſinhança dos paizanos.

Sueceſſos de Traz os Montes, e Beira.

O Conde de Atouguia paſſou eſte anno na Provincia de Traz os Montes com grande ſocego; porque os Caſtelhanos, empenhados na guerra de Catalunha, faziaõ toda a diligencia por naõ provocar as noſſas armas, deſejando eſcuſar neceſſitarem de novos ſoccorros para oppoſiçaõ das noſſas emprezas. Foraõ pouco conſideraveis as de D Rodrigo de Caſtro no ſeu partido da Beira. Entraraõ os Caſtelhanos nos campos de Caſtello Rodrigo, e levando huma groſſa preza, lha tirou Pedro de Mello, que havia chegado a exercitar o poſto de Meſtre de Campo, com o ſeu Terço, e quatro Tropas, e obrigou os Caſtelhanhos a que ſe retiraſſem, tomandolhes alguns cavallos. O meſmo ſucceſſo tiveraõ humas Tropas que entraraõ pelo termo do Sabugal, derrotando-as em hum paſſo eſtreito, quando ſe retiravaõ, os paizanos do lugar

de

de Quadrassaes. Chegou neste tempo por Governador das Armas Castelhanas a Ciudad Rodrigo o Marquez de Tavora, e constando a D.Rodrigo de Castro que fazia novas levas, da Guarda onde estava, passou a Almeida, a se oppor aos primeiros intentos do Marquez de Tavova, infalliveis sempre em Generaes que entraõ de novo a governar as Armas de huma Provincia, desejando que os soldados das suas disposiçoens argumentem o seu prestimo. Porèm naõ succedeo assim nesta occasiaõ; porque durou poucos dias o Marquez de Tavora neste governo, e ficou entregue delle o Mestre de Campo D.Franscisco de Castro. D. Rodrigo solicitando novas emprezas entre a utilidade das pilhagens, ajuntou quatrocentos Cavallos, ajudados de alguns do partido de D.Sancho Manoel, e unindolhe cento e vinte mosqueteiros, marchou a queimar o lugar de Bocacara, tres leguas além de Ciudad Rodrigo, e mandou partidas roubar os campos do destricto de Salamanca. Recolheraõse com grossissima preza, e D. Rodrigo depois de queimar Bocacara, marchou a buscar o rio Agueda com pouca pressa, por dar lugar a que os Castelhanos intentassem tirarlhe a preza. Correspondeo o effeito á determinaçaõ, e appareceo D.Francisco de Castro formado com algumas Tropas, e Infantaria na fralda de huma serra, unico passo que os nossos soldados haviaõ de buscar. Formouse D Rodrigo, e marchou contra os Castelhanos: mas elles coroando com diligencia o alto da serra, deixáraõ livre o caminho, que D. Rodrigo seguio até Almeida sem outro embaraço. Era entrado o mez de Novembro, tempo em que o Principe D. Theodosio passou a Alentejo, e publicando D.Rodrigo de Castro que queria mostrar aos Castelhanos o novo espirito, que infundira em todos os soldados a galharda resoluçaõ do Principe, ajuntou mil e duzentos Infantes á ordem do Mestre de Campo Pedro de Mello, e trezentos Cavallos, de que era Cabo o Commissario Geral da Cavallaria Joaõ de Mello Feyo, e marchou a queimar a Villa de Bodaõ, que constava de seiscentos visinhos, rodeada de huma trincheira, e defendida de hum Forte, que estava aperfeiçoado, e com dous torreões que descortinavaõ a Villa,

Anno 1651.

Anno 1651.

Villa. Chegou D. Rodrigo a ella antes de amanhecer; e em quanto tres Castelhanos, que serviaõ nas nossas Tropas, entretinhaõ as sentinellas do Forte, dizendolhe que dessem parte ao Governador, de que vinha alojar naquella Praça a Cavallaria de Ciudad Rodrigo para entrar em Portugal, arrimou á porta do Forte o Sargento mór Francisco Soares hum petardo com taõ bom effeito, que deu lugar á Infantaria, que levava prevenida para o assalto, a entrar no Forte com pouca resistencia. Foy degolado o Governador, e quarenta soldados que se puzeraõ em defensa: entrouse a Villa, saqueouse, e queimouse. Retiraraõse os soldados com grande despojo, passaraõ por Ciudad Rodrigo à vista das Tropas, e Infantaria inimiga, que nem provocada com se render a D. Rodrigo a guarniçaõ de huma Atalaya visinha da Cidade, se resolveraõ a pelejar.

Ganha D. Rodrigo de Castro a Villa, e Castello de Bodaõ.

Tanto que o Inverno deu lugar a se poder marchar pelas campanhas, mandou D. Sancho Manoel o Capitaõ de Cavallos D. Joaõ Flux com duzentos aos campos de Coria. Correo-os, e saqueou-os livremente, e sentindo naõ poder provocar os Castelhanos, a que sahissem a tirarlhe a preza, que nelles fez, se recolheo com o alivio de a pôr em salvo, de que muito se usava na guerra daquelle tempo. Recolhido D. Joaõ Flux, mandou D. Sancho sair de Almeida, (que estava á sua ordem em ausencia de D. Rodrigo de Castro) ao Sargento mór Francisco Soares Homem com cem Infantes, e cincoenta Cavallos, a armar a huma Companhia de Infantaria com que os Castelhanos guarneciaõ o lugar de Freixeneda. Sahio ella ao rebate como se pertendia; foy investida, e derrotada, ficando mortos, e feridos quasi todos os soldados de que se compunha. Animado o Sargento mór do bom successo, correo a campanha, e se retirou com huma grossa preza. Satisfizeraõ os Castelhanos depressa este damno na ambiçaõ do Sargento mór Antonio Soares da Costa, que governava a Praça de Salvaterra; porque desejando fazer huma preza, vicio que os Cabos indignamente haviaõ introduzido no valor dos soldados, mandou sem ordem de D. Sancho ao Capitaõ de Infantaria Simaõ Heitor faze

Entra las em Castella por ordem de D. Sancho.

zer a preza com a sua Companhia. Foy sentido, e alcançado de algumas Tropas Castelhanas, que o derrotàraõ com pouca resistencia. Foraõ prisioneiros o Capitaõ, os mais Officiaes, e quarenta soldados; alguns ficàraõ mortos na campanha. Mandou D. Sancho prender Antonio Soares: e intentando pouco depois interprender a Praça da Carsa, pedio a ElRey, que lhe desse licença para o soltar, dizendo que fiava do seu valor que emendasse naquella empreza o erro passado. Naõ quiz ElRey permittilo, e escreveo a D. Sancho, que naõ podia haver utilidade alguma, que recompensasse o damno que resultaria a seu serviço, em ficar sem castigo a desobediencia, e ambiçaõ de Antonio Soares. As emprezas de huma, e outra parte haviaõ povoado as cadeas de prisioneiros: ajustouse daremlhe liberdade com interesse de ambas, e todos depois de soltos tornàraõ com mayor odio a solicitar novas contendas. D. Sancho tendo noticia que o Conde de Torresana, Governador do partido de Alcantara, unia as Tropas daquelle destricto com as de Ciudad Rodrigo, e havia aquartelado duas na Moraleja, mandou recolher os gados, e ordenou ao Mestre de Campo Joaõ Fialho, que com trezentos e cincoenta Infantes, e trezentos Cavallos, de que era Cabo o Capitaõ Joaõ de Almeida de Sovreiro, entrasse na campanha de Ciudad Rodrigo, e fizesse nella o mayor damno que fosse possivel, para divertir o intento dos Castelhanos. Fezse a entrada, rebanhouse o gado, e retirandose Joaõ Fialho com a preza, lhe sahiraõ os Castelhanos com a Cavallaria de Ciudad Rodrigo a procurar tirarlha na passagem do rio Agueda. Sem aguardar a Infantaria, avançou Joaõ de Almeida só com as Tropas, atacou a escaramuça com alguns batedores que andavaõ largos das suas Tropas, carregou os, e faltandolhes o soccorro, voltáraõ as costas, havendo feito o mesmo as Tropas com tanta brevidade, que ainda que foraõ seguidas até Ciudad Rodrigo perderaõ poucos cavallos, retirouse Joaõ Fialho com a preza, e as Tropas de Alcantara se separáraõ. Os Castelhanos, sentidos dos damnos que padeciaõ, fulmináraõ indigna vingança. Havia em Penamacor hum Capitaõ de Cavallos, chama-

Anno 1651.

Derrotaõ os Castelhanos huma Companhia por desordem.

Soltaõse os prisioneiros de huma, e outra parte.

Anno 1651.

do Joaõ Cordeiro, que tinha mostrado em varias emprezas grande valor, e felicidade. Havia travado correspondencia com hum Castelhado da Carsa por ordem de D. Sancho Manoel, e promettendolhe a interpreza desta Praça, se dispunha D. Sancho para a executar. Arrependido o Castelhano, deu parte aos seus Officiaes: deraõlhe elles ordem que procurasse matar Joaõ Cordeiro, e offereceose para o executar huma noite, comboyado de algumas Tropas. Chegou a Penamacor, e entrando por hum sitio que Joaõ Cordeiro lhe havia sinalado, lhe fez aviso, e levando-o para o lugar por onde havia entrado, divertindo-o com lhe communicar a fingida entrega da Carsa, lhe disparou huma pistola nos peitos, de que logo cahio morto. Ao sinal da pistola avançaraõ as Tropas inimigas, e entre a confusaõ, e estrondo sahio o Carsenho de Penamacor sem perigo, e os Castelhanos se retiráraõ com grande demonstraçaõ de alegria, como se houveraõ conseguido alguma licita victoria, e naõ tiveraõ offendido com o falso trato a opiniaõ das armas do seu Principe, e provocado o valor dos nossos soldados a tomarem mayor, e mais justa satisfaçaõ desta vileza. Sentio-a muito D. Sancho, que se achava em Penamacor, pedio licença a ElRey para naõ conceder quartel aos Castelhanos que se rendessem: porém ElRey amando as vidas dos seus Vassallos que podiaõ padecer igual damno; a naõ quiz permittir; advertindo a D. Sancho, que quando se lhe offerecesse occasiaõ semelhante, se prevenisse com mayor cautela, porque esta desattençaõ fora a causa da desordem succedida. D. Sancho Manoel desejando satisfazer a morte do Capitaõ Joaõ Cordeiro, ajuntou setecentos Infantes, e trezentos Cavallos, e entrou em Castella pela parte de Salvaterra. Corréraõ as partidas os lugares de Cachorrilhas, e Pescuessa, sitio aonde até aquelle tempo naõ haviaõ chegado. Recolheraõse com grande preza, e D. Sancho que os aguardava, se retiou por junto da Carsa com tanto vagar, que deu lugar a Masacan Commissario Geral da Cavallaria, a que chegasse á Carsa da Moraleja aonde estava alojado. Mostrou elle que desejava pelejar: mas vendo que D. Sancho fazia

Trato dobre de hũ Castelhano.

Retirase D. Sãcho com huma preza, e Masacan, se naõ atreve a pelejar.

zia alto com o meſmo intento, depois de recolher alguns Cavallos, retirou os batedores, e D. Sancho ſe recolheo a Penamacor, aonde achou hum Caſtelhano fugido do lugar de Robleda, por huma morte que havia feito. Era caſado, e deſejando conduzir a familia, e movel, propoz a D.Sancho o intereſſe de ſe queimar o lugar, ſe ſe fiaſſe da ſua conducçaõ, e ſeguroulhe que tiraria delle conſideravel deſpojo. Conſtou ſer verdade a cauſa com que ſe havia paſſado a Portugal, e D. Sancho com eſta noticia encõmendou a empreza ao Capitaõ de Cavallos Joaõ de Almeida de Loureiro, que a conſeguio com facilidade. Queimou o lugar, que era de trezentos viſinhos, e retirou a familia, e movel do Caſtelhano. O meſmo Joaõ de Almeida com a ſua Tropa, e a de Manoel Freire de Andrade, derrotou huma dos Caſtelhanos que com vinte e cinco Infantes levava algum gado do termo do Sabugal. Os Caſtelhanos, deſejando contrapezar os damnos recebidos, ajuntáraõ quatrocentos Cavallos, e fizeraõ huma groſſa preza na campanha de Penamacor. Sahio D.Sancho ao rebate com cento e quarenta Cavallos, e trezentos Infantes, deu viſta dos Caſtelhanos junto de Idanha a Velha: era perto da noite, e naõ lhe dando lugar a que marchaſſem pelo receyo da confuſaõ, pela manhaã depois de huma bem travada eſcaramuça, em que ſe perderaõ alguns cavallos de huma, e outra parte, ſe retiráraõ, deixando a preza, que haviaõ feito. Pouco tempo depois, fizeraõ os Caſtelhanos outra entrada com oitocentos Cavallos nos campos de Caſtello branco: foraõ ſentidos quando paſſáraõ o Tejo algumas Tropas que vieraõ de Badajoz, recolheraõſe os gados, ſahio D.Sancho ao rebate com trezentos Infantes, e cento e cincoenta Cavallos, e depois de queimar hum lugar pequeno, ſe retiráraõ ſem outro effeito.

Anno 1651.

Tira D.Sancho hũa preza aos Caſtelhanos.

Depois de Franciſco de Souſa Coutinho acabar a embaixada de Holanda, e lhe ſucceder Antonio de Souſa de Macedo, como havemos referido, lhe ordenou ElRey que paſſaſſe a França, por neceſſitarem as materias conſtrahidas com aquella Coroa da aſſiſtencia de Miniſtro taõ capaz como era Franciſco de Souſa Coutinho. Partio de

Chega a Pariz Frãciſco de Souſa Coutinho.

Anno 1651.

Brilha o primeiro de Janeiro, e ainda que arribou duas vezes; chegou a dezasete a Pariz. Teve logo audiencia do Cardeal Massarino, o qual sendo mayor o aperto em que se achava, originado da opposiçaõ que faziaõ á sua valia os Principes do Sangue, foraõ mais vehementes as queixas que lhe fez, de que ElRey naõ continuava com o vigor que podia a guerra de Castella, e juntamente as instancias de se lhe acodir com a mayor quantidade de dinheiro que fosse possivel, pertendendo mostrar, que esta era a principal causa dos màos succesos que na campanha antecedente haviaõ tido as armas de França, Italia, e Catalunha. Francisco de Sousa com bem ponderadas razoens, de que era grande mestre, lhe fez largas offertas: porém naõ chegou com o Cardeal a ajustamento algum, porque o poder de seus inimigos, muito a pezar da Rainha Regente, o obrigou a sair de Pariz, e passar a Alemanha a solicitar soccorros, que depois vieraõ a ser o seu total remedio. Estas revoluçoens naõ eraõ em utilidade nossa; porque a guerra civil dividia as forças de França, e a esta separaçaõ eraõ superiores as Armas de Castella. E como em damno de Portugal caminhavaõ todas as negoceaçoens ao intento da paz, a guerra civil era a mais propria medianeira para se ajustar.

Satisfaz ás queixas do Cardeal.

Sahe o Cardeal de Pariz.

Negocios de Roma.

Os negocios de Roma, naõ era poderoso o tempo para os fazer mudar de condiçaõ, nem os accidentes aconteciaõ a seu favor; porque assistindo naquella Curia o Cardeal de Este, e dilatandose nella mais do que o Pontifice entendia que era justo, lhe ordenou hum dia que se partisse para a sua Igreja, porque lhe fazia grande escrupulo o tempo que havia estado fóra della. O Cardeal, que era moço, e resoluto, lhe respondeo, que o escrupulo de Sua Santidade era muito justificado: porèm que assim como o tinha da conservaçaõ de huma só Igreja, naõ devia faltarlhe para o reparo de tantas, como em Portugal estavaõ sem Bispos; e que assim lhe protestava diante de Deos, e da parte delRey de França, de quem tinha commissaõ para o fazer, quizesse dar logo Bispos ás Igrejas de Portugal. O Pontifice ficou taõ embaraçado, que sem lhe responder, lhe voltou as costas, dizendo:

Instancias do Cardal de Este.

Eu

Eu tirarey o Capello a este moço. A que respondeo o Cardeal: *Eu porey outro de ferro.* Recolheose a sua casa, encheo-a de gente armada, plantou nas janellas peças de artilharia. Ajustouse este movimento; porém naõ tiveraõ melhor recurso as pertençoens de Portugal.

Anno 1651.

Negocios de Holanda.

Antonio de Sousa de Macedo, que succedeo na embaixada de Holanda a Francisco de Sousa Coutinho pelos seus mesmos passos foy encaminhando as negoceaçoens com as Provincias Unidas. Os máos successos que as suas armas experimentavaõ em Pernambuco faziaõ crescer o sentimento dos Estados. Em hum Congresso fez huma larga Oraçaõ o Presidente de Zelanda, chamado Vet, em que persuadio a guerra contra Portugal sem se admittir novo Tratado. Seguíraõ o mesmo parecer as Provincias de Utrech, Vuricel, e Friza, accrescentando; que se mandasse sair daquella Corte Antonio de Sousa. Foy de contrario parecer a Provincia de Holanda, e reduzindo ao seu voto as tres Provincias nomeadas, se ajustou que ao Embaixador se desse praso limitado para o ajustamento da paz; e que se dentro nelle senaõ concluisse na fórma que os Estados pertendiaõ, se declarasse a Portugal a guerra. Estas interlocutorias eraõ em grande beneficio nosso; porque na fórma daquelle governo, como era necessario para se ajustar qualquer materia grande concordarem muitos votos, e parte delles interessados nas mercancias de Portugal, ordinariamente se desvanecia a resoluçaõ, que se suppunha mais firme, e indissoluvel. Antonio de Sousa vendo moderados os impulsos de Holanda, se applicou ás negoceaçoens de Inglaterra; porque até aquelle tempo depois da morte delRey, naõ havia chegado áquella Corte Ministro algum deste Reino. Escreveo Antonio de Sousa a alguns mercadores que tinhaõ parte no governo do Parlamento, com quem havia tido amizade o tempo que havia assistido em Londres, que elle queria ser instrumento de se accommodarem as duvidas que se offereciaõ entre Portugal, e o Parlamento. Admittíraõ os Inglezes a pratica: pediraõ a Antonio de Sousa carta de crença delRey, remeteolha, havendo-a lançado sobre huma de algumas firmas que levava em bran-

Antonio de Sousa introduz negoceaçoens em Inglaterra.

Anno 1651

branco. Esteve esta pratica muito adiante; porém embaraçada com as diligencias dos Castelhanos, foy necessario esforçarse mais o nosso partido, e passou a Londres D. Manoel Pereira irmaõ segundo de Gonçalo Vaz Coutinho, em quem concorriaõ partes dignas da sua qualidade, ainda que as embaraçava alguma extravagancia, que o fazia mais estimado para Cortezaõ que para Ministro. Andava fóra do Reino obrigado de alguns successos que a justiça delRey naõ tolerava: chegou a Londres, e achando que os Inglezes queriaõ vender as caixas de assucar que haviaõ tomado na barra de Lisboa da frota do Brasil o anno antecedente, embaraçou esta resoluçaõ, e sustentou a pratica da concordia até chegar áquella Corte Joaõ de Guimaraens, que ElRey havia mandado a ella por Inviado. Foy nella admittido, e teve principio o tratado de accommodamento.

João de Guimaraens Inviado de Inglatera.

Com admiravel constancia continuava Francisco Barreto a guerra de Pernambuco, e ao mesmo passo que se augmentava a resoluçaõ de lhe ver o remate, se diminuhia nos Holandezes o vigor; e de sorte se deixava conhecer a debilidade dos seus animos nas occasioens que se offereciaõ, que chegou a ponderar Francisco Barreto, que podia ser industria, para que os nossos soldados na confiança, e desprezo do seu pouco valor se arrojassem com pouca prevençaõ a algũa temeridade. Estas idêas de hũa, e outra parte faziaõ as occasioens pouco consideraveis. No principio de Março mandou Francisco Barreto a Jacome Bezerra Sargento mór do Terço de Francisco de Figueiroa, que se emboscasse com trezentos Infantes escolhidos entre as Fortaleza das cinco Pontas, Affogados, e Barreta, em hum sitio, que era passagem forçosa por onde as Fortalezas se communicavaõ com o Arrecife. Depois de amanhecer, vio o Sargento mór que sahia do Arrecife hum barco com a proa na Ilha do Cheira-dinheiro. Animáraõse doze soldados com desusado valor á empreza de ganhar o barco, lançandose a nado com as espadas na boca. Approvou o Sargento mór o intento, e ainda que duvidou da execuçaõ, lhes deu licença, vendo a gloria que ganhavaõ nos meyos de emprender o que parecia impossivel

Successos do Brasil.

Acçaõ gloriosa de doze soldados

possivel de conseguir. Brevemente mostráraõ elles que era errado este discurso; porque lançandose á agua, e nadando os braços mais que os remos do barco, chegáraõ a elle, e depois de mortos seis Holandezes o renderaõ, trazendo outros tantos prisioneiros, e a mulher do Governador da Fortaleza da Barreta. Quiz elle acodirlhe com soccorro, mas reconhecendo a emboscada, antes de entrar no perigo della se tornou a retirar, e o Sargento mór, recolhidos com merecido applauso os doze soldados do barco, voltou para os quarteis sem outro effeito. Passados alguns dias, sahiraõ trezentos Holandezes da Fortaleza dos Affogados; atacáraõ vigorosamente o alojamento do Mendoça: foraõ rebatidos, e deixando seis mortos, e levando alguns feridos, se retiràraõ. Constou a Francisco Barreto que no Rio Grande tinhaõ os Holandezes quantidade de canaviaes, e roças, de que brevemente esperavaõ tirar o fructo: ordenou ao Capitaõ Joaõ Barbosa Pinto que marchasse com trezentos Infantes a destruir estes canaviaes. Executou elle a ordem com muito bom successo; porque depois de destruida, e queimada toda aquella campanha, constandolhe que quantidade de Holandezes, e Indios se haviaõ recolhido a huma fortificaçaõ ja destruida que tinhaõ reformado nas Guarairas, marchou a atacala. Porém os Holandezes, sem querer defenderse, se entregáraõ, e Joaõ Barbosa se retirou para os quarteis com oitenta prisioneiros, e quantidade de gado. Segismundo desejava com algum progresso animar os sitiados, e vendo que naõ podia conseguilo por outro caminho, determinou com a mayor parte do seu poder roçar o mato, que encobria o alojamento do Aguiar da Fortaleza dos Affogados, para que descuberto della, pudesse o damno da artilharia desalojar os nossos soldados daquelle sitio. Reconhecendo o Capitaõ Manoel de Aguiar, que o governava, esta determinaçaõ, convocando todos os Officiaes, e Soldados dos alojamentos visinhos, sahio do quartel, e investio taõ valerosamente aos Holendezes, que os rompeo, e os fez retirar com tanta perda, que passáraõ seis mezes, sem que se resolvessem a intentar outra saida. Francisco Barreto, segurandolhe estas circunstancias

Anno 1651.

Atacão os Holandezes hum posto, forão rebatidos.

João Barbosa Pinto queima os canaviaes, e rende hũ Forte dos Holandezes

Fazem os Holandezes hũa sortida de que se retirão com perda

cunstancias o felice successo daquella empreza, fazia apertadas diligencias com ElRey, com o Conde de Castello-Melhor, que continuava o governo do Brasil, e com os moradores de Pernambuco, para que na debilidade das forças dos Holandezes se augmentassem de qualidade as nossas, que conseguissemos ser duas vezes poderosos, huma pelo augmento do nosso Exercito, outra pela diminuiçaõ dos sitiados: naõ sendo justo darmos tempo a que os Estados livres dos embaraços de Europa, intentassem destruir na America taõ uteis despezas, e taõ gloriosos trabalhos.

Anno 1651.

Diligencias de Francisco Barreto para ser soccorrido.

Successos de Tãgere.

Governava Tangere, como ja referimos, o Baraõ de Alvito, e succedendo padecerem naufragio alguns navios que de Lisboa, e das Ilhas carregados de trigo passavaõ áquella Cidade, foy de sorte o aperto a que se reduzîraõ os moradores della, por falta de mantimentos, que chegaraõ a ter por sustento as hervas do campo. Acodio o Baraõ generosamente a esta falta, e com larga despeza da sua fazenda sustentou os enfermos, e quantidade de meninos que por falta de mantimento pereceriaõ sem o seu soccorro. Como este prejuizo chegava tambem aos cavallos, e naõ bastava só a herva para os sustentar, era muito difficil sairse ao campo sem grande perigo. Obrigados da ultima necessidade saîraõ a elle, e descobrindo hum Atalaya a Silada das Figueiras, a investîraõ os Mouros, e dandolhe com huma bala, corrêraõ a cativala. Foy soccorrida de trinta Cavalleiros, e livre das mãos dos Mouros á custa de muitas lançadas. No fim deste anno saindo o Baraõ a ganhar o sitio dos Pumares, corrèraõ da Atalainha cincoenta Cavallos, e naõ achando opposiçaõ, entráraõ pela Trincheira Nova, e chegáraõ até a da Fome, aonde matàraõ hum criado de hum Cavalleiro. O Adail, querendo remediar o impulso dos Mouros, acompanhado de alguns Cavalleiros, os investio, e os fez retirar, deixando quatro mortos, e hum guiaõ, que seguem, e defendem até o ultimo da vida, e com o nome de guiaõ explicaõ as nossas bandeiras. Seguio o Adail os Mouros até a Aboboda, parte em que haviaõ deixado a sua reserva. Constava de grande poder, voltou a nossa gente,

gente, e recolhida á Trincheira foy a contenda muito travada. Morrèraõ tres Cavalleiros, e dous Hervolarios de casa do General; ficáraõ outros feridos. Os Mouros recebèraõ grande perda, e pudéraõ padecela com menos damno nosso, se os Cavalleiros naõ saîraõ á campanha livre. Sinalouse nesta occasiaõ o Ouvidor Francisco da Fonseca, a quem matáraõ o cavallo, porque os livros das leys tambem muitas vezes ensinaõ a pelejar. O Baraõ mandou todos os soccorros convenientes, e hum Mouro chamado Gaylan, que era Cabo da empreza, lhe mandou dizer que a victoria fora sua, e que esperava conseguir outras mayores. Mas esta arrogancia naõ pode desluzir a occasiaõ.

Anno 1651.

Successos de Mazagaõ.

O Governo de Mazagaõ continuava D. Francisco de Noronha sempre com felice successo, assistido de seu filho D. Marcos, que muitas vezes no campo foy exemplo aos Cavalleiros para o naõ largarem sem reputaçaõ. Teve boa correspondencia com ElRey de Marrocos, a quem mandou hum grande presente por Antonio Furtado criado de sua casa, que foy delRey recebido com muitas demonstraçoens de contentamento, satisfazendo com largueza o presente que recebeo. Durou o governo de D. Francisco atè o anno de 54, e como naõ houve no discurso deste tempo acçaõ digna de memoria, nos naõ fica lugar de tocar nestes annos esta materia.

Successos da India.

D. Filippe Mascarenhas, que governava o Estado da India, foy este o ultimo anno do seu governo, e foraõ poucos os successos de que se possa dar noticia. Só a teve de que haviaõ occupado o Morro de Chaul os Chanderrâos, homens de baixa esféra, que se sustentaõ com os roubos que fazem nas terras do Idalcaõ, com quem confinaõ. Fez o Viso-Rey promptamente aviso a D. Alvaro de Ataide, que se achava em Baçaim, e ordenoulhe que com a gente daquella Praça, e a mais que pudesse ajuntar, marchasse a lançar fóra os Chanderrâos do Morro de Chaul. Executou D. Alvaro a ordem, e os Chanderrâos, tendo noticia que elle marchava para aquella parte, desoccuparaõ o Morro. Foy este anno por Capitaõ mór á India em o galeaõ S. Thomé Luiz de Mendoça

doça Furtado, o galeaõ Santo Antonio de Mazagaõ, de que foy por Capitaõ Joaõ de Salazar de Vasconcellos, e o patacho N.Senhora do Soccorro, de que foy Mestre Capitaõ Joaõ Vicente Calado, e entrou em Lisboa o galeaõ S. Filippe feito na India, de que era Capitaõ Gaspar Sinel.

Anno 1652.

Diligencias do Principe para tornar a Alẽtejo

O Principe voltou de Elvas a Lisboa no fim do anno antecedente a este, cujos successos começàmos a escrever, obrigado das razoens que ficaõ referidas. Empenhou toda a sua eloquencia em persuadir a ElRey seu Pay, quanto convinha á conservaçaõ do Reino permittirlhe que voltasse a assistir na Provincia de Alentejo, ou na Praça de Elvas, ou em Evora, ou na parte que parecesse mais conveniente. Apontava para conseguir o seu intento com verdadeiro discurso os progressos que os Castelhanos conseguiaõ na guerra de Italia, o remate que prognosticava a commoçaõ de Catalunha, e que o socego destes dous embaraços era certo vaticinio do perigo de Portugal, parecendo infallivel, que ElRey de Castella havia de applicar todas as Tropas, que escusava nas outras fronteiras, à guerra deste Reino, em que tinha os olhos, como mais nociva, e de mayor reputaçaõ: e que o verdadeiro caminho de divertir os progressos dos Castelhanos, era a sua assistencia em Alentejo, para que as pessoas, e os cabedaes de todos seus Vassallos, naõ podendo escusarse a este exemplo, servissem de constante muralha às forçosas invasões dos inimigos. Estas, e outras sinceras, e virtuosas proposiçoens despendia o Principe sem utilidade; porque o animo delRey fortificado com erradas politicas de alguns Ministros, naõ se deixou penetrar. E para que se julgasse prudencia o seu ciume, declarou ao Principe por Governador, e Capitaõ General das Armas de todo o Reino, de que lhe mandou passar patente, ficando todos os postos militares, e consultas que tocavaõ à guerra, subordinadas ao seu poder. Este remedio exterior accrescentou o damno intrinseco. Mas os soldados, que naõ penetravaõ idéas politicas, celebràraõ com excessivas demonstraçoens a fortuna do General que conseguîraõ. Remeteo o Principe a patente a

Nomea ElRey o Principe Capitaõ General do Reino.

D. Joaõ

D. Joaõ da Costa, para que a mandasse registar na Vedoria Geral do Exercito, e o mesmo se executou nas mais Provincias do Reino. D. Joaõ da Costa com o novo General cobrou novo espirito, e ainda que o atormentava muito a repetiçaõ da molestia do achaque da gotta, parecialhe que o valor dos braços bastava para supprir a falta dos pés. Varias vezes mandou armar às Tropas de Badajoz, e outras Praças: mas naõ resultou dos primeiros intentos mais effeitos, que remontaremse as nossas Tropas com muitos cavallos dos Castelhanos. Mandáraõ elles cem a tomar lingua a Olivença, perdéraõse quasi todos por industria do Commissario Geral Duquisné. Os Castelhanos, ainda que haviaõ baldado muitos intentos, naõ deixavaõ de procurar novas emprezas. Fizeraõ com algumas Tropas huma grande preza nos campos de Telena. Teve aviso o Tenente General Tamericurt, marchou elle, e Duquisné com as Tropas de Olivença: mas os Castelhanos levando horas de ventagem, se recolheraõ com a preza a Barca-Rota. Ficava diante da Praça hum grande campo, que descortinava a artilharia, e mosquetaria della, rodeava-o huma trincheira com porta que o cerrava. Pareceo aos Castelhanos este sitio seguro para deixar nelle a preza que haviaõ feito. Naõ correspondeo o successo á confiança; porque Tamericurt chegou a Barca-Rota, e desprezando o perigo com o desejo da vingança, fez desmontar algumas Tropas, e abrindo os Officiaes, e Soldados a porta do campo, tiràraõ a preza com pouca offensa das balas, por haverem executado este intento ao romper da manhaã. Saìraõ os Castelhanos ao rebate, e tornàraõ logo a recolherse, deixando quarenta cavallos. Retirouse Tamericurt a Olivença, e restituhio a preza aos lavradores, que a estimàraõ como quem a havia perdido sem esperança de restaurala. Naõ foy menos airoso o successo que as mesmas Tropas tiveraõ poucos dias depois deste; porque armando ás que assistiaõ em Badajoz, as carregàraõ com tanto vigor, que ficou prisioneiro o Tenente General da Cavallaria D. Francisco Hibarra, outros Capitães, e Officiaes, e cento e vinte cavallos, sem recebermos mais damno que retiraremse alguns

Anno 1652.

Successos de Alentejo.

Duquisnê desbarata cem Cavallos.

Levão os Castelhanos hũa preza de Telena.

Tamericurt tira a preza de Barca.Rota.

Rompem as nossas Tropas as de Badajoz com prizão do Tenente General Hibarra, e outros Officiaes.

Anno 1652.

alguns soldados feridos. As muitas virtudes de D. Joaõ da Costa, e os bons successos que conseguia, ateavaõ o fogo da inveja de seus inimigos; e communicandose os da Corte com os do Exercito, fulminavaõ por todos os caminhos a sua ruina. Porém elle fundando no desprezo dos emulos a satisfaçaõ dos aggravos, e tendo por unico objecto a reputaçaõ das Armas, e conservaçaõ do Reino, cada dia com mayores ventagens augmentava a gloria. Huma das ordens que o Principe distribuhio ás Provincias do Reino, depois de correr por sua conta o governo das Armas, foy que se naõ fizessem entradas em Castella, nem se pudesse trazer gado, nem queimar Aldeas: Que os Auxiliares se naõ convocassem para este fim, e que se tratasse com todo o cuidado das fortificações das Praças. Esta ordem podia ser mais propria para as outras Provincias, que para a de Alentejo, por ser differente a fórma da guerra, e o terreno; porém para todas trazia grandes inconvenientes: porque os bons successos que se alcançavaõ nas fronteiras, resultavaõ dos Lugares que se queimavaõ, e prezas que se faziaõ, e os Castelhanos naõ se abstinhaõ de roubar aos nossos lavradores, ainda que nós perdoassemos aos seus, e sem contrapezar este damno, era perigoso, e difficil de conservar a Cavallaria, assim porque os soccorros naõ eraõ bastantes para fazer persistir os soldados, como porque as remontas naõ eraõ sufficientes para se conservarem as Tropas, sendo tantos os cavallos que se tomavaõ aos Castelhanos, que havendo só hum anno, e dez mezes que D. Joaõ da Costa governava o Exercito de Alentejo, tinhaõ perdido os Castelhanos no discurso deste tempo 1400 cavallos, e nós poucos mais de cento; e depois nos annos que durou o governo de D. Joaõ, foy muito mayor o damno que os Castelhanos padeceraõ; porque a prudencia deste Fabio Portuguez naõ deixava lugar á fortuna para lhe divertir as disposiçoens. Sentio elle de sorte o pretexto que lhe prohibia as entradas em Castella, e lhe mandava que tivesse cuidado com as fortificaçoens a que tanto se havia applicado, mudandose pela sua industria a fórma da receita, e despeza com tanta utilidade do dinheiro applicado ás

Inconvenientes da ordem do Principe para cessarem as entradas.

forti-

fortificaçoens, que ja os baluartes de quasi todas as Praças eraõ firmes escudos daquella Provincia, e justa desconfiança dos Castelhanos. Havendo recebido D. Joaõ a carta do Principe que continha estas novas disposiçoens, e accrescentandolhe o sentimento mandarlhe que se registasse na Vedoria Geral do Exercito, respondeo promptamente, mostrando com elegantes razoens quanto prejudicava á conservaçaõ deste Reino suspenderemse as entradas em Castella, e justificando com toda a clareza o pouco interesse que tirava dellas, naõ admittindo outro algum mais que aquelle que se chamava joya, que ElRey havia dispensado aos Generaes. Mostrava tambem o que havia obrado a sua diligencia nas fortificaçoens das Praças; e ultimamente, como o seu animo era grande, e fogoso, e naõ pertendia do seu Principe mais que o louvor do seu zelo (unico objecto dos Varoens virtuosos) attribuhia a novidade que se usava com elle á industria de seus inimigos, os quaes dizia, haverem conseguido artificiosamente com o Principe este modo de descompor o seu procedimento: pois fiandolhe o Principe o governo daquella Provincia, lhe tirava os meyos de conseguir progressos semelhantes aos que até aquelle tempo havia alcançado, e outros mayores que fabricava; e que para que constasse aos seculos futuros a desconfiança que Sua Alteza havia concebido do seu procedimento, lhe mandava que registasse a carta, que continha estas ordens, na Vedoria Geral: e que conhecendo que naõ convinha á sua honra servir com este descredito, pedia a Sua Alteza fosse servido de lhe permittir licença para se recolher ao socego de sua casa. O Principe, como naõ obrava acçaõ alguma por respeito particular, conhecendo o zelo, e desinteresse de D. Joaõ da Costa, mandou revogar a ordem que se lhe havia passado, e escreveolhe huma carta taõ ornada de louvores, que o deixaraõ satisfeito da sua queixa, e novamente empenhado em amar, e servir o Principe. ElRey, a quem eraõ presentes todas estas materias, e estimava, como era justo, as virtudes, e fidelidade de D. Joaõ da Costa, o premiou com o Titulo de Conde de Soure, de que elle por ser esta mercé immediata

Anno 1652.

Razoens de D. Joaõ da Costa para se não executar a ordem de se não fazerem prezas.

Revoga o Principe a ordem, e satisfaz a queixa de D. João da Costa.

Fa-lo ElRey Conde de Soure.

diata á queixa referida, se deu por mais obrigado.

Anno 1652.

Apertavase o sitio de Barcelona, que D. Joaõ de Austria estreitava com mais industriosa constancia que poder, e os Francezes opprimidos das guerras civis naõ soccorriaõ, sendo que por todas as razoens politicas lhes convinha sustentar aquella Praça separada do governo de Castella. Formàraõ novas Tropas, reenchèraõ de Infantaria os Terços com numerosas levas em todas as fronteiras de Portugal, e esta diligencia que nos pudera servir de aviso para nos animarmos à Conquista, tendo certas noticias do perigo de Barcelona, nos accrescentàraõ o receyo, e naõ servîraõ mais que de adiantarmos algumas prevençoens para a defensa das fronteiras, como se os Castelhanos as houveraõ de conquistar em tempo que toda a sua felicidade era o nosso socego. Originavase esta desattençaõ de naõ ter o Principe (que era de parecer contrario) mais poder, que o de assinar consultas, e passar patentes, que servia só de lhe accrescentar o trabalho; porque as deliberaçoens da guerra pendiaõ da vontade delRey, entranhado na resoluçaõ de passar dias, e ganhar tempo, por lhe haver mostrado a experiencia de doze annos, que por este caminho se podia conservar, como se as regras do mundo corrèraõ sempre direitas pela mesma linha, a que as encaminha quem pertende governalas à medida dos seus interesses, e naõ se experimentáraõ ordinariamente taõ errados os pontos da fantesia, que he necessario pedir soccorro ao Sol para emenda dos seus desacertos. Accrescentava a confusaõ, e o embaraço em materias taõ importantes, ter principio em o Principe a larga enfermidade que veyo a tirarlhe a vida, e ao mundo a honra de o dilatar em si mais seculos. O Conde de Soure, naõ tendo poder para conseguir os progressos que desejava, valiase da prudencia, e da industria, em que sempre achava venturosos effeitos. Convocou as Tropas dos quarteis mais visinhos com tanta dissimulaçaõ, que naõ chegou esta noticia aos Castelhanos. Ajuntaraõse 1500 Cavallos, e dividiraõnos entre si Tamericurt, e Duquisnè; porque o General da Cavallaria Andre de Albuquerque se achava naquelle tempo em Lisboa. Passáraõ os dous

Errada politica delRey naõ soccorrer Barcelona

dous Cabos Guadiana, e ficáraõ emboscados dentro no Alcornocal visinho a Badajoz. Amanheceo, e sahindo daquella Praça hũa esquadra de Cavallos a descobrir a campanha (como era costume) a corrèraõ alguns nossos. Foy soccorrida das Companhias da sua guarda, e teve tempo de acodir ao rebate D. Alvaro de Viveros com todas as Tropas de Badajoz. Meteo-as em batalha, e foyse alargando, com perigo, da Praça (que era o intento pertendido) porém ainda em menos distancia da que era necessaria. Duquisnè, que estava mais visinho, parecendolhe o tempo conveniente, sem deixar que os Castelhanos se alargassem mais de Badajoz, avançou com valor, e sem ordem. Compoz o General as Tropas, fez alto, e aguardou o choque; e como as nossas investiaõ desfiladas, sustentou-o com muito valor. Recebeo na primeira investida Duquisné tres feridas, cahio morto o Capitaõ de Cavallos Sancho Dias de Saldanha, e alguns soldados; as mais Tropas faltandolhe Cabo, e disposiçaõ, avançaraõ com pouco vigor, e retiraraõse com muita preça. Vendo Tamericurt esta desordem, carregou impetuosamente com os seus Batalhoens: mas levando-os menos compassados do que convinha, fizeraõ os da vanguarda pouco effeito; porém os da retaguarda, que eraõ de D. Joaõ da Silva, D. Pedro de Alencastre, Duarte Fernandes Lobo, e Fernaõ de Mesquita, investìraõ juntos taõ valerosamente com os Castelhanos, que depois de lhe haverem resistido largo espaço, mortos huns, feridos outros, os desbarataraõ. As Tropas do Troço de Duquisné, e algumas de Tamericurt cegas do excessivo pó que se levantou, e perturbados com a desordem, se retiraraõ a Olivença, suppondo que deixavaõ todas as mais perdidas. Tamericurt formou as que lhe ficaraõ, fez retirar os feridos, recolheo os prisioneiros, em que entrava o Capitaõ de Cavallos D. Guilherme Tutavilla, sobrinho do Duque de S. German Mestre de Campo General que governava as Armas de Castella, e outros Officiaes, ficando muitos mortos na campanha, e retirandose ferido o General da Cavallaria, e outras pessoas de importancia. Recolheraõ as nossas Tropas mais de duzentos cavallos: ficou

Anno 1652.

Recõtro da nossa Cavallaria com a de Badajoz.

Morre Sancho Dias de Saldanha.

Desbarata a nossa Cavallaria a de Castella.

Anno 1652.

ficou ferido D. Pedro de Alencaſtre, Diniz de Mello de Caſtro, e D. Joaõ da Silva com huma perigoſa eſtocada pelo peſcoço: havia pouco tempo que occupava o poſto de Capitaõ de Cavallos, e em varias occaſioens tinha moſtrado grande valor, e ſumma prudencia, que depois exercitou taõ largamente, como veremos. As ſuas muitas virtudes inclinàraõ de ſorte o animo de D. Luiz de Menezes á ſua amizade, que negandolhe ElRey huma Companhia de Infantaria, em que o conſultou D. Joaõ da Coſta, parecendolhe que era de poucos annos, pedio a D. Joaõ da Silva nombramento de Sargento ſupra da ſua Companhia, que exercitou muitos mezes, depois de haver ſido Cabo de Eſquadra, exemplo que naõ deſagradou aos ſoldados; e neſte tempo em que D. Joaõ da Silva foy ferido; era ja D. Luiz Capitaõ da meſma Companhia, e foy a primeira patente que firmou o Principe D. Theodoſio, honrando-o com lhe repetir muitas vezes eſte favor: O Conde de Soure era taõ applicado á ordem, e diſciplina militar, que lhe diminuhio muito o contentamento do bom ſucceſſo da Cavallaria o deſacordo das Tropas que foraõ parar a Olivença; e aſſim como engrandeceo com muitos louvores os que procederaõ com valor, aſſim tambem prendeo, e reprehendeo ſeveramente os que ſe deſviáraõ da occaſiaõ. E porque o Principe, em razaõ da ſua doença, naõ exercitava ainda a ſua occupaçaõ, fez diſtinctamente aviſo a ElRey do merecimento de huns, e culpas de outros, com que igualmente conſeguio no ſeu governo a affeiçaõ, e reſpeito, pólos em que o credito dos Generaes coſtuma ſuſtentarſe. O Duque de S. German aliviou a perda das Tropas com a nova de ſe entregar Barcelona a D. Joaõ de Auſtria, e em Italia Cazal de Monferrato ao Marquez de Caraſena, huma, e outra felicidade de grandes conſequencias para a Monarquia de Caſtella, e de grande perigo para a conſervaçaõ de Portugal. Porém a Providencia divina ſempre foy diſpondo os Caſtelhanos a que naõ tiveſſem deſculpa com que diſſimular as noſſas victorias.

Ganhão os Caſtelhanos Barcelona, e Cazal.

Succeſſos de Entre Douro e Minho.

Sem alterar o ſocego, continuava o Viſconde de Villa-Nova o governo das Armas da Provincia de Entre

tre Douro e Minho, e naõ houve nella este anno mais encontro, que avançar sem ordem o Capitaõ Labarta valeroso Francez com poucos Cavallos alguns dos Castelhanos, que estavaõ junto do Forte de Santiago de Aytona, visinho a Salvaterra. Custoulhe a desordem a vida, retirandose feridos a mayor parte dos soldados que o acompanhavaõ.

Anno 1652.

Sucessos de Traz os Montes.

O Conde de Atouguia havia conservado na Provincia de Traz os Montes, á instancia dos Galegos, muitos mezes a correspondencia de se naõ fazerem pilhagens, nem damno algum aos Lugares abertos de huma, e outra parte; porèm os Galegos, que artificiosamente fizeraõ esta proposta com ordem de Madrid, em quanto durava o embaraço da guerra de Catalunha, tanto que tiveraõ noticia que Barcelona se naõ podia defender, sem novo aviso quebràraõ o concerto, e entraraõ com as suas Tropas nos lugares de Barroso, de que levàraõ huma grossa preza. Logo que o Conde de Atouguia recebeo este aviso, marchou a Vinhaes, Villa de que era Senhor com outros, e muitos Lugares naquella Provincia, por antiga mercê feita á sua casa pelos Reys deste Reino. De Vinhaes mandou entrar cem Cavallos com outros tantos Infantes em Mesquita, e Frieira, fizeraõ grande damno, e trouxeraõ mayor preza da que os Galegos haviaõ levado; e passando neste tempo por Embaixador de Inglaterra o Conde de Penaguiaõ Camareiro mór delRey, elegeo ElRey para ficar servindo o seu officio ao Conde de Atouguia cunhado do Camareiro mór. Partio elle a exercitar esta occupaçaõ, e ficou a Provincia entregue ao Mestre de Campo Antonio Jaques de Paiva, que a governou poucos mezes, nomeando ElRey por Governador das Armas della a Joanne Mendes de Vasconcellos, que havia sido Mestre de Campo General da Provincia de Alentejo. Porém em todo o discurso deste anno se naõ offereceo occasiaõ digna de memoria.

Sucede Joanne Mendes ao Conde de Atouguia no governo.

Sucessos do partido de Almeida

No partido de Almeida solicitava D. Rodrigo de Castro continuamente occasioens de prejudicar aos Castelhanos. Ajuntou no principio deste anno 900 Infantes, e 300 Cavallos, e deixando a Infantaria, que governava

 o Mes-

Anno 1652.

o Meſtre de Campo Pedro de Mello, em huma ponte do rio Agueda, paſſou a queimar com a Cavallaria a Villa de Martiago, que conſtava de 300 viſinhos. Executou o ſem contradiçaõ, e retirouſe com huma groſſa preza. Quando voltava appareceraõ tres Tropas dos Caſtelhanos; correo as até Ciudad Rodrigo, tomoulhe alguns cavallos, e retirouſe a Almeida. Paſſados poucos dias marchou para a Cidade da Guarda a armar àquellas meſmas Tropas que havia corrido; mas naõ ſaindo ellas a huma partida que lhes lançou, e averiguando que as aviſára huma das ſentinellas que tinha ſobre os portos, a mandou caſtigar, como merecia a gravidade do ſeu delicto. Tornou a voltar para Almeida, e achou que nos dias que ſe deteve na Guarda havia derrotado Franciſco Martins de Amaral Capitaõ de huma Companhia de Cavallos da Ordenança, ajuntandoſelhes alguns pagos, huma Tropa do inimigo, que havia entrado a correr a campanha. Com os Cavallos pagos ſe havia achado o Alferes Manoel Lopes, que poucos dias depois derrotou com trinta outra mais numeroſa Tropa dos Caſtelhanos. Deſejando elles ſatisfazerſe, entràraõ com quatro Tropas no campo da Virmioſa. Governava Almeida o Cõmiſſario Geral da Cavallaria Joaõ de Mello Feyo em auſencia de D. Rodrigo, que havia voltado á Guarda: ſahio ao rebate com a guarniçaõ da Praça, tirou a preza aos Caſtelhanos, e tomoulhes alguns cavallos, com que deraõ fim por eſte anno os encontros daquelle partido. Bem conheço que eſtes ſucceſſos de taõ pouca conſideraçaõ ſerviráõ de faſtio a quem ler eſta hiſtoria: porém nem eu poſſo deixar de referilos pela obrigaçaõ que obſervo de dar conta todos os annos de todas as Provincias, nem me parece que pódem ſer contados com mayor brevidade. As hiſtorias verdadeiras naõ ſe inventaõ, contaõſe: deve dizerſe o que foy, naõ o que deſejamos que ſeja. Se eu conſeguir dar fim a eſta primeira parte, na ſegunda acharà o Leitor em cinco batalhas, e outros grandes ſucceſſos largo campo em que empregar a ſua curioſidade.

Succeſſos do partido de Caſtello Branco.

D. Sancho Manoel no ſeu partido fazia grande diligencia por naõ poupar os Caſtelhanos. Soube que eſtava

tava hũa Tropa aquartelada no Lugar de Lobeiros; com intento de impedir as entradas que faziaõ por aquella parte os soldados da Ordenança de Pena-Garcia, e que lhes haviaõ tirado duas prezas, mandou armar a esta determinaçaõ pelo Alferes Domingos Homem, da Tropa de Gaspar de Tavora, com quarenta Cavallos escolhidos de todas. Lançou elle diante quatro dos mesmos pilhantes, que haviaõ sido corridos pela Tropa; pegàraõ em algum gado; seguio-os a Tropa, segurandose, por ser o sitio aspero, com huma Companhia de Infantaria, que determinou occupar huma tapada á vista do Alferes. Naõ lhe deu elle lugar, investio-a: ajuntouselhe a Tropa, derrotou ambas, degolou os Infantes, fez prisioneiros dous Capitães de Cavallos, hum da Tropa, outro que o acompanhou por estar seu hospede, e a mayor parte dos soldados della. Teve grande desconto a estimaçaõ que D.Sancho fez deste successo (antiga propriedade dos contentamentos do mundo;) porque tendo noticia, pelas intelligencias que conservava entre os Castelhanos, de que elles determinavaõ entrar nos lugares abertos daquella parte com grosso poder, passou a Segura com 350 Infantes, e 200 Cavallos, intentando entrar em Castella ao mesmo tempo que os Castelhanos entrassem em Portugal, para que a arma que se tocasse nos seus lugares os obrigasse a deixar os nossos; fiandose em que era a distancia taõ larga, que primeiro a nossa gente se poderia retirar em lugar seguro, que os inimigos encontrala. Porêm estes juizos naõ se pòdem fazer certos pelos accidentes que costumaõ ter contra si; e quando se contende com mayor poder, he necessario que nas diversoens haja muita cautela, e que os discursos com que se dispozerem, se apartem totalmente da ambiçaõ. Logo que D.Sancho chegou a Segura, ordenou ao Capitaõ Gaspar de Tavora que com 140 Cavallos marchasse a correr a campanha de Sacravim, e que fazendo a preza que lhe fosse possivel, se fosse encorporar com o Mestre de Campo Joaõ Fialho, que com a Infantaria; e sessenta Cavallos o estaria aguardando em hum sitio chamado o Salto, que ficava no rio Lagaõ, em que Joaõ Fialho havia de ter feito huma ponte

Anno 1652.

Domingos Homem derrota huma Tropa, e hũa Companhia dos Castelhanos.

Anno 1652

te para paſſar a Cavallaria. Executou Gaſpar de Tavora a ordem, e retirouſe taõ brevemente com huma grande preza, que ao meyo dia eſtava encorporado com Joaõ Fialho, o qual havia rendido huma Atalaya dos Caſtelhanos fabricada naquelle ſitio. Os Caſtelhanos, parece que aviſados da marcha de D.Sancho, havendo ja entrado em Portugal, voltàraõ outra vez, e caminháraõ para a ſua Praça da C,arla, por onde forçoſamente havia de paſſar a noſſa gente. Joaõ Fialho quando menos o imaginava ſe achou inveſtido de 600 Cavallos, e outros tantos Infantes; mas naõ perdeo com o perigo o acordo: porque cobrindo os duzentos Cavallos com os Infantes, e deixando na retaguarda tres mangas de moſqueteiros, que governava o ſeu Sargento-mór Antonio Soares, ſe veyo retirando mais de hũa legua, ſem os Caſtelhanos ſe atreverem a pelejar. Porém mudando de intento, por acharem ſitio accommodado, ſe adiantàraõ, e formáraõ, eſperando que Joaõ Fialho por naõ ter outro caminho por onde paſſar, foſſe obrigado a inveſtilos. Naõ duvidou elle deſta reſoluçaõ, porque ſe arrojou com tanto valor aos 600 Infantes que totalmente os desbaratou; mas deſunindoſelhe da Infantaria com o impulſo os duzentos Cavallos, carregados das Tropas Caſtelhanas, ainda que ſe defenderaõ algum eſpaço, como o numero era taõ inferior, foraõ desbaratados. Seguiraõnos os Caſtelhanos, e Joaõ Fialho tornando a refazer a Infantaria, ganhou hum ſitio mais accommodado para ſe defender. As Tropas Caſtelhanas, que ſeguiaõ as noſſas, deixáraõ o alcance dellas, obrigados do cuidado da ſua Infantaria que ficava rota, e voltáraõ a buſcar Joaõ Fialho, que acháraõ ainda que melhorado de poſto, ſem muniçoens nem remedio, e reconhecendo a ultima extremidade, ſe rendeo aos partidos que lhe offereceraõ. Ficáraõ priſioneiros todos os Officiaes de Cavallaria, e Infantaria, e entre elles Joaõ Rodrigues Cabral herdeiro da Caſa de Belmonte, que ſervia ſem poſto com muita reputaçaõ. Salváraõſe 140 Cavallos, os mais, e quaſi todos os ſoldados Infantes foraõ mortos, e priſioneiros. A Infantaria dos Caſtelhanos, como foy rota, teve tambem grande perda, que ſe deſcontou

Recõtro de Joaõ Fialho com os Caſtelhanos, de que teve máo ſucceſſo.

tou com a felicidade do ſucceſſo. D. Sancho vendoſe deſtituido da mayor parte da guarniçaõ paga das ſuas Praças, ſe retirou á Idanha Nova, puchou pelas Ordenanças, para guarniçaõ das Praças, e pedio ſoccorro ao Principe, que lho mandou dar promptamente da Provincia de Alentejo. Os Caſtelhanos havendo antes deſte ſucceſſo capitulado com D. Sancho a reſtituiçaõ de todos os priſioneiros de huma, e outra parte, incluido o poſto de Meſtre de Campo, alteraraõ eſte concerto com pretextos fantaſticos. Remeteraõ Joaõ Fialho a Badajoz, e durou lhe a prizaõ até que em Alentejo ſe fizeraõ priſioneiros tantos Officiaes Caſtelhanos, que os obrigou a tornarem a inſtar pelo ajuſtamento antecedente. D. Sancho que deſejava deſempenharſe deſta deſgraça, depois de compor os Terços, e Tropas, e lhe chegarem oitenta Cavallos de Alenteio, communicou com D. Rodrigo de Caſtro, que unida a gente das duas Provincias, deixando as Praças bem guarnecidas, marchaſſem a interprender a Cidade de Coria, que ficava oito leguas dos ultimos lugares da Raya. Concordou D. Rodrigo com eſte intento, e com mil e quinhentos Infantes, e ſetecentos Cavallos, petardos, e outros inſtrumentos, marcháraõ a executálo. Como a diſtancia era taõ larga, por mayor que foy a diligencia, naõ pudéraõ aviſtar a Cidade, ſenaõ depois de amanhecer. Havia chegado aquella noite a ella o Commiſſario Geral Maſacan com quatro Tropas: porque havia ſentido a marcha na Moraleja, aonde eſtava alojado, e entendendo que o deſignio da jornada era fazer preza, determinava, pondoſe diante, romper as partidas que ſe alargaſſem do Groſſo. Obrigado deſta determinaçaõ, ſahio da Cidade, e deſvioufe tanto della, que quando (conhecendo o deſignio) quiz ſoccorrela, o naõ pode conſeguir, por lhe cortar o paſſo a noſſa Cavallaria, aſſiſtida de D. Rodrigo de Caſtro, que por divertir o intento de Maſacan, recebeo da muralha huma cerrada carga de moſquetaria. Dividioſe a noſſa Infantaria em duas partes; governava hum Troſſo o Meſtre de Campo Pedro de Mello, outro Antonio Soares da Coſta Sargento mór de Antonio Fialho; atacàraõ a muralha por duas partes naõ valendo aos Caſ-

Anno 1652.

Quebrão os Caſtelhanos os ajuſtes.

Intenta D. Sancho a interpreza de Coria.

Anno 1652.

telhanos a grande resistencia que fizeraõ; entráraõ no Arrabalde, mas reconhecendo que para forçar a muralha da Cidade era necessario mayor poder, depois do Arrabalde saqueado, e queimado, se retiraraõ sem perder a ordem. Ficáraõ mortos dez soldados, e retiraraõse dezaseis feridos, em que entraraõ os Capitães de Infantaria Paulo de Andrade Freire, Alvaro Saraiva da Gamma, o Capitaõ reformado Marcos da Fonseca, e o Ajudante Rafael de Siqueira. Alojáraõse os dous Governadores das Armas junto ao rio Arrego, hma legua de Coria; o dia seguinte se dividìraõ, e chegáraõ sem embaraço ás suas Provincias.

Retirase saqueando o Arrabalde.

As revoluçoens de França occasionadas da opposiçaõ que os Principes do Sangue faziaõ á valia do Cardeal Massarino, alteráraõ de sorte todas as disposiçoens politicas daquella Monarquia, que julgou o Embaixador Francisco de Sousa Coutinho, era necessario passar a Lisboa a communicar a ElRey os muitos, e diversos accidentes, que faziaõ duvidosa a amizade de França a todas as luzes preciza para a conservaçaõ de Portugal. Concedeolhe ElRey licença para fazer esta jornada, e ficou assistindo em Pariz o Doutor Feliciano Dourado Secretario da embaixada. Logo que partio Francisco de Sousa, cresceraõ de qualidade as controversias de Pariz, que intentando os Duques de Orleans, e de Beaufort na casa do Parlamento, que os Ministros delle se unissem para a exclusaõ do Cardeal, pedîraõ elles para se resolver oito dias de praso, sem admittirem em outra fórma a proposiçaõ dos Duques. Enfadados elles de naõ conseguirem o seu intento, sahiraõ do Parlamento, dizendo ao Povo, que buscassem os meyos que lhe parecessem para obrigar os do Parlamento à uniaõ pertendida. O Povo, que só deseja a revoluçaõ para conseguir latrocinios, e vinganças, sendo o do Reino de França hum dos mais ardentes por natureza, investio a casa do Parlamento, e achando-a cerrada, ajuntàraõ lenha, e lhe puzeraõ fogo. Os do Parlamento vendose nesta extremidade, lançaraõ por huma janella bandeira branca; apagouse o fogo depois de muitas mortes. Vendo a Rainha que era necessario mittigar impulso taõ poderoso, obrigou ao Cardeal a que passasse a Ale-

Passa Francisco de Sousa a Lisboa.

Alteraçoens de França.

a Alemanha, o que elle executou logo, e de que lhe resultou mayor felicidade. Porém passando a mayores intentos a ambiçaõ dos Principes, se resolveo ElRey (a quem ja o uso da razaõ hia mostrando os seus interesses) a sair do Paço com grande acompanhamento, e entrando no Parlamento, sentado na cadeira da Justiça, deu ordens muito convenientes à conservaçaõ do seu Reino. Feliciano Dourado usava neste taõ grande empenho de todos os meyos possiveis por concordar os animos alterados, conhecendo que a guerra civil de França era em total beneficio dos interesses de Castella, e por consequencia manifesto risco da conservaçaõ de Portugal. Neste tempo se havia ajuntado em Pariz hũa Congregaçaõ dos Bispos de França a tratar gravissimos negocios Ecclesiasticos. Tendo ElRey D. Joaõ esta noticia, naõ quiz perder occasiaõ de justificar com o Pontifice o damno que padeciaõ as Igrejas de Portugal, a sua justiça na fórma em que lhe procurava o remedio, e a sua obediencia nas repetidas vezes que havia solicitado, que admittisse os Embaixadores, que foraõ a darlha. Fez propor na Congregaçaõ os meyos que poderia ter para facilitar os embaraços que em Roma se lhe offereciaõ, fomentados pela industria dos Castelhanos para conseguir o fim pertendido de conceder o Summo Pontifice às Igrejas de Portugal os muitos Prelados que nellas faltavaõ. Persuadidos os Prelados, que se achavaõ na Congregaçaõ, de taõ justo requerimento, mandàraõ a Roma a Christovaõ Bispo Belemitano a estes, e outros importantes negocios, que substanciados continhaõ as razoens seguintes:

Anno 1652.

„ O anno passado, achandose juntos em Pariz „ os Bispos de França, escreveraõ a Vossa Santidade sobre „ certos negocios gravissimos. E como naõ recebessem re„ posta alguma. Nós, que por bem de nossas Igrejas vie„ mos ao Congresso, naõ inviamos ja cartas a V. Santi„ dade, senaõ ao Bispo Belemitano, o qual proporá li„ vremente a V Santidade, como Pastor dos mais Pasto„ res, a quem toca o cuidado de todas as Igrejas, nossos „ grandes incommodos, e perigos. Este he, Beatissimo „ Padre, aquelle que, ou por seu grande talento, e mui-

Diligencia em Roma dos Prelados de França.

Anno 1652.

„ ta piedade, ou pela grande experiencia que tem de ne-
„ gocios, e grande opiniaõ em que he estimado entre
„ Nós, naõ poderà deixar de ser muito acceito a V.San-
„ tidade. Esperamos mais confiadamente, que alcançarà
„ com facilidade o fim dos nossos desejos; porque estes
„ naõ só respeitaõ nossa estimaçaõ, e bem espiritual, se
„ naõ tambem a fama, e dignidade da Sé Apostolica. E
„ na verdade Nós desejamos ardentissimamente renovar a
„ antiga correspondencia da Igreja Gallicanacom a Ro-
„ mana Mãy, e Mestra das mais, a qual correspondencia
„ se criava, naõ só com continuas cartas com que nossos
„ Predecessores, nas duvidas que se lhe offereciaõ recor-
„ riaõ à Santa Sè Apostolica, mas com muitas embaixa-
„ das dos mesmos. E nenhuma cousa, Beatissimo Padre,
„ nos poderà succeder mais util, nem mais agradavel,
„ que unirnos com muy apertado vinculo de continua cõ-
„ municaçaõ, e consultar mais livremente a V.Santidade,
„ e ouvir muitas vezes que nos responde, e seguir o ca-
„ minho que nos mostrar; porque nos achamos em taõ in-
„ felicissimo tempo, em que a authoridade da Igreja he
„ accommettida com tantas, e taõ esforçadas maquinas,
„ que temos grande necessidade do firmamento Apostoli-
„ co. E se nos he concedido fallar ingenuamente, tam-
„ bem a mesma Authoridade Apostolica se naõ póde estar
„ segura em nossas mãos, ao menos poderà ser defendida
„ por ellas; porque na verdade neste particular nunca fal-
„ taremos a nossa obrigaçaõ, e nenhuma cousa em tempo
„ algum, será para nós primeira que a dignidade da Santa
„ Sé Apostolica, e o respeito de V. Santidade. Todo o
„ referido proporá mais commodamente a V.Santidade
„ nosso Irmaõ o Bispo de Belem. Esperamos que alcan-
„ çará tal lugar para com V. Santidade, qual requere a
„ Authoridade Episcopal, a Dignidade da Igreja Gallica-
„ na, e a importancia dos negocios de que ha de tratar.
„ No interim pedimos com grande affecto longa vida pa-
„ ra V.Santidade em utilidade da Igreja. Pariz nas Calen-
„ das de Fevereiro de 1652. E assinavaõse os Arcebispos,
e Bispos Congregados em Pariz.

Dizia a carta que o Bispo Embaixador levava a favor

favor da pertençaõ de Portugal. „ Outra vez recorrem
„ a Vossa Santidade os Bispos da Igreja de França, per-
„ guntados pelo Serenissimo Rey de Portugal sobre o que
„ deve fazer, para que entre seus Vassallos se naõ perca
„ de todo a Religiaõ Christãa, achandose as Igrejas de to-
„ do o seu Reino viuvas de Pastores, querendo que em
„ razaõ da correspondencia que sempre houve no Estado
„ Ecclesiastico de hum, e outro Reino, lhe declaremos
„ nosso sentimento acerca deste particular. Este he, Bea-
„ tissimo Padre, o estado da Igreja de Portugal, o qual
„ nem póde ser mais damnoso ao povo, nem mais peri-
„ goso á Religiaõ, nem mais a proposito para excitar
„ contra V.Santidade a inveja dos máos. Naõ ignoramos
„ que V. Santidade, como aquelle que gosa de sagacissi-
„ mo, e experimentadissimo talento, antevio estes peri-
„ gos, e retem a respeito da Igreja de Portugal animo de
„ verdadeiro Pay, posto que razoens de grande conside-
„ raçaõ desviàraõ ategora a V. Santidade de aliviar, e con-
„ solar taõ miseravel viudez. Porém Nós, que naõ pode-
„ mos deixar de nos commover com os grandes damnos,
„ e immensa dor de nossa Irmaã Carissima, nos persuadi-
„ mos que he obrigaçaõ nossa importunar segunda vez a
„ V.Santidade, instando com muito mayor vehemencia,
„ para que finalmente se chegue ao desejado fim de orde-
„ nar Bispos para Portugal. Naõ inviamos ja pois a Vossa
„ Santidade cartas, senaõ ao Bispo Belemitano, o qual
„ por seu grande engenho, e piedade, e pela estimaçaõ
„ que tem entre Nós, naõ poderá deixar de ser muito ac-
„ ceito a V.Santidade. Ouvi, Senhor, a Igreja de França,
„ que vos roga, que acodindo aos perigos da de Portugal,
„ queirais tambem attender á Dignidade da Sé Apostolica,
„ e atalhar hum scisma, que he o mayor de todos os ma-
„ les. Apartay os lobos, que sem castigo algum estragaõ
„ o rebanho Portuguez, em quanto faltaõ os Pastores que
„ vigiem a saude de suas ovelhas. Aquelle foy na verdade
„ sempre o primeiro cuidado dos Summos Pontifices, o
„ crear novos Bispos, que preparassem o povo para Deos,
„ ou dar quanto mais brevemente lhe fosse possivel, es-
„ posos ás Igrejas viuvas, para que a Religiaõ naõ pade-
„ cesse

Anno 1652.

Carta dos Bispos de França ao Pontifice sobre os negocios de Portugal.

Anno 1652.

„ cesse detrimento com occasiaõ de falta delles. Porque se „ (como diz Cipriano) a origem das heregias he chegar „ o Bispo, que he hum só, a ser desprezado de alguns „ subditos, facilmente poderá V.Santidade antever quam „ grande perigo de heregias, e scisma ameaça o Reino „ de Portugal, em o qual, de tantos, naõ ha mais que „ hum só Bispo velho, e achacado. A's razoens delRey „ de Hespanha se póde responder com huma só palavra: „ porque, que ha de V Santidade fazer, se elle para sem- „ pre oppuzer inconvenientes á nomeaçaõ dos Bispos, „ senaõ que cobre por armas o que avalia por seu, e que „ ElRey de Portugal defenda com as mesmas o Reino, „ que por beneficio de restituiçaõ alcançou. Vós que pe- „ lo Principe dos Prelados sois constituido Summo Ponti- „ fice da Igreja, usay do Officio de tal, e constituhi Pas- „ tores ás Ovelhas Portuguezas, para que reduzaõ ao re- „ banho as que andaõ desviadas delle, e as livrem das gar- „ gantas dos lobos, que bramindo sobre ellas as procuraõ „ tragar. Porèm para que naõ sejamos mais molestos a V. „ Santidade, remetemos o mais ao Bispo Belemitano, „ que em nosso nome tratará com V.Santidade este nego- „ cio. Esperamos que elle alcançará diante de V.Santida- „ de o lugar devido á Grandeza Episcopal, á Authorida- „ de daquelles que o mandaõ, ao respeito que os mes- „ mos tem á Santa Sé Apostolica. Entre tanto desejamos „ a V.Santidade longa vida por bem, e utilidade da Igre- „ ja. Pariz no anno de 1652.

O Bispo Belemitano antes que partisse para Roma, escreveo a ElRey huma carta do theor seguinte:

Carta do Bispo Belemitano a ElRey D. Joaõ.

„ O Estado Ecclesiastico de França, achandose em Con- „ gresso Geral em Pariz, e sendo perguntado pelo Embai- „ xador de V.Magestade sobre o Estado da Igreja de Por- „ tugal, condoendose de seu desamparo tratou com ar- „ dente zelo, e procurou meyos com que pudesse ajudar „ a sua Irmaã Carissima que lhe pedia soccorro. Escreveo „ ao Summo Pontifice, fez muitos officios com seu Nun- „ cio, e sendo agora finalmente perguntado segunda vez „ em nome de V.Real Magestade, resolveo enviar hum „ Bispo a Roma, o qual em nome do Clero de França tra-

„ te

Anno 1652.

„ te presentemente com Sua Santidade este taõ grande ne-
„ gocio com aquella reverencia, prudencia, e zelo que
„ convem, e cuidadosa, e diligentemente lhe faça as ins-
„ tancias necessarias, até que proveja as Igrejas desse Rei-
„ no. E acordou o Estado dos Bispos elegerme para esta
„ funçaõ, e pôr sobre meus hombros, posto que fracos,
„ o pezo de toda esta negoceaçaõ. Eu pois, Serenissimo
„ Rey, que sou aquelle que muito tempo ha choro o
„ desamparo de tantas Igrejas, e os damnos que delle se
„ podem seguir ás Almas, accentey com grande gosto o
„ que, para bem deste negocio, me era mandado; como
„ quem achandose o anno passado em Roma, naõ receou
„ representar a Sua Santidade huma, e muitas vezes es-
„ tes prejuizos das almas. E se só com o impulso da cha-
„ ridade christaã fuy taõ solicito do que convinha às Igre-
„ jas de Portugal, com quanto mais esforço, agora que
„ sou mandado a isto mesmo, proseguirey empreza de
„ tanta importancia. Tenho por certo que he escusado en-
„ carecer mais esta verdade. Presente he ao Embaixador
„ de V. Magestade quanto em Pariz trabalhey por vencer
„ as difficuldades que se offerecèraõ, e quam sinceramen-
„ te me houve nestes particulares com toda a verdade. Di-
„ go em poucas palavras, que guardarey em tudo a in-
„ violavel fé que devo a V. Magestade, e que naõ perdoa-
„ rey a cuidado algum ou trabalho, a é que minha em-
„ baixada obre o desejado effeito, e eu faça notoria a mi-
„ nha fidelidade naõ só com palavras, senaõ tambem com
„ obras. Parti de Pariz a 6 deste mez, para que com mais
„ brevidade possa executar os mandados de V. Magesta-
„ de que em Roma espero receber. Sou com tudo cons-
„ trangido, para evitar os embaraços com que os Hespa-
„ nhoes poderiaõ procurar impedir meu caminho, a fa-
„ zer mais larga jornada, passando com a brevidade pos-
„ sivel as altissimas montanhas dos Grisoens, esperando
„ ser em Roma pelo fim da Quaresma. O Author de todos
„ os bens, em cuja maõ està o direito de todos os Reinos,
„ seja servido de favorecer aos desejos de V Real Mages-
„ tade, para que o fructo que espera de minha diligen-
„ cia possa eu com o favor, e virtude do mesmo publicar

„ para

Anno 1652.

,, para gloria sua, consolaçaõ de V. Magestade, paz de ,, todo o Reino de Portugal, e bem espiritual das Almas. ,, Escrita &c. a 20 de Fevereiro de 1652.

Conseguida esta negoceaçaõ, e parecendolhe a ElRey que havia alcançado muy efficaz meyo de persuadir o animo do Pontifice, lhe mostrou a experiencia, que naõ era chegado o tempo que a vontade divina havia destinado para conceder a Portugal esta felicidade, e vieraõ a ficar os negocios de Roma na mesma suspensaõ em que de antes estavaõ.

Negocios de Holanda.

Em Holanda assistia o Doutor Antonio Raposo, pratico, e intelligente nas idéas daquella Naçaõ, e foy eleito delRey por este respeito, depois de haver concedido licença ao Embaixador Antonio de Sousa de Macedo, por justas causas que apontou, para se retirar a Lisboa. Neste tempo havia o Parlamento de Inglaterra declarado guerra a Holanda, por differença que tiveraõ as duas Republicas sobre utilidades de mercancia; e em todos os encontros que haviaõ tido por mar as duas Nações, tinhaõ saido os Inglezes com tanta ventajem, que se achava Holanda com menos cincoenta navios. Este accidente foy em grande utilidade da conquista de Pernambuco; porque os Estados opprimidos com a guerra visinha, e poderosa, se descuidaraõ dos soccorros, de que necessitava o Brasil; e chegando a Holanda tres Commissarios do Arrecife a pedir soccorro, o naõ puderaõ conseguir, por mais apertadas diligencias que fizeraõ, e Antonio Raposo com muita industria divertia quanto lhe era possivel passarem soccorros ao Brasil, e fomentava a duraçaõ da discordia entre os Estados, e os Inglezes por todos os meyos, a que podia chegar a sua intelligencia.

Considerando ElRey que a guerra de Inglaterra, e Holanda era hum dos caminhos mais proprios para alcançar a amizade dos Inglezes, embaraçada pela protecçaõ dos Principes; e que juntamente podia ser hum dos motivos mais uteis para conseguir o intento de ganhar Pernambuco, determinou eleger por Embaixador de Inglaterra hum tal sujeito, que pudesse seguramente fiar do seu talento a conclusaõ de taõ importantes negocios.

De-

Depois de varias propoſiçoens, veyo a nomear por Embaixador Extraordinario de Inglaterra a Joaõ Rodriguez de Sá Conde de Penaguiaõ ſeu Camareiro mór, de que fazia merecida eſtimaçaõ, por ſe ajuntar na ſua peſſoa inſigne valor, muito juizo, e grande fidelidade. Deulhe por Secretario da embaixada ao Doutor Jeronymo da Silva de Azevedo Deſembargador da Caſa da Supplicaçaõ, em quem concorriaõ todas as partes neceſſarias para a occupaçaõ que ſe lhe entregou. Levou comſigo o Conde ſeu Irmaõ Pantaleaõ de Sá de Menezes, e outras peſſoas particulares; acompanhouſe de numeroſa familia, correſpondendo a eſte luzimento, o adorno da Caſa, que foy hum dos mais luſtroſos que até aquelle tempo haviaõ ſaido deſte Reino. Nomeou-o ElRey do ſeu Conſelho de Eſtado, e qualquer mercê fora pequena a reſpeito da fineza que fazia em deixar o ſeu lugar, em que com grandes ventagens havia grangeado o favor delRey, que naõ querendo que elle neſta materia levaſſe o menor eſcrupulo, nomeou em ſua auſencia por ſeu Camareiro mór, como ja referimos, ao Conde de Atouguia ſeu cunhado. Partio o Conde de Lisboa, chegou a Londres, depois de vencidas algumas difficuldades; foy ſolemnemente recebido, e começou a diſpor os negocios a que era mandado.

Anno 1652.

Nomea ElRey o Conde Camareiro mòr Embaixador de Inglaterra.

Continuava o Meſtre de Campo General Franciſco Barreto com generoſa conſtancia o ſitio do Arreciſe, e ſem alterar a fórma trabalhava por reduzir a contumacia dos ſitiados, fundada nas eſperanças que tinhaõ nos ſoccorros de Holanda, que os accidentes, que concorriaõ para a ſua ruina, desbaratavaõ. Os primeiros mezes deſte anno naõ houve empreza de huma, e outra parte digna de memoria. No mez de Mayo determinou Franciſco Barreto, por naõ ter ocioſos os ſoldados, intentar a empreza de trazer a guarniçaõ das Fortalezas dos Affogados, e Barreta a huma emboſcada de 400 Infantes, governados pelo Sargento mór Antonio Dias Cardoſo. Marchou o Sargento mór, e havendo conſeguido occupar encuberto o poſto que ſe lhe tinha ſinalado, lançou algũas mangas a correr a eſtrada, com o fim de provocarem aos das Fortalezas a ſairem dellas. Succedeolhe como havia

Succeſſos do Braſil.

diſpoſ-

Anno 1652.

difpofto; porém foy mayor o numero dos Holandezes que fairaõ das Fortalezas, do que fe tinha imaginado. Soccorreo o Sargento mór as mangas, e travoufe a contenda com tanto valor de ambas as partes, que durou mais de huma hora fem fe conhecer ventagem em alguma dellas: cederaõ ultimamente os Holandezes, e deixando a campanha cuberta de mortos, e feridos, fe retiraraõ para as Fortalezas. Depois defte fucceffo, teve noticia Francifco Barreto, de que os Holandezes haviaõ ajuntado no Rio Grande quantidade de páo Brafil, que intentavaõ remeter a Holanda. Para os defenganar de que naõ haviaõ de confeguir nem efta pequena utilidade, mandou ao Rio Grande ao Meftre de Campo Andre Vidal com 300 Infantes a queimar efte, e os mais generos, que naquella campanha lhe foffe poffivel. Marchou Andre Vidal, e executou efte intento com taõ bom fucceffo, que depois de queimar o páo Brafil, e todos os mais generos uteis, que havia naquella campanha, fe retirou para os quarteis com grande preza, e quantidade de prifioneiros. Os Holandezes traziaõ naquelles mares 50 navios de 24 até 30 peças; porém taõ mal apparelhados com a falta dos foccorros de Holanda, e com os poucos intereffes que tiravaõ das prezas, depois da nova ordem que reduzio os noffos navios mercantîs a marcharem na frota, que por inftantes diminuhiaõ o numero, e a força. E conheceofe mais claramente a fua debilidade; porque chegando a frota ao Cabo de Santo Agoftinho, e intentando pelejar com ella, acharaõ taõ galharda refiftencia, que fe retiraraõ com dãno confideravel: e a frota fez fua viagem, e com 71 navios entrou em Lisboa a 25 de Outubro.

Recôtro com os Holandezes.

Queima Andre Vidal a campanha no Rio Grãde aos Holandezes.

Intentaõ pelejar com a Armada da frota, e fe retiraõ.

Em Tangere deixámos governando o Baraõ de Alvito com grande falta de baftimentos. Entrou efte anno fem haver confeguido foccorros de Lisboa, e chegando efta noticia a Ceuta, que governava naquelle tempo D. Joaõ Soares, e parecendolhe que ufando da occafiaõ da neceffidade, poderia achar mais fequazes no feu delicto, armou dous bargantins, e huma barca, com ordem que foffem á bahia de Tangere, e que ficando os bargantins fóra, entraffe dentro a barca, e introduziffe o Cabo del-

Succeffos de Tãgere.

della na Cidade cartas para o Baraõ, e outras pessoas principaes. Chegáraõ os bargantins a Tangere, entrou na bahia a barca, remeteo o Cabo as cartas ao Baraõ, e abertas, vio que tinhaõ grande lastima do aperto em que estava aquella Praça, largas promessas de soccorros, e mercês, se se reduzisse á obediencia delRey de Castella; e que naõ querendo o Baraõ acceitar taõ util partido, lhe concederia livre passagem para Portugal. O Baraõ logo que recebeo as cartas, naõ podendo persuadir aos da barca a que chegassem a terra, mandou armar outra, em que se embarcaraõ alguns Cavalleiros valerosos com armas de fogo, e leváraõ ordem para que ao tempo que os da barca de Ceuta chegassem a receber a carta que aguardavaõ, os investissem. Assim succedeo, disparàraõ as armas, mataraõ tres, os mais levaraõ prisioneiros a Tangere. Sentidos os Castelhanos do máo successo desta empreza, mandaraõ á bahia de Tangere tres navios, com ordem que impedissem qualquer embarcaçaõ que intentasse soccorrer a Cidade. O Baraõ prevenindo o damno que podia succeder, mandou ao Algarve o Alferes Thomé Tavares, com ordem que detivesse as caravelas que de Lisboa houvessem chegado áquelle Reino, até segundo aviso seu. Em breves horas passou o Alferes de Tangere ao Algarve, e achou que estavaõ para dar á vela cinco caravelas, que ElRey mandava de soccorro a Tangere; deolhe ordem que se detivessem, voltou com esta noticia, e os Castelhanos vendo que era impossivel reduzir a constancia, e fidelidade do Baraõ, e dos Tangerinos, se recolhèraõ a Ceuta, e deraõ lugar a que as caravelas chegassem a soccorrer Tangere. Depois deste successo, teve o Baraõ noticia, que alguns Mouros, que estavaõ cativos naquella Praça, haviaõ conseguido intelligencia com os da campanha, e estavaõ concertados para no Domingo mais proximo, ao meyo dia se lançarem pela muralha da Villa velha por cordas que tinhaõ prevenidas, e que os de fóra os aguardassem em hum posto encuberto, junto a hum dos vallos, em que estava hum chafariz chamado do Almirante. Acautelado o Baraõ com esta noticia, mandou vestir tres soldados no mesmo traje em que andavaõ os Mou-

Anno 1652.

Cartas de D. Joaõ Soares para reduzir Tangere à obediẽcia de Castella.

Tomão por ordem do Barão a barca do aviso.

Mandão os Castelhanos sobre Tãgere tres navios.

Retirãose os Castelhanos, e entra em Tangere soccorro.

Anno 1652.

Mouros, e pondolhe apparentes prizões ás que os Mouros traziaõ, os mandou à hora concertada lançar pela muralha, na fórma do aviſo que os Mouros da Praça haviaõ feito, e aſſeſtada toda a artilharia, e guarnecida a muralha com os Infantes encubertos, aguardou que os Mouros ſe deſcobriſſem a ſoccorrer os que ſuppunhaõ fugidos da Praça. Teve eſta diſpoſiçaõ taõ bom ſucceſſo, que avançando os Mouros com grande furia, e ſem algum reſguardo a libertar os que ſe haviaõ lançado pela muralha, cahiraõ ſobre elles tantas ballas de artilharia, e moſquetaria, que ficáraõ na campanha muitos mortos, e moribundos. Retirados os Mouros, deſejando tomar ſatisfaçaõ deſte damno, ſe emboſcaraõ dous mil na Villa velha. Teve o Baraõ aviſò, fez jugar a artilharia contra aquella parte, recebèraõ damno os Mouros, retiràraõſe, e tornáraõ a voltar contra a Cidade com mayor poder. Detiveraõſe dous dias em arrazar os vallos, e deſtruir algumas hortas, dando, e recebendo muitas cargas; no cabo delles, ſe recolhéraõ os Mouros ſem outro effeito: e ſendo tempo de ſemear os campos, ſe reſolveraõ a fazer lavouras entre a Ribeira, e a Praça, intento que atè aquelle tempo naõ haviaõ poſto por obra. Animava-os Gaylan, a que muitos obedeciaõ por ſer pratico, e valeroſo. O Baraõ naõ achando outro caminho de atalhar eſte damno, logo que as ſementeiras eſtiveraõ capazes de ſe ſegarem, lhe mandou pôr fogo: atalhou-o Gaylan com dous mil Cavallos, e carregando os noſſos Cavalleiros atê a muralha, recebeo della grande perda. Naõ perdoavaõ os Mouros a diligencia alguma, e por todos os caminhos procuravaõ prejudicar aos da Praça. Chegaraõ dous huma noite à porta, e dizendo que traziaõ hum negocio de importancia que communicar com o Baraõ, mandou elle abrir a porta pelo Sargento mór Franciſco Soares com alguns ſoldados, em que entrava Antonio Diniz, que ſervia de lingua. Saindo eſte ſoldado pelo poſtigo ſe abraçaraõ alguns Mouros com elle, pertendendo levalo cativo: ſoccorreo-o o Sargento mór com tanto valor, que obrigou aos Mouros a que o largaſſem, e fez retirar alguns com muitas feridas, ſem lhe valerem os muitos que o aguar-

Intētão os Mouros cativar Antonio Diniz, e ganhar a porta da Cidade que o Sargento mòr Franciſco Soares impede.

aguardavaõ, intentando por este caminho introduzirse na Cidade. O Baraõ fez mercê ao Sargento mór de trinta mil reis de tença, e sendo este anno o ultimo do seu governo, pedio a ElRey licença para se retirar a sua casa, porque lhe impedia sair ao campo o achaque da gota: mas naõ conseguio partir para Lisboa, senaõ no anno seguinte, como veremos.

Anno 1652.

Successos da India.

Havia acabado D.Filippe Mascarenhas o governo da India, e alcançado licença delRey para se partir para este Reino, o que executou com infelice successo, porque acabou a vida na viagem, deixando os grossos cabedaes, que havia adquirido na India, a sua sobrinha Dona Elena da Silveira, com quem estava concertado para casar, e instituido hum morgado ao filho segundo da casa de seu irmaõ mais velho o Conde da Torre, que hoje logra D.Joaõ Mascarenhas Marquez de Fronteira, e em que ha de succeder D.Francisco, Conde de Cocolim seu filho segundo. Nomeou ElRey por successor de D Filippe segunda vez ao Conde de Aveiras, que carregado de annos, e achaques se embarcou para a India, e acabou a vida na Costa de Africa no Cabo de Chilimane, e chegando esta nova a Goa, abertas as vias, se achou que succedia no governo da India o Arcebispo Primaz D.Fr.Francisco dos Martyres, Francisco de Mello de Castro, e Antonio de Sousa Coutinho. Logo que tomáraõ posse do governo preparáraõ huma Armada de duas fragatas, e vinte navios de remo, de que foy por General Antonio de Sousa Coutinho, hum dos tres Governadores. Era Capitaõ de huma das fragatas Luiz Affonso Coutinho, da outra Antonio Barreto, e Capitaõ mór dos navios de remo D.Francisco de Sousa. Fezse a Armada à vela com intento de recuperar a Fortaleza de Mascate: chegou a ella, e entràraõ dentro da bahia as duas fragatas, a que seguîraõ alguns navios de remo: porèm obrigados do damno que lhes occasionou a artilharia da Fortaleza, sàiraõ para fóra, e foraõ ancorar ao rio Lafette, que ficava cem legoas de Mascate. Passados alguns dias, estando sobre ferro, os veyo buscar huma poderosa Armada dos Arabes, de que era General hum Mouro chamado Ali. Preveniose

Morte de D.Filippe Mascarenhas.

Morte do Conde de Aveiras.

Governadores da India.

Intẽta Antonio de Sousa Mascate.

Desbarata a Armada dos Arabes.

Anno 1652.

Antonio de Sousa com taõ boa disposiçaõ para a batalha, que depois de durar muitas horas, conseguio a victoria com morte de mais de 5000 inimigos. Perdéraõse alguns navios de remo, e entre elles mais valeroso que catholico se resolveo o Capitaõ Antonio Lobo da Gamma a pôr fogo ao payol da polvora, com que o seu navio, e os dos inimigos todos voaraõ a immortalizar para o mundo a gloria de Antonio Lobo. Com esta victoria voltou Antonio de Sousa para Goa, aonde achou D. Vasco Mascarenhas Conde de Obidos, que ElRey havia nomeado Viso-Rey com a noticia da morte do Conde de Aveiras. Dentro de poucos dias se começàraõ a alterar os animos da mayor parte dos Tres Estados daquella Cidade, em tal forma, que veyo a ser Antonio de Sousa hum dos menos resolutos, lembrado mais das suas obrigações que de algumas queixas que tinha do Conde; porque formando pretextos fantasticos, vieraõ buscalo a sua casa Nicolào de Moura de Brito natural da India, e Antonio Barreto Pereira, que havia ido por Almirante o anno antecedente, e o quizeraõ persuadir a que acceitasse o governo daquelle Estado. Regeitou elle a offerta, dizendo, que naõ queria ouvir semelhante proposiçaõ; e naõ podendo conseguir socegalos, passàraõ a buscar D. Braz de Castro, em quem concorriaõ todas as disposiçoens para huma sediçaõ, que acceitou logo a offerta. Unidos os parciaes, mandaraõ prender o Conde ao Collegio dos Reys, aonde estava, por Luiz Margulhaõ Borges Juiz dos Cavalleiros; e o Conde que naõ havia dado mais causa a taõ indigna soblevaçaõ, que querer curar com remedios brandos achaques que pediaõ medicamentos rigorosos, se sujeitou sem resistencia á prizaõ, parecendolhe que fazia acçaõ mais util à saude publica em soffrer o oprobrio, que em contradizelo: e levado deste discurso naõ quiz acceitar o offerecimento que lhe fez D. Manoel Mascarenhas irmaõ terceiro do Conde de Palma, Capitaõ mór da Armada do Norte, que havia sido na Provincia de Alentejo Mestre de Campo de hum Terço de Infantaria, e Governador da Praça de Castello de Vide, que lhe segurou, que com quatrocentos homens que tinha à sua ordem, o meteria de posse

Antonio Lobo queima o seu navio com outros dos inimigos.

O Conde de Obidos Viso Rey da India.

Alteraçoens em Goa contra o Viso-Rey.

D. Braz de Castro usurpa o governo, e faz prender o Conde

D. Manoel Mascarenhas lhe offerece a restituiçaõ q̃ naõ aceita pelo socego do Estado.

se

se do governo. Prezo o Conde, e occupando o seu lugar D. Braz de Castro com indignas acclamaçoens, logo no principio do seu governo mostrou Deos (em começarem nelle os mayores trabalhos da India) os castigos que costuma dar aos animos ambiciosos; porque os Holandezes antes de acabada a tregoa, romperaõ a guerra de mayor prejuizo que padeceo aquelle Estado, depois de sujeito ao dominio de Portugal.

Anno 1652.

Resolutos os Holandezes a quebrantar a tregoa, se embarcou Joaõ Mansucar com dez navios á sua ordem sahio de Jacatará, e entrou no porto de Tutocorim, saltou em terra, e roubou todo o dinheiro que achou, que estava em deposito para se comprar tudo o procedido da pescaria do aljofar. No mesmo tempo tomaraõ no mar de Malaca hum navio de Diogo de Amaral de Castello-Branco que passava de Cochim á China. D. Braz de Castro vendo estas demonstraçoens se começou a prevenir para a defensa. Era a Ilha de Ceilaõ a parte que dava mayor cuidado, assim por ser a mais importante, e a mais util, como pela visinhança dos Holandezes, e as muitas demonstraçoens que justificavaõ ser esta Conquista a sua mayor ambiçaõ. Governava naquelle tempo Ceilaõ Manoel Mascarenhas Homem; e tendo aviso de que os Holandezes se preparavaõ para a guerra, mandou quatro Companhias para o porto de Calaturé, por ser o posto principal em que consistia a defensa de Columbo. Porém naõ tendo effeito esta resoluçaõ, se seguio o damno irreparavel de ganharem os Holandezes a Fortaleza de Calaturé, pela acharem sem defensa; e deste máo successo resultou outro prejudicial effeito; porque recolhendose á Cidade todos os que andavaõ na campanha com o receyo dos Holandezes, cresceo a difficuldade de se defender Columbo, por serem taõ poucos os mantimentos, que com menos numero de hospedes se receava extinguiremse em breves dias. Assistia em Manicravaré Lopo Barriga, genro de Manoel Mascarenhas, por Capitaõ mór do Campo, e tinha naquelle sitio o mayor poder; porque nelle reprimia as envasoens delRey de Candia. Distava nove leguas de Columbo, e chegando noticia, de que os Ho-

Rompem os Holãdezes a tregoa

Ganhaõ em Ceilão a Fortaleza de Calaturé.

Cc ii landezes

Anno 1652.

landezes estavaõ senhores de Calaturê, sentidos os Capitães, e Soldados de taõ prejudicial desordem, resolveraõ todos naõ obedecer á ordem que Manoel Mascarenhas mandou a Lopo Barriga de se retirar para Columbo; e com esta determinaçaõ entraraõ na barraca de Lopo Barriga, e lhe disseraõ, que seu sogro, e elle entendiaõ pouco das operaçoens militares, e encontravaõ com tantos erros a conservaçaõ do Estado da India, e serviço delRey, que por consentimento commum lhe advertiaõ se retirasse para Columbo, porque estavaõ determinados a eleger quem os governasse com mais acerto. Quizse oppor a esta determinaçaõ Luiz Alvares sobrinho de Lopo Barriga, e o Capitaõ Antonio de Madureira; porém naõ podendo resistir ao impeto dos amotinados, foraõ mortos, e o Capitaõ mór mandado para Columbo. Sahiraõ os amotinados de Manicravarê, e tendo noticia ElRey de Candia da desordem succedida, mandou marchar para aquella parte quantidade de gente, e propoz aos Capitães que lhes faria largas pagas se quizessem passarse a seu serviço. Foy a reposta com as armas na maõ; e depois de pelejarem muitas horas, se retiraraõ para o Arrabalde de Columbo. Manoel Mascarenhas tendo noticia deste successo, recolheo na Cidade toda a Infantaria dos outros alojamentos, e se prevenio para se defender dos amotinados. Chegáraõ elles em dous batalhoens á vista da Cidade, e Manoel Mascarenhas, que estava resoluto a tratalos como inimigos, lhes mandou disparar tres peças de artilharia. Dispuzeraõse elles para a vingança, havendoselhe aggregado duas Companhias de Infantaria, que fugîraõ da Cidade; porém os Religiosos, e moradores della, conhecendo que todos os passos que se davaõ nesta discordia, caminhavaõ á ultima ruina, determinaraõ cortar antes pela authoridade do General, que pelas vidas dos soldados, e trazendo por verdadeiro Mediator o Santissimo Sacramento em procissaõ, abrîraõ a porta da Cidade que ficava fronteira á parte em que se haviaõ formado os amotinados, e os recolheraõ dentro della. Manoel Mascarenhas vendo esta resoluçaõ, se retirou a hum Convento, e os Tres Estados da Cidade elegeraõ por Governadores

Amotinaõse os soldados contra Lopo Barriga.

Continua o motim em Colũbo.

Retirase Manoel Mascarenhas, elege o povo Governadores.

Gas-

Anno 1652.

Gaſpar de Araujo Pereira, D. Franciſco Rolim, e Franciſco de Barros da Silva, e nomearaõ por Capitaõ mór do Campo Gaſpar Figueira de Serpa pratico, e valeroſo ſoldado. Logo que o elegeraõ, teve aviſo de que huma eſquadra de Holandezes, a que ſe haviaõ unido muitos dos naturaes da Ilha, andavaõ ſaqueando os lugares do deſtricto de Nigumbo, e cortando canella, que conduziaõ ás ſuas Fortalezas. Marchou promptamente a buſcalos Gaſpar Figueira; porém elles tendo anticipado aviſo, ſe retiraraõ ſem mais perda que de quatro ſoldados, e algumas bagagens. Gaſpar Figueira depois de reduzir á obediencia delRey alguns dos lugares levantados, ſe recolheo para Columbo. Chegou neſte tempo aviſo aos Governadores de que pela parte de Calaturê, em o poſto de Angratotà, haviaõ os Holandezes fabricado huma trincheira para darem principio a mayor fortificaçaõ, reconhecendo aquelle poſto por muito capaz para dominarem os lugares viſinhos a Columbo, e correrem livremente até as portas de Mapane, que ſaõ as que olhaõ para aquella parte. Reconhecendo os Governadores o grande prejuizo, que ſe podia ſeguir, ſe eſte poſto ſe fortificaſſe, eſcolheraõ quinhentos Infantes, e os mandaraõ á ordem de Gaſpar Figueira para attacar a trincheira que eſtava começada. Com o reſto da gente ficou guarnecida a Cidade, e occupados fóra della os poſtos convenientes. Marchou Gaſpar Figueira, e dividindo a Infantaria em dous Corpos, entregou hum delles a Antonio Mendes Aranha, e brevemente chegou ao alojamento dos Holandezes. Era neceſſario vadear primeiro hum rio, o que conſeguio ſem difficuldade; ſegurou os caminhos por onde os Holandezes poderiaõ ſer occorridos, e fazendo levantar terra, chegou com trincheira aberta taõ perto da fortificaçaõ, que fazendo levantar huma plataforma, plantou nella huma peça de artilharia; e ſendo o ſitio taõ conveniente, que deſcortinava todo o alojamento dos Holandezes, lhes fez tanto damno, que no fim de dez dias, depois de varios, e valeroſos combates, ſe renderaõ os Holandezes, ſalvas as vidas. Ficaraõ priſioneiros cento e dez, quarenta Jáos, e trezentos Chingalás, em que

Ganha Gaſpar Figueira o alojamento dos Holandezes.

Anno 1652.

que se executaraõ grandes castigos, por serem a mayor parte delles Vassallos delRey. Retirouse o Capitaõ mór para Columbo, e no mesmo tempo deste successo havia alcançado outro de naõ menos consequencias Joaõ Botado (a que chamavaõ Dizava, por ser Cabo de hum Corpo de Infantaria, seguindo os termos com que se explicavaõ os naturaes da Ilha.) Assistia elle pela terra dentro com huma Companhia de Infantaria, e alguns negros. ElRey de Candia vendo que os Holandezes rompiaõ a guerra, e considerando-os mais poderosos, determinou ter parte na victoria. Para este effeito mandou por Dizava hum parente seu com tres mil homens a buscar Joaõ Botado. Chegáraõ de noite ao sitio em que estava alojado, e ao romper da manhaã o investiraõ com tanto vigor, que lhe custára pouco trabalho a victoria, por serem só trinta os Portuguezes que atacáraõ, (fugindo a Joaõ Botado os negros que levava) a naõ serem taõ valerosos estes soldados. Porque seguindo o exemplo do seu Capitaõ, e matando elle com as proprias mãos o Dizava contrario, obrigáraõ com acçoens maravilhosas aos inimigos a voltarem as costas, e sendo estreitos os passos da retirada, foraõ tantos os mortos, que os que vîraõ a campanha depois da victoria, naõ creraõ que fosse taõ pouco o numero dos vencedores. Retirouse Joaõ Botado a Columbo com os poucos que escaparaõ mal feridos; mas sendo bem curados se lhes dilatáraõ as vidas para iguaes empregos, de que a seu tempo daremos noticia, por acontecerem estes successos nos ultimos dias deste anno. As náos que nelle passaraõ á India foraõ N. Senhora da Graça, S. Joaõ Perola, Santiago, e S. Filippe, de que eraõ Capitães Alvaro de Novaes, e Antonio de Abreo de Freitas, e a caravela N. Senhora de Nazareth Capitaõ Lourenço Botelho; e entraraõ em Lisboa os galeões Santa Elena, e S. Francisco.

Defendese Joaõ Botado de muitos Chingalás cõ poucos Portuguezes.

HISTO-

HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO

LIVRO XII.

SUMMARIO.

ARIOS encontros de Alentejo. Passa o Conde de Soure a Lisboa, e volta a Elvas. Derrotaõ os Castelhanos Fernaõ de Mesquita, e Andre de Albuquerque em Arronches as Tropas Castelhanas com felice successo. Breve noticia das mais Provincias. Dilatada doença do Principe D. Theodosio de que perde a vida. Juramento do Principe D. Affonso, e assento das Cortes

Anno 1653.

 em

Anno 1653.

em que se celebrou. Morte da Infanta Dona Joanna. Noticia das embaixadas. Prizaõ, e morte de D. Pantaleaõ de Sà. Chega Pedro Jaques com a frota a Pernambuco. Preparase Francisco Barreto com o ultimo esforço contra o Arrecife. Noticia das Praças de Africa, e da India. *Ganha em Alentejo Andre de Albuquerque alguns lugares de Castella. Succede o mesmo no partido de D.Rodrigo. Continuase o sitio do Arrecife; rendese com todas as mais Praças do Brasil. Encontros das Praças de Africa. Successos de Ceilaõ. Breve noticia dos successos da guerra das Provincias do Reino. Sitio de Columbo; admiravel defensa daquella Praça. Perdesè com todas as mais da Ilha de Ceilaõ. Governa a Provincia de Alentejo Francisco de Mello. Noticia dos successos de todas as Provincias do Reino, e das Conquistas. Ultimas acçoens delRey na doença de que morre; disposições do seu testamento, e seu Elogio.*

O CORPO da historia, que inclue em si todas as prerogativas de racional, vive como os mais corpos humanos sujeito á jurisdiçaõ do tempo. Temos passado onze livros, em que vimos as disposições da puericia, a diversidade dos successos da mocidade. Agora he preciso que cheguemos aos trabalhos da velhice.

Tres annos, e nove mezes que comprehendem as noticias deste Livro ultimo da primeira parte desta historia, a que determinamos dar fim com a morte delRey D.Joaõ, gastou elle em continuos achaques, originados, tanto da pouca attençaõ com que tratava de conservar huma saude taõ robusta, que prometia quasi infinita duraçaõ, como do justo sentimento que lhe causou a intempestiva morte do Principe D.Theodosio, que neste anno, que continuamos, chorou Portugal, e todo o mundo, como a mais lamentavel tragedia. Porém naõ eraõ poderosos os achaques, nem as desgraças para divertir a El-

Rey

Rey da direcçaõ do governo; porque nem no Reino, que lograva na Europa, faltavaõ soldados, nem nas Praças que possuhia na Africa, Cavalleiros, nem nas Provincias da America soccorros, nem nos Reinos da Asia Exercitos, nem cabedaes aos Ministros que assistiaõ nas Cortes de Europa. Na Provincia de Alentejo, que governava o Conde de Soure, se conheciaõ por instantes as melhoras, assim na doutrina politica, como no exercicio militar; porque as suas muitas virtudes fertilizavaõ todos os animos em que cahiaõ. Naõ era a guerra muito vigorosa; porque El Rey havia assentado, como ultima determinaçaõ, que o melhor meyo de se conservar reinando, era augmentar os erarios, fortificar as Praças, fabricar navios, e deixar que as forças de Castella se enfraquecessem de sorte com as guerras de Italia, e França, que por hum, e outro respeito chegasse tarde a Portugal o perigo. Por esta causa naõ havia em Alentejo mais poder, que a guarniçaõ ordinaria; porém com ella trabalhava o Conde de Soure, de prejudicar aos Castelhanos, quanto lhe era possivel. Estava de quartel no lugar da Nave huma Companhia de Cavallos; derrotou-a Nicoláo Dias, Tenente da Companhia de D. Fernando Henriques, e fez prisioneiro o seu Capitaõ chamado D. Patricio. O mesmo successo teve outra Tropa que estava alojada em Valença de Alcantara, que derrotou o Mestre de Campo Diogo Sanches, e os Capitães de Cavallos D. Fernando da Silva, e Duarte Lobo da Gamma. Em Moura, que governava o Mestre de Campo Manoel de Mello, succedeo quasi no mesmo tempo huma entrada que mandou fazer por Diniz de Mello de Castro com a sua Companhia, e seis Tropas mais á sua ordem. Conduzíraõ huma grossa preza, e pertendendo tirarlha os moradores de Cumbres, e outros lugares, os derrotou Diniz de Mello, e entrou no lugar de Canhabrales, que saqueou, e queimou.

Anno 1653.

Successos de Alentejo.

Rota de duas Companhias de Cavallos Castelhanos.

Diniz de Mello derrota os Castelhanos, e saquea Canhabrales.

O Conde de Soure havia conseguido licença para passar a Lisboa, que pedio obrigado do sentimento de lhe tirar o Principe da guarniçaõ de Elvas o Terço do Mestre de Campo Diogo Gomes de Figueiredo, com o pretexto de assistir á fortificaçaõ da Cidade de Evora, sendo

Anno 1653.

do a causa principal vencerem as diligencias de Diogo Gomes (que havia ensinado o Principe a jugar a espada) apartarse por este caminho da assistencia do Conde de Soure, com quem por antigas differenças vivia encontrado; e achando os emulos do Conde, que eraõ muitos, occasiaõ de o desgostarem, deraõ titulo de desobediencia á justa replica que o Conde fez ao Principe, para que o Terço naõ saisse de Elvas, representandolhe que as guardas, e guarniçaõ das muralhas naõ podiaõ subsistir sem o Terço, por ser o trabalho grande, e a gente pouca. Porèm depois de varias contendas, marchou ao mesmo tempo para Evora, e o Conde para Lisboa; e veyo a partir esta differença o poder, e tyrannia da morte, que arrebatou o excellente Principe D. Theodosio dos braços de seus Pays, e dos olhos de seus Vassallos com taõ maravilhosas circunstancias, como largamente em seu lugar referiremos. Logo que o Principe acabou a vida, mandou ElRey ao Conde de Soure exercitar o seu posto, e ordem para se recolher a Elvas o Terço de Diogo Gomes de Figueiredo, de que elle por esta causa fez deixaçaõ, e seu filho Diogo Gomes de Figueiredo do posto de Sargento mór que exercitava. Em quanto o Conde de Soure assistio em Lisboa, governou a Provincia de Alentejo o General da Artilharia Francisco de Mello, por assistir neste tempo tambem em Lisboa o General da Cavallaria Andre de Albuquerque. Nos mezes que durou o seu governo, naõ houve successo de importancia. Chegou a Elvas o Conde de Soure, e Andre de Albuquerque, e quasi nos mesmos dias correraõ os Castelhanos aquella campanha, e levaraõ della algum gado. Naõ foy possivel a Andre de Albuquerque nem pelejar, nem tirar a preza aos Castelhanos, pela desigualdade das Tropas: e recolhendose da campanha, lhe disse o Conde de Soure em publico, com mais colera que razaõ, que era necessario para se naõ degenerar dos antigos Portuguezes, seguirse o exemplo de pelejar poucos contra muitos, para se conseguirem iguaes victorias áquellas que em todos os seculos havia esta Naçaõ alcançado. Naõ respondeo Andre de Albuquerque, mas conservou estas palavras no animo valeroso de que era

Differenças do Conde de Soure com Diogo Gomes de Figueiredo.

Vem o Conde a Lisboa, e torna a Elvas.

Diogo Gomes, e seu filho largaõ o posto.

Advertencia do Conde de Soure ao General da Cavallaria.

era dotado, até que ſe deſpicou dellas com hum muito airoſo ſucceſſo. O dia ſeguinte á entrada que os Caſtelhanos fizeraõ em Elvas, perderaõ a Companhia de Cavallos, de que era Capitaõ D. Diogo Golfim, que lhe derrotou Duquiſnè, ficando o Capitaõ, e mais Officiaes priſioneiros. Duquiſnè moſtrava repetidamente o ſeu valor, e zelo. Poucos dias depois de derrotar eſta Companhia, lhe chegou aviſo por hum ſoldado Portuguez, que fugio das Tropas Caſtelhanas, de que o Tenente General Hibarra (que ja eſtava livre da prizaõ, por ſe haver ajuſtado troco geral de priſioneiros) marchava a interprender a Praça de Alconchel; empreza fomentada por Manoel da Cunha Portuguez, que ſervia de Capitaõ de Cavallos em Badajoz. Tanto que Duquiſnè teve eſta noticia, ſoccorreo taõ promptamente Alconchel, que conſtando a Hibarra a ſua diligencia, ſe retirou ſem intentar a empreza. Recolheoſe Hibarra a Badajoz, e dentro de poucos dias ſahio daquella Praça o Duque de S. German Meſtre de Campo General, que governava as Armas de Caſtella, com dous mil e quinhentos Cavallos, e mil Infantes, e ficou alojado ſobre o rio Caya, huma legua diſtante de Badajoz, em as Ladeiras de D. Vaſco. Fabricou nelle huma Atalaya para ſegurança de vinte e cinco Cavallos que ficaraõ guarnecendo aquelle poſto, util para reſguardo dos lavradores, e gados, que andavaõ entre Caya, e Guadiana. O Conde de Soure tanto que recebeo eſta noticia, deu conta a ElRey, e teve ordem para deixar fabricar a Atalaya ſem oppoſiçaõ, que era o que convinha, e o que havia acontecido em muitas que tinhamos levantado. Entrou o mez de Novembro, e eſtando ainda a campanha livre do embaraço das aguas do Inverno, ſe ajuſtáraõ, em deſgraça dos Caſtelhanos, as idêas dos Generaes de huma, e outra parte. Ordenou o Conde de Soure a Andre de Albuquerque, que com as Tropas de Elvas, Campo Mayor, e Olivença ſahiſſe a armar ás Tropas da guarniçaõ de Badajoz; e ao meſmo tempo mandou ao Capitaõ de Cavallos Fernaõ de Meſquita, que com cinco Companhias pagas, e as Tropas de pilhantes marchaſſe a correr duas Tropas que ſe aquartelavaõ em Valença, e S. Vi-

Anno 1653.

Derrota Duquiſnè hũa Tropa.

Anno 1653.

S. Vicente, lugares taõ visinhos que facilitavaõ hum, e outro intento. No mesmo dia que se esperavaõ conseguir as duas emprezas, mandou o Duque de S. German ao Commissario Geral da Cavallaria Bustamante, que com dezoito Companhias dos partidos de Alcantara, e Albuquerque, entrasse a roubar os campos das Commarcas de Portalegre, Crato, e Aviz; e que marchasse com a preza que fizesse, a se ajuntar com o resto da Cavallaria, que o havia de aguardar entre Alegrete, e Arronches. Neste tempo Fernañ de Mesquita, que esperava occasiaõ de correr as duas Companhias de Valença, e S. Vicente, deu vista de improviso de seis Batalhões, que era a vanguarda de Bustamante, e formados brevemente em cinco as nove Companhias, que levava, com valerosa, e arriscada resoluçaõ investio os seis Batalhoens. Com pouco trabalho os obrigou a voltarem as costas, e tendo a victoria por certa os foy seguindo sem fórma, sendo preciso perderse, quando se chega a estes termos com taõ poucas Tropas. Acodio Bustamante a remediar com a reserva o damno padecido na vanguarda, e naõ foy possivel a Fernañ de Mesquita resistir a tantos inimigos: porém antes de ser roto, se defendeo, e os que o acompanhavaõ taõ valerosamente, que fizeraõ quasi igual estrago ao que padeceraõ. Foraõ prisioneiros, e feridos os Capitães Fernañ de Mesquita, e Duarte Fernandes Lobo; dous Tenentes, dous Alferes, e cincoenta e oito soldados. Os muitos Corpos de Castelhanos que ficáraõ na campanha testemunháraõ a sua perda: leváraõ quantidade de Officiaes, e Soldados feridos. Entrou nelles o Capitaõ de Cavallos D. Alvaro de Luna filho do Conde de Montijo, e acharaõse taõ derrotadas as Tropas de Bustamante, que naõ lhe foy a elle possivel executar a ordem que levava de se incorporar com a Cavallaria, que o estava aguardando entre Arronches, e Alegrete.

Derrota Bustamante Fernañ de Mesquita.

Andre de Albuquerque esperou todo o dia de seis de Novembro, que sahissem as Tropas de Badajoz, com o intento de as correr. Ao pôr do Sol, quando determinava retirarse, desenganado de que naõ sahia a ronda costumada (o que havia acontecido a respeito de se naõ

abri-

abrirem as portas de Badajoz, por se evitar o pèrigo de se romper o segredo da jornada,) observou que sahia daquella Praça muito mayor numero de Cavallaria, da que suppunha, e que caminhava para a parte de Campo Mayor. Seguiolhe a marcha com toda a brevidade, e fez aviso ao Conde de Soure daquelle successo, de quem recebeo outro do encontro de Fernañ de Mesquita; e em reposta da noticia que lhe remeteo, lhe mandou apertada ordem que pelejasse com os Castelhanos, mandandolhe todos os Cavallos que lhe foy possivel ajuntar em Elvas. Naõ eraõ necessarios a Andre de Albuquerque muitos estimulos para pelejar: porque além do grande valor, de que era dotado, trazia na memoria as palavras que o Conde de Soure lhe havia dito poucos dias antes. Chegou a Campo Mayor, descançoú pouco tempo os cavallos, pozse em marcha ao amanhecer, e achando a pista das Tropas Castelhanas, a foy seguindo com toda a diligencia, e das partidas que levava avançadas recebeo no caminho varios avisos, de que os Castelhanos marchavaõ pouco distantes. Chegando junto de Arronches mandou tirar daquella Praça cem Mosqueteiros á ordem dos Capitães Balthazar Pereira de Castello-Branco, e Joaõ da Ponte, e incorporados poz em marcha as Tropas, de que fez onze Batalhoens, levando seis de vanguarda com cincoenta Mosqueteiros em cada hum dos lados, cinco de reserva, e em todas se contavaõ novecentos e cincoenta Cavallos. Governava o General os da vanguarda, assistido dos Commissarios Geraes Duquisnè, e Rocier: mandava a retaguarda o Tenente General da Cavallaria Tamericurt; e nesta fórma em hum sitio pouco distante de Arronches, appareceraõ os Castelhanos formados com quinze Batalhões, em que havia, como depois constou, mil e trezentos Cavallos. Sete Batalhões da vanguarda governava o Conde de Amarante, Tenente General da Cavallaria: ao Tenente General Hibarra obedecia a reserva, e dous Batalhões tirados da Ordenança flanqueavaõ os dous lados direito, e esquerdo: e se acaso usáraõ delles, confórme a disposiçaõ, tiveraõ melhor successo. Logo que avistáraõ as nossas Tropas formáraõ as suas entre duas

Anno 1653.

Andre de Albuquerque tira de Arronches cem Mosqueteiros, e dispoem a fórma de pelejar.

Disposiçaõ dos Castelhanos.

Anno 1653.

ſanjas, que lhe ſeguravaõ os lados, e com a frente em hum pequeno ribeiro. Era todo o ſitio muito accommodado para receber a inveſtida das noſſas Tropas; e pudèraõ lograr o militar intento, ſe a prudencia de Andre de Albuquerque naõ prevenira o damno que as ameaçava: porque vendo a ventagem que os Caſtelhanos tinhaõ no ſitio que occupavaõ, fez alto; e em quanto os batedores de huma, e outra parte atacavaõ a primeira eſcaramuça, mandou adiantar os cem Moſqueteiros, e maltrataraõ de ſorte com repetidas cargas as Tropas Caſtelhanas, que as obrigaraõ a largar o poſto ventajoſo em que eſtavaõ formadas, e a ſerem as primeiras que ſe arrojaraõ a inveſtir. Foy grande o ſeu impulſo, porém mayor a noſſa conſtancia; porque depois de durar largo eſpaço a contenda, cedeo a vanguarda dos Caſtelhanos, e voltando as coſtas, carregados dos noſſos ſoldados, os ſoccorreo a ſua reſerva. Era o partido muito ſuperior, e opprimidas as noſſas Tropas da ventagem, voltaraõ com excellente ordem, e ſaindo pelos claros da reſerva tornaraõ a formarſe na ſua retaguarda. O Tenente General Tamericurt que com impaciencia conſtante aguardava eſta occaſiaõ, atacou os Caſtelhanos taõ valeroſamente com os Batalhoens da reſerva, que os obrigou a cederem á victoria. Fóraõ os primeiros que deſampararaõ a campanha os dous Batalhoens, que fóra da fórma flanqueavaõ os lados: ſeguîraõ os mais eſte exemplo, e quaſi todos ficaraõ no alcance priſioneiros. Andre de Albuquerque com militar diſpoſiçaõ havia introduzido a pelejar as Tropas da vanguarda, mas recebendo huma ferida no roſto, e huma eſtocada pelo lado eſquerdo, cahio, matandolhe o cavallo, e atropelado de todos os que pelejavaõ. Padeceo taõ grave perigo, que ſendo julgado por morto, foy deſpojado de hum trombeta da ſua Companhia, ſem ſer conhecido; porém acodindolhe alguns Officiaes o levaraõ ſem acordo a Arronches; e tornando em ſeu juizo com os remedios, foy a primeira palavra que pronunciou perguntar ſe vencera, credito grande do generoſo, e invencivel coraçaõ que o animava. Ficaraõ no lugar do encontro duzentos Caſtelhanos mortos, fóra outros que ſe acharaõ em

Obriga Andre de Albuquerque os Caſtelhanos a pelejar fóra do ſitio ventajoſo.

Rota dos Caſtelhanos.

Andre de Albuquerque fica mal ferido.

em varios lugares: entre elles o Conde de Amarante Tenente General da Cavallaria, que governava aquellas Tropas, os Capitães de Cavallos D. Guilherme Totavilla, sobrinho do Duque de S. German, D. Sancho Peres de Villa Massares, D. João Sarmento, e outros muitos Officiaes. Os feridos que ficaraõ em Arronches passáraõ de 400, em que entravaõ os Capitães de Cavallos D. Thoribio Pacheco, D. Christovaõ de Obando, D. Luiz de Obando, treze Tenentes, dezasete Alferes, e quantidade de reformados. Os cavallos com que se remontaraõ as nossas Tropas passáraõ de setecentos. A perda que tivemos constou de vinte e nove mortos, em que entrou o Capitaõ de Cavallos Henrique de Figueiredo, que havendo pelejado com grande valor nesta, e em outras muitas occasioens, assim na Provincia de Traz os Montes, como na de Alentejo, acabou com muitas feridas. Recolheraõ-se a Arronches cento e treze soldados feridos: entre elles o Commissario Geral Rocier, e o Capitaõ de Cavallos Francisco Pacheco Mascarenhas. O procedimento dos Officiaes, e Soldados, que se acharaõ nesta occasiaõ, foy taõ igual, que será offender a todos, particularizar qualquer delles. Em Andre de Albuquerque se reconhecèraõ todas as circunstancias de valeroso, e experimentado Capitaõ, devendose ás suas disposiçoens as consequencias deste successo, que foraõ muito grandes; porque naõ só se logrou nelle a gloria de se conseguir, e o interesse da grande remonta que entrou nas Tropas com diminuiçaõ das Castelhanas, senaõ que igualando o valor á sciencia, ficou a Cavallaria de Alentejo restituida do credito, que em algumas occasioens dos annos antecedentes havia perdido, e foy este effeito satisfaçaõ da diligencia com que o Conde de Soure tinha solicitado melhorarse a disciplina. Logo que recebeo a noticia deste successo remeteo a Arronches Medicos, e Cirurgiões, e todos os medicamentos necessarios, para serem curados com o mayor cuidado, assim os feridos Portuguezes, como os Castelhanos. E succedeo que curando os Cirurgiões aos Castelhanos com o experimentado, e util remedio do oleo de ouro, para cujo effeito he precizo estarem as feridas descubertas ao

Anno 1653

Morre o Conde de Amarante, e muitos Officiaes, e Soldados de Castella.

Feridos, e prisioneiros.

Morre o Capitaõ de Cavallos Henrique de Figueiredo.

Acode-se por ordem do Conde de Soure aos feridos com grande cuidado.

Anno 1653.

ar, vendo os Officiaes que andavaõ ſãos o eſpectaculo (a ſeu parecer) dos corpos deſpidos ao frio do Inverno, ſe queixáraõ com grande exceſſo da impiedade com que eraõ tratados em terra de Chriſtãos. Por ſe lhe tirar eſte horror os leváraõ a que viſſem Andre de Albuquerque, e aos mais Portuguezes que eſtavaõ na meſma fórma, por haverem neceſſitado as ſuas feridas de oleo de ouro. Convencidos com eſta experiencia trocáraõ o pezar em agradecimento, e pedindo depois, quando ſe partiraõ para Caſtella alguns delles o oleo de ouro, ſe lhes concedeo, para que curados das feridas que recebeſſem das noſſas mãos, mais depreſſa, tornaſſem a dar novas occaſioens aos noſſos triunfos. Logo que as feridas deraõ lugar a Andre de Albuquerque, e aos mais feridos paſſáraõ a Elvas, e com eſte ſucceſſo tiveraõ fim eſte anno os da Provincia de Alentejo.

Noticias das mais Provincias

O Viſconde de Villa Nova paſſou eſte anno na Provincia de Entre Douro e Minho ſem occaſiaõ que deſſe materia á hiſtoria, tendo por conveniente o ſocego para a cultura dos campos, e os Galegos aconſelhados dos dãnos padecidos, ſeguíraõ igual politica.

O meſmo eſtylo obſervou Joanne Mendes de Vaſconcellos na Provincia de Traz os Montes. Os Caſtelhanos depois de reſtaurada Barcelona accreſcentáraõ as Tropas por aquella fronteira, e fizeraõ varios movimentos que puzeraõ a Joanne Mendes em grande cuidado: mas todos ſe deſvaneceraõ, e nem as entradas de huma, nem de outra parte perturbaraõ o ſocego dos lavradores. D. Rodrigo de Caſtro, que governava hum dos partidos da Beira ajuntou gente para ſoccorrer Joanne Mendes: tornou a aquartellala por ſe deſvanecerem os intentos dos Caſtelhanos, e com algumas prezas de pouca importancia paſſou todo eſte anno. D. Sancho Manoel padecia grande incommodidade com a falta do Meſtre de Campo Joaõ Fialho, Officiaes, e Soldados que eſtavaõ priſioneiros em Badajoz. Tinhaſe valido o Duque de S. German de pretextos apparentes para lhes naõ dar liberdade, faltando ao que D. Sancho havia ajuſtado com o Conde de Tronſan Governador do partido de Alcantara, que era reſ-

restituiremse todos os prisioneiros, incluido o posto de Mestre de Campo; e o mesmo ajustamento tinha celebrado o Conde de S.Lourenço com o Marquez de Lagañes, quando concorrêrão no governo das Armas. Era a escusa do Duque de S.German dizer, que o ajustamento feito pelo Conde de Tronsan, naõ tinha força por naõ preceder o consentimento do Marquez de Lagañes, a quem era subordinado, e dissimulava a razaõ de que o concerto celebrado entre o Conde de S. Lourenço, e o Marquez de Lagañes desfazia esta apparente proposiçaõ; pois incluhia o partido de Alcantara, que estava á sua ordem. Todas estas duvidas se facilitáraõ depois do successo de Arronches, em razaõ dos muitos prisioneiros que ficaraõ em Elvas, e tornandose ao primeiro ajustamento, vieraõ por este caminho a ter liberdade os Officiaes, e Soldados do partido de D.Sancho. Advertido D. Sancho das muitas entradas que os Castelhanos faziaõ entre Monsanto, e Pena Garcia, fabricou neste districto huma Atalaya; e para ter tempo de conseguir esta obra sem embaraço, mandou armar as Tropas que se alojavaõ na Moraleja. Naõ conseguio rompelas: porêm o rebate dissimulou o inento da Atalaya, e naõ tiveraõ os Castelhanos noticia della, senaõ depois de fabricada. Foy de grande utilidade aos moradores daquella campanha: retirouse D. Sancho, e alcançando licença delRey para passar á Corte, ficou governando o seu partido Nuno da Cunha de Ataide, que occupava o posto de Tenente General da Cavallaria. Os mezes que durou o seu governo passou sem acçaõ digna de memoria.

Anno 1653.

Renovaõ os Castelhanos os ajustes.

Lograva ElRey felicemente em todas as Provincias do Reino os successos referidos, e as materias politicas pela mayor parte correspondiaõ no effeito ao fim pertendido da conservaçaõ do Reino; porêm como as fortunas da vida saõ taõ pouco duraveis, que quando se suppoem mais firmes, caducaõ mais depressa. Neste tempo em que ElRey entendia que tinha logrado o merecido fructo da generosa empreza que abraçara, experimentou o golpe mais sensitivo que havia tolerado no discursa da sua vida, nem podia experimentar todos os annos que

Anno 1653.

Agravase a doença do Principe, e se manda mudar de sitio.

lhe durasse: porque o Principe D. Theodosio (a quem dignamente amava mais que a sua propria vida) havendo padecido a larga enfermidade de que temos dado noticia, e naõ chegando depois de passada a primeira força della a lograr inteira saude, por lhe occasionar continuos achaques hum grande estillicidio, que caindolhe no peito naõ puderaõ extinguir repetidos remedios, antes se entendeo que alguns lhe apressáraõ a morte (principalmente os que o Principe elegeo por filosofia propria) porque succedendo serem demasiadamente calidos, eraõ totalmente encontrados ao seu achaque. Vendo os Medicos que se aggravava cada dia mais a enfermidade; porque ja o peito offendido começava a arrojar sangue pelá boca, receitàraõ ao Principe na mudança de sitio a unçaõ dos remedios. Elegeose huma quinta em Palhavaã, que em pouca distancia da Corte hoje logra com nobre fabrica, devida à sua dispoſiçaõ, D. Luiz da Silveira Conde de Sarzedas: porém ainda que o sitio era muito sadîo, como estava o mal mais poderoso, naõ conhecendo o Principe melhoria alguma voltou para Lisboa; e brevemente passou a assistir em huma quinta de Paulo de Carvalho, que no lugar de Alcantara se communica com a delRey, que tambem passou a habitar a sua, por ser o tempo da Pascoa, em que costumava fazer esta jornada. Entrou o mez de Mayo, e de sorte se foy augmentando a enfermidade do Principe, que totalmente desconfiàraõ os Medicos das esperanças da sua vida. Naõ foy necessario ao Principe o derradeiro desengano; porque tanto de antemaõ se havia prevenido para aquella ultima hora, em que a breve carreira da vida, ou para o triunfo da gloria eterna pàra, ou para o precipicio da pena immortal corre, que ainda antes que o discurso pudesse formar as distinçoens mais verdadeiras, havia procurado voar o espirito a assistir na presença divina, e depois que o uso da razaõ chegou a aperfeiçoarse, naõ houve acçaõ naquelle Regio, e devoto animo, que naõ fosse encaminhada (como se póde presumir) para agradar ao mesmo Senhor, a que devia taõ incomparaveis beneficios. Multiplicavase por instantes a enfermidade, e conhecendo o Principe, que

eraõ

eraõ chegados os ultimos paſſos da ſua vida, reforçou vivamente contra os combates da morte as armas defenſivas da alma. Mandou que nos Conventos, Freguezias, e Oratorios, em que aſſiſtia o povo pedindo a Deos com fervoroſas lagrimas lhe dilataſſe a vida, que ſe julgava pela unica eſperança do Reino, ſe mudaſſe de rogativas, e ſe intercedeſſe com Deos lhe concedeſſe efficazes auxilios para alcançar a ſalvaçaõ da ſua alma. De todo ſe entregou ao leito a tres de Mayo, ſeis dias deixou que os Medicos apuraſſem os remedios para a ſaude do corpo; a nove recebeo os Sacramentos, e atê quinze, em que acabou, gaſtou em continuos, e fervoroſos exercicios eſpirituaes, naõ havendo quaſi inſtante algum, em que naõ eſtiveſſe em amoroſos coloquios com Deos crucificado, e com ſua Mãy Santiſſima. Obrigados alguns Religioſos das lagrimas laſtimoſas de ſeus Pays, o perſuadîraõ a que pediſſe a Deos lhe deſſe vida para ſe empregar em ſeu ſanto ſerviço. Reſpondeo: ,, Que tal naõ faria; porque eſ- ,, tava de todo o coraçaõ reſignado na vontade divina, e ,, ſó deſejava verſe na gloria. E voltando para os Reys ſeus Pays, lhes diſſe: ,, Que ſe naõ entriſteceſſem, por- ,, que eſtava com grande confiança em Deos, entenden- ,, do, que a ſua morte convinha para a ſua ſalvaçaõ, e ,, que lhes prometia ſer ſeu interceſſor quando ſe viſſe na ,, Patria Celeſtial. Notouſe que todas a vezes que o Confeſſor lhe fallava na morte ſe alegrava com exceſſo, e quando lhe tratava da formoſura de Deos ſe tranſportava, e abſtrahia totalmente os ſentidos. Na ultima hora mandou: ,, Que ſe pediſſe ao Reino perdaõ dos defeitos ,, do ſeu governo, e pedio a ElRey que pagaſſe logo os ,, ſerviços dos ſeus criados, lembrandolhe juntamente que ,, mandaſſe Prégadores Evangelicos ás Conquiſtas da Co- ,, roa, encomendoulhe que o deſempenhaſſe de hum vo- ,, to que havia feito á Rainha Santa Iſabel, quando paſ- ,, ſou por Eſtremoz de lhe levantar hum Templo no lu- ,, gar em que falleceo. Diſſelhe hum Religioſo que brevemente havia de fazer a infallivel jornada dos mortaes. Reſpondeo rindo: ,, Nunca entendi que tanto ſe dilataſſe. E abraçado com huma Imagem de Chriſto na Cruz, re-

Anno 1653.

Diligẽcias, e demonſtrações pela ſaude do Principe.

Actos catholicos do Principe.

Ultimas razoẽs aos Reys ſeus Pays.

Anno 1653.

petindo fervorosamente: *Præbe mihi cor tuum, & ego trado tibi cor meum, sicut desiderat cervus ad fontes aquarum, ita desiderat anima mea ad te Deus.* Elevado em profunda contemplaçaõ rendeo o fervoroso espirito nas mãos de seu Redemptor a quinze de Mayo, dia em que esperava a morte, como havia referido muito tempo antes. O sentimento dos Reys seus Pays subio ao excesso a que podia chegar a causa delle, as lagrimas de seus Vassallos corriaõ com a abundancia que costumaõ lançar os mais lastimados corações: porque vendose os Reys sem hum filho, por todas as virtudes merecedor do Ceo, e da estimaçaõ do mundo, e os Vassallos sem hum Principe, por todas as qualidades digno de mayor Imperio, naõ deviaõ perdoar ás demonstraçoens mais excessivas de sentimento.

Morte do Principe.

Seu elogio.

Foraõ as inclinaçoens do Principe D. Theodosio aquellas, que saõ necessarias para formar hum Principe perfeito. Logo que teve juizo de razaõ fundou o edificio da sua vida sobre a segura base do temor de Deos, e oito annos que continuamente lhe assisti, dos sete até os quinze da sua idade, admirey nelle em summo gráo os doens de piedade generosa, modestia soberana, admiravel juizo, e insigne valor. Cultivava estas virtudes com prudente arte seu Mestre D. Pedro Poeros: de poucos annos o inclinou a dar esmolas com tanto fervor, que destribuhia com os pobres todo o cabedal que alcançava. Antes de ter sete rezava de memoria o Officio de N. Senhora, exercicio em que o acompanhey todo o tempo, em que lhe assisti. Ouvia Missa com tanta devoçaõ, que derramava ordinariamente copiosas lagrimas o tempo que durava. De sorte se offendia de qualquer palavra obscena, que jamais tornou a conversar voluntariamente com aquella pessoa a que ouvio termos immodestos. Era de qualidade o respeito, e veneraçaõ com que tratava aos Reys seus Pays, que ordinariamente sacrificava o seu entendimento á sua obediencia. De poucos annos soube, e fallou perfeitamente a lingua Latina: teve noticia da Grega, e da Hebraica: entendia a Franceza, e Italiana, a Castelhana fallava. Soube com grande excellencia Filosofia, e

antes

antes de dezasete annos foy admiravel Theologo. Especulou os termos da Medicina, do Direito Canonico, e Civil. Aprendeo o que lhe era necessario para a administraçaõ do governo do Reino; porem a sciencia a que mais se applicou foy á Mathematica, em que teve por Mestre ao Padre Joaõ Ciermans, vulgarmente chamado Cosmander, que costumava dizer que quando entrára a lhe dar liçaõ achára nelle mais mestre de que aprender, que discipulo que ensinar. Foy muito destro no jugar das armas, e manejo dos cavallos; as fortificaçoens deliniava perfeitamente. Nas artes mecanicas era taõ pratico, que obrava relogios, e torneava hovedos. Aprendeo a pintar, e por sua industria se fabricavaõ folhas de espada, e outras inventivas que filosofava o seu grande engenho. Foy summamente applicado á liçaõ das historias humanas, e nas sacras era taõ erudito, que apontava nellas os lugares mais selectos, e colhia o fructo da mais alta doutrina. Nos livros que ensinaõ a arte de Reinar escolhia a politica christãa, e abominava todos aquelles que a encontravaõ. Deixou compostos alguns livros de summa erudiçaõ, e outros discursos de grande eloquencia. Estimava com summa attençaõ aos varoens doutos em qualquer faculdade, ou arte liberal. Aos soldados de conhecido valor favorecia com animo taõ generoso, que costumava dizer, que era o seu mayor sentimento ver algum soldado benemerito sem igual premio ao que merecia. Era amantissimo da Nobreza, clementissimo com o povo, e amava tanto o de Lisboa, que poucos dias antes de morrer, chamou ao Juiz delle, e lhe disse: „ Dizey ao meu povo, „ que se Deos me der vida toda hey de gastar em sua de„ fensa; e que se for servido levarme para si, com mais „ efficaz diligencia lhe assistirey na gloria. E muitas vezes costumava repetir: „ Que se naõ houvesse de ver seus „ Vassalos livres das oppressoens que padeciaõ, que naõ „ queria ser Rey de Portugal. De treze annos começou a assistir nos Conselhos de Estado; e de sorte eraõ elevados os seus discursos, que se observavaõ as suas opinioens como vozes de Oraculo. O governo das Armas, que El-Rey seu Pay lhe entregou, administrou com a prudencia

Anno 1653.

Anno 1653.

que havemos referido, o dia que tomou posse delle fez a seguinte Oraçaõ que todos os dias recitava de joelhos diante da Imagem de Christo crucificado.

Oraçaõ do Principe.

Domine qui potestates & regna toti terrarum Orbi dispensas, præis exercitibus, & Dei Sabaoth nomine dignaris, Tu de tua immensa bonitate mihi, etsi vilissimæ creaturæ tuæ Regnum istud Lusitanum tuendum dedisti, quod & ad maiorem laudem tuam suscepi, & pro charitate, qua tua gratia fretus intendo nil aliud volo, quam quod tuo sanctissimo nomini gloriosius & decentius fuerit. Unde, potentissime Deus, qui omnia diligenti Te in bonum cessura promisist, qui Salomoni regendi scientiam dedisti, Davidi, & Josue militarem fortitudinem induisti. Te precor per Unigenitum Filium tuum Dominum meum JESUM Christum, ut dum hoc cemet munere fungi velis, sic fortem & sapientem me geram, ut plurimas inde Tibi referam gratias, quod de me, spondeo, semper facturus. Amen.

Com este exercicio começava o dia, e muitas horas delle gastava em profunda contemplaçaõ, persuadindo a todas as pessoas com quem familiarmente tratava, a que considerassem que cousa era Deos, e a que repartissem as suas infinitas perfeiçoens pelos grãos de arêa do mar, e multiplicando-as ao galarim tudo quanto podia subir o discurso humano, chegando ao ultimo ponto, dizia: „ Quem haverá que possa comprehender este impos„ sivel. Por ventura viráõ todas estas perfeiçoens a fazer „ hum limitado rascunho das que ha em Deos? Naõ por „ certo; pois logo se Deos he taõ infinitamente perfeito, „ com que perfeiçaõ deve ser amado dos homens, e com „ que desvelo buscado? As palavras que ordinariamente repetia eraõ: „ Que grande Deos temos, que immensa „ formosura he a sua! Todas as vezes que dava horas o relogio fazia hum acto fervoroso de Contriçaõ: confessavase quasi todos os dias; commungava todos os Domingos, e as festas mayores do anno. Nos tres annos ultimos da sua vida fez treze confissoens geraes. Continuou a penitencia desde os primeiros annos com taõ admiravel impulso, que os exercicios da sua recreaçaõ eraõ tratarse

cu-

como heremita, os mezes que assistia na quinta, e castigar os affectos humanos com disciplinas, e jejuns. Huma das mayores demonstrações com que Deos quiz mostrar que havia de satisfazer as virtudes do Principe com o premio da gloria eterna, foy que adoecendo nos ultimos dias da sua vida o Padre Fr. Miguel de S. Jeronymo Carmelita Descalço Varaõ de singular virtude, e com quem o Principe costumava communicar o seu espirito, o mandou visitar pelo Conde de Miranda, seu Gentil Homem da Camera, e achando que estava no ultimo paroxismo, depois de agradecer a mercê que o Principe lhe fizera, disse ao Conde: *Que podia segurar a Sua Alteza que depressa se haviaõ de ver.* E brevemente succedeo: porque Fr. Miguel acabou a 19 de Abril; e o Principe a quinze do seguinte mez de Mayo, aos dezanove annos da sua idade, tres mezes, e sete dias, espirando nelle o melhor composto de virtudes que produziraõ os seculos presentes. Foy o Principe D. Theodosio de estatura proporcionada, e de galharda presença, o rosto grave, branco, e corado, olhos, e cabellos negros, o corpo robusto, antes que os achaques o debilitassem. Foy a sepultar á Capella mór do Convento Real de Belem com magnifico apparato, e taõ copiosas lagrimas de todo o concurso que assistio, que naõ ha memoria nas historias de mayor, nem de mais justo sentimento na morte do seu Principe. A nova desta infelicidade recebi eu D. Luiz de Menezes na Praça de Moura muitos dias depois de succedida, prevençaõ de alguns amigos, querendo dilatar este combate á vida, ameaçada naquelle tempo com o perigo de tres grandes feridas que havia recebido em huma pendencia; e esta amigavel attençaõ parece que dilatou mais annos a vida por ser necessario grande vigor para resistir taõ sensitivo golpe, pois naõ póde explicar o encarecimento o muito que deve ás memorias deste, sobre todos, virtuoso, e excellente Principe.

Anno 1653.

Sua disposição, e enterro.

Logo que o Principe morreo chamou ElRey a Cortes, para ser nellas jurado por successor destes Reinos seu filho o Principe D. Affonso. Foraõ eleitos por Procuradores de Cortes desta Cidade Martim Affonso de Mello

Chama ElRey a Cortes.

Anno 1653.

Mello Conde de S Lourenço, e o Desembargador Jorge de Araujo Estaço, por Secretario da Nobreza Sebastiaõ Cesar de Menezes, Bispo eleito de Coimbra. Depois de jurado o Principe D. Affonso com as ceremonias costumadas, separados os Estados Ecclesiastico, Nobreza, e Povo nos Conventos de S. Domingos, S. Roque, e S. Francisco, se assentou, precedendo grandes conferencias, que para a despeza da guerra se contribuisse por todos os Estados com a decima direita dos bens Ecclesiasticos, e Seculares; e que em caso que os Castelhanos sitiassem alguma Praça principal accrescentariaõ a quarta parte mais da importancia deste tributo; e que se os Castelhanos se esforçassem a entrar neste Reino com Exercitos, e Armadas poderosas; neste caso por se evitar a ultima ruina offereciaõ a Sua Magestade todos os bens que possuhiaõ, antepondo generosamente a saude publica aos interesses particulares. Antes de se acabarem as Cortes padeceo ElRey novo golpe na morte da Infanta Dona Joanna sua filha mais velha, que depois de dilatada enfermidade acabou a vida a 17 de Novembro, desenganando a mortalidade, de que naõ era isençaõ da natureza a grande formosura que lograva. Conheceu a morte, e entregouselhe, como se naõ deixára tanta grandeza. Está sepultada no Cruzeiro do Convento de Belem.

Juramento do Principe D. Affonso.

Assento das Cortes.

Morte da Infanta D. Joanna.

Continuava a assistencia de França Feliciano Dourado, e como naõ havia voltado de Lisboa o Embaixador Francisco de Sousa Coutinho, naõ tiveraõ os negocios entre aquella, e esta Coroa mudança alguma. Era com mais poder que em outro algum tempo Arbitro de todos os de França o Cardeal Massarino, depois de haver felicemente triunfado da opposiçaõ de seus inimigos; e com tanto excesso se achava valido da fortuna, taõ cega para os infelices, como para os venturosos, que a Rainha, que havia sido a mais empenhada na sua grandeza, começou a recear de sorte a affeiçaõ que seu filho lhe havia cobrado, que faltando ElRey alguns dias na assistencia que costumava fazerlhe, sabendo que estava em casa do Cardeal, o foy buscar, e diante do mesmo Cardeal lhe disse, que era successo muito extraordinario serlhe necessario

ſario para o ver perdir licença ao Cardeal. E eſte era o meſmo Julio Maſſarino, que pouco tempo antes havia ſaido de França, mendigando aſſiſtencias alheyas, que a outro menos venturoſo parece foraõ impoſſiveis: taes coſtumaõ ſer os deſconcertos do mundo com tanta ancia buſcado dos meſmos a que tyrannizaõ as ſuas deſordens.

Anno 1653

Os negocios de Roma, como ElRey conheceo que naõ mudavaõ de condiçaõ com as diligencias do Biſpo Belemitano, perdeo quaſi a eſperança de conſeguir o juſtificado intento, que com taõ efficazes inſtancias havia ſolicitado de alcançar Paſtores para as Igrejas, viuvas tantos annos dos eſpoſos de que ſummamente neceſſitavaõ; porèm naõ baſtavaõ todos os deſenganos para ElRey perder o fio da ſua pertençaõ, querendo moſtrar a fervoroſa obediencia, e ſubmiſſaõ com que reſpeitava os disfavores do Pontifice.

Perſevera ElRey nas inſtancias ao Papa ſem eſperanças de effeito.

O Doutor Antonio Rapoſo aſſiſtia em Holanda com muita utilidade do ſerviço delRey, entretinha os aggravos dos Holandezes. Porém era a mais poderoſa negoceaçaõ para divertir os ſoccorros do Arrecife a guerra que os Holandezes tinhaõ com Inglaterra, em que experimentavaõ taõ infelice ſucceſſo, que encontrandoſe no Canal as duas Armadas de huma, e outra Republica, depois de pelejarem muitas horas perderaõ os Holandezes vinte e ſete navios. Deſte accidente ſe valia em Inglaterra o Conde Camareiro mor, e negoceava com grande induſtria a confirmaçaõ da paz perturbada com o generoſo patrocinio que ElRey, á inſtancia do Principe D. Theodoſio, como fica referido, deu aos Principes Roberto, e Mauricio. Naõ lhe era facil conſeguir eſte intento; porque o natural de Cromuel, deſvanecido com o grande poder que a tyrannia lhe tinha facilitado, deſviado dos caminhos da razaõ, ſó approvava o que julgava conveniente para eſtabelecer o ſeu governo á cuſta das honras, vidas, e fazendas dos Inglezes inclinados a ſeguir o partido delRey. Eſta deſordem dos affectos de Cromuel experimentou o Conde por hum infelice accidente que naõ puderaõ remediar todos os privilegios da ſua occupaçaõ. Huma tarde ſahio a paſſear D. Pantaleaõ de Sá irmaõ do Con-

Succeſſos de Holanda.

Batalha naval entre os Inglezes, e Holandezes.

Anno 1653.

Conde (que como referimos o havia acompanhado nesta jornada) com Guilherme Ludovico pessoa principal daquella Corte, que professava estreita amizade com D. Pantaleaõ, e com outras pessoas da familia do Embaixador. Logo que cerrou a noite entráraõ em Niuchens ou Bolsa Nova, sitio aonde costuma a Nobreza daquella Corte divertirse algumas horas da noite. Pouco haviaõ caminhado, quando em hum dos passeos encontráraõ hum moço, chamado Thomaz Au, irmaõ do Conde de Cur; que passou por entre elles com taõ pouca cortezia, que se achou obrigado Guilherme Ludovico a lhe advertir, que se devia mais respeito assim a elle, como a D. Pantaleaõ irmaõ do Embaixador de Portugal. Respondeo Thomaz Au taõ desconcertadas palavras em Francez contra a pessoa de D Pantaleõ que entendidas por elle o investio com as mãos por naõ trazerem espadas, e accodindo algumas pessoas da familia do Embaixador recebeo Thomaz Au duas feridas de armas curtas. Recolheose D. Pantaleaõ a casa do Conde, e havendo quem desse noticia de que o Inglez contava a pendencia a favor da sua opiniaõ, naõ querendo o Conde que ficasse em duvida entre os Inglezes o successo antecedente, costumando a estimar mais as acçoens militares que as politicas, ordenou a seu irmaõ, que a noite seguinte voltasse á Bolsa armado, e assistido da sua familia, e da mesma pessoa do Conde em habito dissimulado, determinando que no mesmo lugar publico em que havia succedido a pendencia, manifestasse D. Pantaleaõ as circunstancias della. Entrou D. Pantaleaõ na Bolsa, e antes que tivesse lugar de conseguir o intento que levava o investiraõ alguns parentes de Thomaz Au, que o estavaõ esperando para tomarem satisfaçaõ do successo passado. Naõ refusou D. Pantaleaõ o encontro, e como se achava assistido do valor do Conde, de seus camaradas, e familia, facilmente rebateraõ todo o poder dos contrarios, e depois de mortos dous, e feridos muitos lhes largáraõ o campo, e accodindo o Embaixador de Holanda ficou a pendencia de todo soccegada, e tornando o Conde, e D. Pantaleaõ a buscar as carroças as naõ acharaõ, por haverem fugido ao primeiro rumor da pendencia.

Pẽdencia de D Pantaleaõ de Sá em Inglaterra.

Renovase a pẽdencia.

Foy

Foy preciso recolheremse apé para sua casa com taõ máo succello, que encontrado de hum Corpo de Cavallaria, que Cromuel com a noticia da pendencia havia mandado segurar o sitio da Bolla, e reconhecidos do Cabo levou prezo D. Pantaleaõ, e algumas pessoas da familia do Conde. Deu conta a Cromuel, que ordenou o levasse á cadêa publica. Havia o Cabo entregue em confiança a D. Pantaleaõ ao Embaixador; porém obrigado da resoluçaõ de Cromuel, e o Conde da sua palavra, executou a ordem, e levou D. Pantaleaõ á cadêa. Na manhaã seguinte sahio o Conde a fallar a Cromuel assistido de todos os Embaixadores, sem se exceptuar D. Affonso de Cardenas Embaixador delRey de Castella, parecendolhe que preferia a razaõ commua á controversia particular. Expuzeraõ todos a Cromuel a immunidade dos Embaixadores violada no presente caso, e o direito das gentes corrompido; o mais que puderaõ conseguir, foy, passasse D. Pantaleaõ para a torre de Londres, que era a prizaõ mais decente. A poucos dias de assistencia nella achára no generoso espirito de Madama Mom facil caminho a sua liberdade, se naõ fora mais poderosa a sua desgraça. Resolveose esta Dama com valerosa commiseraçaõ a entrar no Castello acompanhada da sua familia a visitar D. Pantaleaõ, usando do honesto privilegio que tem para estas funçoens as Damas daquella Corte. Como naõ era possivel prevenir a suspeita o espirito da sua resoluçaõ, facilmente permittîraõ as guardas que entrasse. Detevese ella até cerrar a noite, e fazendo retirar todos os que assistiaõ na casa, disse a D. Pantaleaõ: „ Que obrigada do seu valor, da sua qualida„ de, e da injustiça com que padecia o imminente perigo „ da morte, havia deliberado darlhe liberdade sem atten„ der ao risco a que se expunha pela conseguir, que o ca„ minho era trocarem os vestidos; porque elle adornado „ de todos os que ella levava, e com o rosto cuberto co„ mo ella havia entrado acompanhado da sua mesma fa„ milia, naõ era possivel que as guardas o conhecessem, „ nem lhe embaraçassem a liberdade. Depois de hum largo, e cortez agradecimento resistio D. Pantaleaõ á primeira offerta, dizendo: „ Que seria comprar a liberdade a muito

Anno 1653.

Prizão de D. Pantaleão.

Instancia a Cromuel do Conde Camareiro mòr e mais Embaixadores.

Competencia generosa entre Madama Mom, e D. Pantaleão.

Anno 1653.

„ muito custo, mostrando ao mundo que lhe pagava taõ „ mal a fineza que pertendia usar por elle, que o desejo „ de se ver livre o obrigasse a deixala na prizaõ arriscada. „ Que neste sentido escolhendo antes a morte que o des- „ credito, lhe pedia quizesse deixalo na prizaõ, e que sa- „ hindo della protestava dedicar eternamente a vida a seu „ serviço. Respondeolhe Madama Mom: „ Que naõ era „ tempo de discursos largos, que ella pelas leys de In- „ glaterra naõ estava sujeita a grande castigo por aquella „ culpa, e que tinha parentes, e segurança que podiaõ „ livralo de qualquer escrupulo. Com esta certeza trocou D. Pantaleaõ brevemente o traje, e como era muito gentil homem naõ ficou com o vestido de mulher taõ mal adereçado, que pudesse ser facilmente conhecido. Sahio com a familia, e tochas de Madama Mom, entrou na sua carroça, achou o Conde seu irmaõ, que estava prevenido com aviso antecipado desta Dama, Levou-o a casa de hum Medico que havia comprado para o ter encuberto, em quanto lhe prevenia navio para passar a França. O Medico como se havia deixado comprar, foy facil em vender: deu parte a Cromuel, foy levado D. Pantaleaõ á prizaõ de que havia saido, ficando em todo este successo só em Madama Mom a gloria de emprender, e conseguir o que havia intentado. Sahio ella do Castello, e foy de toda a Corte applaudida, e estimada a sua resoluçaõ. Nove mezes esteve D. Pantaleaõ no Castello sem valerem ao Conde Embaixador as grandes diligencias que fez pela sua liberdade; no fim delles deliberou a tyrannia de Cromuel (depois de haver prometido, que o havia de remeter ao seu Principe com o processo da sua culpa, para o sentencear) ser elle o author da sentença, e de repente a fez lançar, para ter execuçaõ dentro de tres dias: Acodio o Conde, e os Embaixadores com exactas diligencias, porèm todas sem remedio. Notificada a sentença a D. Pantaleaõ tomou elle os tres dias que lhe davaõ para preparaçaõ da alma, e soube de sorte resignarse na vontade de Deos, e com tantos actos de entregar a vida entre hereges, naõ pela culpa, mas com animo de ser pela Fé, que justamente se inferio lograria o premio da sua resignaçaõ.

Sahe da prizão mudãdo o traje.

Fiase o Cõde Embaixador de hũ Medico q̃ o entrega.

Sentencea Cromuel à morte a D. Pantaleão.

Cortá-

Cortáraõlhe a cabeça em hum theatro publico, e no mesmo dia degolaraõ Thomaz Au, que havia ſido author da pendencia, entendendoſe que Cromuel degolára a D. Pantaleaõ por tirar a vida a Thomaz Au, que com honrada porfia ſeguia o partido delRey. Sentio o Conde Embaixador com o extremo, que era juſto eſta grande infelicidade, e tratou logo de abreviar os negocios da ſua embaixada, deſejando ſair de huma Corte, e das mãos de hum tyranno, em que havia achado taõ deſuſada injuſtiça.

Anno 1652.

Execução da ſẽtẽça em D. Pãtaleão, e Thomaz Au.

Retiraſe o Cõde Embaixador da Corte.

Deixámos continuando o ſitio do Arrecife o Meſtre de Campo General Franciſco Barreto com taõ louvavel conſtancia, que ſó a victoria que conſeguio podia ſer premio dos trabalhos que ſoffreo, aliviados com a aſſiſtencia dos animos invenciveis dos Officiaes, e Soldados que o acompanhavaõ. A falta de ſoccorros diminuhia a gente, e conſumia os cabedaes; porèm a reſoluçaõ uniforme de vencer ou morrer facilitava os mayores impoſſiveis. Naõ era menor o aperto dos ſitiados: porque a Companhia que fomentava a guerra, com a falta dos intereſſes da campanha, ſe achava quaſi exhauſta, e os do Supremo Conſelho impacientes, ja chegavaõ a appellar para remedios deſeſperados. Huma das idêas que lhes occorreo foy, perſuadir a Segiſmundo que interprendeſſe a Fortaleza do Arrayal. Conhecendo Segiſmundo a difficuldade deſta empreza, determinou diſſuadilos: mas experimentando que eraõ baldadas as ſuas razoens, lhes declarou que ſem ſe ganhar primeiro o Alojamento do Aguiar, naõ era poſſivel intentarſe o deſignio propoſto; porque como cortava o caminho, que forçadamente havia de fazer pela Fortaleza dos Affogados, havendo de ſer ſem duvida ſentidos muito tempo antes da execuçaõ, infallivelmente ficaria baldada com o riſco manifeſto de todos os que ſe arrojaſſem a querela conſeguir. Os do Conſelho, como intentavaõ chegar ao fim ſem diſputar os meyos, ſeguîraõ a opiniaõ de Segiſmundo acreditada com as experiencias do ſeu procedimento, e lhe deraõ ordem para que ſaiſſe a onze de Março da Fortaleza dos Affogados com a mayor parte da guarniçaõ daquelles preſidios, artilharia, e quantidade de gaſtadores, e que em quanto duraſ-

Succeſſos do Braſil.

durasse o conflicto roçassem o mato, que embaraçava jugar a artilharia da Fortaleza contra os nossos quarteis. Governava o Capitaõ Affonso de Albuquerque o Alojamento do Aguiar, descobrio os Holandezes pelas sete horas da manhaã, e parecendolhe menor acçaõ aguardar o assalto cuberto com as trincheiras, sahio fóra dellas seguido dos soldados que governava, e de outros que dos Alojamentos visinhos acodìraõ ao rebate, e com tanto valor investio os Esquadrões Holandezes, que em breve espaço os fez voltar as costas com grande perda, sendo mayor o estrago que se fez nos gastadores, que sem defensa padecèraõ o castigo da sua ousadia. Naõ havia penetrado Francisco Barreto o intento com que os Holandezes se empenhavaõ em ganhar o Alojamento do Aguir; porèm aconselhado da sua porfia reforçou com cinco Companhias aquelle posto, e deulhe por Cabo ao Capitaõ Paulo Teixeira. Os Holandezes ignorantes desta prevençaõ, passado algum tempo tornáraõ a buscar este quartel, fazendo huma emboscada em sitio taõ visinho a elle, que pudesse cortar facilmente todos os que sahissem a pelejar. Paulo Teixeira prevenido de algumas sentinellas perdidas sahio do quartel, investio os que estavaõ na emboscada, derrotou-os, e os que fugîraõ puzeraõ tanto terror nos que marchavaõ para atacar o Alojamento, que todos se recolheraõ á Fortaleza dos Affogados. Corridos de taõ pouca constancia voltaraõ ás tres horas da tarde a atacar o mesmo posto juramentados a apurar o ultimo esforço; porém achando em Paulo Teixeira igual alento, e disposiçaõ, depois de durar muitas horas o conflicto, foraõ com grande perda desbaratados. Estas experiencias que cada dia achavaõ mais custosas, e a falta de mantimentos, que por instantes conheciaõ mais prejudicial, obrigou aos Holandezes a suspenderem as surtidas, empregando a mayor parte dos presidios na empreza de conduzir mantimentos do Rio de S.Francisco. Embarcáraõ a gente delles em algumas fragatas, e chegando ao Rio de S.Francisco saltáraõ em terra, e unidos aos soldados da Fortaleza, que sustentavaõ naquelle districto, marcharaõ a dar á execuçaõ o intento que levavaõ. Assistia no Rio de S. Francis-

Anno 1653.

Ataca Segismũdo o quartel do Aguiar, retira-se com perda.

Procuraõ os Holandezes tirar mantimẽtos do Rio de S.Francisco.

Francisco por ordem de Francisco Barreto o Capitaõ Francisco Barreiros com cem Infantes, e alguns negros, com ordem de impedir que se naõ aproveitassem dos mantimentos daquella campanha. Teve noticia de que os Holandezes desembarcavaõ, e ainda que lhe constou que traziaõ mayor poder do que elle tinha para se lhe oppor, se resolveo a buscallos, e encontrando-os em hum sitio chamado Santa Isabel os investio com grande resoluçaõ; porém acertandolhe huma bala pelos peitos cahio morto, e os seus soldados, variando o costume de desmayarem com a falta do Cabo, e incitados com o desejo da vingança, investîraõ os Holandezes com tanto valor, que brevemente os derrotáraõ com grande estrago, e retirandose para a Fortaleza os que puderaõ salvarse, se tornaraõ a embarcarse nas fragatas menos dos que vieraõ, e voltaraõ ao Arrecife sem levar os mantimentos que intentaraõ. Haviaõ os do Supremo Conselho eleito hum dos que assistiaõ nelle, chamado Vangog, para ir a Holanda a dar conta aos Estados do aperto em que se viaõ. Fez elle a sua jornada; porèm sendo na occasiaõ em que os Holandezes foraõ vencidos dos Inglezes no Canal de Inglaterra, naõ conseguio mais que humas esperanças de soccorro taõ dilatadas, que parecendo aos sitiados impossiveis de conseguir, lhe servîraõ só de ultimo desengano.

Anno 1653.

Os Holandezes são desbaratados pelo Capitão Francisco Barreiros, que morre vencendo.

Naõ eraõ estas noticias occultas a Francisco Barreto, e desejando naõ perder occasiaõ taõ opportuna, que quasi prometia o pertendido fim daquella empreza, excogitou o caminho mais util de a poder conseguir; porém naõ quiz tomar resoluçaõ alguma sem o parecer dos tres Mestres de Campo, experimentando, que da uniaõ, e conformidade com que se havia conservado com elles, lhe haviaõ resultado os melhores successos. Achavase no Pontal de Nazareth, e hum dia montando a cavallo com os tres Mestres de Campo, os levou largo espaço daquelle sitio, por se apartar do perigo da curiosidade dos que lhe assistiaõ, e chegando a huma Hermida da invocaçaõ de S. Gonçallo, entraraõ todos quatro nella, e Francisco Barreto cõmunicou aos Mestres de Campo: „ Que tendo „ noticia do aperto em que os Holandezes do Arrecife se „ acha-

Proposta de Frãcisco Barreto aos Mestres de Cãpo.

Anno 1653.

„ achavaõ, por falta de gente, e de mantimentos, e as
„ poucas efperanças com que eftavaõ de ferem foccorri-
„ dos dos Eftados de Holanda, por fe acharem opprimi-
„ dos com a guerra de Inglaterra, julgava por efta razaõ
„ fer aquelle o tempo mais proprio de applicar áquella
„ taõ ardua, e trabalhofa empreza o ultimo esforço. Que
„ fe chegava o tempo de apparecer naquelles mares a fro-
„ ta da Companhia Geral do Commercio, de que era Ge-
„ neral Pedro Jaques de Magalhães, que em igual grào
„ lograva as duas mayores prerogativas de valor, e for-
„ tuna, que determinava proporlhe quizeffe furgir no por-
„ to do Arrecife, e que efperava com efte foccorro, e
„ com a impoffibilidade, e defefperaçaõ dos Holandezes
„ render aquella Praça, e as mais Fortalezas daquella Pro-
„ vincia á obediencia delRey. O Meftre de Campo Fran-
cifco de Figueiroa, julgando efte negocio por duvidofo
de confeguir, propoz inconvenientes, que quafi o faziaõ
impoffivel. Andre Vidal foy de contraria opiniaõ, dizen-
do, que fó o dilatarfe a execuçaõ de taõ generofo inten-
to podia fer prejudicial. Joaõ Fernandes Vieira deftro, e
prudente, e que ja havia communicado com Francifco
Barreto efte mefmo negocio, expoz largamente todas as
razões que moftravaõ fer efta diligencia a mais util, de
que fe podia ufar na occafiaõ que a fortuna lhes offerecia
da grande debilidade das forças dos fitiados, e fe offereceo
a Francifco Barreto para antecipar todas as prevençoens,
que era neceffario eftarem difpoftas com cautela, antes
que a Armada chegaffe a dar fundo no porto do Arrecife.
Alegre Francifco Barreto de achar dous votos taõ princi-
paes que concordavaõ com a fua opiniaõ, refolveo pro-
curar todos os caminhos de executala.

Francifco Barreto delibera cõ o parecer dos mais apertar o fitio.

A quatro de Outubro havia faido de Lisboa o
comboy da frota da Companhia Geral, de que era General
Pedro Jaques de Magalhães, e Almirante Francifco de
Brito Freire. Em Cabo Verde recolheraõ os navios mer-
cantîs dos portos de Entre Douro e Minho, que os efpe-
ravaõ naquelle porto, e com toda a frota encorporada na-
vegou para Pernambuco, e mandou diante avifo a Fran-
cifco Barreto que tiveffe promptos os navios dos portos
do

Chega avifo de Pedro Jaques a Frãcifco Barreto da frota.

do seu dominio para se encorporarem com elle, e os mercadores preparados para a commutaçaõ dos generos, porque determinava passar por aquella altura sem nella fazer detença. A sete de Dezembro se recebeo em Pernambuco este aviso, e causando em todos os interessados na mercancia alvoroço, occasionou em Francisco Barreto, e nos Mestres de Campo mayor alegria pelo intento assentado, de se fazerem Mercadores de mayor credito, e melhor negocio. Appareceo a frota treze dias depois do aviso. Mandou Segismundo reconhecela por huma pequena Esquadra prevenida para este fim: porém investida dos nossos navios de guerra se fez ao largo. Francisco Barreto mandou logo em hum barco esquipado dar o parabem da chegada ao General, e Almirante em quanto elle os naõ hia buscar, o que logo faria. Pedro Jaques, e Francisco de Brito, por escusarem mayor dilaçaõ, se meteraõ nos bateis das suas naos, e saltaraõ em terra na barra do Rio Doce, aonde os veyo buscar Francisco Barreto com os tres Mestres de Campo. Depois das primeiras ceremonias, e de grandes obsequios, que como amigos, e dependentes renderaõ os da terra aos que desembarcaraõ, propoz Francisco Barreto a Pedro Jaques, depois de lhe dar conta dos successos daquella guerra, e do estado em que se achavaõ os Holandezes, a grande conveniencia que resultaria ao serviço delRey, e a gloriosa acçaõ que conseguiria, se se resolvesse ajudalo a acabar de vencer a contumacia, com que os Holandezes haviaõ defendido aquella Praça em notavel prejuizo da Religiaõ Catholica, e das honras, vidas, e fazendas dos moradores daquella Provincia. Pedro Jaques ainda que o seu animo o levava a esta deliberaçaõ, com tudo ligado aos preceitos do Regimento delRey, e ponderando a contingencia daquelle successo, e que em caso que se malograsse, ficavaõ correndo por sua conta todas as perdas, e damnos, que succedessem na frota, que eraõ infalliveis passada a monçaõ de navegar. Dilatou a reposta de taõ importante negocio para huma conferencia de todas as pessoas principaes da Frota, e do Exercito, que ajustáraõ se fizesse na Villa de Holinda, para onde logo marcháraõ, e como isto suc-

Anno 1653.

Apparece a frota, e se retira huma esquadra Holandeza.

Avistãose os Generaes em terra, e consultaõ o q se deve obrar.

Anno 1653.

cedeo nos ultimos dias de Dezembro, e naõ devemos apartarnos da ordem da hiſtoria, nem privar ao anno ſeguinte de 54 da gloria de ſe conſeguir nelle eſta ſinalada empreza, deixaremos para ſeu lugar o ultimo ſucceſſo della.

Succeſſos de Tangere.

No governo da Cidade de Tangere ſuccedeo ao Baraõ de Alvito D.Rodrigo de Alencaſtre. No mez de Janeiro deſte anno chegou a ella, e nos primeiros exercicios da ſua occupaçaõ moſtrou, que a ſua muita prudencia deſmentia o receyo que a gente daquella Praça havia concebido da ſua pouca idade. O primeiro dia que ſahio ao campo corrêraõ os Mouros a gente que andava nelle: fezlhes roſto o Adail Ruy Dias da Franca, e ſeguio os mais tempo do que convinha á ſegurança dos Cavalleiros. Eſtranhoulhe D.Rodrigo eſte exceſſo, ſem embargo da deſculpa, de que a occaſiaõ fora de repente, e mais largo o privilegio do primeiro dia em que ſahia ao campo. Havia neſte tempo entre os Mouros fome, e guerra, inimigos muito a favor da conſervaçaõ de Tangere. O valor de Gaylan lhe havia grangeado tanto poder, que receoſo o Governador de Tituaõ fazia diligencia pelo deſtruir. Deſta guerra, e da fome reſultava acodir quantidade de Mouros a trazer aviſos importantes a D.Rodrigo. Entre as noticias que teve foy huma, que para a parte de Gibalxaro havia muitas Alxaymas, que he o meſmo que tendas de Aldeas portateis; porque a gente de que ſe compõem eſtas Aldeas, conforme as eſtaçoens, e os paſtos, ſe mudaõ para os ſitios que lhe parecem mais ferteis. Para ſe certificar da verdade deſte aviſo mandou tomar lingua pelo Almocadem Manoel Duarte com ſeis Cavallos: fez elle hum moço priſioneiro que affirmou o meſmo que as eſpias haviaõ deſcuberto. Com eſta certeza determinou D. Rodrigo deſtruir as Alxaymas, e ſer elle a Cabo que governaſſe os Cavalleiros, deixando governando a Cidade ao Alcaide mór Andre Dias da Franca: porém como os annos lhe naõ haviaõ enfraquecido o valor, naõ foy poſſivel reduzilo D.Rodrigo a que ficaſſe na Cidade, ſaindo elle á campanha. Obrigado deſta reſoluçaõ reſolveo D.Rodrigo mandar o Adail ás Alxaymas com noventa e dous Cavalleiros

leiros com ordem que as investisse de noite. Marchou o Adail, avistou as Alxaymas, e ainda que houve pareceres que aguardasse a manhaã; porque seria mayor o effeito, por naõ romper a ordem que levava, e naõ se arriscar a ser sentido de hum grosso de Cavallaria que se alojava no Farrobo, lugar pouco distante de Gibalxaro. Investio as Alxaymas de noite, matou quantidade de Mouros, fez dezanove prisioneiros, e recolheose para Tangere com huma grossa preza, em que entráraõ seis camellos, que por extraordinarios D. Rodrigo remeteo a ElRey. Outro successo de naõ menos utilidade teve D. Rodrigo em Guadaliaõ, sendo Cabo de alguns Cavalleiros o Almocadem Andre Lourenço. Os Tangerinos com as experiencias do interesse se achavaõ satisfeitos com o novo Governador, a guerra, e fome de Berberia trazia a renderemse voluntariamente muitos Mouros a D. Rodrigo, outros vinhaõ vender cavallos, e boys, com que o seu governo era felice por todas as circunstancias. Gaylan neste tempo estava mais poderoso por ser morto o Governador de Tituaõ; e como lhe faltou competidor, voltou todo o poder contra Tangere: mas naõ lhe succedeo como imaginava a primeira vez que armou á saida costumada da gente da Praça; porque D. Rodrigo teve antecipado aviso, e naõ tomou campo aquelle dia. Poucos dias depois correo só com duzentos Cavallos, desejou o Adail sustentar o campo, e pelejar com Gaylan; porém D. Rodrigo receando mayor poder o naõ consentio; e ainda que depois com as noticias sentio perder taõ bom successo, naõ se arrependeo da cautella; porque a perda dos Mouros nunca podia destruilos, e a nossa se os Mouros fossem em mayor numero era irreparavel.

Anno 1653.

Ganha o Adail Ruy Dias as Alxaymas de Gibalxaro.

No Estado da India, que com violencia governava D. Braz de Castro, crescia por horas o cuidado da guerra, que os Holandezes faziaõ em Ceilaõ, e se estendia a todas as mais partes em que podiaõ prejudicar ao nosso Dominio. Em Columbo administravaõ o governo os tres de que démos noticia no fim do anno antecedente: ajuntáraõ o poder que tinhaõ, que naõ passava de novecentos Infantes. Pagáraõlhe, para que mais animados

Successos da India.

Anno 1653

continuassem os grandes trabalhos a que estavaõ expostos, e havendo na Cidade falta de mantimentos, ordenáraõ ao Capitaõ mór Gaspar Figueira de Serpa, fosse pelos lugares da Ilha a conquistalos, por estarem levantados a mayor parte delles, e a conseguir por este caminho os mantimentos necessarios. A gente delRey desamparou as Aldêas pela parte que chamavaõ Debaixo, e levantando huma grossa trincheira em hum sitio forte, determináraõ impedir que Gaspar Figueira passasse ás terras de cima. Com esta noticia caminhou Gaspar Figueira para aquella parte de Vedávola, e amanhecendo sobre a trincheira a investio com muita resoluçaõ; porém como era grande a multidaõ dos inimigos, foy a nossa gente rechaçada. Animados os delRey saltáraõ fóra da trincheira para ajudar a confusaõ dos soldados, e acabar de destruilos, na sua desordem. Desvaneceolhes Gaspar Figueira este intento; porque animando os seus soldados á vista de Christo crucificado, voltáraõ com tanto impeto sobre os Chingalás, que naõ só desbaratáraõ os que sairaõ, senaõ que seguindo o impulso montáraõ a trincheira, e derrotáraõ grande numero de Chingalàs, custando a resistencia as vidas à mayor parte delles. Este successo facilitou a obediencia de muitos levantados; retirouse á Cidade a canella delRey; cobraraõse todas as pensões que se lhe deviaõ, e recolheose grande quantidade de mantimentos, armas, e bagagens de grande utilidade. Poucos dias depois deste successo sairaõ dez Companhias a interprender huma Aldêa das fronteiras de Candia, em que constou haver grande quantidade de mantimentos. Foraõ sentidos, e pertenderaõ os soldados delRey impedirlhe a marcha nos passos estreitos, por onde caminhavaõ; e como ja estavaõ destros em atirar com os mosquetes, foy o aperto de qualidade na entrada de huma serra que durou o conflicto das oito da manhaã até as quatro da tarde, por contenderem as dez Companhias com mais de dez mil Chingalàs. Largàraõ elles o posto com grande perda, e os nossos soldados se retiráraõ com o mantimento que pertendiaõ ao sitio de Arandoré, aonde vieraõ todas as Aldêas circunvisinhas sujeitarse a Gaspar Figueira de Serpa. A onze de

Gaspar Figueira ganha as trincheiras dos Chingalás.

Ganhaõ outro posto.

de Mayo chegou a Columbo Francisco de Mello de Castro com oito navios, e cento e cincoenta Infantes. (Havia D. Braz feito eleiçaõ da sua pessoa para General de Ceilaõ, por concorrerem nelle as partes necessarias para huma occupaçaõ de tanto empenho:) levava para Capitaõ mór do campo a D. Alvaro de Ataide, e chegou este soccorro a taõ bom tempo, que o dia de antes haviaõ dado á vela nove navios de guerra Holandezes, e a Cidade por discordia, e falta de mantimentos padecia aperto consideravel. Entrou nella Francisco de Mello, e depois de socegar as dissençoens mandou a D. Alvaro de Ataide para o alojamento de Arandorê a tomar posse da sua occupaçaõ de Capitaõ mór do campo que lhe entregou Gaspar Figueira de Serpa, retirandose para Columbo. O tempo que D. Alvaro de Ataide esteve no campo foy de muito socego, e naõ podendo a sua idade, e achaques com aquelle exercicio, occupou Francisco de Mello a seu sobrinho Antonio de Mello de Castro no posto de Capitaõ mór do campo. ElRey de Candia provocado dos damnos que havia recebido, determinou lançar Antonio de Mello do alojamento em que estava: ajuntou quarenta mil homens, e marchou com elles a alojarse entre Columbo, e o sitio em que estava Antonio de Mello, para que elle se naõ pudesse retirar sem pelejar com o seu Exercito. Teve Antonio de Mello esta noticia, e passou hum rio caudaloso primeiro que a gente delRey: alojouse junto do seu Exercito, e persistio neste posto alguns dias, sem mais effeito que consumir os mantimentos que levava, e retirarse para Columbo com pouca reputaçaõ. Francisco de Mello vendo este máo successo, e que o povo acclamava Gaspar Figueira de Serpa para a satisfaçaõ deste aggravo, lhe entregou duzentos e cincoenta Portuguezes, e dous mil Chingalás, e o mandou a fazer guerra a ElRey de Candia. Executou Gaspar Figueira esta ordem com taõ felice successo, que trazendo ElRey taõ consideravel Exercito pelejou com elle, e o derrotou tantas vezes, que o obrigou a se retirar á Cidade de Candia, junto da qual se alojou, e persistio muito tempo com felice successo, tendo alèm de muito valor tanta industria, que ganhando algu-

Anno 1653.

Chega a Columbo o General Francisco de Mello.

Retirase Antonio de Mello do Exercito delRey de Candia.

Gaspar Figueira obriga a retirar ElRey.

Anno 1653.

mas pessoas das que familiarmente assistiaõ a ElRey, lhe fez taõ suspeitosos muitos de seus Vassallos, que o obrigou a degolar os seus mayores validos. Neste tempo querendo Francisco de Mello fazer guerra aos Holandezes antes de lhes chegar mayor soccorro, ordenou ao Capitaõ mór Joaõ Botado de Seixas que fosse por huma parte com nove Companhias, e o Capitaõ mór Antonio Mendes Aranha marchasse por outra parte com seis, e que ambos se emboscassem o mais perto que fosse possivel da Fortaleza de Negumbo, a examinar se podiaõ ganhala, colhendo os Holandezes em algum descuido. Marchou Joaõ Botado pelo caminho da praya, Antonio Mendes pela terra dentro: emboscaraõse sem serem sentidos; porém como os Holandezes viviaõ em continuaõ vigilancia, naõ surtio deste trabalho mais effeito que destruirem alguns palmares, e retiraremse para Columbo. Francisco de Mello acodia com todo o cuidado a remediar os muitos inconvenientes que por horas se multiplicáraõ naquella infelice guerra; porém como o poder dos Holandezes era muito superior, ElRey de Candia grande inimigo, e poucos os soccorros de Goa, todas as diligencias se baldavaõ. Naõ havia neste tempo passado D. Braz de Castro com menos cuidado, porque os Holandezes confederados com hum Capitaõ do Hidalcaõ, para que sitiasse Goa por terra, prometendolhe, que ganhada a Cidade seriaõ seus os despojos, vieraõ com huma Armada a occupar a barra: porém faltando a gente do Hidalcaõ se tornáraõ a retirar. Neste anno passáraõ á India a náo Santissimo Sacramento da Trindade, Capitaõ mór Luiz de Mendoça Furtado, e o galeaõ S. Joseph Almirante Francisco Machado de Sà. A naveta N. Senhora de Penha de França que vinha da India, de que era Capitaõ Lourenço Botelho, tomàraõ os Holandezes na altura de Pernambuco.

Intentaõ os Holandezes sitiar Goa com os Mouros sem effeito.

Anno 1654.

Depois do successo de Arronches, que foy o ultimo do anno antecedente, mandou o Conde de Soure ao Tenente General da Cavallaria Tamericurt, pelo embaraço das feridas de Andre de Albuquerque com as Tropas de Elvas, Campo Mayor, e Olivença, as mais dos quarteis visinhos, e parte dous Terços de Infantaria da guar-

Successos de Alentejo.

guarniçaõ de Olivença, á ordem de Manoel de Saldanha Meſtre de Campo de hum delles, a queimar dous lugares viſinhos á Cidade de Xarez, chamados os Valles de Mata-Moros, e Santa Anna. Ajuntaraõſe as Tropas em Olivença, ſahiraõ daquella Praça pela manhaã, fizeraõ alto em Alconchel, gaſtaraõ toda a noite na marcha, e ao amanhecer chegáraõ aos Valles, a que ſe haviaõ recolhido todos o Paizanos da campanha, e por eſta cauſa ſe defenderaõ algumas horas, ultimamente foraõ entrados, e ſaqueados. Retiraraõſe as Tropas a Olivença, e voltaraõ para os ſeus quarteis, e ficou prezo D. Luiz de Menezes em Olivença por ordem do Conde de Soure por haver ſahido de Elvas a eſta occaſiaõ ſem ſua licença, ſendo Capitaõ de Infantaria, e ficando a ſua Companhia de guarda a huma das portas de Elvas: duroulhe vinte dias o caſtigo, e eſta auſteridade do Conde de Soure fazia andar o Exercito taõ regulado, que parece prognoſticava as victorias que depois conſeguio. Paſſados poucos dias ſe logrou outro ſucceſſo de mayor importancia. Era a Villa de Oliva grande, e rica, defendiaſe com hum Caſtello antigo, mas bem obrado, ficava pouco diſtante da Cidade de Xarez, e com eſte receptaculo corriaõ os Caſtelhanos a noſſa campanha ſem embaraço. Determinou o Conde de Soure livrar aos lavradores deſta oppreſſaõ, e preſidiando Oliva occaſionar aos Caſtelhanos mayor prejuizo. Deu à execuçaõ eſte intento o General da Cavallaria André de Albuquerque, ſem embargo de andar ainda mal convaleſcido das feridas que recebeo na occaſiaõ de Aronches. Sahio de Elvas com as Tropas daquella Praça, e as mais dos quarteis viſinhos, e o Terço do Meſtre de Campo Joaõ Leite de Oliveira: paſſou a Olivença, e encorporouſe com elle o Meſtre de Campo Manoel de Saldanha com o ſeu Terço, e as Tropas daquella Praça. Antes de chegar a Oliva o eſperava o Meſtre de Campo Manoel de Mello com o ſeu Terço, e as Tropas do ſeu partido. Com eſte Troço que conſtava de dous mil Infantes, e mil e quinhentos Cavallos: chegou a Oliva pela madrugada, entrou facilmente a Villa, mas naõ teve execuçaõ a empreza do Caſtello; porque rebentaraõ dous petardos

Anno 1654.

Ganha Tamerīcurt os Valles de Mata-Moros, e Santa Anna.

 tardos

Anno 1654.

tardos que ſe arrimaraõ às portas delle. Todos os Caſtelhanos que eraõ capazes de tomar armas ſe recolheraõ dentro do Caſtello. Aquartelaraõſe os Terços junto da muralha, ficando Manoel de Mello mais viſinho a ella: arrimaraõſelhe algumas mantas, e naõ podendo arruinalas os inſtrumentos que os ſitiados lhes lançaraõ, em vinte e quatro horas ſe atacaraõ duas minas, que reconhecidas pelos ſitiados pediraõ tregoas para tratarem de ſe entregar. Durava o combate em quanto ſe naõ ajuſtaraõ as duvidas que de huma, e de outra parte ſe offereceraõ. Ultimamente ſe ſuſpenderaõ as armas, mandaraõſe refens, e no cabo de tres dias ſe entregou o Caſtello à mercê, deixandoſe livre a roupa que as familias pudeſſem levar comſigo. O deſpojo foy muito grande, porque naquelle lugar ſe haviaõ recolhido muitos moradores de outros, que ſe davaõ por ſeguros nelle. Cuſtou a empreza a vida de quarenta e dous ſoldados, a mayor parte delles do Terço de Manoel de Mello, a quem coube, como o perigo, a gloria: ficàraõ feridos Manoel Nunes Leitaõ, e Luiz de Eſpinola Capitães do meſmo Terço. Andre de Albuquerque com grande valor, e ſciencia diſpoz o ataque: deteveſe dous dias em reparar a ruina do Caſtello, que conſtava de barbacaã, cobellos, e torre de homenagem. Accreſcentouſelhe huma eſtacada, e algumas defenſas: deixou-o Andre de Albuquerque guarnecido, voltou a Elvas, e ficaraõ as guarniçoens nas Praças de que as havia tirado.

Ganha Andre de Albuquerque Oliva.

Deixa o Caſtello guarnecido.

Retirado Andre de Albuquerque, alcançou o Conde de Soure licença para paſſar à Corte, e ficou a Provincia entregue a Andre de Albuquerque. O primeiro ſucceſſo que conſeguio tocou a Pedro Ceſar de Menezes, que poucos dias antes havia entrado no poſto de Capitaõ de Cavallos, ſendo paſſadas no meſmo dia a ſua patente, e a de D. Luiz de Menezes, ficando eſte de guarniçaõ na Praça de Elvas, aquelle na de Campo Mayor. Marchou com cem Cavallos a armar a huma Tropa que eſtava de quartel em Montijo: derrotou-a, eſcapando poucos Caſtelhanos dos que ſaîraõ ao rebate. Chegou neſte tempo ordem delRey a Andre de Albuquerque, para ſenaõ fazerem

Manda ElRey ſuſpender as entradas em Caſtella.

entradas em Castella sem licença sua, com pena de caso mayor, e só concedia permissaõ, para que em caso que entrassem os Castelhanos em Portugal, se pudessem ajuntar as Tropas para lhes tirar a preza, e que às partidas que fossem tomar lingua se prohibisse poderem trazer gado ou preza alguma, mais que cavallos que servissem na guerra. Obedeceo Andre de Albuquerque a este preceito; porèm representou a ElRey os graves damnos que haviaõ de resultar a seu serviço, se esta deliberaçaõ senaõ suspendesse, usando quasi das mesmas razoens que o Conde de Soure havia offerecido ao Principe D. Theodosio, quando mandou a todas as fronteiras do Reino outra ordem semelhante a esta. No Conselho de Guerra se vio a carta de Andre de Albuquerque, e consultando-a a ElRey, se ajustàraõ com elle os Conselheiros com acertadas ponderaçoens. Naõ quiz ElRey admittir estas advertencias, persuadido erradamente de que a disposiçaõ mais conveniente a seu serviço era o socego das Tropas, e seguindo este discurso, passou segunda ordem para que se executasse a primeira. Chegou a Badajoz esta noticia, e como a utilidade era toda dos Castelhanos, veyo a Elvas hum Conego de Badajoz, chamado D. Joaõ Solano, com pretexto de lhe haver huma partida tomado hum cavallo, que por ajustamento de huma, e outra parte se costumava restituir aos Ecclesiasticos. Propoz o Conego a Andre de Albuquerque da parte do Bispo de Badajoz, que tendo noticia da ordem que elle havia passado para se naõ fazerem entradas em Castella, desejava que esta ley fosse commua a ambos os Reinos, entendendo que era justo serem os lavradores isentos dos estragos da guerra; e que o Duque de S. German lhe havia segurado, naõ encontraria as condiçoens que se encaminhassem a este acommodamento. Respondeolhe Andre de Albuquerque, que a noticia de se haver passado a ordem que referia era certa, que ao mais que propunha naõ podia responder por ser materia que pedia madura consideraçaõ. Voltou o Conego a Badajoz, e tornou brevemente com hum bolatim do Duque de S. German, em que offerecia toda a segurança necessaria em caso que se ajustasse, que de huma, e outra par-

Anno 1654.

Proposta dos Castelhanos.

parte naõ pudessem ser offendidos mais que os soldados que se encontrassem, nem fazerse mais preza que em cavallos, armas, e muniçoens. Deu Andre de Albuquerque conta a ElRey, e tornou a repetirlhe as muitas, e forçosas razoens que se lhe offereciaõ para se naõ celebrar este contrato, assim pela utilidade das nossas Tropas, que quasi todas se compunhaõ de tantos cavallos Castelhanos, que era frasi entre elles dizerem, quando lhes chegava remonta, que vinha para Portugal, como pelo exercicio dos soldados, que se faziaõ destros nas occasioens, e se alimentavaõ das prezas, costumando supprirlhes a falta das pagas; e que contra taõ certa experiencia naõ podia haver argumento forçoso; e que ultimamente a grande diligencia que os Castelhanos faziaõ por se conseguir este ajustamento, era o mais certo testimunho de ser a utilidade sua, e o damno nosso. Ampliaraõse no Conselho de Guerra estas razoens de Andre de Albuquerque com outras naõ menos convenientes. Convenceose ElRey da força dellas, mandou revogar as ordens que havia passado, e continuouse a guerra sem mudança no exercicio. Os Castelhanos, querendo mostrar que todo o interesse era nosso, no ajustamento que propunhaõ, fizeraõ huma preza nos campos de Monfarás. Sahio ao rebate o Capitaõ de Cavallos Diniz de Mello de Castro, que estava de quartel naquella Praça, e Joaõ Ferreira da Cunha que assistia na de Mouraõ. Encontraraõ as partidas que vinhaõ avançadas com quarenta Cavallos: investiraõnos, e romperaõnos, porém soccorridos de oito Companhias os quarenta Cavallos, desbarataraõ facilmente os dous Capitães. Levaraõnos prisioneiros, e trinta e quatro soldados: alcançaraõ todos logo liberdade, naõ se havendo quebrantado a capitulaçaõ feita depois do successo de Arronches. Diniz de Mello logo que chegou de Castella passou ao posto de Mestre de Campo do Terço de Gonçalo Vaz Coutinho, que elle largou a respeito dos achaques que padecia em Elvas, que era o seu quartel, e sem outro successo se rematou este anno.

Anno 1654.

Revoga ElRey as ordès das entradas.

Recontro da Cavallaria, ficão prisioneiros Diniz de Mello, e João Ferreira da Cunha.

Successos de Entre Douro e Minho.

Sem alterar o socego dos annos antecedentes continuava o Visconde de Villa-Nova o governo das Armas da

da Provincia de Entre Douro e Minho. Divertio esta disposiçaõ hum Cossario Inglez chamado D. Joaõ Colarte, que costumava recolher as prezas que fazia nas Rias de Galiza. Dissimularaõ os Galegos a hospedagem, até que achando occasiaõ se pagaraõ della, e usando do fabuloso proverbio, de que he merecimento furtar aos ladroens, se levantaraõ com o melhor das prezas. O Cossario estimulado deste aggravo bateo a Ria de Vigo com a artilharia de sete fragatas. Entenderaõ os Galegos que se havia ajustado com o Visconde, e que esta demonstraçaõ era arte para que divertindose elles em se opporem ao Inglez tivesse o Visconde occasiaõ de lograr alguma empreza premeditada. Obrigados desta idéa ajuntaraõ toda a gente paga, e em grande numero a meliciana, e alojaraõse na campanha de Salvaterra. Entendeo o Visconde o seu receyo, e querendo fazelo verosimil, e usar desta utilidade, sahio de Salvaterra com quinhentos Infantes, outros tantos gastadores, e oitenta Cavallos, e arrazou huma dilatada trincheira, que os Galegos haviaõ levantado entre os Fortes de Aytona, e Fiolhedo, de que lhe resultava grande conveniencia, assim para a defensa dos seus lavradores, como para o abrigo das suas partidas. Naõ fizeraõ os Galegos mayor opposiçaõ que dispararem a artilharia, e mosquetaria dos Fortes, de que só ficou ferido Bartholomeo Pereira Capitaõ de Auxiliares. Recolheose o Visconde por se haver retirado D. Joaõ Colarte, e passado algum tempo conseguio licença delRey para fazer jornada á Corte: ficou a Provincia entregue a D. Francisco de Azevedo com a mesma authoridade do governo que havia tido, quando em semelhante occasiaõ a ficou governando.

Anno 1654

Batem os Inglezes Vigo.

Passa á Corte o Viscõde deixa a Provincia a D. Francisco de Azevedo.

Em Traz os Montes passou Joanne Mendes de Vasconcellos este anno com igual socego ao que houve em Entre Douro e Minho, e El'Rey com repetidas ordens lhe encommendava que o naõ alterasse, o que obrigou a Joanne Mendes a procurar, e conseguir que por aquella fronteira se naõ fizessem hostilidades. Os Castelhanos oppostos ao partido da Beira, que governava D. Rodrigo de Castro desejáraõ ajustar as mesmas conveniencias que se pra-

Anno 1654

praticavaõ em Traz os Montes. Para eſte fim mandaraõ a Almeida o Ajudante da Cavallaria D. Pedro de Arce, a propor a D. Rodrigo que ſeria juſto, que os lavradores naõ padeceſſem os aggravos da guerra, e que para ficarem ſeguros os de huma, e outra parte ſe devia concordar eſta materia por bolatins. Reſpondeo D.Rodrigo, que elle naõ duvidàra de admittir eſta pratica, ſe ſe naõ lembrara de que havendo no anno de 1650 celebrado na fórma propoſta o meſmo ajuſtamento, o quebràraõ os Caſtelhanos ſem mais cauſa, que terem dividido o poder da ſua Provincia, por haverem mandado algumas Tropas de ſoccorro a Alentejo, e que ſe de preſente quizeſſem os Caſtelhanos que ceſſaſſem as extorçoens dos lugares abertos, que havia de ſer a ſegurança firmada pelo Marquez de Tavora, (que naquelle tempo governava as Armas oppoſtas a D.Rodrigo) e por elle: porque de outra ſorte ficava ao arbitrio de ambos arruinarem os lugares abertos, quando eſtiveſſem mais deſcuidados. Reſpondeo o Ajudante que aquella propoſta naõ era praticavel; porque a naõ permittia nem a qualidade da guerra, nem a igualdade dos poſtos. D.Rodrigo, a quem baſtavaõ menos incentivos para desbaratar o ſoffrimento, deſpedio o Ajudante com as demonſtraçoens que merecia a ſua arrogancia, e marchou logo com a Infantaria, e Cavallaria que mais brevemente pode ajuntar, e ſem contradiçaõ queimou as Villas de Sanzelhe, Barroco pardo, e Vilveſtre. Vendo os Caſtelhanos que a vaidade das razoens era infructuoſa ſem execuçaõ, tornaraõ a mandar a Almeida ſegunda embaixada, por hum Capellaõ do Biſpo de Ciudad Rodrigo, com ordem que para facilitar a duvida de D.Rodrigo de Caſtro, eſtava prompto o Marquez de Tavora para dar palavra a hum Official Portuguez, o qual D.Rodrigo eſcolheſſe, dando a D. Rodrigo a outro Caſtelhano que elle lhe remeteria, de que ſe naõ faria damno nos lugares abertos de huma, e outra parte, ſem preceder antecipado aviſo. Aceitou D.Rodrigo o concerto mais facilmente do que ſe podia ſuppor; porque o primeiro reparo que o Marquez de Tavora fez, de naõ ſe paſſarem eſcritos pela qualidade da guerra, e deſigualdade

Não admite D. Rodrigo a propoſta dos Caſtelhanos.

Em pena da ſua arrogãcia queima tres Villas.

de

de dos postos, parece que naõ dava lugar a outra fórma de ajustamento. Pedio D.Rodrigo trinta dias de praso para dar conta a ElRey; concederaõnos os Castelhanos, e antes de se acabarem, com nova ordem de Madrid mudaraõ de parecer, e fizeraõ outro aviso que se puzesse cuidado nos gados, e lugares abertos; porque a guerra havia de continuar sem se alterar a fórma antecedente. Neste tempo querendo ElRey dar satisfaçaõ aos povos da igualdade com que administrava justiça, sem attençaõ aos poderosos, mandou tirar devassa dos procedimentos de D. Rodrigo de Castro, e dos Officies, e Soldados do seu partido, por Christovaõ Pinto de Paiva Desembargador dos Aggravos da Casa da Supplicaçaõ, com ordem que logo que entrasse nos primeiros lugares daquelle partido, sa sse D.Rodrigo. Assim se executou, e ficou governando em seu lugar o Mestre de Campo Joaõ de Mello Feyo, que continuou o governo sem acçaõ digna de memoria.

Anno 1654.

Manda ElRey devassar de D. Rodrigo de Castro.

Ao partido de Castello Branco, que em ausencia de D.Sancho governava o Tenente General da Cavallaria Nuno da Cunha de Ataide, mandou ElRey devassar dos procedimentos dos Cabos, Officiaes, e Soldados ao Desembargador Joaõ de Brito Caldeira. O tempo que durou a devassa naõ entrou D.Sancho no seu partido, Nuno da Cunha o conservou adiantando as fortificaçoens, administrando justiça, e fomentando como era vontade delRey o socego dos povos, sem fazer entradas em Castella, e experimentou igual correspondencia, pelo interesse que resultava aos Castelhanos desta suspensaõ de armas.

Fazse a mesma diligẽcia no partido de Castello Branco.

Naõ perdoavaõ os Castelhanos a diligencia alguma, que lhes parecesse util para conseguir o desasocego delRey, intentando por todos os caminhos metelo em desconfiança com seus Vassalos, para que duvidoso dos que devia fiarse, embaraçados os discursos, e corruptos os Conselhos, fossem todas as resoluçoens em prejuizo da conservaçaõ da Monarquia. Introduziose em muito occultas negoceaçoens Antonio de Andrade de Oliva natural de Lisboa, que havia sido Religioso de S.Francisco da Provincia dos Algarves, e buscando varios pretextos, se sahio da Religiaõ, e empregou em outros exercicios mui

Negoceaçoens de Antonio de Andrade.

to

to diverſos; e como era de eſpirito inquieto, ambicioſo, e reſoluto, propoz a ElRey varios arbitrios, e conſeguio paſſar a Caſtella ſem offender eſta deliberaçaõ a natural ſuſpeita, de que os homens de ſemelhantes inclinaçoens, e coſtumes ordinariamente enganaõ a ambas as partes. Naõ reſultaraõ das fabuloſas propoſiçoens de Antonio de Andrade effeitos alguns que foſſem convenientes, e vieraõ ſó a cair em damno de Sebaſtiaõ Ceſar de Menezes, e de ſeu irmaõ Fr. Diogo Ceſar Religioſo de S. Franciſco da Provincia dos Algarves; porque entendendo ElRey das informaçoens de Antonio de Andrade, que os dous irmãos ſe correſpondiaõ com os Miniſtros delRey de Caſtella, determinou prendelos. E para que eſte intento tiveſſe execuçaõ, mandou chamar D. Rodrigo de Menezes, que ſervia de Regedor da Juſtiça, e juntamente Sebaſtiaõ Ceſar; e fazendo entrar D. Rodrigo na caſa em que aſſiſtia, lhe deu ordem para que prendeſſe Sebaſtiaõ Ceſar em hum dos apoſentos interiores do Paço. Pretendeo D. Rodrigo eſcuſarſe com o parenteſco, appelido, e amizade, naõ lhe admittio ElRey a deſculpa, mandou que entraſſe Sebaſtiaõ Ceſar, e recolhendoſe a outro apoſento, antes delle entrar, o deixou entregue a D. Rodrigo, que com grande ſentimento o levou para a caſa do Forte, que ElRey lhe havia deſtinado. No meſmo dia foy prezo Fr. Diogo Ceſar, e trazido do ſeu Convento para o Forte, e a ambos durou a prizaõ dilatado tempo, que depois curou com a dilaçaõ todos eſtes males.

Anno 1654.

Manda ElRey pelo Regedor D. Rodrigo de Menezes prender Sebaſtiaõ Ceſar.

He prezo Fr. Diogo Ceſar.

Voltou eſte anno a França o Embaixador Franciſco de Souſa Coutinho, e continuou naquella aſſiſtencia ſem accidente digno de memoria. Em Roma tambem naõ houve novidade. Em Holanda, onde aſſiſtia Antonio Rapoſo, com a noticia do aperto do Arrecife ſe prepararaõ alguns navios para ſoccorrer aquella Praça, e as mais de que eraõ ſenhores os Holandezes em Pernambuco; porém como os Eſtados ſuſtentavaõ a guerra contra os Inglezes, e naõ ajuſtaraõ a paz, ſenaõ depois de perdido o Arrecife, e a Companhia Occidental naõ tinha cabedaes para continuar taõ larga deſpeza, deſvaneceraõſe as prevençóes dos ſoccorros, e tudo concorrreo para a reſtauraçaõ de Pernambuco.

O Con.

O Conde Camareiro mór, que deixamos no anno antecedente com o justo sentimento da morte de seu irmaõ D. Pantaleaõ de Sá, naõ lhe permittindo o valeroso animo, de que era dotado, ver Cromuel o author da sua offensa, entre a dificuldade dos meyos de satisfazela (ley que a maldade dos homens introduzio contra os preceitos divinos) determinou abreviar os negocios; que o levaraõ áquella Corte, e firmada a paz voltou para este Reino nos ultimos mezes deste anno. Naõ ficou naquella Corte Ministro algum; por este respeito logo que chegou a Lisboa mandou ElRey a Francisco Ferreira Rebello por Inviado a Inglaterra, e levou a confirmaçaõ da paz, que o aperto do tempo fez toleravel, sendo depois as consequencias taõ graves, que ainda se experimentaõ em damno desta Monarquia.

Anno 1654.

Deixámos na Villa de Olinda, no fim do anno antecedente, o Mestre de Campo General Francisco Barreto, e o General da Armada da Companhia do Commercio Pedro Jaques de Magalhães, resolutos a empenhar todo o poder com que se achavaõ, para conseguir a empreza gloriosa de lançar de todo Pernambuco as ultimas raizes de hospedes taõ prejudiciaes, como haviaõ sido os Holandezes naquella Provincia, e em todo aquelle Estado. Chamáraõ a Conselho ao Almirante da Armada Francisco de Brito Freire, aos tres Mestres de Campo Joaõ Fernandes Vieira, Andre Vidal, e Francisco de Figueiroa, e a todos os Officiaes, a quem o largo exercicio militar tinha feito mais praticos, e mais intelligentes. Propoz Francisco Barreto neste Conselho o estado daquella guerra: disse que naõ duvidava da fortaleza da Praça que pertendiaõ expugnar, nem o esforço, e experiencia dos defensores della, exercitados nas gurras de Europa, e naõ menos praticos nas da America; porèm que os grandes trabalhos padecidos naquella Conquista, naõ podiaõ achar occasiaõ mais opportuna que aquella, que a Providencia Divina de presente lhes havia facilitado; porque os sitiados com a desesperaçaõ dos soccorros de Holanda, embaraçada com a guerra dos Inglezes, parece que naõ attendiaõ mais que a buscar pretexto decoroso, para se livra-

Successos do Brasil.

Proposta de Francisco Barreto ao Conselho dos Cabos.

Anno 1654.

livrarem das exceſſivas moleſtias padecidas por eſpaço de nove annos, e que elles como quem melhor conhecia as difficultoſas circunſtancias daquelle ſitio, naõ podiaõ duvidar, que deſvenecida a occaſiaõ preſente, tarde ſe poderia alcançar outra ſemelhante; pois nas peſſoas dos Cabos, Officiaes, e Soldados, que com taõ valeroſo animo ſe offereciaõ aos perigos daquella acçaõ, pela parte que haviaõ de ter na gloria conſeguida, ſe ſegurava a certeza de a ver lograda. Eſtas razoens de Franciſco Barreto foraõ taõ poderoſas, que fizeraõ eſquecer a todos os que aſſiſtiaõ no Conſelho da pouca gente, e poucos inſtrumentos com que ſe arrojavaõ a taõ difficil empreza, e todos conformes ſe offereceraõ a naõ perdoar a diligencia alguma, por conſeguir taõ generoſo intento. E diſcurſandoſe largamente ſobre a forma, e parte por onde ſe havia de atacar a Praça, reſolveraõ, que o primeiro ataque ſe devia fazer ao Forte das Salinas, que chamavaõ a caſa do Rego, aſſim porque o inimigo ſe temia menos daquelle ſitio, como por ſer aquelle Forte muito importante para a paſſagem do rio Beberive, e ficar expoſto ás ſuas baterias o Forte do Perrexil, que ſegurava o Buraco de Santiago, e o do Brum, em que ſe conſeguia hum alojamento de grande utilidade. E alem deſtas razoens como o Forte das Salinas era pequeno, e mal guarnecido, deſejavaõ os Cabos que os ſoldados, até aquelle tempo pouco exercitados em abrir trincheiras, e atacar fortificaçoens, cevaſſem o ſeu ardor em empreza facil de conſeguir. Recolheoſe á Armada Pedro Jaques de Magalhães, e Franciſco de Brito ficou em terra governando a gente da Armada, que ſe retirou della, deſpendendo em o ſeu ſuſtento groſſo cabedal. Foy Pedro Jaques com reſoluçaõ de cerrar de tal ſorte a barra do Arrecife, que nem ſair, nem entrar por ella pudeſſe embarcaçaõ alguma, e com tanto calor ſe adiantaraõ as prevençoens para o ſitio, que a cinco de Janeiro ficou cerrado novo cordaõ, que com menor recinto eſtreitava o ſitio do Arrecife. Ficaraõ os alojamentos cubertos de arvoredo, para impedir as pontarias da artilharia dos Holandezes. Viſinho ao Forte das Salinas ſe alojou o Meſtre de Campo Andre Vidal, e na

Reſolução do Conſelho.

Diſpoſição do ſitio do Arrecife.

e na mesma distancia do Forte de Altanar ficaraõ alojados os Mestres de Campo Joaõ Fernandes Vieira, e Henrique Dias. Fabricouse hũa plataforma contra o Forte das Salinas de nove peças de artilharia, em que entravaõ cinco meyos canhoens, huma peça de vinte livras, huma de dezoito, e huma de quatorze. Naõ haviaõ os Holandezes até aquelle tempo entendido o fim de tantas preparaçoens, e só imaginavaõ que a causa de se dilatar a Armada devia ser o assalto de algum Forte, e por este respeito tinhaõ em todos a mayor vigilancia que lhe era possivel. Ficaraõ desenganados desta imaginaçaõ com a confissaõ de dous soldados que fizeraõ prisioneiros, que declararaõ ser a determinaçaõ de Francisco Barreto passar do assedio á expugnaçaõ daquella Praça. Verificou a confissaõ dos soldados verem os Holandezes, que Pedro Jaques por se chegar a monçaõ despedia para a Bahia, e Rio de Janeiro os navios mercantîs, e ficava com dezasete surto naquella barra. Estas demonstraçoens obrigaraõ aos sitiados a tratar com mayor attençaõ da defensa do Arrecife, suppondo que naõ podia ser pequeno o soccorro que viera na Armada, pois animara a Francisco Barreto a tomar taõ arrojada resoluçaõ. Francisco Barreto, conhecendo que a diligencia, e brevidade eraõ os caminhos mais seguros de conseguir aquella empreza, naõ deixava passar instante, que naõ empregasse em utilidade do fim pertendido. Depois de ajustadas as prevençoens necessarias reconheceo a onze de Janeiro os postos, por onde havia de atacar o Forte das Salinas, chamado do Rego, acompanhado dos tres Mestres de Campo, e do Engenheiro Pedro Garsin; e havendo guarnecido com mil soldados os postos do Páo Amarelo, Villa de Holinda, Arrayal da Barreta, e Forte dos Affogados, marchou com dous mil e quinhentos Infantes para o sitio das Salinas, em que estava o Forte do Rego que pertendia atacar. Hia de vanguarda o Mestre de Campo Joaõ Fernandes Vieira com o seu Terço, e seguido de Andre Vidal. Com grande diligencia levantáraõ duas batarias, huma de sete peças, outra de cinco, oitocentos pés distante do Forte, e fortificando-as com huma grossa trincheira, alojaraõ a Infantaria

Anno 1654.

 taria

Anno 1654.

taria nos postos que julgaraõ mais convenientes para continuar os aproches, fortificando-os com mayor destreza da que se podia esperar do pouco exercicio que até aquelle tempo haviaõ tido daquella forma de guerra.

Deu principio aos aproches o Sargento mór Antonio Jacome Bezerra com trezentos Infantes de todos os Terços, e ficou aquella noite alojado menos de tiro de arcabuz do Forte do Rego, e occupou posto taõ conveniente, que naõ podiaõ os Holandezes do Arrecife soccorrer o Forte, sem primeiro os romperem. Ao amanhecer de quinze de Janeiro começou a jugar a nossa artilharia, e mosquetaria contra o Forte, e foy respondido com multiplicado estrondo da artilharia dos Fortes do Brum, do Mar, de Altanar, do Forte Velho, e Portas do Arrecife. Jugáraõ as batarias de huma, e outra parte até as tres horas da tarde, e os Holandezes, ao calor das muitas balas que atirava a artilharia de todos os postos referidos, intentáraõ meter soccorro no Forte atacado. Saîraõ do Arrecife, e embarcaraõ em tres lanchas os soldados de que ellas eraõ capazes: passáraõ o rio que separava o Forte da Praça. Saltáraõ em terra vinte com outros tantos barrîs de polvora; porém vistos pelos soldados que estavaõ nos aproches, sahiraõ delles com as espadas na maõ desprezando as muitas balas que descubertos os offendiaõ, e obrigáraõ aos Holandezes a largarem as muniçoens que traziaõ, e matando huns, e ferindo outros se retiráraõ os mais ligeiros outra vez ás lanchas. Ficou ferido o Capitaõ Sebastiaõ Ferreira, e naõ houve naquelle dia outra perda, disparando os Holandezes sobre os aproches mais de seiscentas balas de artilharia. Aquella noite entrou de guarda aos aproches o Mestre de Campo Andre Vidal, e o Capitaõ que governava o Forte Hugo Naquer, vendo mais certo o perigo que o soccorro, tratou de se render. Capitulou sair a sua gente armada, e concedeoselhe passagem segura para Portugal: sahio huma hora antes de amanhecer com setenta soldados, em que entrava hum Ajudante, hum Alferes, e dous Sargentos. Custou ganhar o Forte a vida a cinco soldados, e ficáraõ quinze feridos, pequena perda para as grandes consequencias que resul-

Intentaõ os Holandezes soccorrer o Forte.

Retiraõse desbaratados.

Entregase o Forte do Rego.

resultavaõ de se ganhar; porque ficava o do Perrexil sem defensa, por naõ ser possivel cobrirse dos golpes da artilharia a que estava exposto, e o do Buraco de Santiago pouco seguro, assim por este, como por outros inconvenientes. Mandou Francisco Barreto guarnecer o Forte com duas Companhias de Infantaria, e como os Holandezes do Arrecife naõ haviaõ tido noticia da entrega do Forte por ser de noite, armou com militar industria ao soccorro que haviaõ de procurar introduzir nelle. Mandou que continuassem as batarias como se naõ estivera rendido: porém hum Capitaõ que vinha da Praça para o Forte, marchou com tanta cautella, que adiantou dous soldados a reconhecelo, e examinando o engano a que estavaõ expostos, fizeraõ final ao Capitaõ que se retirou sem mais perda que a de sete soldados feridos. Entregue o Forte marchou aquelle pequeno Exercito para taõ grandes emprezas a sitiar o de Altanar que ficava na campanha sem imminencia que o dominasse, e duzentas braças em roda haviaõ os Holandezes cortado todas as arvores que podiaõ cobrir os que intentassem atacar o Forte. Marchou de vanguarda Joaõ Fernandes Vieira, e ao calor de duzentos espingardeiros conseguio com incrivel diligencia que quantidade de gastadores abrissem hum fosso muito profundo, que começando na margem do rio Beberibe que corria por hum lado do Forte interposto ao Arrecife, acabava menos de tiro de arcabuz na parte opposta em outro semelhante sitio, e na mesma noite por huma estrada cuberta communicáraõ o fosso com o mato, assistindo a todo este trabalho Joaõ Fernandes Vieira, Andre Vidal, e Pedro Garsin com generosa emulaçaõ. Amanheceo, e os Holandezes vendo os alojamentos mais visinhos do que imaginavaõ, satisfizeraõ a colera da nossa diligencia com incessantes cargas de artilharia, que de varios postos se dispararaõ contra os aproches, e com mayor effeito do Forte de Santo Antonio, Arrecife, e Casa da Boa vista. O Mestre de Campo General passou aquella manhaã o seu quartel para huma campina taõ visinha aos aproches, que quasi continuamente assistia com os soldados ao trabalho, e ao perigo, e deu felice principio a este

Anno 1654.

Sitiaõ a Fortaleza de Altanar.

Anno 1654

ta empreza com a noticia de que os Holandezes haviaõ desocupado tres Fortes, o do Buraco de Santiago, e dous situados na Barreta, deixando nelles oito peças de artilharia, e algumas muniçoens.

Desampáraõ os Holandezes tres Fortes.

Segismundo considerando que na subsistencia do Forte atacado consistia huma das mayores seguranças do Arrecife, achando favoravel o vento, e a maré, introduzio no Forte quatro barcas com Infantaria, e muniçoens, soccorro que se lhe naõ pode impedir por desembocar o rio na porta do Forte. Em anoitecendo mandou o Mestre de Campo General dar principio a huma bataria que se levantou quatrocentos pés distante do Forre de Altanar: jugáraõ nella quatro peças que igualmemte laboravaõ contra as defensas do Forte, e barcos do soccorro que intentavaõ introduzirse nelle. Os Holandezes vendo que a artilharia começava a arruinar as defensas engrossáraõ o terrapleno, e reformáraõ os parapeitos, e fazendo jugar a sua artilharia, e mosquetaria contra os aproches, e platafórma, recebéraõ alguns soldados nossos perigosas feridas, mas foraõ taõ poucos que parecia effeito milagroso. O Mestre de Campo General continuando o intento de que na boa diligencia consistia toda a felicidde daquella empreza, deu ordem a que caminhassem dous aproches, hum contra a porta do Forte, outro contra o fosso para que igualmente se pudessem impedir os soccorros do Forte, e assaltalo havendo brecha capaz, ou minalo como prometia Dumon Francez Capitaõ de mineiros. Assistiaõ com grande valor a todo este trabalho os Mestres de Campo Joaõ Fernandes Vieira, Andre Vidal, e Henrique Dias, e foy taõ util a sua actividade que na manhaã de dezanove, achandose os sitiados com duas brechas, huma na face de hum meyo baluarte, outra na cortina com as estacadas perdidas, e aproches visinhos, á vista de tres lanchas que vinhaõ soccorrelos levantáraõ bandeira branca. Cessáraõ as batarias, mandáraõ em refens com titulo de Capitaõ hum Ajudante chamado Vanhagem, e recebéraõ ao Capitaõ Alexandre de Moura. Capituláraõ sairem com armas, e bagagens, passagem livre para Portugal, e entregaraõ o Forte com artilharia, e mu-

Entra soccorro no Forte.

Entregase o Forte de Altanar.

e muniçoens. Sahiraõ delle hum Sargento mór que o governava, tres Ajudantes, dous Alferes, o Engenheiro do Arrecife, e oitenta e cinco ſoldados, dez Indios por naõ terem quartel paſſaraõ o rio a nado, e ſe ſalvaraõ no Arrecife. Acharaõſe mortos no Forte trinta Holandezes, e vinte feridos. Cuſtou a conquiſta delle a vida do Alferes Jacome Rodrigues, que o era do Capitaõ Manoel Lopes, morreraõ mais quatro ſoldados, e ficaraõ dezaſeis feridos. O Forte era compoſto de quatro meyos baluartes com todas as defenſas neceſſarias; acharaõſe nelle nove peças de artilharia de bronze, e huma de ferro, e ficava expoſta ás ſuas batarias a Praça do Arrecife, e o Forte das tres Pontas que os Holandezes haviaõ reparado da ruina occaſionada do impeto das aguas que o rodeaõ. Franciſco Barreto logo que ganhou o Forte de Altanar mandou abrir torneiras para bater o das tres Pontas, ainda que naõ era o ſeu deſignio continuar a empreza por aquella parte. De muitas jugavaõ os Holandezes a artilharia contra o Forte; porém os ſoldados animados com o pouco damno que recebiaõ, por valeroſos, e pouco offendidos deſprezavaõ as balas. Antes que o Meſtre de Campo General acabaſſe de reſolver a parte por onde ſe haviaõ de continuar os ataques, lhe chegou aviſo de que os Holandezes, com mais preſſa do que ſe podia imaginar, haviaõ deſocupado o Forte dos Affogados, e duas caſas fortes, que tambem guarneciaõ entre eſte Forte, e o das cinco Pontas. Deu ordem ao Sargento mór Antonio Dias Cardoſo, que com trezentos ſoldados marchaſſe a cortar o paſſo aos Holandezes que ſe retiravaõ do Forte; porèm elles applicando o receyo a diligencia ſe recolhéraõ á Praça primeiro que elle chegaſſe. Neſte tempo havia Segiſmundo mandado occupar as ruinas de hum Forte deſmantelado, chamado Milhou, duzentas braças diſtante do das cinco Pontas para a parte da Ilha Cheira dinheiro, e paſſagem da Barreta. Deu eſta reſoluçaõ cuidado a Franciſco Barreto; porque neſte poſto determinava alojar o Exercito para atacar o Forte das cinco Pontas, que avaliava pelo mais importante para conſeguir a empreza do Arrecife, e ja com eſte deſignio havia começado

Anno 1654.

Deſamparaõ os Holandezes outros poſtos.

Anno 1654.

çado lentamente a bater o Forte das tres Pontas, para que os Holandezes empenhados na ſua defenſa ſe diverti‑ſſem de occupar eſte poſto. Logo que recebeo eſte aviſo, que o achou em Conſelho com todos os Meſtres de Campo, (porque ja Franciſco de Figueiroa aſſiſtia com o ſeu Terço mal convalecido de humas cezoens, tendo chegado o dia que ſe rendeo o Forte de Altanar) e o Engenheiro Pedro Garſin, marcharaõ todos a reconhecer o poſto, e reſolveraõ que antes que os Holandezes tiveſſem mais horas, para lhe adiantar as defenſas, os inveſtiſſe a todo o riſco o Meſtre de Campo Andre Vidal com mil Infantes. O Forte velho do Milhou conſtava de quatro baluartes, e hum foſſo que na preamar ſe enchia de agua; tinha dentro huma praça capaz de alojar oitocentos homens, e delle ſe podia bater com effeito conſideravel, aſſim a Praça, como a porta do Arrecife, e da meſma ſorte ficava imminente ao Forte das cinco Pontas, que havendolhe dado eſte nome outros tantos baluartes de que primeiro ſe compunha, ſe conſervava ſó com tres, cortando os Holandezes os dous por lhe parecerem pouco neceſſarios. A forma em que elles determinavaõ defender o Forte do Milhou, era levantando hum reducto no meyo, formando‑o de taboado cheyo de aréa a prova de moſquete, para que deſcortinando eſte poſto aos mais baluartes, ficaſſe mais facil reduzilos á melhor defenſa. Porèm com menos cuidado do que pedia taõ importante materia deixàraõ ſó no reducto huma Companhia de Infantaria, e avançados em dous poſtos fóra delle, em hum dez Holandezes, em outro dez Indios, e com eſta pouca prevençaõ os achou o Meſtre de Campo Andre Vidal; porque logo que anoiteceo marchou com o Sargento mór Antonio Dias Cardoſo, e os mil Infantes que levava á ſua ordem, e entrando na campina do Taborda, aonde eſtava o Forte do Milhou, formou a Infantaria á claridade do fogo de huma caſa forte da Ilha do Cheira dinheiro, que os Holandezes naquella meſma hora haviaõ deſocupado, e pegado o fogo a tudo o que podia ſer materia do incendio. Aguardou Andre Vidal hora e meya que vaſaſſe a maré; porque o caminho que deſocupava a agua

agua, era só o que tinha para passar ao assalto do Forte. Vencida esta difficuldade, superou tambem a de marchar por junto do Forte das cinco Pontas, por entender que por aquella parte lhe ficaria a empreza mais facil, e investindo o Forte pelas espaldas, posto de que os defensores menos se receavaõ, na fé de estarem cubertos por ella com o Forte das cinco Pontas. Os dez Holandezes que estavaõ fóra do Forte foraõ os primeiros que sentiraõ Andre Vidal, e com brevidade se recolheráõ para o Forte das cinco Pontas, os Indios com peyor successo para o de Milhou. Andre Vidal entrou sem opposiçaõ no Forte, e valerosamente avançou o reducto, defenderaõ-se os Holandezes largo espaço, ajudados de duas peças de artilharia carregadas de balas de mosquete, que do Forte das cinco Pontas jugavaõ contra os nossos soldados. Porém elles, que haviaõ atropelado mayores impossiveis, desprezando este perigo, investiraõ o Forte, e rompendo com machados os taboões de que era formado, se deslizou a arêa que lhe servia de terrapleno, e dando lugar a brecha à execuçaõ do impulso dos soldados, entraraõ no reducto, e depois de mortos cinco Holandezes, e alguns Indios se rendeo o Capitaõ Brinc (filho do Coronel, que perdeo a segunda batalha dos Gararapes) com trinta e sete soldados da sua naçaõ, e sete Indios. Morreo no assalto o Capitaõ *Joaõ Barbosa Pinto*, que foy geralmente sentido pelo valor, e industria de que era dotado: morréraõ mais dous soldados, ficaraõ vinte e quatro feridos, em que entraraõ os Capitães D. Pedro de Sousa, e Gregorio de Caldas, e o Alferes reformado Antonio de Barros Rego, ao Mestre de Campo Andre Vidal deu huma bala em huma perna sem damno consideravel. As horas que lhe ficaraõ da noite gastou em fortificar o alojamento, que havia ganhado, e em levantar huma espalda que defendesse os soldados das batarias do Forte das cinco Pontas. Amanheceo, e sahio do Forte Antonio Mendes valeroso Indio, que servia aos Holandezes com alguns soldados que o seguiraõ, entendendo achar sem prevençaõ os que trabalhavaõ; porém foy rebatido, e voltou para o Forte com cinco soldados menos. Com mayor poder intentou o Ge

Anno 1654.

Ganhaõ o Forte do Milhou.

Morre João Barboja Pinto.

Anno 1653.

o General Segismundo fazer huma sortida; porém chegando ao Forte das cinco Pontas, e reconhecendo a boa disposiçaõ do nosso alojamento mudou de parecer, e se retirou para o Arrecife. Logo que anoiteceo se avançou o aproche duzentos passos, e se fortificou com hum alojamento capaz de cem mosqueteiros.

Ataca-se o Forte das cinco Pontas

Amanheceo, e começando a jugar as batarias do inimigo, entendendo Francisco Barreto que o Forte das cinco Pontas lhe havia de custar mayor trabalho, deu ordem para se conduzir a nossa artilharia para o Forte de Milhou, e para se adiantarem os aproches. Porém os Holandezes, que consideravaõ dilatadas esperanças do soccorro de Holanda, desejavaõ salvar as vidas, e as fazendas sem as expor aos contingentes perigos da guerra. Por este respeito mandaraõ os Governadores do Arrecife ao Capitaõ Vouter Vanloo Governador, ou Comendor (como elles chamaõ) do Forte das cinco Pontas com huma carta para o Mestre de Campo General Francisco Barreto, em que lhe pediaõ ouvisse ao Capitaõ Vanloo, e quizesse deferir ao negocio que da sua parte lhes hia propor. Julgou Francisco Barreto conveniente ouvir esta proposta: deu licença a Vanloo para que lhe fallasse: aguardou-o na campina do Taborda. Disselhe, que os do Supremo Conselho lhe pediaõ que nomeasse tres pessoas para que pudessem tratar com outras tantas que elles remeteriaõ, materias de muita importancia, que apontasse dia, e lugar para a conferencia, e que o tempo que ella durasse houvesse cessaõ de armas de huma, e outra parte. Respondeo Francisco Barreto que elle estava prompto para executar o que lhe pediaõ, que no dia seguinte que se contavaõ vinte e quatro de Janeiro poderiaõ vir as pessoas nomeadas pelo Supremo Conselho com toda a segurança para se dar principio á conferencia, e que a cessaõ de armas se observaria em quanto ella durasse da Villa de Holinda até o Forte das cinco Pontas, e exceptuou a barra, por ter noticia que Segismundo havia mandado ordem ao Coronel Autin, para que com a gente da Paraiba, aonde assistia, fizesse por se introduzir no Arrecife a todo o risco. Partio Vanloo com esta reposta, deu

Proposta do Supremo Conselho em que se ajusta a conferencia.

conta

conta Francisco Barreto a Pedro Jaques da proposição dos Holandezes, advertindolhe mandasse ter particular cuidado, em que naõ resultasse effeito da deliberaçaõ do Coronel Autin entrar no Arrecife. O dia seguinte, como estava ajustado, se ajuntaraõ na campina do Taborda por parte de Francisco Barreto o Capitaõ de Cavallos reformado Affonso de Albuquerque, o Capitaõ Manoel Gonsalves Correa Secretario do Exercito, e Francisco Alvares Moreira, Ouvidor, e Auditor Geral daquella Provincia. Da parte dos Holandezes vieraõ Gisbert With primeiro Conselheiro do governo politico do Arrecife, Vouter Vanloo Comendor do Forte das cinco Pontas, e Brest Presidente dos Escabinos, e Director das fragatas Pechilingas. Depois de passadas as primeiras ceremonias, disse Gisbert With, por ser mais pratico na lingua Portugueza, que elles vinhaõ da parte do Supremo Conselho a atalhar os descontos que a guerra costuma trazer comsigo, que ao Supremo Conselho havia chegado noticia, que os Estados Geraes haviaõ mãdado hum Ministro a ajustar com ElRey D. Joaõ conveniencias de grande utilidade para Pernambuco: porém que ainda que parecia justo aguardar a resoluçaõ de materia taõ importante, q̃ por motivos muito superiores dependia mais dos Principes que dos Vassallos, como o Mestre de Campo General Francisco Barreto se achava com Exercito formado sobre aquella Praça para a ganhar, attendendo elles aos forçosos estragos da guerra, e querendo evitar mortes, e calamidades, se resolviaõ a entregar a Praça, ajustandose primeiro as Capitulações que fossem convenientes a ambas as partes. Com grande alegria ouviraõ os Deputados Portuguezes esta proposiçaõ, tomando-os tanto de sobresalto que a recebèraõ nos animos como nova de grande prejuizo: porque muitas vezes faz nos coraçoens o mesmo effeito o pezar, e o alvoroço. Pediraõ que logo tivesse execuçaõ aquella proposta; porque só para este effeito traziaõ ordem do Mestre de Campo General. Responderaõ os Holandezes, que para chegar á ultima conclusaõ de negocio de tanta importancia, eraõ necessarias muitas horas de cuidado, e pediraõ dous dias de praso. Os nossos Deputados conhecendo

Anno 1654.

Ajuntaõse os Commissarios.

Offerecem os Holandezes a entrega de Pernãbuco.

Anno 1654

cendo que o receyo havia triunfado no animo dos ſitiados, com reſoluçaõ diſſeraõ, que ou logo havia de ter principio a pratica das Capitulaçoens, ou ſem dilaçaõ alguma continuarem os progreſſos das armas. Vendo os Holandezes cerrados todos os outros caminhos pediraõ licença With, e Breſt para irem dar conta ao Supremo Conſelho deſta reſoluçaõ, e ficou o Capitaõ Vanloo com os noſſos Deputados aguardando no meſmo ſitio a repoſta. Antes de paſſar huma hora lhes chegou aviſo que os Capitulos ſe ficavaõ fazendo, e pelas tres da tarde voltáraõ os dous com dous Notarios praticos na lingua Portugueza para a traducçaõ do que ſe ajuſtaſſe. Deu ſe parte ao Meſtre de Campo General, e depois de ventiladas algumas propoſiçoens difficultoſas, deixando autentico o ultimo ajuſtamento do que pertendiaõ, pelas dez horas da noite ſe recolheraõ os Deputados Holandezes para o Arrecife. Logo que ſe partiraõ chamou Franciſco Barreto a conſelho os Meſtres de Campo, e os Officiaes mayores do Exercito, e com elles, os dous Prelados das Religioens da Companhia de JESUS, e S.Franciſco, porque as propoſiçoens dos Holandezes continhaõ algumas materias para a conſciencia eſcrupuloſas, e na meſma noite ficaraõ reſpondidas todas as capitulaçoens dos Holandezes, humas concedidas, outras negadas, conforme a qualidade dellas. Gaſtaraõſe as poucas horas que ficaraõ da noite em geral alvoroço de todo o Exercito, conſiderando quaſi chegado o tempo por tantos annos, e com tantos trabalhos ſolicitado. Amanheceo, e Franciſco Barreto, que qualquer inſtante lhe parecia larga dilaçaõ, mandou os meſmos tres Deputados da Conferencia ao Arrecife com as Capitulaçoens que havia concedido aos Holandezes. Voltaraõ elles com huma carta de Segiſmundo para Franciſco Barreto, em que cortezmente pedia lhe concedeſſe licença, para mandar hum Tenente Coronel a tratar com outro Official noſſo, qual elle eſcolheſſe, as materias militares. Reſpondeolhe Franciſco Barreto com igual cortezia, e nomeou para a conferencia o Meſtre de Campo Andre Vidal, em quem concorriaõ todas as qualidades para eſte, e mayores empregos. Veyo do Arrecife

fe hum Tenente Coronel, chamado Valdre, com os tres Deputados, acharaõ Andre Vidal, e os noſſos Deputados no meſmo ſitio das conferencias antecedentes: gaſtaraõ tres dias em ajuſtar as capitulaçoens, no cabo delles ſe concluiraõ com as condiçoens ſegnintes:

Anno 1654.

Que o Meſtre de Campo General Franciſco Barreto em nome delRey D. Joaõ ſeu Senhor, eſquecido de todos os damnos paſſados, ajuſtava paz firme, e valioſa com o Supremo Conſelho dos Holandezes que aſſiſtia na Praça do Arrecife, e concedia a todos os Holandezes aſſiſtentes naquella Provincia todos os bens moveis que poſſuiſſem. Que lhes daria as embarcaçoens para paſſarem a Holanda das Holandezes que eſtavaõ no porto com alguma artilharia de ferro para ſua defenſa. Que os Holandezes que quizeſſem ficar naquella Provincia ſeriaõ tratados como os Portuguezes, e no tocante á Religiaõ viviriaõ como os que aſſiſtiaõ em Portugal. Que o Forte das cinco Pontas, Caſa da Boa viſta, Kate da Villa Mauricéa, o das tres Pontas, o Brum com ſeu reducto, o Caſtello de S. Jorge, o do Mar com as mais Caſas fortes, ſe entregariaõ com a artilharia, e muniçoens que nelles ſe achaſſem. E que logo que neſtes Fortes entraſſe a guarniçaõ Portugueza, ſe introduziria a guarniçaõ neceſſaria na Praça do Arrecife, e Cidade Mauricèa, e nella poderiaõ ficar por tempo de tres mezes os Holandezes que quizeſſem, ſem arma alguma para ſua defenſa; e que para a deciſaõ de ſeus pleitos, ſe lhe concediaõ Miniſtros de juſtiça, que os ſentenceaſſem pelas leys de Portugal. Que os navios que vieſſem de Holanda ſem noticia da paz no termo de quatro mezes, ou os que andaſſem na coſta pudeſſem entrar naquelles portos ſem offenſa alguma, e que ſe acaſo antes da noticia deſtas capitulaçoens ſe houveſſe celebrado algum ajuſtamento entre ElRey D. Joaõ, e os Eſtados Geraes, ſe haviaõ por inválidas, e de nenhum vigor, e naõ poderiaõ alterar em caſo algum a menor circunſtancia deſte Tratado.

Condiçoens do ajuſtamento da entrega.

Foraõ as condiçoens ajuſtadas com Segiſmundo: Que os Officiaes, e ſoldados de todos os preſidios ſairiaõ com armas, e que depois de paſſarem pelo Exercito, as entre-

Condiçoens militares.

Anno 1654.

entregariaõ nos Armazens para ſe lhe tornarem a dar quando ſe embarcaſſem, ficando ſó com as armas ordinarias os Officiaes de Sargento para cima. Que ſe dariaõ refens, para ſe entregarem logo todas as Praças, e Fortalezas do Rio Grande, Paraiba, Itamaracá, Siará, e Ilha de Fernañ de Noronha, com toda a artilharia, e muniçoens que tiveſſem, excepto vinte peças de bronze de quatro até dezoito libras que ſe concediaõ a Segiſmundo, e que aſſim a elle, como aos mais Officiaes de Guerra, ſe lhes concediaõ todos os bens moveis, e de raiz, que juſtamente lhe pertenceſſem. Que os Indios, Mulatos, Mamalucos, e Negros ſe lhes concedia perdaõ, mas que ſahiſſem ſem armas, e que todos os moradores aſſiſtentes nos lugares fóra daquelle diſtricto gozariaõ das condições acima declaradas. Continhaõ as Capitulaçoens outras materias menos importantes: firmaraõſe de huma, e outra parte a vinte e ſeis de Janeiro. O dia ſeguinte amanheceo taõ alegre a todos os Officiaes, e Soldados daquelle Exercito, como merecia a venturoſa gloria que haviaõ alcançado. Marcháraõ os Meſtres de Campo a guarnecer os poſtos mais importantes, e acháraõ na Praça, e Fortes cento e vinte e tres peças de artilharia de bronze, cento e ſetenta de ferro, muniçoens, e mantimentos para mais de hum anno, e grande quantidade de outros inſtrumentos, e maſſame para o aparelho dos navios. Tomavaõ armas 1200 ſoldados Holandezes, fóra 300 que ſe haviaõ paſſado ao Exercito naquelles ultimos dias, 300 Indios, e Negros, além de perto de mil que ſe haviaõ paſſado ao Siará, e grande numero de moradores. Entrou na Praça Franciſco Barreto, e triunfando dos Holandezes, os venceo tambem em cortezia, naõ havendo acçaõ de urbanidade que naõ exercitaſſe com todos os Officiaes, e Soldados daquella Naçaõ. A noite que ſe entregou o Arrrecife fugio em huma jangada em traje de marinheiro hum Tenente Coronel, chamado Nielas, e ſem mais cauſa que a de querer tirar da confuſaõ algum intereſſe, paſſou á Ilha de Itamaracá, e publicou que haviaõ as noſſas Armas ganhado os Fortes do Arrecife, e que ſem diſtinçaõ de ſexo ou idade degolavaõ tudo o que colhiaõ. Perſuadidos

Artilharia, e muniçoens que ſe acha no Arrecife.

Entra Franciſco Barreto na Praça.

didos alguns moradores desta noticia se embarcáraõ com elle em duas fragatas, e o fizeraõ depositario dos seus cabedaes, que era o que pertendia. Fezse á vela para a Paraiba aonde chegou, e espalhando a mesma noticia lhe deraõ os soldados taõ inteiro credito, que sem se deixarem vencer das persuasoens do Coronel Autin que os governava, o obrigaraõ a se embarcar em huma náo da India que havia arribado áquelle porto, e deixou o Forte entregue a cincoenta Portuguezes que estavaõ prisioneiros, por haverem tambem arribado em huma naveta nossa, que hia para a India, encommendandolhe que naõ deixassem entrar na Fortaleza Holandez algum, e em hum instante ficáraõ os escravos senhores dos que os dominavaõ, sendo os proprios donos os que lhe entregáraõ as liberdades (exemplo atégora naõ visto nas historias.)

Anno 1654.

Desampáraõ os Holandezes Itamaracà, e a Paraiba.

Havia marchado a tomar posse do Rio Grande, Paraiba, e Itamaracá o Mestre de Campo Francisco de Figueiroa com 850 Infantes: chegou a Itamaracá, tomou posse da Fortaleza, que lhe entregou o Tenente Coronel Lubrech. Estavaõ nella 350 soldados, e duzentos moradores, os Indios todos se tinhaõ retirado para o Sertaõ. Na Paraiba, Rio Grande, e em todas as mais Fortalezas dos Holandezes naõ houve difficuldade, nem foy necessario mais diligencia que a de lhes mandar guarniçaõ; porque com a noticia do Tenente Coronel Nielas todos os Holandezes dos presidios se embarcaraõ para Holanda. Esta noticia acabou de coroar a gloria de Francisco Barreto (porque sem obstaculo algum ficava toda aquella Provincia, e todo o Estado do Brasil livre das poderosas mãos dos Holandezes, que por espaço de trinta annos, tomando o principio no de 1624 em que foraõ á Bahia, tyrãnamente o domináraõ) e dos mais Officiaes, e Soldados que em taõ gloriosa empreza o acompanhàraõ, sendo justo igualar a todos no valor militar.

O Mestre de Cãpo Francisco de Figueiroa toma posse das mais Praças.

Porém no valor politico, na industria, resoluçaõ, zelo, e magnanimidade deve ser particularizado Joaõ Fernandes Vieira pelas acçoens acima declaradas, que o constituíraõ pedra fundamental deste nobre edificio. Andre Vidal foy tambem digno de grande louvor, por sustentar valerosamente a guerra, a que Joaõ Fernandes

Elogio dos Cabos desta empreza.

Anno 1654.

des Vieira deu principio, acompanhado do Meſtre de Campo Martim Soares Moreno, que naõ teve mais falta que deixar aquella guerra antes de lhe ver o fim, e depois do Meſtre de Campo Franciſco de Figueiroa, e de Henrique Dias, que com glorioſo remate, querendo deixar mais clara memoria que a cor, havia ſido hum dos principaes inſtrumentos de ſe ganhar o Forte de Altanar, e de todos os mais Officiaes, e Soldados, que para deſcrever as ſuas acçoens era neceſſario eſcrever particular volume, ſendo alma do corpo deſta empreza o valor, a conſtancia, e a induſtria de Franciſco Barreto, que depois de vencer tantas, e taõ inſuperaveis difficuldades, como havemos eſcrito, veyo a triunfar na America das formidaveis armas Holandezas, que tantas vezes haviaõ reſiſtido a todo o poder de Heſpanha, devendo o felice fim deſta generoſa acçaõ a Pedro Jaques de Magalhães; porque fora quaſi impoſſivel conſeguila, ſe Pedro Jaques vencendo inſuperaveis inconvenientes, ſenaõ reſolvera a cerrar a barra do Arrecife, o que conſeguio com taõ util diligencia, que naõ foy poſſivel aos Holandezes introduzirem na Praça ſoccorro algum, porque as nàos de guerra prolongadas, e ſurtas tomavaõ a Barreta, e Barra do Arrecife. Junto à marinha franqueavaõ o mar alguns barcos, e em recinto mais largo eſtavaõ as caravelas, e patachos ligeiros; e o eſpaço que havia até o ſurgidouro dos navios mayores occupavaõ em continuo movimento cinco ſumacas com artilharia, e gente eſcolhida, e ao mar andavaõ tambem algumas embarcaçoens ligeiras, para darem aviſo de todos os accidentes que ſobrevieſſem.

O medo e malicia dos Judeos he hum dos motivos mais efficazes de ſe render Pernambuco.

Huma das cauſas principaes de entregarem os Holandezes o Arrecife com taõ pouca reſiſtencia, foy o tumulto, e o medo dos Judeos, que aſſiſtiaõ naquella Praça em mayor numero q̃ o de cinco mil almas; porque introduzindo-ſe nos animos daquella Naçaõ, eternamente vil, e medroſa, o receyo da morte, e perda dos cabedaes, que coſtumaõ ſer nos Judeos a melhor vida, começaraõ a perturbar com deſconcertadas vozes os animos dos Miniſtros do Supremo Conſelho, e a publicar falſamente que Segiſmundo, os Officiaes, e Soldados determinavaõ an-

antes de entregarem a Praça, roubarlhes as fazendas a titulo de sediciosos. Esta confusaõ, a pouca esperança dos soccorros de Holanda, e a falta de soldados para a guarnição de tantas fortificaçoens, por se haverem passado muitos para o Exercito, persuadidos das promessas que Francisco Barreto lhes mandou fazer em repetidos papeis que se lançàraõ às portas da Praça, foraõ estimulos forçosos que obrigàraõ aos Holandezes a ceder da sua contumacia, naõ sendo poderosas as muitas razoens que offereceo contra esta opiniaõ o General Segismundo Vanscop. E a resoluçaõ de entregarem as Ilhas, e Fortalezas subordinadas ao Arrecife, foy por entenderem (como era certo) que perdida aquella Praça de que se animavaõ, era impossivel a sua conservaçaõ. Succedeo a restauraçaõ de Pernambuco oito dias depois de haver tomado posse na Bahia do governo do Estado do Brasil D. Jeronymo de Ataide Conde de Atouguia que succedeo ao Conde de Castello-Melhor, e com esta grande fortuna deu principio ao seu felice governo, eternamente decantado das vozes, e applausos de toda aquella parte da America. Francisco Barreto mandou a ElRey a nova deste successo pelo Mestre de Campo Andre Vidal, para que fosse o primeiro que ganhasse taõ bem merecidas alviçaras. Teve na viagem taõ bom successo que havendo chegado a Cascaes outra embarcaçaõ primeiro que a sua, em que Pedro Jaques fazia a ElRey o mesmo aviso, por ligeiro accidente se deteve as horas que bastaraõ para Andre Vidal entrar pela barra, e desembarcando sem dilaçaõ chegou a dar a nova a ElRey dia de S. Joseph, que era o em que ElRey celebrava o seu Nacimento. Foy justamente geral o contentamento de toda a Corte, e Reino, e ElRey premiou com largas mercês, assim a Francisco Barreto, como aos mais, que tiveraõ parte em successo taõ glorioso, e a Joaõ Fernandes Vieira nomeou Conselheiro de Guerra, e lhe deu a futura successaõ do governo de Angola.

Anno 1654.

O Cõde de Atouguia Governador do Brasil.

Chega Andre Vidal com a nova a ElRey da tomada de Pernambuco no dia do seu Nacimento.

Faz ElRey mercês aos Cabos.

D. Rodrigo de Alencastre continuava felicemente o governo de Tangere. Mandou no principio deste anno o Adail com cento e cincoenta Cavallos a Benamagrás, em que teve noticia andava hũa grande preza: recolheu-

Successos de Tangere.

se

Anno 1654.

fe com ella fem prejuizo, e Gaylan querendo tomar fatisfaçaõ defta perda ajuntou dous mil Cavallos. Correo o campo de Tangere; porém achou tanta refiftencia que fe retirou, deixando na campanha quantidade de Mouros, e cavallos mortos. Paffaraõfe alguns mezes, em que D.Rodrigo naõ quiz permittir aos Cavalleiros mais operaçaõ que a fegurança da campanha; porque conhecendo que o poder de Gaylan era muito mayor, naõ queria arrifcar fem fim a Cavallaria da Praça. Os Cavalleiros naõ tendo capacidade para eftimar a prudencia do feu General, a murmuràraõ como covardia. Teve D.Rodrigo efta noticia, e recatando-a, aguardou a primeira occafiaõ que foy em dezafeis de Dezembro: fahio ao campo, corrèraõ os Mouros com cincoenta Cavallos do fitio da Boca do Fronteiro. Efpalhàraõfe os Cavalleiros, que era o intento dos Mouros, e D.Rodrigo mandou dizer ao Adail Andre Dias da Franca, que por morte de Ruy Dias da Franca havia fuccedido naquelle pofto, que elle determinava rebater os Mouros. O Alcaide mór, e outros Cavalleiros prudentes advertîraõ ao General, que a forma em que os Mouros haviaõ avançado, moftrava que lhes ficava referva. Porèm elle que havia trocado a prudencia em defconfiança quanto mayor lhe infinuava o perigo, tanto mais appetecia bufcalo: fez final de inveftir, feguiraõno todos os Cavalleiros. Os Mouros confiderando lograr o feu intento fe foraõ retirando atè a embofcada, que havia ficado na Atalainha: brevemente foraõ foccorridos, e era taõ grande o numero que foy neceffario a D. Rodrigo grande diligencia para fenaõ perder: porèm metendofe entre os Mouros com grande valor, appellidou muitas vezes aos que fabia que haviaõ murmurado da fua prudencia, mas elles que eraõ melhores para arguir que para pelejar, ja nefte tempo eftavaõ na Praça. D. Rodrigo pelejando fe recolheo aos valos, que achou fem guarniçaõ de Infantaria por culpa do Sargento mór Francifco de Lacerda, naõ baftando as inftancias de Lopo Fernandes Lopes para o obrigarem a fair da Praça, defculpandofe que naõ tinha ordem, como fe todos os fucceffos militares puderaõ eftar prevenidos com difpofiçoens antecedentes.

Recontro com os Mouros em q̃ D Rodrigo de Alecaftre moftra o feu valor, e morre o Adail Andre Dias da Franca.

dentes. No mayor conflicto cahio o Adail morto de huma bala, perda de grande consideraçaõ, por ser moço composto de muitas virtudes, e de grande valor. D. Rodrigo sustentou a trincheira da Aboboda a pezar de toda a resoluçaõ dos Mouros. Retiraraõse elles com alguma perda, ficàraõ mortos tres Cavalleiros, e feridos Joaõ Carvalho Correa, e Francisco Correa. Retirouse D. Rodrigo, e nomeou para o posto de Adail a Diogo Correa Almocadem delRey. Depois deste successo apparecendo no mar huma caravela que se julgou ser tomada pelos Mouros, a mandou D. Rodrigo reconhecer por huma setia Franceza que estava naquelle porto, em que se embarcou o Sargento mór Francisco de Lacerda com trinta mosqueteiros. Os Mouros da caravela naõ querendo aguardar pela setia varàraõ em terra na praya de Guadaliaõ: entrou a nossa gente na caravela, achàraõ tres Mouros que naõ puderaõ salvarse com os mais que saltàraõ em terra; tiràraõ da caravela quantidade de armas, e muniçoens, e deixàraõna carregada de azeites, e outros generos que levava de Lisboa para o Brasil.

Anno 1654.

Successos da India.

No Estado da India naõ eraõ taõ felices os successos das nossas armas como na Europa, na America, e em Africa: porque parece que eraõ os peccados mayores, e taõ envelhecidos que mereciaõ castigados. Continuava D. Braz de Castro o seu governo, por naõ haver chegado Viso-Rey que lhe tomasse conta das suas exorbitancias; e como attendia à segurança particular: naõ logravaõ o expediente necessario os cuidados publicos, e os Holandezes livres de todo do pequeno embaraço da tregoa, procuravaõ por todos os caminhos melhorar o seu partido. A' guerra de Ceilaõ applicavaõ o mayor esforço, considerando justamente no dominio daquella Ilha a mayor utilidade. Francisco de Mello General della tratava de a defender atropelando grandes inconvenientes. No principio deste anno ordenou ao Capitaõ mór Antonio Mendes Aranha, que com quatrocentos Infantes em dez Companhias, e alguns Chingalàs marchasse para o districto do Morro, e que procurasse passar a Calaturê, parte em que seria possivel pelejar com os Holandezes, que era o que todos de-

 sejavaõ,

Anno 1654.

sejavaõ, e de que os Holandezes fugiaõ, considerando que a falta dos soccorros, e mantimentos era o caminho mais facil de nos destruir. Ficou Joaõ Botado com nove Companhias alojado para a parte de Nigumbo no sitio de Vergampetim, Antonio Mendes antes de chegar a Calaturê achou huma trincheira guarnecida de negros que facilmente desbaratou, e marchando à vista da Fortaleza dos Holandezes, lhe atiráraõ com algumas balas de artilharia, de que a nossa gente naõ recebeo damno. E sendo necessario a Antonio Mendes passar o rio que hia caudaloso, e naõ tendo porto mais visinho que o de Diagaõ, marchou pelo rio acima a buscalo: achou-o guarnecido com duas Companhias Holandezas, e grande quantidade de Chingalás. Tomou posto á vista da fortificaçaõ, e levantando trincheira esteve por espaço de dez dias em bataria continua com os Holandezes, no fim delles havendo prevenido barcos para passar da outra parte, os Holandezes receando o assalto largáraõ o posto. Occupou o Antonio Mendes, e gastou trinta dias em correr aquella campanha, fazendo grandes diligencias por obrigar aos Holandezes da Fortaleza de Calaturé, a que saissem della a pelejar com elle. Ultimamente formou toda a gente que levava, e amanheceo junto á Fortaleza. Sentido das sentinellas Holandezas, tocáraõ arma, e ouvindo Antonio Mendes rumor, e caixas que insinuavaõ sairem os Holandezes, exhortou os seus soldados a pelejar: porém naõ saindo os Holandezes fóra da Forraleza ficou baldada esta generosa resoluçaõ. Com este desengano marchou pelas terras de Alicaõ, sujeitas ao dominio dos Holandezes, e destruindo tudo o que encontrou, saqueou o lugar de Alicaõ, e voltou para o alojamento que havia deixado com presidio, e mantimentos. Neste tempo lhe chegou ordem de Francisco de Mello, para que marchasse pela terra dentro a buscar mantimentos para Columbo; porque naõ havendo chegado o soccorro de Goa, era grande a falta delles, que os do presidio padeciaõ. Com esta ordem marchou Antonio Mendes a quatro de Março, alojou aquella noite na Serra de Macunê, antes de amanhecer chegou áquelle sitio huma esquadra Holande-

Ganha o posto aos Holandezes Antonio Mẽdes Aranha.

za

za, que vinha de Gále, que facilmente desbaratou. Continuou a jornada, porém com pouco effeito: porque os Chingalás medrosos dos castigos que os Holandezes depois lhes davaõ, retiráraõ os mantimentos para o interior do mato. Vinte e dous dias gastou Antonio Mendes nesta diligencia com taõ excessivo trabalho dos soldados, e com tanta falta de mantimentos, por naõ acharem mais que alguns palmitos, e frutas do mato, que apenas podiaõ sustentar as muniçoens que levavaõ ás costas. Naõ era occulto aos Holandezes a debilidade da nossa gente, e entendendo que era opportuna occasiaõ para desbaratala, antes que Antonio Mendes passasse o rio, como determinava, para com menos risco fazer aviso a Columbo dos apertados termos, a que a sua gente estava reduzida. A vinte e seis de Março occupáraõ o caminho por onde Antonio Mendes forçosamente havia de passar, e formáraõse em o sitio de Tebuna. Recebeo Antonio Mendes este aviso, e julgando o seu valor por felicidade contrastar os perigos pelas pontas das armas, tendo-os por mais faceis que vencer a difficuldade da falta de mantimentos, marchou com grande diligencia seguindo o quatrocentos soldados, quasi rendidos aos trabalhos que havemos declarado. No sitio de Tebuna achou os Holandezes formados com setecentos Infantes da sua Naçaõ, grande numero de Chingalás, e huma peça de artilharia, segura a frente com hum grande pantáno, passagem que facilitava huma ponte que elles guarneciaõ. A ventagem que só conseguio Antonio Mendes foy ficarem os Holandezes formados em huma eminencia, e por esta razaõ expostos aos golpes das armas de fogo dos nossos soldados, que se formáraõ em sitio mais cuberto. Começou a contenda pelas nove horas da manhaã, e intentando alguns Officiaes de huma, e outra parte arrojarse á ponte, e pantáno para satisfazem de mais perto o ardor com que estavaõ de peleiar, o naõ consentio Antonio Mendes; conhecendo que na ventagem do sitio, as armas de fogo lhe seguravaõ a victoria. Correspondeo o effeito a este bem fundado discurso; porque os Holandezes naõ podendo tolerar o grande damno que recebiaõ das balas, voltá-

Anno 1654.

Occupaõ os Holandezes o passo a Antonio Mendes por trazer a gẽte debilitada.

Obrigão a q̃ se retirem.

Anno 1654.

voltáraõ as costas, e Antonio Mendes se deteve em seguilos, receando que fosse arte para o obrigarem a passar a ponte, e a cairem na emboscada de mayor numero de gente. Tirou-o desta duvida hum Chingalá que fogio aos Holandezes, e segurou que elles fogiaõ de medo, e naõ de industria. Com esta noticia passou Antonio Mendes a ponte pelas tres horas da tarde; porém naõ lhe foy possivel, como desejava, o alcance dos Holandezes. Porque além dos Holandezes lhe cortarem o passo, arruinando huma ponte de madeira que forçosamente havia de passar, estavaõ os soldados de sorte rendidos ao grande trabalho que haviaõ padecido, e pouco mantimento de que se haviaõ alimentado, que lhe naõ foy possivel passarem adiante; porèm sem embargo desta difficuldade perdéraõ os Holandezes grande numero de soldados da sua Naçaõ, e Chingalás, e ficaraõ na campanha muitas armas, e despojos: morréraõ na contenda tres Capitães nossos, hum Alferes, e quatro soldados, e ficáraõ dezoito feridos. Antonio Mendes passou o rio para procurar mantimento em Columbo, e fazer curar os feridos. No caminho recebeo aviso de Francisco de Mello, que haviaõ chegado á barra cinco galeões de soccorro de Goa, que servio de tanto alento aos soldados, que se esquecéraõ de todas as molestias que haviaõ padecido. Porèm durou pouco este contentamento; porque a infelicidade deste soccorro acabou de desbaratar todas as esperanças do soccorro de Ceilaõ. Era Capitaõ mór delles Antonio Barreto Pereira, e Almirante Agostinho Freire Guerra. Chegáraõ defronte de Gále; foraõ investidos de tres navios Holandezes, atracou hum a Capitanea, outro a Almiranta, estando quasi rendidos recebeo Antonio Barreto, e Agostinho Freire tantas feridas, que foy precizo retirarem-nos para se haverem de curar. Com a sua falta mudou o successo de condiçaõ, e começando a haver duvida sobre qual dos Capitães (que eraõ Urbano Fialho, D. Antonio Sotomayor, e Francisco Machado) havia de governar, se dividîraõ, e deixando livres os navios Holandezes chegáraõ a Columbo, ficando alguũs soldados prisioneiros nos navios Holandezes. Antonio Barreto logo que saltou em terra morreo

das

das feridas, e as que recebeo o Almirante foraõ taõ perigosas, que lhe naõ deraõ lugar a deter os tres Capitães, nem a ajustar a contenda que entre si tinhaõ, sobre qual havia de governar. Desunidos se fizeraõ à vèla, naõ deixando em Columbo mais soccorro que algum arroz. Depressa experimentàraõ o prejuizo dos seus desconcertos; porque D. Antonio Sotomayor se apartou das quatro, e encontrando onze náos mercantîs Holandezas provocando o receyo a temeridade, porque lhe naõ queimassem os Holandezes o navio lhe lançou primeiro fogo. Francisco Machado com o seu navio, e dous de que se introduzio Cabo, encontrou as mesmas onze nàos, e naõ se atrevendo a pelejar com ellas, fez dar á costa os tres navios na praya de Salsete. O terceiro navio de que era Capitaõ Urbano Fialho padeceo com as mesmas onze náos igual desgraça; porque encontrandose da mesma sorte com ellas pelejou largo espaço, e os soldados desconfiando do successo prenderaõ o Capitão, e o Mestre naõ querendo que os Holandezes se fizessem senhores do navio, lhe deu hum furo com que se foy a pique, e a gente se salvou em Cananor.

Anno 1654.

Effeito prejudicial da desuniaõ e desconfiança dos soldados de India.

Antonio Mendes fez alto no sitio de Vidiagama pouco distante da Cidade; mandou para ella os feridos, e recebeo refresco, que restituhio aos soldados os espiritos de que estavaõ quasi desfalecidos. Passados tres dias desta assistencia teve aviso Antonio Mendes, de que os Holandezes com a noticia de que engrossava o presidio de Goa com a gente do Reino, sendo neste tempo mais de tres mil os soldados que havia na India, havião desamparado a Fortaleza de Calaturê para engrossarem os presidios de Gále, Nigumbo, e Paliacate, porque avaliando estes postos pelos de mayor importancia para a conquista daquella Ilha, querião antes conservar poucos, que arriscar muitos. Marchou Antonio Mendes com toda a diligencia, e ao caminho o veyo a receber quantidade de gente de todos os lugares, que costumavão obedecer a quem dominava Calaturé. Chegou à Fortaleza que achou desoccupada dos Holandezes com algumas muniçoens, e mantimentos, mas sem artilharia. Despedio com toda a dili-

Desampararaõ os Holandezes Calaturè que occupa Antonio Mendes.

diligencia duzentos homens a occupar o porto de Alicaõ tres leguas de Gàle, por ser a porta de hum rio caudaloso, que facilitava aos Holandezes a entrada das nossas povoaçoens. Naõ valeo a Antonio Mendes o valor, e prudencia com que governava em tempo de tanto trabalho, e aperto, que era necessario dobrarse o agradecimento aos que se resolviaõ a tomar por sua conta as acçoens militares: porque prevalecendo em Columbo a industria de seus inimigos o obrigáraõ a entrar em tanta desconfiança que se retirou para Columbo, e se entregou o governo daquellas Tropas a Gaspar de Araujo Pereira, a quem faltavaõ todas as virtudes que eraõ louvaveis em Antonio Mendes, havendo sido o seu principal objecto attender com pouca consciencia aos interesses da mercancia, que naõ lhe respondendo como solicitava a sua ambiçaõ, aspirava a satisfazela com o poder do governo da campanha. Marchou para Calaturê, e achou noticia que os Holandezes arrependidos de haverem largado aquella Fortaleza, intentavaõ desalojar a Infantaria que estava no porto de Alicaõ, unico caminho de poder recuperar a Fortaleza. Brevemente appareceraõ da outra parte do rio com quinhentos Infantes da sua Naçaõ, muita gente da terra, e tres peças de artilharia, e como o rio corria ainda profundo, e estreito, levantàraõ hũa trincheira com huma plataforma, em que as tres peças começaraõ a jugar contra a nossa fortificaçaõ, que se defendia só com huma peça, e a mosquetaria de huma, e outra parte quasi continuamente pelejava. Durou quinze dias esta forma de combate, e nos primeiros de Agosto teve aviso o Capitaõ mór, de que os Holandezes haviaõ persuadido aos Chingalás, que com algumas Companhias suas fizessem guerra no interior das nossas povoaçoens, para que dividida a nossa Infantaria lhe ficasse mais facil a passagem do rio. Conseguîraõ este intento, e tendo o Capitaõ mór esta noticia, mandou para Piticalgor, e passo Dumcorla seis Companhias à ordem de Francisco Antunes; e como este era só o intento dos Holandezes brevemente se recolheraõ, deixando desembaraçadas as nossas povoações. Vendo os que determinavaõ passar o rio logrado o primeiro

Anno 1654.

Tirase o governo a Antonio Mẽdes por benemerito, e se entrega a Gaspar de Araujo, q̃ o não merecia.

Intentão os Holandezes recuperar Calaturê.

Anno 1654.

to intento, paſſáraõ ao principal de nos deſalojar daquelle porto. Fingîraõ huma noite que ſe retiravaõ, e apparecendo ao amanhecer o ſeu quartel deſoccupado, mandou Gaſpar de Araujo Pereira, menos aſtuto nas artes militares que nas da mercancia, paſſar á outra banda do rio a Infantaria em algumas jangadas. Os Holandezes diſſimulando menos tempo do que lhe era neceſſario ſaîraõ da emboſcada, naõ havendo ſaltado em terra mais que vinte e cinco ſoldados com o Alferes Vicente da Coſta Freire. Naõ perdeo elle, e os que o acompanhavaõ o acordo com o perigo; porque com tanto valor pelejou largo eſpaço, que á cuſta de muitas vidas dos inimigos, mortos nove ſoldados, feridos quatro, e o Alferes que ficaraõ priſioneiros, os mais ſe ſalvaraõ a nado, tornaraõ para terra os que navegavaõ nas jangadas, e recolheraõſe ao Forte de Alicaõ. Continuaraõ as batarias por eſpaço de cinco mezes, e neſte tempo chegaraõ aos Holandezes varios ſoccorros com que engroſſaraõ o poder, ao meſmo paſſo que o noſſo ſe diminuhia. Os Officiaes, e Soldados conſiderando a importancia daquelle poſto, e a pouca capacidade de Gaſpar de Araujo Pereira, pedîraõ com grande inſtancia a reſtituiçaõ de Antonio Mendes Aranha, a quem cedeo facilmente D. Alvaro de Ataide nomeado por Capitaõ mór: porque amava menos os perigos que Antonio Mendes. Partio Antonio Mendes de Columbo, chegou a Alicaõ a tempo que os Holandezes poderoſos com os ſoccorros haviaõ por outro lugar facilitado a paſſagem do rio. Conſiderando com eſtes dous accidentes deſvanecida a importancia daquelle porto, determinou retirarſe, e querendo dar eſte intento á execuçaõ a dezaſeis de Dezembro, veyo a ſer no meſmo dia, em que os Holandezes, havendo paſſado o rio, determinavaõ atacar aquella fortificaçaõ. Antonio Mendes tendo poucas horas antes antecipada noticia ſe poz em marcha: mas como era neceſſario conduzir a peça de artilharia que com trabalho levavaõ os ſoldados, primeiro chegáraõ os Holandezes que elle pudeſſe conſeguir a retirada. Naõ ſe deſalentou com eſte ſucceſſo, porque eſtava coſtumado a vencer impoſſiveis: ſeparou quatro Companhias que dei-

Torna Antonio Mẽdes tarde ao ſeu poſto.

Anno 1654

deixou na retaguarda, e marchou com toda a diligencia a ganhar a praya, conhecendo que se os Holandezes conseguissem occupar primeiro este posto, lhe ficava impossivel, por naõ haver outro caminho, a retirada de Calaturê a Columbo. Tanto que chegou á praya com a peça de artilharia, puxou com toda a diligencia pelas quatro Companhias que havia deixado na retaguarda: porém ja neste tempo haviaõ chegado os Holandezes ao sitio em que elles estavaõ, e haviaõ começado a pelejar com as Companhias da sua vanguarda. Vieraõ as nossas continuando a marcha com taõ boa ordem, que chegaraõ a encorporarse com Antonio Mendes, que havia feito alto em hum sitio que lhe segurava a retirada, se o naõ desalojassem delle, chamado Calvamondrâ, guarnecendo a parte que lhe ficava visinha a hum mato, que os Holandezes quizeraõ romper: mas foraõ rebatidos com a morte de alguns Officiaes, e Soldados. Os Holandezes, que vinhaõ resolutos a naõ perder occasiaõ taõ opportuna, formàraõ os seus esquadroens com tres peças de artilharia, e depois de dispararem muitas balas, investîraõ com grande resoluçaõ a pouca gente que se lhe oppunha. Antonio Mendes animou com muito valor os Officiaes, e Soldados que o acompanhavaõ. Para lhes influir o mayor espirito lhes disse, que a todos armava Cavalleiros, para que com este novo titulo fizessem naquella occasiaõ mayores maravilhas das que até aquelle tempo haviaõ executado. Corresponderaõ os soldados ás esperanças do Capitaõ, e durando a contenda da manhaã até as tres horas da tarde, nunca os Holandezes puderaõ ganhar à nossa gente hum só passo do sitio que haviaõ occupado. Neste tempo, favorecidos da causa divina que defendiaõ, acertou hum dos tiros da peça com que atiravaõ entre as muniçoens dos Holandezes, e accendeo a polvora com tal effeito, que mortos mais de cincoenta do seu impulso, voltaraõ os mais as costas; porém Antonio Mendes, como o sitio era muito cuberto, com o receyo de emboscada os naõ quiz seguir. Retirouse para Calaturê, deixando na campanha mais de duzentos Holandezes mortos, e perdendo entre mortos, e feridos cincoenta e dous soldados,

Valerosa registencia dos nossos soldados.

Arde a polvora aos Holandezes, e se retiraõ.

dos, alojoufe junto da Fortaleza. Fez avifo ao General que lhe remeteo alguma gente, e muniçoens: porém tudo em pouca quantidade, por haver mandado a mayor parte com Gafpar Figueira de Serpa, a refiftir ao grande poder com que ElRey de Candia tinha entrado pelas noffas povoaçoens. Partìraõ efte anno de Lisboa para a India as nàos N. Senhora da Graça, Capitaõ mór D. Fernando Manoel, S. Thomé, Capitaõ Carlos de Araujo de Vafconcellos, e Santa Elena, Capitaõ Manoel de Pina da Cunha, que fe perdeo na barra de Goa.

Anno 1655.

A guerra por todas as partes em Portugal era taõ pouco vigorofa, que fó obrigado da ordem da hiftoria vou referindo os breves encontros que neftes annos aconteceraõ: porque parece que os animos de huma, e outra parte prognofticando os fucceffos futuros, fe preparavaõ para tolerar os exceffivos trabalhos que os ameaçavaõ. O General da Cavallaria Andre de Albuquerque, que em aufencia do Conde de Soure governava as Armas do Exercito de Alentejo, logo que ceffou o vigor do Inverno mandou feffenta Cavallos à ordem dos Tenentes de Francifco Pacheco Mafcarenhas, e Joaõ Ferreira da Cunha. Armàraõ a huma Tropa que eftava alojada em Enfinafola. A noite que marchàraõ a efta empreza encontraraõ com o Capitaõ de Cavallos D. Francifco de Gufmaõ, que com igual intento vinha armar à Tropa que affiftia de quartel em Mouraõ. Inveftiraõfe ao mefmo tempo Portuguezes, e Caftelhanos, e brevemente foy D. Francifco desbaratado: perdeo parte dos Cavallos que trazia, e achando o efcuro por foccorro efcapou do perigo com alguns foldados que o acompanharaõ. Pouco tempo depois defte fucceffo marchou o Tenente General Duquifné com as Tropas de Olivença: mandou avançar com feffenta Cavallos o Capitaõ D. Luiz da Cofta, faìraõ de Talavera cinco Tropas, e trazendo trinta Cavallos defcobrindo a campanha, D. Luiz os inveftio, e derrotou, fem as Tropas os foccorrerem com receyo de mayor defgraça. Retiroufe Duquifné, e nefte tempo paffou á Corte Andre de Albuquerque, e ficou governando aquella Provincia Francifco de Mello General da Artilharia. Mandou

Succeffos de Alentejo.

va-

varias vezes fazer entradas em Castella, resultou dellas trazeremse grossas prezas, e sem mais successo digno de memoria passou este anno.

Anno 1655.

O Visconde de Villa-Nova por lhe naõ ser possivel largar algumas conveniencias da sua casa, naõ voltou ao governo das Armas da Provincia de Entre Douro e Minho. Succedeolhe D. Alvaro de Abranches da Camara, entregandolhe ElRey juntamente o governo da Relaçaõ, e Cidade do Porto; e como os exercicios eraõ taõ incompativeis, e com objectos differentes, mal se podem produzir effeitos proporcionados, experimentou ElRey nesta nova eleiçaõ infelice successo como adiante veremos, e neste anno naõ houve no governo de D. Alvaro acçaõ de que dar noticia.

Entrega ElRey a D. Alvaro de Abrãches o governo da Relaçaõ do Porto, e das Armas de Entre Douro e Minho.

Joanne Mendes de Vasconcellos havia os annos antecedentes conservado a Provincia de Traz os Montes no socego que ElRey pertendia. Porêm conhecendo ElRey, que o damno da cessaõ de armas era da sua Coroa, resolveo, que em todas as Provincias se continuasse a guerra, para que os povos dos Reinos de Castella conhecessem, pelos males que experimentassem, quanto lhes convinha a felicidade da paz. Continuaraõse as entradas, e os Castelhanos solicitando os interesses dellas entraraõ com Cavallaria, e Infantaria no lugar de Paradella, que ficava na Raya do Termo de Miranda, e levaraõ todo o gado que pastava naquelle districto. Teve aviso o Mestre de Campo Antonio Jaques de Paiva, que assistia em Miranda, mandou sair ao rebate a Companhia do Capitaõ de Cavallos Fernaõ Pinto Bacellar, e a de Popoliniere. Fez Fernaõ Pinto taõ boa diligencia, que naõ só obrigou aos Castelhanos a largarem a preza, mas rebanhou do lugar de Samil outra consideravel. Assistia neste tempo Joanne Mendes em Bragança, e querendo conseguir melhor successo, mandou ao Mestre de Campo Antonio Jaques com duzentos e cincoenta Cavallos, e duzentos Infantes armar á guarniçaõ, que assistia no lugar de Carvajales, com ordem que naõ tendo execuçaõ este intento, fizessem o damno que lhes fosse possivel. Entrou Antonio Jaques, e naõ podendo provocar os da guarniçaõ de Carvajales

Renovãose as entradas.

Antonio Jaques queima a Villa de Tavora, e outros lugares.

vajales a que saissem, passou a diante, queimou a Villa de Tavora, de que era Marquez o Governador das Armas daquella fronteira, e dezanove lugares circunvisinhos, e retirouse sem contradiçaõ com grande preza, e despojos. Os Castelhanos pouco tempo depois deste successo passáraõ o rio Negro com quinhentos Infantes, e encorporados com cento e cincoenta Cavallos, que estavaõ alojados em Carvajales, entraraõ pela parte de Ifanes a rebanhar o gado, que estava na aspareza dos montes que por aquella parte rega o rio Douro. Teve esta noticia o Mestre de Campo Antonio Jaques, e sem dilaçaõ sahio a buscar os Castelhanos com duzentos Infantes, e as duas Tropas de Fernaõ Pinto, e Popoliniere; encontrouos conduzindo huma grossa preza, e sem reparar na desigualdade do poder (que igualou assistido de valor, e resoluçaõ) investio os Castelhanos; e ainda que achou por grande espaço galharda resistencia, conseguio desbaratalos com tanto destroço, que os quinhentos Infantes ficáraõ huns mortos, outros prisioneiros, e as Tropas foraõ seguidas das nossas de Brandilhães até Fuenfria, aonde se retiraraõ poucos Cavallos dellas. Os Officiaes, e Soldados prisioneiros remeteo Joanne Mendes ao Porto: Antonio Jaques cobrada a preza se retirou a Miranda, remunerado no applauso dos povos o bom successo que havia conseguido. O Marquez de Tavora que assistia em Ciudad Rodrigo, e D. Vicente Gonzaga, que governava o Reino de Galiza, preparàraõ Tropas, e ameaçàraõ toda aquella fronteira, que confinava com a jurisdiçaõ de ambos. Preveniose Joanne Mendes com esta noticia, e procurou soccorros das Provincias visinhas: porém os Galegos, que costumavaõ experimentar mayores damnos dos que faziaõ, tornàraõ a propor novas praticas de cessaõ de armas, offerecendo, que qualquer accõmodamento que se ajustasse seria firmado por D. Vicente Gonzaga. Aceitou Joanne Mendes esta pratica com praso de vinte dias, que tomava para dar conta a ElRey: assim o executou, e a reposta que teve foy estranharlhe ElRey muito o procedimento que havia tido nesta materia, lembrandolhe a resoluçaõ que tinha tomado de naõ admittir seme-

Anno 1655.

Rompe os Castelhanos, e lhes tira a preza.

Naõ permitte ElRey q̃ se admita a propôsta dos Castelhanos.

Anno 1655.

ſemelhantes propoſiçoens, advertido da cavilaçaõ dos Caſtelhanos em varias occaſioens experimentada. Ainda que Joanne Mendes com a ordem delRey ſeparou a pratica de concordia, não continuou D. Vicente Gonzaga a reſolução de entrar em Portugal, e com a noticia certa de ſe ſepararem as Tropas que havia ajuntado, deſpedio Joanne Mendes os ſoccorros das outras Provincias.

João de Mello Feyo, que governava o partido de D. Rodrigo de Caſtro, não querendo que por aquella parte eſtiveſſem as armas ocioſas, ajuſtou com Nuno da Cunha mandarlhe cento e cincoenta Cavallos, divididos em quatro Tropas, á ordem do Capitaõ Gaſpar de Tavora, as quaes unidas a ſeis do ſeu partido, governadas pelo Capitaõ de Cavallos Bartholomeo de Azevedo Coutinho, e hum Terço de Infantaria, marchou Joaõ de Mello a Villa Velha, nove leguas da Raya para a parte de Ciudad Rodrigo. Foy ſentido quando entrava, e tiveraõ os Caſtelhanos tempo de ajuntarem as guarnições de Infantaria, e Cavallaria daquelle diſtricto, e de occuparem o ſitio da Mata de Villar de la Egua huma legua do rio Agueda. Recebeo Joaõ de Mello eſta noticia, e ſem alterar a reſoluçaõ que levava continuou a marcha, e depois de fazer em Villa Velha huma groſſa preza, caminhou com ella, e chegando a Villar delRey o aviſtaraõ os batedores dos Caſtelhanos, e ſem poderem conſeguir tomar lingua, mudaraõ de poſto, e paſſaraõ a ſe formar em hum valle, que fica do rio Agueda para a parte de S. Felices. Fizeraõ huma ſó linha de trezentos Cavallos que levavaõ, e guarneceraõ os claros com trezentos Infantes. Chegou Joaõ de Mello a aviſtalos, e parecendolhe perigoſa a reſoluçaõ; porque o diſcurſo da differença do poder naõ fizeſſe nos ſoldados algum receyo dilatandoſe, ordenou a Gaſpar de Tavora que com tres Companhias formadas em hum ſó Batalhaõ foſſe o primeiro que inveſtiſſe com os Caſtelhanos. Avançou elle ſem dilaçaõ, porém recebendo cerrada carga, de que padeceo grande damno, querendo os Caſtelhanos accreſcentalo, o inveſtiraõ com todos os Batalhoens de Cavallaria, E vendo Joaõ de Mello, e Bartholomeo de Azevedo que

Recõtro de Joaõ de Mello com os Caſtelhanos q̃ ficão desbaratados.

que em naõ deixarem desbaratar Gaspar de Tavora consistia a sua conservaçaõ, o soccorreraõ com todas as Tropas; e succedendo serem as primeiras que encontraraõ as mangas de mosqueteiros dos Castelhanos, desanimadas da sua Cavallaria as degolaraõ sem resistencia alguma, e com o mesmo ardor investiraõ os Batalhoens, e depois de larga contenda os desbarataraõ, e obrigando-os a voltar as costas os seguîraõ até S.Felices. Retiraraõse com cem feridos, deixando alguns mortos, em que entraraõ Manoel de Mello de Quadros, o Capitaõ Francisco Barbosa de Almeida, e o Tenente Miguel da Fonseca. Ficou ferido Joaõ de Mello Feyo, que havia pelejado com muito valor, assistido com igual procedimento de Bartholomeo de Azevedo, do Capitaõ Simaõ de Oliveira da Gamma, e de Tristaõ da Cunha, que servia de Tenente da Tropa do Tenente General da Cavallaria Nuno da Cunha, e depois occupou outros postos mayores com igual merecimento. Os Castelhanos perderaõ muitos Officiaes de reputaçaõ; ficou morto D.Joseph do Prado Governador da Cavallaria, os Capitães de Cavallos D.Thomaz de Matos, e D. Pedro de Arsi, Andre Alonso, e D.Joaõ de Ayta: vieraõ muitos Officiaes prisioneiros, e escaparaõ poucos soldados de Cavallo. A preza se conduzio a Almeida, e as Tropas de Penamacor se tornaraõ a recolher ao seu partido.

Anno 1655.

Poucos dias depois deste successo intentaraõ os Castelhanos interprender o Castello de Salvaterra, que governava o Sargento mór Antonio Soares da Costa, e aquelle partido o Tenente General Nuno da Cunha em ausencia de D.Sancho Manoel. Correspondiase Antonio Soares na fé da liberdade da Aduana, e privilegio militar que dispensa fóra das occasioens estes cortezes estilos, com D. Affonso de Sande, em quem concorriaõ qualidade, e valor. Cresceo a familiaridade de sorte, que deu confiança a D. Affonso para propor a Antonio Soares largas conveniencias, se entregasse a ElRey de Castella aquella Praça. Mostrou Antonio Soares, que naõ desprezava aquella pratica, e para animar a dissimulaçaõ pedio segurança das mercês. Naõ tardou hum alvará delRey de Castel-

Offerta dos Castelhanos a Antonio Soares.

Anno 1655.

Castella, e huma carta de D. Luiz de Haro com larguissimas promessas, se tivesse effeito este designio. Deu a entender Antonio Soares que se deixava enganar, e mais ambicioso da gloria que de interesse, recolheo os papeis, e dispoz a satisfaçaõ desta offensa que padecia a sua fidelidade. Com esta demonstraçaõ se facilitaraõ os receyos, e reparos de D. Affonso, e enganado do credito que grangeava em conseguir aquella empreza, ajustou com Antonio Soares introduzirse no Castello de Salvaterra com trinta Officiaes, e pessoas particulares, em dissimulado habito de mercadores, deixando as Tropas, e Infantaria do partido de Alcantara, emboscadas para o soccorrerem, em pouca distancia daquella Praça. Signalouse o dia, e preparouse o sacrificio de horrendas victimas, pertendendo Antonio Soares comprar com innocente sangue de homens valerosos o credito da sua fidelidade, que a menos custo pudera manifestar, repulsando a primeira offerta de D. Affonso. Chegou elle infaustamente a Salvaterra, abriose o postigo do Castello, signal que só aguardava, por estar antecipadamente concertado, e o primeiro que entrou pelo postigo, que era o que se contava por mais felice, na supposiçaõ de lograr a empreza, foy o primeiro que padeceo o suplicio, sendo hum maço com que lhe deraõ na cabeça, rigoroso instrumento da sua morte. Seguiraõse os mais, sendo só hum o que entrava; porque a estreiteza do postigo naõ dispensava lugar mais dilatado, e todos com a mesma tyrannia acabáraõ as vidas, merecedoras de mayor duraçaõ pelo valor com que se expuzeraõ a conseguir aquella empreza. Ficou só vivo D. Affonso de Sande para padecer mais custoso tormento; porque depois de Antonio Soares haver dado conta a ElRey de todo este espectaculo, e referido que deixava vivo D. Affonso de Sande, se resolveo a mandalo ligar na boca de huma peça de artilharia, e mandandolhe dar fogo, foy o miseravel corpo de D. Affonso o primeiro emprego da ira da polvora, e do impulso da bala, que o dividîraõ em taõ distinctas partes que veyo a ter por urna o mesmo ar, que costuma extinguir as cinzas. Avaliouse commummente esta acçaõ (se póde ter este titulo

tulo taõ grande tyrannia) com a abominaçaõ que merecéraõ as circunſtancias della ; porque a igualdade do animo, e a liſura do trato deve ſer taõ diſpenſavel entre os naturaes, como entre os inimigos. Podem os homens procurar corromper os coraçoens dos contrarios á Republica, pelo que intereſſaõ na ſua ruina ; mas naõ devem em caſo algum moſtrarſe corrompidos, por naõ deixarem o menor inſtante eſcrupuloſa a ſua fidelidade. E a ignorante ſatisfaçaõ dos que caem neſte erro, he o ſeu mayor caſtigo: porque entendendo que os naõ condemna o juizo dos inimigos, no meſmo ponto em que pertendem enganalos, os conſtituem juizes da ſua culpa, e quando a ſentença que daõ he juſta, ſoa aos deſintereſſados taõ bem na boca dos amigos, como na dos contrarios. Eſte foy o remate da guerra deſte anno, e parece que prognoſticou a infelicidade do futuro, em que perdeo Portugal no mayor Rey a melhor ſegurança.

Anno 1655.

Francisco de Souſa Coutinho aſſiſtia em Pariz, e ainda que lhe cuſtava menos embaraço eſta commiſſaõ que a de Holanda, naõ deixava de padecer grande trabalho, quando queria chegar á concluſaõ das materias mais importantes ; porque como os animos dos Miniſtros, e Nobreza de França andavaõ taõ encontrados, naõ queriaõ ſujeitarſe a tratado algum, que os ligaſſe a não poderem uſar das conjunturas que o tempo lhes offereceſſe. Mandou o Cardeal Maſſarino a Lisboa por Inviado o Cavalleiro de Sant: foy a propoſta que fez a ElRey, que França firmaria a liga offenſiva, e defenſiva, como ElRey pertendia, obrigandoſe ElRey a fazer guerra viva a Caſtella, e dandolhe dinheiro para o gaſto daquella Campanha. Accreſcentando a eſta propoſiçaõ varias queixas, do pouco que Portugal attendia aos intereſſes de França, e das muitas occaſioens em que ſe havia quebrado a Capitulaçaõ ajuſtada entre as duas Coroas no anno de 1641. Nomeou ElRey o Biſpo Capellaõ mór, e ao Marquez de Niza para conferirem com o Inviado ; e depois de varias conferencias, querendo chegarſe á concluſaõ, buſcou o Inviado varios pretextos para o ultimo ajuſtamento, e veyo a manifeſtarſe a ſuſpeita que ſe havia conce-bido,

Sucessos de França.

Propoſtas feitas a ElRey pelo ſeu Inviado.

Anno 1655.

bido, de que elle naõ viera a Portugal mais que a averiguar huma incerta noticia que se tinha divulgado, de que ElRey tratava de se ajustar com Castella, o que se havia originado da cavilaçaõ com que os Castelhanos publicàraõ, que ElRey naõ queria ajustarse na paz que lhe offereciaõ, enganado da industria de seus Ministros, que por interesses proprios queriaõ sustentar a guerra. ElRey manifestou claramente a falsidade desta calumnia, e mandou a França Fr. Domingos do Rosario Religioso da Ordem de S. Domingos, Irlandez de Naçaõ, avaliado por sujeito de virtude, e letras, que depois foy eleito Bispo de Coimbra. Chegou a Pariz, e instando pela conclusaõ da liga, lhe foy respondido, que tratasse Portugal da paz de Castella, sem cuidar na liga de França. ElRey, estimulado da queixa desta reposta, ordenou aos seus Ministros que respondessem aos de França, que determinava conservar na memoria para seu tempo esta resoluçaõ; porque senaõ achava taõ destituido de forças, que com a opulencia de Portugal, de novo augmentada com a restauraçaõ de Pernambuco, senaõ pudesse defender das armas de seus inimigos. Os negocios de Roma por naõ mudarem de condiçaõ naõ deraõ materia para se tratarem com individual noticia este anno.

Manda ElRey a França Fr. Domingos do Rosario.

Em Holanda assistia Antonio Raposo, e com muito trabalho tolerava a impaciencia dos Holandezes na perda de Pernambuco, principalmente os interessados na Companhia Occidental. E sendo a mais empenhada a Provincia de Zelanda, armou trinta navios em damno do Cõmercio deste Reino; porém recolhendose sem preza alguma, lhes accrescentou a despeza, e a ira, mas a divina que experimentàraõ no castigo da peste que padceceraõ, de que morreo grande numero de pessoas, os obrigou a suspenderem a deliberaçaõ de se vingarem em Portugal dos damnos padecidos no Brasil. A Holanda haviaõ chegado duzentos e setenta Portuguezes, que os Holandezes haviaõ feito prisioneiros na India, e fizeraõ de despeza a ElRey por maõ de Antonio Raposo 175U cruzados; porque ElRey naõ costumava perdoar a dispendio algum pela liberdade de seus Vassalos.

O soccorro de Holanda impedido pela peste.

A In-

A Inglaterra mandou ElRey por Inviado Francisco Ferreira Rebello com as pazes firmadas, que ajustou o Conde Camareiro mór; porem havendo levado algumas emendas nos capitulos, tornou Cromuel a remetelas a ElRey por Inviado particular, que mandou só a este negocio; e o aperto daquelle tempo obrigou a ElRey a confirmalas á satisfaçaõ dos Inglezes, com tanto prejuizo, que ainda hoje se experimenta.

Anno 1655.

O Estado do Brasil governava o Conde de Atouguia com tanto acerto, e desinteresse, que conhecidamente se via florecer por instantes, depois dos triunfos militares, com o governo politico, e he axioma sem contradiçaõ, que naõ he necessario mais a Portugal, para ser hum dos ricos, e opulentos Reinos do mundo, que acharemse homens que, como o Conde de Atouguia, vaõ aos governos Ultramarinos a tratar do bem publico, e naõ das conveniencias particulares, que costumaõ ser inimigas mortaes do genero humano. Em Pernambuco se lograva o merecido descanço depois de taõ largo trabalho. A frota da Junta do Cõmercio sahio de Lisboa, e voltou a este porto com prospera viagem.

Governo do Brasil do Conde de Atouguia.

Entra em Lisboa a frota do Brasil.

Foy este o ultimo anno do governo de D. Rodrigo de Alencastre na Praça de Tangere, e desejando naõ malograr com algum mao successo os que tinha tido felices, tratava de fazer algumas entradas de pouco empenho. Os Mouros vendo esta sua resoluçaõ, e que naõ podiaõ satisfazerse, armando nas suas proprias terras, se ajuntaraõ Gaylan, e Sid Algazuani Bembucar, irmaõ de outro deste nome, senhor da mayor parte daquelle districto, e entráraõ no campo de Tangere sem serem sentidos com dez mil homens de pé, e de cavallo. Sahio D. Rodrigo ao campo, os primeiros que foraõ a descobrir, deraõ vista dos Mouros que os correraõ, e faltou só o escuta Joaõ Vieira. Quiz D. Rodrigo soccorrelos; porèm reconhecendo o grande poder dos Mouros, se recolheo á Porta da Traiçaõ por onde havia saido. Marcharaõ elles até junto da Cidade, e sem fazer caso do damno que recebiaõ da mosquetaria, e artilharia, persistíraõ tres dias â vista della, sem outro effeito, que dispararem continuamente

Successos de Tangere.

Gaylan, e Bembucar vem sobre Tangere.

Anno 1655.

mente as escopetas, inutil bataria ás muralhas da Cidade. Gastada a polvora, e mantimentos se recolheraõ, naõ fazendo mais damno que a algumas hortas, que estavaõ fóra da Cidade. O escuta que se julgava perdido appareceo depois delles retirados: porque teve constancia para persistir todos os tres dias debaixo de hum penedo, que os Mouros occupavaõ, naõ comendo, nem bebendo em todos elles, tendo por mais barato este breve cativeiro que o a que se expunha, sendo sentido dos Mouros. Passados alguns dias entrou no porto de Tangere huma setia com bandeira Genoveza: porém tendo D.Rodrigo noticia que era de Castelhanos a tomou por perdida, e o mesmo succedeo com outra de Galiza, resultandolhe da carga de ambas grande utilidade. E havendo chegado áquella Praça o Redempror Fr.Henrique Coutinho, deu ordem D.Rodrigo para passar ao resgate de Tituaõ. Deu liberdade a cento e cincoenta cativos, e D.Rodrigo gastou os mezes que se lhe diltatou successor em reparar o caes, e algumas ruinas da Praça, e em outras obras merecedoras de grande estimaçaõ, como o foraõ todas as acçoens do seu governo.

Resgate do Redemptor Fr Henrique Coutinho.

D. Francisco de Noronha, que deixamos governando a Praça de Mazagaõ, alcançou licença delRey para voltar a Lisboa por haver assistido no exercicio do seu posto perto de quatro annos com tanta satisfaçaõ de todos os Cavalleiros daquella Praça, que naõ houve algum que ficasse queixoso do seu procedimento. E porque ElRey lhe naõ havia nomeado successor, ordenou que tornasse Nuno da Cunha a governar aquella Praça. Partido D.Francisco de Mazagaõ continuou Nuno da Cunha aquelle governo algum tempo, e acabando nelle a vida de huma enfermidade nomeou ElRey para o governo daquella Praça a Alexandre de Sousa Freire, em quem concorriaõ todos os requesitos necessarios para esta occupaçaõ. Chegou a ella, e como os Mouros costumaõ experimentar a disposiçaõ dos novos fronteiros, saindo ao campo em vinte e dous de Março, lhe carregaraõ as Atalayas com mais de tres mil Cavallos: soccorreo-as Alexandre de Sousa, e havendose empenhado de sorte, que os Mouros pertenderaõ

Succede Alexãdre de Sousa a D. Francisco de Noronha em Mazagaõ.

deraõ cortarlhe o paſſo para a retirada da Praça. Advertido dos Cavalleiros que ſe retiraſſe, valeroſamente fez cara aos Mouros, e inveſtindo-os com a lança na maõ, ſeguido dos Cavalleiros, lhe mataraõ o cavallo. Livre daquelle embaraço tirou pela eſpada, e com grande reſoluçaõ pelejou apé, até que os Cavalleiros com o impulſo do ſeu perigo fizeraõ retirar os Mouros do paſſo que haviaõ tomado, ficando muitos mortos na campanha, e montando em outro cavallo Alexandre de Souſa foy applaudido geralmente de todos com o encarecimento que havia merecido o ſeu valor. Acompanhou-o ſeu irmaõ Bernardino de Tavora que o imitou com tanta igualdade, que em defenſa ſua pelejou largo eſpaço, e com as proprias mãos matou dous Mouros. Recolheoſe Alexandre de Souſa, e naõ teve eſte anno mais occaſiaõ de continuar a boa fortuna do principio do ſeu governo.

Anno 1655.

Peleja com os Mouros com valor, e perigo.

Nomeou ElRey eſte anno por Viſo-Rey da India ao Conde de Sarzedas, eleiçaõ que prognoſticava o remedio daquelle Eſtado, por concorrerem na peſſoa do Conde todas as virtudes, e qualidades, que puderaõ reſuſcitar as memorias mortas dos antigos Viſo-Reys, a quem dignamente a fama fez immortalmente célebres no mundo. Chegou a Goa com felice navegaçaõ, e para moſtrar, como era juſto, a igualdade da ſua juſtiça, prendeo D. Braz de Caſtro, e a todos os ſequazes que haviaõ concorrido na tyrannia do ſeu governo, e prizaõ do Conde de Obidos, e os remetêo prezos a eſte Reino, para que foſſem ſentenceados, conforme as ſuas culpas mereciaõ, o que naõ ſuccedeo em graviſſimo prejuizo da conſervaçaõ daquelle Eſtado. Começou o Conde a querer pôr em ordem os muitos deſconcertos a que achava devia acodir, naõ encontrando muitos meyos proporcionados para os emendar. O negocio que lhe dava juſtamente mayor cuidado era o aperto em que ſe achava a Ilha de Ceilaõ, e obrigado das muitas circunſtancias que acréditavaõ eſta noticia, começou a fazer varias prevençoens para mandar a Ceilaõ hum grande ſoccorro, que ſe deſvaneceraõ com a ſua morte, de que parece ſe originou a ultima deſgraça que padecemos naquella Ilha, que he

Succeſſos da India. Viſo Rey o Conde de Sarzedas.

Prēde D. Braz de Caſtro.

preciso referirmos, ainda que com grande magoa com verdadeira noticia daquelle successo; e por naõ ficar troncado o concluiremos neste anno, supposto ser a entrega de Columbo no seguinte de 1656.

Anno 1655

Successos de Ceilaõ.

No principio deste anno fez Gaspar Figueira de Serpa, de cujo valor ja fizemos memoria, taõ aspera guerra a ElRey de Candia, que o reduzio a socego, de que o tinhaõ divertido as negoceaçoens dos Holandezes. Persistia Antonio Mendes Aranha no alojamento que havia feito junto da Fortaleza de Calaturê. Desejavaõ os Holandezes restaurala, e para este fim mandaraõ alguns navios, que lançaraõ gente em terra perto da Fortaleza: caminharaõ para o alojamento de Antonio Mendes, e parecendolhe a elle aquelle posto pouco seguro, depois de o defender algumas horas, se retirou para a Fortaleza. Persistiraõ sobre ella os Holandezes dez dias, e conhecendo que para contrastar o valor dos defensores era necessario mayor poder, sabendo juntamenta que haviaõ entrado na Fortaleza cinco Companhias de soccorro, levantaraõ o sitio, e se embarcaraõ nos navios que os aguardavaõ. D. Braz de Castro, que ainda neste tempo governava a India, havia mandado a Antonio de Sousa Coutinho a succeder no Governo de Ceylaõ a Francisco de Mello de Castro. Partio de Goa com seis galiotas, e dous pataxos, em que levava quantidade de dinheiro, muniçoens, e mantimentos. O desacerto dos pilotos o levou a avistar a Fortaleza de Gále. Os Holandezes reconhecendo as embarcaçoens por nossas, e desprezando-as por pequenas, sahiraõ com dous navios a buscallas. Antonio de Sousa que era costumado a desprezar mayores perigos, passou ordem que o seguissem aos Capitaens das embarcaçoens que levava, e tocando clarins, e caixas poz a proa aos navios inimigos que o buscavaõ, os Capitaens menos animosos o naõ seguiraõ. Deu elle a primeira carga, e vendose desamparado, se fez na volta do mar, e ajudandose de vélas, e remos aportou em Jafanapataõ quarenta leguas de Columbo; das mais embarcaçoens da sua conserva deraõ duas à costa, duas

Sitiaõ os Holandezes Calaturé, e se retirão.

Quer pelejar Antonio de Sousa, e pela fraqueza dos Capitães se malogra o intento.

duas entraraõ em Columbo, e huma foy a Jafanapataõ com Antonio de Sousa. A desgraça deste soccorro augmentou o animo aos Holandezes, e desfalaceo as esperanças dos nossos soldados, lamentando todos o infelice estado a que se haviaõ reduzido os Portuguezes defensores da India, procedidos dos valerosos conquistadores que haviaõ sido terror da Africa, e assombro do mundo, e todos com infallivel discurso assentavaõ, que naõ se havia diminuido nos Portuguezes o valor herdado de tantos seculos, que era impossivel extinguirse, e vereficado em muito continuas emprezas, em que o esforço pessoal de cada soldado era hum vivo exemplar às Naçoens mais remotas: porèm que a causa da adversidade que se experimentava em varias occasioens, era procedida da relaxaçaõ dos costumes, que havia totalmente estragado a obediencia, voto, que succedendo quebrarse na estreita religiaõ dos soldados, naõ ha apostasia a que naõ fiquem expostos. Antonio de Sousa vendo dilatarse poder chegar a Columbo, por ser passada a monçaõ de navegar para aquelle porto, fez aviso por terra ao General Francisco de Mello, pedindolhe quizesse mandar ao porto de Putelaõ quinze leguas de Columbo ao Capitaõ mór Antonio Mendes Aranha com algumas Companhias que o comboyassem. Francisco de Mello fez logo aviso a Antonio Mendes que estava em Calaturê: aceitou elle com grande gosto a empreza, ainda que era difficultosa, por lhe ser precizo passar muitos rios, e romper a aspareza de muitas serras á vista da Fortaleza de Nigumbo, e por muitos lugares delRey de Candia. Escolheo setenta soldados, chegou a Columbo, e seguindo-o voluntarios muitos dos Portuguezes casados naquella Cidade, partio della nos primeiros de Julho. Em oito dias chegou a Putelaõ, aonde assistia só hum Portuguez, e hum Padre da Companhia de JESUS, fez aviso a Antonio de Sousa da sua chegada. Havia elle prevenido com grande trabalho vinte e tres navios de remo, que fez carregar com mantimentos, e roupas, e prompto este soccorro partio para Putelaõ, aonde chegou a cinco de Agosto acompanhado de Antonio de Amaral General de Jafanapataõ, de duzentos

Anno 1655.

tos Portuguezes, mil negros a que chamavaõ de guerra, e trinta mil Xerafins, e outras prevençoens de que precizamente necessitava Columbo. Dous dias se deteve em Putelaõ, e despedido Antonio de Amaral com a gente da sua Fortaleza, partio Antonio de Sousa para Columbo: chegou àquella Cidade dezanove dias depois da sua partida. Foy recebido nella com grande magnificencia, e applauso, por ser o primeiro General que havia conseguido entrar no seu governo rompendo aquelle sertaõ, e vencendo taõ grandes trabalhos, e difficuldades. Cedeolhe Francisco de Mello voluntariamente o governo, porque se achava muito opprimido dos cuidados da contingencia daquella guerra.

Anno 1655.

Chega Antonio de Sousa com algum soccorro a Columbo.

O primeiro successo do governo de Antonio de Sousa foy receber aviso de huns Capitães da gente preta de Nigumbo, a que chamavaõ Araches, de que estavaõ conjurados com outros Officiaes, e Soldados para haverem de passar a Columbo. Resolvendose Antonio de Sousa a mandar buscalos, encomendou esta empreza a Antonio Mendes Aranha, advertindo-o da vigilancia, e cautela com que devia proceder, por naõ haver cauçaõ que segurasse o aviso dos Araches. Partio Antonio Mendes, e amanheceo emboscado junto da Fortaleza de Nigumbo. Teve aviso por huma sentinella que os Araches sahiaõ: descobriose da emboscada para os receber a tempo que havendo sido sentidos, sahiaõ os Holandezes a buscalos. O temor lhe fez apressar a marcha de sorte, que antes de padecerem prejuizo algum, se encorporáraõ com Antonio Mendes. Recebeo elle o impeto dos Holandezes, e ajudado valerosamente dos que fugíraõ, pelejou largo espaço, e obrigando aos Holandezes a se retirarem com algum damno, se recolheo a Columbo com os que fugíraõ, que por todos eraõ cincoenta. Foraõ muito bem recebidos de Antonio de Sousa por serem valerosos, e praticos nas disposiçoens dos Holandezes. Como as prevençoens pediaõ toda a brevidade partio logo Antonio de Sousa a visitar a Fortaleza de Calatutê acompanhado de Antonio Mendes, e achando haver na Fortaleza grande falta de fortificaçoens, e mantimentos, lhe applicou o reme-

remedio possivel. Voltou para Columbo, e dentro de poucos dias chegáraõ á ordem de Nicoláo de Moura de Jafanapataõ os vinte e tres navios a taõ bom tempo, que na mesma tarde occupáraõ os Holandezes a barra com doze navios de guerra, com que tinha saido de Betavia Gerardo Huld (que havia succedido a Joaõ Mansucar) defronte da Fortaleza de Titueséry, tomáraõ em hum barco hum Portuguez, que lhes deu noticia de todos os successos de Columbo. Deraõ fundo no porto da sua Fortaleza de Nigumbo dez navios, porque os dous ficáraõ guardando a costa, e delles desembarcaraõ onze Companhias, dez de soldados, e huma de marinheiros. O General ajudado da guarniçaõ de Nigumbo, e da gente preta de que se serviaõ, que era em grande quantidade; e ordenando que marchassem de vanguarda duas Companhias com a gente preta a ganhar o passo de Betal, por ser muito importante para o seu intento, partio a darlhes calor com o resto da Infantaria. Foy tanta a quantidade de agua q̃ choveo, que naõ lhe sendo possivel executar este intento, se tornou a retirar para Nigumbo, e dentro de poucos dias tornou a embarcar toda a gente, a q̃ se unîraõ dous navios mais que vieraõ de Gále. Neste tempo haviaõ chegado a Columbo tres galiotas, q̃ Simaõ Gomes da Silva Capitaõ de Coalim mandou de soccorro, carregadas de mantimentos. Promptamente ordenou Antonio de Sousa que se introduzissem em Calaturé os que eraõ necessarios para bastecer aquella Fortaleza; porem as grandes chuvas haviaõ de sorte multiplicado as aguas dos rios, que naõ foy possivel entrarem em Calaturé todos os bastimentos que eraõ necessarios, de que depois injustamente fizeraõ culpa a Antonio de Sousa, como se elle estivera obrigado a vencer a opposiçaõ do tempo. Chegou neste tempo a Columbo hum grande soccorro de Tutucori, que constava de vinte e tres embarcaçoens cacregadas de muniçoens, e mantimentos: naõ faltou dellas mais que huma galiota de Cochim que arribou a Manar, livre dos Holandezes, porque a crecida corrente das aguas os naõ deixava sahir de Nigumbo, e pela mesma causa salvaraõ os Calias hum pataxo que se desgarrou, trazendo-o á toa para Columbo,

Anno 1655.

Occupaõ os Holandezes com huma Armada a barra de Columbo.

Entra novo soccorro em Columbo

Anno 1655.

bo, diligencia que Antonio de Sousa lhe mandou pagar com duzentos Xerafins. Recolhido este soccorro appareceo á vista de Columbo a Armada Holandeza, e deixando sobre aquella barra seis navios passàraõ os mais a Calaturé; e considerando Antonio de Sousa quanto lhe era necessario procurar todos os meyos de se defender do grande poder que o ameaçava, mandou retirar para Columbo das fronteiras de Candia, aonde assistia ao Capitaõ mòr do campo Gaspar Figueira de Serpa com toda a gente que estava á sua ordem, por lhe naõ ser possivel rebater, dividido, dous inimigos taõ poderosos, como os Holandezes; e ElRey de Candia. A vinte e tres de Setembro chegáraõ os Holandezes a Calaturê. Sahio a Infantaria em terra em a Serrinha de Macune: Unio-se ao General o Governador de Gàle com toda a guarniçaõ daquella Fortaleza. Com grande diligencia levantàraõ trincheiras, e fizeraõ batarias, ainda que com pouco numero de peças, porque eraõ só tres, e hum morteiro. Chegou este aviso a Antonio de Sousa Coutinho, e com grande diligencia mandou soccorrer a Fortaleza pela gente da Armada, e tre Companhias que pertenciaõ ao mesmo presidio. Sahio esta gente de Columbo, anoiteceolhes no Morro aonde fizeraõ alto, e intentando Manoel Gil embarcar no porto de Panituré com doze soldados em huma pequena embarcaçaõ, a que chamaõ cataponel, antes de chegarem à outra parte do rio, receberaõ algumas cargas dos Holandezes, que estavaõ oppostos a este intento, e ficando alguns mortos, e outros feridos, os que escapáraõ puzeraõ taõ grande terror nos soldados que ficavaõ no porto, que todos sem aguardar outra resoluçaõ fugiraõ para Columbo. Esta desordem foy a primeira causa das desgraças de Ceilaõ. Havia chegado a Columbo Gaspar Figueira de Serpa tratouse com todo o calor do soccorro de Calaturé, ainda que com pouca esperança de se conseguir por terem os Holandezes fortificado o passo do rio de Panituré, que era o caminho mais facil para se conseguir o soccorro daquella Fortaleza. Ajudou a esta resoluçaõ a entrada no porto de Columbo de quatro galeotas que vinhaõ de Goa, de que os navios Holandezes naõ deraõ vista pelos encobrir

brir huma nevoa. Traziaõ muniçoens, mantimentos, e duzentos homens que haviaõ chegado do Reino: porém como a mayor parte delles eraõ degradados por graves delictos, huma das principaes causas da destruiçaõ do Estado da India, vieraõ a ser mais uteis á conquista dos Holandezes que á nossa defensa. Com este soccorro perfez Gaspar Figueira seiscentos Infantes, e alguns Chingalás, e marchou a dezaseis de Outubro a soccorrer Calaturé. Neste tempo haviaõ os Holandezes suspendido as batarias que jugavaõ contra a Fortaleza por terem infallivel noticia, que na Fortaleza se padecia tanta falta de mantimentos, que era impossivel deixar de se render, senaõ fosse soccorrida. Com este aviso applicáraõ todo o cuidado, e diligencia em fortificar os passos, por onde podia introduzir-se gente na Praça. Aguardou Antonio Mendes o soccorro que se lhe havia promettido até chegar à ultima miseria, naõ perdoando para o sustento dos soldados aos animaes mais immundos. Depois de chegar á ultima extremidade, e naõ se rendendo o seu invencivel valor com a debilidade das forças corporaes, propoz aos Officiaes, e Soldados, que seria mais util fazer huma sortida em que rompendo pelos Holandezes se pudessem salvar nos matos visinhos. A difficuldade da empreza, e o pouco vigor a que o muito trabalho, e falta de mantimento haviaõ reduzido aos sitiados os impossibilitou a consentir na proposiçaõ de Antonio Mendes, e todos com os coraçoens taõ feridos como os peitos concordáraõ em que se entregasse a Fortaleza aos Holandezes. Fizeraõ sinal com os tambores da sua resoluçaõ: alegres admittiraõ os Holandezes a proposta sahio a tratar das capitulaçoens o Capitaõ Marcello Fialho Ferreira, e vencidas algumas duvidas que de huma, e outra parte se propuzeraõ, se ajustou. Que sahissem os sitiados com armas, e bandeiras; que os cazados passassem a Columbo, os soldados a Portugal, os Officiaes a qualquer dos nossos portos da Costa da India que os Holandezes elegessem: que as reliquias, e imagens passariaõ com toda a veneraçaõ, e a roupa que os soldados levassem seria reservada de todo o prejuizo. Na Fortaleza ficaraõ cinco peças de artilharia, quan-

Anno 1655.

Capitulaçoens com q̃ se entrega a Fortaleza de Calaturè.

Anno 1655.

quantidade de muniçoens, e alguns Cafres cativos: sahiraõ della os sitiados a quinze de Outubro, foraõ remettidos a Gale, naõ sem suspeita de haverem tido risco de serem degolados, de que se affirmava os livràra o Capitaõ Joaõ Flas antigo naquella guerra, e que havia tido grande communicaçaõ com os Portuguezes.

Gaspar Figueira de Serpa que havia ficado alojado no Morro com intento de soccorrer Calaturé, naõ sabendo que se havia rendido mandou ao Capitaõ Domingos Sarmento com seis Companhias a impedir que os Holandezes passassem o rio para a parte de Columbo, como lhe affirmou que intentavaõ hum Chingalà que trazia entre elles: marchàraõ còm diligencia, e achando mayor poder do que consideravaõ, foraõ rebatidos. Chegou esta noticia a Gaspar Figueira, marchou a soccorrelos, e havendo caminhado pouco espaço, deu vista ao amanhecer dos Holandezes que marchavaõ a buscalo com tres batalhoens que constavaõ de 1600 Holandezes, 400 Bandenezes, e grande numero de Chingalàs. Eraõ sò quinhentos Portuguezes os que seguiaõ em hum batalhaõ a Gaspar Figueira: porém elle que era summamente valeroso, e costumado a vencer, naõ reparando na desigualdade do numero, marchou a pelejar com animosa confiança de alcançar a victoria. Chegando a querer attacar os esquadroens contrarios, do centro delles (abrindose a vanguarda) se dispararaõ tres peças de artilharia, carregadas de balas miudas, empregadas com tanto effeito, que a mayor parte dos Soldados, e Officiaes da vanguarda de Gaspar Figueira cȧiraõ mortos, e feridos. Naõ desmayou elle com esta infelicidade, tornou a unir o esquadraõ: porèm o tempo que gastou em formar os soldados tiveraõ os Holandezes para carregarem segunda vez as peças de artilharia. Dispararaõ-nas com igual effeito, e foy de qualidade o estrago que a nossa gente recebeo, que sem valer a Gaspar Figueira a grande diligencia que fez pelos tornar a unir, a mayor parte dos que escaparaõ voltáraõ as costas, e os que acertàraõ a estrada de Columbo pararaõ nas portas de Mapané, que ficavaõ para aquella parte;

Desbarataõ os Holandezes Gaspar Figueira.

te. Os que haviaõ de proximo chegado do Reino fugîraõ pelos matos visinhos, e Gaspar Figueira ajudado dos Capitães Sebastiaõ Pereira, e Joseph Antunes, que só escapáraõ de onze que levava, ainda que com algumas feridas taõ leves, que lhe deraõ lugar a poderem marchar, e dos Capitaens reformados Manoel Fernandes de Miranda, e Manoel de Santiago Garcia, retirou os feridos que lhe foy possivel, pelejando valerosamente na retaguarda até as portas de Mapane. Os Holandezes voltàraõ sobre os que se recolheraõ ao mato, e naõ perdoando a extorçaõ ou crueldade, passaraõ à espada os vivos, e acabaraõ de matar os moribundos, sendo Joaõ Flas author sanguinolento desta tragedia, por ser mortal inimigo da Naçaõ Portugueza, e nacer a piedade usada com os rendidos de Calaturê de industria, para chegar mais facilmente ao fim pertendido da nossa destruiçaõ. Foraõ os que experimentáraõ mayor damno os que novamente haviaõ chegado do Reino, padecendo ordinariamente na guerra os menos animosos os mayores estragos: porque desemparando as fileiras, e desunindose dos corpos formados, como partes corruptas, e desanimadas delles, padecem sem resistencia a ultima extremidade. Ficou Joaõ Flas ferido em huma fonte, e perdéraõ os Holandezes quantidade de gente. Entre os mortos desta occasiaõ foy a mais sentida a de Francisco Antunes, por ser muito pratico em todo o sertaõ daquella Ilha, e por haver logrado em varias occasioens acçoens maravilhosas. Ao primeiro rebate que se deu em Colnmbo acodio Antonio de Sousa Coutinho, e Francisco de Mello á potta de Mapane, e reconhecida a perda, e o estrago da gente de Gaspar Figueira, foy de sorte o terror de todos os da Cidade que a julgáraõ entregue aos Holandezes, e acodîraõ a reparar o damno que a ameaçava naõ sò os soldados, mas tambem os Religiosos, decrepitos, e enfermos. Retiraraõse os Holandezes, socegaraõse os da Cidade, e do dia em que se perdeo Gaspar Figueira, que foy a dezasete de Outubro, atè a quarta feira seguinte entràraõ nella soldados que na espessura do mato escaparaõ das mãos dos Holandezes. Antonio de Sousa, reconhecendo o aperto em que se achava, determinou

Anno 1655.

minou avisar ao Conde de Sarzedas novo Viso-Rey da India, fiando justamente do seu zelo, e actividade, naõ dilataria o soccorro áquella Praça, sem controversia a mais importante do Estado da India. Offereceoselhe para esta commissaõ o Padre Damiaõ Vieira da Companhia de JESUS, sciente na profissaõ da Theologia, pratico em varias linguas, e taõ valeroso como veremos em varias occasioens em que se achou neste sitio. Naõ lhe acceitou Antonio de Sousa o offerecimento, e elegeo a Francisco Saraiva natural, e casado em Manar, que com mais promessas que execuçaõ acceitou fazer a jornada; porque chegando a Manar, persuadido do descanço de sua casa, naõ passou a diante, e mandou as cartas a Jafanapataõ, advertindo que com toda a diligencia se remetessem a Goa ao Conde Viso-Rey. Crescia o aperto de Columbo, assim pela falta de mantimentos, como de remedios para os feridos, e enfermos, e sendo muitos os que havia nos hospitaes padeciaõ lastimosas incommodidades que á mayor parte delles tiráraõ as vidas. Os Holandezes seguindo a fortuna da victoria chegáraõ á vista da Cidade, e com tanta resoluçaõ avançaraõ alguns postos exteriores della, que estiveraõ em risco de serem prisioneiros Antonio de Sousa, e Francisco de Mello que se achavaõ no sitio de S. Sebastiaõ, que determinavaõ fortificar, por ser aquella parte a que o inimgo por mayor commodidade havia de buscar, como succedeo, para dar principio ao sitio da Cidade. Retiraraõse a ella os dous Generaes com demasiada pressa, por ser aquelle posto capaz de se defender com pouca gente. Ganhado elle se fizeraõ os Holandezes senhores de toda a circunvalaçaõ da Praça, que ficava fóra dos golpes da artilharia. Antonio de Sousa passou com brevidade mostra a toda a gente que havia na Cidade, reencheo como lhe foy possivel as Companhias que foraõ desbaratadas com Gaspar Figueira de Serpa, e elegeo novos Officiaes para todas as que os haviaõ perdido. Mandou occupar dous postos exteriores eminentes á Cidade pelos Capitães Manoel Caldeira, e Alvaro Rodrigues Borralho: guarneceo Manoel Caldeira a horta do Mota, e Alvaro Rodrigues a Hermida de S. Thomé, assistido

Anno 1655.

Sitio de Columbo.

sistido do Padre Damiaõ Vieira que trazia comsigo tres soldados com varias armas de fogo, e quantidade de muniçoens, e com animo intrepido era valeroso defensor dos postos em que se achava. Quatro dias se defenderaõ estes postos, e naõ sendo possivel sustentalos mais tempo, recolheo o General a Infantaria para a Cidade. Era grande a diligencia com que nella se trabalhava, sendo os Religiosos os primeiros que concorriaõ a esta virtuosa defensa: augmentaraõse nos baluartes os terraplenos: engrossaraõse os parapeitos, e todas as mais disposiçoens correspondiaõ á grandeza da acçaõ a que se dispunhaõ. Gaspar Figueira de Serpa acodia com grande diligencia a todas estas operacçens. Nove dias gastáraõ os Holandezes em levantar plataformas, e preparar as batarias que haviaõ de jugar contra a Praça. Os que assistiaõ nella pouco praticos nestas disposiçoens, estavaõ persuadidos a que os Holandezes naõ traziaõ artilharia grossa para bater os baluartes, e que sem ella seria facil a defensa da Cidade. Porém na manhaã de vinte e oito de Outubro se desenganaraõ desta imprudente esperança, começando a jugar doze peças de tres batarias, fabricadas nos sitios Nossa Senhora de Guadalupe, S. Thomè, e S. Sebastiaõ, sendo o calibre das menores balas de dezoito libras, as outras de vinte e quatro, e trinta e dous. Ficavaõ estas batarias duzentos passos distantes da Praça: e ao dia seguinte levantáraõ outra em huma eminencia, menos de cem passos do baluarte de S. Joaõ. Foy grande o estrago que as balas da artilharia fizeraõ, naõ só nos edificios da Cidade, senaõ tambem nos baluartes, sendo necessario em breves dias reformar todos os parapeitos a que ellas chegavaõ. Antonio de Sousa Coutinho assistido de Francisco de Mello, de Manoel Marques Capitaõ mor da Praça, e de Gaspar Figueira de Serpa, em continuo movimento, sem se render a setenta annos de idade em que se achava, assistia em todos os postos mais arriscados, e em todas as partes em que mais se necessitava da sua pessoa. Naõ era menor damno, que o dos Holandezes, o que fazia a ambiçaõ de muitos naturaes, que costumados a viver de onzenas, e latrocinios, nem o perigo eminente que os ameaçava,

Anno 1655.

Disposiçoens da defensa.

Batarias dos Holandezes.

çava, os fazia abster da currupçaõ destes vicios taõ nocivos, e abominaveis aos soldados, que os contavaõ por mayores inimigos que os Holandezes: porque passaraõ a tanto excesso, que introduziraõ na Praça moeda de ouro falsa, e a de prata que valia huma tanga a faziaõ correr por quatro. Além destas incommodidades foy causa outro accidente de se considerar mais duvidosa a conservaçaõ da Praça: porque ao segundo dia das batarias, fugio para o inimigo hum Holandez chamado Joaõ da Rosa, criado de Santa Mané engenheiro da mesma naçaõ, que havia assistido ás fortificaçoens daquella Praça, com todas as plantas della. As noticias que levou deraõ luz aos Holandezes a que encaminhassem as batarias aos baluartes S. Joaõ, e Santo Estevaõ, de que eraõ Capitães Manoel Correa, e Lourenço Ferreira de Brito. Refaziaõ elles com grande brevidade o prejuizo que recebiaõ nos baluartes, fazendo novos parapeitos de faxina, barro, e palmeiras; e a mesma diligencia se fazia em toda a circumvalaçaõ da Praça. O baluarte que primeiro padeceo mayor ruina foy S. Francisco Xavier, de que era Capitaõ Manoel Caldeira de Brito: assistio ao reparo por ordem do General, Manoel Rodrigues Franco, que o reformou com tanto cuidado, que ficou mais defensavel do que antes estava. Com a ruina desta primeira brecha fizeraõ os Holandezes a primeira chamada: mandou Antonio de Sousa saber o que pertendiaõ, e recebeo huma carta do General Gerardo Huld, que continha arrogantes razoens, para que logo se lhe entregasse aquella Praça, e ameaços se se differisse a entrega della. Respondeolhe Antonio de Sousa pelos mesmos termos, e irritados os sitiados, expugnadores jugaraõ com mayor furia as batarias de huma, e outra parte, recebendo da nossa os Holandezes consideravel damno. Ao romper da manhaã de doze de Novembro entraraõ pelo porto tres navios dos mais poderosos da Armada Holandeza, e navegando para a bahia com vozes, caixas, e tiros, emprenderaõ ganhar o Forte de Santa Cruz. Esta naõ imaginada resoluçaõ deixou confusos os sitiados: animou a todos com grande valor o Padre Damiaõ Vieira; e foy o primeiro que entrou no Forte. Com o seu

Anno 1655.

Intentaõ os Holãdezes ganhar com tres navios o Forte de Santa Cruz.

o ſeu exemplo acodîraõ á defenſa delle muitos Officiaes, e Soldados, e fazendo jugar algumas peças de artilharia contra a náo Civitas, que vinha diante, em breve eſpaço a deſaparelharaõ, as duas ficaraõ mais longe, mas tambem padeceraõ grande damno. Os da náo Civitas que eſcapáraõ das balas, ſe meteraõ em huma lancha que traziaõ para ſaltarem em terra, e foraõ deſembarcar defronte de S. Thomé. Vendo Joaõ Flas, que eſtava com ſetecentes Infantes apparelhado para ajudar quinhentos que hiaõ nos tres navios ſe conſeguiſſem ganhar Santa Cruz. O máo ſucceſſo deſta empreza, naõ deſmayou do intento a que ſe encaminhava, e aſſaltou furioſamente o foſſo, obrigando os ſoldados a que marchaſſem a ganhar a couraça. Ao primeiro impeto ſe retiraraõ para Mapane alguns dos noſſos ſoldados; porém Gaſpar Figueira de Serpa que aſſiſtia na porta de S. Joaõ que ficava daquella parte, acodio valeroſamente a defendela, aſſiſtido do Padre Antonio Nunes da Companhia de JESUS, de Joaõ Cordeiro, e Manoel de Almeida que recebeo onze feridas neſta occaſiaõ. Suſtentou o poſto a que os Holandezes caminhavaõ, e a ſeu exemplo acodîraõ de outras partes outros ſoldados valeroſos, que obrigaraõ aos Holandezes a ſe retirarem, deixando todo aquelle diſtricto cuberto de mortos. Como a diverſaõ para o aſſalto de Santa Cruz eſtava diſpoſta por toda a circumferencia da Praça, inveſtio o General de Holanda pela porta da Rainha com oitocentos Infantes eſcolhidos que traziaõ eſcadas, e outros inſtrumentos de expugnaçaõ; eralhes neceſſario paſſarem huma ponte, e naõ ſendo larga receberáõ grande damno dos baluartes S. Sebaſtiaõ, e Santo Eſtevaõ. Aſſiſtia na porta da Rainha o Capitaõ Alvaro Rodrigues Borralho: guarneceo com diligencia huma banqueta, que de novo ſe havia fabricado, e acabando os Holandezes de paſſar o perigo da ponte ſe formáraõ diante da porta, e como eſtavaõ deſcubertos receberaõ conſideravel perda da artilharia, e moſquetaria, que dos baluartes, e cortinas contra elles ſe jugava. Tres vezes ſe retirou o General de Holanda, e outras tantas tornou a inveſtir, na ultima dando credito a huma noticia de que no baluarte de S. Joaõ eſtava

Anno 1655.

Retiraõſe os Holandezes com perda.

Tornaõ a inveſtir.

Anno 1655.

tava arvorado o Estendarte de Holanda, com valerosa resolução chegou atè ás portas da Cidade, aonde recebeo hũa bala em huma perna, e nos braços de alguns Officiaes, e poucos Soldados que o seguîrão se retirou para o seu quartel. Ao mesmo tempo dos tres assaltos referidos, investîrão por huma alagoa, que desembocava na Cidade, oito paraos com duzentos e quarenta soldados: sahio a recebelos Domingos Coelho de Ayala Capitaõ mór das manchuas com algumas que o seguirão, pelejou valerosamente; e vendo que os Holandezes saltavão em terra, fez a mesma diligencia, e occupou primeiro huma trincheira que defendeo com poucos soldados. Vendo os Holandezes aquella resistencia entrarão na Cidade por huma guarita que achárão desoccupada: porém reconhecido o perigo se acodio áquella parte, sendo os primeiros Manoel Rodrigues Franco, e o Padre Francisco Rebello Palhares, Vigairo da Vara, em quem derão com duas balas, e o Capitaõ Manoel Fernandes de Miranda, sem embargo de se achar na cama com tantas feridas, que depois de pelejar largo espaço cahio desmayado de muito sangue que lhe sahio dellas. Os Holandezes vendo aquelle sitio com pouca defensa marchárão pela rua: porém deteve esta resolução o Padre Damião Vieira que com a noticia deste successo chegou áquella parte com alguns soldados, e usando das varias armas de fogo que trazia fez grande damno aos Holandezes, principalmente com hum bacamarte a que por ser grande, e o ultimo com que atirava, chamava o seu respeito; porque como as balas que levava erão muitas, e a rua estreita, poucas houve que deixassem de se empregar, e tornando a carregalo segunda vez o disparou com o mesmo effeito, não sem prejuizo seu por lhe fazer tão grande bataria que cahio no chão muito mal ferido na mão direita. Tornou a levantarse, e acodiolhe Antonio de Mello de Castro com a sua Companhia, e outros muitos Officiaes, e Soldados: porque neste tempo se tinhão os Holandezes retirado de todos os postos por onde havião avançado; e os que estavão na Cidade desesperados do soccorro se rendérão sendo setenta só os que escaparão, quasi todos tão mal feridos, que poucos deixarão

Entrão os Holãdezes na Cidade.

São rebatidos de todas as partes com grande perda.

raõ de perder as vidas, alguns delles foraõ felicemente reduzidos ao gremio da Igreja pelo Padre Damiaõ Vieira. Perderaõ os Holandezes neste assalto mais de mil homens, dos sitiados entre mortos, e feridos faltáraõ só trinta. O terror que havia causado o impeto das primeiras horas do assalto, se voltou em alegria com o felice remate delle, naõ havendo faltado nos Holandezes todas as acçoens valerosas que podiaõ ser uteis à gloriosa empreza que intentaraõ. O dia seguinte, que se contavaõ tres de Novembro, se enterraraõ os mortos, e se tiràraõ trinta peças de artilharia, e quantidade de mantimentos do navio que os Holandezes perderaõ, e tudo servio de grande utilidade aos sitiados, e em todas estas operaçoens teve grande parte o Padre Damiaõ Vieira. Os Holandezes caminharaõ com hum aproche ao baluarte de S. Joaõ, e levantaraõ hum reducto menos de quarenta passos delle, em que plantaraõ seis peças de artilharia; e receandose o General de huma cortina, que corria da Couraça a S. Joaõ, fez com grande diligencia terraplenala. O mesmo se executou em outra, que se estendia por mais de 400 braças do baluarte de S. Joaõ ao de Santo Estevaõ, por haverem os Holandezes levantado outra platafòrma contra aquelle posto; e como era taõ importante a defensa delle, eraõ os primeiros que acodiaõ ao trabalho de o fortificar o General, e Francisco de Mello, e a seu exemplo os Officiaes, e Soldados, pessoas Ecclesiasticas, e Seculares. Adiantavaõ os Holandezes os aproches, e batarias com tanta brevidade, que em o sitio do Pé da Cruz estavaõ alojados sobre o fosso: porque como a falta de experiencia dos sitiados os naõ havia ensinado a fazer sortidas, nem contra aproches, naõ ficavaõ deficeis todas estas operaçoens, por consistir em saber pleitear os postos exteriores toda a defensa das Praças sitiadas. Neste tempo entregou o General algumas Companhias vagas a fidalgos, e pessoas particulares que se achavaõ no sitio: aceitaraõnas com condiçaõ de naõ estarem à ordem do Capitaõ mòr Gaspar Figueira de Serpa, como se o seu valor o naõ tivera habilitado a ser obedecido das pessoas de mayor esfera. Conseguiraõ esta pertençaõ, e Gaspar Figueira estimulado deste aggravo largou

Anno 1655.

Tiraõ os nossos a artilharia, e mantimẽtos do navio Holandez

Desconfiança dos fidalgos da India em prejuizo da sua cõservaçaõ.

Ii o pos-

Anno 1655.

o posto, e assentou praça na Companhia do Capitaõ Diogo de Sousa de Castro, dando exemplo a todos com o seu valor, e obediencia: foy eleito em seu lugar Antonio de Mello de Castro, menos experimentado, que Gaspar Figueira, mas muito valeroso. Como os Holandezes estavaõ taõ visinhos ao baluarte de S. Joaõ na suspeita de poderem minàlo, mandou o General fabricarlhe hum cavalleiro, e fazer huma contramina: mas todas estas obras eraõ imperfeitas, por naõ haver engenheiro que as dessenhasse. Os Holandezes, naõ querendo perdoar a molestia alguma contra os sitiados, puzeraõ em hum reducto, que estava defronte do baluarte de Santo Estevaõ, a Imagem do Apostolo S. Thomè, e com sacrilegas mãos apuráraõ na Santa Imagem todos os oprobrios, e depois de cortadas as mãos, narizes, e orelhas, cravado o corpo de pregos, e crivado de balas, o metéraõ em hum morteiro, e dandolhe fogo cahio no fosso ao pé do baluarte de Santo Estevaõ. Concorreraõ os Religiosos, Soldados, e Paizanos, a trocar em veneraçoens os desacatos dos hereges, e levaraõ (derramando muitas lagrimas) o Santo em procissaõ ao Collegio dos Padres da Companhia.

Sacrilegio dos Holandezes á Imagem d S. Thome, e veneraçaõ dos Catholicos.

O aperto dos sitiados crescia por instantes, dilatoulhes a defensa fugir para a Praça hum Portuguez, que andava entre os Holandezes, chamado Simaõ Lopes do Basto; porque sendo pratico, e intelligente deu verdadeira noticia ao General, de que os Holandezes caminhavaõ com huma mina do Pé da Cruz, e que intentavaõ passar o fosso por baixo da terra ao baluarte de S. Joaõ. Com esta noticia se começou huma contramina, para desembocar á dos Holandezes. Tomou por sua conta esta obra Domingos Coelho de Ayala, e deolhe por nome o Dique da resistencia: fortificou-a com grande cuidado, e na noite de onze de Janeiro romperaõ os Holandezes o fosso por duas partes, saindo as bocas das minas huma defronte do Dique, outra mais acima delle, e apparecèraõ em huma, e outra parte todos os instrumentos necessarios para resistir á nossa opposiçaõ. Oppuzeraõselhes gualhardamente os Capitães Domingos Coelho, e Manoel Guerreiros, e aggregandoselhe a gente que guarnecia:

Aviso importante de hum Portuguez aos sitiados.

cia os postos mais visinhos, investîraõ as bocas das minas, de que eraõ tantas as balas, granadas, e artificios de fogo que sahiaõ, que pudera fazer terror a espiritos, que naõ estiveraõ taõ desoccupados do receyo. Durou a perigosa contenda do quarto da prima até o quarto da alva, e multiplicandose os soccorros de huma, e outra parte, vieraõ por conclusaõ a ceder os Holandezes os postos, e largáraõ as minas com todas as armas, e instrumentos que trouxeraõ para as fortificarem, naõ lhe servindo naquella occasiaõ mais que de sepultura aos muitos corpos, que nella ficaraõ enterrados, naõ deixando de fazer guerra aos da Praça com a respiraçaõ nociva, que sahia das bocas das minas. Custou este encontro só a vida de dous soldados, e alguns feridos Os Holandezes vendo os máos successos que experimentavaõ nos assaltos: fundáraõ no assedio as esperanças da victoria, animando-os muito a gente, que todos os dias se passava da Praça ao seu Exercito, obrigada da ultima miseria a que tinhaõ chegado os sitiados. Porque experimentando quasi extinctos os mantimentos saudaveis, haviaõ passado a se alimentar dos nocivos, usando para seu sustento dos animaes mais immundos, de que lhes resultáraõ forçosas, e agudas enfermidades, sendo só o pouco espaço que havia do principio da doença ao fim da vida, o alivio que achavaõ as muitas, e grandes molestias que padeciaõ. E nem o lastimoso espectaculo de experimentarem vigorosamente as tres mayores perseguiçoens de peste, fome, e guerra abrandava os animos dos usurarios, e ambiciosos para deixarem de perseguir com avareza, e malicioso engano aos que naõ haviaõ chegado á ultima miseria. O General por naõ faltar a todos os termos da regularidade, e constancia, mandou lançar pela porta de Mapane trezentas pessoas inuteis, considerandolhes menor perigo entre os inimigos que na Cidade. Foy sentida esta gente das sentinellas dos Holandezes, e conhecendo elles a causa, obrigáraõ aos que saîraõ da Cidade a voltar para ella, dizendolhes que fossem acabar de gastar os poucos mantimentos que tinhaõ os sitiados. O General necessitado desta mesma causa tornou a lançalos fóra, e mais de duzentos escapá-

Anno 1655.

Ganhaõ os sitiados as minas.

Mudaõ os Holandezes a expugnaçaõ em assedio.

Lança o General fóra as bocas inuteis.

Anno 1655.

raõ das mãos dos Holandezes, que acháraõ na aspareza do mato o seu remedio, havendo padecido a ultima desgraça de terem igual perigo entre os amigos, e inimigos. Chegáraõ aos Holandezes novos soccorros, e com elles tornáraõ a continuar com mayor vigor os aproches, e batarias. Crescendo o aperto se augmentava nelle o perigo dos valerosos defensores, e receando que o effeito das minas lhes estreitasse o terreno, fizeraõ cavalleiros a alguns baluartes, e cortaduras em todos, fortificando-os com a industria, que lhes havia ensinado o perigo, e a experiencia de cinco mezes, porque ja neste tempo era entrado o mez de Março. Porèm como as esperanças do soccorro se hiaõ quasi extinguindo, pareciaõ ja inuteis todos os caminhos que se buscavaõ para livrar a Praça do ultimo perigo: mas nem este desengano era bastante, nem a falta de todos os mantimentos que os hia reduzindo á ultima debilidade, para deixarem de acodir a muitos lugares que arruinavaõ as continuas batarias dos Holandezes. Continuavaõ os soldados a se passarem ao Exercito, obrigados da necessidade que padeciaõ. O General atalhou este damno; porque constandolhe pela confissaõ de hum de cinco, que estavaõ concertados para fugir, enforcou os quatro, e premiou largamente ao que os descobrio. Na noite de dezasete de Março estiveraõ taõ vivas as batarias dos Holandezes, que entenderaõ todos os da Praça que era este infallivel final de darem segundo assalto, e foy taõ grande o contentamento de supporem que este seria o caminho de se livrarem de tantos trabalhos, que muitos enfermos se levantaraõ, dizendo, que queriaõ ter parte na victoria que esperavaõ alcançar. Porém os Holandezes como senaõ viaõ apertados de sortidas da Praça, que he hum dos remedios mais efficazes de que os sitiados devem usar contra os sitiadores, deixavaõ correr o tempo, entendendo que com o soffrimento haviaõ de acabar de apurar os poucos bastimentos que havia na Praça. O General mandou duas embarcaçoens a Goa a manifestar o aperto em que se achavaõ: porém ainda que chegaraõ, como era ja morto o Conde de Sarzedas naõ servio este aviso mais, que de multiplicar a pena, por se lhe naõ achar remedio.

Recebem os Holãdezes novos soccorros.

Es-

Anno 1655.

Fórma da Embaixada delRey de Candia.

Estando os sitiados no aperto referido teve aviso o General que com permissaõ dos Holandezes estavaõ à porta de Mapane dous Embaixadores delRey de Candia. Deu ordem que entrassem, e recebendo-as com as ceremonias de largo tempo inveteradas, que eraõ, trazerem os Embaixadores com as cartas na maõ debaixo de huma fórma de palio cuberto de panos brancos a que chamavaõ, Talapete com doze tochas diante. Aguardou-os o General na Igreja do Collegio da Companhia acompanhado de todas as pessoas principaes da Cidade: entregaraõlhe as cartas delRey, que substanciadas continhaõ. Que sem dilaçaõ alguma entregassem aquella Cidade nas suas imperiaes mãos, por serem as desgraças que padeciaõ castigo da ingratidaõ, com que haviaõ violado os beneficios que toda a naçaõ Portugueza tinha recebido da grandeza de seus Avôs, e da sua; porém que resoluto a usar da imperial clemencia, e benignidade, esquecido dos aggravos passados concedia aos Cidadãos que tinhaõ aldeas, ampla licença para que vivessem nellas, e aos que as naõ tivessem, lhes faria mercê de todas as que fossem necessarias para seu sustento. Vinha nesta carta assinado ElRey, e o General de Holanda, para justificarem que esta instancia era de consentimento de ambos. Lida a carta, sem o General responder aos Embaixadores, os mandou lançar fóra da Praça, e sobrando o valor aos que quasi careciaõ dos remedios humanos, clamàraõ todos os que ouviraõ ler a carta, que voassem os dous Embaixadores nas bocas de duas peças; e entenderaõ que o Ceo approvava a sua resoluçaõ, porque ao mesmo tempo foraõ muitos os trovoens, e relampagos, e cahio quantidade de agua, havendo muitos mezes que carecia della a terra. Crescia o aperto; e os mortos eraõ tantos, que faltando sepulturas para os enterrarem, os levavaõ ao campo, e abrindose, pela pouca gente que assistia a este ministerio, as covas pouco fundas, os corpos corrompidos faziaõ mais nocivos os ares, com que atè os mesmos que vivos foraõ defensores da Praça, mortos se conjuravaõ contra ella. E ainda com acabarem tantos a vida, como a Cidade era muito populosa, chegaraõ os sitiados a tanto extremo,

Resoluçaõ do General.

Anno 1655.

que naõ ficou na terra animal immundo, nem nas arvores, e ervas amago ou folha de que naõ usassem para seu sustento, prevalecendo o valor, e constancia contra o perigo dos assaltos, e aperto do assedio. Passou taõ adiante a falta de mantimentos, que os Cafres desesperados da fome furtavaõ os meninos de pouca idade, e despedaçados aquelles innocentes, e tenros corpos sustentavaõ com elles as tyrannas, e barbaras vidas. Ao mesmo tempo cahiaõ os travezes dos baluartes com a continuaçaõ das batarias. O de Santo Estevaõ padeceo o mayor damno: porèm os valerosos defensores, incontrastaveis aos combates da natureza, e da arte, acodiaõ às ruinas com cortaduras, às minas com contraminas, e aos assaltos com os peitos, e braços de que os Holandezes recebiaõ inexplicavel damno. Mas para que em nenhum lugar achassem alivio nem segurança, cahiaõ continuamente do ar bombas, e pedras lançadas dos morteiros dos inimigos, que a muitos dos defensores faziaõ em pedaços. Chegàraõ aos Holandezes mais treze navios que servio de nova desesperaçaõ aos sitiados, e com a gente destas embarcaçoens continuaraõ os aproches para o Forte de S. Joaõ, a que os sitiados procuravaõ resistir, fazendo huma contramina para desembocar outra, que por aquella parte o inimigo vinha fabricando. A este trabalho que era grande, e perigoso assistia o Capitaõ mór Antonio de Mello de Castro, o Sargento mór Antonio de Leaõ, e outros Officiaes, e Soldados; porèm como todas estas obras eraõ fabricadas sem engenheiro que lhes desse fórma, quasi todas sahiaõ infructuosas, e serviaõ só de accrescentar o trabalho aos sitiados, e tudo por instantes concorria á sua ultima destruiçaõ, chegando a fome a ser taõ desordenada, que constou, que as mäys com inaudita temeridade matavaõ, e comiaõ seus proprios filhos. Os Holandezes pelo contrario soccorridos todos os dias de differentes partes naõ tinhaõ mais perda que a dos mortos, e feridos que se suppria com a muita gente que lhes chegava. Entrou no numero dos mortos o seu General Gerardo Huld que acabou de huma bala que lhe deu pela cabeça, e ficou governando o Exercito em seu lugar o Governador de Gále, o qual entendendo

Constancia dos sitiados contra as mayores calamidades.

Recebem os Holandezes novo soccorro, e apertaõ a Praça.

Chegão as mäys a comer seus proprios filhos.

Morre de huma bala o General Holandez.

dando que poderia ter ſuperior que vieſſe da Batavia a roubarlhe a gloria daquella empreza, multiplicou de ſorte as batarias que a muitos baluartes abria brechas capazes de ſe aſſaltarem. Eraõ vinte de Abril, e creſcia tanto o numero dos mortos que ja paſſavaõ de ſete mil; mas naõ havia deſgraça, nem eſpectaculo que fizeſſe mudar o invencivel animo de Antonio de Souſa Coutinho da conſtancia com que determinava defender aquella Praça até a ultima extremidade, e quanto mais ſe apertava o termo da entrega da Praça, pelo effeito das batarias, e deſengano do ſoccorro, tanto mayor era a diligencia com que os poucos Officiaes, e Soldados, a que haviaõ perdoado as doenças, e fome, trabalhavaõ por acodir aos accidentes, e perigos que por inſtantes ſobrevinhaõ. Permanecia no Padre Damiaõ Vieira o fervor taõ igual como no principio do ſitio, e uſando continuamente das armas referidas, era occaſiaõ da ſepultura de quaſi incrivel numero de Holandezes. O primeiro de Mayo fizeraõ elles huma chamada, e averiguada a cauſa recebeo o General huma carta, em que o General do Exercito lhe pedia troco de priſioneiros. Acceitouſe a propoſta, e naõ havendo eſcapado mais que oito dos ſetenta Holandezes, que ficáraõ vivos dentro da Praça na occaſiaõ do aſſalto, ſe trocáraõ por outros tantos Portuguezes que o General nomeou, e era tal o aperto da Praça, que mais podia parecer eſta eleiçaõ caſtigo, que premio. Os Holandezes haviaõ fabricado huma nova plataforma para bater em pouca diſtancia o baluarte da Madre de Deos, de Santo Eſtevaõ, e S. Sebaſtiaõ. Dava grande cuidado aos ſitiados eſta viſinhança: reſolveraõſe valeroſamente a atalhalo o Padre Damiaõ Vieira, Simaõ Lopes do Baſto, Franciſco Valente de Campos, Antonio Madeira, Manoel Pereira Matoſo, Joaõ Pereira, Affonſo Correa, Manoel Ferreira Gomes, Manoel Nogueira, e Thomé Ferreira Leite. Aguardáraõ que o Sol ſubiſſe, para que alumiando a todas as partes com igual luz pudeſſe haver mais certas teſtimunhas da ſua reſoluçaõ. Armados, e unidos marcháraõ para a bataria: entráraõ dentro: degoláraõ os Holandezes que a defendiaõ, e uſando das defenſas que primei-

Anno 1655.

Ganhaõ poucos dos ſitiados a plataforma dos Holandezes.

Anno 1655.

ro encontràraõ, se oppuzéraõ ao soccorro que dos lugares mais visinhos acodia ao assalto da bataria: dispararaõ os bacamartes, e fizeraõ retirar aos Holandezes: desfizeraõ toda aquella maquina: puzeraõ fogo ás palmeiras com que estava tecida, e amparados da espessura do fumo se retiraraõ sem dãno algum. Depressa tomáraõ os Holandezes satisfaçaõ desta pequena perda; porque na manhaã de sete de Mayo investìraõ o baluarte de S. Joaõ, por haverem as batarias facilitado o caminho, e naõ achando nelle mais que o Capitaõ D. Diogo de Vasconcellos que o defendia, e dous soldados de pouca idade, matáraõ a D. Diogo, e a hum dos soldados chamado Constantino de Menezes. Ganhado o baluarte entráraõ os Holandezes no Forte que de novo se havia fabricado: voltáraõ a artilharia contra a Cidade, e determinando passar pelas ruas a ganhala, recebéraõ damno consideravel da artilharia, e dos baluartes visinhos. Tornáraõ a unirse, e querendo continuar o mesmo intento se lhe oppuzeraõ com tanto valor alguns Officiaes, e Soldados, que ficando a rua cuberta de mortos os obrigáraõ a se retirar para o Forte, signalandose entre todos os defensores o Capitaõ mòr Antonio de Mello de Castro, e o Capitaõ Manoel Marques; e vendo todos que os Holandezes se retiravaõ com receyo, de que dava mayores mostras a multidaõ de Chingalàs que os acompanhavaõ, investiraõ o Forte, lançáraõ delle os Holandezes, levaraõnos até o baluarte velho, e obrigàraõ a mayor parte delles a se precipitarem dos parapeitos. Porém sendo soccorridos sustentáraõ o baluarte, e durando a contenda até cerrar a noite foraõ tantas as acçoens valerosas que os sitiados executàraõ, que he difficil referilas pelo grande numero dellas, e pela difficuldade que pòde haver a se dar credito ao muito que excederaõ ao seu mesmo valor estes Heroes quasi moribundos. Perderaõ os Holandezes mais de 400 soldados da sua naçaõ, e grande numero de Bandenezes: da Praça naõ faltaraõ muitos, mas entre os mortos ficou o Almirante Manoel de Abreu Godinho, e mal ferido o Capitaõ da Cidade Manoel Marques. Elegeo em seu lugar o General a Gaspar de Araujo, o qual ajuntando a mayor quantidade de gente q̃ lhe foy possivel, a for-

Entrão os Holandezes o baluarte de S. João São rebatidos da Cidade com grã de valor.

a formou à porta de S. Domingos, por ser aquelle o lugar por onde os inimigos podiaõ entrar na Praça, e sustentou-o, até ella se entregar, debaixo das batarias do inimigo. O dia seguinte se fortificaraõ os Holandezes no baluarte de S. Joaõ que haviaõ ganhado, e os sitiados trabalharaõ em cortar as ruas, e em se entrincheirar nellas; e porque naõ faltasse horror que naõ fizesse lastimoso este triste espectaculo, constando ao General que duas mulheres haviaõ morto, e comido naquella noite dous filhos seus de tenra idade, as mandou justamente voar nas bocas de duas peças, para que nem cinzas ficassem na terra de exemplo taõ irracional. Deose aquella noite fogo a huma casa mata, por senaõ poder defender, antes que os Holandezes a ganhassem, e por todos os caminhos se procurava estender o praso à entrega da Praça com taõ varonil constancia, que vem a faltar termos para encarecela; porém prevalecendo o temor da ira divina, porque parecia desesperaçaõ forcejar contra impossiveis, chamou o General a conselho trinta e quatro Officiaes, e pessoas particulares. E ainda neste ultimo conflicto achou treze votos que disseraõ que a Praça senaõ entregasse, para que os Holandezes naõ achassem nella mais que as paredes por testimunha da sua desgraça: votáraõ vinte e hum que era impossivel defenderemse, e que se devia tratar das capitulaçoens. O General vencido deste ultimo parecer, porque assim o pedia o estado a que se via reduzido, escreveo huma carta ao Cabo do Exercito: entregou-a a Manoel Cabreira: fezse huma chamada: suspenderaõse as armas: recebeo a carta Joaõ Flas, que estava por Cabo da gente que assistia no baluarte de S. Joaõ; e depois de gastarem os Holandezes aquelle dia em conferencias, ao seguinte responderaõ, que podiaõ sair Commissarios a tratar das capitulaçoens. Elegeo o General, recebida a carta, a Diogo Leitaõ de Sousa, Jeronymo de Lucena, e Lourenço Ferreira de Brito: saîraõ logo da Praça. Conforme a ordem que levavaõ pedîraõ quinze dias de praso, e que naõ chegando nelles soccorro á Praça se entregaria. Naõ admittîraõ os Holandezes esta proposiçaõ, e respondèraõ, que ou se entregasse a Praça logo, ou se tornasse

Anno 1655.

Castigo exemplar.

Saem Commissarios a capitular a entrega da Praça.

ás

Anno 1655.

ás armas. Vendo o General que era neceſſario ceder ao tempo, com o parecer dos mais que haviaõ votado na entrega da Praça, tornou a mandar os Commiſſarios com a reſoluçaõ de que a entregava, concedendolhe os Holandezes ſairem os ſoldados com armas, os Religioſos, e paizanos livres, e as Imagens, Reliquias, e Ornamentos ſagrados intactos. Naõ duvidáraõ deſta pequena permiſſaõ, e entre lagrimas, e ſuſpiros das mulheres, e meninos que haviaõ eſcapado, ſahio o General a doze de Mayo com noventa e quatro Officiaes, e Soldados pagos, e cem homens caſados. Admirados os Holandezes de ver taõ pouco numero de defenſores applaudiraõ com grandes encarecimentos o valor dos Portuguezes, tendo quaſi por impoſſivel poderem ſair de taõ poucos ſoldados tantas acçoens heroicas. Entrou na Praça o Governador de Gále Joaõ Flas com toda a Infantaria, e depois de occupados os poſtos que a ſeguravaõ, largáraõ a maõ á inſolencia dos ſoldados, e marinheiros, e foraõ taõ exceſſivos os ſacrilegios, e taõ extraordinarias as extorçoens, que nem a certeza de que eraõ naõ ſó hereges os que entravaõ na Praça, mas hereges de huma naçaõ, em que a Nobreza he ſingularidade, foy baſtante para que ſe naõ admiraſſem os animos dos que vîraõ a extraordinaria inſolencia com que uſáraõ os Holandezes do ſagrado, e do profano daquella Praça. Por ſua deſgraça acháraõ ainda vivo a Simaõ Lopes do Baſto, que havendo fugido de Goa para Batavia por hum crime, paſſou do Exercito para a Praça, e em todo o diſcurſo do ſitio executou acções ſingulares. Antonio de Souſa Coutinho com pouca attençaõ deixou de incluir a ſua liberdade nas capitulaçoens: pediraõlho, e entregou-o. Enforcaraõno logo, e dous Holandezes de cinco que haviaõ fugido para a Praça, e o Chatur Arache que de Gàle com os mais da ſua naçaõ, como referimos, paſſou a Columbo. Feito eſte caſtigo deraõ ordem, para que todos ſe embarcaſſem em differentes dias, com o fim de roubarem tudo o que havia naquella Cidade, e chegou a tanto o exceſſo, que houve poucos Religioſos, Soldados, e Payzanos que naõ chegaſſem deſpidos aos lugares em que os lançaraõ, padecendo as mulheres eſta meſma calamidade.

Ajuſtaſe a capitulação, e ſae o General com tão poucos ſoldados q̃ admira os inimigos a ſua conſtancia.

Inſolēcias, e ſacrilegios dos Holandezes.

Eſte

Anno 1655.

Este foy o infelice successo de Columbo, em que padeceo o Estado da India a mayor extremidade, e infallivelmente se deve crer, que permittio Deos este castigo pelos vicios, e insolencias, de que naquella Ilha usaraõ por muitos annos os Portuguezes habitadores nella. Porem naõ foy poderosa esta desgraça a escurecer a fama dos gloriosos defensores de Columbo, digna por todos os titulos de memoria immortal: porque naõ houve experiencia custosa a que naõ resistissem aquelles valerosos peitos, atè o alento ultimo da vida. A fome, extinctos os mantimentos, lhes facilitou usarem saborosamente de quantos animaes immundos produz naquelle clima a natureza, e de comprarem a pezo de ouro as folhas, e amago das ervas, e plantas. A peste tirou a vida a grande parte delles, acabando huns de repente, outros de disformes, e exquisitas enfermidades. A guerra sustentaraõ poucos dias menos de oito mezes, naõ havendo acçaõ de valor que deixassem de executar; nem diligencia defensavel a que naõ acodissem. Viraõ batidos, e arruinados os baluartes, postas por terra as cortinas, chea a Praça de bombas, e minados os fossos. Em todas as partes das ruinas fizeraõ cortaduras, as bombas desprezavaõ, chamandolhe ruido sem effeito, as minas desembocáraõ por muitas vezes, pelejando debaixo da terra, e superando sempre o valor dos contrarios. Resistìraõ dous assaltos com tanto ardor que lançáraõ de dentro da Praça os Holandezes precipitados das muralhas, feridos das espadas, e despedaçados das balas, assistindo a todos os conflictos o General Antonio de Sousa Coutinho de setenta annos, Francisco de Mello de Castro, os mais Officiaes, e Soldados que havemos referido, e muitos que deixamos de particularizar por naõ fazer este successo sem limite, ficando-nos nesta desgraça o alivio de poder mostrar com verdade ao mundo, que he de tal qualidade o valor dos Portuguezes, que até das infelicidades saem gloriosos.

Juizo deste successo.

Havia chegado a Goa, como acima referimos, o Conde de Sarzedas, e dado no principio do seu governo generosas mostras do seu procedimento, e conhecendo que na conservaçaõ de Columbo consistia a subsistencia

Morte do Conde de Sarzedas.

mais

Anno 1655.

mais segura do Estado da India, tratou com todo o calor de procurar todos os meyos ao soccorro de Ceilaõ. Porém havendo dado principio a ajuntar dinheiro, gente, e navios, atalhou a morte esta, por todos os respeitos, util resoluçaõ, e acabou nelle por todos os titulos hum Varaõ excellente, de quem dignamente se esperava a melhora das infelicidades, e desconcertos do Estado da India. Abertas as vias com as solemnidades costumadas se achou, que succedia no Governo Manoel Mascarenhas Homem, que havia sido General de Ceilaõ, e expulsado daquelle governo pelas causas acima referidas. Obrigado dos clamores communs, preparou alguns navios de remo, e com pouca gente, e mantimentos os entregou ao Capitaõ mór Francisco de Seixas. Depois de navegar alguns dias, obrigado do receyo de hum navio Holandez, se recolheo ao porto de Titucorim, e sem outro effeito se retirou a Goa. Naõ tornou Manoel Mascarenhas a intentar introduzir outro soccorro em Ceilaõ, e padeceo por este respeito a suspeita commua, de que esta omissaõ fora vingança da affronta recebida em Columbo. Porèm esta murmuraçaõ naõ he digna de credito; porque se naõ póde presumir de hum animo catholico, que por huma paixaõ particular se arrojasse a incorrer na perda de tantas vidas, e de tantas fazendas, e nas infelices consequencias que depois resultáraõ a toda a Coroa de Portugal da entrega de Ceilaõ aos Holandezes. As náos que este anno passaraõ de Lisboa á India, foraõ Sacramento da Trindade, Capitaõ mór Antonio de Sousa de Menezes, Bom JESUS da Vidigueira, Capitaõ Jeronymo Carvalho, o galeaõ S. Francisco, Capitaõ Balthazar de Paiva Brandaõ, e a naveta Santa Theresa, Capitaõ Manoel de Castro Favila. Em cinco de Mayo partio a caravéla N. Senhora da Boa Viagem, Mestre Capitaõ o Padre Manoel da Fonseca.

Succede no Governo Manoel Mascarenhas.

Intenta soccorrer Ceylaõ sem effeito.

Anno 1656

A perda de Ceilaõ foy nos primeiros mezes deste anno de 1656 (ultimo da primeira parte desta historia) funesto cometa que ameaçou a Portugal na morte delRey D. Joaõ a mayor desgraça. Por instantes cresciaõ a ElRey os achaques: porém naõ lhe impediaõ acodir igualmente a todas as obrigaçoens do hoverno do seu Reino.

O Ge-

O General da Artilharia Francisco de Mello continuava o governo das Armas da Provincia de Alentejo, e conhecendo que a inclinaçaõ delRey pendia para livrar a segurança da guerra que o ameaçava nas prevençoens do tempo em que a naõ padecia, cuidava sò Francisco de Mello em adiantar as fortificaçoens, (sciencia em que era muito pratico) em accrescentar o trem, e nas reclutas, e exercicios dos Terços, e Tropas. Mandou fazer algumas entradas em Castella mais uteis que gloriosas, em huma dellas derrotou Manoel Luiz, Alferes da Tropa de Diniz de Mello, a Companhia da Guarda do General da Cavallaria de Castella, que estava de quartel em Lobon; matou o Tenente dous Capitaens reformados, e alguns soldados, os mais trouxe prisioneiros. Vieraõ os Castelhanos tomar satisfaçaõ nas Tropas de Campo Mayor, e padeceraõ igual damno. Emboscaraõse junto àquella Praça algumas Tropas, e entrando huma partida a tomar lingua, a vieraõ correndo até junto a Campo Mayor. Sahio a soccorrela o Tenente Nicolào Dias com os primeiros cem Cavallos que montàraõ ao rebate: foy com tanta diligencia que derrotou cincoenta Cavallos que vinhaõ avançados, sem poderem ser soccorridos da reserva, ficou prisioneiro o Capitaõ de Cavallos D Joaõ de Freitas, hum Tenente, alguns reformados, e os mais dos soldados. Naõ se imaginava em Alentejo em outra fórma de guerra, nem os Castelhanos a appeteciaõ: porêm com a morte delRey, que succedeo nos ultimos dias deste anno, se alteràraõ todas as disposiçoens, e se mudàraõ todas as ideas, de que resultou a guerra sanguinolenta, de que espero com o favor divino dar noticia na segunda parte desta historia.

Anno 1656.

Francisco de Mello governa a Provincia de Alentejo.

Rota de huma Tropa de Castella.

D. Alvaro de Abranches governava do Porto a Provincia de Entre Douro, e Minho; e como os Galegos desejavaõ o socego que elle appetecia, naõ teve atè a morte delRey occasiaõ digna de se referir.

Joanne Mendes apertou com algumas entradas os moradores da Raya inimiga, e tornàraõ os Cabos daquella parte a tratar de concordia, apontando as mesmas razoens que antecedentemente haviaõ offerecido. A morte

te delRey atalhou todas estas praticas, e atè este tempo naõ houve em Traz os Montes occasiaõ digna de memoria.

Anno 1656.

Joaõ de Mello Feyo governou com igual socego o partido de Almeida, e da mesma sorte Nuno da Cunha o de Penamacor: porque supposto que das devaças que se tiráraõ de D. Rodrigo de Castro, e de D. Sancho Manoel naõ resultou culpa relevante; com tudo atè a morte delRey naõ voltáraõ ás suas Provincias a exercitar os seus postos Nuno da Cunha alguns mezes antes que ElRey morresse passou a Lisboa, e ficou governando o partido de Penamacor o Mestre de Campo Joaõ Fialho, e poucos dias depois de entrar no governo teve noticia, que os Castelhanos com algumas Tropas haviaõ feito huma grossa preza, e marchavaõ com ella por huma estrada que caminhava ao lugar de Valverde: sahio com as Tropas, e Infantaria da guarniçaõ de Penamacor, encontrou os Castelhanos junto a Valverde, houve pouca dilaçaõ entre investilos, e derrotalos; fez prisioneiro o Cabo das Tropas D. Martin de Cabrera, e a mayor parte dos Officiaes, e Soldados que o acompanhavaõ. Este foy o ultimo successo dos que contêm a primeira parte desta historia. O socego, que os Castelhanos, e os Portuguezes appetecéraõ nestes ultimos annos, foy causa de serem as occasioens de todas as Provincias taõ pouco consideraveis, que era penoso referilas na certeza de serem pouco agradaveis aos Leitores. Espero emendar este accidente do tempo na segunda parte desta historia; porque trocandose com a morte delRey totalmente as idêas dos Castelhanos, naõ acharáõ os Leitores paragrafo sem novidade, folha sem acçaõ, livro sem victoria.

Joaõ Fialho derrota hũa Tropa.

Assistia em Pariz o Embaixador Francisco de Sousa Coutinho, e com a sua grande prudencia sustentava sem mudança a amigavel correspondencia, que sempre esta Coroa experimentou na Coroa de França. Porém ElRey conhecendo que os achaques por instantes o debilitavaõ, e desejando naõ acabar a vida sem ver admittido Embaixador seu do Summo Pontifice, ordenou a Francisco de Sousa que passasse de Pariz a Roma, parecendolhe que

só

ſò a actividade, e zelo deſte Miniſtro era capaz de conſeguir taõ ardua empreza, eſcreveolhe, e recomendoulhe com grande efficacia eſta diligencia. Recebida a ordem partio Franciſco de Souſa de Pariz: chegou a Roma, e levando todas as aſſiſtencias de França, naõ pode conſeguir ſer admittido do Pontifice como Embaixador. Porêm compondo a ſua familia com a meſma authoridade, e luzimento, que tinhaõ naquella Curia os dos outros Principes, começou a diſpor com taõ apertadas propoſiçoens o ſeu requerimento, que entrou o Pontifice em mais profunda conſideraçaõ na juſtiça delRey, do que atê aquelle tempo: mas naõ permittio a vontade divina que ElRey conſeguiſſe em ſua vida eſta felicidade.

Anno 1656.

Chega Franciſco de Souſa a Roma, e naõ he admittido como Embaixador.

Em Holanda aſſiſtia Antonio Rapoſo com tanta fidelidade, que recebendo huma carta do Archiduque Leopoldo, em que o perſuadia quizeſſe fazerlhe aviſo dos negocios deſte Reino que corriaõ por ſua conta, offerecendolhe por eſte beneficio larguiſſima recompenſa, a remeteo a ElRey ſem reſponder ao Archiduque, fineza que ElRey lhe agradeceo com as demonſtraçoens que merecia. Os Holandezes com as repetidas noticias que recebiaõ dos bons ſucceſſos de Ceilaõ, ſe hiaõ eſquecendo da perda de Pernambuco, e naõ eraõ taõ mal admittidas as propoſiçoens de Antonio Rapoſo, como nos annos antecedentes.

Fidelidade de Antonio Rapoſo.

Em Inglaterra aſſiſtia Franciſco Ferreira Rebello, e como havia chegado a ratificaçaõ da paz à ſatisfaçaõ do Parlamento, naõ havia materia digna de memoria.

O Governo do Braſil continuava o Conde de Atouguia, e com tanto deſintereſſe procedia, e eraõ tantas as acçoens generoſas que executava, que com publicos applauſos ſatisfaziaõ todos os moradores daquelle Eſtado, os muitos beneficios de que ſe lhe confeſſavaõ devedores.

Nomeou ElRey no principio deſte anno Capitaõ General de Tangere a D. Fernando de Menezes Conde da Ericeira, achando na ſua capacidade, valor, e grande prudencia, todas as qualidades neceſſarias para aquelle empre-

Nomea ElRey Capitaõ General de Tangere D. Fernando de Menezes Conde da Ericeira.

Anno 1656.

emprego. Partio de Lisboa a dezasete de Fevereiro com a Condeça sua mulher, huma unica filha, e toda a sua familia, sendo o primeiro, que depois da Acclamaçaõ delRey se animou a arriscarse com tantas prendas, e embaraços na difficil passagem do Algarve a Tangere entre as duas costas inimigas de Mouros, e Castelhanos. Chegou a Faro, aonde foy magnificamente recebido do Conde de Val de Reis Governador do Algarve. Detevese alguns dias aguardando onze caravèlas que chegáraõ de Lisboa guarnecidas de Infantaria com roupas, mantimentos, e cavallos, soccorro de que muito necessitava a Praça de Tangere. Em huma dellas se embarcou, e com prospera viagem chegou a Tangere ao amanhecer de sete de Março, havendo desarmado na viagem hum barco Castelhano que encontrou. Logo que deu fundo chegou a visitalo da parte de D. Rodrigo de Alencastre D. Lourenço seu filho mais velho. Sahio o Conde em terra, aguardava-o na praya D. Rodrigo, que lhe entregou o governo com as ceremonias costumadas, e lhe presentou hum cavallo jaezado ricamente com hum traçado, e mais adereços militares, de que se usava naquella guerra. Enformou-o do estado della, e dos Cavalleiros de mayor valor, e satisfaçaõ, e o Conde visitou as muralhas, e armazens, reparando, e acodindo com grande disposiçaõ, e acerto a tudo o que julgou, que necessitava desta diligencia. Entregou o posto de Adail a Simaõ Lopes de Mendoça, em que ElRey novamente o havia occupado, por haver sido de seu pay Jorge de Mendoça. O dia seguinte sahio o Conde ao campo, e como havia sido creado nas formalidades da guerra de Italia, e adquirido noticias das campanhas, em que se achou em Alentejo, e o seu natural era inclinarse a que todas as acçoens fossem graves, regulares, e pontuaes, chegando ao Rebellim fallou aos Cavalleiros na substancia seguinte: „ Que Sua Magestade „ fora servido de o encarregar do governo daquella Cidade, e que quanto mayor fora a mercê que recebera da „ sua grandeza, tanto mayor era o empenho em que se „ achava de acodir particularmente ás obrigaçoens do seu „ officio, que Sua Magestade lhe encommendára com taõ „ par-

Chega a Tangere o Conde da Ericeyra.

Pratica do Conde aos Cavalleiros.

Anno 1656.

,, particular cuidado, que moſtrára bem o amor que tinha
,, a taõ leaes Vaſſallos. Que pelo que lhe tocava eſperava
,, que moſtraſſem as experiencias, que naõ havia de fal-
,, tar em lhes fazer juſtiça, e em os acompanhar nas oc-
,, caſioens militares. Que eſperava o aconſelhaſſem nellas
,, com zelo, e attençaõ: porque reconhecia ſer differen-
,, te a guerra de Africa em tudo da guerra de Europa;
,, porque as acçoens eraõ mais repentinas que regulares,
,, os inimigos encubertos eraõ praticos no poder da Praça,
,, e os Cavalleiros della nunca podiaõ ter noticia dos ini-
,, migos com que pelejavaõ, que ſe os rompiaõ, com a
,, ligeireza ſe ſalvavaõ, e ſe melhoravaõ com a multi-
,, daõ; e que ao contrario os Cavalleiros da Praça huma
,, vez cortados naõ lhe ficavaõ novas forças a que recor-
,, rer, mais que ao valor, e obediencia que eſperava achar
,, em todos, avaliando por taõ grave culpa ſerem remiſ-
,, ſos como demaſiados na reſoluçaõ. E que aſſim ordena-
,, va aos Atalayas deſcobriſſem, e aſſiſtiſſem nos ſeus poſ-
,, tos com vigilancia: aos Almocadens vigiaſſem, e deſ.
,, ſem conta de qualquer erro, e aos Meirinhos naõ dila-
,, taſſem os aviſos de qualquer novidade: aos Cavalleiros
,, ſenaõ deſmandaſſem, obedecendo promptamente ás or-
,, dens do Adail. Rematando, que haviaõ de achar nelle
,, taõ igual favor, e premio os benemeritos, como ſeve-
,, ridade, e caſtigo os culpados. Todos os Cavalleiros ſe
ſatisfizeraõ muito deſtas advertencias, e ſe animáraõ a
executalas com pontualidade. Tomouſe o campo, e os
mais dias ſeguintes ſem novidade alguma, conferindo
ſempre o Conde com D. Rodrigo de Alencaſtre tudo o que
julgava neceſſario para o bom governo da Praça, e paſſa-
dos alguns dias, que ſe gaſtaraõ em deſcarregar as cara-
velas, ſe embarcou D. Rodrigo em huma, e com as mais
chegou a ſalvamento a Lisboa. Aguardava o Conde que
Gaylan, que governava na Berberia todos aquelles Lu-
gares mais viſinhos, com a noticia da ſua chegada (como
era coſtume) fizeſſe oſtentaçaõ do ſeu poder, e deſejava
alentar com o primeiro ſucceſſo felice os Cavalleiros da
Praça, e deſanimar os inimigos: a melhor prevençaõ era
o cuidado dos atalhadores a que trazia muito puntuaes

Chega D. Rodrigo a Lisboa.

Kk com

com as esperanças de grande premio. A vinte e tres de Março lhe fizeraõ aviso que estavaõ os Mouros no Campo: montou o Conde com todos os Cavalleiros: sahio ao Campo, e tomando o sitio do Palmar mandou lançar abrolhos pelos caminhos, por onde entendia que os Mouros haviaõ de investir, e ordenou que nas trincheiras principaes da Silveirinha, e Chafariz, se plantassem algumas peças de artilharia ligeira, carregadas de bala miuda, que estivessem abatidas mangas de mosqueteiros com reserva de alguns Cavalleiros para os soccorrerem, e ao Adail ordenou que carregando-o os Mouros, recolhesse a Cavallaria á tranqueira da fome, para que livremente jugasse a artilharia, e Infantaria das muralhas, e a mais que estava repartida pelos postos referidos, e o Conde General ficou no Rebellim com cincoenta Cavalleiros para acodir aonde lhe parecesse que era mais necessaria a sua pessoa. Parece que aguardavaõ só os Mouros que se ajustassem estas prevençoens: porque logo que estiveraõ dispostas havendo começado a fazer erva alguns Cavalleiros que sairaõ com o Adail, correraõ os Mouros da parte da Atalainha com quinhentos Cavallos os mais delles escopeteiros, dandolhe calor Gaylan com dous mil, e alguma gente de pé. Deraõ rebate os Atalayas, montaraõ os Cavalleiros que andavaõ na campanha, e occuparaõ os postos que se lhe haviaõ sinalado. Os Mouros avançando sem attençaõ, e com grande furia, os que vinhaõ de vanguarda maltrataraõ muito os Cavallos nos abrolhos que se haviaõ semeado: desvearaõse delles os que os seguiaõ, chegaraõ á primeira tranqueira, que era a Nova, e achando nella de industria pouca resistencia passaraõ tanto adiante, que foraõ emprego de toda a mosquetaria, e artilharia, que estava para este fim prevenida, e foy taõ grande o damno que receberaõ, que com a mesma pressa com que avançaraõ, fugîraõ, seguindo-os as balas tudo a que pode chegar a pontaria, e elevaçaõ Foraõ os Cavalleiros occupando os postos que elles largavaõ, e depois de huma leve escaramuça se retiraraõ os Mouros com muitos feridos, deixando na campanha quantidade de mortos. Recolheose o Conde, e os Cavalleiros alegres de taõ bom princi-

Anno 1656.

Disposiçaõ do Conde contra os Mouros.

Recontro com os Mouros que se retiraõ com perda.

principio, e passados quatro dias tornou Gaylan a apparecer naquelle campo, e mandou recado ao Conde pedindolhe quizesse ajustar os Cortes, que era o estylo que se costumava observar com todos os Generaes que vinhaõ de novo. Admittio o Conde a proposta, mandou guarnecer as muralhas, e segurar os postos, e desceo à porta do campo acompanhado de todos os Cavalleiros, e aguardou em huma casa mata, que mandou adecerar, o Secretario de Gaylan chamado Adul Caderseron, e alguns Almocadens que o acompanhavaõ, para assistirem ao ajustamento dos Cortes, havendo passado no mesmo tempo em refens, para o posto onde estava Gaylan, o Contador Duarte da Franca com igual numero de Cavalleiros. Estava o Conde armado assentado em huma cadeira, havia assentos prevenidos para o Secretario, e Almocadens. Ajustaraõse os Cortes: firmou-os o Conde, foraõ a firmar a Gaylan com hum presente que o Conde lhe mandou. Logo que remetteo os capitulos firmados despedio o Conde os Almocadens, e Secretario, satisfeitos de varios presentes que lhes fez, e voltou o Contador, e Cavalleiros para a Praça. Este successo deixou Gaylan menos resoluto, e passaraõse muitos dias em que se recolheraõ para a Praça os interesses do Campo sem difficuldade.

Anno 1656.

Fórma dos Cortes que fez com os Mouros.

Entrou o mez de Mayo, appareceo defronte de Tangere a Armada do Parlamento de Inglaterra, que constava de quarenta navios, de que eraõ Cabos com igual poder o Marquez de Montagû, e Roberto Blac: entráraõ no porto, salváraõ a Cidade: foraõ respondidos com igual cortezia. Mandáraõ hum Official a terra com carta ao Conde, em que lhe pediaõ licença para fazerem aguada, e se voltarem para a Bahia de Cadiz, que era a sua derrota, por haver Cromuel Protector da nova Republica de Inglaterra declarado guerra aos Castelhanos. Recebeo o Conde a carta, concedeolhes a licença que pediaõ, e permittio que alguns Officiaes entrassem na Cidade: porem com tanta cautela, que naõ pudesse o descuido ser desculpa de qualquer accidente, que sobreviesse, sendo justo o receyo, tratando com huma Naçaõ, que havia sido infiel ao seu proprio Principe, com a acçaõ mais horrenda

Apparece em Tangere a Armada Ingleza.

 que

Anno 1656.

que admiráraõ todos os seculos. Ao dia seguinte mandou o Conde aos Generaes hum grande refresco, e constando a Gaylan o poder daquella Armada, receando-a mandou o seu Secretario offerecer ao Conde todo o soccorro que lhe parecesse necessario para se livrar do receyo que lhe deviaõ causar visinhos taõ poderosos. Agradeceolhe o Conde a offerta, avaliando a por mais perigosa que qualquer outro perigo. Os Inglezes começáraõ a sair á praya sem receyo dos Mouros, e Gaylan examinando este descuido os correo hum dia, e os obrigou a se embarcarem, deixando alguns mortos, e outros feridos. Fez-se a Armada á véla na volta de Cadiz, e resultou da assistencia que fez naquelle porto grande prejuizo aos Castelhanos: porque perdêraõ muitos navios de importancia. Desembaraçado o Conde do cuidado da Armada tornou a applicarse á guerra dos Mouros, e vendo que chegava o tempo de recolherem as suas sementeiras, que na confiança do grande poder de Gaylan haviaõ fabricado muito perto da Praça; e parecendolhe que em lhes tirar a ganancia os divertiria de taõ prejudicial resoluçaõ, determinou mandar pôr o fogo aos trigos maduros, e secos. E supposto que alguns Cavalleiros lhe difficultàraõ esta opiniaõ, havendo mandado examinar por atalhadores os sitios de Benamagrás, e deÇafra, ordenou a treze de Julho ao Adail, que com duzentos Cavallos se emboscasse em hum posto da Moita do Leaõ, e que ao amanhecer lançasse duas partidas, huma à ordem do Contador Duarte da Franca, outra de Hieronymo de Freitas. Entrou o Adail com taõ bom successo, que depois de matarem os Cavalleiros, e cativarem muitos Mouros, e de pôr fogo às sementeiras, de que resultou estenderse por toda aquella campanha hum notavel incendio, de que os Mouros receberaõ muito grande damno, se veyo retirando com a preza. Juntaraõse os Mouros, e antes de passar o Adail o rio pertenderaõ tirarlha: attacouse huma grossa escaramuça, e o Conde General tendo esta noticia se levantou da cama aonde estava doente havia dias, e mandou que em huma cadeira o levassem á porta do campo, e ordenou ao Alcayde mòr André Dias da Franca, que com alguns Cavalleiros, que ficaraõ

Offerece Gaylan soccorro contra os Inglezes.

Assaltaõ os Mouros os Inglezes.

Queima o Adail Simaõ Lopes a campanha, retirandose com a preza peleja cõ os Mouros.

caraõ na Praça, e cem mosqueteiros á ordem do Sargento mór Gaspar Leitaõ marchassem a soccorrer o Adail. Neste tempo se viraõ baixar cem Cavallos, que passando a ribeira de Magoga se vieraõ encorporar com os que pelejavaõ com o Adail. Avivouse em ambas as partes a contenda: porem chegando o Alcaide mór desta parte do rio, o Adail investio com os Mouros, e os fez retirar, deixando morto o Almocadem de Guadarês, e outros que o acompanharaõ, e passou o rio com os cativos, e parte da preza. A outra parte haviaõ desviado alguns Cavalleiros do caminho, e obrigados do medo sem haver Mouros que os embaraçassem a largaraõ; e tendo o Adail noticia desta desordem determinou voltar a conduzir a preza perdida: porèm advertido dos que o acompanhavaõ, do perigo a que se expunha, mudou de resoluçaõ, e se recolheo á Cidade custandolhe o successo a morte de Antonio Domingues Atalaya, e de hum Cavalleiro chamado Diogo Gomes, e outros seis feridos. A perda dos Mouros foy consideravel: porque os mortos, e feridos foraõ muitos, os cativos trinta, tres guiões, e alguma preza, o incendio do trigo chegou até a Ribeira do Porto largo, duas leguas distante da parte em que começou. Sentidos os Mouros deste mào successo entraraõ muitas vezes no campo de Tangere com pouco effeito. O Conde querendo multiplicarlhes as incommodidades, sabendo que na serra de Benamagrás havia quantidade de colmeas, de que os Mouros costumaõ tirar o seu mayor regalo, lhes mandou pôr o fogo: ardeo a mayor parte delles, e com a mesma diligencia teve igual effeito o fogo que o General mandou pôr á serra: assim para que ficando o sitio mais descuberto se usasse com menos cuidado das commodidades da campanha, como para ficar mais facil o Corte, e conducaõ da lenha de que sempre na Cidade havia grande falta. Gaylan estimulado destes máos successos veyo muitas vezes armar aos Cavalleiros, que saiaõ ao Campo: porèm era taõ singular o cuidado, e vigilancia do Conde General, que sempre eraõ os Mouros sentidos antes da execuçaõ do seu intento. Entrou o mez de Setembro, tempo em que costumaõ celebrar a Paschoa que chamaõ do Carneiro: porque

Anno 1656.

Anno 1656.

que Mafoma, formando de muitas Leys Santas huma ley injusta, tomou esta ceremonia da antiga ley dos Judeos, e era obrigada cada familia a matar hum carneiro. Com este motivo se recolheraõ todos do Campo, e Gaylan discursando que o Conde General se havia de valer desta occasiaõ para fazer alguma entrada, se emboscou com 900 Cavallos em o sitio de Barjacamar, que fica entre a Ribeira, e o Farrobo, com sentinellas em todos os postos mais superiores, para que com fogos lhe fizessem aviso da parte por onde entrassem os Cavalleiros. Porèm o Conde, naõ querendo mandar fazer entrada sem segurança, deo ordem a oito Almocadens, para que cada hum com seu companheiro, divididos por varias partes entrassem na Berberia a tomar noticia do que passava nella. Foy hum dos Almocadens Agostinho Coutinho natural de Farrobo, que em varias occasioens havia procedido com grande valor, depois de se haver convertido à Fé de Christo. Foy nesta jornada o peyor livrado, porque encontrando huma partida de Mouros, depois de pelejar valerosamente, foy morto Agostinho Coutinho, e ficou cativo Manoel Borges. Levaraõno a Gaylan, e a cabeça de Agostinho Coutinho, de que fez tanta estimaçaõ que com barbara crueldade a mandou ligar à cabeça de Manoel Borges, e deu ordem para que fosse levado este triste espectaculo a varios lugares, mandando, que em quanto Manoel Borges naõ fosse resgatado padecesse o tormento de trazer a tada á sua, a cabeça corrupta de Agostinho Coutinho. Tendo esta noticia o Conde General mandou logo resgatar Manoel Borges, o que Gaylan naõ podia duvidar a respeito dos cortes que se haviaõ celebrado. Esta desgraça foy util: porque divertio ao Conde General do intento que tinha de mandar entrar na Berberia, aonde o Adail pudera padecer risco manifesto na deliberaçaõ, e prevençoens de Gaylan que com 900 Cavallos o aguardava em Barjacamar Outros successos de menos importancia aconteceraõ neste anno em Tangere: porém em todos experimentou o Conde General a felicidade que pretendia.

Morte do Almocadem Agostinho Coutinho.

Tyrãnia de Gaylan.

Successos de Mazagaõ.

Alexandre de Sousa que governava a Praça de Ma-

Mazagaõ com a disciplina daquella guerra, que havia aprendido sendo fronteiro em Tangere, tomava o Campo sem receber damno dos Mouros. Juntaraõ elles mayor poder do que costumavaõ, e correraõ alguns Cavalleiros atè as trincheiras: soccorreo-os, e pelejandose muitas horas, se retiraraõ os Mouros com perda, e a Bernardim de Tavora que havia pelejado com muito valor, lhe mataraõ o cavallo. Poucos dias depois deste successo appareceo hum navio de Salé sobre o porto, e andando nelle alguns dias para impedir que naõ entrassem as caravelas com mantimento, em huma que estava armada mandou Alexandre de Sousa embarcar a Manoel de Azevedo Coutinho com cincoenta mosqueteiros. Naõ quizeraõ os de Salè experimentar a resoluçaõ de Manoel de Azevedo: pretenderaõ retirarse; porem achando o tempo contrario os obrigou Manoel de Azevedo a darem á costa, e ficou a barra livre daquelle embaraço.

Anno 1656.

Os successos da India havemos referido o anno antecedente no governo de Manoel Mascarenhas Homem. As náos que este anno passaraõ áquelle Estado, foraõ Bom JESUS do Carmo Capitaõ mór Bartholomeo de Vasconcellos da Cunha, Nossa Senhora da Natividade, e Santo Antonio Capitaõ Antonio Pereira.

No estado referido se achavaõ as materias politicas, e militares, que em Europa, Asia, Africa, e America se governavaõ debaixo da obediencia delRey D. Joaõ. A vinte e cinco de Outubro deste anno de 1656 quando amanheceo na luz deste dia a Portugal escura sombra, em que viu eclipsada toda a gloria até aquelle tempo conseguida, padecia ElRey repetidos achaques, que se haviaõ anticipado aos annos da velhice, parecendo que a principal causa de o maltratarem taõ depressa, era a desordem com que vivia, assim nos mantimentos de que usava, como em outros intempestivos exercicios que fazia. Costumava (como havemos referido) tomar todas as somanas hum dia para sahir a lograло na Tapada, quesse continuava á sua quinta de Alcantara, experimentando que desta recreaçaõ lhe resultava mayor vigor no espirito, para suportar os grandes cuidados do Governo. No dia referido,

Anno 1656.

Ultima doença delRey.

que caio á quarta feira, saio ElRey do Paço á Tapada: porém sentindose molestado de huma dor em huma ilharga, tornou a voltar antes do meyo dia. Acodiraõ os Medicos, e sendo ElRey costumado a informallos sempre a favor da saude, naõ descobrindo os pulsos o mal interior, lhe applicaraõ leves remedios. Passou atè o sabbado seguinte com alguns ameaços de accidentes de pedra, e gota, que obrigaraõ aos Medicos a naõ usar de remedios, mais que aquelles que eraõ proporcionados para estes achaques. Porém reconhecendose evidentes sinaes de que os males se conjuravaõ contra a vida delRey com o mesmo furor, de que haviaõ usado dous annos antes estando em Salvaterra, em que chegou de huma supersaõ (que era o mesmo mal que o ameaçava) aos ultimos paroxismos, se resolveraõ a sangralo nos braços. Sentio com esta descarga pouca melhoria: mudaraõ as sangrias para os pés, mostraraõ melhor effeito, de q̃ foy taõ geral o contentamento, que da grande tristeza a que toda a Corte estava reduzida, se passou a extraordinarias demonstraçoens de alegria, que esta he a melhor satisfaçaõ que Deos costuma dar aos Principes, que á imitaçaõ sua trataõ de dar na balança da prudencia igual pezo á brandura da Misericordia que ao rigor da justiça. Naõ durou muitas horas esta felicidade: porque tornou o mal a embaraçar desorte a evacuaçaõ, que conhecendo ElRey o perigo em que estava, e entrando Pedro Vieira da Silva a communicarlhe alguns negocios pertencentes ao governo do Reyno, lhe disse, que o de que primeiro queria tratar era de fazer o seu testamento. Pretendeo o Secretario animalo, dizendolhe que naõ estava o mal em termos de lhe ser necessario tratar da morte, respondeolhe que os remedios da alma naõ diminuiaõ os alentos da vida, e que Deos era testemunha de que elle lhe naõ pedia mais que juizo para acertar no verdadeiro caminho da salvaçaõ da sua alma. Com lagrimas lhe obedeceo o Secretario, e por instantes perdiaõ os Medicss a confiança da sua vida: porque nem de huns banhos com que melhorou da supersaõ de Salvaterra resultou effeito algum, que desse esperanças de melhoria, e multiplicandose os remedios atè o setimo dia

da

Anno 1656.

da doença, ja naõ ſerviaõ a ElRey mais que de lhe accreſcentar a moleſtia, porém com taõ inalteravel ſofrimento, e conſtancia, ſendo a afficçaõ, e dores exceſſivas, que naõ ſe lhe ouvia palavra alguma de queixa, e todas as que repetia eraõ de reſignaçaõ, e conformidade. Aſſiſtialhe com grande cuidado o Conde Camareiro mór, e querendo obrigalo a que comeſſe lhe diſſe, que o dilataſſe por ſer depois da meya noite, porque queria commungar á quinta feira que era o dia ſeguinte. Perſuadio-o o Conde a que comeſſe dizendolhe, que o haver comido naõ embaraçava o viatico ſendolhe neceſſario: reconhecendo a verdade deſta opiniaõ, ſendo grande o faſtio ſe ſujeitou a comer, como o Conde lhe advertia. Paſſou a noite ſem algum ſocego, amanheceo, e porpondo o Conde Camareiro mór ao Secretario de Eſtado, e Medicos o deſejo com que ElRey eſtava de commungar, aſſiſtindo o Confeſſor delRey que era o Padre Andre Fernandes da Companhia de JESUS Biſpo eleito do Japaõ: foraõ varias as opinioens; porque os Medicos naõ queriaõ, reconhecendo o perigo, chegar a demonſtraçoens do ultimo deſengano, advertindo que a deſconfiança de poder melhorar ſeria em ElRey novo achaque que lhe ameaçaſſe a vida. Porém repetindo o Confeſſor a grande reſignaçaõ com que ElRey eſtava, e a fe de que naõ eſperava nem a ſaude da alma, nem a do corpo ſenaõ das mãos do Verdadeiro Medico JESUS Chriſto; e accõmodandoſe o Camareiro mór, e o Secretario a eſta melhor opiniaõ, ſe deu recado para as cinco horas da tarde vir o Viatico da freguezia de S. Juliaõ. As horas que ſe interpuzeraõ a eſte catholico acto, gaſtou ElRey em ajuſtar o teſtamento, que havia feito em Salvaterra com o Secretario de Eſtado, emmendando o que lhe pareceo mais conveniente. Chegou a hora de receber o Santiſſimo Sacramento que lhe miniſtrou o Biſpo Capellaõ mór D. Manoel da Cunha, aſſiſtido da Rainha, Principe, e Infantes, que pediaõ a Deos com lagrimas copioſas na ſaude delRey o remedio do Reino. Repetio ElRey com o Capellaõ mór a Confiſſaõ, e Proteſtaçaõ da fé, com tantos ſinaes de verdadeira contriçaõ, que parecia indubitavel lograr a aſſiſtencia do auxilio divino, e de-

Conſtancia delRey, e reſignaçaõ na vontade Divina.

Ajuſta ElRey o ſeu teſtamento.

depois de affirmar que em todo o discurso da sua vida tivera a menor duvida em tudo o que cre, e ensina a Santa Igreja Catholica, de que dava a Deos infinitas graças; recebeo o Santissimo; e depois de hum grande espaço de devota Oraçaõ chamou o Capellaõ mor, e lhe disse, que elle estava resignado na vontade de Deos, e lhe naõ pedia mais vida, que a que fosse necessaria, para salvaçaõ da sua alma, e que na certeza, de que se achava nos ultimos termos da vida, lhe pedia declarasse a todos seus Vassallos: „ Que em todo o tempo do seu Governo tivera „ sempre tençaõ de obrar o que lhe parecera mais conve„ niente ao serviço de Deos, e conservaçaõ do seu Reyno. „ Que nas materias Ecclesiasticas procurara sempre seguir „ as oppinioens das pessoas de letras de mayor virtude, e „ que para justificaçaõ desta verdade deixava entregue ao „ Capellaõ mór todos os papeis pertencentes a estas mate„ rias. Apartouse o Bispo, chamou ElRey aos Duques de Aveiro, e Cadaval, e abraçando-os lhes deo documentos, que depois foraõ melhor observados do segundo que do primeiro. Pedio lhe trouxessem o seu testamento que queria approvallo. Feita esta diligencia mandou entrar os Conselheiros de Estado, Presidentes dos Tribunaes, e mais Ministros, e depois de pedir a todos perdaõ de algum escandalo que tivessem recebido seu, declarou: „ Que Deos lhe havia feito merce de lhe dar animo para „ perdoar huma offensa, que havia tido de alguns de seus „ Vassallos, por lhe constar presumiraõ que elle por ac„ crescentar thesouros, divertira os cabedaes da Coroa, „ que isto procedera da regularidade com que sempre ajus„ tara as despezas pelas receitas; e que a morte que cos„ tuma descobrir os segredos da vida, faria manifesta esta „ certeza. Que sobre tudo lhes encomendava muito a „ uniaõ, e obediencia á Rainha, que eraõ os unicos me„ yos da conservaçaõ do Reyno. Todos lhe beijaraõ a maõ banhandolha em mares de lagrimas, e quando chegaraõ o Camareiro mór, Luiz de Mello, e Gaspar de Faria Secretario das merces, agradeceo a cada hum em particular o bem que haviaõ servido. Recolhe-se ElRey, e passou a noite em continuos coloquios com huma Imagem

Anno 1656.

Recebe ElRey o Santissimo por Viatico.

Declaraçaõ catholica delRey.

Segunda declaraçaõ exemplar

gem da Conceiçaõ, que tinha á cabeçeira, de quem era devotissimo, e usando dos muitos remedios, que lhe applicavaõ, mais por escrupulo de que devia sujeitarse a elles para a conservaçaõ da vida, que por esperanças de alcançalla, offerecia a molestia que lhe davaõ em satisfaçaõ das culpas de que se confessava delinquente Ao dia seguinte chamou ElRey pela manhaã Diogo de Sousa, e segurou lhe que lembrado mais do seu merecimento, e dos serviços de seu Pay, e Irmaõ, que de algumas queixas, que tinha suas, deixava muito recomendado á Rainha as suas melhoras. Diogo de Sousa lhe beijou a maõ sem poder responderlhe: porque lhe serviraõ as lagrymas de rectorica. Mandou ElRey logo entrar Ruy Lourenço de Tavora, e pediolhe que tornasse a exercitar o Posto de Mestre de Campo, que havia deixado por algumas leves desconfianças: prometteo Ruy Lourenço obedecerlhe, e cadahuma destas prudentes, e virtuosas acçoens que se communicava aos que assistiaõ no Paço, e por elles aos da Cidade, era hum novo estimulo ao sentimento da perda que receavaõ. Apertava com ElRey desorte o fastio, que foy necessario vir a Rainha, Principe, e Infantes obrigaremno a que comesse: obedeceo violentado aos rogos de taõ amadas prendas, e testemunhando algumas lagrimas que lhe cairaõ, os affectos de esposo, e Pay. Deo ao Principe, e Infantes prudentes, e necessarios documentos, para a forma em que haviaõ de proceder depois da sua morte, encomendandolhes muito a uniaõ, e conformidade, e foraõ tantas as vezes que lhes repetio esta instancia, que pareceo vaticinio dos sucessos futuros. Descançou ElRey algum espaço, e naõ lhe cançando o espirito de acodir a todas as obrigaçoens de Christaõ, e attençoens de Principe, depois de fazer varios actos de amor de Deos, ordenou ao Secretario de Estado escrevesse aos Governadores das Armas encomendandolhes a obediencia ao Principe seu filho, depois da sua morte, e advertindo-os das preverçoens que deviaõ fazer para resistir qualquer invasaõ que os Castelharos intentassem: e mandou ao Conde de Soure, a André de Albuquerque, e aos mais Officiaes que assistiaõ na Corte, partissem logo ao exercicio

Anno 1656.

Continuaõse as acçoens exemplares delRey.

Advertencias aos Principes.

Ordens q̃ manda aos Cabos da guerra.

Anno 1656.

cio dos ſeus Poſtos, e chegando neſte tempo o Conde de Soure acompanhando huma Imagem de Noſſa Senhora das Neceſſidades, que veyo em prociſſaõ á Camara delRey, chamando-o ElRey lhe diſſe que ſe Deos naõ foſſe ſervido levalo aquella noite, lhe fallaſſe pela manhaã. Veyo o Conde na manhaã ſeguinte, que era ſabbado, falloulhe ElRey largo eſpaço, e advertio-o de todos os accidentes que entendia que podiaõ ſucceder depois da ſua morte, apontandolhe prudentiſſimos meyos para os atalhar, e depois de lhe ſegurar a grande confiança que ſempre fizera do ſeu zelo, valor, e prudencia, lhe ordenou partiſſe logo para Alentejo. O Conde brotandolhe pelos olhos entre o pouco rumor da corrente das lagrimas a conſonancia deſtas virtudes, que juſtamente ElRey lhe repetia, com fideliſſimos proteſtos da ſua obediencia, e do ſeu affecto, ſeparado delRey ſem interpor dilaçaõ partio para Alentejo. ElRey vendo que lhe creſcia a febre, e quaſi totalmente ſe deſenfreava o impeto dos males, mandou que chamaſſem a Rainha, Principe, e Infantes, e depois de abraçar ſuavemente a todos lhes diſſe, que deſejando ſeguir, e imitar a vida, e morte do Verdadeiro Meſtre JESUS Chriſto, lhes dizia, o que elle na Cruz encomendara a ſua Mãy Santiſſima, e a ſeu Diſcipulo S. Joaõ, e continuou com eſtas palavras. *A Rainha encomendo crie ao Principe como a filho de ambos, e fio della o farà muito como convem, e ao Principe mando reſpeite ſempre ſua Mãy, e em tudo lhe dedique a obediencia que lhe deve como ſeu filho*, e pegando com huma maõ na do Principe com outra na do Infante D. Pedro diſſe ao Infante. *Pedro naõ ſabes o que perdes: a ambos recomendo que trateis ſempre de ſer muito zeloſos da Religiaõ Catholica, muito obedientes a voſſa Mãy, muito amigos, unidos, e confórmes, porque eſte he o unico caminho de vos conſervardes, e ao Reino em paz, uniáõ, e juſtiça.* A Rainha, ainda que era ornada de eſpirito varonil, naõ podendo deter o impulſo das lagrimas, pedio a ElRey lhe deixaſſe levar ſeus filhos: porque receava que o ſentimento lhe aggravaſſe os males que lhe via padecer. ElRey o permittio, e agradeceo à Marqueza de Atouguia, Aya dos Principes que os acompanhava,

Ordena ao Conde de Seure parta a Alentejo.

Advertencias q̃ ElRey faz á Raynha, e aos Principes.

va, o amor, e prudencia com que tratava da sua creaçaõ, e disselhe *que escrevesse a seu filho o Conde de Atouguia, que estava no Brasil, a grande estimaçaõ que fizera sempre do seu procedimento.* Recolheose a Rainha, e deu ElRey ordem que lhe viesse fallar o Cabido da Sé, e o Senado da Camara. Chegou primeiro o Cabido, representado nas pessoas do Deaõ André Furtado, do Chantre D. Rodrigo da Cunha, e dos Conegos Nuno da Cunha Deça, e D. Luiz da Gamma. Depois delRey lhes encarecer o que os estimava, e lhes agradecer as rogativas que haviaõ feito, e mandado fazer pela sua saude, *lhes encomendou o zelo do culto divino, visitas de Ecclesiasticos, e reformaçaõ de costumes: porque considerando que com a sua falta poderia ser mayor a liberdade, seria preciso que fossem duplicadas as prevençoens.* Todos satisfizeraõ a estas proposiçoens virtuosas, e heroicas com repetidas promessa da sua obediencia. Sahio o Cabido, e entrou a fallar a ElRey o Senado da Camara, de que era Presidente D. Joaõ de Sousa da Silveira, ElRey esforçando a voz, que ja tinha muito debilitada, „ significou o grande desejo, „ que sempre tivera de administrar justiça, e de que o „ governo de Lisboa fosse, como cabeça do Reino, o me„ lhor regulado, para que deste exemplar sahissem todos „ os effeitos, que sempre trabalhàra correspondessem ás „ disposiçoens. Que era tempo de lhe pagar o povo o „ amor que sempre lhe tivera, e que na certeza de que „ havia de acabar a vida muito depressa, rogava a todos, „ que naõ faltando ao agradecimento que lhe deviaõ, naõ „ diminuissem o zelo de administrar justiça, nem o amor „ de conservaçaõ do Reino. Que lhes entregava a Rainha, „ Principe, e Infantes, para que os servissem, e guardas„ sem da industria, e poder de seus inimigos. O Presiden„ te de poucas palavras, e muitas lagrimas formou hum breve protesto de obedecer todo ao povo, até o ultimo alento, ao preceito delRey, e todos os que estavaõ presentes com igual demonstraçaõ o confirmáraõ. Naõ se descuidou ElRey de fallar ao Juiz, e Escrivaõ do Povo, e chorando elles o desamparo em que ficavaõ, os esforçou, dizendo, „ que elle tinha grande confiança na Misericor„ dia

Anno 1656.

Falla ao Cabido.

Falla ao Senado da Camara.

Falla ao Juiz, e escrivaõ do Povo.

Anno 1656.

,, dia de Deos, que lhe havia de conceder a gloria eterna; ,, e que nella esperava alcançar mais segura protecçaõ ,, deste Reino da que nesta vida logràra. Parece que os males por permissaõ divina davaõ tempo a ElRey de exercitar actos virtuosos, e heroicos. Deu ordem que lhe chamassem aos Condes do Vimioso, S. Joaõ, S. Lourenço, Castello-Melhor, e Ruy Fernandes de Almada prezos pela pendencia infelice do jogo da pela, em que foy morto D. Luiz de Portugal Conde de Vimioso, e ferido o Conde de S. Joaõ seu cunhado; e porque as partes naõ haviaõ cedido ao perdaõ da morte do Conde, estavaõ todos em varias prizoens. Chegaraõ à presença delRey menos o Conde de S. Joaõ, que se dilatou por estar prezo na Torre Velha. ElRey logo que os vio os chamou junto ao leito em que estava deitado, e com semblante mais sereno do que se podia esperar das dores que padecia, lhes disse: ,, que havia sentido muito o tempo que haviaõ faltado da ,, sua presença, e a causa desta separaçaõ: porèm que ,, naõ queria acabar a vida sem os ver, e os deixar ami- ,, gos, que os havia mandado chamar para conseguir hum, ,, e outro effeito, e que para que tomassem nelle exem- ,, plo de quanto convinha perdoar aggravos, protestava ,, que morria sem odio, nem querer satisfaçaõ alguma ,, de seus inimigos, que por muitas vezes, como era no- ,, torio o haviaõ mandado matar, e que além desta obri- ,, gaçaõ catholica, os devia convencer quanto necessitava ,, o Reino com a sua falta da uniaõ de todos seus Vassallos ,, para a defensa de seus filhos; e conservaçaõ da Coroa ,, em seus Descendentes. O Conde de Vimioso, havendo herdado de seus Antepassados o amor do seu Principe, disse a ElRey que perdoava a todos os que haviaõ concorrido na morte de seu Irmaõ. ElRey lhe agradeceo esta generosa demonstraçaõ, e chegando o Conde de S. Joaõ neste tempo, ElRey lhe repetio tudo o que havia passado com os mais que estavaõ presentes, e o Conde conhecendo, que era naquella occasiaõ o mayor valor ceder todos os impulsos do seu alentado espirito ao preceito delRey, lhe disse, ,, Que naõ era elle o Vassallo que dei- ,, xasse de obedecer a Sua Magestade para taõ justo, e ne- ,, cessario

Chama ElRey os fidalgos prezos pela morte do Conde de Vemioso para os fazer amigos.

O Conde de Vemioso dà exemplo aos mais para o perdaõ.

Resposta do Conde de S. Joaõ.

„ cessario fim, como o que lhe propunha da conservaçaõ „ do Reino. Continuou ElRey dizendo: „ Dou muitas „ graças a Deos que a imitaçaõ de Christo posso dizervos „ na ultima hora: *Pacem relinquo vobis, pacem meam do „ vobis*, eu vos dou paz, eu vos deixo em paz, eu vos „ rogo naõ queirais ir contra esta minha vontade, pois he „ taõ conveniente para a vossa quietaçaõ, e do Reino, e ajuntando entre as suas mãos as de todos estes fidalgos, lhes mandou que repetissem diante da Rainha, que estava presente, que em nenhum outro tempo se lembrariaõ mais das paixoens passadas. Assim o promettéraõ, e beijandolhe a maõ se sahiraõ, cubertos os rostos de lagrimas, e os coraçoens de sentimento de verém que perdiaõ taõ excellente Principe. Mostrou ElRey com alegres finaes quanto ficára satisfeito desta diligencia, e mandou que lhe chamassem D. Rodrigo de Menezes Regedor das justiças. Entrou a fallarlhe, e depois de lhe agradecer o bem que exercitava aquella occupaçaõ, lhe encõmendou dissesse da sua parte aos Desembargadores: „ Que lhes „ lembrava quanto em todo o tempo que reinára, tratára „ da subsistencia da justiça, e que assim lhes encomenda„ va, que naõ faltassem à observaçaõ della: porque sen„ do hum dos atributos divinos, era hum dos principaes „ fundamentos da conservaçaõ das Monarquias. D. Rodrigo que devia a ElRey particular favor naõ pode responderlhe mais que com lagrimas. ElRey parecendolhe que havia satisfeito a tudo o que convinha para o Governo futuro do Reino que deixava, se entregou de todo à negoceaçaõ do Reino da Gloria, que pretendia. Mandou chamar Fr. Domingos de Santo Thomaz, e Fr. Martinho da Fonseca Mestres em Theologia da Ordem de S. Domingos, e seus Prégadores, e depois de lhes communicar materias muito importantes para a segurança da sua consciencia, lhes disse, „ que com toda a verdade affir„ mava, que ainda que sempre mostràra grande Inclina„ çaõ á justiça, e aos Ministros que a guardavaõ, que „ naõ se lembrava, que executasse acçaõ alguma de justi„ ça entendendo que a encontrava, porèm que este zelo, „ e ainda outras virtudes muito menores bem sabia que „ pro-

Anno 1656.

Toma ElRey a todos as mãos para firmeza do q̃ promettêraõ em presença da Rainha.

Falla ao Regedor das Justiças.

Chama Theologos para ajustar a sua cõsciencia.

Anno 1656.

„ procediaõ da divina Misericordia, pois em si naõ podia „ ter mais que defeitos. Admirados de tanta constancia depois de varias exortaçoens se despediraõ estes Religiosos, e ElRey intentando descançar, passou a noite com pouco socego: porque ja a natureza naõ podia resistir ao duplicado impeto dos males. Amanheceo ao Domingo, sahido do onzeno dia da doença, e parecendolhe aos Medicos, pela propensaõ que tinha ao sóno, que começava a padecer a cabeça, advertíraõ que era necessario o Sacramento da Unçaõ. Perguntou o Capellaõ mór a ElRey se queria recebelo, respondeolhe que de muito boa vontade. Dilatouse algum espaço a preparaçaõ deste Sacramento, disse ElRey ao Camareiro mór que queria que o ungissem. Advertiolhe elle, que ja sua Magestade o havia dito, respondeo: *Quando mo perguntaraõ satisfiz ao que se me porpoz, e agora quero mostrar que eu peço, e desejo este Sacramento, para bem de minha alma.* Ministroulho o Capellaõ mór, e recebeo-o com profunda devoçaõ; depois de ungido chamou o seu Confessor, e lhe disse, que tinha devoçaõ de commungar segunda vez. Tornouse a reconciliar, disse o Confessor Missa, e commungou ElRey com affectos taõ vivos, e lagrimas taõ copiosas, que parecia que o coraçaõ abrazado em Amor divino queria dividido em pedaços justificar o seu arrependimento. Neste tempo se repetiaõ em toda a Cidade oraçoens, e penitencias pela saude delRey, e de huns Templos para os outros sahiaõ em procisaõ Imagens milagrosas, vindo todas primeiro á Capella, e algumas subindo à Camara delRey. Foy a de mayor concurso a dos Religiosos de S. Domingos, em que trouxeraõ a Imagem de Christo Crucificado, que perpetuamente conserva no lado aberto o Sacramento da Eucharistia, que delle sahio para remedio dos homens. Foy geral a fè que todos tiveraõ nesta demonstraçaõ poucas vezes sucedida, e accrescentouse mostrando ElRey tanta melhoria, nos pulsos, que se applicáraõ novos remedios, mas naõ bastáraõ a livrálo da ultima sentença, que elle aguardava taõ constante, e resignado na vontade divina, que por mais que o alentavaõ com esperanças de vida, firmemente repetia a certeza de que aguardava

Pede a Unçaõ.

Torna a Commungar.

Demonstrações devotas pela sua vida.

dava a morte. Antes dos ultimos paroxifmos chamou ao Conde de Abrantes D. Miguel de Almeida para fe defpedir delle: chegou o veneravel velho a beijarlhe a maõ com as caãs mais brancas, por eftarem banhadas de grande abundancia de agua que lhe fahia dos olhos, e com fervorofo affecto, e razoens fingelas aprendidas em menos polida, e mais fincera idade lhe diffe: *He poffivel meu Rey, e meu Senhor que ides vós de taõ poucos annos, e que fico eu de noventa!* ElRey lançandolhe os braços ao pefcoço lhe diffe: *Vou com grande defcanço, porque vos deixo para affiftires á Rainha, e a meus filhos.* A todos fallava ElRey com efte defengano na certeza da fua morte, fó á Rainha, por lhe evitar a magoa, animava com efperanças de que podia ter vida, e ella fazendo, do grande amor que tinha a ElRey, efcudo contra os golpes do defengano de que podia faltarlhe, fluctuava o coraçaõ afflicto na refiftencia de chegar aos apertados termos da ultima defpedida. ElRey chamou o Confeffor, e diffelhe, que como fe hia chegando a hora da morte, naõ queria tratar mais de negocio algum da vida. Ordenou ao Camareiro mór que o mudaffe daquella cama, porque eftava pouco aceada com os remedios, para outra mais compofta, em que queria aguardar a morte, affim fe executou. Tornou a chamar o Confeffor, recebeo das fuas mãos varias indulgencias, repetio, e ouvio repetir devotas oraçoens, pedio muitas vezes abfolviçaõ de fuas culpas, e deu finaes, para que entorpecida a falla, moftraria que pedia abfolviçaõ atè o ultimo alento da vida, que teve fim na manhaã de fegunda feira feis de Novembro, rematando em huma convulfaõ de nervos, e repetindo fervorofamente o nome Santiffimo de JESUS, e da Virgem Immaculada da Conceiçaõ. Separaraõ a Rainha de chegar áquelle ultimo, e laftimofo termo, e eclipfado aquelle grande Planeta, lhe cerrou os olhos o Conde Camareiro mór, e depois de o encomendarem a Deos todos os que eftavaõ prefentes, lhe beijaraõ a maõ. Sahio o Confeffor da Rainha a darlhe a nova, e affiftirlhe naquella grande dor, que naõ admittia alivio, e a mefma diligencia fez com o Principe, e Infantes feu Meftre o Bifpo

Anno 1656.

Falla ao Conde de Abrantes.

Morre ElRey.

Anno 1656.

eleito da Guarda. O Camareiro mór cerrou a porta da Camara em que ElRey estava, e assistido dos moços da Guarda roupa, compoz o corpo delRey de todas as insignias Reaes, e vestido em hum habito dos Capuchos da Piedade, que cobria o manto Militar da Ordem de JESU Christo, ficou o corpo sobre o leito, e depois de ornada toda a casa com a magnificencia conveniente, entrárão os Officiaes da casa, e alguns Religiosos a deitar agua benta a ElRey, beijarlhe a mão, e ficarlhe assistindo. E logo que a demonstração das janellas do Paço cerradas, e os sinaes das Igrejas, e Conventos fizerão publica a sua morte, soou em toda a Cidade, mais que o clamor dos sinos, o rumor lamentavel das lagrimas, e suspiros de todos seus Vassalos, a que chegava a noticia da sua morte. Na mesma tarde se ajuntárão no Paço os Conselheiros de Estado, alguns Titulos, e Officiaes da Casa, e em presença de todos abrio o Secretario de Estado o testamento delRey, e se achou que deixava nomeada a Rainha Dona Luiza por Tutora, e Curadora de seus filhos, Regente, e Governadora do Reino, e que depois de huma singular justificação de todas as acçoens do seu governo, ordenava que se acabasse a Capella Real na mesma conformidade que a deixava traçada, que se proseguisse, e aperfeiçoasse o Mosteiro de Santa Clara de Coimbra, que se dividissem varias tenças, que importavão sóma consideravel por pessoas que deixava apontadas, e que logo se repartissem vinte mil cruzados de esmolas por Mosteiros pobres, que sepultassem o seu corpo na Capella mór da Igreja de S. Vicente de fóra no lugar que a Rainha elegesse, e se instituissem quatro Missas quotidianas, e que em Lisboa, e todo o Reino se dissessem com a brevidade possivel o numero de Missas, que depois de cem mil, a Rainha achasse que era conveniente. Lido o testamento, e cerrada a noite passárão os Officiaes da Casa o corpo delRey para a Sala dos Tudescos, que estava magnificamente armada, e alcatifada, e no meyo della levantado hum throno, em que se poz o corpo delRey em hum caixão de brocado, e depois de accommodar nelle o Camareiro mór o corpo defunto, o cobrio o Reposteiro mór, Officio que exercitava

Ceremonias que usarão neste acto.

Demonstraçoens publicas de sentimento.

Abrese o testamento, e suas disposiçoens.

Passase o corpo delRey a sala dos Tudescos.

citava Manoel de Sousa da Silva, com hum panno do mesmo brocado. Amanheceo, e em hum altar, que se levantou no topo da sala, que estava debaixo de hum docel, celebrou o Capellaõ mór Missa de Pontifical, e em outros que rodeavaõ a casa se disseraõ quantidade de Missas, revezandose os Capellães da Capella em officiar em voz baixa o Officio de defuntos, continuando neste devoto exercicio todo o tempo, que o corpo delRey esteve naquelle lugar, assentados no degráo inferior de tres de que se formava a tarima. No dilatado corredor, que sahe do forte á sala dos Tudescos, que estava armado, e alcatifado, se levantàraõ muitos altares, em que os Prelados, e Frades authorizados de todas as Religioens disseraõ Missa. Na Sala dos Tudescos assistiaõ os Titulos Officiaes da casa, e mais Nobreza nos lugares que lhe tocavaõ quando ElRey era vivo. Naõ pode a diligencia das guardas deter o concurso do Povo, e rotas da torrente das lagrimas que derramava, entrou todo o que pode caber na sala a rogar a Deos pela alma de hum Rey que todos tiveraõ por Pay. Pelas oito horas da noite desceraõ á sala dos Tudescos o Principe D. Affonso, e o Infante D. Pedro acompanhados de alguns titulos, e Officiaes da casa, nomeados para esta funçaõ, trazendo a fralda do capuz que o Principe levava vestido Garcia de Mello Monteiro mòr do Reino. porque o Conde Camareiro mór assistia ao corpo delRey, e a do capuz do Infante Ruy de Moura Telles do Conselho de Estado Védor da Fazenda, e Estribeiro mòr da Rainha. Chegaraõ ao Tumulo, fizeraõ oraçaõ, e lançaraõ agua benta a ElRey seu Pay: subio logo o Reposteiro mór ao alto da tarima, descobrio o caixaõ, e chegaraõ a pegar nelle os Duques de Aveiro, e Cadaval, o Marquez de Niza, os Condes de Odemira, Cantanhede, Villa Pouca de Aguiar, e Villar Mayor, D. Joaõ de Sousa Presidente do Senado da Camara, e Védor da casa da Rainha, e Jorge de Mello do Conselho de Guerra, levaraõ o caixaõ atè a liteira, que estava no pateo da Capella custosamente adereçada, e da mesma sorte o coche de respeito que a seguia. Rodeavaõna os moços da Estribeira, que eraõ em grande numero, com tochas

Anno 1656.

Ceremonias q̃ alli se usaraõ.

Forma do enterro.

Anno 1656.

de cera amarela, que largaraõ aos Moços da Camara tanto que entrou na liteira o corpo delRey. Acomodáraõ nella o caixaõ os Officiaes da casa a quem tocava; com as mesmas ceremonias costumadas na vida delRey, e o Principe, e Infante que o acompanharaõ até aquelle lugar, senaõ apartaraõ delle em quanto a liteira se naõ perdeo de vista. Caminhou o enterro com grande pompa, e magestade, hiaõ diante os Porteiros da Cana seguidos dos Corregedores do Crime da Corte, e em duas alas toda a Nobreza, e Officiaes da casa, entre elles os Capellaens delRey rezando em voz baixa, e entoada. Todos os referidos hiaõ a cavallo diante da liteira, que rodeavaõ sessenta moços da camara com tochas, e seguiaõ os Capitaens da Guarda Portugueza, e Alemaã com todos os soldados dellas, assistindo com luzes acezas de huma; e outra parte do Paço até S. Vicente todas as Religioens, e Clerigos da Cidade. No terreiro de S. Vicente estava a Irmandade da Misericordia, e aos irmãos della, tirado o caixaõ da liteira pelos mesmos que nella o haviaõ introduzido, se entregou, e o levaraõ com toda a Irmandade até o coro da Igreja, que fica de traz da Capella mór, formando o retabolo em que esta o Sacrario duas faces, huma que olha para a Igreja outra para o coro, fabricado com magnifica architectura sobre hum grande arco: este decente, e magnifico lugar elegeo a Rainha para sepultura do corpo delRey. Aberto o caixaõ pelo Secretario de Estado na assistencia dos Officiaes da casa, fez hum acto em que todos os presentes foraõ testimunhas, e juraraõ que era aquelle o mesmo corpo delRey, e que na fórma que sahira do Paço o entregava ao Prior daquelle Convento que estava presente, que fez hum termo de o haver recebido, e cerrado o caixaõ foy metido no tumulo a servir sò de pouca porçaõ á terra, aquelle mesmo Monarca que com soberano poder havia pouco antes dominado nas quatro partes della, e alcançando em todas prodigiosas victorias.

Elogio delRey.

Foy ElRey D. Joaõ o IV de meaã estatura, muito gentilhomem antes das bexigas, que lhe mudaraõ o primeiro semblante: o cabello era louro, os olhos azuis, ale-

Anno 1656.

alegres, e agradaveis, a barba mais clara que o cabello, o corpo grosso, mas taõ robusto, que se a desordem com que o alimentava o naõ descompuzera, promettia muito mayor duraçaõ. A pompa dos vestidos desestimava de sorte, que fazia galla de trazer os menos alinhados, applicando grande diligencia porque senaõ alterassem os trajes, nem fossem as outras Naçoens, (como dizia) senhoras das vontades de seus Vassallos, obrigando os cada dia com invençoens novas a mudarem de opiniaõ. Na conversaçaõ foy taõ discreto que naõ sendo as palavras as mais polidas, usava dellas com tal arte, galantaria, e agudeza, que parecia fazia estudo do que em outros pudera ser defeito. O entendimento era proporcionado para os negocios grandes: porem algumas vezes querendo conseguir o impossivel de que todos applaudissem as suas resoluções, dilatava deliberalas em prejuizo dos negocios. Compunhase de taõ invencivel valor, que intentou, e conseguio a mayor, e mais virtuosa empreza, que se reconheceo em muitos seculos, com poucos meyos de a conseguir Mudando do exercicio da caça para o do Governo de hum Reino combatido das Naçoens mais poderosas, e das negoceaçoens mais difficeis do Mundo. Foy vencedor em Europa, defendeose em Africa, pelejou na Asia, triunfou na America. Amou a justiça desorte, que se atreveraõ os delinquentes ao culpar de severo: mas em muitas occasioens desmentio esta opiniaõ com a Misericordia. Nunca passou de liberal o prodigo, e desta virtude tomaraõ motivo os ambiciosos para divulgarem que fazia thesouro dos cabedaes, que devia despender, presumpçaõ, que desvaneceo o pouco dinheiro que deixou. Estimou a Musica, e amou a caça, e em hum, e outro exercicio foy excellente. Venerou de sorte a Religiaõ, que naõ perdoou, por estabelecer a Fé, e justificar a obediencia á Igreja, às diligencias mais poderosas. Naõ teve valido que o governasse, mas deixavase governar dos Ministros, em que reconhecia mais virtuosa direcçaõ. Logrou com tanta eminencia a prevençaõ dos futuros, que naõ houve invasaõ dos Castelhanos, nem invençaõ dos Holandezes, que lhe prejudicasse, e se em algumas occasioens prevale-

Anno 1656.

cerão os Estados contra as suas Armas, foy mais culpados que governou, que do seu governo. E finalmente professou a mais heroica virtude que foy antepor as leys divinas aos interesses humanos.

Mercès que El-Rey fez.

Creou ElRey de novo os Titulos de Principe do Brasil, e Duque de Bargança em seu filho mais velho o Principe D. Theodosio, e depois da morte do Principe, fez doação a seu filho segundo o Infante D. Pedro do titulo de Duque de Beja, e do senhorio daquella Cidade com todas as suas doaçoens, e rendas, de Duque do Cadaval de que fez merce a Nuno Alvares Pereira filho do Marquez de Ferreira. A D. Alvaro Pires de Cast o Conde de Monsanto deu o Titulo de Marquez de Cascaes, a D. Affonso de Portugal Conde de Vimioso de Marquez de Aguiar, a D. Vasco da Gama Conde da Vidigueira Marquez de Niza. A D. Fernando Mascarenhas filho do Marquez de Montalvaõ fez Conde de Serem, a Mathias de Albuquerque Conde de Alegrete, a D. Joaõ da Costa Conde de Soure, a D. Luiz Lobo Baraõ de Alvito Conde de Oriola, a D. Antonio de Noronha Conde de Villa Verde. A D. Francisco de Sousa confirmou a merce de Conde do Prado, que seu tio D. Luiz de Sousa seu Antecessor no mesmo titulo tinha alcançado delRey D. Filippe para elle o lograr por sua morte: e pelas mesmas razoens confirmou a D. Fernando de Menezes o titulo de Conde da Ericeira merce que havia alcançado em Castella pelos serviços feitos no Estado de Milaõ áquella Coroa, e pelos de seu tio D. Diogo de Menezes Conde da Ericeira. A D. Fernando Mascarenhas restituio o Titulo de Conde da Torre, que ElRey D. Filippe com pouca razaõ lhe havia tirado Fez doaçaõ á Rainha sua mulher de muitos lugares que ficaraõ por successaõ a todas as Rainhas que houver neste Reino. Levado da grande devoçaõ que tinha a S. Bernardo restituio aos Religiosos de Alcobaça a grande Cõmenda que se lhes havia tirado muitos annos antes. Fez outras grandes merces de Officios, Comendas, e tenças de summa importancia, mas em occasioens taõ opportunas, e com tanta regularidade que desempenhou a Coroa de consideraveis quantias a que estava obrigada.

Foy

Anno 1656.

Seu casamento, e successaõ.

Foy casado huma só vez com a Rainha Dona Luiza de Gusmaõ filha dos Duques de Medina Sidonia D. Manoel de Gusmaõ, e Dona Joanna de Sandoval, os filhos que de ambos nasceraõ foraõ o Principe D. Theodosio que morreo em Lisboa de dezanove annos, D. Manoel, e Dona Anna que morréraõ meninos em Villa-Viçosa antes delRey tomar posse do Reino; D. Affonso que succedeo no Reino, deposto da Coroa pelos Tres Estados delle, por ser incapaz do Governo, e de successaõ, D. Pedro que hoje governa, Dona Joanna que morreo em Lisboa de dezaseis annos, Dona Catharina Rainha de Inglaterra por casar com ElRey daquelle Reino Carlos segundo. Fóra do matrimonio Dona Maria recolhida no Mosteiro de Carmelitas Descalças, situado em Carnide pouco apartado de Lisboa. Nesta Cidade falleceo ElRey segunda feira seis de Novembro do anno de mil e seis centos e cincoenta e seis tendo de idade cincoenta e dous annos, e sete mezes, repartidos: em vinte e seis annos que foy Duque de Barcellos, dez Duque de Bargança, e dezaseis menos hum mez Rey de Portugal.

PROTESTAÇAM

O AUTHOR desta obra protesta, que tudo o que está nella escrito sujeita á Censura da Santa Igreja Catholica Romana, e se confórma com os Decretos dos Sũmos Pontifices, e em especial com os de Urbano VIII. de 13 de Janeiro de 1625 approvado, em 25 de Junho de 1634, e á modificaçaõ feita pelo mesmo Pontifice em 5 de Junho de 1631, e que naõ he sua tençaõ, que algumas materias que cõtêm esta historia, que pareçaõ milagres, ou successos sobrenaturaes tenhaõ mais credito ou authoridade, q̃ aquella que merece a noticia que alcançou destes successos como historia humana.

O Conde da Ericeira.

INDICE

INDICE
DAS ACC,OENS HEROICAS, que ſe contém nos ſeis livros deſta Primeira Parte Tomo ſegundo.

A

Des-

Appa-

B

C

Ganhaõ

D

E

Suc-

F

He

Gale-

G

H

I

Succes-

se-

Des-

Ju-

L

M

N

O

D. Pan-

P

Q

R

Ro-

S

Tan-

T

Atou-

U

FIM DO II. TOMO DA PRIMEIRA PARTE.